Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 6.º | LISBOA, JANEIRO DE 1945 | N.º 3

Propriedade de Isidoro Duarte Santos | Direcção e Edição de Maria Gonçalves Duarte Santos | Redacção e Administração Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

INDEPENDÊNCIA

«Estudos Psíquicos» são o reflexo da nossa individualidade. Embora defenda a paz, a união entre colectividades congéneres, entende que cada qual deve manter inteira independência. E se não existir liberdade de acção e confiança recíproca, todo o sistema ruirá até aos próprios fundamentos.

A boa camaradagem é a melhor prova de união entre indivíduos que comungam no mesmo ideal. Cada célula tem a sua função específica no organismo, subordinada a princípios imutáveis. Formam conjunto harmónico, contribuem para o bom funcionamento da máquina. Os centros, os grupos, os congressos e as publicações, devem ser também elementos livres, ao serviço da causa comum. Êles é que escolherão os meios convenientes, de acôrdo com suas tendências e possibilidades.

«Estudos Psíquicos» deseja independência para todos, no tocante à forma de agir, visto que, sem independência, a acção humana é negativa e estéril. Só a vontade exercida livremente e norteada por idéias elevadas produz obras úteis e duradoiras.

Nada de subserviências, nada de sujeições que tolham as tendências características da fôrça exercida para o Bem.

Respeite-se o livre-arbítrio, no que êle tenha de bom para a colectividade. Estimule-se o progresso e auxiliem-se os espíritos esclarecidos e inspirados. Mas não se obrigue ninguém a pensar em série, a viver em âmbitos limitados e artificiais.

Os agrupamentos espiritas podem e devem, portanto, trabalhar com independência, sem deixar de manter a coesão que solidariza todos os movimentos materiais e morais.

¿Que importa que as normas de acção divirjam de homem para homem, se os objectivos permanecerem intactos? ¿Não conduzem a Roma todos os caminhos, como diz o rifão? Não é justo querer impor o método próprio, julgando-o sempre o mais prático e o melhor.

Tudo isto serve para salientar o êrro ou equívoco dos que julgam que só em ligação estreita, incondicional, duas ou mais agremiações conseguem viver e medrar.

Tendo consideração pelas idéias alheias, como regra de civilidade, não deixamos, todavia, de defender as nossas, reinvindicando para elas o mesmo respeito que devemos às outras.

Há, porém, maneiras de agir que não têm direito a independência. São as daquêles que não olham a meios para conseguir os fins, que não se importam de destruir numa hora o que levou anos a construir, contanto que satisfaçam a sua ânsia de mando.

Infelizmente, quem não tem responsabilidades directivas tem, às vezes, tendência para dizer que os outros nada fazem.

¿Que fariam êles, quando tivessem responsabilidade?...

Pelo exposto, é bem de ver que desejamos viver e morrer independentes.

O ESPIRITISMO E OS SEUS DETRACTORES

por F. Noronha

Verum est id quod est
Santo Agostinho

I

ASSIM definiu a verdade um prelado que figura no agiológio da igreja católica e deixou rasto luminoso na esfera da filosofia: Santo Agostinho, autor inconfundível de *Civita Dei* e das famosas *Confissões*.

Não encontraria eu, por certo, mais expressiva e adequada frase como pórtico da presente elaboração.

Quia? Cur? Porquê? Por que razão?

Espiritismo é ciência de verdade, na e pela verdade; e o espirita regula-se, orienta-se e nutre-se pelo «*em espírito e verdade*» do grande iniciador judeu.

¿O Espiritismo atenta contra seja o que fôr, instituïção, colectividade ou indivíduo? ¿Mostra-se avêsso à dignidade, à honra, ao brio, aos direitos e à justiça de alguém? ¿Cobiça o alheio, pretende malograr contratos, introduz a desordem no seio das famílias, inventa calúnias, denegriu, ou deseja denegrir as reputações?!...

O que lhe assacam? ¿Ridículo, mistificação, caminho para os manicómios?

Também outrora, gente danada teceu acusações a Jesus, sem embargo de sua isenção absoluta e de seu completo desapêgo da letra, venal e contingente.

Nascera num momento de apogeu social tragi-cómico, em que sobrelevaram, de facto e com pleno direito, para a posteridade, identificados por si próprios na autenticidade de suas obras, os nomes de alguns homens que então definiram a Literatura Romana por merecimento perdurável, vencendo o plagiato quási totalitário que esta é, se pretendemos pô-la em confronto com as lições aureamente imarcessíveis da ovante e deslumbradora Grécia, nos séculos de ático esplendor e de peregrina genialidade!

Nascera, assim, gerado em horas de Augusto, imparticipante de vaidades e grandezas, quer no berço, de humildes palhas, quer pela vida fora, de simples operário primeiro, e depois discípulo de essénios, ultrapassando-os, exemplificação formal de palavra e acto, nunca se desmentindo, tanto precedendo o travor daquêle beijo asqueroso — beijo de Judas o denomina o mundo, repudiando-o — que o entregou, quanto após, quando conduzido ao tribunal de Pilatos, o pretor lhe dirige a pregunta: «¿que é a verdade?», e ali faz a declaração, peremptória e inequívoca: *o meu reino não é dêste mundo*, declaração que tem ecoado aos ouvidos das gerações de perto de 2.000 anos.

Essa declaração, límpida como água puríssima, paira por cima do Vaticano qual espada de dois gumes.

E do tribunal de Pilatos até à cruz do Calvário e ao derradeiro instante de agonia no holocausto doloroso, permaneceu inviolável no «em espírito e verdade» da sua sublime e preciosa ideologia.

Tenho notado que exactamente da igreja católica deriva a massa detractora intransigente, sendo o seu clero quem mais sobressai nêste capítulo.

Os não comungantes ou dissidentes manifestam-se tolerantes com o Espiritismo, e, ainda recentemente, o verifiquei em conversação com um digno e inteligente pastor evangélico, o qual me afirmou reconhecer nêle coisas lógicas e louváveis.

No público, em geral, exterioriza-se, a tal respeito, ignorância ou desconhecimento completo, indiferença talvez aparente nuns e noutros positiva, e temor de enlouquecimento.

A numerosas pessoas, de tôdas as categorias e posições sociais, tenho ouvido atribuir ao Espiritismo a causa de desarranjos mentais e produzir argumentos no intuito de apoucá-lo.

Em presença de tudo isto, poderá qualquer irreflectido ou precipitado convencer-se de que o Espiritismo carece de raíz e não passa de utopia ou de máscara interesseira.

Ora, evidentemente, de propósito e não de propósito, estabelecem-se confusões arteiras de molde a redundarem no desfavor e descrédito do Espiritismo.

¡Não é Espiritismo a prestidigitação ambulante, o cavalheirismo de indústria, o ofício das chamadas mulheres de virtude,

o cinismo impostor de quantos exploram a fraqueza do próximo incauto, proclamando-se mandatários de fôrças ocultas, conhecedores e adivinhadores do porvir, capazes, em suma, de remediar males, mudar situações, promover prosperidades e venturas que, aliás, prometem e anunciam com desassombrada sencerimónia!

Há disto com abundância em tôda a parte, como há charlatães em tôdas as capitais e grandes cidades, tirando dentes apodrecidos e impingindo drogas eliminantes de tôdas as nódoas, em suas praças e pontos mais concorridos.

No entanto, cumpre-nos distinguir.

¿Não separamos nós porventura o trigo do joio? ¿Chamamos branco ao prêto, ou preto ao branco? Por certo, só por defeito nos órgãos visuais, ou por genuína inépcia.

Importa conhecer, para aquilatar com critério e consciência.

¿Como hemos de formar juízo do quer que seja, sem semelhante conhecimento prévio?

É axiomático, absolutamente aberto e acessível ao entendimento equilibrado, que, sem êsse conhecimento ou condição insuprível, é omissa a pedra de toque para ajuïzamentos.

¡Matéria magna, qual a vida!

A discussão é que é legítima e não a negativa graciosa, bem como a diatribe, tantas vezes provocadora de iras subitâneas e até de grosseirismos lamentáveis.

¿Não recorre, com senso prático, a medicina ao teatro anatómico, para adquirir pormenores de vitalidade no cadáver sujeito ao à-vontade do cientista estudioso e meticulosamente pesquisador?

A ciência espirita vai-se formando e ratificando à custa de experiências, com orientação de escrúpulo metódico.

A vida não é produto vago de acasos e de irrisão. A vida é a realidade eterna da energia no Infinito e a energia o potencial dominador do Universo e dos corpos na pululância imanente e inesgotável da imensidade, obedecendo a leis supremas.

Nada se perde — Tudo se transforma. O hoje, como relativo, divergirá sempre do presente de ontem, apesar de não proceder no tempo solução de continuïdade ou quebra de duração.

O Espiritismo aspira a mais e mais, mas com luz de laboratório, na ribalta de Universidades, no conjunto de operações, com agentes e reagentes, comprovando factos e executadas pela perícia de sábios insuspeitos.

Não só a ciência espirita repele do seu seio, do seu campo experimental, do seu bafo e da sua atmosfera tudo aquilo que se torna equívoco e é susceptível de arrastar a interpretação viciada ou errónea, mas também a própria possibilidade de descambamento e, inclusive, a sombra de má fé.

¿Alguém, probo e honesto, espirita e não espirita, mas não ignorante do que é o Espiritismo, tem levantado grita deprimente contra êle ou formulado libelo acusatório que lhe demonstre a inanidade e nocividade?

A detracção, a seu propósito, padece de morbo muito doentio e de falência malévola.

¡Anda publicado um livro, de fresca data, cujo autor, que afirma haver presenciado um fenómeno numa sessão a que assistiu, derrama bilis sôbre o Espiritismo e arrasta-o pelas ruas da amargura!

Não comento, por me lembrar que consta dos Evangelhos haver Jesus recomendado a oração até mesmo pelos nossos inimigos, e bem fazer aos que nos aborrecem e caluniam.

* * *

São sem número os fenómenos de carácter espirita registados; e se não houvesse distracções ou distraïmentos constantes que a labuta da existência trás consigo; se a ninguém escapasse o anormal comezinho e tomasse nota de determinados factos dessa natureza que depressa olvida, não haveria a esta hora sôbre a terra maneira viável de argumento negando a verdade do Espiritismo.

Está, assim, em formação ainda a ciência espirita que, aliás, abrange milhões de indivíduos no planeta nosso habitáculo.

Tôda uma literatura, de vastidão opulenta, desabrochou multiplicadamente germinadora e cada vez mais enriquecida de documentação irrefutável.

A América inteira, de polo a polo e do Atlântico ao Pacífico, é arauto vertiginoso de sua publicidade, com leitores em tôdas as povoações, de lés-a-lés.

E o Brasil imenso, o luxuriantíssimo Brasil, nas dimensões quási ao nível da Europa, constitui um dos mais brilhantes depoïmentos comprovadores de realidades espiritas.

O facto de relutância, por pêjo ou receio de acoimação de lunático e de vesano que coïbia, em pretérito não distante, muitos espiritas diplomados, acadèmicamente falando, e de alta colocação social e política, de se revelarem tais pùblicamente, tem amortecido numa seqüência palpável, na medida em que os preconceitos vão passando à história do que foi.

Homens de larga envergadura científica, proeminências de elevado coturno em suas pátrias e justificadamente admirados por cima de tôdas as fronteiras não duvidam apresentar-se como espiritas convictos em elaborações de investigação rigorosa, sem eiva de nenhuma espécie e com tôdas as cautelas de eficiência e de requintada sistematização.

O progresso, na evolução acelerada, que nos orgulha e maravilha, não se nega ao seu dispor, valendo-lhes como reforço concludente, qual a matemática para as ciências que a empregam.

A fotografia e os processos reprodutivos hodiernos, em suas mãos, hão surpreendido as suas previsões com a certeza insofismável com que chegamos ao termo de uma análise química perfeita ou ao cabo das demonstrações de teoremas geométricos que nos preocupam e em que somos empenhados.

¡Dizem os detractores que êles são vítimas de ludíbrios, passivos de sugestão ou de perturbações momentâneas!

Como? ¿Um Lodge, um Richet, um professor austero e assíduo, uma figura consagrada por descobrimentos laboratoriais rasgando horizontes à humanidade e significando-lhe tesouros de benemerências nem sequer sonhadas, desceriam do pedestal de sua ombridade e usariam de mentira, trocando o impoluto dos seus nomes, a dignidade da sua ciência, a honra e a verdade dos seus estudos pelo papel de cartomantes ou de fantasistas histriões?!

¿Como, senhores detractores do Espiritismo?

Eu, um ninguém nêste mundo, entretanto com consciência de mim próprio, varados os oitenta anos de existência e sem insinuação de pessoa alguma, ¿como estou a traçar estas linhas, serenamente, no tranqüilo ambiente dos meus livros? ¿Serei um possesso, um vendido, um fanatizado, um caprichoso de teimosia a enveredar para hospício de alienados?

Evidentemente, houve e há motivo para esta atitude, que se mantém.

Não decorreram menos de três anos depois que, um dia, já sumido o sol completamente no ocaso, fui fechar as vidraças e portas de uma janela em quarto, do pavimento superior da minha residência, em que faleceram, com intervalo de seis anos e três meses menos dois dias, minha tia Teresa de Noronha, que foi minha estremosa mãe adoptiva e exalou o último suspiro nos meus braços e a minha saüdosa filha Maria da Luz.

Ficando às escuras ocorreu-me cerrar as pálpebras e concentrar-me, recordando-as.

Desenhou-se, então, ante mim, uma espécie de colcha delgada, branca, de chroché, com alguns espaços oblongos, maiores do que os orifícios do tecido, onde assomavam rostos entre os quais um, com as linhas fisionómicas do de meu pai e os outros desconhecidos.

Procedi de modo idêntico no dia imediato, volvendo o fenómeno a repetir-se; e, numa palavra, com raras falhas, tenho continuado até agora a executar a mesma operação com resultado nem sempre igual, visto as aparições de minha vidência não ocorrerem por vezes.

Devo acrescentar que o facto se tem efectivado mesmo em pleno dia, com sol ou enublado, tendo eu distinguido rostos de pessoas conhecidas e de família, como o de meu pai, freqüentemente, com a maior nitidez, e os de minha tia e de minha filha, esta apenas em três ocasiões e numa delas incompleto.

Neste capítulo a aparição mais notável foi a do rosto, de perfil, do meu querido amigo, dr. José Maria Andrade Saraiva, antigo funcionário superior do extinto Ministério do Trabalho, habitando, como aposentado, Culherinhas, sua terra natal, no concelho de Aguiar da Beira.

Era o começo de uma semana. No domingo a seguir, recebendo o exemplar do respectivo número do semanário regionalista *A Fôlha do Sul*, que se publica em Montijo, em que colaboro, e êle também colaborava, li com espanto a notícia lacónica do seu falecimento.

¿A aparição coïncidiria, em dia, hora e instante, com o seu derradeiro alento? É possível, mas não pensara em cenários tristes e, por isso, não havia tomado nota, o que lamentei, lendo o periódico aludido.

¿No que acabo de referir meramente se tratará de sugestionamentos? Não encontro explicação ou esclarecimento cabal dessa natureza, para tão longa vidência, fora de evocações, da mínima idéia de pessoas do meu afecto, em resumo, de qualquer interferência mórbida ou accionante.

É claro, outrossim, que não procede com o classificado como transmissão de pensamento, de que lhe faltam essenciais caracteres, nem se contém, simplesmente, no que difinimos coïncidências.

O meu raciocínio, a êste respeito, conduz-me, sem hesitar, ao campo do Espiritismo, em que nada se aceita sôbre o joelho e antes, pelo contrário, se levam a efeito estudos e exames, debaixo de todos os aspectos e sem omissão de tôdas as congruentes exigências de acêrto imagináveis.

É de advertir que o Espiritismo não cristalizou nem está embotado, não requereu o diploma de infalível nem se arroga modalidade autócrata, não quere por querer ou por presunção irreverente, mas por finalidade objectiva de prova explícita, desatando ou cortando com a lâmina incruenta da verdade o nó supostamente enigmático do Além.

¿Quantos dos detractores haverão ou terão havido aparições? ¡Não as confessam, e calam-se, para não darem o braço a torcer!

Pilatos, foi por medo e pusilanimidade que entregou Jesus, em quem não encontrou culpa, à malevolência farisaica.

A EVOLUÇÃO HUMANA

A evolução não poderia certamente realizar-se se os espiritos dos defuntos se metessem indevidamente nos acontecimentos humanos, com o fim altruístico, mas erróneo, de nos poupar o trabalho de descobrir e obter conhecimentos científicos de tôda a espécie. Se assim fôsse, essa intervenção imprudente constituïria desastrosa calamidade para a evolução psíquica do género humano, que, em lugar de progredir e elevar-se espiritualmente, não tardaria a estagnar e a degenerar numa raça idiota e atrofiada, em virtude de falta de exercício das faculdades superiores que a natureza concedera à espécie sob a forma de germes divinos destinados a manifestar-se e a evolver, graças à sólida disciplina que nos liga à luta pela vida.

ERNESTO BOZZANO

Substituïções

Muitas iniciativas de grande utilidade para a propaganda do Espiritismo têm fracassado, depois da primeira fase de entusiasmo. Até mesmo organizações já feitas desaparecem ou estacionam, depois de certo tempo de actividade.

Desde que se retire ou desencarne um elemento abnegado, que sustenta a instituïção, a obra declina, morre de uma hora para a outra, por assim dizer...

Tem-se dado isto várias vezes... Há sociedades, por exemplo, que só existem, porque contam com um presidente ou director que é uma espécie de «faz-tudo» na casa, cuidando de todos os sectores, que é a vida, portanto, da instituïção.

Quando êsse elemento devotado se afasta, por doença ou por qualquer outro motivo, ou mesmo por haver desencarnado, a queda da sociedade é inevitável.

Há instituïções que têm muitos dirigentes, mas às vezes tôda a obra está em mãos de um só ou de um grupo de dois ou três sacrificados. Haja em vista o facto de um centro espirita, uma escola, etc., fechar definitivamente as portas, extinguir-se sumariamente, como se tem visto, quando desencarna o presidente, a sua figura principal.

Há criaturas, como se vê, que são o esteio, a coluna fundamental e a alma de certas organizações. Mas, só após a desencarnação ou a saída de tais criaturas é que se avalia a falta que elas fazem...

Não deixam de ter razão, portanto, algumas organizações que preferem conservar nos cargos certos elementos que têm amor à instituïção a quaisquer substituïções, nem sempre aconselháveis.

Justamente por falta de ardor, de perseverança, de amor à Causa, é que muitas obras de vulto pesam sôbre os ombros de um, dois ou três abnegados. Nem tudo, portanto, está errado.

(De Mundo Espirita, *do Rio de Janeiro)*

7/45

OCULTISMO E ESPIRITISMO

pelo coronel Faure da Rosa

III

Mesmer e o magnetismo animal

NOS fins do século XVIII a aparição de Mesmer dividiu a ciência profundamente. Mesmer, médico alemão, é considerado o fundador da teoria do magnetismo animal que ficou conhecido sob o nome de *Mesmerismo*. Atribuiram-se ao *mesmerismo* curas maravilhosas operadas em Paris. Operava em Berlim por volta de 1780.

Andou por Inglaterra, Suíça, Áustria, França... Foi depois de ter visto operar o P.e Hell — jesuíta vienense, professor de astronomia — que Mesmer abriu uma Casa de Saúde em Viena. Mas os sábios desta cidade protestaram contra a nova doutrina que ia perturbar a ciência adquirida e os seus interêsses. Para escapar à tempestade foi viajar. Na Suíça entusiasmou-se pelas curas de Gassner, que Mesmer explicava pelo magnetismo animal.

De regresso a Viena, para experimentar o seu poder magnético, tratou uma rapariga de 18 anos, cega desde os 4. Por tôda a parte propalou a vista à cega. Ninguém ou pouquíssima gente acreditou. Interveio a autoridade que lhe deu ordem «para acabar com a charlatanice».

Desgostoso, foi fixar residência em Paris, onde quis provar as suas teorias. Estava então sendo tratada de uma doença do fígado e de gôta serena, pelo médico Storck e pelo oculista Wenrel, uma rapariga de 17 anos, sem resultado satisfatório. Mesmer substitutiu os dois. E êle, só com os dois ajudantes, depois de 3 meses de tratamento, não só a curou do fígado, mas também — o que era mais fácil de verificar — fizera com que recuperasse a vista.

Esta cura transformou em discípulos certos detractores, entre outros o médico Deslon, que, mais tarde, atraiçoou o Mestre. Conhecedor do segrêdo de Mesmer, Deslon fazia negócio tratando por dinheiro. A expensas de vários admiradores ricos, Mesmer instalou, então, o seu consultório num magnífico palacete da praça de Vendôme, em Paris. Foi nessa ocasião que Mesmer criou a célebre *celha* de madeira de carvalho, com 30 a 45 centímetros de altura, que colocava no meio da sala.

Os consulentes, em silêncio, formavam em filas em redor da celha, à qual ficavam ligados por meio de fios especialmente dispostos.

Seja como fôr — afirma Thomas Cauzon — apesar de muitos desaires, Mesmer teve numerosos bons êxitos e fez uma carreira triunfal. É certo que Locke e Condillac retardaram, então, 50 anos, pelo menos, o grande progresso das ciências naturais.

Mas já Edgar Poë, grande romancista inglês, cêrca de 1839, dizia que os inegáveis efeitos do magnetismo animal eram quási universalmente admitidos. «Os que continuam a duvidar dêsses efeitos — diz êle — são incrédulos de profissão pertencentes a uma casta impotente e pouco honrosa».

Os factos magnéticos, os milagres do sonambulismo, os da adivinhação e do êxtase, que permitem perscrutar o mundo espiritual, acumulam-se.

O conhecimento das relações de Swedenborg com os mortos, tão sèriamente estabelecido na Alemanha; as narrações de Walter Scott sôbre os efeitos da *dupla vista;* o exercício das prodigiosas faculdades de alguns dos que lêem a *buena-dicha* e que confundem numa única ciência a quiromância, a cartomância e a horoscopia; os casos de catalepsia e os das propriedades do diafragma para certas afecções mórbidas... todos êstes fenómenos, emanados da mesma origem, impeliam os mais indiferentes para o terreno experimental.

Recentemente (1), o dr. Nolan Lewis, do Instituto de Neurologia de «*Columbia Presbyterian Medical Center*», de Nova Iorque, afirma que «em muitas das grandes instituïções em que se usa e ensina devidamente a psiquiatria, tem-se achado útil o hipnotismo na diagnose e na cura de certas desordens psíquicas». Mais: No *Sprague Memorial Institute* e no Departamento de Patologia da Universidade de Chicago, os drs. Julian Lewis e Theodor Sarbin trabalham há mais de 5 anos no estudo de regressão da idade pelo hipnotismo. Descobriram que, sob a acção da hipnose, se podem recordar, ràpidamente, incidentes e atitudes do passado, até ali inteiramente perdidos para a memória consciente.

Estas experiências vêm revalidar as do coronel Albert de Rochas, infatigável investigador da regressão da memória às vidas passadas, que tão contraditadas e troçadas foram. Nada há como os sucessos posteriores a factos rejeitados para que a verdade nêles contida se imponha e consolide.

---

(1) «Selecções do *Reader's Digest*», n.º 22, p. 28.

Rosacruzes e Martinistas

A influência dos Martinistas (de Martinez Pasquális, fundador duma seita de iluminados) foi considerável. Os Martinistas tinham irmãos por tôda a parte. Em Bordéus, o célebre cardeal de Rohan interessou-se pelas suas sessões. Na Rússia, o príncipe Galitzine, principalmente, deixou-se seduzir pela doutrina. A grande Catarina da Rússia, para impedir o ascendente dos Martinistas, fêz representar no teatro imperial uma peça em que os Martinistas eram ridicularizados. A doutrina dos Martinistas, inspirada, ao mesmo tempo, em trabalhos de Swedenborg, no ideal humanitário e fundada no ocultismo, tem por fim «iluminar» os adeptos; isto é, tem por fim desenvolver nêles as faculdades divinas e adormecidas e pô-las em relação com o Invisível. É isto o essencial, porque em todos os Rosacruzes o meio empregado para atingir o ideal humanitário e místico é a magia.

Conhecedores das experiências de Mesmer e de Puységur, os Martinistas foram os primeiros espiritas. O grande mistério em que Martinez Pasqualis iniciou os seus adeptos, foi sempre designado com um nome, um tanto de atemorizar pelo que tem de impreciso: «coisa». A «coisa» produzia fenómenos perturbativos, fazia aparecer mortos — a que nós, espiritistas, chamamos materializações — que ditavam comunicações por intermédio de objectos, tais como: mesas, canetas. Numa palavra, os Martinistas tomavam parte em sessões que se assemelham muitíssimo às experiências espiritas actuais, mas sem a presença de nenhum médium como tal conhecido.

O que importa notar é que, durante todo o século XVIII, Paris foi o centro da estranha actividade martinista, ao mesmo tempo oculta e política. Vemos homens como Saint-Germain e Cagliostro chegarem da Alemanha, onde abundavam as seitas maçónicas, e agirem como irmãos, como se o golpe que haveria de ser fatal à ordem antiga devesse partir de Paris, ali, onde vão e donde vêm personagens misteriosas que espantam o mundo com a sua ciência secreta; onde curam doentes, semeiam oiro e diamantes; onde têm conciliábulos com ministros e reis, cardeais e raínhas; onde morrem, desaparecem e reaparecem...

A sociedade Rosa-Cruz foi a cabeça do primeiro movimento maçónico, importada da Inglaterra. A Rosacruz quis sempre a reforma da igreja católica, lutou contra a Inquisição e preconizava certo igualitarismo social, certo internacionalismo pacifista. Saint-Germain agiu a favor da Prússia, umas vezes, e outras a favor duma espécie *de sociedade europeia*. Note-se o que hoje se está passando com o projecto dos Estados Unidos da Europa.

Cagliostro lutou contra a monarquia absoluta. Saint-Germain foi o precursor e anunciou o aparecimento de duas personagens notáveis: Mesmer e Cagliostro.

Saint-Germain

Os «Rosacruzes» eram, simultâneamente, franco-maçons e grandes senhores, deístas e anti-religiosos, sábios e ocultistas, revolucionários e conservadores. Entre êles ocupa um lugar de realce o conde de Saint-Germain, vindo da Alemanha com o embaixador de Luís XV — Belle-Isle. Saint-Germain era um dêsses homens de quem não se sabe a idade. Apesar do seu físico medíocre, era extremamente sedutor, assim o afirmava Casanova que o conheceu bem. Falava tôdas as línguas, conhecia todos os países, praticava tôdas as artes: ao cravo e ao violino era prodigioso. O compositor Rameau, que o ouviu, ficou maravilhado. Também pintava: as côres que usava possuíam um brilho tão particular que os pintores Latour e *Van Lov* repetidas vezes lhe pediram o seu segrêdo, mas Saint-Germain nunca o revelou.

Tôdas as donas de casa o desejavam ter como hóspede. Era difícil falar melhor que Saint-Germain. Nunca retribuía os convites, mas agradecia os que recebia e utilizava fazendo ofertas de bálsamos, pastas, vermilhões, elixires de saúde. Desenvolvia uma arte especial em lisonjear as mulheres. Ninguém sabia quem êle era. Ainda hoje nada de preciso se sabe acêrca da sua identidade.

O ministro Choiseul, seu inimigo, dizia dêle: «é filho dum judeu português». Entretanto, várias procedências lhe foram atribuídas. Wittemans, na sua «História dos Rosacruzes», diz que é provável que Saint-Germain fôsse o filho mais velho de Frederico II Rackoczi, descendente dos soberanos da Transilvânia. A sr.ª de Genlis, nas suas «Memórias», partilha a mesma opinião.

O compositor Rameau, já velho, declarava ter encontrado o conde em 1710 — tinha, então, Rameau 27 anos — e afirmava que, nessa época, Saint-Germain teria 50 anos; quere dizer, era a idade que parecia ter e que cêrca de 40 anos depois ainda aparentava.

Saint-Germain, em conversa com uma jovem senhora, contava-lhe que fôra companheiro de armas do seu trisavô na batalha de Marignan (1515 — cêrca de 240 anos antes), o qual, momentos antes de expirar, o incumbira de entregar uma cruz de oiro à espôsa, trisavó daquela dama. E acrescentou: «Como não pude desempenhar-me da missão senão por um intermediário, desejava saber se a sua família está de posse da jóia». A dama empalideceu. Efectivamente, ela possuía essa jóia que guardava como relíquia, e ninguém, excepto os membros da sua família, sabiam da existência da cruz de oiro.

Também era singularmente estranho Saint-Germain nunca tocar nas iguarias que lhe serviam à mesa, bem como apresentar-se paramentado com jóias esplendorosas.

Segundo numerosos autores, foi êle quem esboçou o plano do primeiro barco a vapor. Saint-Germain teria dito a Casanova: «Acabo de descobrir o caminho dum invento que virão a conhecer no século próximo...».

Saint-Germain e Maria Antonieta

A sr.ª d'Adhémar, em «Souvenirs sur Marie-Antoinette», conta que desde o princípio do reinado de Luís XVI, Maria-Antonieta recebia, de tempos a tempos, uns bilhetes sem assinatura, dando-lhe conselhos e predizendo catástrofes. A raínha não ligou importância às recomendações, mas falava aos seus íntimos no seu «misterioso correspondente».

Um dia a sr.ª d'Adhémar recebeu a visita dum senhor de Saint-Noel que vinha a ser o conde de Saint-Germain. Mudara de nome, mas não de aspecto nem de garbo. Havia já muitos anos que na côrte não se ouvia falar na misteriosa personagem e julgava-se até que êle tivesse morrido. O sr. de Saint-Noel, ou antes, o conde de Saint-Germain, sem mais explicações, entrou resolutamente no assunto que o levava a procurar a sr.ª d'Adhémar. Anunciou-lhe que o reinado de Luís XVI seria funesto à nação; que se estava organizando uma conspiração, sem chefe visível, por enquanto, mas que havia de aparecer dentro de pouco tempo. O que a conspiração pretendia era destruir tudo o que existia... Detestavam a família real, a clerezia, a nobreza, a magistratura. «Por ora — afirmava Saint-Germain—ainda é tempo de impedir a realização de tais projectos: mais tarde será impossível. O rei de França não tem tempo a perder».

A sr.ª d'Adhémar aconselhou-o a pedir uma audiência ao ministro conde de Maurepas, ao que Saint-Germain objectou que Maurepas poderia tudo, menos salvar a França. Pelo contrário, seria êle quem precipitaria a sua ruína... Se Sua Magestade a Raínha quisesse ouvi-lo, êle, Saint-Germain, dir-lhe-ia tudo o que sabia.

A raínha consentiu em receber Saint-Germain, que ingressou no palácio com o disfarce duma libré. Sem rodeios, revelou-lhe que o partido enciclopedista queria o poder e que só poderia alcançá-lo à custa da ruína total da clerezia e da monarquia. Falou-lhe de perversidades, de crueldades, de cadafalso, de perseguições religiosas, de «uma república ávida cujo ceptro seria o machado do carrasco».

Terminada a audiência com Maria-Antonieta, Saint-Germain foi despedir-se da sr.ª d'Adhémar, a quem mostrou desejos de deixar a França o mais cêdo possível para não ser apanhado pelos homens do ministro Maurepas, o qual, de facto, tendo sabido da presença do conde adivinho, o mandara procurar no castelo e na cidade. Não o encontraram. Meses depois soube-se que Saint-Germain saíra de França e percorria a Itália e a Alemanha. Depois fixou residência na côrte de um protector das ciências herméticas, o *laudgrave* Charles de Hessel-Cassel, onde veio a falecer, a 4 de Fevereiro de 1784.

Em 1789, porém, Maria-Antonieta recebia a seguinte carta:

«Minha Senhora: Eu fui Cassandra (alusão a Cassandra, filho de Priamo que recebera de Apolo o dom de profetizar o futuro); as minhas palavras não foram ouvidas e eis que chegou o tempo por mim anunciado. De nada servem os paliativos; o que é preciso é energia para fazer frente à tempestade que ruge... Todos os Polignac estão votados à morte... O conde d'Artois morrerá: têm sêde do seu sangue; que êle tome cuidado. Apresso-me a dizer-vos isto, Senhora; mais tarde farei outras comunicações».

À mesma hora, a sr.ª d'Adhémar recebia, também, uma carta:

«Está tudo perdido, sr.ª condessa. A monarquia já não verá o sol de amanhã. Um outro caos virá, uma anarquia sem igual... Nada posso fazer pelo rei, pela raínha, pela família real, como nada posso pelo duque d'Orleans que há de triunfar amanhã para, depois, ser despedaçado do alto da Rocha Tarpeia... Se desejar encontrar-se com um velho amigo, vá amanhã à missa das oito horas, nos Récollets e entre na segunda capela à direita».

A condessa foi ao local indicado. Tornou a ver o conde de Saint-Germain no mesmo estado em que muitos anos antes o tinha deixado, não obstante *êle ter falecido em 4 de Fevereiro de 1784*. A condessa preguntou-lhe donde vinha, ao que Saint-Germain respondeu: «Venho da China e do Japão, ou antes, do outro mundo».

Saint-Germain e os Rosacruzes

Pela mesma época — 1789 ou 1790 — Saint-Germain teria aparecido aos iniciados em Viena, centro importante dos Rosacruzes.

Franz Gräffer — um dêles — conta que um dia correu que Saint-Germain estava em Viena. Imediatamente ao conhecimento da notícia, um irmão de Franz se dirigiu à casa de campo de Casanova afim de lhe pedir uma carta de apresentação para Saint-Germain. No regresso ao seu escritório, êste irmão de Franz soube, por um empregado, que depois da sua saída esteve ali um cavalheiro cujo aspecto era impressionante e que dissera em francês, como se falasse consigo: «Estou em Fedalhofe, no quarto onde se alojou Leibniz em 1843» —. Quando

os assistentes iam a falar repararam que o homem tinha desaparecido. Ficaram assombrados. Os irmãos Gräffer partiram para Fedalhofe onde chegaram em 5 minutos... O quarto utilizado por Leibniz estava vazio. Franz Gräffer teve a intuição de que devia procurar o barão Linden. Encontra-o em Ente. Assim que chegaram a Laudstrasse, abrem a porta do laboratório e soltam um grito de espanto. Saint-Germain estava sentado a uma mesa a ler uma obra de Paracelso. Quedam-se emudecidos no limiar da porta... Saint-Germain diz em francês a Gräffer: «Sei que trás uma carta de apresentação de Casanova para mim; é inútil. Êsse senhor que o acompanha é o barão Linden. Eu já sabia que estariam aqui precisamente a esta hora». Linden oferece refrescos ao conde de Saint-Germain, que responde: «Faça favor de me dizer se jamais me viu comer ou beber.».

O conde pediu papel e tinta para escrever. Cortou ao meio uma fôlha de papel, pegou em duas canetas e pôs-se a escrever com as duas mãos ao mesmo tempo. As duas caligrafias eram absolutamente semelhantes. Depois, Saint-Germain anunciava a sua partida: «Vou deixá-los, Ver-me-ão ainda uma vez. Necessitam muito de mim em Constantinopla. Em seguida, hei-de ir a Inglaterra preparar duas invenções que virão a conhecer no século próximo: os combóios e os barcos a vapor... Desaparecerei da Europa no fim do século e irei para a região do Himalaia. Tornar-me-ão a ver daqui a 85 anos, dia por dia. Adeus». Os visitantes sairam do laboratório, mas quando voltaram já não viram Saint-Germain.

A Sr.ª de Adhémar afirma que não foi esta a última vez que Saint-Germain apareceu, que o viu mais cinco vezes: a primeira no dia da decapitação da raínha; outra vez nas proximidades do 18 do brumário (9 de Novembro de 1799 dia em que Napoleão regressado do Egipto derrubou o Directório que sustituiu pelo «Consulado» de que êle foi o 1.º Consul e depois Consul vitalício); terceira vez no dia imediato ao da morte do duque d'Enghien; quarta em Janeiro de 1815, e 5.ª na véspera do assassínio do duque de Berry, em 1820.

Há quem pretenda identificar o singular major Fraser, que apareceu por volta de 1815, com o conde de Saint-Germain. Fraser passava, como êle, por filho ilegítimo de pessoa importante. Tinha viajado por todos os estados da Europa, falava muitas línguas, possuia uma memória prodigiosa; era muito elegante e bem falante... Fraser afirmava ter conhecido Nero e Dante...

Saint-Germain teria cumprido a promessa, feita em Viena, de reaparecer «85 anos depois, dia por dia»?... Os teósofos situam a aparição de Saint-Germain no laboratório de Laudstrasse, em Viena, 85 anos antes da fundação da Sociedade Teosófica.

Protejamos as crianças!

por Manuel de Sousa

Os homens mostram estar decididamente empenhados em dar nova vida ao mundo, em melhorar essa vida em todos os sentidos: moral, espiritual e material, o que se vai fazer sob o jugo das mais duras lições que o mundo teve, lições que trouxeram aos povos nova consciência das realidades da vida. E são estas realidades novas, que todos almejam, que darão à humanidade o fruto consolador do bem-estar.

¿Mas continuará o mundo na mesma senda de iniqüidade? Assim parece, porque, infelizmente, não há só que extinguir as guerras e os opressores do planeta, mas também educar o homem, para que êste saiba educar a criança, extinguindo o analfabetismo e, conseqüentemente, os bandos infantis que se têm lançado ao abandono por cidades, vilas e aldeias, onde o abismo da imoralidade vai abrindo cada vez mais as fauces hiantes.

Eu teria sido melhor, teria tido melhores sentimentos e amaria mais ao próximo, se não tivesse também caído nêsse abismo. Mas cêdo reflecti e, além disso, tive pais que me souberam educar. Oh! ¡quantas crianças se não vêem pelas ruas sem respeito por ninguém, devido à ignorância dos progenitores! É de lamentar que haja tanta criança sem amparo, embora muito se tenha feito por elas. É, pois, nêste sentido que eu desejaria ver trabalhar os conferentes espiritas, espalhando a semente da esplendorosa Verdade Espiritualista, que não é só nossa, mas universal, isto é, pertence a todos.

É a estes que me dirijo, já que têm o poder de melhor exprimir o divino verbo e, conseqüentemente, o dever de utilizar êsse dom em prol da humanidade sofredora, dom que de graça lhes foi dado ou alcançado por antigos méritos.

Há sempre possibilidade de trabalhar por diferentes meios de confraternização; e ainda que não se dê de graça o que de graça foi recebido, os espiritas portugueses devem organizar-se imediatamente para auxiliar êsses irmãos-conferentes, com o fim de conseguir maior trabalho nesta amada terra portuguesa, onde os homens, as mulheres e as crianças desconhecem estas novas realidades.

Ciência Universal

por Haydi de Thebelen

III

DEPOIS da desencarnação de M.me H. Blawasthky, a doutora Annie Besant assumiu a presidência da Sociedade Teosófica, onde se conservou alguns anos. Como *à tout seigneur tout honneur,* depois de termos apreciado a mediünidade de M.me H. Blawatsky, vejamos o que consta das qualidades psíquicas da Dr.ª A. Besant.

Confirmando a opinião de Sinnett, escreveu Gaston Revel, no seu livro «25 Mil Anos Antes de Jesus Cristo»:

«Nós não devemos confundir o uso que o Mestre fêz do corpo do seu discípulo, com a mediünidade, como de uma *coisa má*. Mas *aconteceu utilizar-se do corpo do seu discípulo pela mediünidade,* e que nós, em várias circunstâncias, sabemos que um ou outro dos Mestres (1) tem falado por intermédio da nossa Presidente, porque a sua voz, as suas maneiras e mesmo as suas feições têm mudado de aspecto.

«Mas devemos lembrar-nos de que, nestes casos, ela conserva tôda a sua consciência, que sabe que falam e porque falam.

«Esta condição é de tal maneira diferente do que se entende vulgarmente por mediünidade, que não seria exacto dar-lhe êste nome.

«*Não haveria mal nenhum* em se empregar assim o corpo do discípulo, mas *são muito raros os casos* em que *os Mestres* tenham empregados êstes meios. (O grifo é nosso).

«Quando o Mestre se expressa por intermédio da nossa Presidente, a consciência desta está mais activa do que nunca, no seu cérebro físico; mas em lugar de dirigir ela própria os seus órgãos vocais, escuta, enquanto o *Mestre* dêles faz uso.

«Êle formula frases no seu próprio cérebro e transmite-as em seguida ao da sua discípula (M.me Besant). Contudo, ela pode empregar as suas faculdades cerebrais passivamente, por assim dizer, para escutar, compreender e admirar; mas eu imagino que não lhe seria de maneira alguma possível, durante êsse tempo, redigir uma frase sôbre um assunto absolutamente diferente».

É bem claro o sentido dêste texto, em que o autor expressamente quis deformar um caso de mediünidade consciente — porque sendo uma *coisa má* — M.me Besant (como a sua antecessora) não podia utilizar-se dela... Contudo, é bem exacto o significado que os dicionários de latim dão à palavra médium: — meio, centro, intermediário, medianeiro.

Donde se conclui que todo aquêle que possua faculdades de comunicar com o outro mundo — *é um médium.*

¿Deveremos pensar que os mentores teosóficos ignoravam por completo a existência de várias espécies de mediünidade? ¿Entre êles, dois dos mais eminentes, os bispos Leadbeater e Weydwood, nunca teriam lido a Bíblia, que tanto fala dos Espíritos?

¿Como se explica então a existência na Sociedade Teosófica de obras repletas de erros referentes ao Espiritismo?

São muitas ainda, infelizmente, as pessoas para quem a palavra médium significa condutor de obsessões. Assim pensam os ignorantes da verdadeira mediünidade.

Se um profeta é um médium de tipo mais elevado — para usar o termo de Sinnett — ¿uma revelação não será também manifestação espirita?

¿Como se explica que os nossos irmãos teósofos condenem as práticas mediúnicas e que um dos seus actuais mentores, o esritor hindu Dr. Jinarajadasa, no seu livro «A Nova Humanidade da Intuição», pág. 99, cite a *revelação da profetisa* Diótima a Platão, sôbre «a paixão que se desprende da terra para o céu» e que o grande filósofo depois divulgou e ficou conhecida pelo sentimento que hoje chamamos «amor platónico»?

¿Porque se escandalisam os nossos irmãos teósofos, quando aludimos à mediünidade de M.me H. Blawatsky e da Dr.ª A. Besant, mesmo sendo super-humanas, como êles as qualificam? ¿Não são, como atrás vimos, os próprios teósofos que nos revelaram essas faculdades das suas prestimosas presidentes?

¿Não pertenceriam as duas escritoras a êsse «tipo mais elevado de médiuns, a que se

(1) Seriam visíveis?

poderia chamar profetas» — segundo Sinnett?

¿Os próprios Apóstolos não eram também médiuns?

¿Como se compreende esta dissonância na apreciação dos factos, dado que a Sociedade Teosófica é uma escola espiritualista e não uma seita religiosa de fins mercantilistas que necessitasse de deturpar a verdade?

¿Porque disse Jesus aos apóstolos: Curai os doentes, afastai os demónios (1) e ressuscitai os mortos», «dai de graça o que de graça recebestes»?

Para evitar erros, devo acentuar que a mediünidade a que me quero referir pertence àquêles que atingiram êsse estado de alma próprio dos verdadeiros médiuns. Mas os que desejam conseguir êsse estado precisam, como condição essencial, atingir uma grande moral e uma alma tão elevada quanto possível, o que se pode obter pela caridade para com os outros e severidade para connôsco.

Que cada um que se julga médium se consulte a si próprio sôbre êste assunto... e os detractores do Espiritismo pensem no que judiciosamente o sr. Leopoldo Machado escreveu em *Estudos Psíquicos* de Junho de 1943:

«Há fraude no Espiritismo? ¡Por certo que há, sem que seja, entretanto, do Espiritismo! Fraude de *médiuns* que, à guisa de *outros religiosos* que fazem da religião um modo de vida, quiseram também viver da mediünidade que lhes foi dada gratuitamente.

«¿Que tem o Espiritismo com isso? Que tem a ciência do Direito com a rabulice, a verdadeira medicina com a charlatanice, o jornalismo com o aventureiro de imprensa?»

¿Também haverá dúvidas sôbre a «sublime mediünidade de Jesus», como lhe chamou Léon Denis?

Todos os que vêem nos dons mediúnicos características impuras, não aceitam que um Espírito como Jesus pudesse utilizar-se de semelhante via. Contudo, os Evangelhos são bem claros nêste sentido.

Vejamos, primeiramente, esta pequena passagem extraída da obra teosófica «25.000 Anos Antes de Jesus-Cristo», de Gaston Revel, que já citei. Inspirando-se em citações bíblicas, diz êste autor:

«Um poderoso «Filho de Deus» vinha encarnar na Terra. Um Instrutor Supremo *cheio de graça e de verdade* (2), *um Ser em quem habitaria no mais alto grau a Sabedoria Divina*, verdadeiramente «O Verbo» feito carne, uma torrente de Luz e de Vida superabundantes, uma Fonte donde jorrasse a Vida. O Senhor de tôda a compaixão e de tôda a Sabedoria — tal é o Seu nome, — deixando a moradia das Regiões Secretas, apareceu no mundo dos homens. Era-lhe necessário um tabernáculo humano, uma forma humana, o corpo dum homem; ora, ¿onde encontrar um homem mais digno de abandonar o corpo por um acto voluntário de alegre renúncia a um Ser diante do qual os Anjos e os homens se inclinassem com a mais profunda veneração?

«Sòmente êste Hebreu, o mais puro entre todos os hebreus, o mais nobre dos «Perfeitos», cujo corpo sem mácula e de carácter também imaculado eram a própria flor da humanidade. O homem Jesus «ofereceu-se sem mácula» ao «Senhor de Amor» que tomou êste jovem envelope para tabernáculo e o habitou durante três anos de vida normal.

«Esta época está assinalada pelas tradições reünidas nos Evangelhos pelo baptismo de Jesus, quando o Espírito Santo se mostra descendo do céu, como uma pomba, e poisando sôbre êle (3).

«É a esta Presença assim manifestada que nós damos o nome de «Cristo». É êle que *se apresenta sob a forma de Jesus-Homem*, percorrendo as montanhas e as planícies da Palestina, ensinando e curando, rodeado de discípulos escolhidos entre as almas mais elevadas».

«Esta pureza sôbre-humana, e êste fervor religioso fizeram de Jesus — homem e discípulo — digno de servir de morada a um Poder mais augusto, a uma Presença imensa».

Não pode ser mais claro o sentido desta narrativa, e a designação de Médium Divino, dada a Jesus, é, a meu ver, absolutamente exacta.

Jesus foi iniciado na Kabala por José de Arimatéia. Esta ciência era a Lei revelada e permitia saber comunicar com os seres sobrenaturais—era o que modernamente se chama — Espiritismo.

Todos os grandes iluminados têm demonstrado serem possuïdores de extraordinários poderes psíquicos e mediúnicos e Jesus, dada a sua missão, possuía êsses dons que lhe permitiam comunicar com o Pai e com os seus altíssimos Enviados.

(1) Espíritos inferiores.
(2) S. João, I, 34.
(3) S. João, I, 32.

É conhecida a passagem do Mestre Nazareno na montanha, junto de Pedro, de João e de Mateus, a quem Êle explica as manifestações dos espíritos na terra, *pela atracção da alma e do poder da vontade*.

Convida seus discípulos para um banquete fraternal com os espíritos que viveram na Terra, e que lhe dirigem nêsse momento um olhar de comiseração:

«Elias, Elias, — exclama êle — eu te chamo, e espero a prova da tua presença.

«Honra a ti, Elias, e que Deus nos permita comunicarmos aqui contigo, nesta solidão, para efectuar a aliança dos nossos espíritos e da emanação de nossos desejos».

«Durante o êxtase em que caiu a sua alma, parecia que raios de luz o rodeavam e o confundiam com os tons de fogo das núvens douradas e purpúreas que se espalhavam sôbre as suas cabeças e a alegria que inundava o seu semblante comunicou-se aos apóstolos, que exclamaram:

«Elias está entre nós, o Senhor nô-lo mandou, seja bendito seu santo nome».

Contudo, há quem veja êstes factos diferentemente e pretenda que o Apostolado dos três anos não foi feito por Jesus, mas por outra entidade — o Cristo — que, apoderando-se do corpo do Mestre, substituíra o espírito dêste que, devido a esta circunstância, partira para as regiões celestiais aos trinta anos...

O Cristo, como estado de alma, faz desaparecer Jesus, tão pouco citado nos ensinamentos teosóficos, contràriamente ao que acontece com o Senhor Krisna, o Senhor Maitreya e o Senhor Buda.

Muitas têm sido as versões espalhadas sôbre Jesus de Nazaré. Houve até quem afirmasse — que êle nunca existiu.

Repito; a meu vêr, o Mestre Nazareno foi, de facto, Médium Divino, porque foi o veículo, no qual se manifestou, durante três anos, essa Fôrça, essa Presença a que alude G. Revel e os próprios Evangelhos.

A mediünidade de Jesus conduz-nos pela lógica a aceitá-lo como tendo possuído um corpo físico, de delicadíssima matéria expressamente constituída para ser habitada pelo seu puríssimo espírito — que, por sua vez, manteve o seu corpo num perfeito estado de pureza.

Jesus de Nazaré, Grande Iluminado, grande filósofo e sobretudo extraordinário reformador, era um homem — e é êsse o seu mérito também, e, como tal, se apresentou na terra, prègando a sua doutrina sublime, inspirado pelos seus Auxiliares Invisíveis.

É como homem que nô-lo descrevem vários autores, entre os quais William Sand, no seu livro «La Vraie Mort de Jesus», em que diz, segundo uma carta encontrada numa biblioteca de Alexandria e escrita por *Um Antigo de Jerusalém*, contemporâneo de Jesus:

«Note-se que Nicodemos (médico filiado na Ordem dos Essénios) ocupa-se de tôdas estas coisas e que êle não as confia aos seus servidores.

«Aplica bálsamo nas chagas das mãos. Terminado o penso, o *corpo* é transportado para uma gruta, onde delicadamente é colocado num leito de musgo».

O escritor oriental Swami Wyoyananda, no seu livro «Le Crist Vu d'Orient», diz, referindo-se também às passagens dos Evangelhos:

«Pobre gente! A única significação que êles conheciam do Cristo (1) entre nós era que continuaria a viver sempre no seu *corpo mortal;* a vida sem a presença física era-lhes totalmente desconhecida.

«Decorreram mais de novecentos anos desde que o Cristo voluntàriamente abandonou o seu *corpo mortal* e aquêles que o seguem sinceramente sentem a Sua presença, mesmo actualmente».

«*Êle sabia* que tinha muito pouco tempo para estar *fisicamente* com os seus discípulos.....»

«..... e que então abandonaria o seu *corpo mortal,* para salvar a humanidade».

Se Jesus não possuísse corpo físico, o martírio da crucificação seria a maior comédia de todos os tempos, cujo ridículo atingiria o próprio Cristianismo.

Jesus e todos os grandes profetas dignificaram a mediünidade sublimando-a, pelo que. por êles, ela concorreu para o progresso espiritual da humanidade.

Tempo virá e não longe, em que a mediünidade ocupará o lugar de honra que lhe compete nos grandes dons de que goza a espécie humana. As faculdades psíquicas existiram sempre latentes no ser humano, cuja ignorância ainda hoje desdenha, com acentos de requintada ingratidão, essa qualidade, excelsa entre tôdas, que elevou bem alto os que a possuiram e que dela se utilizaram largamente, como as citadas presidentes da Sociedade Teosófica.

(1) Os orientais chamam-lhe Jesus.

J/45

NATIVIDADE DE JESUS

pelo Dr. A. D. Pratas

OBEDECENDO a um édito de César Augusto, que impunha o alistamento de todo o povo, saíu José da cidade de Nazareth, onde residia, dirigindo-se com sua Espôsa, a Virgem Maria, a Belém para aí se alistarem.

A êsse tempo encontrava-se já a Virgem em adiantado estado de gravidez, acontecendo por isso que, atingido o têrmo da sua gestação, o que por ela fôra pressentido, procuraram os dois esposos qualquer estalagem onde se hospedassem, o que não conseguiram, devido à grande afluência de gente que, pelo mesmo motivo, convergira para a cidade de David.

Perante esta dificuldade, viu-se Maria forçada a dar à luz num estábulo, em cuja mangedoura a Virgem reclinou o Salvador do Mundo, o filho que Gabriel lhe anunciára e que deveria chamar-se Jesus. E assim, humildemente, nasceu o Redentor da Humanidade. Aquêle àcêrca de quem Jeremias (XXIII-6) profetizou, dizendo: «Naquêles dias será salvo Judá, e Israel habitará sem temor, e êste é o nome que lhe chamarão, *O Senhor nosso justo*».

E, enquanto no céu se entoavam cânticos de regozijo, apresentou-se um Anjo a uns pastores que, segundo S. Lucas, «vigiavam e revezavam entre si as vigílias da noite para guardarem o seu rebanho»; e, dirigindo-se-lhes, disse (Luc., XI, 10-12):

«Não temais; porque eis aqui vos venho anunciar um grande gôzo, que o será para todo o povo; e é que hoje vos nasceu, na cidade de David, o Salvador que é o Cristo Senhor. E êste é o sinal que vo-lo fará conhecer: achareis um menino envolto em panos, e posto em uma mangedoira».

Vencendo a sua estupefacção inicial, conciliabaram os pastores entre si, e tomaram o caminho de Belém onde, de facto, encontraram, junto dos Santos Esposos, um menino deitado sôbre as douradas palhas duma mangedoura.

Reconhecendo, — *de visu* —, a verdade do que lhes fôra comunicado, retiraram-se, radiantes, os pastores, referindo a boa nova a todos quantos encontravam, e glorificando e louvando a Deus pelo que tinham ouvido e visto, em absoluta conformidade com o que lhes havia sido dito.

E assim, de humilde origem, humildemente nasceu Jesus, tendo como primeiros adoradores e vassalos criaturas também das mais humildes, — *os pastores de Belém* —.

Tão humilde como fôra a Sua natividade, foi a Sua conduta exemplificante durante todo o tempo da Sua permanência, como homem, na Terra, — onde só o bem, a justiça e o amor prègara —, até ao desenlace final da repelente tragédia do Gólgota.

Foi assim que, tendo, como majestoso bêrço dourado, as sêcas palhas duma mangedoura, e, como trôno real, o tôsco e vilependiante madeiro em que O crucificaram, nasceu e morreu o Nazareno, o Rei dos Reis, que, atestando a Sua realeza com o Seu amor à Humanidade, se deixara imolar, morrendo com palavras de perdão nos lábios exangues e desbotados, quando, nos Seus últimos momentos, teve para os Seus algozes esta frase que sensìvelmente choca todos os corações bem conformados: «*Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem*».

Nasceu, enfim, o Salvador do Mundo que os homens tão ignominiosa e selvàticamente maltrataram. Nasceu... Sim, nasceu; mas... ¿em quantos corações não estará Êle ainda por nascer?...

Sim, porque, sendo Rei, a Sua soberania não é de natureza ou ordem mundana, mas de natureza e ordem celestiais; não é terrena, não é material, mas, sim, divina, espiritual, pois que, como Êle próprio o disse, *o Seu reino não é dêste mundo.*

Santifiquemos, pois, a Deus; e, gravando os ensinos do Seu amado Filho em nossas almas, glorifiquemos Jesus, acompanhando os Espíritos de Luz nos seus hinos de saüdação e de louvor, nos seus cânticos de amor rejubilante:

«*Hosana, Hosana in excelsis!...*

«*Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade*».

ESPIRITISMO — CIÊNCIA SUPREMA

pelo Dr. Inácio Ferreira
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Uberaba

I

O Dr. Inácio Ferreira é um dos espiritas militantes mais admirados e discutidos no Brasil. Médico psiquiatra, escritor cintilante, cujas obras passaram as fronteiras do seu país e alcançaram as repúblicas sul-americanas, vertidas na língua de Cervantes, director do Sanatório Espirita de Uberaba, aceitou gostosamente o cargo de redactor-correspondente de Estudos Psíquicos *nesta última cidade brasileira.*

Mercê das dificuldades impostas pela guerra, só agora nos chegou às mãos a primeira série de artigos que há muito nos prometera. Estamos certos de que os leitores apreciarão devidamente êste novo colaborador, não só em virtude da sua autoridade, como também pela leveza do estilo aliciante que exorna a sua pena.

Nós, que o temos acompanhado desde a inauguração do sanatório que dirige com grande proficiência; que lhe conhecemos a maioria das produções e sabemos quanto são úteis à propaganda do Espiritismo; que temos admirado o desassombro de suas atitudes e a lealdade e sinceridade com que se dirige aos colegas médicos, convidando-os a estudar a nossa doutrina, nós, repetimos, temos a certeza de que o seu nome se imporá em Portugal, como se impôs na Terra do Cruzeiro.

¡Seja benvindo, pois, a êste grémio de lutadores, onde conta amigos diletos que se entregaram, como êle, à defesa da Causa!

DR. INÁCIO FERREIRA

SUBMETIDA à lei da evolução, que se faz sentir em tôdas as coisas e acontecimentos do Universo, a Psiquiatria tem-se visto constantemente abalada nos seus alicerces, agitada pelas discussões constantes entre aquêles que se entregam e se dedicam ao estudo dos desiquilíbrios nervosos e psíquicos.

Assim é que, despertados pelas inovações que caracterizam os factos que falam à razão e ao raciocínio, diversos psiquiatras, estudiosos e evolucionistas, se entregam a investigações e estudos novos, abandonando teorias antigas que não resistem à análise, e aos factores que despertam o senso clínico, a ânsia de minorar sofrimentos, a necessidade de nova catalogação, convencidos de que ainda não existem teorias exclusivas.

As divisões e os quadros sinópticos que ainda são necessários para facilitar estudos e investigações, auxiliando a memória, até agora não passam, todavia, de comodismo provisório, constantemente sujeitos a acrêscimos, modificações e eliminações.

A geração môça, dinâmica e evoluída, respeitando os ensinamentos dos mestres, conserva o respeito e a admiração, que impõem a idade e a prática, mas não se deixa entravar pelo tradicionalismo, pelas teorias que não correspondem aos factos.

Vêem, anotam, percebem e se lançam no campo das perquirições e investigações, freqüentemente impelidos pelos casos estranhos, para cuja etiologia não encontram, nos compêndios actuais, a explicação precisa que desanuvie as suas dúvidas e as suas incertezas.

Factores, causas mórbidas, sintomas e

orientações que enfeitam as páginas dos compêndios dos mestres, constituíndo o *magister dixit*, não passam de um produto do esfôrço e da inteligência, merecendo respeito, veneração, como símbolo do trabalho.

Da luta dos novos, resultando quási o arrasamento das teorias dos velhos, advêm as discussões científicas sempre necessárias, precisas, imprescindíveis, mesmo, para a boa orientação do estudo, obrigando a novas investigações e, conseqüentemente, a novas teorias, mais concretas e mais capazes de harmonizar os factos.

Às teorias materialistas, vamos insensìvelmente juntando as teorias espiritualistas, resultando, das duas, melhores classificações e dúvidas e incertezas menos em desacôrdo com os factos, prognósticos e terapêuticas.

Partindo de Bleuler, sem que tomemos em grande conta as teorias primórdias plenas de maldade para com os loucos, quando não caíndo no terreno miraculoso ou diabólico, podemos notar a transformação sensível até chegarmos ao advento da psicologia tão reforçada pelos ensinamentos, embora falhos, de Freud.

De facto, a psicologia vem destruir, continua e continuará a destruir as teorias materialistas, que vão sendo cada vez mais relegadas para a história.

A psicologia, com o estudo dos sentimentos do «eu», da personalidade, tem desviado para a psiquiatria inúmeros casos até então pertencentes às diversas especialidades que contavam e contam com os meios materiais, mormente laboratórios, microscópios e bisturís.

Ela trouxe um contingente bem grande de casos onde os elementos materiais de cura não influem, cedendo o lugar aos conselhos, ao regime, à mudança de ambiente, à doutrinação do próprio «eu».

A passos largos, a psicologia está arrastando a psiquiatria para o terreno espiritual, com o estudo da alma, da imortalidade, da reencarnação, da actuação dos espíritos, dos desencarnados, sôbre os encarnados.

Autores estrangeiros, não pressentindo a verdade codificada por Kardec e nem mesmo admitindo as suas teorias e ensinamentos, já se referem aos casos de loucura sem lesão cerebral, tentando explicá-los pelos factores psicológicos, pela actuação do meio, pelo desequilíbrio do esfôrço na luta pela vida cotidiana. Por vezes, encontram embaraços no seu caminho, e aquilo que desejam explicar fica sem solução, embora suspeitem o porquê e reconheçam a impossibilidade de aceitação dos princípios e das teorias antigas.

Já é bastante significativo o reconhecerem êsses desequilíbrios mentais sem lesões características e capazes de produzi-los; e mais significativo, ainda, é que confessem suas dúvidas e suas incertezas a respeito do *magister dixit*, sem mesmo tentar explicações que suas próprias consciências, estudos e investigações, não aceitam como plausíveis e capazes de novas orientações.

Está-se chegando ràpidamente ao limite especificado pela matéria e alguns já procuram lançar os olhos sôbre o passado, demonstrando temor e receio pelas teorias antigas, compadecidos mesmo de tanto esfôrço, tanto trabalho e tantos tratados perdidos.

Está-se chegando ao limite máximo oferecido pelos laboratórios, pela física, química e instrumentos cirúrgicos, porque ainda não foram capazes de encontrar a alma, o *primum movens*, o princípio vital que sustenta o corpo, alimenta e elabora os sentimentos.

Estamos na época da dúvida e da interrogação, época que sucedeu à fatuïdade, ao orgulho, à grandeza.

Mais um passo e entrar-se-á na pesquisa da alma, à procura do *espírito*, no estudo da relação entre o mundo visível e invisível.

A Psiquiatria tem sêde de explicar e procurar a origem dos diversos factores que impedem a sua marcha ascensional.

As obras kardecistas aí estão.

Os centros espiritas bem dirigidos pululam por tôda a parte; e mais, muito mais do que tudo isso — os médiuns vão aparecendo e, com êles, os fenómenos que despertam a atenção dos homens de ciência, obrigando-os a voltar aos gabinetes de pesquisas.

Para a Psiquiatria, inúmeros hospitais espiritas receberão, brevemente, a visita disfarçada dos sedentos de coisas novas, e êles as encontrarão, porque seus espíritos foram, de antemão, preparados para auxiliares da evolução, fazendo com que a arte de curar, mormente a Psiquiatria, se transforme no rôlo compressor a nivelar o caminho até então percorrido, corrigindo, consertando, reparando, para que a estrada, sem tantos escolhos, permita o trânsito a todos os de boa vontade, a todos que querem prosseguir, prosseguir sempre, à procura do que é verdadeiro e divino.

Apresentamos, sempre, pelas colunas da *Revista Internacional do Espiritismo*, inúmeros casos que merecem a atenção dos homens de ciência, mormente daquêles que consa-

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

C) Sensibilidade

por Ramos Pereira

«UMA coisa é sentir e outra é perceber o objecto da sensação que deve ser relacionado a outra faculdade», — disse T. Reid com o fim de distinguir o fenómeno emotivo do cognitivo.

Houve tempos em que se não diferençava a sensibilidade do conhecimento e daqui o estudo imperfeito da psicologia humana. Mas sem que haja oposição, há diferença: o fenómeno afectivo varia com o sujeito e o cognitivo é sempre idêntico; o hábito e a repetição embotam a sensibilidade e apuram o conhecimento; no conhecimento há o «eu» e o «objecto»; na sensibilidade domina a modificação do «eu».

Começa por manifestar-se em fenómenos elementares, *substractum* de outros: «elementares afectivos», que provocam modos de ser complexos e mais ou menos duradoiros — estados afectivos. Além disto, a sensibilidade abrange as tendências, normais ou violentas, mas sempre inatas.

Entre os primeiros, temos a sensação e o sentimento. A sensação é o elementar afectivo causado por uma modificação fisiológica, entendendo nesta modificação a sensação representativa. Ela é, pois, mais uma impressão de agradável ou desagradável que acompanha o fenómeno cognitivo. Assim, uma sensação representativa varia em função do excitante entre os limiares diferenciais da percepção; mas o que varia apenas é a sua intensidade, que não a sua essência; o som pode variar em altura, intensidade e timbre, que a sensação sonora é sempre a mesma. Dentro dos limiares, porém, as sensações afectivas variam gradualmente, desde o muito agradável ao insuportável. Forçando um pouco, poderemos dizer que à variação quantitativa da sensação representativa corresponde uma variação qualitativa da sensação afectiva.

O sentimento é um elementar afectivo provocado por um fenómeno psicológico. Daqui se depreende a diferença entre êste e a sensação. O sentimento não muda de cambiante ao variar de intensidade, pois que a actividade intelectual e moral não conhece os limites da mediania sensorial do órgão. Mas a sensação e o sentimento andam unidos, sem que entre as suas intensidades haja proporcionalidade.

Suponhamos um corpo a vibrar. O ouvido recebe a excitação e a consciência percebe-a sob a forma duma sensação representativa. Concomitante, advém a sensação afectiva de agradável ou desagradável, que provoca o sentimento de satisfação, alegria ou de aborrecimento, de enfado. Não há, todavia, uma relação de proporcionalidade, quer quantitativa, quer qualitativa, pois que à sensação fraca se liga muitas vezes um sentimento forte e a uma sensação penosa um sentimento de alegria.

Além dêstes, há elementares afectivos puros, independentes de qualquer objecto consciente. Contudo, mesmo nestes, uma análise profunda consegue vislumbrar sempre uma causa fisio ou psicológica, sob a forma de um estado geral.

Embora com características diferentes dos representativos, estes elementares são verdadeiros fenómenos de consciência e, como tal, submetem-se às mesmas operações e leis que aquêles.

Adrêdes a estes, acompanhando-os sempre como fenómenos simples, irredutíveis, indefiníveis, vêm os elementos afectivos — prazer e dor.

---

gram seus esforços e a sua ciência ao terreno da Psiquiatria.

Oxalá que casos, assim, apareçam às dezenas, às centenas, aos milhares, atraíndo a atenção dos pesquisadores, daquêles de boa vontade e que, paralisados, olham para trás, não pretendendo recair no êrro, e lançam as vistas para a frente, à espera de divisar o ponto luminoso, o marco orientador para a sua futura caminhada...

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho a Dezembro de 1944.

II — Prazer e dor

Epicuro, Kant e Schopenhauer, e com êles todos os pessimistas, afirmam que só a dor é real, conclusão que tiram do seguinte raciocínio: «viver é lutar; ora, a luta é um esfôrço; e, como todo o esfôrço é doloroso, viver é doloroso. ¡Os optimistas, com Leibniz, concluem pela realidade única do prazer, com um raciocínio semelhante ao anterior!

Bastará pensar um pouco, para que vejamos que. se viver é, por vezes, penoso, outras é progressão agradável. Estas propriedades do fenómeno afectivo são factos positivos, mas não exclusivos nem necessários, pois que há estados neutros.

¿Mas qual será a causa do prazer e da dor? Segundo Hamilton e Spencer, opinião que partilhamos, a causa reside num coeficiente de acção, variável com os indivíduos. De facto, quando nos esforçamos em demasia, temos uma sensação penosa, contrária à que sentimos quando não dispendemos mais do que o coeficiente de acção disponível. Grote estabeleceu uma lei, relacionando a actividade dispendida com a disponível: no equilíbrio há prazer, no desequilíbrio há dor.

Todavia, no fenómeno não há apenas intensidade, mas ainda o modo e o sentido. Isto é, a lei de Grote não abrange os cambiantes entre o prazer e a dor. Façamos-lhe, pois, um complemento qualitativo: — a actividade que favorece o desenvolvimento do ser causa um prazer positivo e, no caso contrário, uma dor positiva; se suspendermos a actividade não dirigida para o desenvolvimento do ser, teremos uma dor negativa que, no fundo, é um prazer; a suspensão da actividade dirigida para aquêle fim, causa um prazer negativo, que é a dor.

III — A comoção

É um estado afectivo forte e complexo provocado por uma reacção organo-mental do indivíduo, sob acção interna ou externa. Se é violenta e de curta duração, temos a comoção choque; quando lenta e estável, a comoção-sentimento.

Para explicar a comoção, há a necessidade de congraçar a teoria psicológica com a teoria periférica de Lange e William James. Com efeito, em qualquer comoção notamos (e principalmente na comoção-choque) a existência de três fases:

1.ª — excitação periférica
2.ª — modificação psicológica
3.ª — reflexos fisiológicos

O ponto de partida da comoção é, realmente, o elemento psicológico, mas êste tem como origem a excitação periférica. «Uma comoção humana, sem relações com o corpo humano, é um puro não-ser. Quanto mais examino os meus estados internos, tanto mais me convenço de que as modificações orgânicas, que outros dizem ser simples conseqüências e expressões das nossas afeições e paixões fortes, lhe constituem, pelo contrário, o tecido profundo, a essência real; cada vez me parece mais evidente que, tirar-me tôda a sensibilidade do meu corpo, equivaleria a tirar-me tôda a sensibilidade da minha alma, com todos os meus sentimentos, tanto ternos como enérgicos, e condenar-me a arrastar uma existência de espírito puro, que só pensaria e conheceria» (William James).

Analisemos agora as diversas comoções.

Mêdo — Muitos afirmam que, em análises como estas, apenas se faz jôgo de palavras, sem explanar ou aclarar idéias, preferindo assim a sinonimia dos têrmos à determinação de cambiantes. Contudo, parece-me que se torna necessário destrinçar o mais possível aquêles cambiantes, afim de evitar confusões que não têm razão de ser. Assim, o susto, o pavor e o mêdo propriamente dito, não exprimem a mesma coisa em absoluto, mas antes os aspectos da mesma coisa.

Quer no susto, quer no pavor, notamos fàcilmente a característica da comoção-choque, revelando-se o mêdo mais como uma comoção-sentimento.

O susto e a sua forma violenta — o pavor súbito — têm como origem a excitação periférica, causada por um objecto. As qualidades sensíveis dêste impressionam a sensibilidade, sob a forma de estado característico. Tem-se a impressão de que os centros nervosos se sobrecarregam, resolvendo-se depois numa verdadeira descarga. A terceira fase — modificações psicológicas — é precedida dum verdadeiro espasmo, em que o coração parece parar; os músculos retezam-se e o corpo enrija; há quem leve as mãos à garganta ou aos olhos.

Passada a causa, a superexcitação ner-

vosa decai gradualmente numa sucessão de efeitos, que variam conforme a sensibilidade do sujeito, mas que podemos agrupar:

— Efeitos térmicos — sensação de frio nas extremidades dos membros.

— Efeitos vaso-motores — palpitações cardíacas desordenadas.

— Efeitos motores — leves tremuras ou longos arrepios pelo corpo, principalmente nas mãos, pernas e dôrso.

E ainda:

— Fortes nevralgias, soluços fundos ou chôro convulsivo, gritos estridentes ou sons roucos, etc.

No pavor ou terror, as mãos enclavinham-se, agarram-se a qualquer objecto, com fôrça extraordinária; a garganta seca e o passivo umas vezes não consegue soltar palavra, outras, emite gritos estridentes, nervosos, que o enrouquecem. Atingindo o cume, há indivíduos que desmaiam; outros, quebrados de fôrças, caem como farrapos, tremendo, batendo os dentes, cobertos de suor, como se os devorasse uma febre violenta; murmuram frases sôltas, sem nexo, um articular semi-louco, recobrando lentamente a normalidade. Em sensibilidades muitos apuradas, esta comoção pode conduzir à loucura.

Sob o aspecto de comoção sentimento, o mêdo começa a revelar-se por inquietação, por sobressaltos contínuos, pensamentos cada vez mais dominantes, derivados dum activo trabalho subconsciente. Vem a seguir a preocupação que, aos poucos, evolui para a obsessão, para o mêdo propriamente dito. Êste provoca sustos, terrores súbitos, mantendo o indivíduo num estado de extrema excitação nervosa. O sujeito esgota-se física e moralmente, sente necessidade de que lhe façam ver a inanidade dos seus terrores. O grande analista que foi Stefan Zweig descreveu magistralmente estas fases na sua novela «O Mêdo».

Abrangendo num golpe de vista o conjunto, podemos esquematizar o mecanismo desta comoção essencialmente psicológica.

Fase ante-mêdo

1.º — O acto
2.º — Consciência do acto
3.º — Trabalho subconsciente
4.º — Inquietação
5.º — Preocupação

Mêdo

1.º — Obsessão
2.º — Alucinação
3.º — Sustos e pavores intermitentes, com períodos de calma
4.º — Cansaço físico-psicológico
5.º — Fortes crises nervosas com lágrimas e auto-recriminações.

¿Como termina esta forma patológica da comoção? Aos poucos, o próprio ser pode ir-se revoltando contra aquela subjugação e acabar por dominar a comoção pela vontade; mas fica sempre um resto que, de tempos a tempos, se pode fazer sentir com maior ou menor intensidade. Desta forma, o mêdo não cessa.

Mas, quando o indivíduo se sente perdoado pelo acto que praticou, forma-se uma comoção-sentimento que acaba por neutralizar a primeira. É êste o mêdo do castigo, do assassino, do ladrão, do adúltero.

Cólera — É verdadeiramente uma comoção-choque, pois que não tem grande duração. Nela poderemos distinguir três fases, em que a terceira é a conclusão, o regresso lento à normalidade:

1.ª — Pré-comoção
2.ª — Cólera
3.ª — Post-comoção

A princípio, o indivíduo, ainda em estado normal, toma consciência dum objecto ou facto, duma imagem, acto ou idéia que lhe ferem a sensibilidade, brusca ou lentamente, conforme a sua capacidade emotiva e o temperamento do passivo. Isto interrompe a corrente normal da consciência, despertando a atenção; certas características ressaltam do todo, reflectindo-se na sensibilidade. A animalidade desperta, acodem verdadeiros desejos brutais de dèsfôrço. Fisiològicamente, os efeitos são muito variáveis; geralmente, a temperatura cerebral aumenta, diminuíndo na periferia; as mãos e, mais freqüentemente, a fronte, cobrem-se de suor frio; os músculos do pescoço entumescem, os maxilares cerram-se, os lábios descorados unem-se numa linha dura, os olhos abrem-se, de capilares entumescidos, etc. É impossível mencionar todos os efeitos(pois que cada indivíduo reage de sua maneira; se há os que gritam, ameaçam ou ferem, há os que se consomem em atenção concentrada no objecto; se há os que são capazes dos maiores desvarios e brutalidades, há os que friamente se dominam, mal se notando o seu estado de alma.

Podemos agora enunciar algumas leis

A JUSTIÇA DO MESTRE

(Da revista «Fon-Fon», de 13-11-937)

por Pedro Mac Cord

FOI nos Estados Unidos, há anos atrás. João Fergunson fôra condenado à morte, por homicídio, praticado na pessoa do seu desafecto, Ricardo Donald. Clive Mac Guire, também envolvido, em face de provas circunstanciais, conseguiu provar a sua inocência no caso, valendo-se, ainda, de notável influência, a-pesar-de ser, efectivamente, o verdadeiro criminoso.

Por maior que seja a justiça dos homens, esta pode falhar. E foi assim que, esgotados todos os remédios judiciais, frustados todos os recursos da lei, a execução de João Fergunson, na cadeira eléctrica, estava marcada para o dia seguinte.

Naquêle momento, João Fergunson recebia a última visita de sua mulher, única pessoa a quem, na verdade, havia amado com loucura.

— João, meu amor!... ¡Que coisa horrível!... ¿Como poderei suportar tamanho sofrimento, tamanha agonia, sabendo-te inocente e vendo-te, também, sofrer, assim?... Oh miséria humana!... Enquanto padecemos tanto, aquêle infame, o Mac Guire, está livre, impune e feliz, rindo-se, uma vez mais, de nós... Mas, não!... Não consinto!... Isso é um crime monstruoso... ¡Êles não te levarão assim!... Não levarão!...

João Fregunson,ao contrário do que vinha sucedendo dias antes, estava calmo, àpresentando serenidade na fisionomia. Dir-se-ia, com o mesmo corpo. Até o brilho habitual mesmo, que estava ali outro homem, embora dos seus olhos, acentuadamente azuis, era diferente. Acariciava com ternura e simplicidade, a companheira, mas os seus gestos pareciam abstratos, alheios ao drama que representava.

— João, porque não falas? Dize, por favor, alguma coisa...

João passou a mão pelos cabelos louros de Marion. Depois aproximou-se dela. Beijou-a, delicadamente, nos lábios e nos olhos bonitos, agora lavados pelas lágrimas, dizendo, então:

— Querida Marion, não chores mais, peço-te. Aconteceu esta noite um facto estranho comigo, um facto misterioso, mas aconteceu, de verdade...

— Aconteceu? ¿Aconteceu o quê, meu querido?

— Recebi esta noite uma visita...

— Visita? — interrogou, inquieta, Marion.

— Sim, minha Marion; parece mentira, mas juro-te que falo verdade. Êle esteve aqui esta madrugada, junto de mim...

E os olhos de João voltaram-se docemente, para o alto, procurando alguma coisa perdida, enquanto suas mãos continuavam à acariciar os cabelos dourados da sua Marion.

— É natural, Marion. Eu mesmo não compreendo bem. Foi tudo tão esquisito, tão estranho, mas tão maravilhosamente belo, que chego a não compreender bem. Mas sei que é verdade. Senta-te aqui... Vou procurar contar-te o que sucedeu...

E Marion sentou-se ao lado de João.

— Eu estava num estado de agitação atroz. Sofria tanto, tanto, que julguei enlouquecer. Só a tua lembrança e a recordação do teu afecto me conseguia acalmar um pouco... O desespêro, por fim, atingia o paroxismo. Não podia dormir. Não podia deitarme. Não podia andar. Nem, mesmo, podia pensar. Acordado, dentro da noite que se prolongava, sentia-me acovardado, com um pavor medonho de enfrentar a morte. Sentia

---

gerais sôbre a comoção-choque, apesar das variantes que cada uma delas comporta.

1.ª — A intensidade do excitante e da comoção variam em razão directa.

2.ª — A intensidade da comoção é função da sensibilidade individual.

3.ª — A tôda a comoção se ligam, reflexos fisiológicos.

4.ª — A vontade é o grande antídoto da comoção.

As comoções-sentimentos serão estudadas nas paixões, pois que as analogias são tão flagrantes, que julgo erróneo supor uma distinção. Ambas são fundamentalmente psicológicas, embora visando sempre um objecto.

o momento final, que se aproximava, e enlouquecia aos poucos, debatendo-me nas paredes espectrais... Foi um sofrimento indescritível... No auge, porém, da alucinação, senti uma espécie de tontura, de enfraquecimento mental, um torpor estranho, que invadira o meu corpo, as minhas carnes, o meu espírito. Foi quando, num estado de semi-consciência, Êle me apareceu... Eu vi-O... Era o Mestre... ¡Era o Filho de Deus!...

Impressionada, Marion abraçava, com fôrça, João, que prosseguia o seu relato:

— E como era belo!... Talvez um pouco mais velho do que as pinturas existentes, mas, realmente, belo, assim mesmo... E aquêles olhos divinos, meigos, bondosos... E aquelas mãos finas, delicadas... Sim, era Êle, o Filho de Deus...

«Marion; naquêle instante, senti um mundo diferente dentro de mim. Vi num segundo a essência da beleza universal, cheia de arte, cheia de sinfonias maravilhosas... Mas, preguntava a mim mesmo: «Estarei louco?» Não, não estava. Era Êle, sim. E falou:

— ¿Que tens, meu filho? Porque sofres tanto?

— ¡Ah, meu Pai, perdoai-me... Mas, não suporto isto, não posso suportar... Condenaram-me injustamente... Não matei ninguém. Tenho mêdo de morrer... Tenho mêdo...

E Êle disse-me:

— É verdade, meu filho. Sei que não mataste. Mas, ¿acaso não tiveste a intenção de o fazer?

— Sim, meu Pai, — respondi —. Perdoai-me também por isso...

— Filho, ¿não sabes que a intenção é a cousumação espiritual do delito? Os homens não a julgam, porque não a podem sentir... Mas, acalma-te. Não crês em mim?

— Sim, meu Pai. Creio em vós.

— Não é verdade, porque, se acreditasses, não sofrerias tanto, pois a resignação te confortaria o espírito. Condenas os homens que te julgaram... ¿Mas sabes que êles, embora inconscientemente, obedeceram às determinações naturais das leis da Vida? Passaste tôda a existência, como muitos outros, alheios à verdadeira Vida, matando-a, aguardando, cheio de ambições, a marcha do tempo, odiando, quando só de afecto poderias viver, e agoras sofres, quando vês chegado o fim dessa experiência, que tu próprio destruíste? E porquê? Não podes ver a verdade... Eu ta mostrarei: Vem comigo.

— Mas, meu pai — exclamei, atónito, — sou um homem prêso. Estou aqui encarcerado, não posso sair...

— Meu filho, estás, sim, encarcerado na matéria que envolve o teu espírito e que te levou a esta miséria, dentro das suas imposições... Vem comigo... Mas vem em espírito, que êles só querem o teu corpo. Êsse, deve ficar aí, aguardando o último momento. «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». O corpo é dêles, dos homens que te julgaram. O espírito é do Criador. Êles não poderão, jamais, prendê-lo. Vem comigo e tem fé. Então, verás, espantado, as montanhas, a terra, os astros abrirem caminho, diante da tua fôrça incomensurável. Vem comigo e volveremos a mil e tantos anos atrás...

— Pai, isso seria possível? ¿Não estamos no ano de mil novecentos e trinta e quatro?

— Filho, ¿que será, pois, o tempo? Existirá realmente? A humanidade é uma só e os factos são sempre os mesmos. Ontem, hoje, àmanhã. O tempo é a divisão dum todo, que os homens criaram, para poder contar a aproximação da sua derrocada orgânica, com o final do drama das suas paixões, ambições e descontentamentos. O Criador deu aos homens o Paraíso, cheio de preciosas relíquias, de riquezas inexauríveis, e êles consomem-nas para o mal. Transformaram a dádiva recebida em ódio recalcado. Vem, meu filho, vem comigo e verás que o passado, o presente e o futuro são entidades imaginárias, a pretexto das quais se repetem, sempre, as mesmas corrupções. Vem comigo e verás o mundo que o Criador ofereceu ao homem. Verás o sonho transformado em doce realidade. Verás a verdade no que julgavas fantasia, e mentira no que julgavas realidade. Sentirás, feliz, o perfume das flores do Sol, a imponência da Natureza, a melodia constante e suave dos pássaros, cântico sagrado do Amor, a maravilha inaudita da perfeição, que é a síntese de tôdas as coisas que Êle criou. Verás a grandeza do Cosmos e sentirás, enfim, também, a grandeza de Deus, na magnificência da Bondade, da Justiça e do Direito. Então, já liberto das insuflacões materiais, liberto, enfim, dos estertores da carne, terás diante dos olhos a Verdade e serás superior, em espírito, a todos os outros.

Eu obedeci. Senti indefinida sensação. Transformei-me em espécie de fluido. Olhei para o lado e vi, satisfeito, o meu corpo cansado. ¡Que impressão grandiosa a que eu sentia, naquêle instante supremo! Vi desaparecer todos os obstáculos. Sorri da espes-

sura destas paredes, que tanto me apavoraram. Penetrava nelas, com a maior facilidade... Deixei, finalmente, o corpo. Tudo era tão soberbo, tão humanamente impossível, que não posso, novamente corporificado, descrever-to. Vi tudo, porque verifiquei, paradoxalmente, a existência do próprio nada. Ah, Marion querida, fora das paixões, dos desmandos da carne, tudo é perfeito e harmónico...

Maravilhei-me, porque tudo o que me foi dado ver já existia anteriormente, mas os meus olhos preocupados, nada até então haviam visto, na realidade.

Era a mesma Natureza. Era o mesmo Sol. Era a mesma brisa. Era a mesma lua, espargindo, em filtrações de prata, a poesia da Vida. E, Marion, nessa apoteose, vi-te, também, a ti. Senti, mais fortemente ainda, o teu amor e a sua verdadeira expressão, em face dÊle. ¡Que sensação, Marion, que carinhosa felicidade me inspiravas! Depois, Êle conduziu-me ao local, onde, há milénios, O crucificaram pelo crime de ser bom. Vi, com os meus olhos, a tragédia do Gólgota. O povo e os soldados, raivosos, irados, chicoteavam-nO, maltratavam-nO. A resignação era a sua única arma. Sofria assim, porque necessitava de sofrer para o bem comum, certo de que a todos ficaria reservada pequena parcela daquele martírio. No caminho, no meio do cortejo odiento, surgiu uma mulher, assim como tu, Marion. Era Maria, a mãe dÊle, assistindo ao Santo Filho apedrejado pela inconsciência humana. E Maria, aproximando-se, disse:

— Meu filho, ¿Que fizeste para sofrer tanto?

Êle respondeu:

— Mãe, o sacrifício de teu filho é o produto do ódio da Humanidade. Não condenemos o inevitável. Maria, a fé é a sublimação da vontade de meu Pai. Com ela, o próprio mundo se modifica, a própria morte é impossível. Àmanhã, ressuscitarei, para a glória infinita de Deus...

Depois, vi o Mestre, o maior de todos os filósofos, crucificado, em meio da revolta dos elementos que protestavam, numa tormenta atroz. A seguir, Marion, Êle conduziu-me até aqui, devolvendo-me ao corpo. Supliquei-lhe me fôsse permitido conduzir-te comigo para a grande viagem. Disse-me que não, pois, mais tarde, nos reüniríamos. E desapareceu, deixando-me o perfume sublime da sua inspiração.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

O sexto ano de existência desta revista depara com dificuldades crescentes, cujos efeitos não podemos avaliar nêste momento. O dia de amanhã continua a ser um ponto de interrogação. Quando sai um número, não sabemos as condições que serão impostas ao número seguinte. Andamos à mercê dos tempos e das circunstâncias.

Nesta conformidade, somos obrigados a formular, mais uma vez, o nosso apêlo aos amigos de «Estudos Psíquicos», para que nos tragam o necessário auxílio. O que êles fizeram no passado é meritório e louvável e deixa entrever o que poderão fazer no porvir.

A nossa intenção é, já agora, manter o preço da assinatura, a despeito dos obstáculos ocorrentes. Aquêles que não possam ingressar nêste «Núcleo de Amigos», dariam prova de dedicação à revista, se lhe angariassem novos assinantes.

Temos o prazer de acusar a recepção dos seguintes donativos:

F. M. G., do Rio de Janeiro.....	500$00
António da Silva Braga Júnior, de Coimbra	64$00
Mateus Borges Leal, de Fonte do Bastardo, Ilha Terceira	70$00
José Farinha, de Angra do Heroismo	20$00
José Morais Dias, de Braga	25$00
Tenente Vieira de Figueiredo, de Santarém	17$50
D. Maria dos Milagres, de Lisboa...	50$00
Manuel Urbano Alves, de Faro ...	50$00
Total.....	796$50

Aí está, Marion, porque estou calmo, e, realmente, feliz.

Vai e até breve, pois cêdo nos encontraremos. Será a redenção dos nossos próprios erros, mas suplico-te que, justamente na hora da minha execução, te dirijas, em prece, a Êle, cheia de satisfação, pedindo, através do teu perdão, a continuïdade indefinida do nosso amor, porque êle deverá ser, também, a essência de sua glória eterna.

João Fergunson foi electrocutado, com um sorriso nos lábios, enquanto Mac Guire, tempos depois, era assassinado, misteriosamente, numa rua de Chicago. Resta, agora, uma pregunta:

¿Teria sido fenómeno alucinatório a revelação de João Fargunson à esposa?...

UM PLEITO SENSACIONAL

A viúva de Humberto de Campos é condenada nas custas e selos do processo

O Poder Judiciário não é órgão de Consulta, eis o que se depreende da douta sentença lavrada pelo Juiz da 8.ª vara Cível do Rio de Janeiro, Dr. João Frederico Mourão Russel.

CAIU o pano sôbre o 1.º acto do rumoroso processo movido pela viúva do escritor Humberto de Campos contra a Federação Espirita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier, a que *Estudos Psíquicos* deu o maior relêvo no último número e que tamanha impressão causou nos leitores.

A Federação Espirita Brasileira contestou imediatamente, por intermédio do Dr. Miguel Timpani, o qual reduziu a estilhas a Acção Declaratória da viúva, facilitando assim a tarefa do meretíssimo Juiz da 8.ª vara cível, a quem os autos estavam adstritos.

Mais uma vez é *Mundo Espirita* que tem a palavra. Jornal consciencioso e dinâmico, de grande equilíbrio de opinião, acompanha o assunto com verdadeiro interêsse ideológico e dá-nos elucidativo resumo dos factos:

A Federação Espirita Brasileira — diz o articulista — já fêz entrar em juízo a sua contestação ao pedido formulado na acção declaratória movida pela espôsa do falecido escritor Humberto de Campos.

A contestação apresentada, que contém nada menos de 204 páginas dactilografadas, é, na verdade, um trabalho portentoso, excepcional peça jurídica que honra o seu autor, como jurista emérito, possuïdor de profunda cultura, de vasta erudição.

O Dr. Miguel Timponi, que é o advogado da Federação, tendo como imediatos auxiliares os Drs. Nelson Martins Paixão e Francisco Nogueira, demonstrou exuberantemente nas suas alegações jurídicas um perfeito conhecimento da causa que lhe fôra em boa hora confiada, e isto porque a estudou com especial atenção sob todos os aspectos que ela comportava, sustentando brilhantemente três preliminares que, se conhecidas pelo honrado julgador, lhe garantirão a pretendida absolvição da instância.

A sustentação dessas preliminares de tal forma está apoiada na autoridade dos mestres e de tal maneira se acha exposta na cerrada e irrespondível argumentação, que dificilmente, assim o supomos, poderá o Meretíssimo Juíz julgador da causa deixar de aceitá-las.

Na impossibilidade de dar a conhecer aos leitores o teor dessa magistral peça jurídica, pela sua extensão e carência de espaço, o que, sem dúvida, será oportunamente feito em memoriais a distribuir pela Federação, vamos dar ligeiro resumo do que pudemos colher da rápida leitura dos autos que fizemos, em cartório, para satisfazer a natural ansiedade em que se encontram os nossos leitores.

Inicialmente, articula o provecto patrono da Federação a impossibilidade em que estão os nossos tribunais de derimir a contenda ajuïzada, em face do que estatui a nossa Constituïção. Assim, inicia êle a sua formidável contestação:

Pede a inicial que o Poder Judiciário declare por sentença se *é* ou *não* do Espírito de Humberto de Campos a obra literária que menciona, o que vale dizer que declare, por sentença, a sobrevivência ou não do Espírito e a possibilidade ou impossibilidade da sua comunicação com os vivos.

Ora, a tese da sobrevivência do espírito constitui precisamente a velha controvérsia que divide as doutrinas religiosas, as escolas filosóficas e as correntes científicas.

¿Como poderão os nossos tribunais dirimir uma contenda dessa natureza? Afirmar ou negar a sobrevivência do espírito seria, em última análise, decretar a oficialização dum princípio religioso, filosófico ou científico.

Será isso possível?

Não — respondem os estatutos políticos de tôdas as nações cultas do mundo. Não, é o que confirma a nossa Constituïção, que garante a liberdade de crença e de culto religioso. (Const., art.º 123, § 4).

* * *

Como se vê, os R.R. apõem à pretenção da A. o princípio constitucional. Invocando o art.º 122

da Constituïção Federal, evitam, assim, o pronunciamento da Justiça sôbre a palpitante questão que é o reconhecimento legal da mediünidade.

Juridicamente, tem inteira procedência o fundamento invocador.

A impossibilidade da prova

Passa em seguida o ilustre advogado a sustentar a impossibilidade da prova requerida.

Estuda detidamente o fenómeno mediúnico em todos os seus aspectos, as condições personalíssimas dos médiuns e o meio ambiente necessário para a manifestação dos fenómenos.

Para ilustrar a sua irrespondível argumentação, cita trechos de Kardec, Richet, Henri Regnault, Thompson, Jay Hudson, Laponi, Gustave Geley, Ernesto Bozzano, Léon Denis e outros, para mostrar a impossibilidade da prova, nos termos e condições requeridos na inicial da Autora.

Mas, para que não pareça aos mais exigentes que a Federação se esquiva à acção judicial com receio do julgamento final, assim inseriu ela na sua defesa esta salutar advertência:

«É necessário que fique claramente consignado que a Federação não está a lançar mão duma alegação «ad causam», dum ardil ou duma evasiva para furtar-se à realização da perícia. Ao contrário, é um dever moral apoiar qualquer investigação ampla, metódica, severa e rigorosa, em que sejam observadas tôdas as condições inerentes à produção do fenómeno e sem os atropelos dos prasos processuais. Lamento, por isso, que não se tenha tentado fazer uma ampla investigação, como as determinadas pelas Sociedades de Investigações Psíquicas de Londres e dos Estados Unidos e de que resultaram conclusões e testemunhos inestimáveis.

Após uma ressalva da sua atitude no processo a que responde, conclui o douto advogado da Federação, levantando as três Preliminares, magistralmente sustentadas:

a) o petitório é ilícito e juridicamente impossível;

b) a petição inicial é inepta;

c) a acção declaratória é imprópria.

E a seguir entra no mérito da questão, desenvolvendo assombrosa argumentação doutrinária, jurídica, filosófica, científica e literária, que se estende em doze páginas dactilografadas, de estilo impecável, como, aliás, sói acontecer em todos os trabalhos do acatado e culto advogado.

E conclui nestes termos:

38 — Resulta de tudo isso que vem exposto que procede, à evidência, a preliminar levantada de que ao Poder Judiciário não cabe pronunciar-se em contendas que visem discutir os fundamentos das religiões, as razões da crença, os questões de fôro íntimo, os princípios filosóficos e científicos.

O prestígio da justiça brasileira há de ser mantido no conceito dos povos cultos do mundo — com o encerramento dêste processo, pela absolvição dos R. R. da instância.

É óbvia a razão. Qualquer que fôsse o pronunciamento judicial sôbre o mérito da causa, nos termos em que foi feito o pedido, declarando um facto possitivo ou negativo, estaria a justiça comprometida a julgar para o futuro tôdas as questões dessa natureza, violentando a liberdade de consciência e tornando-se instrumento odioso de lutas e disputas religiosas e fonte perene de tormentosas descrenças.

¡Basta de dissenções, de litígios e desarmonias! ¡Basta de sofrimentos e horrores!

O mundo geme ainda sob os destroços e as ruínas de uma guerra gigantesca.

A humanidade angustiosa anseia pela pacificação dos espíritos, farta de tantos desequilíbrios e de tantas injustiças.

Que no Brasil cada cidadão, tranqüilo e seguro no aconchego do seu lar, possa adorar a Deus a seu modo, segundo a sua fé e a sua crença, cooperando para a grandeza da sua pátria e para a paz da humanidade no exercício honesto do seu labor cotidiano.

Nos dias de provação, como nas horas de ventura, estejamos irmanados numa doce aliança de fraternidade e paz indestrutível dentro da qual deveremos esperar as claridades do futuro... Não nos compete estacionar, em nenhuma circunstância, e sim marchar sempre, com a educação e com a fé realizadora ao encontro do Brasil, na sua admirável espiritualidade e na sua grandeza imperecível...

Sursum corda!

39 — Nestas condições, em resumo, pedem os R. R., preliminàriamente, absolvição de instância, sob o tríplice fundamento:

a) o petitório é ilícito e judidicamente impossível (art.º 201, n.º 3 do Código de Processo Civil);

b) a petição inicial é inepta (art.ºs 160 e 201, n.º 6, do Código de Processo Civil).

c) a acção declaratória é imprópria (art.º 2, § único do Código de Processo Civil).

Caso, entretanto, na sua alta sabedoria, assim não houver por bem o ilustrado julgador, pedem, então os R. R. que seja julgada improcedente a acção (se a condicionalidade do pedido o permitir...) para

Na hipótese afirmativa do item 6.º da petição inicial, ser declarado:

a) que perante a lei civil, o autor da produção mediúnica é o único capaz de autorizar a sua divulgação;

b) que os herdeiros sòmente poderão exercer direitos autorais sôbre as obras, publicadas ou inéditas, que constituíam o património de Humberto de Campos, ao tempo da sua morte;

c) que os R. R., conseqüentemente, não estão sujeitos às sanções legais relativas à ofensa aos direitos autorais.

Na hipótese negativa (trata-se meramente da consulta da petição inicial), ser declarado:

a) que os R. R. não são passíveis da sanção prevista nos art.os 185 e 196 do Código Penal;

b) que a designação «*Espírito de Humberto de Campos*», nas obras mediúnicas, não é defenso por lei, eis que não compromete o nome do escritor e não prejudica o património dos seus herdeiros;

c) que, em conclusão, não tendo os R. R. causado dano, a nenhuma reparação estão sujeitos.

P. C. e R. da Justiça.

Rio de Janeiro, 8 de Agôsto de 1944.

Ass.) Miguel Timponi, — adv. inscrição 346.
P. P. Nelson Martins Paixão, — adv. inscrição S,782.
Francisco Nogueira, — adv. inscrição 94.

Despacho Saneador

Após a contestação, de que damos ligeiros tópicos, o Juiz Dr. Frederico Mourão Russel julgou a autora carecedora de acção, em virtude da *existência da pessoa natural terminar com a morte*, segundo o Código Civil. Para além da morte, já não há direitos, nem capacidade jurídica para os adquirir.

Eis a sentença em questão, que damos na íntegra, atento o seu valor, sob qualquer ponto de vista que se encare:

D. Catarina Vergolino de Campos, na qualidade de viúva de Humberto de Campos, propôs a presente acção declaratória contra a Federação Espirita Brasileira e a Livraria Editora da referida Federação, ambas com sede nesta Capital, à Avenida Passos, 30, e também contra Francisco Cândido Xavier, brasileiro, solteiro, funcionário público federal, residente em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas Gerais, para que se declare, por sentença, se são ou não *do «espírito» de Humberto de Campos as obras literárias referidas na inicial, que começaram a surgir, posteriormente à morte do grande escritor, atribuídas ao seu «espírito» e «psicografadas» pelo «médium» Francisco Cândido Xavier, segundo versão e técnica espiritas, obras essas reünidas em volumes e editadas pela Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, as quais são vendidas livremente, à inteira revelia da suplicante e de seus filhos, condominos dos direitos autorais da produção literária do «de cujos». Pregunta a suplicante se, no caso negativo, além da apreensão dos exemplares em circulação, estão os responsáveis pela sua publicação: passíveis da sanção penal prevista nos artigos 185.º e 196.º do respectivo Código; proïbidos de usar o nome de Humberto de Campos em qualquer produção literária: sujeitos ao pagamento de perdas e danos, nos termos da lei civil, e, no caso afirmativo, isto é, se puder ficar provado que a produção literária em aprêço é do «espírito» de Humberto de Campos, pede a suplicante que se declare: se os direitos autorais pertencerão exclusivamente à família de Humberto de Campos, ou ao mundo espirita; se, reconhecidos os direitos autorais, poderão os titulares dêsses direitos dispor livremente dessa bagagem, sem quaisquer restrições; se a Federação Espirita e a Livraria Editora estão passíveis das sanções previstas na lei pela publicação das obras mencionadas, sem prévia permissão da família do escritor.*

Contestando a acção, alegam os suplicados, preliminarmente — que o petitório é ilícito e juridicamente impossível (art.º 201 n.º III, do Cód. Proc. Civ.); — que a petição inicial é inepta (art.º 160 e 201, n.º VI, do Cód. Proc. Civ.); e que a acção declaratória é imprópria (art.º 2.º, § único, do Cód. Proc. Civ.) e sustentam, quanto ao mérito da questão, com grande abundância de argumentos e citações, a improcedência da acção.

Selados e preparados, vieram os autos conclusos para o despacho saneador, de acôrdo com o disposto no art.º 293 do Código de Prcesso Civil.

Segundo a opinião de Pedro Baptista Martins, nos «Comentários ao Código de Processo Civil», volume III, n.º 213, pág. 420, «o que há de novidade, na estruturação do despacho saneador, é a salutar amplitude que se lhe dá, peculiarizando-o como fase essencial do procedimento, em que se examina não só a concorrência dos pressupostos processuais, mas, igualmente, a convergência das condições da acção».

De facto, o n.º III do art.º 294, do Código de Processo, tal como foi redigido definitivamente, pelo Dec.-lei n.º 4.565, de 11 de Agôsto de 1942, dispõe — no despacho saneador, o Juiz: I,... II...; III, examinará se concorre o requisito do legítimo interêsse económico ou moral. O legítimo interêsse juridicamente protegido com a garantia da acção judicial, quere dizer: um direito subjectivo consagrado pela lei (direito objectivo), é que, correctamente, ensina, no citado «Comentário ao Código de Processo Civil», vol. I,

n.º 14, pág. 29. Pedro Baptista Martins, nas seguintes palavras, comentando o artigo 2.º do mencionado Código — «Nêsse ponto, basta que se advirta que não se legitima o interêsse, quando não o tutele o direito objectivo». — O mesmo pensamento se traduz na lição de Carvalho Santos, no comentário ao mesmo artigo 2.º, quando diz: «essa é a realidade, que melhor se acentua, se se tiver em vista que o interêsse, quando desacompanhado do direito, não dá lugar a nenhuma acção, nem faculta a ninguém o ingresso em Juízo» (Código de Processo Civil Interpretado, vol. I, págs. 44/45). Ora, nos termos do art.º 10 do Código Civil, «a existência da pessoa natural termina com a morte»; por conseguinte, com a morte se extinguem todos os direitos, e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir. No nosso direito, é absoluto o alcance da máxima «mors omnia solvit». *Assim, o grande escritor Humberto de Campos, depois de sua morte, não poderia ter adquirido direito de espécie alguma e, conseqüentemente, nenhum direito autoral poderá da pessoa dêle ser transmitido para seus herdeiros e sucessores.*

Nossa legislação protege a propriedade intelectual, em favor dos herdeiros, até certo limite de tempo, após a morte; mas, o que considera, para êsse fim, como propriedade intelectual, são as obras produzidas pelo «de cujos» em vida. O direito a estas é que se transmite aos herdeiros. Não pode, portanto, a suplicante pretender direitos autorais sôbre supostas produções literárias atribuídas ao «espírito» do autor.

Como aparente protecção jurídica, ao nome, reputação ou aos despojos de pessoa falecida, só se encontra, em nossa legislação penal, a incriminação da calúnia contra os mortos (art.º 138, § 2.º, do Cód. Penal) e dos factos que envolvem desrespeito aos mortos, definidos nos artigos 209 e 212 do mencionado Código. A razão da incriminação não está, entretanto, na protecção de quaisquer direitos acaso reconhecidos aos mortos e sim por serem tais factos violação de direitos de próximos parentes ou da ordem e tranquilidade pública, como bem explicam Eduardo Espínola e Eduardo Espínola Filho, no «Tratado de Direito Civil Brasileiro», vol X, n.º 99, pág. 617.

Do exposto se conclui que, no caso vertente, não há nenhum interêsse legítimo que dê lugar à acção proposta. Além disso, a ora intentada (acção declaratória) não tem por fim a simples declaração de existência ou não de um facto (se são ou não do «espírito» de Humberto de Campos as obras referidas na inicial), do qual hipotèticamente, caso ocorra ou não, *possam resultar relações jurídicas que a suplicante enuncia de modo alternativo. Assim formulada, a inicial constitui mera consulta; não contém nenhum pedido positivo, certo e determinado, sôbre o qual a justiça se deva manifestar.*

Para que se provoque a sua jurisdição, o litigante, mesmo na acção declaratória, há de afirmar um facto que se propõe a provar e pedir que o juiz declare a relação jurídica que dêsse facto se origina. A não ser que se peça a declaração da autenticidade ou falsidade de algum documento (caso em que o autor deve afirmar inicialmente, para provar depois se é falso ou verdadeiro o documento), o objecto da acção declaratória há de ser necessàriamente a existência ou inexistência de uma certa relação jurídica, não só do facto de que ela possa ou não se originar. Só afirmando um facto e a relação jurídica que dêle deriva poderá o autor vencer a acção ou dela decair. Como observa, com razão, a contestação, a presente acção declaratória, tal como está formulada a conclusão inicial, jamais poderia ser julgada improcedente, se fôsse admissível. Isto posto: julgo a suplicante carecedora da acção e a condeno nas custas.

Segundo informa *Constancia*, de Buenos Aires, a *Revista Espirita do Brasil* declarou julgar que a viúva de Humberto de Campos recorreria para instância superior, no sentido do nome do escritor não figurar como autor dessas obras, acrescentando constar-lhe que a Federação Espirita Brasileira anuïria a tal desejo.

Até nós, porém, ainda não chegaram quaisquer elementos que nos habilitassem a encerrar o assunto.

Uma reportagem curiosa

Como complemento, não queremos deixar de nos referir à grande reportagem realizada em 1935 pelo diário carioca *O Globo*, que à pequena cidade de Pedro Leopoldo enviou o seu redactor Clementino de Alencar, afim de acompanhar de perto os trabalhos do médium Cândido Xavier.

Entre as comunicações obtidas, encontrava-se uma em inglês, escrita da direita para a esquerda, que só pôde ser lida em frente dum espêlho.

O jornalista assistiu a uma sessão com grande curiosidade de ver qualquer mensa-

gem em língua estrangeira. Mas não revelou o seu natural desejo. Depois...

«Foi quási ao fim da sessão — escreve êle — quando já grafara as respostas às indagações do reporter e os versos, que o «médium» entrou a escrever a estranha mensagem que alguns dos assistentes estavam já a admitir como árabe, quando ela foi decifrada...

A-propósito, queremos deixar aqui consignado o seguinte: em geral, as mensagens em idiomas estrangeiros são psicografadas por Chico Xavier por êsse processo inverso usado na grafia da página de Emmanuel que hoje enviamos (refere-se à grafia enviada por êle ao *Globo*).

Quinze linhas grafou o «médium» da direita para a esquerda e a gravura que ilustra esta reportagem mostra a página tal qual foi composta.

Lendo-se a mensagem com o auxílio dum espêlho, tem-se:

My dear spiritualist friends:
Men's learning is nothing over against of the death: let you support your cross with patience and courage. The pain and faith are the greater earthly treasure and the work is the gold of the life.
But for all you, believing either not, here is the our great message: God is our Father. We are brothers. Let us love one another — *Emmanuel*.

Os que leram a nossa correspondência de 12 do corrente já se inteiraram do que ocorreu com a outra mensagem em inglês psicografada por Chico Xavier, na sessão de 23 de Novembro de 1933.

Um dos presentes à citada reünião, conhecedor do idioma, observou, nas linhas então escritas, um êrro no uso do artigo «the» antes do possessivo.

Emmanuel respondera a êsse reparo do assistente com outra mensagem também em inglês, desculpando-se do êrro, com a justificativa — onde há até certo humor «terreno» — de não ser êle, Espírito, professor de línguas, mestre do idioma em questão, mas um fraco discípulo.

Na mensagem de hoje, Emmanuel, aliás corrente com a alegação da outra vez, confirma-a de certo modo, insistindo no uso do «the» antes do possessivo. Parece-nos também que ficaria mais elegante a expressão «the gold of the life» sem o segundo «the».

Quanto ao mais, apesar dêsses senões e outros que os conhecedores do inglês observem na mensagem, — e atribuídos, dentro da própria doutrina, à deficiência do aparêlho, o «médium», que nada sabe daquêle idioma, — ela é clara e simples. Traduzindo-a, teríamos:

Meus caros amigos espiritas:
O conhecimento dos homens é nulo em face da morte; suportai a vossa cruz com paciência e coragem. A dor e a fé são os maiores tesouros terrenos e o trabalho é o ouro da vida.

Para todos vós, entretanto, crentes ou não, aqui está a nossa grande mensagem: Deus é nosso Pai. Nós somos irmãos. Amemo-nos uns aos outros. — *Emmanuel*.

Grande foi, como diziamos, a sensação causada entre os assistentes por essa mensagem, não só pela maneira como foi grafada, como pelo facto de ser dada naquêle idioma. Em Pedro Leopoldo todos sabem que Chico Chavier nunca teve mestre de inglês, nem consta, a quem quer que seja, que êle se tivesse iniciado, de qualquer forma, no estudo dessa língua.

A seguir, damos um soneto que o «médium» psicografou com a assinatura de Bilac. Intitula-se «Aos descrentes».

Observam-se, desde logo, nêsses versos, as rimas parelhas, tão usadas na «Tarde», e logo a troca da colocação da mesmas rimas, nos quartetos, também um hábito de Bilac, para obter delas maior variedade e tornar menos monótona a sucessão.

Quanto ao ritmo, encontra-se, em verdade, no «Aos descrentes», aquela cadência forte e inconfundível, por exemplo, dos «Matuyús»:

«*De pés virados, marcha avessa e rude,*»

Aí enviamos, para melhor apreciação dos conhecedores da poesia bilaqueana, um soneto grafado pelo «médium» Chico Xavier, na sessão na 15 do corrente.

AOS DESCRENTES

Vós, que estais dentro da turba desvairada,
Nas hostes dos descrentes e dos loucos
Que, de olhos cegos e de ouvidos moucos,
Estão longe da senda iluminada,

Voltai atrás dos vossos mundos ôcos,
Recomeçai a vida noutra estrada,
Sem a idéia amarissima do Nada
Que amarga, envenena e mata aos poucos.

¡Ó ateus como eu fui na sombra imensa,
Erguei de novo o eterno altar da crença,
Longe dos tristes dogmas mesquinhos!

¡Banhai-vos na divina claridade,
Que promana das luzes da Verdade,
Resplendendo em auroras nos caminhos!

Termina aqui a reportagem de Clementino de Alencar.

Enfim, a viúva de Humberto de Campos deve merecer o nosso respeito e a nossa simpatia por ter levado aos tribunais brasileiros

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Avisos do outro mundo

Esta secção foi criada para vulgarização de fenómenos supranormais ao serviço do movimento espirita mundial. O seu carácter permanente e a porção do espaço que lhe reservamos demonstram que atribuímos capital importância aos factos, sobretudo aos mais convincentes, susceptíveis de impressionar o grande público e levá-lo a conhecer a bibliografia espirita.

Hoje, temos o prazer de relatar interessante caso extraído do *Boletim Mensal das Missões Franciscanas e Ordem III*, de Novembro último, e que se publica em Braga, sob a direcção do padre Joaquim Correia de Barros. A circunstância do fenómeno ter sido veïculado por jornal católico avoluma a sua importância, de vez que aquêles nossos irmãos soem atribuir ao demónio as comunicações que se obtêm nas sessões espiritas.

«Avisos do outro mundo» é o título do artigo em questão, seguido do subtítulo «Manifestação duma alma purgante em 1918 e 1919». Subscreve-o o padre B. Ribeiro e antecede-o do seguinte preâmbulo, que transcrevemos *ipsis verbis:*

No mosteiro de S. Leonardo, de freiras franciscanas clarissas, da cidade de Montefalco, diocese italiana de Espoleto, ouviu a Abadessa, que também fazia de porteira, à roda-locutório da Sacristia, cinco vezes em 1918 e 23 em 1919, a voz de um sacerdote, retido no Purgatório, havia 40 anos, por dissipar bens eclesiásticos, que vinha pedir com insistência as orações daquela austera comunidade, e deixar-lhe esmolas que somaram 300 liras, em notas bancárias de 10 liras.

A partir da citada manifestação, ocorrida em 14 de Março de 1919, e que se deu às 20 horas, estando a igreja fechada, nem sendo possível haver nela quem tocasse a campaínha da roda-locutório, a Abadessa entrou de suspeitar da sobrenaturalidade daquela voz e começou a narrar esta e as demais manifestações em cartas, dirigidas ao confessor da sua comunidade e ao Padre Luís Bianchi, jesuíta, que prègara às religiosas no retiro de 1919, e ao Cardeal Ascolesi, seu particular confidente. Com êstes dispersos relatos foi redigido o *Diário da Reverenda Madre Abadessa,* que se vai ler, e que traduzimos da revista italiana *Il Purgatorio visitato dala Carita dei Fideli,* editada em Roma, a qual o divulgou em três edições: Fevereiro de 1920, Março de 1921, e em separata, com notas complementares, em 1924.

Entre essas notas vem o relatório do processo canónico relativo a êstes factos, mandado instaurar pelo Arcebispo de Espoleto, D. Pietro Pacifici, dois anos depois da última manifestação. O tribunal nomeado compunha-se de juíz, delegado do Arcebispo, dois juízes adjuntos, promotor da fé, vindo da Cúria Pontifícia, notário, escrivão, e postulador da causa, em nome do clero secular e regular. Iniciou-se o julgamento a 27 de Julho de 1921, na igreja das Clarissas, onde ocorreram as manifestações, depondo além da Abadessa e da Servente que era guarda da igreja, sete religiosas com mais duas testemunhas. Foram juntos ao processo — que ocupou mais de 200 fôlhas de papel protocolar — os depoïmentos do Cardeal Ascolesi, do Padre Luís Bianchi e do Médico de Montefalco, doutor Alexandro Tassinari.

Encerrou-se em 8 de Agôsto no paço arquiepis-

---

uma acção declaratória que tão grande realce deu ao Espiritismo. Depois da fogueira que reduziu a cinzas os livros que Allan Kardec enviou um dia para Barcelona, nenhum outro acontecimento nos fêz, gratuitamente, tamanha propaganda. E, assim, mais uma vez se confirma que «Deus escreve direito por linhas tortas»...

Já depois de composto êste artigo, recebemos um suculento volume de 412 páginas intitulado «O Caso de Humberto de Campos no seu tríplice aspecto: jurídico, científico, literário», subscrito pelo Dr. Miguel Timponi, advogado da Federação Espirita Brasileira. No próximo número lhe faremos referência.

I. D. S.

Corrigenda — No último artigo, pág. 58 (1.ª coluna, 22.ª linha), saíu uma gralha que altera inteiramente o sentido, pelo que a desfazemos pedindo aos leitores que substituam a referida linha por esta: *Parece que não. Se o escritor continua a escrever.*

copal de Espoleto, sob a presidência do Prelado da arquidiocese. O relatório do processo, feito e assinado pelo juíz delegado, Cónego Geovanni Capobianco, em 19 de Abril de 1923, foi lido ao clero postulador da causa, no mesmo paço arquiepiscopal reünido com a presença do seu Arcebispo. Lê-se nêsse relatório: «Em meu juizo — se a paixão mo não perturba — resulta claramente do processo confirmada a *veracidade e a atendibilidade* da Abadessa; e isto por depoïmento unânime de todos os que intimamente a conhecem, ou que tiveram ocasião de tratar com ela longo tempo, e por fama geral.»

E depois de responder a algumas hipóteses que se podiam objectar, conclui:

«¿Provarão suficientemente os autos do processo, com certeza histórica, o facto da manifestação de uma alma purgante no mosteiro das Franciscanas de S. Leonardo, em Montefalco? Em meu entender, julgo que sim. Porque a certeza histórica de um facto é, sobretudo, certeza moral, ou seja, fundada no saber e veracidade das testemunhas, e as numerosas deponentes no processo tôdas gozam cminentemente dêstes dotes.»

Por ser bem demonstrada a veracidade dêstes *avisos do outro mundo*, e serem permitidos pelo nosso bom Deus para que sacerdotes e fiéis olhem mais a direito para a Eternidade, resolvemos dar conhecimento dêles aos nossos leitores, publicando-os.

Agora segue o relato do fenómeno, esmiüçado até aos mínimos permenores.

Diário da Reverenda Madre Abadessa

Ano de 1918 — 1.ª vez: 2 de Setembro, 2.ª Feira — Tocou a campaínha da Roda da Sacristia, e indo atender Sóror Maria de Jesus, Abadessa, uma voz disse-lhe:

— *Devo entregar aqui esta esmola.*

E girou a roda com 10 liras. Preguntando a Abadessa se deviam fazer-se triduos ou outras preces, ou celebrar-se missas, respondeu-lhe:

— *Sem nenhuma obrigação.*

Tonou a Abadessa: ¿É permitido saber quem sois?

— *Não é preciso sabê-lo.*

A voz era gentil, mas triste, como longínqua, apressada e escondida.

2.ª vez: 5 de Outubro, Sábado; 3.º vez: 31 de Outubro, 5.ª Feira; 4.ª vez: 29 de Novembro, Sexta Feira; 5.ª vez: 9 de Dezembro, 2.ª Feira, deixando sempre 10 liras. Estas vozes são tôdas iguais à primeira, sòmente que preguntando-lhe a Abadessa se deviam fazer orações, respondia:

— *A oração é sempre boa.*

Ano de 1919 — 6.ª vez: 1 de Janeiro, 4.ª Feira: 7.ª vez: 29 de Janeiro, 4.ª Feira, quási sempre o mesmo; 8.ª vez: 14 de Março, Sexta Feira. Na ocasião do exame, cêrca das 20 horas, tocou duas vezes a campaínha; e indo atender a Abadessa, topou na roda 10 liras, mas ninguém falou. As portas da igreja estavam fechadas e as chaves na mão da Abadessa. Chamada a Servente e mandada dar busca à igreja, não topou ninguém. Começámos então, — escreve a Abadessa no Diário — a imaginar que não era pessoa dêste mundo quem deixava a esmola.

9.ª vez: 2 de Maio, Sexta Feira — Um pouco antes do silêncio, cêrca das 21,30 horas, tocou a campaínha e indo três atender além da Abadessa, Sóror Maria Francisca das Cinco Chagas, Sóror Amante Maria de Santo António, Corista, e Sóror Angélica Rogério, Convêrsa — encontraram 20 liras na roda (duas notas bancárias sobrepostas em cruz) sem saber quem as tinha pôsto. A igreja estava exteriormente fechada.

11.ª vez: 25 de Maio, Sábado — Trouxe 10 liras. 12.ª vez: 4 de Junho, 4.ª Feira de manhã — Encontraram-se 10 liras na roda, sem saber quem as pusera.

13.ª vez: 21 de Junho, Sábado — Foram encontradas 10 liras na roda sem saber como ali foram postas.

14.ª vez: 7 de Julho, 2.ª Feira — Cêrca das 14 horas, no tempo de descanso, tocou por duas vezes a campaínha; julgando, porém, a Abadessa que seriam crianças na igreja, não foi atender. E estando para entregar-se ao descanço, ouviu uma voz dizer fora da cela: — Tocaram a campaínha da Sacristia. Correndo a atender, ouviu a costumada voz dizer-lhe:

— *Deixo aqui 10 liras para orações.*

Preguntando-lhe a Abadessa: ¿Da parte de Deus, quem sois? Ouviu responder-lhe:

— *Não é permitido.*

Preguntando depois a Abadessa às Freiras quem a tinha chamado durante o descanso, nenhuma tinha sido.

15.ª vez: 18 de Julho, Sexta Feira — Depois do silêncio da noite, cêrca das 21,30 horas, lembrou-se a Abadessa de ir fechar a porta do forno que ficara aberta, e quando saiu ouviu o toque da campaínha e indo à roda e saüdando *Louvado Jesus e Maria*, ouviu responder:

— *Amen! Deixo esta esmola para as costumadas orações.*

Então a Abadessa criou ânimo e preguntou:—Em nome da Santíssima Trindade, quem sois? E a mesma voz respondeu:

— *Não é permitido.*

E nada mais ouviu. A igreja estava fechada por fora. Deixou 10 liras.

16.ª vez: 27 de Julho, Domingo — Indo a Abadessa à roda antes da Missa, topou 10 liras, sem saber quem as deixara.

17.ª vez: 12 de Agôsto, 3.ª Feira — Cêrca das 20 horas ouvindo-se o costumado toque da campaínha.

Foram atender três: a Abadessa, Sóror Maria Nazarena da Adolorata e Sóror Clara Benedicta Josefa do Sagrado Coração, e encontraram 10 liras. E tendo esconjurado em nome de Deus, ninguém lhes respondeu. A igreja estava fechada. Chamaram a Serva para lhe passar revista, e sendo acompanhada do Rev. D. Alexandro Climati, prior de S. Bartolomeu, e do nosso confessor e de D. Acácio Tabarrini, pároco de Casale e nosso Capelão, e do P. Ângelo, Guardião dos Capuchinhos, não encontraram ninguém.

18.ª vez: 19 de Agôsto, 3.ª Feira — Cêrca das 18,30 horas, tocou, foi atender a Abadessa, e à costumada saüdação *Louvado Jesus e Maria* a voz respondeu:

— *Amen! Deixo essa esmola para orações.*

A Abadessa respondeu: nós pediremos, mas a esmola leve-a a outra qualquer pessoa mais necessitada.

A alma disse com vez comovedora:

Não. Aceite-a; é uma misericórdia.

¿É permitio saber quem sois? — preguntou a Abadessa.

Respondeu-lhe:

— *Sou sempre a mesma.*

Deixou 10 liras, sem mais dizer.

19.ª vez: 28 de Agôsto, 5.ª Feira — Cêrca das 19,30 horas, ouviu-se a campaínha e indo a Abadessa atender, encontrou 10 liras na roda, mas ninguém falou.

20.ª vez: 4 de Setembro, 5.ª Feira — Cêrca das 16,30 horas, tendo tocado a campaínha e atendendo a Abadessa, encontrou 10 liras na roda, não ouvindo ninguém.

21.ª vez: 16 de Setembro, 3.ª Feira — Cêrca das 21,15 horas, ao fechar a Abadessa o dormitório, ouviu a campaínha e indo atender com outra freira, ninguém falou, mas toparam na roda 10 liras. Afastando-se a outra freira a ver se diria alguma coisa à Abadessa, ficando esta sozinha, nada se ouviu. E saíndo sem pegar no dinheiro, ouviu novamente a campaínha. Voltou a atendê-la e oferecendo-lhe a alma novamente as 10 liras, recusou aceitá-las. Ouviu então esta voz:

— *Aceite, que é para satisfazer a justiça divina.*

A Abadessa obrigou-a então a dizer esta jaculatória: *Bendita seja a santa, puríssima e imaculada conceição da Beatíssima Virgem Maria.* E ela fielmente a repetiu.

22.ª vez: 21 de Setembro, Domingo — De manhã, antes a Missa, a Abadessa encontrou 10 liras na roda.

23.ª vez: 3 de Outubro, Sexta Feira — Cêrca das 21 horas, depois do silêncio, enquanto a Abadessa cerrava a porta da cela, pareceu-lhe ouvir tocar. Foi atender, e recusando aceitar 20 liras que lhe oferecia como esmola, alegando o mau contentamento do confessor, por não lhe dizer quem era, porque temia que fôsse o demónio, ouviu responder:

— *Não. Sou uma alma purgante; Há 40 anos que estou no purgatório por ter dissipado bens eclesiásticos.*

24.ª vez: 6 de Outubro, 2.ª Feira — Tendo mandado a Abadessa celebrar Missa em sufrágio daquela alma ao confessor da Comunidade, pouco depois de finda a celebração, tocou a campaínha e indo ela atender, a costumada voz disse:

— *Deixo esta esmola, agradeço muito.*

Tendo-lhe feito várias preguntas a nenhuma deu resposta.

25.ª vez: 10 de Outubro, 5.ª Feira — Depois do silêncio, pelas 21,45 horas, estando recolhidas tôdas as freiras, a Abadessa ouviu que chamavam fora da cela e lhe diziam ter tocado a campaínha da Sacristia. Indo pois atender e saüdando *Louvado Jesus e Maria,* a alma respondeu:

—*Amen! Deixo esta esmola e muito agradeço.*

Deve notar-se que de manhã mandara ao Padre Luiz Bianchi, que estava dando retiro à Comunidade, aplicar a Santa Missa por aquela alma. A Abadessa advertiu-lhe: — «Eu, por ordem do confessor, quero saber o nome e sobrenome, para ficar uma recordação; de outro modo não a recebo.

A alma, em vez de responder à pregunta disse:

— *O juízo de Deus é justo e recto.*

Tornou a Abadessa: — Mas como é isto? Mandei celebrar missas e se uma só basta para livrar uma alma, ¿como ainda não estais livre? Respondeu:

— *Eu recebo uma mínima parte.*

Tendo-lhe feito outras preguntas, nada mais disse.

26.ª vez: 20 de Outubro, 2.ª Feira — Às 20,45 horas, pouco depois de tocar a silêncio, saindo do côro a Abadessa, com duas outras freiras, ouviram tocar a campaínha. Indo a Abadessa atendê-la, encontrou 10 liras na roda, mas ninguém falou. Retirou-se para o dormitório, e, ao fechar a porta dêste, ouviu novamente a campaínha. Voltando a atendê-la com a saüdação costumada, a alma respondeu, como de costume, Amen!, com voz muito inteligível; e como não pegasse a Abadessa nas liras, ajuntou:

— *Aceite esta esmola: é uma misericórdia.*

E tendo-a aceitado, disse: *Obrigado.*

— ¿Mas não se poderá saber quem é? — tornou a Abadessa. E ouvindo então esta resposta:

— *Ore, ore, ore, ore, ore.*

27.ª vez: 30 de Outubro, 5.ª Feira — Às 2,45 horas, depois da meia noite, ouviu a Abadessa fora da cela uma voz que lhe dizia: tocou a campaínha da Sacristia. E indo atender e saüdando como de costume, ouviu responder-lhe: Amen! e acrescentar imediatamente:

— *Deixo-lhe esta esmola.*

Mas a Abadessa cortou-lhe a palavra respondendo: — Por ordem do confessor não posso pegar nela. Em nome de Deus, diga-me: Quem é? É sacerdote? E ouviu responder: Sim! ¿ E eram dêste mosteiro os bens que dissipou? E ouviu esta resposta:

— *Não, mas tenho licença para entrar aqui.*

Tornou-lhe a Abadessa: — E devo recebê-los? Respondeu-lhe:

— *O juizo de Deus é justo.*

Objectando-lhe a superiora: — Mas eu duvido que sejais uma alma; penso sempre que seja alguém que brinca connosco. — Ouviu esta resposta:

— *Quere um sinal?* E ela, atemorizada: não, que tenho mêdo. Se chamasse outra? Depressa o faço... A alma atalhou: — *Não, porque me não é permitido.*

Pegando nas 10 liras a Abadessa, disse-lhe a alma: — *Obrigado! Agora entro a tomar parte na oração.*

Disse-lhe a Abadessa: — ¿ Pedirá por mim, por esta comunidade, pelo confessor? E ouviu:

Benedictus Dominus qui...

Percebia-se um murmúrio, continuando imperceptível um salmo que julgam ser o salmo 65: *Benedictus Dominus qui non amovit orationem meam et misericordiam suam a me.* Em vernáculo: Bendito o Senhor que não repele a minha oração, nem de mim a sua misericórdia.

Desta última vez a voz era menos apressada e menos profunda. A princípio parecia que vinha de fora, como se falasse ao ouvido direito, e quando se afastava, parecia sentir-se ao esquerdo.

28.ª vez: 9 de Novembro, Domingo — Pelas 4,15 horas a Abadessa ouviu no dormitório tocar a campainha da Sacristia e foi atendê-la, saüdando *Louvado Jesus e Maria,* ouvindo a costumada voz responder:

— *Louvado seja para sempre. Agradeço-lhe e a tôda a religiosa Comunidade: estou livre de tôda a pena.*

A Abadessa, cheia de regosijo:—¿E também agradece aos sacerdotes que celebraram as Missas, e ao nosso confessor, e ao Padre Luiz Bianchi, e ao D. Acácio? E a voz respondeu:

— *Agradeço a todos.*

Outra vez a Abadessa: — tomara eu entrar no purgatório onde vós estivestes, porque estaria segura... A voz respondeu:

— *Faça-se a vontade do Altíssimo.*

A Abadessa mais animada: — ¿ Pedirá por mim, pela Comunidade, pelos meus pais, se estiverem no purgatório, pelo confessor, pelo P. Luis Bianchi, pelo Papa, pelo Bispo, pelo Cardial Ascolesi?

Recebeu esta resposta consoladora: — *Sim!*

Então dai-me a bênção e às pessoas que nomeei. E ouviu em som doce, muito claro:

— *Benedictio Domini super vos.*

Na manhã anterior mandara-se celebrar uma Missa ao P. Luiz Bianchi, na Igreja de Jesus, no altar priviligiado. A voz do sacerdote defunto, que a princípio era triste, foi parecendo mais alegre, e nesta ultima vez percebia-se que era felicíssima. O som da campaínha era doce e triste e ao ouvi-lo subia ao coração um tal sentimento de paz e gôzo, que já tôdas nós conheciamos. Quando as religiosas o ouviam, logo diziam. — Madre Abadessa, lá está a alminha, vá atendê-la! E os nossos lábios espontâneamente murmuravam o salmo *De Profundis.*

O total das esmolas que entregou foi de 300 liras, e foram-lhe aplicadas 38 Missas. Das notas bancárias que foram depositadas na roda, apenas conservou uma o Padre Luiz Bianchi. É novíssima e tem os números de série 041161 e 2694.

E o padre B. Ribeiro termina:

As religiosas ficaram a comemorar o resgate daquela alma sacerdotal, sua protegida durante 14 meses, e depois sua protectora no céu, cantando o *Te Deum Laudamus* no dia 9 de cada mês. E, para perpétua memória e avisos dos vindouros, transformaram, a pedidos instantes chegados de tôdas as partes, a sacristia em capela votiva às Almas do Purgatório, e especialmente às sacerdotais. Foi solenemente benzida em 20 de Fevereiro de 1924.

O juiz do referido processo canónico termina o seu relatório com estas palavras, que fazemos nossas: Para maior glória de Deus e incremento da obra de sufrágio pelas almas do Purgatório; para terrível escarmento dos sacerdotes vivos, e para admoestação de todos, êste facto deve ser confirmado, divulgado e prègado».

Fenómenos semelhantes são muitas vezes obtidos nas vulgares sessões espiritas, tão combatidas por católicos e teósofos.

A morte não tem o condão de alterar inteiramente as crenças religiosas de cada um, as quais acompanham o espírito na sua viagem cósmica. O espírito citado depositou 300 liras na roda do convento, com as quais foram pagas 38 missas. Deve tratar-se de espírito inferior, visto que o transporte das notas bancárias exige esfôrço inerente a semelhantes entidades. ¿E donde teria êle retirado aquelas notas? Decerto as não poderia ter fabricado... Resta, então, saber se as missas lhe teriam resgatando a falta, saldando-se um êrro com outro êrro... visto ser de admitir que as houvesse subtraido dalgum lugar, onde, necessàriamente, se encontravam.

Duma forma ou doutra, o que nos interessa é o fenómeno em si. Ainda bem que o seu relato foi publicado numa revista católica que, dêste modo, sancionou a verdade das comunicações atribuídas a espíritos benévolos e não a Satanás...

Notas & Comentários

Pio IX espirita

Segundo lemos no *Psychic News* de 27 de Maio último, o Papa Pio IX confabulava com o Além através da mediunidade de sua irmã. Assim o conta o famoso médium americano Loe F. Elmore, cujas «Memórias» foram publicadas pelo *National Spiritualist*, de Chicago.

«Quando estive em Melbourne — diz êle — obtive a amizade duma inglesa católica, a senhora Cecília Cokburn-Campbell, que, havia pouco, se dedicava ao Espiritismo. Foi ela quem me deu uma carta de recomendação para o director do Colégio Irlandês de Roma, quando visitei a Itália, o qual, por sua vez, me proporcionou uma audiência com Pio IX.

«Todos os católicos tinham conhecimento de que Sua Santidade acreditara nas comunicações entre os vivos e os chamados mortos.

«Ao chegar a Roma, apresentei a Carta de recomendação e o Padre Ó'Reardon recebeu-me gentilmente.

Falámos de Espiritismo, visto a carta me recomendar como prègador espirita; e quando ia retirar-me, disse-me que dois dias depois receberia uma carta do secretário do Papa a convidar-me para ir ao Vaticano. Primeiro, seria entrevistado pelo secretário e depois ser-me-ia marcado o dia e a hora em que o Papa me receberia.

«Entregaram-me o convite no hotel e no dia seguinte fui convidado a visitar o Secretário do Papa, que me recebeu muito cordealmente. Falámos de Espiritismo; e quando êle soube que eu não sabia italiano, disse-me que era mau, porque Sua Santidade apenas falava um pouco de francês, além da sua língua natal. E acrescentou:

«— Estou certo de que êle gostará de falar consigo, visto interessarem-lhe muito os fenómenos espiritas. Uma de suas irmãs é médium e comunicam muitas vezes com os seus parentes e amigos falecidos.

«No dia seguinte, fui acolhido por um cardeal no Salão Nobre do Vaticano, cuja beleza e riqueza não poderei esquecer jamais.

«Após a audiência, os olhos de Pio IX brilhavam de contentamento, ao saber que eu era partidário da comunicação com os espíritos».

Noticiário

Jornais e revistas

Recebemos os seguintes jornais e revistas, com os quais permutamos:

De Portugal — *Luz e Caridade, Além, A Rosacruz, Isis, Natura, Fé, O Sado, Região de Leria, O Comércio de Leixões, Trás-os-Montes, Jornal de Albergaria, Afinidades* e *Vida Mundial.*

De Inglaterra — *Psychic News.*

Do Brasil — *Revista Espirita do Brasil, A Nova Era* e *Revista Internacional do Espiritismo.*

Da Argentina — *Constancia, Claridad del Alma, Revelación* e *La Idea.*

Grupo Reper-Siam

O Grupo de irradiação mental Reper-Siam, que há cêrca de quatro anos trabalhava no Centro às 6.as feiras, sob a orientação do Presidente da Direcção, interrompeu as sessões em Agôsto último, mas volta, desde já, a trabalhar tôdas as 5.as feiras, às 21,30. A primeira sessão terá lugar no dia 10 de Janeiro.

Centro Espirita de Matozinhos

A Direcção do Centro Espirita de Matozinhos, na sua Ordem de Serviço N.º 5, datada de 1 de Novembro p. p., alterou o horário das sessões, que passam a realizar-se às segundas, quartas e sextas feiras, às 21,30. Os associados podem fazer-se acompanhar de um a três visitantes, os quais devem ser apresentados à Direcção.

As nossas conferências

O nosso colaborador sr. coronel Faure da Rosa realizou no dia 17 de Dezembro a sua anunciada conferência intitulada «A médium Jeanne Laplace». Apesar do dia chuvoso, ainda compareceram algumas dezenas de pessoas, que muito lucraram escutando aquêle magnífico trabalho, revelador de grande erudição e de elevada crítica, qualidades estas que exornam a forte mentalidade daquêle confrade.

«Socorro de Inverno»

Aplaudindo sem reservas a campanha pro-Socôrro de Inverno, o Centro Espiritualista Luz e Amor resolveu contribuir com 500$00 para a grande subscrição nacional, que irá, de-certo, minorar a situação aflitiva de muitas famílias que lutam com a miséria. Campanhas dêste género merecem a simpatia de tôdas as almas bem formadas, que trabalham na transformação e regeneração do pobre mundo em que vivemos.

Auxílio aos necessitados

Destinados aos necessitados protegidos pelo Centro Espiritualista Luz e Amor, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do número anterior	1.254$00
J. Paulino, da Nazaré	10$00
A. Torcato d'Oliveira, do Pôrto	10$00
João Afonso, da Quinta do Ferro de Engomar	10$00
M. A. S. C. M.	2$50
João José Alves, de Lisboa	10$00
António Rodrigues, de Carnide	5$00
Ernesto Macedo, de Lisboa	10$00
Isidoro Albaran Medina, de Lisboa	5$00
Manuel César Casimiro, de Vila Nova de Cerveira	10$00
António Pereira, de Vila Nova de Cerveira	10$00
Lília da Costa Silva, de Lisboa	20$00
António Gonçalves Campos, de Lisboa ...	20$00
Cesaltina Emília Gonçalves, de Lisboa...	11$50
Maria Marques dos Santos, de Santarém	10$00
José Joaquim, de Faro	10$00
Lucinda Barata da Cruz, de Belas	20$00
Tenente Vieira de Figueiredo, de Santarém	15$00
António Pinto de Sousa, de Palmela ...	2$50
Artur Levi Gomes, de Lisboa	10$00
Isaac Oliveira Marques, de Viseu	10$00
Carlos Alberto da Silva, de Faro	20$00
Ch. Varela	10$00
Damião Teixeira, de Lisboa	10$00
Maria Emília Teixeira, de Lisboa	10$00
M. C.	10$00
Manuel Junqueira, de Lisboa	2$50
Tenente Monteiro Lourenço, da Guarda	20$00
Francisco Elias Carvalho Simão, de Ovar	50$00
Romão Saragôça Velez, de C. Maior ...	5$00
Carlos Bivar, de Lisboa	10$00
Augusto Correia de Pinho, de Lisboa ...	10$00
Manuel Urbano Alves, de Faro	50$00
Alfredo Lopes Xisto, de Coimbra	14$00
Álvaro Garcia, de Bragança	15$00
António Proença Barata, de Gonçalo ...	2$50
Augusto da Costa Belas, de Lisboa	5$00
L. V., de Lisboa	20$00
M. P., de Lisboa	10$00
Tomaz Domingos Oliveira, de P. de Mós	5$00
Matilde do Carmo Esteves, de Lisboa ...	20$00
Grupo E. Allan Kardec, de Lisboa	50$00
António Manuel Nogueiro, de Bragança	50$00
Sociedade Instrução e Recreio 1.º de Maio, da Marinha Grande	20$00
Maria Manuela Corte Real Valente, de Coimbra	5$00
Emília Marques, de Passos de Gaiôlo ...	2$00
Ordem Osotérica Iniciática	50$00
Aires dos Santos Pinto, de Lisboa	200$00
Dr. Fred Wachsmann, de C. Quebrada	50$00
Sara de Castro, de Lisboa	50$00
Gertrudes D. Froment, de Lisboa	10$00
E. Z., de Lisboa	20$00
Manuel José de Sá, de Vila do Conde	4$00
Manuel R. da Cunha Branco, de Vila do Conde	10$00
Matias Nobre, da Marinha Grande.....	14$00
Elmira Marques, de Lisboa	10$00
Ricardo Lino Correia, de Vila Real de Santo António	4$00
M. V., de Lisboa	2$50
António Pereira de Almeida, de Lisboa...	20$00
Maria dos Milagres, de Lisboa.....	20$00
F. R., de Lisboa	5$00
A transportar.....	2.361$00

Transporte.....	2.361$00
Manuel Tavares, de Lisboa	5$00
A. B. da F. B., de Lisboa.....	5$00
António Constantino Brites, do Cartaxo	20$00
Sociedade Espirita de Lagos.....	20$00
Armando Mendes Madeira, da Nazaré...	8$00
Delfina do Nascimento Silva, de Lisboa...	8$00
Menino José Correia Martins, de Santa Comba de Seia	10$00
Lília da Silva Bastos, do Rossio ao Sul do Tejo	5$00
Beatriz de Barros e Sousa Amaral, de Lisboa	7$00
Adantos, de Ceira	17$50
Francisco Bernardino Nogueira, do Cartaxo	30$00
Dina de Sousa, de Lisboa	22$50
Gertrudes Silva, de Lisboa	5$00
Irmã Dulce, pela paz de duas almas muito queridas	5$00
F. M. G., do Rio de Janeiro	1.500$00
Maria Alice de Sousa, de Lisboa	30$00
João Madeira Claudino, do Entroncamento	5$00
Albano A. Ribeiro, do Pôrto	20$00
Glória Vences Silva, do Rossio ao Sul do Tejo	10$00
João Marçal, de Almeirim	30$00
Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim	10$00
Joaquim André, de Almeirim	5$40
Saldo de caixa.....	1.500$00
Total.....	5.639$40

Donativos prestados

Graças a Deus, o nosso apêlo foi ouvido e pudemos beneficiar 200 famílias necessitadas e entregar 500$00 ao «Socôrro de Inverno», a que nos referimos acima, noutra local. Resta-nos agradecer a todos os que contribuiram para esta obra de solidariedade humana. Aceitem os protestos da nossa viva simpatia e do nosso indelével reconhecimento. E que no próximo Natal a contribuïção aumente, aumentando, também, a capacidade afectiva de todos os que possam dar em proveito dos que não têm. Bem hajam.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Janeiro de 1945

Dia 7 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 21 de Janeiro, às 16 horas — Conferência pela nossa colaboradora Haydi de Thebelen, intitulada «A Evolução e o Karma». A entrada é pública.

Dia 28 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental.

NOTA — As sesões experimentaois são exclusivas aos sócios.

Ao entrar no ano de 1945, «Estudos Psíquicos» saúda tôda a imprensa espirita, abarcando no mesmo pensamento fraternal os nossos colaboradores e leitores.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ANO 6.º — LISBOA, FEVEREIRO DE 1945 — N.º 4

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

FANATISMO

Sempre combatemos o fanatismo, que obnubila a razão e embota a inteligência, encerrando as vítimas em círculo estreito, donde nada surgirá de útil para quem quer que seja. O equilíbrio mental e moral é tão necessário como o equilíbrio orgânico. Uma vez desfeito, ou simplesmente atrofiado por vícios ou paixões, opera no homem evidente metamorfose e condu-lo a excessos danosos, por vezes irremediáveis, expondo-o a percalços e situações bem difíceis de vencer.

Em Espiritismo, êsse defeito ainda é mais perigoso, por virtude do ambiente psíquico do fanático atrair elementos que lhe são afins, os quais contribuem admiràvelmente para aumentar o seu desequilíbrio.

O que vai por êsses grupos que tentam a experiência sem conhecimento de causa, quási todos girando à volta do inabitual ou da curiosidade mórbida que não reflecte, é digno de meditação, ou, antes, de combate sem tréguas, já pelos efeitos que produz nos simplórios que em tudo vêem espiritos, a leccionar ex-cathedra, já pelo desprestígio que lançam na doutrina espirita, que não tem culpa de tão maus servidores, nem de falsos e prejudiciais «adeptos».

Compreendemos bem a dureza destas palavras, que talvez firam almas cândidas que vivem em sonhos dourados e suposta confabulação com amigos e parentes que abandonaram a Terra e do Além transmitem (se transmitem) recordações ou saüdades aos que ficaram mergulhados em desolação e tristeza. Mas entre o silêncio cómodo e a profligação dum êrro de repercusões compreensíveis, não hesitamos um só instante. Nisto, preferimos a verdade à fantasia.

Temos dito muitas vezes que a parte experimental da Doutrina deveria ser reservada aos doutos, aos competentes, que reünissem as condições indispensáveis ao bom desempenho da sua missão, que soubessem discernir entre Animismo e Espiritismo e que para as sessões fôssem apetrechados, material e moralmente, afim de evitar fracassos terríveis; porque entregar um médium nas mãos do primeiro tolo que apareça é o mesmo que chegar a estôpa ao lume: o incêndio é inevitável.

Estude-se, leiam-se as obras fundamentais e não se experimente sem aquelas qualidades tão necessárias. Deve ter-se coragem de reconhecer a própria ignorância e saber-se até onde chegam os conhecimentos e aptidões, para não cair na crítica e no ridículo.

Embora a comunicação entre os dois mundos seja facto comprovado, sabemos que é difícil e por vezes impossível.

O fanatismo nada traz de bom, nem para o fanático, nem para a doutrina. É um abismo que traga os ignorantes e os incautos e o nosso dever é declarar-lhe guerra sem quartel. Isso fazemos e faremos sempre. Que o nosso posto é de vigilância e defesa dum formoso e belo Ideal.

O Problema da Desigualdade

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

I

O problema que mais pode interessar o ponto de vista moral é a desigualdade que se observa nos sêres, e mais particularmente entre os homens, que os coloca em situações diferentes perante os mesmos acontecimentos. A idéia de igualdade é inata em nós, embora por via experimental apenas a desigualdade se nos revele. ¿Podemos deduzir daí que essa idéia não tem realidade? ¿Será o mundo dos fenómenos mais real que o mundo das idéias?

Já na Roma antiga se celebravam anualmente as célebres Saturnais, festas magnificentes que comemoravam a *idade de oiro* em que Saturno, expulso do Céu por Júpiter, foi habitar o Lácio e estabeleceu a mais perfeita e fraternal igualdade entre os homens.

Dada a desigualdade de condições, de aptidões, de faculdades, de tendências com que surgimos no mundo, e desde que a idéia de justiça existe indelevelmente gravada no nosso espírito, precisamos de ver se há conciliação possível entre os dados da experiência e as imposições da consciência.

Rousseau, no «Discurso Sôbre a Origem da Desigualdade», perde-se em áridas considerações estudando apenas o problema no seu aspecto formal e deixando a parte essencial inteiramente de lado. As hipóteses com que se pretende explicar a desigualdade podem reduzir-se às três seguintes:

1) *Hipótese teológica:* — Deus criou as almas tôdas diferentes tendo-as predestinado ao sabor da sua vontade soberana, concedendo-lhes os dons arbitrários da sua «graça».

2) *Hipótese evolucionista:* — As diferenças actuais obedecem ao determinismo das acções externas, aliado a uma hereditariedade impessoal.

3) *Hipótese palingenésica:* — As diferenças actuais são a conseqüência natural dum desigual desenvolvimento de sêres que mantêm a sua individualidade através do espaço e do tempo, transmigrando, segundo uma série, discontínua na aparência, composta de organismos sucessivamente mais aperfeiçoados.

1) Hipótese teológica

A origem da desigualdade será então a própria vontade de Deus. Repugna à nossa consciência a desigualdade inicial, apenas porque não sabemos compreender a infinita sabedoria do Criador, mas no *juízo final,* a balança divina há de pesar rigorosamente tôdas as circunstâncias e serão compensadas tôdas as injustiças. A razão humana não pode devassar segredos de Deus; só a fé nos eleva e nos salva. Esta hipótese inverosímil, que conduz aos mais estravagantes absurdos, pretende iludir as dificuldades do problema apresentando-se como solução definitiva.

Arroga-se a Igreja católica uma autoridade absoluta como exclusiva detentora da Verdade revelada. Por sua vez outras seitas religiosas reclamam para si essa autoridade infalível. Ouve-se ainda o éco dos anátemas que os cismas religiosos têm levantado; e pelos séculos em fora vai desfilando o enorme cortêjo das vítimas. A predestinação, que fatalizou as condições da existência, destruíu o livre-arbítrio e gravou em nós o estigma do pecado. A redenção era assim inteiramente impossível, apenas uma esperança ilusória; e o inferno uma traição sem nome.

Demais seriamos forçados a admitir que Deus começou por errar, criando os sêres todos diferentes, visto que se esforça, no juízo final, por compensar essas injustiças. Se a justiça é lei, êle começou por ser injusto.

Em certos casos não haveria mesmo compensação possível, embora os teólogos, que presumem conhecer todos os segredos divinos, afirmem, judiciosamente, que a

Deus nada é impossível. Há sêres cujos aleijões e deformidades impossibilitam para a luta; e a sua vida, improdutiva e miserável, é um espectáculo triste e compungente. ¿Que medida poderia ser aplicada a êsses pobres sêres que a predestinação fatalizou brutalmente condenando-os a sofrer sem motivos e impedindo-os de viver? ¿E o destino das crianças que são arrebatadas à vida antes de prestarem suas provas? ¿Serão protegidas por um capricho divino que as queira libertar duma predestinação odiosa e apenas escuta os seus primeiros vagidos logo lhes abre as portas da bemaventurança? ¿Serão condenadas como precitos só porque a morte lhes secou o pranto?

Pierre Crysologue, no séc. V, compreendendo a gravidade desta dialética inventou os *limbos,* que eram regiões onde não havia prazer nem dor, para onde iam as almas que a foice da morte tivesse ceifado ainda em botão, por abrir. Mas essas regiões onde a sensibilidade de todo se perdeu, são regiões onde o não-ser se espreguiça e a existência se dilui e esbate numa plena privação de vida. Deus teria criado sêres inúteis que logo arremessava às profundezas do nada, quando mal emergiam do ventre do mistério: era Saturno a devorar os filhos!

Sendo Deus o Absoluto, e portanto sempre igual a si mesmo, ¿como há de deixar de ser justo se não pode criar sêres em circunstâncias diversas e por isso diferentes? Admitir que os sêres foram criados diferentes, não chega a ser blasfêmia porque é a expressão máxima do absurdo. ¿Como explicar então as desigualdades actuais, senão como a resultante lógica e justa duma diferenciação individual? ¿E como poderiam diferenciar-se os indivíduos se não houvesse evolução, e, portanto, alguma coisa que evoluísse através duma vida contínua de que só apreciamos alguns períodos separados que nos dão idéia de discontinuïdade? A discontinuïdade existe apenas na limitação do nosso conhecimento.

¡Eis o princípio de igualdade que surge, radiante de beleza; eis o laço de fraternidade que liga todos os sêres no mesmo abraço infinito!

O Criador seria o único responsável da nossa fraqueza, o autor consciente de todos os nossos desvarios, se antes do berço outra forma de existência não houve que tivesse determinado as condições que servem de fundamento inato e de cenário à nossa vida actual. A desigualdade actual seria um princípio arbitrário de uma vontade fútil, se não fôsse o resultado duma diferenciação anterior.

2) Hipótese evolucionista

É um facto da mais elementar observação que há transmissões hereditárias de natureza física. O mesmo já não se pode dizer quanto às características intelectual e moral. A influência do meio é também importantíssima, imprimindo, nos sêres, modificações profundas. Que todos os sêres estão submetidos a uma incessante e contínua transformação, é uma verdade de experiência indestrutível. Podem, sem dúvida, variar as hipóteses com que se pretenda explicar o processo evolutivo, mas nem por isso a evolução deixa de ser um facto. Qualquer que seja o resultado das críticas feitas às teorias de Lamarck, Darwin, Nægeli, De Vries, Weissmann, etc., êle não pode afectar a idéia de evolução que todos os ramos das ciências naturais, desde a astronomia à embriologia, convergem a demonstrar.

Em oposição ao dogma da fixidez das espécies, defendido pela Igreja, a ciência proclama a sua variabilidade, apoiada em factos. À tradição duvidosa de gerações ignorantes dos mistérios da natureza, opôs o século passado os elementos laboriosamente formados pela observação e pela experimentação. A biologia assentou então em alicerces mais firmes, mas o problema da hereditariedade intelectual e moral não encontrou solução satisfatória. Desde que existem transmissões hereditárias, há-de, necessàriamente, haver o veículo dessas transmissões e êle deve ser individualizado para que possa manter as suas características essenciais, modificado, embora, pelas influências que experimenta no decurso da sua transmigração. No fundo, a hereditariedade é a teoria palingenésica sob uma forma impessoal, o que a torna insustentável.

O problema da desigualdade continua insolúvel, pois que se parte da diversidade de condições ambientes e de influências hereditárias. Resta-nos, pois, a última hipótese.

F/45

OCULTISMO E ESPIRITISMO

pelo Coronel Faure da Rosa

IV

Cagliostro

CAGLIOSTRO, ou José Bálsamo, foi uma figura não menos extraordinária e singular.

O Rosacruz Cagliostro apareceu em França em 1781, em Estrasburgo. Até ali percorrera o mundo — sem exceptuar Lisboa — ensinando o ocultismo e curando os doentes.

Em Haia afeiçoou-se-lhe um holandês que depositava nêle uma confiança ilimitada. Êste holandês e a mulher puseram tôdas as jóias que possuíam à disposição de Cagliostro para que êle as utilizasse nas suas experiências, pelo que foram magnìficamente recompensados. É que o conde, por um processo só dêle conhecido, acumulava pequenas pérolas irregulares para as transformar em esplêndidas pérolas, como nenhuma soberana possuia. Depois, Cagliostro levou o seu holandês a Bruxelas onde lhe indicou os números em que devia jogar para obter o primeiro prémio de cada lotaria, e assim, o holandês teria feito uma grande fortuna.

Cagliostro foi convidado para passar a noite em casa do burgrave (nome dado na Idade Média ao comandante militar duma cidade ou praça forte) *von der* Howsen. Na presença do marechal de Meden e do major *von* Korff, Cagliostro transformou o mercúrio em prata. Perante o entusiasmo dos assistentes, propôs-se fazer uma operação ainda mais importante; mas para isso precisava do concurso duma criança inocente.

O marechal de Meden não hesitou em confiar-lhe o filho mais novo, uma criança de 5 anos. O mago Cagliostro assenta o pequeno nos joelhos do pai, unge-o com «óleo de sabedoria», desenha-lhe na cabeça e no côncavo da mão sinais cabalísticos. O rapazinho, então, baixa o olhar sôbre a palma da mão, estremece e transpira abundantemente.

— «¿Que quereis que êle vá ver?» — pregunta Cagliostro ao pai.

Que visse um espectáculo que o não assustasse; por exemplo, que visse a mãe e a irmã, — respondera o marechal em voz baixa para não ser ouvido pelo filho.

Cagliostro põe-se de joelhos, reza um «Padre-Nosso»; traça no ar com a ponta da espada figuras complicadas, recita umas fórmulas incompreensíveis. Decorrem uns 10 minutos. A criança grita. Está vendo a mãe e a irmã Luísa. Tem a certeza de que são elas. Ambas estão sentadas num canapé verde e falam com Elisabeth von der Reck, sua prima.

Depois o pequeno diz: «minha irmã leva a mão ao coração. Parece que sufoca... Agora beija o Carlos... Sim, meu irmão Carlos regressou a casa».

A sessão não prosseguiu... É que todos sabiam que Carlos Meden estava ausente, a catorze léguas de Mitau, donde não podia regressar antes duma semana. Isto, portanto, era um fiasco.

Um pouco mais tarde, porém, os assistentes acompanham o marechal a casa. Momentos após a entrada da porta, o filho Carlos corre ao vestíbulo ao encontro do pai. Efectivamente, Carlos tinha regressado. As senhoras estavam na sala sentadas num canapé verde e mostravam-se ainda desassossegadas, se bem que Luísa lhes assegurasse que já não sentia as palpitações que tanto a tinham afligido.

Uma noite, no meio de numerosa assistência onde predominava o elemento feminino, Cagliostro declara que podiam fazer as preguntas que quisessem, declaração que perturbou muitas damas. Entretanto algumas preguntas se fizeram. Uma dama preguntou o que fazia a mãe naquêle momento. Responderam que estava num espectáculo entre dois velhos. Uma outra disse que desejava saber a idade de seu marido. Nenhuma resposta. Êste silêncio, eloqüente, fêz soltar gritos de entusiasmo aos assistentes, pois todos sabiam que a senhora interrogante era solteira, demonstração clara e precisa de que a dama armara uma cilada. Terceira senhora entrega um bilhete fechado. Resposta: «Não o conseguireis». Abre-se o bilhete e vê-se que ali se preguntava se o regimento que a dama solicitava para o filho, lhe seria concedido. Esta exactidão mais aumentou a admiração.

Um juíz que duvidava do adivinho, man-

dou secretamente o filho a casa saber o que, naquêle instante estava fazendo sua mulher. Depois, logo que o rapaz partiu o juíz fêz essa pregunta a Cagliostro. Uma voz anunciou que a mulher do juíz estava jogando as cartas com duas vizinhas. Esta voz misteriosa que não fôra produzida por nenhum órgão visível, encheu de terror uma parte da assembléia. E quando o filho do magistrado regressou e confirmava a justeza do oráculo, muitas senhoras se retiraram assustadas com a revelação de tantas coisas ocultas... Lá teriam as suas razões...

Experiências semelhantes fêz Cagliostro em S. Petersburgo, onde conseguiu curar doentes de alta categoria social: — a baroneza Strogonow, quási enlouquecida por uma doença nervosa, recuperou o equilíbrio da razão; a sr.ª Boutourline teve um parto rápido e feliz. O magistrado assessor Ivan Isleniev atingido por um cancro e condenado pelos médicos, foi curado por Cagliostro. Tudo isto se espalhou, fêz barulho e atraiu o príncipe Potemkine que lhe votou uma admiração fervorosa manifestada todos os dias com valiosos presentes. Pouco tempo ficava a Cagliostro para dormir. Logo de manhã cêdo saía na sua soberba carruagem para visitar os doentes que tratava de graça. Os cavalos tinham que avançar vagarosamente, porque os residentes nas ruas por onde o carro passava saiam de suas casas, ajoelhavam-se aos magotes e todos à porfia queriam beijar-lhe as mãos, logo que Cagliostro se apeasse.

A caridade de Cagliostro era inesgotável. Não fazia a menor diferença nem nos tratamentos, nem na assistência com que acudia a todos, quer moral, quer material. Tratava da mesma maneira as damas mais elevadas e as mais baixas. Bálsamos e elixires eram distribuídos todos igualmente.

Em Estrasburgo, Cagliostro foi apresentado ao cardeal-príncipe de Rohan, esmoler-mór do reino — que era apaixonado pelo ocultismo. Esta poderosa amizade resolveu Cagliostro a fixar residência em Paris, onde convidou para jantar algumas pessoas de qualidade. Na mesa estavam desocupados quatro lugares, quatro talheres. Depois dos convidados instalados, o Conde Cagliostro declarou: «Vamos hoje jantar com Voltaire, Diderot, de Choiseul e d'Alembert».

A acreditar nos cronistas da época, um diálogo se estabeleceu entre o dono da casa e os convidados invisíveis. Sem que se saiba porquê, Lorenza (ou Serafina, seu verdadeiro nome), a mulher de Cagliostro, atraiçoou o marido e foi denunciá-lo ao Santo-Ofício como feiticeiro e mação. Julgado, condenaram-no a prisão perpétua na fortaleza de Saint-Ange, onde morreu em 26 de Agôsto de 1795.

Os mais sérios autores, designadamente, Constantin Photiadés, relatam que dentro da prisão, que não tinha a menor comunicação com o exterior, Cagliostro anunciava dia a dia aos seus carcereiros assombrados, os trágicos acontecimentos da França, êsses mesmos acontecimentos que Saint-Germain predisse a Maria Antonieta e à senhora d'Adhémar.

Gérin-Ricard entende que todos estes homens de quem se evocou a acção ocultista, fizeram tanto, com o seu cientismo e a sua anarquia mais ou menos prudente, fizeram tanto pela causa da revolução, pelas «idéias novas», como a propaganda dos enciclopedistas. A sua obra não foi menos eficaz. É êste um facto histórico que não deve ser desprezado.

Prognósticos — Vozes do Além

Durante a Revolução francesa e o Império, nêsse período de agitações, de perseguições, de chacinas várias, homens inquietos denominados «Intersignos» interrogavam o destino. *Intersigno* significa a ligação misteriosa entre dois factos que se produzem simultâneamente, muitas vezes a uma grande distância um do outro e dos quais, um é considerado como sinal, como prognóstico do outro. Note-se ainda aqui a analogia com as «correspondências cruzadas».

Os camponeses da Vendeia tinham visões que lhes indicavam o caminho duma «guerra santa».

Já nêsse tempo havia combatentes que recebiam comunicações do Além. Nos campos de batalha da Europa, juncados de cadáveres e onde a erva não tinha tempo de crescer, os guerreiros da epopeia napoleónica percebiam sinais.

O general Pelleport, do «Grande Exército» napoleónico, conta-nos o seguinte: «Vão rir-se de mim — diz êle — mas não importa. Na véspera da batalha d'Eylau, eu dormia profundamente, quando um ligeiro ruído me acordou: uma mulher ricamente vestida, estava diante de mim.

— Tu serás ferido gravemente, disse-me ela, mas nada receies; dessa ainda te livrarás.

«Vivamente impressionado com a estranha aparição, ia a responder, quando me apercebi que a minha fada tinha desaparecido. No dia seguinte fui ferido com 70 cutiladas de sabre e mais 5 estocadas de baioneta. Salvei-me por um milagre».

Esta história parece inverosimil, mas é verdadeira, conclui o general.

A duquesa de Abrantes escreveu que tinha visto em sonhos o marido, o general Junot, então a muitas centenas de léguas de distância, a andar em volta do leito, coxeando, e chamando-a em altos gritos. Tempo depois, a duquesa soube que num acesso de febre alta, Junot, o marido, quebrara uma perna ao saltar da cama. De facto, êle tinha então gritado pela mulher.

No momento da batalha d'Ersling, onde viria a morrer com as duas pernas partidas por uma bala de artilharia, Lanes disse a Cadet de Gassicourt, que é quem narra o facto:

— Tive esta noite um sonho estranho: sonhei que esta batalha seria a última para mim.

Vozes misteriosas indicavam aquêles que presidiam ao destino dos povos, o caminho a seguir. A sr.ª de Krudener aconselhava o Czar da Rússia Alexandre com tal tenacidade, que ela poderia ser apontada como a primeira responsável pela queda da Águia napoleónica (a retirada da Rússia em 1812).

Mais tarde, foi o aldeão Martin, o Visionário, que teria falado ao ouvido do velho Luís XVIII, e tais revelações teria feito acêrca do futuro, que o Bourbon céptico e frio, voltairiano e racionalista, murmurara entre lágrimas: «¿Ainda serão precisas tantas desgraças?»

Anseio de Paz—São-simonismo e Icarismo

Apesar dos maus preságios houve alguns anos de acalmia, uma espécie de moratória... Como se tivesse saído dum longo pesadêlo, o homem ansiava por viver a vida e por ter tempo para pensar. As ideologias do fim do século XVIII — «rousseanistas», socialistas e cientistas — espalharam-se com mais intensidade. Essas ideologias desenvolviam campanhas diametralmente opostas à da guerra. Às campanhas da «Liberdade» sucedem as cruzadas pacíficas pela fraternidade e a igualdade. As sociedades multiplicam-se e reflorescem acalentadas pela esperança de estabelecerem uma idade de oiro, onde — segundo a frase de Vítor Hugo — «tôda a gente há de fraternizar, onde os generais serão considerados simples magarefes»... Mas... ¡que longe estamos ainda dessa cidade de oiro! dessa fraternidade!... Um espêsso nevoeiro de seitas místico-socialistas derrama-se, cresce, engrossa por tôda a parte. Permitem-se os sonhos mais exaltados, desde o São-simonismo até ao Icarismo. O São-simonismo (criado pelo conde de Saint-Simon, filósofo francês, 1760-1825) preconizava esta doutrina: «a cada um segundo a sua capacidade, a cada capacidade segundo as suas obras. O antagonismo social deve ser substituído pela associação universal. A propriedade hereditária tem que ser suprimida. O Estado será o único proprietário de tôdas as riquezas e repartirá os instrumentos de trabalho conforme as necessidades e as capacidades de cada um».

Etienne Cabet, escritor francês, publicou em 1838 um romance com o título de «Viagem à Icária», onde apresenta a organização dum estado socialista ideal, fundado na intervenção do Estado em tôdas as coisas. É a esta doutrina que se chama «Icarismo» e foi considerada utopia comunista.

Como se vê, tanto o «São-simonismo» como o «Icarismo», têm grandes semelhanças com os ideais modernos avançados. Mais uma vez se verifica que nada se faz de novo debaixo da roda do sol.

Eliphas Lévi — Etanislas Guaita

O ocultista Constant, que adoptou o pseudónimo hebraico de Eliphas Lévi, foi mau padre, mau pintor, mau poeta, mau jonalista e execrável sociólogo. Prègou o anti-clericalismo e a anarquia, o que lhe valeu numerosos dias de prisão. A parte mais interessante da sua obra é o seu comentário à Cabala. Êle julga descobrir detrás dêsse montão de símbolos que é a Cabala os preceitos duma religião nova baseada na ciência e na caridade. Bem curiosa é a personalidade do aristocrata Stanislas Guaita, que veio a ser, na sua época, o centro do principal movimento do ocultismo. Guaita difere de outros ocultistas na distinção de espírito e na cultura. Cabalista e Rosacruz, envolveu-se em todos os movimentos do Ocultismo, em tôdas as seitas, mas sem nunca se enfeudar a nenhuma ou tomar, directamente, partido contra qualquer dêles. Guaita entendia que a comunicação com os mortos só podia obter-se pela *comunhão espiritual.*

Na *Serpente da Génese* explicava os fenó-

ESPIRITISMO — CIÊNCIA SUPREMA

pelo Dr. Inácio Ferreira
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Uberaba

II

INCONTESTÀVELMENTE, o Espiritismo vem trazer à medicina um valioso contingente de factores científicos para ampará-la na sua cruzada contra a dor, o desespêro e o sofrimento.

Incontestàvelmente, sim, porque êsses factores novos, pelo valor e pela eficiência de que são revestidos, além de provocar uma reforma geral nos seus princípios provadamente instáveis, lhe fornecerá, também, meios e conhecimentos indispensáveis para explicar sintomas, reforçar estudos já iniciados, encaminhar novas experimentações, obrigando-a, enfim, a uma transformação quási geral — tão extensa, que se reflectirá em tôdas as demais partes em que se subdivide a ciência médica, até agora apoiada em inúmeras causas conservadas como hipóteses à espera de novas investigações que as confirmem ou não.

A anatomia e a fisiologia vieram delimitar, descrever e explicar o funcionamento de quási tôdas as partes componentes do corpo humano, permitindo as classificações de conformidade com o equilíbrio ou desequilíbrio resultantes do bom ou mau funcionamento dos diversos órgãos.

A primeira, delimitando, medindo, descrevendo, revelou o verdadeiro arcabouço, o conjunto material que caracteriza a máquina humana; a segunda, mais importante, veio demonstrar a razão essencial de cada órgão, o *porquê* do seu funcionamento, a razão da necessidade das suas elaborações.

Maravilhada com a perfeição destas peças componentes; enleiada com o resultado de estudos posteriores que vieram mostrar a verdadeira função de cada uma, irrigando, transformando, produzindo e excluíndo para a manutenção do todo, em trocas perfeitas e regularidade admirável, ainda não conseguiu despertar dêste êxtase, desembaraçando-se da perplexidade, para prosseguir no estudo desta maravilha que é o corpo, à procura da essência que lhe dá a vida, o movimento, a inteligência...

Capaz de grandes realizações e com poderes bastantes para prosseguir na sua marcha ascensional, a ciência médica deixa-se dominar, todavia, pelo espectro da morte, entregando-lhe, no túmulo, os despojos que lhe ficaram da sua derrota.

Nesta luta constante em que sempre se julga vencida, ainda não foi capaz de reagir e ainda não se animou a ultrapassar as tumbas, movida pela curiosidade em saber como se volatilizou e onde foi armazenada esta

---

menos da magia pelas influências espirituais e fluídicas. Acêrca da queda de Adão, do chamado «pecado original», Guaita escreveu: «¿Que espantoso crime é êsse dum único homem, crime cuja mácula se propaga até aos mais longínquos herdeiros?... A lei social inflige uma herança de infâmia ao filho do ladrão e do assassino; mas a influência nefasta descresce, atenua-se, à medida que as gerações se sucedem... Tal é a lei dos homens. A lei de Deus só se distinguiria por ser mais rigorosa, mais bárbara, mais injusta até...

«A utilidade contingente do mal explica-se pela *lei dos contrários,* e a solução do grande problema — esotèricamente, pelo menos — pode formular-se nestes termos: «o mal opõe-se, momentâneamente, à norma do bem para que êste se manifeste na eternidade do seu triunfo. Deus só *tolera o pecado original* a título de gestação tenebrosa e transitória, donde deve eclodir o *bem positivo* e *superlativo:* a redenção».

Veio, depois, Peladan cheio de facúndia e sonhos de grandeza. Fazia preceder o seu nome do título de *Sar,* que foi buscar aos reis da Assíria: *Sar* Peladan.

Rosacruz, como Guaita, e, como êle, cabalista apaixonado pela ciência de «deitar as cartas», em 1890 teve a fantasia de lançar os mandamentos episcopais em nome da Sociedade Rosacruz.

essência que abandonou a máquina às transformações terrenas, fazendo com que volte ao mesmo todo de onde partiu.

A ciência médica está fazendo o papel do operário que conhece as partes componentes e essenciais da máquina que lhe foi entregue, mas não sabe descrever, analisar e mesmo fabricar a essência que a movimenta e sem a qual terá de cruzar os braços, impotente, na contemplação da maravilha de que se não pode utilizar.

A ciência médica é encarregada de velar por essa máquina sublime que é o corpo humano, mas ainda não lhe foi possível conhecer, analisar e conservar a essência da vida, o fluido coordenador do trabalho, desconhecimento que a faz deter-se à beira do túmulo, como vencida de sempre, entregando à morte — seu inimigo cruel e jamais vencido — o produto do seu trabalho de conservação.

No entanto, êsse fluido existe e esta essência da vida volta para o laboratório imenso do infinito, pois a tumba não é bastante para a decompor e reintegrar ao laboratório da natureza!

Êste fluido, esta essência é o *Espírito, a alma,* que norteia o corpo, o repositório dos sentimentos que êle externa através da matéria.

O Espiritismo apresenta provas irrecusáveis da existência desta fôrça, da veracidade desta vida precípua, e compete à ciência médica não só investigar estas manifestações, como, também, procurar estudar minuciosamente as diversas modalidades que a caracterizam.

A ciência tem obrigação de se interessar por participar de tudo aquilo que desperta a atenção das criaturas humanas, sempre confiantes nos resultados da sua análise.

As manifestações espiritas continuam cada vez com maior intensidade e a indiferença dos homens de ciência não se pode perpetuar no seu sono hibernal, pois os efeitos dos primeiros raios de sol da verdade já estão se fazendo sentir na seqüência animadora dos casos estranhos, dos fenómenos esquisitos, provocando celeumas constantes, aguçando a curiosidade àcêrca das suas manifestações, requerendo estudo mais atento e análise mais profunda.

Vozes isoladas se fazem ouvir, mas o murmúrio levantado em torno desta questão já é demasiado forte para abafar as acusações injustas que elas levantam e os fenómenos são por demais patentes, de modo a se não reconhecerem fundamentos e justificativas nas asserções precipitadas que nada explicam e nada resolvem.

Se a anatomia e a fisiologia vieram trazer à ciência médica, uma, ensejos para a delimitação e descrição, e outra, a razão do entrelaçamento entre as diversas partes componentes, o estudo e a compreensão do espírito lhe trarão o resultado do todo, a razão do movimento, do funcionamento da vida inteligente, pois que êles representam o alicerce, o arcabouço — a essência da construção — sem o estudo e a pesquisa dos quais a medicina jamais poderá cumprir a sua verdadeira finalidade, conservando, curando, atenuando e corrigindo.

Ainda Buda e as Vidas Sucessivas

Em uma nova digressão pelo «Catéchisme Bouddhique», encontramos mais estas elucidativas passagens, que oferecemos a Estudos Psíquicos:

A vontade de viver, que a todos anima: o desejo de uma existência individual nêste Mundo ou em um outro, são a causa do sofrimento, da morte e das vidas sucessivas. Porém, a expressão «vontade de viver» não significa, no sentido búdico, vontade consciente, mas o instinto vital, em parte consciente, em parte inconsciente, que se encontra em todos os seres; o conjunto de todos os esforços, de tôdas as tendências, de todos os desejos, inclinações, ou antipatias, que têm sua origem no egoísmo e que tendem a conservar a existência individual e a atingir o bem-estar, o gôzo.

Para pôr fim aos sofrimentos e à necessidade de existências sucessivas, prescrevem-se êstes preceitos: o desprendimento da vontade de viver e a dominação do desejo de uma existência individual nêste mundo ou noutro. Nisto está a libertação, a alforria, o caminho para chegar à paz eterna.

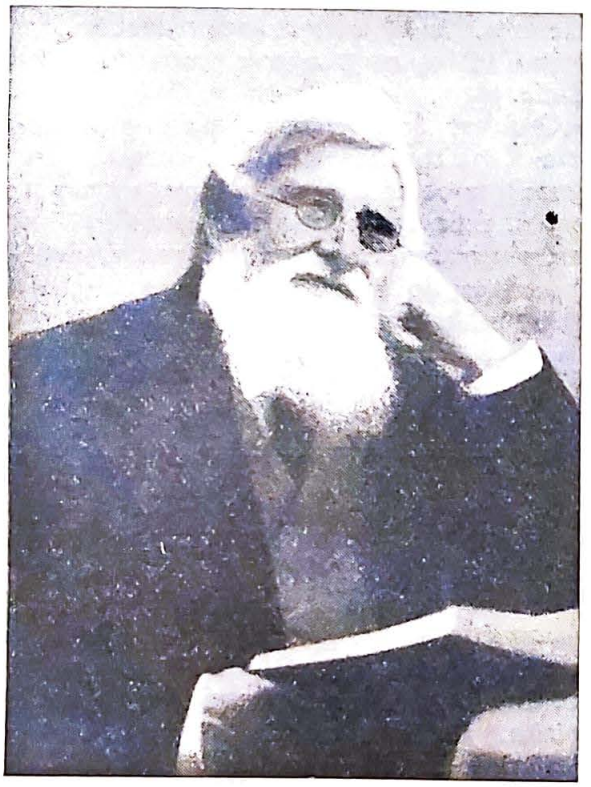
Mas a ignorância, a cegueira terrestre, a falta do verdadeiro conhecimento são obstáculos à libertação da vontade de viver e de se chegar à alforria.

Resumindo: a libertação das paixões, dos desejos de viver, etc., implica, para o homem, a renúncia de si mesmo.

J. A. Costa

O Testumunho de A. Russell Wallace

CONSIDERANDO tôdas as experiências e estudos feitos àcêrca dos fenómenos espiritas por homens de ciência que gozam da mais alta reputação, concluiram os espiritas que os factos em que baseiam a sua crença são e ficam provados, sem a menor sombra de dúvida. Entretanto, muitas



A. RUSSELL WALLACE

pessoas preguntam ainda qual a significação ou a razão de ser de todos êsses fenómenos estranhos.

Certamente, nenhum interêsse temos em que os móveis se desloquem, os corpos se elevem no ar e obtenhamos provas pelo fôgo ou pela escrita sôbre ardósias.

A resposta é esta: para muitos, êsses fenómenos físicos, ainda que aparentemente insignificantes e triviais, fornecem o meio mais seguro de atrair e fixar a atenção sôbre a experiência daquêles que se ocupam com o ensino da ciência moderna.

Desde que êles se certificam da realidade dos fenómenos que julgavam impossíveis, dizem que há nêles alguma coisa mais do que impostura e ilusão e prestes acham que tais factos são simples preliminares para vasto campo de estudos novos e conseqüentes.

Quási todos os que estudam a Física se tornam espiritas. Podemos contá-los às centenas em todos os países civilizados. Continuam os seus trabalhos nêsse sentido, porque estão convencidos da realidade dos mais simples fenómenos psíquicos; e aos que pretendem atribuir pouca importância a êsses factos, pode-se responder que por essas humildes faculdades foram atraídos homens da mais alta educação e saber.

Todavia, quando passamos além dêsse amontoado de fenómenos e os examinamos com cuidado, a filosofia e os ensinos que emanam das diferentes comunicações recebidas por médiuns influenciados pelos Espíritos, assim como dos escritos comuns das pessoas que há muito aceitavam e assimilavam êsses ensinos, entramos noutra fase do estudo, que ninguém poderá considerar inútil, se não estiver aferrado a idéias preconcebidas.

O ensino universal da filosofia espirita é que o mundo e todo o universo existem para desenvolvimento dos seres espirituais; que a morte é simples transição da existência material, no primeiro grau da vida dos Espíritos; que a nossa felicidade e o grau de intelecto dependerão do uso que fizermos das nossas faculdades e das circunstâncias dêste mundo.

Êste ensino afirma-nos que a vida presente oferecerá maior valor e interêsse, quando os homens forem educados, não em crença vacilante e duvidosa, mas na convicção científica e imutável de que a existência não é mais que uma quadra da eternidade espiritual.

Êste ensino prova que os pensamentos que emitimos e os actos que praticamos na Terra terão certamente efeito e influência na expressão orgânica da nossa futura personalidade.

Um exemplo dos ensinos do Espiritualismo

Moderno se encontra no livro «Spirit Teaching's», compilado pelo médium conscienciosо e inteligente espirita sr. reverendo A. Oxon (Stainton Moses). Diz êle:

«Assim como a alma viveu na Terra, assim ela se encontra na vida dos Espíritos: conserva os seus gostos, as suas inclinações, os seus hábitos e as sua antipatias. A sua mudança apenas reside na libertação do corpo mortal.

«A alma que na Terra teve gostos degradantes e actos impuros, não os muda logo; a sua natureza, passando da esfera terrestre à vida celeste, não ficará imediatamente purificada, do mesmo modo que a alma elevada que soube amar e praticar as virtudes, trabalhando pelo bem e pelo bom, não poderá, no Além, tornar-se má.

«O carácter da alma é o resultado dum desenvolvimento de cada hora, de cada dia da sua existência.

«Êsse carácter final não consiste em qualidades ou defeitos que se possam tomar ou abandonar; só a experiência de cada dia e de cada hora pode desenvolver o carácter dessa alma; êsse carácter faz a própria essência da sua natureza, de modo íntimo e indissolúvel.

«A alma tem hábitos tão precisos, que se tornam parte integrante da individualidade.

«O Espírito que respondeu às exigências dum corpo sensual, torna-se escravo do vício; tal Espírito não seria feliz num meio de pureza e delicadeza; aspiraria fatalmente aos seus antigos hábitos, que ficam como qualidades essenciais da sua alma.

«Leis imutáveis regem as conseqüências dos nossos actos. As boas acções produzem o avanço progressivo do Espírito; as más, degradando-o, retardam o seu progresso. A felicidade reside na marcha gradual do Espírito para a perfeição absoluta.

«Os Espíritos adiantados encontram a sua felicidade na prática do bem; são animados pelo espírito do amor divino.

«Não se comprazem na ociosidade e não cessam, em seus esforços, de aumentar o saber intelectual e moral.

As paixões e as necessidades desaparecem com o corpo. O Espírito passa então uma vida de pureza, de progresso e de amor, o que, para êle, é o céu. Só conhecemos o inferno que é nutrido na alma pelo fôgo das paixões e pelas inclinações viciosas, que é activado pela dor do remorso e pela angústia do mal praticado, pelas penas que carregam a consciência, em nome dos malefícios passados.

«Para sair dêsse inferno, é preciso caminhar de novo e cultivar as qualidades que produzem bons frutos, pela prática da justiça, do amor e do conhecimento de Deus.

«Podemos resumir os deveres do homem, considerado como sêr espiritual, na simples palavra progresso, isto é, *conhecimento* de si mesmo e de tudo que tende ao desenvolvimento espiritual do *eu* consciente.

«O dever do homem, considerado como sêr intelectual (com raciocínio e entendimento), resume-se na palavra *cultura*. Essas faculdades cultivadas, não em uma só direcção, mas em tôdas as suas ramificações, não tem sòmente desenvolvimento para as coisas terrestres, mas servem-nos também para maior e intérmino progresso, através da eternidade.

«O dever do homem para consigo mesmo, como Espírito encarnado em corpo material, é procurar obter a pureza: pureza em pensamentos, palavras e obras. Nessas três palavras, *progresso, cultura* e *pureza*, se resumem os deveres do homem, como ser espiritual, intelectual e corporal.

(De «Miracles and Modern Spiritualism»)

A Moral espirita

Entendemos que a fenomenologia espirita, seja qual fôr a sua forma, não é mais do que a demonstração palpável da alma humana.

É êrro crasso acreditar que, para ser bom espirita, basta tomar parte nas reüniões mediúnicas ou pertencer à Direcção de qualquer colectividade. Os verdadeiros espiritas conhecem-se pelos frutos que dão, isto é, pela moral que praticam em tôda a parte e não só pelo seu procedimento nessas reüniões. De nada serve bater no peito, fazer preces apenas nêsses momentos. A moral espirita, que grava no perispírito até os nossos mais íntimos pensamentos; que não perdôa a ninguém e a qual arquivamos para que, uma vez livres da matéria, a possamos ver e analisar com os próprios olhos e com a rectidão da consciência extra-terrestre insubornável, essa moral exige sacrifícios, esforços, auto-contrôlo, gestos heróicos, sofrimentos e valor a tôda a a prova.

TITO LÍVIO BANCÉSCU

O ESPIRITISMO E OS SEUS DETRACTORES

por F. Noronha

II

O Espiritismo será ateu? ¿Repudia ou menoscaba o vulto incomparável e peregrino de Jesus?!

Jamais de lábios espiritas irrompeu vocábulo que pusesse em sombra dúbia a existência do Nume eterno, Ser dos mundos e das belezas inenarráveis, jamais deixaram êles de dar passagem a hinários de alma em Divindade incriada que domina e rege todo o existente.

Não pretende ou ousa o espirita pôr-lhe erratas ou diminuí-lo em qualquer sentido. Proclama-o e adora-o, com a razão e a consciência, na plenitude inefável dos seus atributos e na augusta majestade de Supremo julgador.

Não vê nêle a inconstância dos nossos legisladores, redigindo e anulando códigos continuadamente, sem eliminarem de vez nos meios sociais as portas falsas e os alçapões e de entre os povos os escândalos de excepções a regras, cognominadas gerais, e de privilegiamentos.

Não, não vê lixo na autoria intangível nem a avaria e a lepra carunchosa, que contradissessem e obumbrassem o panorama esplendente de cintilações indiluíveis que denuncia, fascinadora e inebriadoramente, o ciclo de leis estáticas na dinâmica do Universo.

Pronuncia a palavra Deus com a ênfase de convicção profunda e grato e não lhe atribui responsabilidade nos descalabros humanos, como, por exemplo, os quadros lancinantíssimos da guerra, em que os racionais se lançam com garras de fera, conspurcando a liberdade que os dota e é medida do Alto para insofismável justiça de aprêço entre o mérito e o demérito de cada qual.

Assevera não trôpega essa justiça, que é equïdade perseverante e manifesta, de que os homens se divorciam no imo e na prática, embora falando-lhe entoem louvaminhas.

¡E ao seu Deus, a Energia máxima, presciente e omnipotente, o espirita rende graças, no genuíno culto de sinceridade não hipócrita e de ânimo assente. Todos os centros espiritas invocam a potestade soberana, de que falam as leis da Natureza, a elas submetida, e que fulguram na juba aureamente ofuscante dos sóis, nos silêncios estelares do firmamento, na estética impecável das constelações sidéricas, na harmonia do conjunto grandioso e imponentíssimo, no ilimitado dos movimentos e nas distanciações intraduzíveis!

¡Deus, pai cruel, não compadecido com a fragilidade da criatura humana, susceptível de deslise, mas capaz de remorso e de regeneração psíquica, em luta lenta e gradual contra os estímulos e inclinações que a propelem ou empolgam, Deus, dador de livre-arbítrio do ente que assume o cúmulo espiritual na animalidade e na unção inexcedível de sentimento em heroísmo de sacrifício voluntário, Deus, que a igreja romana conjuga com a eternidade de penas num antro infernal, pai cruel, seria um abismo de monstruosidade que o critério ponderado não descortina ou lobriga de modo algum e improcede com o senso ético da espécie e a sêde abrasadora de infinito, em suas mesmíssimas faculdades gloriosas! Não se engana o mundo na lírica diamantina da sua prece à Providência e Previdência, que não dorme.

O espirita ergue e rasga os véus de mistério na letra dura e disforme e faz sobressair ou procura evidenciar essa Providência e Previdência, não sonâmbula em nosso recôndito e que impressiona a nossa pupila, em visão directa, em tantíssimas realidades que nos cercam, desde os segredos que o microscópio desvenda até às soberbas colossalidades de côres e de esfusiantes irradiações com que o telescópio brinda o desejo do beneditino astrónomo na contemplação dos culminantes fenómenos do Espaço.

O espirita fala de Deus e acata-o, em espírito e verdade; implora-o sem cessar, diurna e noturnamente; e não debalde o faz. Permita a Energia Soberana que não sossobre, que os factos se produzam e autentiquem, não por favor especialíssimo,

mas na ordem natural, segundo leis que o àmanhã iluminará de plenitude e que não estamos por ora bastantemente habilitados para formular com incisiva genérica, logo aceita.

A poderosa República dos Estados Unidos da América do Norte, fecundo país, do Niagara e do Mississipi e Missouri, que viu Franklin, o detentor do raio, Fulton, o inaugurador do vapor, Edison, o inventor da lâmpada eléctrica, a benemerência emancipadora na estátua dum Lincoln, o libertador de escravos e à sugestionadoramente educativa e de instrução valiosa no ideal gigantesco de Rockefeller, o libertador de indigências, essa poderosa República, prodígio de actividade e de triunfo no trabalho em tôdas as ramificações, é um testemunhado motor e berço de espiritualismo, em simultânea coexistência com a crença no «Todo Poderoso» que aquela figura singular que teve por nome Jorge Washington, citou, com fervor de fé e de esperança, na monumental missiva de adeus ao povo da sua Pátria independente, datada de 17 de Setembro de 1796. Não será certo? ¿Poderá a detracção negar o que precede ou considerar o povo americano, não só do Norte, compreendendo o da nacionalidade mexicana, mas do Centro e do Sul, abrangendo a ridente Argentina e o solo de mais de oito milhões de quilómetros quadrados de superfície, onde corre o singular Amazonas e tem sorrisos a baía de Guanabara, ¿poderá, repito, a detracção considerar o povo americano prêsa de sortilégios e de contistas de *buena dicha?!* Creio provado que o Espiritismo não é ateu.

¿Repudiará ou menoscabará porventura o vulto incomparável e peregrino de Jesus? Tem merecido Jesus, o Messias, a atenção respeitosa do Espiritismo na pessoa de intelectuais de sólida cultura e de valor crítico irrepreensível, incapazes de versar de leve quaisquer assuntos e de firmarem conclusões sem base inabalável. Não foi escritor o grande iniciador judeu. mas o seu retrato inteiro, ao longo de séculos, avulta em letras evangélicas.

Quatro dos seus discípulos apostólicos no-las transmitiram e legaram, fazendo parte do Novo Testamento, composto delas, dos Actos, das Epístolas e do livro emocionante, sem paralelo escrito, do singular vidente de Patmos, de título *Apocalipse.*

Há só um Apocalipse, como há só uma *Imitação de Cristo.*

Mateus, Lucas, Marcos e João, o mesmo autor daquêle, elaboraram os quatro evangelhos, de leitura corrente no catolicismo e de que existem edições sinópticas em tôdas as línguas e missões religiosas. Os evangelhos avultam na mente e na memória dos espiritas, não como futilidades, como coisas de abandono ou também como objecto desopilante. Avultam conforme o que são, o que significam e o que representam. No plano elevado da filosofia pura, em sua concordância, em sua auscultação íntima e seguríssima, tanto quanto cabe no engenho e perícia dum estudioso aplicado, os tem percorrido com a visão externa e os olhos de alma a grei espirita cientista e tem reflectido o seu labor paciente em obras impressas que lhe correspondem. Jesus, portanto, aquêle que mandou se desse a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, — traço ou linha de separação insuperável entre o temporal e o espiritual, ou a matéria e a não-matéria, está patente do Espiritismo como enviado do Alto e porvindoiro Juíz de balança inoscilante.

Pudera declinar nomes e citar obras correlativas. Estenderia, porém, desnecessàriamente esta já massuda excursão e é mister terminá-la sem demora.

Contento-me, — e julgo suficiente — com a indicação de duas obras, em voga, cuja leitura levei a efeito sem pressa e sem lapsos intervalares, edificando-me deveras: «Novas elucidações do 4.º Evangelho por *João,* o *Evangelista*» (mais de 500 páginas) e «Espiritismo Cristão ou Revelação das Revelações. Os Quatro Evangelhos seguidos dos Mandamentos explicados pelos Evangelistas com assistência dos Apóstolos», (mais de 2.00 páginas em 4 volumes, traduzidos de original francês, da autoria do advogado J. B. Roustaing). Nestas obras não há azedumes na exposição, referências apoucantes para quem quer que seja, mas serenidade, atitudes que não melidram nem agravam, ou agitam os nervos desagradàvelmente, luva branca, alva de neve.

CONCLUíNDO

É obra imperfeita a do homem, que não conseguiu até hoje valorizar-se numa firme solidariedade ordeira e sensata compenetração de direitos em estado ininterrupto de Paz.

E, assim, não é de admirar que muitíssimo divirjam entre si as camadas sociais, tanto mais quanto é certo haver ainda em nosso planeta núcleos populosos atrasadíssimos e até selvagens pròpriamente ditos.

¿Não são mesmo os países, em ról de civilização adiantada, teatro de provas do contrário e diametralmente opostas? ¿Os detractores são perfeitos, não supuram mazelas em seu físico e não enfermam de tibieza anímica nas lucilações de sua inteligência e na asa incorpórea do seu pensamento?

É Jesus para os espiritas a expressão sublime duma ideologia veneranda, como Deus é energia vital inconsumível, espiritualidade suma, o Infinito.

E no símbolo dos Apóstolos, no Credo, que se ensinava e fazia decorar aos miúdos no meu tempo de criança, e me parece manter-se nos actuais catecismos de doutrina cristã, dizia-se que Jesus, ao terceiro dia, subira ao céu «e está sentado à *mão direita* de Deus Pai Todo Poderoso», etc.!!

¿E não se nos depara o Todo Poderoso pintado em templos encimados pela Cruz, com barbas brancas, já pertença do arqueologista e talvez com brevidade nos domínios da Fábula?!

Corrigir asperezas, expungir tolices, alisar superfícies, tal como arredar ódios, sustar contágios epidémicos, facilitar e favorecer a vida honesta no possível, aplaudir o que é de aplauso e censurar o que é de censurar, eis práticas de bom senso e de sã consciência em todos os hemisférios. Argumentar com argumentos e não com insultos, replicar a sangue-frio e não irado, discutir, numa palavra, com luz e empenho de luz, eis modalidades de abençoada pedagogia e de resultados nunca falazes ou perniciosos.

Importa à honra e dignidade humanas, ao bom conceito social e a tôdas as conquistas e pujanças da Civilização, vencer por convencimento, por lógica, por espírito e verdade, que excluem por natureza e por índole, imposições, incorreções, brutalidades de fôrça.

Findei o que me propuz. Se alguém, lendo o precedente, se considerar ofendido, deve desvanecer-se de semelhante idéia...

Lealmente declaro, que só foi meu intuito diligente esclarecer a mim próprio, abstraíndo de individualidades.

Cada um sabe de si, em espírito e em verdade.

A Solidão ao Serviço do Espírito

por António Pinto de Sousa

QUEM pensar a sério no Além, não deve repelir o convívio de pessoas amarguradas; pelo contrário, deve confortá-las sem esperar recompensa.

Por mais sábia que seja a criatura, desde que se interne na solidão reconforta o espírito, fazendo-o meditar nos complicados problemas do após-morte, circunstância que há de frutificar, quando, em futuras encarnações, se desvendar o verdadeiro mérito — mérito da bondade, da mansidão e do espírito de justiça para com todos.

No campo, entre espêssa vegetação, muitos apóstolos espiritas conceberam belos ensinamentos que legaram às gerações vindouras, em terrenos susceptíveis de dar bons frutos. São, de facto, êsses frutos que estamos a recolher, graças aos incansáveis obreiros que, através de revistas como *Estudos Psíquicos*, os espalham pelos mais distantes lugares.

Os gozos materiais conduzem muitos espíritos a conseqüências desastrosas, cujo efeito leva decénios a reparar.

Desde que me infiltrei em sítios êrmos, convivendo com gente simples, o meu espírito sentiu-se mais forte na verdadeira compreensão da vida futura. Ao balbuciarmos uma prece em lugares desertos, sentimos o influxo da Divindade, visto estarmos concentrados nas belezas celestiais.

¿Para que havemos de procurar deleites supérfluos nesta efémera passagem terrestre? Os que assim não pensam desconhecem os sofrimentos alheios. Sentem-se bem, denunciando o semelhante nos tribunais, depois de contra êles terem bolsado as maiores calúnias. Se conhecessem a doutrina emanada do Evangelho, não deporiam contra inocentes famintos, quer da alma, quer do corpo material.

Vivendo em lugares solitários, longe do bulício dos grandes centros urbanos, tornamo-nos mais humanos, convivendo com o próximo, insinuando-lhe o nosso querido ideal, um dos mais fortes pilares da regeneração desta sofredora e massacrada humanidade.

O Espiritismo é a enciclopédia das verdades eternas e infinitas, que a investigação humana tem podido, até hoje, penetrar e conhecer.

González Soriano

CONTO ESPIRITA

O DR. GRIMAL

Traduzido de «Estampa», de Madrid, pelo Coronel Faure da Rosa

O velho doutor Grimal, o famoso especialista de doenças da infância, sofreu uma grande contrariedade ao ver-se forçado, por uma das suas freqüentes distracções de sábio embrenhado em abstracções científicas, a passar a noite numa isolada povoação castelhana denominada Atañón das Altas Tôrres.

Não sabia explicar-se como tinha perdido o combóio... Regressava do Norte no «rápido» das vinte e quatro e, ao chegar àquela estação, sentiu um frio intenso. Como o combóio se demorasse uns quinze minutos, pensou em reconfortar-se com uma boa chávena de café com leite. Tinha tempo de sobra.

Ao passar pelo quiosque dos periódicos, comprou algumas revistas para entreter o tédio da viagem e, em seguida, entrou no desleixado bufête da estação.

Não havia nenhum freguês na sala; uma mulher de luto, tôda embiocada, resguardava-se do frio quási metida debaixo do balcão. Quando deu pela chegada dum cliente, chamou um criado em voz alta, o qual se aproximou, a esfregar os olhos papudos.

O doutor pediu café, enquanto pensava: «Caí numa terra de dorminhôcos.»

Nenhum ruído se ouvia.

— ¡Contanto que o relógio não pare e eu não tenha que passar a noite nesta terra cataléptica!...

E olhou para um grande relógio de parede, cuja pulsação metálica soava nitidamente no silêncio do bufête.

Ao mesmo tempo que saboreava a sua bebida, ia folheando uma revista. De repente, abismou-se na leitura dum artigo interessante. Não explicava como não tinha ainda ouvido o silvo da locomotiva para o arranque do combóio. Naturalmente por ser de madrugada e mais nenhum dos passageiros ter saído das carruagens, o empregado não anunciara a «partida» ou o doutor também não o teria ouvido.

Quem sabe? O certo é que quando acabou a leitura ergueu os olhos para o relógio e viu, com assombro, que sete minutos eram já passados depois da hora marcada para a partida do combóio. Chamou o criado, que, a dormir quem sabe aonde, tardou um bocado a aparecer. Logo que entrou na *gare*, teve a desagradável surprêsa de verificar que o combóio já ali não estava.

¡E até ao amanhecer não havia mais combóios! ¡Bonita noite ia passar na sala de espera da estação!...

Resignado, acomodou-se num banco. Estava um frio de rachar e, quanto a luz, apenas se divisava o vago reflexo duma lâmpada eléctrica, quási ligada ao teto. Impossível ler para matar aquelas quatro horas mortais que tinha de ali estar. Tirou o cachimbo e pediu ao tabaco um oásis de sônho naquêle deserto de aborrecimento. O doutor Grimal começava já a adaptar-se, quando viu o môço do bufête a falar com um ferroviário velho e baixo, que fazia sinais para o banco em que êle estava sentado.

Rápida e resolutamente, o velho ferroviário dirigiu-se ao doutor:

— Sr. Doutor, venho buscá-lo. ¡Venha já comigo, porque uma netazinha minha está a morrer!

O médico admirou-se de ser reconhecido por aquêle homem, a quem nunca tinha visto.

— Sabe quem eu sou?

— ¡Se eu já lhe disse que vim expressamente buscá-lo, é porque estou seguro de que só o senhor pode salvá-la! Acuda já, que cada minuto que passa é precioso.

— Vamos onde quiser.

E o dr. Grimal correu atrás do velho. Agora até dava por bem perdido o combóio e por bem empregados todos os incómodos daquela noite que êle ia terminar procurando salvar a vida duma pobre criatura.

Em todo o caso, o acontecimento tinha algo de extraordinário.

— Ora! Êste bom homem há de explicar isto melhor,—ia o doutor dizendo consigo—. O que mais interessa é chegar a tempo de salvar a doente.

O criado do bufête, que regressava ao povoado, acompanhava-os; e como a noite estivesse escurís-sima, êle e o velho acenderam uma achas resinosas para alumiar o doutor.

O ferroviário caminhava com uma ligeireza insuspeitável num ancião daquêles e não pronunciava uma única palavra. Depois de meia hora de caminho, chegaram ao cemitério de Antoñón das Altas Tôrres, cujas brancas paredes e altos ciprestes se apercebiam pelo reflexo da luz das achas.

Próximo do campo santo havia um casebre onde o velho entrou, fazendo sinal ao doutor para que o seguisse.

A casa era muito pobre; uma mulher vestida de luto velava junto duma cama de criança, onde jazia a doentinha.

No outro canto do compartimento havia uma cama em que dormia uma criatura um pouco maior. Da parede, entre os dois leitos, pendia um retrato grande do ferroviário que tinha ido buscar o médico.

A pequenita sofria de garrotilho; era um caso verdadeiramente grave, porque já se esboçavam em volta da bôca os sinais arroxeados da asfixia.

— ¿Esta pequenita não teve assistência médica, não é verdade?

— Não, senhor, — respondeu a mulher enlutada. — Está assim desde ontem. Eu julgava que fôsse uma bronquite insignificante; mas esta noite, há pedaço, o seu mal agravou-se tanto, que eu julguei ficar sem ela.

— Creio que ainda cheguei a tempo... — exclamou o dr. Grimal. Felizmente, venho de tratar um pequeno que sofre da mesma doença e trago comigo tudo o que é preciso. Foi um feliz acaso!

Involuntàriamente, Grimal recordou o artigo da revista que o entretivera no bufête da estação, cuja leitura o fizera perder o combóio, em que o articulista afirmava que o acaso e o azar são incompatíveis com a harmonia que rege a mecânica do Universo.

— É possível que tudo ocôrra como conseqüência duma lei, se bem que a vaidade dos sábios a julgue mais fortuita e mais incompreensível.

Ocupado com a operação à pequenita, o dr. Grimal não se lembrou dos seus dois companheiros. Depois de receitar umas injecções anti-diftéricas, procurou com a vista o ferroviário, para que êle fôsse imediatamente à farmácia do povoado, mas só viu o criado do bufête da estação.

— Digam a êsse bom homem que me foi buscar, que traga estas injecções imediatamente — exclamava o dr. Grimal.

— Eu não sei quem foi buscá-lo, senhor. Vivo sòzinha neste casebre, a duas boas léguas do povoado e por causa do mau tempo ninguém tem passado por estes sítios.

— Pois quem foi buscar-me foi o avô da doente que me acompanhou até aqui. Não me parece que isto tenha nada de extraordinário.

E dirigindo-se ao criado do bufête, preguntou:

— ¿Não é verdade que enquanto eu esperava na estação se acercou de mim um velho, com o uniforme de ferroviário, e me rogou, angustiado, que viesse ver uma sua neta doente

O criado pasmado, olhou para o doutor e respondeu:

— ¡Eu não vi nada, senhor! O que eu vi foi o senhor levantar-se lesto, como que a falar por entre dentes e tomar ràpidamente o caminho do povoado. Pensei então que, em vista de ter perdido o combóio, se tivesse decidido a procurar alojamento em qualquer casa; foi quando acendi um archote para o alumiar, porque o senhor não conhecia o caminho.

— Mas, se ninguém me tivesse avisado, ¿como é que eu adivinhava que nesta casa havia uma pessoa doente?

E de repente, erguendo os olhos, exclamou, designando o retrato:

— ¡Êste homem é que me foi buscar!

A mulher, muito pálida, murmurou com voz que mais parecia um suspiro:

— Assim, ainda é mais incompreensível, porque êste retrato é de meu pai, que, efectivamente, era môço da estação; mas morreu, faz hoje, justamente, cinco anos.

O Dr. Grimal pôs-se a contemplar de novo a fotografia, que estava pendurada na parede, entre os dois leitos, como que a velar o sono e a proteger o destino dos filhos. Depois, disse serenamente:

— Êste velho está enterrado há cinco anos, dizeis: entretanto, eu estou absolutamente convencido de que foi êle quem me trouxe a esta casa; e, ainda que lhes pareça estranho, desde que me afirmaram que êle estava morto, mais seguro estou de que foi êle, êste velho ferroviário, quem me serviu de guia para salvar a vida desta pobre criança.

E o Dr. Grimal não pensou mais em tomar o combóio da madrugada. Ficou junto da doentinha por alguns dias, até conjurar o perigo. Quis ganhar a gratidão do misterioso guia, que o doutor «sentiu» com os sentidos superiores, que ali estava constantemente, muito perto dêle, enquanto permaneceu no casebre de Antoñón das Altas Tôrres.

O Êrro da Igualdade

A sociedade moderna ignora o indivíduo e só toma em consideração os seres humanos; crê na realidade dos Universais e trata-nos como abstracções. Foi a confusão dos conceitos do indivíduo e do ser humano que a conduziu a um dos seus erros mais graves: a produção de homens em série. Se estes fôssem todos idênticos, seria possível educá-los, fazê-los viver e trabalhar em grandes rebanhos, tal como o gado. Mas êles têm personalidade e não podem ser tratados como símbolos.

Dr. Alexis Carrel

F/45

Ciência Universal

por Haydi de Thebelen

IV

ENALTECENDO sempre a superioridade teosófica, diz o bispo de Leadbeater, a pág. 80 do seu livro «Os Servidores da Raça Humana»:

«Quando o Bodhisatva consentiu em aparecer nas Índias sob as aparências de Sri-Krishna, e mais tarde na Palestina, sob as de Jesus, não havia um só membro do nosso Grupo presente para O servir, e nós não fomos então escolhidos, como, pelo contrário, o fomos agora».

A Dr.ª Annie Besant, também fundadora da mesma S. T., afirma no seu livro «O Homem e os Seus Corpos», pág. 1, que a Sociedade Teosófica se destaca como mandatária da Irmandade Branca, — «para a qual todos os teósofos têm o *insigne privilégio* de contribuir».

O sr. Jinarajadasa confirma, dizendo que «ela (a Teosofia) proclama-se a *representante dos ensinamentos duma dinastia de sábios*» (pág. 53 — «Nova Humanidade da Intuição»).

Explica a Teosofia que, sempre que aparece uma nova civilização, aparece um Manú com o fim de preparar o mundo para as novas transformações, e para êste trabalho tem uma falange de servidores teósofos» (pág. 6 de «Os Servidores da Raça Actual»).

No mesmo livro, pág. 29, lê-se: «Foi também por sua ordem (do Manú) que os casamentos se deram constantemente entre famílias escolhidas, afim de que a raça novamente estabelecida pudesse ficar pura de qualquer mistura».

Devido a esta «pureza e santidade», os brâmanes, tão citados nos livros teosofistas, não podem misturar-se com as outras classes sociais...

Da mesma obra, pág. 35:

«É na verdade uma nobre ambição desejar ser membro desta Falange de Servidores.»

Leadbeater afirma, a pág. 174 do «Compêndio de Teosofia»:

«O teosofista ergue-se acima dela (da vida inferior) aos níveis superiores do pensamento e da consciência; e, olhando para baixo, para a vida, com os olhos do espírito, compreende-a na sua totalidade...».

Na pág. 175: «Para êle, há uma ausência total de apoquentações, porque, em verdade, nada resta com que se apoquente, visto que êle sabe que tudo deve estar bem. A sua ciência superior torna-o um optimista firme...».

Finalmente, a pág. 191, diz:

«O teosofista coloca-se sempre ao lado do pensamento superior, nunca do inferior, do mais nobre, antes que do menos» — «busca sempre auxiliar e nunca impedir; torna-se cada vez mais útil aos seus semelhantes». «Esquece-se inteiramente de si e vive só para os outros; considera-se a si próprio como parte do esquema da evolução, realiza Deus dentro de si, e aprende a tornar-se cada vez mais uma verdadeira expressão d'Êle; e assim, cumprindo a vontade de Deus, não só se torna feliz, mas torna-se uma felicidade para os outros.»

Nestas considerações (embora nem sempre seja assim), ninguém poderá estranhar que os teósofos se considerem e à sua doutrina, como constituíndo uma *élite* espiritual única no mundo terreno.

Poderia admitir-se que certos escritores teósofos do século passado, muito eivados de catolicismo, tivessem errado em muitas das suas afirmações, mas que em nossos dias ainda se apresentem essas erróneas idéias como verdades, parece-nos absolutamente contraproducente.

Num artigo intitulado: «A Investigação Psíquica Como Via de Conhecimento», diz a citada revista, referindo-se às sessões espiritas: «... os instructores ou guias são quási sempre invisíveis».

O articulista esqueceu-se de informar os seus leitores se os Mestres dos teósofos são visíveis, mas afirma que «um bom livro de Teosofia revelará maior quantidade de filosofia oculta do que qualquer número de expressões ou publicações espiritas».

¿E os livros que já citei e que falam das «cascas», «cascões», «elementais», «sombras» e «larvas», ou cadáveres das camadas

inferiores dos corpos do seu clássico quaternário?

A êste respeito faço minhas as palavras do Dr. António Freire, aconselhando a êsse articulista «as experiências mais modernas que vão de Bozzano a Crawford, sensacionais no pensamento científico contemporâneo e que falam eloqüentemente, para todos aquêles que as queiram estudar e confirmar *experimentalmente*».

Apesar destas provas do Neo-espiritualismo, o mesmo teósofo diz ainda: «...se o indivíduo se decidir ou se convencer pessoalmente a experimentar com a mediünidade, a sua saúde e estabilidade física moral e mental ficam comprometidas.» — «Depois de experimentar serenamente certo número de anos o método espiritista, não terá dúvida em dizer que o método teosófico é infinitamente preferível».

Termina, dizendo que «... exortará veementemente a seus irmãos teósofos, como a *todos os investigadores sinceros da verdade contra tôdas as práticas mediúnicas pessoais de qualquer espécie.*»

Os livros teosóficos falam-nos do reencarnacionismo; mas, sem a metapsíquica, a teosofia nada prova. Neste sentido, a Dr.ª A. Besant legou-nos o livro «A Reencarnação», em que nos diz:

«Apesar de, para mim, não haver a mais pequena dúvida de que a existência da Reencarnação é um facto da Natureza, limito-me a apresentá-la aqui como hipótese racional e não como teorema demonstrado: pois escrevo para aquêles que procuram a evidência nos actos da vida e da história humana. Os que sabem que é uma verdade, não necessitam de outros argumentos».

¿Mas aquêles que não sabem nada sôbre a teoria da reencarnação, poderão esclarecer-se apenas com hipóteses?

¿O Espiritismo prático não seria o caminho lògicamente indicado para lhes fornecer essa verdade? ¿A metapsíquica, ciência-positiva, não será o complemento exacto das nossas teorias reencarnacionistas?

*

Veja-se o n.º 1 da revista «A Estrêla», de 1928, e aprecie-se devidamente a adopção do então jovem Krishnamurti, feita e descrita pela Dr.ª A. Besant, nos seguintes termos:

«Muitas têm sido as mudanças que vi, no dia 11 de Janeiro de 1910, em que eu e o meu venerando irmão C. Leadbeater estivemos em pé, por detrás do jovem Krishnamurti e dos seus dois padrinhos, nossos Irmãos mais Velhos, na presença radiante do Senhor Maitreia, o futuro Buda, sôbre cuja cabeça brilhava a Fulgente Estrêla, ao passo que o Senhor Buda, *sentado bem alto no espaço*, abençoava a criança que ia pôr os seus frágeis pés no Caminho trilhado pelos Tatagatas, desde que o nosso globo recebeu os Filhos do Fôgo.

«Após as costumadas preguntas e respostas e depois de uma breve pausa, o Hierofante (1), olhando ternamente para aquêle pequenino ente, preguntou, e, em vista de tão tenra idade do candidato, se quereriam alguns irmãos, vivendo no mundo físico, tomá-lo a seu cargo e olhar por êle até atingir a maioridade.

«Respondemos, meu irmão e eu, que gostosamente aceitávamos o encargo, porque o estimávamos muito.

«Tendo-se-lhe preguntado se êle nos aceitaria como tutores durante a sua adolescência, êle, em algumas frases cheias d'amor, mostrou desejar acolher-se à nossa protecção.

«Então, de um modo imponente, foi-nos transmitido êsse sagrado cargo, formando-se entre êle e nós um elo que jamais poderá ser quebrado.»

Visto que os teósofos se consideram «os secolhidos de Deus na terra, e os representantes duma dinastia de sábios», tem de se admitir que esta e outras cerimónias do mesmo género são pertença exclusiva desta *élite*...

Mas quando os espiritas falam dêsses Irmãos mais Velhos, que também com êles comunicam, ¿que dizem os teósofos?...

Afinal, apesar dos juramentos tão solenes, quebrou-se o elo que unia Krishnamurti aos seus pais adoptivos, como vamos ver.

Krishnamurti cresce, torna-se um homem, um espírito elevadíssimo que a Sociedade Teosófica apresenta sob o aspecto de um místico inspirado, como o «Chefe das religiões do mundo».

Organizam-lhe a «Ordem da Estrêla», que êle chefia. Mas, tendo-a impregnado de misticismo religioso, como se não bastassem tôdas as religiões já existentes, ¡os seus fundadores introduzem nela missas, com todo o cerimonial rituálico das igrejas católicas!

Jovem ainda, Krishnamurti, sentindo-se rodeado do culto litúrgico do que êle chama «as muletas» ou religiões, resolve quebrar o círculo vicioso em que o tinham encerrado e abandona a «Estrêla», declarando:

(1) Era visível?

«A iluminação é a descoberta do verdadeiro valor de cada coisa. Nada de submissão a autoridades, a preconceitos, a noções pretéritas, a mêdos. ¡A verdade só pode ser aprendida por cada um e por isso era necessário que cada um se libertasse de tôdas as limitações ambientes, de cultura, de tradição e do próprio Eu!

«Não falo para ser seguido, nem para compor um grupo especial de discípulos escolhidos. Os homens gostam de se distinguir dos seus semelhantes, mesmo pelas diferenças mais mesquinhas, mais absurdas! Eu não quero encorajar êste absurdo. Eu não tenho discípulos, nem apóstolos.»

¡Jamais um Instrutor tomou semelhante atitude!

O sr. Jean Delville (1) explica o fracasso da *Estrêla* da seguinte maneira:

«1.º — Certos membros da Sociedade Teosófica, cujo automatismo mental, suportado por vários anos, os impedia de se desfazerem das idéias preconcebidas, ainda que influenciados por um sistema filosófico que tem a sua grandeza, por certo, *mas que é impotente para libertar completamente o homem que procura a Verdade.*

«2.º — Um certo número de membros pertencendo a uma seita religiosa, chamada Igreja Católica Liberal, criada também com a idéia preconcebida de que Krishnamurti a reconheceria como sendo um dos seus instrumentos no mundo da crença e da devoção.

«Os primeiros julgaram que o Instrutor viria ensinar na qualidade de «teósofo» *ortodoxo;* os segundos estavam convencidos de que êle traria as bênçãos à sua igreja. Uns esperavam um Instrutor segundo a Dr.ª A. Besant e o Bispo Leadbeater; os outros, um Instrutor segundo o Bispo Wedgwood».

Desfeita a «Ordem da Estrêla», Krishnamurti abandona a sua côrte de prosélitos teosóficos. Perseguições e intrigas, nada o abala, e, serenamente, continua a pregar a Verdade.

Os *mentores da Sociedade Teosófica, impregnados das bolorentas idéias religiosas e sociais do seu meio,* contra o qual não reagiram, deram ao mundo *uma Teosofia repleta dos maiores absurdos.* A atitude de Krishnamurti no Congresso teosófico de Ommen (Holanda), em 1929, prova a crise dêsse sistema.

Entretanto, Krishnamurti é considerado como um génio da actualidade e acusam-no de pensar muito para além da nossa época. Como acontece a todos os grandes reformadores, é temido por uns e adorado por outros. Na Inglaterra e na América proíbem-lhe de falar. No Brasil, acolhem-no e as multidões enchem as grandes salas onde êle fala, e as suas conferências têm repercussão em todo o mundo.

O seu pensamento reflecte-se nas camadas intelectuais e artísticas, na expansão da Luz e da Verdade. Krishnamurti não cabia no ambiente da Sociedade Teosófica.

(1) «Estrêla», de Outubro de 1929.

A Necessidade de Religião

pelo Dr. Paul Carton

A religião tem por objecto lembrar diàriamente ao homem a causa e o fim da sua vida e impor-lhe regras morais e físicas, destinadas a facilitar-lhe a obra de aperfeiçoamento individual.

A irreligião é o pior flagelo que pode cair sôbre um país, visto que sem fundamento religioso a vida só aparece como por acaso, por sorte ou conflito de amargos egoísmos. Na verdade, a irreligião tende a desencadear más paixões e os mais baixos instintos de gôzo material imediato e fácil. Conduz à preguiça, à orgia e à revolta, porque a vida, sem apôio supremo e sem sanções imperativas, isto é, sem fé nem lei, sem Deus nem senhor, não é mais do que irrisão, desordem e doença. O desprêzo das hierarquias intelectuais e morais, a indisciplina e a anarquia provêm de que as leis humanas já não têm fundamento irrefragável em Deus, nem motivos superiores para serem consentidas e obedecidas.

A religião é, pois, dever essencial, já que tôdas as obrigações da vida a ela vão buscar a sua única razão de ser, a sua fôrça de verdade, a sua necessidade imperiosa. Nada pode ser decretado com verdade, nem obedecido com ardor por quem ignore a causa e o fim da vida humana. Sem crença, nem se sabe amar, nem trabalhar.

É preciso então ter uma religião e praticá-la, mesmo que alguns dos seus dogmas pareçam imperfeitos.

Evidentemente, esclarecido com os ensinamentos científicos, filosóficos e religiosos, comparados e sintetizados, acaba-se sempre por discernir as verdades essenciais, ocultas atrás dos símbolos, e por encontrar o espírito vivificador encoberto pela letra.

(De «As Leis da Vida Sã»)

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA (*)

PSICOLOGIA

C) Sensibilidade

por Ramos Pereira

IV — As tendências

VIMOS atrás que as faculdades são as potências do comportamento, isto é, a capacidade de agir sob a forma de pensamento, sensibilidade ou vontade. Ora, quando algo está contido em potência numa substância, esta tem a «tendência» para resolver aquêle algo em acto. Contudo, não podemos confundir as tendências com as faculdades, embora a cada uma destas correspondam algumas daquelas. (Eu sinto, porque posso sentir, e dêste poder deriva a minha tendência para sentir sob formas que me são próprias).

Trataremos aqui das tendências afectivas ou propensões e inclinações que realmente merecem um estudo mais aturado. São as denominadas tendências afectivas fracas. A propensão, porém, visa um fim fisiológico, ao passo que a inclinação tem um fim psicológico; e, assim, as primeiras são individuais e as segundas colectivas.

A propensão ou apetite, pois, tende essencialmente à conservação da vida fisiológica, a procurar o prazer e a diminuir ou afastar a dor. É fundamentalmente egocentrista e revela-se periòdicamente, sendo susceptível de desenvolvimento. É preciso notar que êste desenvolvimento se dá mais no modo de satisfazer a propensão, que na própria propensão. Quando natural, o apetite tende, não apenas à conservação do indivíduo, mas da própria espécie. O hábito origina, por seu lado, apetites que aos poucos tomam carácter imperativo, ainda que sem o fim dos naturais (apetites factícios).

Se bem que fenómenos fundamentalmente afectivos, as inclinações, quando pessoais, aliam-se estreitamente às faculdades. E, assim, da inteligência temos a curiosidade, a credulidade e a incredulidade; da sensibilidade, a ânsia de emoções; da vontade, as inclinações para a propriedade, riqueza, autoridade, estima, glória, domínio, influência, e que a própria vontade deve corrigir nos seus excessos. Estas inclinações da vontade são-no apenas porque a vontade as reforça; elas correspondem, de facto, ao desejo inato do homem — o domínio. Todo o animal o sente, tomando, porém, no homem, devido às circunstâncias da sua evolução fisio-psicológica, aquelas várias formas. Propriedade, fortuna, autoridade, estima, glória, domínio, influência, é tudo dominar, é o sentido da posse.

Há quem classifique as inclinações sociais em electivas, domésticas, patrióticas e filantrópicas. A meu ver, as primeiras — amor e amizade — são mais paixões, que inclinações, além de ser difícil destrinçar o que é paixão do que é inclinação.

Por outro lado, as inclinações patrióticas são um simples derivado das domésticas, e, assim, nós consideraremos nas inclinações apenas duas categorias: — domésticas e filantrópicas.

As inclinações domésticas são tendências afectivas do homem, a reforçar os laços do sangue criados pela família. Esta tendência começa a notar-se nalguns animais superiores, adquirindo a sua forma mais pura no homem. Embora inata, os tempos foram-na corrigindo. Hoje, revela-se por uma coesão que faz dos membros duma família um verdadeiro bloco. O sentimento que acompanha esta coesão é já uma paixão e não uma tendência.

A inclinação patriótica revela-se, a princípio, na criança, pelo amor à família e à casa paterna. Quando sai do orbe familiar e passa a conviver com o meio, aquêle amor alarga-se à terra onde nasceu. Se nunca sair dela, arreiga-se no seu espírito um bairrismo infrene e uma vaga noção de pátria, mais descritiva que sentida. Mas vejamos o caso mais vulgar. O homem

(*) Ver *Estudos Psíquicos*, de Julho de 1944 a Janeiro de 1945.

aprende depois que, além da sua terra, há muitas outras com um mesmo passado; ouvindo as lições da sua História, acaba por alargar o amor à sua província e, por fim, ao país inteiro. E assim cada homem, na sua noção de pátria, vê mais distintamente a sua província e nela um ponto brilhante, que é a terra onde nasceu. Um dia, porém, sai do país e, muito embora se vá fixar noutro e ali crie família e uma vida, fica-lhe sempre um sentimento indifinível que se traduz na palavra — saüdade!

Superiores às inclinações domésticas, profundamente exclusivas, vêm as inclinações filantrópicas derivadas da situação do homem dentro da sociedade. Revelam-se por uma benevolência activa que nos seres mais perfeitos é o amor ao próximo.

V — Paixões

As tendências não são sempre movimentos de fraca intensidade. Há aspectos em que são verdadeiras rajadas, contínuas, profundas, exclusivas, absorventes: — são as paixões, ímpetos do ser, exaltados pela imaginação que sob a forma dum hábito as dirige ou afasta dum objecto, conforme vê nêle prazer ou dor.

Na sua forma desregrada, a paixão é um verdadeiro estado patológico em que às causas psicológicas (imaginação e sensibilidade) se alia um forte complexo fisiológico (hereditariedade, alteração do sistema nervoso, etc.). Contudo, a paixão nem sempre é um desregramento do comportamento do ser; ela é antes um complemento da sensibilidade de que as formas psicopáticas são meros estados esporádicos.

Como factores da paixão, poderemos enunciar: — o objecto, a atenção, a imaginação e a sensibilidade. De facto, não há paixão sem objecto e se êste se tornou causa duma paixão, foi porque despertou a atenção; o elemento representativo aclarado assim no campo da consciência deixa uma imagem que será exalçada pela imaginação. Tudo isto se reforça com a impressão causada pelo elemento afectivo da sensação. E ainda é vulgar constatar que um objecto inapercebido num dado momento, foi noutro perfeitamente examinado. Porquê esta influência? É bem fácil de compreender que, estando a consciência sofrendo um dado estado, apenas é afectada pelas sensações afins ao estado, repelindo as opostas. O estado cria, por assim dizer, um meio psíquico em que apenas se podem desenvolver as sensações que estejam em harmonia com o meio. Contudo, uma sensação forte pode ser causa duma modificação de estado que altere as condições do meio e, lògicamente, o poder combativo da sensibilidade. Essa influncia não é absoluta, porquanto sensações de fraca intensidade podem ocasionar um trabalho subconsciente, cujos reflexos na consciência clara modifiquem o plano da sensibilidade; além de que podem coexistir estados positivos e negativos da sensibilidade (com objectos diferentes, naturalmente), sem que ambos deixem de ser reais e distintos, pois coexistência não significa, nêste caso, neutralização.

Ora, se a sensação afectiva é a impressão agradável ou desagradável causada por um objecto, temos assim duas categorias de paixões:

1.ª — Positivas (estima, admiração, etc.).

2.ª — Negativas (indiferença, desdém, desprêzo, etc.).

Parece à primeira vista que esta enunciação é um jôgo de palavras, mas veremos que muitas vezes escasseiam os têrmos para exprimir tôda a gama da sensibilidade.

A) — Estima

Resulta da harmonia das características afectivas do objecto com o modo de sensibilidade do sujeito. Esta acomodação não é forçada, é antes uma sincronização harmónica. A estima é mesmo a consciência dessa harmonia e das qualidades do objecto, não sendo, pois, absoluta. Não se aprecia o objecto na sua grandeza e beleza puras, mas sim nas características que nos afectam agradàvelmente. Não se formula uma opinião sôbre o objecto, e quando se emite essa opinião, nunca é desapaixonada; procura-se sempre exalçar aquelas características, ocultando os defeitos. O elemento afectivo sobreleva fàcilmente o representativo, visto que o sentimento que causa a estima começa logo a fazer-se sentir, à medida que o representativo se vai

apagando, após ter revelado a harmonia. A imagem que fica como resquício é recordada freqüentes vezes pela memória, como se a sensibilidade quisesse, com essa recordação, reavivar os sentimentos.

B) — Admiração

Na admiração temos a distinguir duas formas: — uma neutra, a que Descartes viu («Tratado das Paixões da Alma») e uma positiva: «Quando o primeiro contacto com qualquer objecto nos surpreende e o julgamos novo ou muito diferente do que até então conhecíamos, ou do que supúnhamos que deveria ser, isso faz que o admiremos e nos surpreendamos com êle. E como isso pode acontecer sem que nada saibamos sôbre a utilidade ou nocividade dêsse objecto, parece-nos que a admiração é a primeira de tôdas as paixões; e não tem contrário, porque, se o objecto não tem em si nada que nos surpreenda, não somos afectados por êle e consideramo-lo sem paixão». Descartes viu, assim, a admiração sob forma neutra. Como positiva, é um estado intermediário entre a estima e a veneração. A origem dêstes estados é comum. A junção de novos elementos é que explica as diferenças e não uma pluralidade de origens. Enquanto na estima a principal causa é a harmonia, na admiração e sentimento apresenta-se sob tal intensidade, que causa verdadeira estupefacção afectiva. Mas não queremos dizer que admirar tenha como corolário estimar, pois pode-se admirar sem estima, visto que o obpecto da admiração pode sê-lo exactamente pela antítese que apresenta com o sujeito. Tanto a harmonia como a diferença, podem ser causa de admiração, geralmente no desnível do inferior para o superior.

Não se admira o que está no nosso nível e sim aquilo de que não tínhamos a menor idéia ou aquilo que em muito nos sobreleva.

C) — Veneração

Quando a admiração se mecla ao respeito, temos a veneração. O respeito é um sentimento informe, uma espécie de consciência de superioridade ou intangibilidade do objecto. Suponhamos um crente em face da imagem dum santo. A idéia que ela representa causa-lhe quási deslumbramento e queda-se admirativo; ao mesmo tempo, forma-se no seu subconsciente a idéia indefinida de que a imagem é uma coisa sobre-humana, inimitável. Assim, à admiração junta-se o respeito e o indivíduo venera, sente-se capaz de sacrifícios para salvaguardar a intangibilidade do objecto da sua veneração.

O ser que venera, em face daquilo que venera recolhe-se, alheia-se do exterior, para melhor absorver a beleza, sente-se feliz.

Mas acima da veneração está ainda a adoração, forma mais intensa, absoluta, que implica sempre grande sensibilidade. O recolhimento é mais profundo. Da adoração ao êxtase vai um passo.

Como se dará? Com a concentração, o indivíduo mantém-se numa tal inércia física, que as necessidades acalmam-se, quási desaparecem. É o «Eurico» de Herculano, no alto dos montes escalvados, batidos pela tempestade. O ser absorvido na adoração, como que se desprende da matéria, para se amalgamar com o objecto da sua adoração. E assim se mantém, ouvindo e vendo verdadeiras maravilhas celestes; e quando desperta, a vulgaridade choca-o, confrange-o, fá-lo sofrer.

D) — Amizade

Esta paixão apresenta muitos pontos de semelhança com a estima. Podemos mesmo dizer que a base da amizade é a estima. Esta, arreigando-se pela convivência, cria verdadeiros laços que, sem serem sangüíneos, podem valer tanto como estes. À estima mescla-se uma benevolência que torna êste sentimento um dos mais belos da alma humana. Apenas o Amor a supera.

A amizade é simples, desinteressada, benevolente, absoluta, altruísta. Em troca, apenas demanda... amizade. É feita da compreensão e do perdão de pequenas faltas. Um ser que não seja capaz de sentir a amizade é um ser árido, insociável.

Como nasce a amizade? Começa-se sempre pelo elo misterioso da simpatia instintiva ou da nascida pelo convívio; esta atrai

e da comunhão e compreensão surge a eszade.

Amizade e amor são tão afins, que muitas vezes o próprio sujeito as confunde. !Quanta infelicidade se gera na confusão da amizade com o amor!

E) — Amor

Desde sempre que poetas e romancistas cantam o amor sob as mais variadas formas, o deturpam a seu bel-prazer, o mostram sob as linhas tenebrosas do desengano e do sacrifício ou nas païsagens coloridas dum bucolismo irreal ou dum realismo abjecto. Mas muito embora haja nêsse amor ficção e fantasia, no fundo há sempre um coeficiente de experiência pessoal que vale pelo seu cunho de introspecção.

O amor, vivendo do temperamento da sensibilidade do indivíduo, reveste formas variadíssimas, mais complexas na mulher, que no homem. A mulher atinge o requinte das formas pela acuïdade sensível, sendo capaz de, por êle, praticar os maiores sacrifícios e as maiores atrocidades.

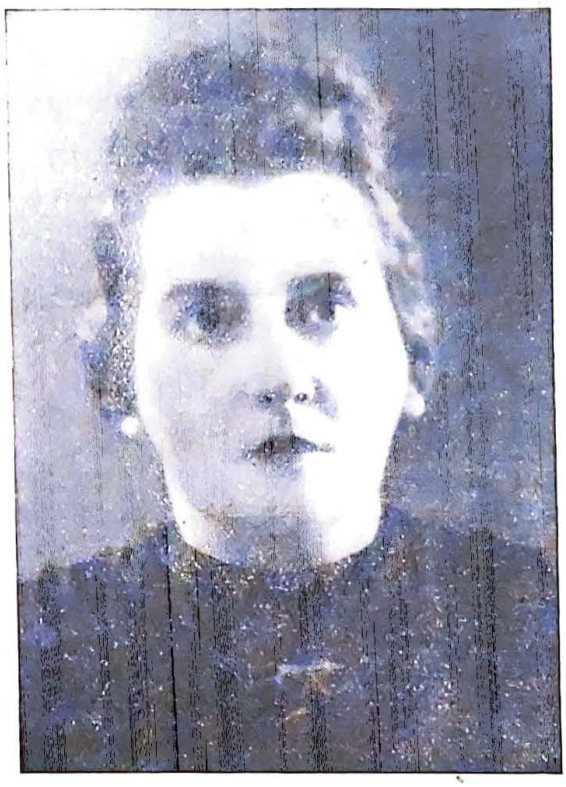
Pondo de parte as «nuances» que são mais amizade do que amor, podemos resumir num quadro as formas principais em que êle se manifesta, muito embora entre algumas delas haja semelhanças.

- Amor
  - Amor psicológico
    - Familiar: conjugal, paternal, maternal, fraternal, familiar
    - Idealista: ao ideal, à profissão, à humanidade
  - Amor psico-fisiológico
    - Platónico: puro, bucólico, romântico, juvenil
    - Natural: simples, normal, inferior, excessivo
    - Sensual: puro, devasso, desregrado
    - Fórmas psicopáticas

Leontina Cabral Hogan (Léo)

Foi em 18 de Janeiro de 1943. Um telefonema de Faure da Rosa anuncia-nos a desencarnação de Léo, grande amiga desta revista, na qual colaborava assìduamente, dispondo-se a trabalhar na sua expansão e no seu progresso.

Poucos dias antes, falara-nos no livro do Padre Roque do Nascimento, lastimando que



LEONTINA CABRAL HOGAN (LÉO)

um sacerdote usasse linguagem soez no combate ao Espiritismo. E dispunha-se a responder-lhe cristãmente, no tom elevado que punha nos seus belos artigos, eivados de espiritualidade e bondade. Não o pôde fazer, porque os seus dias estavam contados na ampulheta do tempo... Ainda assim, grandes serviços nos prestou na promoção da conferência que o coronel Faure da Rosa realizou no Cinema Condes.

Interessava-se por tudo que dizia respeito ao Centro e à Revista. Estava sempre a preguntar como decorriam os nossos trabalhos e a pensar na maneira de conseguirmos novas realizações. Uma verdadeira amiga, na verdadeira acepção do termo.

É grato recordar aquêles que nos auxilia-

nº 4, Fev 45

F/45

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O nosso colaborador Dr. Artur Dias Pratas, de Coimbra, recorda a sua conversão ao Espiritismo, em palavras de impressionante sinceridade, susceptíveis de contagiar os leitores.

COMO me fiz espirita?

Já em 1932 tive oportunidade de me pronunciar sôbre o assunto, respondendo a um Inquérito publicado na *Revista de Espiritismo* (Ano VI, N.º 1); não desejando, porém, faltar à chamada de *Estudos Psíquicos,* aqui me apresento de novo para expôr o «meu caso», resumindo quanto possível aquêle depoïmento anterior:

Criado desde a minha meninice num ambiente religioso, foi inoculada no meu espírito a crença em Deus e na existência da alma.

Era uma crença abstracta, à qual se adicionava outra com coloridos mais positivos e realistas: — a crença nas recompensas celestiais e nas eternas penalidades sofridas nas sulfúreas chamas do infernal reino de Satanás.

Fiz-me homem. Casei catòlicamente, segundo o meu credo religioso. Vivi feliz durante alguns anos... até que um dia... — ¡quanto me custa recordá-lo!... — resvalei no terreno alagadiço do adultério...

Começou aqui o princípio das minhas dores. Perdi a noção de mim próprio e... deixei-me rolar, sem dar pela minha queda, nem procurar reagir-lhe.

Felizmente, não se esvaíu por completo da minha alma o amor da família. Foi êste amor que me fêz ver quanto a afligia e me fêz reconsiderar sôbre a injustiça de que ela estava sendo vítima e do caminho errado que eu trilhava, com prejuízo do bem-estar daquêles que deviam merecer-me mais respeito e mais acrisolada assistência.

Foi então que na minha alma soou o primeiro rebate dum *àlerta!...* que me segredava:

— ¡Suspende a marcha!... ¡Arripia caminho ...

Oh!... ¡Quanto não lutei e sofri desde êsse momento!...

Uma luta se iniciou no meu peito entre a asneira e o dever; eu, porém, obsidiado, — porque o estava — não conseguia criar em mim a energia necessária para garantir a vitória dêste contra aquela. Era um pusilânime entregue passivamente aos míseros encontrões dos potentados do mal.

Foi nesta crítica situação que procurei reaver a fôrça de vontade de que carecia, na igreja em que fôra educado. Em vão o fiz, porém: Infeliz na escolha do meu director espiritual, — que não conhecia — comportou-se êle com tão pouco tacto e tão fraca inteligência... que não alterou a minha situação moral...

Entreguei-me então à oração, em que, com ardor, pedira me fôsse concedida a fôrça de que necessitava para me libertar das apertadas e sólidas malhas que me prendiam. Orei... Orei muito e... Deus, sempre disposto a perdoar, ouviu-me, aproximando de mim um Amigo espirita que, com brandos conselhos e sãs leituras que me franqueou, me foi abrindo os olhos.

Um dia chegou, enfim, em que me foi facultado assistir a uma sessão, na qual o Guia do médium, começando por relatar coisas que só eu podia conhecer e outras que só mais tarde verifiquei serem verdadeiras, terminou por me censurar firmemente, aconselhando-me a não contrariar a Lei de Deus, que... — ¡prodigiosa metamorfose se operou em mim!... — ao retirar-me dessa sessão, não

---

ram ou nos bafejaram com o seu conselho. Léo aproximou-se de nós e enfileirou na mesma cruzada redentora. Por isso a lembramos, enviando-lhe, da Terra, os nossos pensamentos fraternais.

O seu espírito está presente e incita-nos a lutar. Lutaremos e poderemos vencer, se nos ajudarem como ela nos ajudou.

n.º 4, Fev 45

O TESTAMENTO ESPIRITA DE VITOR HUGO

encontrado nos papéis do escritor pelo seu discípulo Paul Maurice, sob o título «Post Scriptum da Minha Vida».

QUE é que faz o homem livre? A alma. Quem diz livre, diz responsável.

¿Responsável nesta vida? Evidentemente, não, por nada haver mais demonstrado que a prosperidade possível dos maus e o infurtúnio imerecido dos bons, durante a sua passagem pela Terra.

¿Quantos homens justos não tiveram, apenas, angústias e misérias, até ao seu derradeiro dia?

¿Quantos criminosos não viveram até à extrema velhice, no gôzo pacífico e sereno de todos os bens dêste mundo, incluíndo a consideração e o respeito de todos?

¿É o homem, então, responsável depois da vida? Evidentemente, sim, pois que o não é durante ela. Alguma coisa, pois, dêle sobrevive, para se submeter a essa responsabilidade — a alma.

A liberdade da alma explica a sua imortalidade. A morte não é, portanto, o fim de tudo. É, apenas, o fim de uma coisa e o princípio de outra. Na morte, o homem acaba e a alma começa. Tome-se por testemunho o rôsto dum ente amado, no leito mortuário. Digam aquêles que atravessaram essa hora fúnebre se não é verdade sentir-se que ainda ali há alguém, que tudo não acabou. Sente-se em tôrno dessa cabeça como que o frémito de asas que acabam de expandir-se: uma palpitação confusa e inaudita flutua no ar, ao redor dêsse coração que não bate mais. Essa bôca entreaberta parece chamar o que acaba de partir, dir-se-ia deixar cair palavras obscuras do Mundo Invisível.

Eu sou uma alma.

Bem sinto que o que darei ao túmulo não é o meu Eu, o meu Ser. O que constitui o meu Eu irá além...

Terra, tu não és o meu abismo. O homem é um simples cativo. O prisioneiro escala penosamente os muros da masmorra, trepa, de saliência em saliência, coloca o pé em todos os interstícios e sôbre até ao respiradouro. Aí, olha, distingue ao longe a campina, aspira o ar livre, vê a luz.

Assim é o homem.

O prisioneiro não duvida de que encontrará a sua liberdade. ¿Como pode o homem duvidar, se êle vai encontrar a Eternidade à saída? Porque não possuïrá êle um corpo subtil, etéreo, do qual o nosso corpo é grosseiro esbôço?...

A alma tem sêde do absoluto e o absoluto não é dêste mundo. É pesado demais para esta terra.

Há duas leis: a lei dos globos e a lei do Espaço.

A lei dos globos é a morte. O limite exige a destruïção.

A lei do Espaço é a Eternidade. O Infinito permite a expansão.

O luminoso é o mundo invisível. O mundo luminoso é o que não vemos. Os nossos olhos carnais só vêem noite.

¡Ai do que vive com os olhos abertos sôbre o mundo material e com os olhos voltados para o desconhecido!

A morte é uma mudança de vestimenta.

Alma, tu estavas vestida de sombra, vais ser vestida de luz.

É no túmulo que o homem faz o último progresso.

Na morte, o homem fica sendo sideral.

A morte é a vindita da alma.

A vida é o poder que tem o corpo de manter a alma sôbre a terra, pelo próprio pêso. A morte é o poder que tem a alma de arre-

---

mais pensei em procurar a criatura que ia causando a minha desgraça e a de minha família.

Eis, pois, porque me fiz espirita, crença que subseqüentes leituras e factos que verifiquei, mais e mais arreigaram no meu espírito. Grato me é hoje confessar a falta que cometi, visto ter sido por causa dela, — e pela ajuda da Graça de Deus —, que consegui que alguns raios de luz viessem incidir sôbre a minha alma, para guiá-la nos sinuosos atalhos desta vida cruciante e dolorosa.

Duas crónicas de Humberto de Campos

A PROPÓSITO do «caso» Humberto de Campos, que tanta curiosidade suscitou no grande público brasileiro, transcrevemos a seguir duas crónicas curiosas dêste grande escritor, uma delas publicada em 1933 no *Diário Carioca*, alguns anos antes da sua desencarnação, e a outra ditada pelo seu Espírito durante o ruïdoso processo intentado pelos seus herdeiros contra a Federação Espirita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier. Apreciem os leitores:

Primeira crónica, em 1933

Uma das últimas publicações que fiz nesta fôlha, antes que a gripe me pusesse «Knock-out», constou apenas da transcrição de alguns trechos do meu «Diário», relativos a dois meses de 1931, e teve, mesmo, como título, «Diário dum enterrado vivo». Gritos de alma, gestos surdos dum coração no fundo duma existência calada. Agonia ignorada de todo o mundo. Pedidos de socorro... levantados num subterrâneo deserto. Gemidos, enfim, dum homem que se habituou a gemer com os lençóis na bôca, afogando-se a si próprio, para não perturbar o sonho do seu vizinho.

A denúncia imprudente dêsse sofrimento, agora encontrou, todavia, repercussão em algumas almas caridosas. Dez ou doze cartas me vieram às mãos, trazendo, cada qual, uma palavra de solidariedade e de confôrto. Pessoas que jamais vi, corações que jamais palpitaram nas proximidades do meu, deixaram os seus cuidados cotidianos, gastaram o níquel do seu pão ou do seu cigarro no sêlo da franquia postal e enviaram ao batalhador ferido e pobre o remédio que lhe podiam dar.

— Estou às suas ordens — dizem alguns missivistas — estou pronto para, sem nenhuma retribuïção, ser o seu dactilógrafo e fixar o seu pensamento, quando lhe faltar de todo a luz dos olhos.

— ¡Continui essa admirável lição de coragem, recebendo de cabeça erguida a sentença do Destino! — incentivavam outros.

E outros, ainda:

— Volte-se para Deus; prepare a sua morte com a sabedoria cristã que a misericórdia divina lhe forneceu e que não soube utilizar na edificação da sua vida. Aproveite a luz que bruxoleia no fundo do seu espírito e peça à Igreja o consôlo que o mundo lhe nega.

Três dêsses missivistas, compadecidos, me apontam, porém, para chegar à presença de Deus e obter aqui mesmo na Terra as suas graças, outro caminho: são almas caridosas que me desejam ver, não livre dos tormentos do Inferno na outra vida, mas da cegueira completa, que continua a processar-se, aqui mesmo, nêste mundo. E os signatários, que se revelam todos, além de bondade de coração, de cultura de espírito, me dizem com insistência afectuosa:

— ¿Porque não tenta o Espiritismo? ¿Porque, se a ciência dos homens lhe tirou a esperança, não tenta o sobrenatural? Não precisa crer; ninguém exige a sua adesão; mande consultar um «médium», siga as prescrições que êle lhe der e espere. Não precisa fé. A bondade de Deus é para todos os seus filhos. O senhor pode receber a parte do filho pródigo.

Ante essas manifestações de interêsse pela sorte dum humilde escritor doente, é natural que êsse escritor demonstre a êsses amigos generosos e desconhecidos que não é por orgulho, ou por intolerância filosófica ou religiosa, que ainda se não curou. Não foi o en-

---

batar o corpo fora da terra, pela assimilação. Na vida terrestre, a alma perde o que irradia; na vida extra-terrestre, o corpo perde o que pesa.

A morte é uma continuação.

O meu olhar penetra o mais possível nessa sombra, onde vejo, nas profundidades que seriam amedrontadoras, se não fôssem sublimes, dealbar-se o imenso arrebol da Eternidade.

O que dorme e desperta, desperta e vê que é homem. O vivo que morre, desperta e vê que é Espírito.

(Do seu livro «Na Orla do Infinito»)

fêrmo que recusou os recursos da medicina sobrenatural: foi a farmácia prodigiosa e invisível que se fechou diante dêle. E como todos os acontecimentos da minha vida constam do «Diário» que ainda agora determina esta explicação pública, limito-me, para êste esclarecimento, à cópia de duas páginas dêsse livro íntimo. Ei-las:

Domingo, 14 de Agosto de 1932. — Há um mês, mais ou menos, M.mo F., proprietária da pensão em que actualmente resido, preguntou-me se acreditava no Espiritismo. Respondi-lhe com um gesto vago, mas em que havia mais negativa do que afirmação.

— Eu também não creio — respondeu-me — mas, tais são as coisas que tenho visto, e tantas as curas por Espiritismo, que fico na dúvida, sem saber o que pense a respeito.

E conta-me o seu caso, e o caso de amigas e conhecidas suas, cujas enfermidades foram diagnosticadas e curadas com receitas fornecidas pelos «médiuns», os quais chegaram a corrigir, algumas vezes, médicos ilustres anteriormente consultados. E conclui:

— ¿Porque o senhor não experimenta o Espiritismo? Se o senhor quiser, ponha o seu nome, a sua idade e a sua residência em um papelzinho, que eu dou a meu marido e êle faz a consulta.

Dou-lhe a papeleta, com essas informações pessoais. E esgota-se a primeira semana. Decorre a segunda. Termina a terceira. E não me lembrava mais do caso, quando, esta manhã, M.mo F., empurrando levemente a porta do gabinete, onde eu escrevia tranqüilamente, pediu licença e, entrando, encostou-se à mesa.

— O senhor deve estar aborrecido comigo e com F. — começa, ao mesmo tempo que calça as luvas, pois que vai sair para a reünião dominical da sua igreja protestante — mas meu marido não se esqueceu do assunto do Espiritismo... Êle está é embaraçado para lhe dar a resposta... O senhor é, porém, um homem superior, e não ignora a gravidade da sua doença. De modo que eu achei melhor vir-lhe dizer logo a verdade.

Toma fôlego. Desabotôa as luvas. Abotôa-as novamente. Continua:

— F., (o marido) foi a duas sessões de Espiritismo, e tanto numa como noutra, com dois «médiuns» que não conheciam um a resposta do outro, o resultado foi o mesmo: isto é, que o senhor está muito doente e pode morrer dum momento para o outro; de modo que nem vale a pena receitar... Os Espíritos acrescentam que o senhor abusa muito da sua saúde, mas que o médico que o senhor tem é muito bom...

E notando, parece, em mim, o efeito da notícia:

— É possível, porém, que isso não seja verdade... No meu caso, êle acertou... No de S... também, e em todos os outros... Mas, no do senhor pode não dar certo... De qualquer modo, o senhor é um espírito forte, e é melhor estar prevenido...

Um frio irresistível me corre pela espinha. Agradeço a informação, simulando serenidade e M.mo F. retira-se. O coração bate-me descompassado. Tenho a impressão de que vou desfalecer. Ponho-me de pé, buscando respirar com fôrça. Deito-me. Levanto-me. Passeio pelas duas salas desertas, atónito, o pensamento em desgovêrno, como quem acaba de receber uma violenta pancada no crânio.

Afinal, eu creio ou não creio?

Aí está uma explicação sincera, leal, aos espiritas que me escrevem, interessando-se pela minha saúde. Bati, embora sem fé, ou mandei bater por mão alheia, à porta em que todos recebem esperanças e consolação. E o que de lá me veio, foi, ainda, como vêem, a desilusão e a dor...

Segunda crónica, em 1944

Não desconheço minha pesada responsabilidade moral, no momento, quando o sensacionalismo abre torrentes de amargura em tôrno de minha alma.

Recebeu-me a Federação Espírita Brasileira, generosamente, em seus labores evangélicos, publicou-me as páginas singelas de noticiarista desencarnado, concedendo-me o ingresso na academia da espiritualidade. E continuei conversando, com os desesperados de todos os matizes, voluntàriamente, como o hóspede interessado em valer-se da casa acolhedora.

Tudo ia bem, no trabalho a que me propus desde o instante em que a morte me confun-

diu as vaidades literárias, mas sempre paguei o mais alto preço pelo vinho amargoso das letras.

Esqueci-me de que o pseudónimo é o refúgio dos escritores incompreendidos e, como a legislação de meu País não decretou, até agora, qualquer medida de restrição ao uso do nome dos «mortos», por êles mesmos, acreditei na possibilidade do esfôrço perseverante e tranqüilo, continuando a usar o meu no intercâmbio com os famintos da felicidade, com quem fiz causa comum, desde muitos anos.

Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da Justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se o mecanismo processual, e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juízes. ¿Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida de sua vida? ¿Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto, são elas executadas sem esquecimento dum til.

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e os mais nobres serviços humanos.

Quero, porém, salientar, nesta resposta simples, que meus filhos não moveram semelhante acção por perversidade ou má fé. Conheço-lhes as reservas infinitas de afecto e sei pesar o quilate do ouro da carinhosa admiração que consagram ao pai amigo, agora distanciado do mundo. ¿Mas que païsagem florida, em meio do mato inculto, estará isenta da serpe venenosa e cruel? É por isso que não observo êsse problema triste, como o fariseu orgulhoso, e sim como o publicano humilhado, pedindo a bênção de Deus para a humana incompreensão.

Não perturbarei o sossêgo dos que ficaram. Prometo aos meus filhos não incomodá-los, fazendo-me sentir em minha renovação espiritual. Estejam tranqüilos e felizes, no aprendizado da Sabedoria, soletrando o velho alfabeto da experiência. O que não lhes posso prometer é a representação do papel do mágico da esquina, através de demonstrações ociosas, que me fariam regressar, talvez, à neurastenia crónica dos meus últimos dias terrestres, quando batucava a minha bengala de enfêrmo, no silêncio da amargura íntima ou no barulho da desesperação. Além disso, não creio seja o processo judicial o livro de entendimento entre os filhos afectuosos e o pai saüdoso e amigo. Encontrar-nos-emos, em silêncio, sem os ruídos do mundo e as imperfeições da forma, no santuário do coração.

Diante, pois, do complicado problema em curso, ajoelho-me no altar da fé, rogando a Jesus inspire os dignos juízes de minha causa, para que façam cessar o escândalo em tôrno de meu espírito, considerando que se o próprio Salomão funcionasse nesta causa, ao encarar as dificuldades do assunto teria, talvez, de imitar o gesto de Pilatos, lavando as mãos...

(Revelação feita ao «médium» Francisco Cândido Xavier, ditada na noite de 15 de Julho de 1944)

Sangue-frio

Conta-se que um homem tinha o hábito de abandonar-se sem motivo a transportes de cólera. Sobretudo, devia suportá-los o seu criado. Tinha períodos em que tudo o que o pobre rapaz fazia era mal feito, além de ser obrigado a pagar muitas faltas de que estava ***inocente.***

Um dia, chegou o senhor muito mal humorado.

¿Estava a sopa muito quente ou muito fria ou muito entre uma coisa e outra? O execrável humor do amo não precisou de mais nada. A janela estava aberta. Fêz o gesto de Xântipa e ainda o ultrapassou: pegou na terrina e atirou-a para o pátio. Então o criado, com a maior tranqüilidade, fêz voar também o prato que ia pôr na mesa, depois o pão, o vinho, todo o jantar, e, por último, a toalha.

— Desgraçado! Que fazes? — exclamou o senhor, levantando-se furioso, mas já na realidade.

— Senhor — respondeu o serviçal, com o maior sangue-frio — perdõe-me, se não adivinhei o vosso pensamento. Julgava que desejáveis hoje comer lá fora...

(Da «Arte da Paciência», de Paul Teissonière).

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A desencarnação de Charles Tweedale

O *Psychic News* de 8 de Julho último dá a notícia do passamento dum grande vulto do Espiritismo inglês: o Reverendo Charles Tweedale, de 78 anos de idade, que durante a vida recebeu inúmeras provas da sobrevivência da alma humana.

Há perto de meio século que militava nas fileiras espiritas e terminou os seus dias na Vigairada de Weston, próximo de Otley, em Yorks, onde exerceu grande influência moral e espiritual, mercê de raros dotes de inteligência e de coração que o tornavam estimado e admirado por quantos tinham o prazer de privar com êle.

Quando escreveu o relato das suas investigações pessoais, disse que havia iniciado a educação psíquica em 1900, isto é, há 44 anos. Após tanto tempo decorrido, via essa educação completa e as suas convicções absolutamente arraigadas àcêrca da proximidade do mundo espiritual e da possibilidade e utilidade da comunicação entre os dois mundos. Êsse livro intitulava-se «Man's Survival After Death» (A Sobrevivência do Homem após a Morte) e era considerado obra clássica de Espiritismo. O Dr. David ficou tão impressionado com a sua leitura, quando era Bispo de Liverpool, que o recomendou ao clero para leitura na sua diocese.

Tweedale conseguiu captar muitos clérigos que eram adversários do Espiritismo. Em 1900 foi nomeado coadjutor eclesiástico, o que lhe permitiu poder viver no presbitério. Pois bem; ainda mal tinham acabado de meter a mobília em casa, sua mulher, que lhe serviu de médium durante muitos anos, viu o Espírito do Dr. Caius, fundador do Caius College, de Cambridge, cujo retrato estava pendurado no presbitério, e ficou aterrorizada. Tweedale procurou acalmá-la e guardou o retrato nas águas-furtadas, o que não impediu que ela visse novamente o espírito do Doutor, descrevendo-lhe o vestuário e as atitudes que o caracterizavam. As campainhas começaram a tocar por tôda a casa e uma séria investigação mostrou que a que mais tocava era precisamente a que estava ligada ao quarto onde tinham guardado a fotografia. Tweedale teve, então, êste comentário:

— Não poderei esquecer fàcilmente o choque que recebi, ao verificar êste facto. ¡A coisa parecia-me inacreditável!

Resolveu cortar o fio que ligava a campainha, julgando assim que isolava o quarto. Mas ela continuava a tocar. Levou nisto uma semana, tocando muitas vezes de dia. Depois, começou a tocar a campainha do seu próprio gabinete e os esforços que fazia para descobrir a causa do mistério foram inteiramente inúteis.

Era tão persistente o fenómeno, que muitas vezes, ao voltar da cidade ou de qualquer visita, encontrava a mulher e as serviçais fora do jardim, com medo de entrar em casa. Após uma semana de toques de campainha no seu gabinete de estudos, resolveu fechar o compartimento.

Depois, ouviam-se passos, umas vezes muito pesados, outras vezes dando a impresão de pessoa que coxeava.

Em 1901, Tweedale foi nomeado vigário de Weston, onde permaneceu 43 anos. Ali presenceou materializações em pleno dia e, entre outros fenómenos, observou aparições, luzes, colunas de fôgo, etc., bem como vozes directas, materializações de animais, escrita automática, fotografia psíquica e deslocações de móveis.

Além disso, recebeu avisos e profecias, algumas das quais se cumpriram quási no mesmo instante. Mas o que êle mais apreciava eram as mensagens identificadas, de parentes e amigos desencarnados, verdadeiros amigos que lhe prestavam os mais altos serviços, avisando-o de perigos vários e salvando-lhe até a própria vida.

Twedale chegou a alimentar a esperança de que um dos seus livros levaria a célebre Comissão da Igreja Anglicana nomeada pelo bispo de Cantuária, a publicar o relatório acêrca do Espiritismo, a que nos referimos em Março de 1940.

Infelizmente, enganou-se. A ortodoxia que êle tanto combateu era demasiado forte para que arripiasse caminho.

O célebre médium de fotografia psíquica William Hope encontrou em Tweedale um defensor incansável que soube lutar extremamente com os investigadores que descriam daquela extraordinária mediünidade.

Dentre tôdas as suas experiências psíquicas, salientava sempre a comunicação de Stradivárius, o maior de todos os construtores de violinos, na qual

êste lhe provou a identidade e lhe transmitiu o segrêdo da construção do instrumento.

As suas afirmações, os seus escritos, as suas sessões e a sua energia indómita constituíam um permanente repto à igreja.

Eis algumas frases que, decerto, lhe não grangeariam a simpatia dos bispos inglêses:

«Embalde a igreja alega que as manifestações espiritas modernas são apenas truques dos espíritos maus. Se assim fôsse, iriam de encontro aos fundamentos do Cristianismo.

«Se as manifestações espiritas modernas são tôdas truques de espíritos maldosos, ¿como conheceremos nós e que certeza ou testemunho poderemos ter de que todos os anjos que apareceram aos Profetas, aos Apóstolos e ao Cristo eram os agentes que diziam ser e não espíritos perversos mascarados de anjos de luz?... ¿E como poderíamos nós saber ou provar que as aparições de Jesus após a sua morte e ressurreição não seriam produto da enganosa maldade?

O *Yorkshire Post*, ao relatar a desencarnação de Tweedale, descreve-o como grande autoridade no Espiritismo. Era filho dum médico e exerceu o seu ministério durante meio século.

Cultivava a astronomia e a geologia. Êle próprio construíu o telescópio para os seus estudos. Mas o Espiritismo era a coisa mais importante da sua vida. Dedicou-se-lhe com alma e coração e divulgava-o por todos os meios ao seu alcance, pela palavra e pela pena. Há muitos anos que o observávamos no seu apostolado. Tweedale era partidário da reencarnação, ao contrário de alguns espiritas inglêses que duvidam dêste postulado, em virtude da sua formação reformista. O *Psychic News* sentia por êle a maior admiração e estima.

Estudos Psíquicos, que deseja acompanhar o movimento espirita mundial no que êle tenha de mais importante e significativo, não podia deixar de dar a esta notícia o maior desenvolvimento possível, fazendo votos para que o espírito do grande pioneiro encontre prestes a luz de que necessita, na metamorfose que acaba de sentir.

Curas maravilhosas

Psychic News, de Londres, continua a referir-se às curas psíquicas operadas pelo médium Parish, no Santuário Espirita de East Sheen, nos arredores de Londres, onde irradia o seu poder de cura a distância.

Parish quási nunca vê os doentes, nem usa os passes magnéticos. Os doentes escrevem-lhe, indicando os sofrimentos, e êle responde pela mesma via, estabalecendo as horas em que cada um, diàriamente, deve submeter-se à cura a distância e pedindo-lhes que se associem com êle na prece ou concentração. Mais tarde — dias, semanas, meses ou anos — os enfermos comunicam-lhe os resultados.

As numerosas cartas que recebe são prova evidente de que o Espiritismo actua favoràvelmente onde falham outros meios de cura.

Entre o montão de cartas por êle recebidas, nota-se a de certa mulher de Birmingham, cujo nome se omite, e na qual historia a cura de sua tia. Esta comunicara a Parish que tinha no seio direito um cancro em desenvolvimento, depois de lhe terem extirpado outro no seio esquerdo. Agora, está quási curada. Ainda vai ao hospital, mas já não tem vestígios de doença. Depois, vem a frase, muitas vezes repetida noutras cartas: «Os médicos estão assombrados!».

O redactor de *Psychic News* refere-se a outros factos probantes da acção curadora do médium. Entre êles, há o duma mulher de Kingtow-on-Thames, que afirma que seu filho não teve mais ataques, desde o início do tratamento a distância feito por Parish, e o duma menina de sete anos, neta de W. Blyth, de Colchester, cuja carta diz textualmente:

«Em vez de muda e paralítica, é uma encantadora menina, muito saüdável e faladora».

A concluir, escreve aquêle semanário:

«O mundo ficaria surprêso ao saber o número de sacerdotes que obtêm curas a distância para os seus paroquianos, sem que estes tenham conhecimento as diligências feitas para isso».

Há dez anos que Parish utiliza a sua extraordinária mediünidade, curando e aliviando o sofrimento de milhares de pessoas espalhadas pelo mundo.

Os leitores de *Estudos Psíquicos* que queiram utilizar os serviços de W. T. Parish, podem escrever-lhe para *Santuary Christ. Church Road, London S. W. 14.*

Coragem de opinião

¿Será honesto ter uma opinião e não ousar manifestá-la, só porque está, aparentemente, em desacôrdo com a maioria? Mas, se os homens tivessem a coragem de exprimir lealmente as suas convicções íntimas, ver-se-ia, com espanto, o número considerável dos que crêem na sobrevivência, nas vidas sucessivas e na possibilidade, em certos casos, da comunicação entre vivos e mortos. Nessa altura, só os não espiritas teriam vergonha da sua opinião e não ousariam confessar a sua incredulidade.

(Henry Regnault — «Tu Revivras»)

Bibliografia

O LIVRO DE TOBIAS, extraído da *Bíblia Oficial Romana* e comentado de acôrdo com a Terceira Revelação. Editado pela Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1944. 76 páginas.

A publicação dêste livrinho é conseqüência directa da *Questão Roustaing*, que no Brasil tem provocado sérias polémicas entre os partidários da teoria do *corpo fluídico* de Jesus e os Kardecistas e tende a justificar o facto da Federação Espirita Brasileira considerar «Os Quatro Evangelhos», de J. B. Roustaing, como obra fundamental do Espiritismo, ao lado das de Kardec, a que se opõem muitos escritores e jornalistas do lado contrário.

O livro em aprêço tem certa analogia com o Novo Testamento, não só na essência, como até na linguagem e nas máximas que contém. Embora Kardec lhe faça referência no «Evangelho Segundo o Espiritismo», o livro não figura na edição popular da Bíblia.

A Federação Espirita Brasileira, que é partidária do *corpo fluídico* de Jesus e propaga essa teoria no seu órgão oficial e em livros e folhetos que edita, aproveitou o facto de nesta obra aparecer um espírito materializado que Tobias-filho toma por um homem que faz vida semelhante à doutro homem, que o guia em certa viagem que empreende, que o protege, que o casa com Sara, filha de Raguel, que cura a cegueira de Tobias-pai, tudo isto com o nome de Azarias, e só no fim, quando se despede, é que se dá a conhecer, dizendo ser o Anjo Rafael, «um dos sete que assistimos diante do Senhor»; aproveitou êste facto, dizíamos, para reforçar aquela teoria, afim de mais fàcilmente acreditarem os que ainda se não decidiram por ela. Confessa-o numa nota explicativa, afim de destruir os ataques feitos à obra de Roustaing, terminando por dizer que «negar fé aos ensinos recebidos pela mediunidade de Mme. Collignon, num ponto capital em que êsses ensinos confirmam as duas fases anteriores da Revelação divina, equivaleria a negar o Judaísmo, o Cristianismo e o Espiritismo».

NOSSO LAR, ditado pelo Espírito de *André Luiz* ao médium psicográfico Francisco Cândido Xavier. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1944. 235 pág.

O livro que temos presente é bem singular pelos conhecimentos que fornece do mundo astral, onde a vida é muito semelhante à nossa. É seu autor uma entidade que na Terra exerceu a profissão de médico, mas que não soube fazer dela verdadeiro sacerdócio. Surge no Além, após duas operações cirúrgicas inúteis, e é tomado como suïcida, por não ter preservado o corpo físico, como lhe competia. Depois é conduzido a uma colónia de regeneração próxima da Terra, com o nome de *Nosso Lar*, onde um milhão de espíritos sofredores trabalham afanosamente na sua evolução, afim de reencarnar.

Os costumes não diferem muito dos nossos e espíritos que ali vivem têm necessidade de alimentos adequados, em harmonia com o ambiente que os rodeia.

André Luiz consegue ser admitido em trabalhos de servente e enfermeiro, escoimado do egoísmo antigo, e toma conhecimento com amigos sinceros que o iniciam na nova vida. Um dia encontra o espírito de sua mãe, que nenhumas notícias lhe dá da espôsa e filhos que deixou no planeta; e quando lhe permitem visitar o antigo lar, fica surpreso ao vê-lo ocupado por novo chefe, gravemente doente. O seu primeiro impulso é vingar-se, em obediência ao ciúme que sempre o empolgara. Lembra-se porém dos exemplos de *Nosso Lar* e pede o auxílio duma enfermeira da colónia, conseguindo ambos salvar o enfêrmo.

Ali se aprecia bem o sofrimento indizível que aguarda alguns espíritos que não souberam pautar os seus actos pelas verdadeiras normas da bondade e da justiça.

Merece atenta leitura esta obra mediúnica do grande valor espiritual. Dela se verifica, segundo afirma *Emmanuel* no interessante prefácio do livro, que «a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face-a-face com a própria consciência, onde edificamos o ceu, estacionamos no purgatório, ou nos precipitamos no abismo infernal...»

A nossa próxima conferência

A conferência que o nosso confrade Major Eurico Zuzarte realiza no Centro E. Luz e Amor no próximo dia 25 de Fevereiro tem o seguinte título e sub- divisões:

«O Cristo, Expoente Máximo da Humanidade»

a) *sua influência no mundo e projecção no tempo e no futuro da humanidade.*

b) *Nascimento. Infância. Carácter.*

c) *Discordâncias sôbre a interpretação da sua existência no mundo.*

d) *Jesus, filho de Deus.*

e) *A moral, em geral.*

f) *A moral de Jesus.*

g) *Jesus, exemplo máximo de virtudes. Modêlo de Homem.*

Notas & Comentários

O Espiritismo não faz loucos...

Dissemos no penúltimo número que o Espiritismo não faz loucos. E a propósito inserimos o depoïmentos insuspeito do Dr. Odilon Galloti, médico do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro.

Os leitores devem ter meditado nas suas palavras sóbrias, bem à altura dum homem da sua categoria. Hoje, publicamos a opinião doutro ornamento da ciência brasileira, o Dr. Pinto de Carvalho, professor de neurologia da Faculdade de Medicina da Baía, que em 9 de Junho de 1939 declarou o seguinte, àcêrca da «forma de delírio espirita», numa conversa com o jornal *A Tarde*.

Mas, vejamos as estatísticas. Sou, teòricamente, meio inimigo delas, porque sei que, como dizia o outro, faz-se com elas tudo o que se queira. No caso, porém, das enfileiradas para demonstrar a relativa freqüência das doenças mentais de origem espirita e dos perigos do Espiritismo, essas, quando não oriundas de simples má fé, demonstram falta de bom critério julgador dos que as apresentam.

«A demonstração é simples. Se algum doente confessa no interrogatório que é espirita ou que foi a sessões espiritas, pronto, vai logo para o arquivo do acervo dos males espiritas, a despeito de dois erros flagrantes de apreciação cometidos: — primeiro, sem se esmiüçar devidamente a importância que poderão ter tido as práticas espiritas na eclosão da doença mental; segundo e principalmente, deixando de fazer-se estatísticas paralelas quanto a doentes de outras crenças, cujos delírios giram em tôrno de religiões de outra ordem. Porque, se assim agissem, veriam que muito maior é o número de católicos nos nossos hospitais e também dos que deliram com elementos fornecidos por essa religião. Tôda a longa história dos endemoninhados e dos inspirados aí estaria para demonstrar a verdade de tal assêrto. Do que ninguém concluïrá devam ser condenadas ou banidas essas religiões. Preguntam se os doentes foram a sessões espiritas e anotam os que o afirmam; deixam, entretanto, de indagar se os ritos de outros credos poderiam ter influído no aparecimento da doença mental.

«Nessas condições, as estatísticas serão erradas, por natureza. Conheço, no entanto, uma curiosa estatística do Reverendo Charles Tweedale.

Diz êle que o *Brist Medical Journal* anota que, em 14.500 casos de loucura nos Estados Unidos, em 1873, os devidos ao Espiritismo estavam na razão de um para 3.837, ao passo que na Inglaterra, de 1878 a 1887, em 136.478 casos de alienação, 3.769 foram devidos a manias religiosas de fundo ortodoxo cristão, isto é, na proporção de 1 para 37. Mais ainda, que Morselli, o motável psiquiatra italiano, declarara que em tôda a sua carreira só vira 4 ou 5 casos de origem espirita. E o médico-chefe de certo asilo austríaco não contava mais de 5 por de espiritas entre os loucos do seu estabelecimento.

«Façam os nossos mentalistas estatísticas em que seja levado em conta tudo isto e verão que as conclusões terão de ser outras — a não ser que argumentem de falsa fé em obediência a interêsses doutra natureza».

...o Espiritismo faz homens de bem

Segundo lemos em *Mundo Espirita*, desencarnou em Agôsto último o antigo bandoleiro do Nordeste Brasileiro, António Silvino, o qual, durante muito tempo, constituíu séria ameaça para muitas vilas e aldeias. Terminou os seus dias na cidade de Campina Grande, Parnaíba, e sabe-se que abraçara o Espiritismo em Pernambuco, quando se encontrava na Detenção. Ninguém contestou esta notícia. O velho cangaceiro foi iluminado pelo fulgor da nossa doutrina e depois de regenerado teve as seguintes palavras para alguém que o visitou no Recife, ao sair da prisão, onde cumprira a sentença dos homens:

— Antigamente, eu matava para não morrer; hoje, se fôr preciso, morro para não matar.

E *Mundo Espirita* acrescenta:

«A leitura das obras espiritas, principalmente o Evangelho, transformou-o de fera humana, forçada pelo meio, em cordeiro. O facto é notório, foi amplamente divulgado.

«Agora, porém, lemos no telegrama da sua desencarnação um ponto que precisa de ser elucidado: «António Silvino foi espirita, mas abraçou, depois, o Protestantismo». Não nos consta isto. Sabe-se, ao contrário, que fôra muito doutrinado, na prisão, pelos protestantes, mas acabou por abraçar o Espiritismo. Pode-se dizer, pois, que foi regenerado pelo Espiritismo. Mesmo que tenha abraçado, ultimamente, o Protestantismo, o que é verdade é que a

Noticiário

Auxílio aos necessitados

Destinados aos necessitados protegidos pelo Centro Espiritualista Luz e Amor, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Transporte do número anterior.....	5.639$40
José da Silva Borges, de Gulpilhares....	20$00
Alberto Osório H. da Silva e Raul Freire de Almeida, de Lisboa	20$00
António de Oliveira Pais, do Pôrto	50$00
Maria Celeste Monteiro Gomes, de Cabaços	50$00
Américo Viegas Alves, de Alportel	5$00
Hermengarda de Sousa Couto Nogueira de Seabra, de Coimbrões	20$00
José António Carvalho, de Loures	10$00
Artur José de Figueiredo, de Espinho...	12$00
Total	5.826$40

Intercâmbio Luso-Brasileiro

A *Revista Espirita do Brasil,* que tão amável tem sido connôsco, fêz em Agôsto último uma transcrição da nossa «Crónica Estrangeira», antecedendo a mesma transcrição com as seguintes palavras imerecidas:

«Dentro do nosso programa de aproximação, mormente com os confrades portugueses, cuja perseverança e tenacidade muito admiramos, transcrevemos de *Estudos Psíquicos* o importante trabalho abaixo, devido à pena de Isidoro Duarte Santos, um dos autênticos valores culturais do Espiritismo em Portugal. Consignamos, assim, espontânea homenagem a *Estudos Psíquicos*».

A mesma revista insere, no seu *Noticiário* esta nótula expressiva:

Revista Portuguesa «Estudos Psíquicos»

Uma das mais importantes do mundo, na actualidade, segundo a abalisada opinião do Doutor Henrique de Andrade, relatando notícias sôbre o Espiritismo de tôdas as partes do Globo.

À venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira, Avenida Passos, 30.

---

influência da doutrina espírita foi muito eficiente e profunda na sua transformação. Como protestante ou como espirita, graças a Deus, António Silvino soube procurar a tempo o caminho do Evangelho».

Na verdade, o que interessa é a regeneração do homem e essa exerceu-se oportunamente, metamorfoseando o facínora em homem de bem.

Os que nos deixam

A devolução lacónica de *Estudos Psíquicos* com a nota de *falecido*, trouxe-nos a notícia da partida de Manuel Inácio de Rezende, confrade e amigo dedicado com quem mantínhamos as melhores relações. A última vez que o vimos foi há dois meses e nada fazia supor tão próximo desenlace.

Viveu muitos anos em Macau, onde representou a Federação Espirita Portuguesa. De regresso à Metrópole, fixou-se em Lisboa, onde presentemente estava domiciliado.

Em 1929 publicou-lhe a Federação um interessante folheto, intitulado «Doutrina Espirita da Reencarnação», palestra por êle realizada, em 1925, na *Hongkong Lodge of The Teosophical Society*. Excessivamente modesto, o seu maior desejo era ver a família espirita bem forte e unida.

Que os seus Guias o protejam.

Vida Mundial

Sob a direcção criteriosa de José Cândido Godinho, acaba de aparecer *Vida Mundial* completamente remodelada no seu formato e aspecto gráfico, prometendo ainda mais progressos no futuro. Com efeito, foi grande a transformação daquêle semanário, único no seu género em Portugal e que virá a ser, indubitàvelmente, um dos melhores da Europa. As suas 16 páginas vêem cheias de interêsse e actualidade. Obra de um homem de acção capaz dos mais arrojados empreendimentos, está destinada a novos e justificados triunfos.

É com o maior prazer que chamamos a atenção dos leitores para aquêle semanário.

As nossas conferências

No dia 21 de Janeiro, a nossa prestimosa colaboradora Haydi de Thebelen realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor a sua anunciada conferência, intitulada «A Evolução e o Karma». A mesa era constituída pelo Coronel Faure da Rosa, que presidia, secretariado pelo Major Eurico de Castro Zuzarte e pelo tenente Guilherme Miguel Afonso. Estavam também presentes o presidente da Direcção e o Secretário.

O major Zuzarte apresentou a conferente, que leu um substancioso trabalho muito bem elaborado que mereceu a aprovação de todos os assistentes, os quais manifestaram a sua satisfação, numa grande salva de palmas.

No final, o confrade Zuzarte agradeceu a bela dissertação e espraiou-se em considerações àcêrca da maneira de ser espirita, no sentido de dar maior expansão e coesão ao movimento espirita nacional.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Fevereiro de 1945

Dia 4 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 18 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 25 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência pelo major Eurico de Castro Zuzarte, intitulada «O Cristo, expoente máximo da humanidade», sendo a entrada pública.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1945 — N.º 5

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 - LISBOA

NOVA PERSPECTIVA

A insatisfação do idealista, o seu desejo crescente de superar a obra realizada ou de buscar novas fontes de progresso, a sua ânsia de perfeição, seja qual fôr o veículo de pensamento, tudo isto, enfim, contribui eficazmente para a vitória duma doutrina, embora o campo se apresente eriçado de abrolhos.

Na questão da revista quinzenal, tivemos de subordinar-nos aos inponderáveis, que ditam quási sempre a última palavra. O aumento de despesa que sofremos logo a seguir impediu-nos de materializar o nosso projecto, mas não nos impediu de procurar novos sectores de propaganda.

Vamos mais uma vez pôr à prova as nossas qualidades de batalhador, tentando a edição de obras espiritas, antigas ou modernas, desde que tenham real valor e mereçam divulgação. Não arrastamos ninguém para esta emprêsa. Queremos ser o único responsável no prejuízo que possa advir. Se houver boas vontades que nos queiram auxiliar, aceitá-las-emos. Mas a responsabilidade será nossa.

Começaremos pelo «Resumo da Doutrina Espirita», do Doutor Gustave Geley, que acabámos de publicar há pouco nesta revistta e que grande repercussão terá decerto, no meio profano, em virtude da lógica irrefutável usada pelo autor, aliada à sobriedade do estilo e clareza da exposição.

Será mais uma pedra a carrear para o edifício comum, mais um empreendimento, mais uma tentativa de expansão das idéias espiritas no meio português, repleto de preconceitos que agrilhoam as almas, impedindo-as, não raro, de exercer acções volitivas naturais.

O público necessita de que lhe resumam o Espiritismo, de que lhe dêem uma síntese perfeita e completa desta boa doutrina, debaixo do aspecto filosófico e científico, e nenhuma obra conhecemos mais adequada ao fim em vista.

O Doutor Geley, médico ilustre e psiquista de nomeada, escreveu esta obra quando se convenceu da importância que o Espiritismo assumia, frente às ciências naturais. Se assim não fôsse, não ligaria o seu nome a um livro que decidiria do sábio e do me'apsiquista.

A seguir a êste, outros livros surgirão, no caso de algum êxito coroar a nossa tentativa.

Por agora, queremos pôr os adeptos ao corrente dum projecto que virá — quem sabe? — a dar bons frutos, em futuro mais ou menos distante. Contamos, por isso, com o apôio de quantos tenham ou venham a ter conhecimento desta idéia, na persuasão de que alguma coisa de útil conseguiremos.

«Estudos Psíquicos Editora» está a preparar-se no sentido de dar expansão ao livro espirita, contribuíndo ao mesmo tempo para a regeneração social em bases sãs e equitativas.

— ¡Que todos cumpram o seu dever, secundando e apoiando esta iniciativa!

I. D. S.

Mç/45

O Problema da Desigualdade

pelo Dr. A. Lôbo Vilela

II

3) Hipótese palingenésica

Segundo esta hipótese, a única razão da desigualdade e do mal está nos próprios sêres, sujeitos à lei da evolução e diferindo pelos progressos realizados anteriormente, como frutos da mesma árvore podem diferir pelo seu estado de maturação. Enquanto a hipótese evolucionista, reportando-se à evolução morfológica, procura apenas as causas físicas aparentes da evolução, a doutrina palingenésica consegue determinar as suas causas reais. Tôdas as provas que fundamentam o conceito de evolução satisfazem à idéia palingenésica, ao passo que esta consegue resolver problemas psicológicos que as teorias da evolução deixam insolúveis.

As *unidades fisiológicas* de Spencer, as *gêmulas* de Darwin, os *micelos* de Nægeli, as *pângenes* de De Vries, os *idos* e *biófo-ros* de Weissmann, etc., não conseguem resolver o problema da hereditariedade psicológica, nem definir as propriedades da matéria viva. A vida psicológica é irredutível à vida fisiológica, embora haja, entre ambas, estreita interdependência. Os fenómenos de telepatia e de clarividência, já hoje incontestáveis, não podem, evidentemente, ter carácter orgânico. As faculdades supranormais, bem como os fenómenos espiritistas, demonstram, claramente, que o espírito, longe de ser uma abstracção metafísica ou uma simples função orgânica, é uma entidade definida. Sabendo-se, de resto, que a hereditariedade física provoca a degenerescência e o enfraquecimento dos indivíduos, as faculdades intelectuais e morais, que segundo os materialistas, são apenas funções do organismo, deviam empalidecer e extinguir-se cada vez mais, quando, de facto, se verifica que elas se intensificam, se sublimam. Pela hipótese da hereditariedade, sofremos a conseqüência de erros alheios que nos instilaram nas veias o veneno de tôdas as misérias; e os sentimentos de justiça que gritam dentro de nós, são aberrações hereditárias também. ¡E os que aceitam esta doutrina revoltam-se indignados quando a Igreja proclama o pecado original!

A doutrina palingenésica, mostrando como se encadeiam os fenómenos psicológicos, e revelando com a continuidade da vida, as vias da justiça imanente, resolve, integralmente, o problema do mal.

* * *

Por mais embotada que o homem tenha a sensibilidade moral, decerto não pode ficar indiferente ante as misérias e injustiças que a vida apresenta a cada passo. A enorme legião dos deserdados arrasta-se pelo mundo dolorosamente. Em tôda a parte os mendigos ostentam os seus andrajos: — ¡faces amarelecidas pela fome e pela febre e olhos dum brilho mortiço, que a aridez da vida secou de lágrimas! Há uns que exibem horrorosos aleijões que os impossibilitam de trabalhar; outros, chagas gangrenadas que jamais cicatrizam. E entre êles ¡quantas crianças condenadas desde o berço a uma vida de miséria e de martírio! Depois, além das dôres físicas, ¡quanto sofrimento moral deixa no rosto gravada a sua história em rugas fundas! ¡Quanta esperança fanada, quanto sonho desfeito, quanta ilusão perdida!

Enquanto os aventureiros sem escrúpulos e os perversos triunfam a golpes de audácia, os homens dignos encontram, no seu caminho, obstáculos formidáveis, sacrifícios pesados, rudes provas, calúnias e perseguições. Sócrates é acusado de perverter a mocidade e condenado a beber a cicuta; o Cristo é crucificado como um ímpio; Giordano Bruno, queimado vivo como herético. As paixões humanas são como as ondas: sempre revoltas, sempre espumantes. No mundo é muito caro o preço da virtude. Há um desequilíbrio brutal entre as aspirações mais altas do nosso espírito

e os factos que se apresentam à nossa apreciação superficial. Nos recessos mais íntimos do nosso sêr há sentimentos de justiça e de fraternidade, e a vida parece tão cruel que pretende destruir estes sentimentos sublimes, revelando a desigualdade desde o nascimento e fazendo da existência uma luta sem tréguas de egoismos insaciáveis. Le Dantec traduziu esta idéia dolorosa num aforismo célebre: — «existir é lutar; viver é vencer» (1).

Tendo sido desigualmente providos desde o nascimento, é desigual a luta que vamos travar e portanto interessa-nos, primeiro que tudo, saber qual a razão determinante da diversidade de condições em que nos encontramos. O processo segundo o qual se produz a variedade é já uma questão secundária. Enquanto as leis físicas apenas se aplicam ao mundo físico, as leis morais, aplicando-se particularmente ao mundo moral, governam também o mundo físico. É por isso que só a determinação das leis morais, que condicionam a existência, pode resolver integralmente os problemas do pensamento.

Os teólogos costumam distinguir o mal físico e o mal moral, mas esta distinção parece-nos inconveniente, porque, no fundo, é sempre o mal moral que se manifesta, mesmo quando, reportando-nos quási exclusivamente às sensações, lhe atribuímos carácter físico. Quanto a nós, um mal físico só existe na medida do mal moral que êle encerra. E não nos parece difícil sustentar esta tese, quer se considere o mal físico como a própria objectivação do mal moral, ou como a sua conseqüência necessária, — um meio de expiação. O valor subjectivo do mal físico ressalta nitidamente da estranha volúpia com que os grandes mártires suportam os sofrimentos mais atrozes. Além disso, em certos casos, basta uma sugestão adequada para destruir o mal físico. Os resultados maravilhosos que a psicoterapia tem obtido, são bastante elucidativos a êste respeito.

Leibniz considera ainda o mal metafísico (2), mas êste não difere também, essencialmente, do mal moral. Os panteístas, identificando Deus com a Natureza, o Absoluto com o Grande Todo, negam duma forma implícita a existência do mal. Por outro lado, os materialistas, guiados pelas aparências falazes, encarando o problema superficialmente, atribuem o mal a uma fatalidade cega e inexorável.

A mitologia grega e a latina colocavam o Destino acima dos homens e dos deuses. Êle era o *Moira* dos gregos, o *Fatum* dos romanos, o *Kismet* dos árabes. É assim que Homero *(Ilíada,* XXII) nos apresenta Zeus tentando salvar Heitor, mas não conseguindo impedir que êle seja morto por Aquiles. Nem mesmo o próprio filho, Sarpédon, Zeus consegue subtrair às imposições formidáveis do Destino. O povo hebreu, inclinado ao fatalismo, reconheceu também a soberania dessa divindade omnipotente. A idéia de Destinc exprime com clareza a necessidade que decorre do princípio de causalidade, mas não contém uma razão suficiente e não pode, portanto, resolver o problema do mal. O êrro fundamental dos fatalistas está em considerarem como suficientes tôdas as razões necessárias. O próprio Leibniz, para iludir as dificuldades do problema, partindo dos atributos de Deus, pretende explicar a existência do mal por uma necessidade metafísica. Enquanto as razões necessárias têm um valor analítico, a razão suficiente tem um valor sintético. Por isso é sempre mais fácil descobrir razões necessárias do que uma razão suficiente.

* * *

Os materialistas medem a vida entre um vagir de criança e um gemer de moribundo: é uma vida de dor e uma morte sem esperança. O catolicismo e o protestantismo medem a vida entre um capricho de Deus e uma tortura eterna: na vida talvez houvesse uma ilusão de esperança, se a morte não fôsse a eternidade da dor. A ancestralidade e a predestinação tiranizavam a vida duma maneira invencível e arbitrária: todo o esfôrço era inútil e tôda a esperança ilusória. Aquêles que morressem sem descendentes eram verdadeiras excrescências da natureza; tinham acumulado uma herança enorme para tudo se perder com o aniquilamento. E as pobres

(1) Le Dantec: *La Lutte Universelle.*

(2) Eis como Leibniz concebe os três males: O *mal metafísico* é o próprio facto dos sêres não serem perfeitos; o *mal físico* é o sofrimento que Deus permite como condição do bem, sem que, todavia, o deseje; o *mal moral* é o pecado, que Deus também permite para que os homens sejam susceptíveis de mérito e de demérito.

crianças, que mal poisam num berço logo mergulham no túmulo, estavam condenadas à excentricidade dos *limbos* — uma das últimas invenções da Igreja.

A vida só pode ser vida, quando fôr guiada por uma idéia que a ultrapasse, tão forte que a sustenha, tão alta que a eleve, tão pura que a redima. A idéia de justiça provém duma indução da lei de causalidade aplicada ao campo moral; por isso, para demonstrar que um princípio é justo, basta descobrir uma causa determinante que o tivesse produzido, natural e lògicamente, num encadeamento profundo de harmonia. O princípio das vidas sucessivas eleva o homem acima de si mesmo, ilumina o ignorante e redime o criminoso, fornecendo, a todos, os meios de aperfeiçoamento. É uma escada de luz. Com a evolução vai-se alargando o campo de operatividade e, portanto, o domínio da responsabilidade. Deus não intervém directamente na criação, mas sim através do determinismo das leis universais, eternas e imutáveis, embora apresentem modalidades infinitas.

A lei geral do equilíbrio, que liga intimamente o efeito à causa, mantém a harmonia perfeita do conjunto, porque a tôda a acção sucede uma reacção da mesma natureza e de intensidade proporcional, mas de sentido contrário. Esta lei, extensiva ao campo moral, firma o princípio de responsabilidade e é a via única da justiça imanente. Ela actua assim, automàticamente, e ensina o Caminho aos transviados, reagindo sôbre êles até restabelecer a harmonia perturbada. Os hindus designaram êste princípio pelo nome de *karma*, nome que, modernamente, vai estando vulgarizado, mas a que podemos também chamar, *lei das provas*.

Nos actos conscientes, entra ainda outro factor que toma uma importância capital: é a intenção. Mas em todos os casos os sêres são os únicos árbitros do seu destino, pelas modificações que introduzirem no *meio*, correspondentes às suas atitudes. As leis que Chatelier formulou para o equilíbrio químico aplicam-se também ao equilíbrio moral. Se um acto é bom, a reacção constitui o prémio, a recompensa, porque é igualmente boa. Se é mau, tem como reacção aquilo a que o homem chama o mal, porque lhe desagrada, e constitui o seu justo castigo. Dêste modo, o mal que actuamente nos oprime é a conseqüência natural dos nossos erros passados, ou o reflexo da imperfeição, da ignorância; e os actos do presente condicionam o futuro pelo mesmo processo.

Expiando nós no mundo os nossos próprios pecados e não os alheios, o mal que nos atinge, sendo a sanção da lei moral, é um incentivo ao seu perfeito cumprimento, uma advertência de que o caminho que trilhávamos não podia conduzir-nos à felicidade. O passado é como a sombra: mudo fantasma que nos segue os passos. Na tragédia grega, as Fúrias que perseguem os criminosos fazendo-os expiar os seus crimes, as Euménides, são consideradas boas deusas. O castigo persegue sempre o criminoso; eis a fatalidade do Destino. Assim a justiça é fatal e irrevogável. A evolução realiza-se, procurando o sêr, instintivamente, o caminho dos menores atritos. O indivíduo que segue êsse caminho, vai, como o nadador, a favor da corrente e por isso faz o percurso sem sofrimento e sem cansaço, enquanto aquêle que vai contra a corrente experimenta o rijo embate da adversidade, até que o cansaço, em breve, lhe crispa os nervos, e a corrente o domina e arrasta, penosamente. Como todos os sêres têm as mesmas possibilidades, de natureza divina, todos possuem também os recursos indispensáveis para triunfar do mal e caminhar incessantemente em demanda da Perfeição. Todos os caminhos conduzem para Deus, porque o tempo e a dor são bons pegureiros do rebanho das almas: — não deixam tresmalhar uma só rês. Por isso não há réprobos condenados a um penar eterno: há, sim, a conseqüência lógica de todos os actos.

Para subir para Deus, o homem não precisa de intermediários, e é pelo seu esfôrço apenas, que há de remir todos os pecados.

A Vida

O tipo, segundo o qual a vida forma o corpo desde a origem, é também aquêle segundo o qual ela o entretém e repara. A vida é, ao mesmo tempo, organizadora, conservadora e reguladora, sempre conforme êsse modêlo ideal, regra invariável de todos os seus actos.

GEOFFROY SAINT-HILAIRE

Mç./45

OCULTISMO E ESPIRITISMO

pelo Coronel Faure da Rosa

V

Papus e Felipe

PAPUS — Filipe Papus, substituiu Péladan e Guaita. O seu verdadeiro nome era Gerard Encausse, doutor em medicina. Papus fundou a «Iris», grupo de propaganda teosófica parisiense. O seu *Traité Elementaire de la Science Oculte* — publicado em 1887 — teve um enorme sucesso de vulgarização. Os seus dons de curador foram extraordinários, admiráveis. Mago, astrólogo, alquimista, médico... contribuíu imenso para a divulgação da filosofia hermética de Guaita, inspirada na Cabala e na ciência de «deitar cartas».

Na guerra de 1914-1918, Papus, ou antes, o dr. Encausse foi mobilizado como major-médico. Veio a morrer em Paris duma doença contraída no *front*. Embora durante os dois anos que esteve no *front* não tivesse praticado a magia, nunca abandonou as suas idéias de mago acêrca da guerra.

Na côrte de Nicolau II da Rússia houve um ininterrupto desfilar de místicos e de magos. Papus figurou entre êles. Maurice Paléologue, embaixador francês na Rússia, relata que no comêço de 1905, Papus — que anos antes já fôra recebido pelos soberanos russos — foi mandado a Tsarskoïe-Selo pelo Czar que se encontrava numa situação difícil (depois do desastre da Mandchuria, houve, um pouco, em todos os pontos do território russo, greves sangrentas, cenas de pilhagem além dum motim grave em Moscovo). O czar não sabia qual a orientação política a tomar. Papus organizou um grande ritual de invocação e de necromância. Na presença do czar, da czarina e dum ajudante de campo — o capitão Mandryka — Papus evocou o espírito de Alexandre III. Nicolau II, então, preguntou ao pai se devia obedecer à corrente do liberalismo.

Eis a resposta: «Tu deves, custe o que custar, esmagar a Revolução que começa. Ela renascerá um dia e será tanto mais violenta quanto a repressão de hoje fôr rigorosa. Não importa! Coragem, meu filho! Não abandones a partida».

Corria nos meio do ocultismo bem informados, que a terrível revolução assim predita em 1905 não rebentaria enquanto Papus fôsse vivo. Ora o mago morreu em 25 de Outubro de 1916. A revolução russa explodiu um ano mais tarde.

Gabriel Gobron, nosso confrade e amigo, há meses desencarnado, escreveu sôbre a estadia de Papus na Rússia:

«Cêrca de 1900, foi de Paris a Petrogrado, Papus, sábio e ocultista praticante, que goza de grande autoridade moral nos meios onde se estudam os «lados obscuros» da alma. Até 1916, Papus manteve relações seguidas com a côrte e foi êle até — segundo Fulop-Miller — quem teria apresentado ao czar o célebre mago de Lion, Felipe, em 1900...»

Êsse curador lionês, Felipe, era chefe duma «escola de teürgia» (espécie de magia fundada na comunicação com os espíritos celestes), herdeira dos princípios dos ilusionistas da Revolução. Êsse homem extraordinário, falava de si mesmo nestes termos:

«Desde os treze anos que faço curas milagrosas. Eu sou um intermediário inconsciente entre a humanidade e um poder superior que paira por cima dela. Os resultados assombrosos que todos os dias obtenho, admiro-os e não os compreendo». O mago Felipe chegou à côrte da Rússia em 1900. Imediatamente anunciou que a imperatriz ia dar à corôa o herdeiro impacientemente esperado.

O prognóstico falhou. Não obstante, a czarina de tal maneira se enfeitiçou pelo mago que numa das suas viagens à França pediu a Waldelk Rousseau, então presidente do Conselho de Ministros, que conseguisse o diploma de doutor para o sábio Felipe».

As suas curas e predições tornaram-se tão célebres, a sua influência na côrte tornou-se tão grande que os meios políticos manifestaram sérios receios. Um jornal da oposição, escreveu: «O facto é inegável: Nicolau, tanto para as coisas concernentes à família, como para as que respeitam à política estrangeira e interna, não toma nenhuma decisão sem prèviamente consultar um tal Felipe. ¡Que pensar dum regime que confia sem contrôlo os destinos da Rússia ao primeiro charlatão que aparece!».

Em 1900 o célebre Raspoutine começou a fazer falar de si. Não há dúvida que êste antigo postilhão, êste antigo mujique, tinha faculdades de curador. Papus escreveu a seu respeito: Sob o ponto de vista cabalístico, Raspoutine é um vaso semelhante à «Caixa de Pândora», dentro da qual se albergam

todos os vícios, todos os crimes, tôdas as máculas do povo russo. Quando êsse vaso se quebrer, o seu terrível conteúdo há-de espalhar-se imediatamente sôbre a Rússia».

Uma personagem da côrte descreve assim uma sessão em 1904 presidida pelo «santo» — que era por «santo» que tratavam Raspoutine: «Estávamos umas quinze pessoas na sala onde conversávamos à espera do «santo». Tardou uns minutos; logo à entrada pediu desculpa de nos ter feito esperar e, aproximando-se, deu-nos o beijo de paz na bôca, conforme o custume russo.

Que nos colocássemos em círculo — disse êle — e nos apertássemos o mais que pudéssemos uns contra os outros, de mãos dadas, afim de que os fluidos não se perdessem e as nossas almas se penetrassem. O santo fêz uma oração. Fechou os olhos uns momentos; depois abriu-os e pôs-se a falar. O seu olhar despedia um brilho estranho e intenso. Jactava-se de possuir uma parcela de Deus. E afirmava: «Só por mim e graças a mim é que podeis obter a salvação! O que emana de mim é uma fonte de luz que lava os pecados. É preciso que cada um se confunda comigo para se poder salvar...»

Nesta *confusão* é que estava o seu segrêdo, mas muitas damas, sem receio de que o conteúdo da «Caixa de Pândora» se derramasse, cultivavam a preconizada «confusão» com o santo...

Explica-se, para boa compreensão da imagem, que Pândora, segundo a mitologia grega, foi a primeira mulher criada por Vulcano. Minerva, deusa da sabedoria, deu-lhe vida e dotou-a com todos os talentos. Júpiter presenteou-a com uma caixa, onde tinha encerrado todos os males e mandou-a como presente a Epimeteu, o primeiro homem, que a desposou. Epimeteu abriu a caixa fatal e assim deu saída a todos os males; restou apenas, a esperança. Pândora vem a ser a Eva dos Gregos.

Foi, sobretudo, em Paris, que Papus exerceu os seus dons de vidente e de curador. Papus foi o verdadeiro mago dos tempos modernos. Em presença dum desconhecido, via imediatamente todo o seu passado e dava-lhe pormenores de assombrar. Lia na luz astral. Apesar de ser médico, preferia usar os seus dotes de mago, a sua opinião no manejo dos fluidos humanos, o seu poder magnético, a sua ciência da hipnose e os segredos que tinha trazido da sua viagem à Índia.

«O caminho que nos levou às nossas concepções actuais, concernentes ao homem, ao universo e a Deus — escrevia Papus — está longe de ser novo, visto que deriva das idéias ensinadas nos tempos do Egito, 2600 anos antes de J. C. Ora perante as dificuldades que o positivismo materialista tem para explicar os factos psicológicos que se multiplicam na hora presente, como os que se relacionam com a intuição, a telepatia, os sonhos proféticos e as transformações da matéria sob a influência dessa fôrça emanada do homem chamada psíquica, — perante tais dificuldades, os investigadores de boa fé pedem coisa diferente das injúrias com que os mimoseiam, coisa diferente das negações, ou da evocação de coïncidências ou de alucinações...

«Muitos dêsses investigadores adoptaram a antiga filosofia dos patriarcas, dos iniciadores egípcios de Moisés, dos gnósticos e dos iluminados cristãos, dos alquimistas e do rosacruzes, que jamais variou nos seus ensinamentos através dos séculos e que explica, hoje, tão fàcilmente os factos do Espiritismo e da hipnose profunda, como na XVIII dinastia egípcia explicava as relações do corpo físico e do corpo luminoso na sua acção sôbre o espírito inteligente. Essa filosofia é conhecida sob o nome de Ocultismo...»

Em Maio de 1914, na ocasião da eleição da Câmara dos Deputados, o jornal francês *Excelsior*, mandou um redactor entrevistar Papus afim de saber o que leria êle nos astros a propósito das novas eleições. Papus respondeu: «É manifesto que o mundo está em pleno retôrno ao espiritualismo. Os futuros deputados não poderão esquivar-se a esta corrente... Isto traduzir-se-á em actos humanitários; será, pois, o socialismo que há de dominar. A nova Câmara terá, necessàriamente, que se ocupar da guerra, seja porque um conflito inopinado deflagre, seja para o impedir. Se houver guerra, a França pode estar certa da sua vitória».

Sôbre a guerra, Papus fêz várias profecias que provam os seus dons de adivinho. Em Novembro de 1915, anunciava, para 1918, «uma transformação do Império da Alemanha, seqüência provável da nova vitória...» No mesmo ano de 1915 anunciava ainda que o inimigo não tardaria a tentar um esfôrço formidável que nos causaria «alguma emoção», mas que a ofensiva alemã seria quási logo despedaçada e que o fim da guerra se lhe seguiria. Efectivamente, a formidável ofensiva alemã deu-se, o que causou «alguma emoção»; mas essa maravilhosa vitória não produziu a paz imediata anunciada...

Os videntes não são infalíveis; também se enganam. Só se não enganam aquêles que nada predizem. Muitas vezes acontece às pessoas que têm o dom de profetizar, enganarem-se menos do que aquelas que confiam nos seus raciocínios.

Um caso muito mais interessante de prognóstico feito por Papus muito antes da guerra: De visita ao pintor Guillonet, a sua atenção fixa-se, de repente, no esbôço da figura duma mulher.

«...Esta mulher — declara Papus — apresenta os piores sinais qu se possam encontrar numa criatura humana. Neste rosto leio que ela causará lutos,

mortes trágicas, ruínas... ¿que sei eu?... Seria curioso segui-la na vida. Oh! mas é horroroso... ¿Pode dar-me êsse desenho?... «Classificava-o entre as minhas fichas e procuraria saber em que virá a dar esta senhora Mac Leod. ¡É um demónio!».

Era a célebre espia Mata-Hari.

Uma vez, uma senhora ricamente vestida apeia-se duma carruagem luxuosa à porta da residência de Papus. No momento dela entrar no seu gabinete, Papus olha-a e diz-lhe: «Minha senhora, ¿porque duvida? Não se deve procurar um médico em que se não tenha confiança. A senhora sofre duma nevralgia por cima da vista esquerda, desde muitos anos; essa dor vai desaparecer; há de ter ainda uma crise e será tudo.»

A dama ficou estupefacta, depois maravilhada, porque a dor desaparecera. Papus, em seguida, pôs-se a falar-lhe da família dela. À despedida, discretamente a dama deixou em cima da mesa uma moeda de 20 francos. Papus, então, obrigou-a a guardar o dinheiro e disse-lhe: «A senhora não tem outro tanto em sua casa!» A pobre mulher, lavada em lágrimas, confessou que era verdade. A carruagem não lhe pertencia e queria, realmente, dar-lhe o seu último dinheiro.

Doutra vez, tendo escutado pacientemente um cliente, disse-lhe: «O seu caso é semelhante ao do seu irmão e menos grave que o do seu tio. Diga-lhe que me procure».

Êste médico extraordinário — Papus — fazia um diagnóstico a distância a uma pessoa cuja existência ignorava até ali.

Tudo isto explica a notoriedade de que gozou esta personagem durante a sua vida terrena e que ainda hoje é venerada nos meios espiritas como o maior representante do ocultismo nos tempos modernos.

M.me Thebes e tio Antoine

A vidente francesa mais célebre da nossa época foi M.me Thèbes que predisse a guerra de 1914 e as suas peripécias.

A Bélgica também teve o seu curador, fazedor de milagres, pouco mais ou menos na época de Raspoutine: foi o tio Antoine, simples aldeão da província de Liège, que tratou com o melhor êxito os seus contemporâneos, os quais, em multidão, acorriam à sua modesta casa. Fundou uma religião a que associou a mulher: o *Antoinisme*. Depois duma vida quási ascética, inteiramente consagrada a fazer bem aos corpos e às almas, o *tio Antoine* faleceu em 1912. Mas em 1939 os seus pardidários eram cada vez mais numerosos. O *Antoinisme*, antes da guerra que ainda dura, tinha, em Paris, o seu templo, os seus adeptos, o seu culto.

Seitas ocultas modernas

Dentre as seitas ocultas modernas, merecem especial menção: o *Cristianismo-esotérico;* o *Gnosticismo;* o *Polarismo;* o *Rosacrucianismo* e a *Demonologia.*

Foi o cónego Roca que criou o Cristo esotérico — «À anarquia que nos divide em religião como em política — dizia êle — sucederá bem depressa a sinarquia, isto é, o reino impessoal da *ciência,* da *justiça* e da *economia* sociais, por meio de instituïções impessoais onde os *princípios* serão tudo e os príncipes de qualquer toga e de qualquer côr não serão coisa nenhuma. Novos tempos amanhecem. Uma era nova há de despontar que, rapidamente, nos conduzirá não só à santa tolerância mas também ao apazigüamento das consciências e à pacificação dos espíritos». Vê-se, porém, que tais *princípios* não têm a menor pressa de chegar: a carnifícina que dura há mais de cinco anos, assim no-lo afirma.

Os *gnósticos* dizem que a doutrina de S. Paulo, a Igreja primitiva, foi uma *gnose.* Em 1938 ainda existia em Paris uma igreja gnóstica onde se reüniam os fiéis. Segundo essa doutrina, a salvação alcança-se não pela fé, mas pelo conhecimento dos mistérios ocultos ao vulgo. Em 1888, Jules Doinel restaurou a *gnose* que tinha adormecido depois duma terrível repressão. Entre os gnósticos contavam-se, há cêrca de 7 anos, um romancista de grande nomeada, um ex-chefe de redacção dum dos grandes cotidianos de Paris, um antigo director dos teatros nacionais de França, um poeta de grande talento e muitíssimo conhecido, cujos nomes encheriam de pasmo o público.

Os *polares* afirmam-se verdadeiros rosacruzes sem ligação com nenhum agrupamento dêste nome, ùnicamente submetidos aos «superiores invisíveis», à espera da ressurreição do Conde de Saint-Germain, seu messias.

Ao Rosacrucianismo, fundado por Stanislas Guaita, foi dada nova forma material, em 1907, por Max-Heindel, o qual teria recebido do Alto as instruções necessárias para o fazer. O templo dos rosacruzes foi levantado ao sul de Los Angeles, cuja construção só foi acabada em 1920. Seitas rosacrucianas existem em Paris, em Londres e até em Portugal: em Leiria publica-se bimestralmente uma interessante revista com o título «A Rosacruz».

Max Heindel é o autor da *Cosmogonia* (sistema da formação do Universo) rosacruciana ou a *Filosofia mística Cristã,* obra que em 1925 já contava seis edições em inglês. A Cosmogonia dos rosacruzes não é uma obra dogmática — afirma Heindel: apela ùnicamente para a razão de quem a estude. Também não é uma obra de controvérsia. Foi publicada, apenas com o desejo e a esperança de

esclarecer algumas das dificuldades obsidiantes que encontraram aquêles que estudaram as profundas filosofias do passado. Entretanto, para evitar sérios mal-entendidos o estudante deverá ter sempre presente que não há revelação infalível àcêrca dum assunto tão complexo que abrange tôdas as coisas que o Sol cobre e ainda para além do Sol.

O livro é um «tratado elementar sôbre a evolução passada do homem, a sua constituïção presente e o seu desenvolvimento futuro». A edição francesa que possuo tem mais de 640 páginas, formato grande.

O livro abre com uma poesia da qual dou a tradução das primeiras quadras.

«Não ama Deus aquêle que odeia seus irmãos, aquêle que calca aos pés o coração e a alma do próximo. E aquêle que se esforça, com a ameaça do inferno, por paralisar os nossos pensamentos e os mergulhar em espêssas trevas, não compreende a nossa finalidade.»

«Tôdas as religiões nos foram reveladas por Deus. Cristo é a Via, a Verdade, a Vida, Êle dá o repouso àquêles a quem o fardo pesado da vida esmaga. Êle concede a paz àquêles que conseguem vencer a dor, a provação, o pecado».

A *demonologia* é nada mais nada menos que a *magia negra,* evocadora de espíritos maléficos. Foi um desmiolado e satânico ex-padre que publicou a *Missa Negra* na revista *Etudes Mystérieuses.* O advogado do misterioso facinora Landru disse que êste bandido era o último elo entre o materialista e o demonista. Do fundo da sua prisão, Landru escreveu ao Delegado do Procurador da República para lhe anunciar que fizera um encantamento contra os seus juizes dos quais um dêles veio a morrer um mês mais tarde, o que pode ter sido simples coïncidência.

O desenvolvimento do Espiritismo

O historiador Gèrin-Ricarde previu o desenvolvimento do Espiritismo no século XX. De facto, assim tem acontecido. Basta admirar a obra gigantesca do Brasil. Os anti-espiritas, quer ateus quer deistas, dizem que as ciências ocultas podem indicar o destino de cada um de nós por meio do subconsciente influenciado pelo magnetismo do astral. É o subconsciente — dizem êles — que cria os sinais onde os «sensitivos» têm os preságios... E através dos números — para os métodos cabalísticos oraculares — é o nosso inconsciente que fala. É ainda o inconsciente — afirma — que dirige, sem o sabermos, os gestos da mão e, assim, permite aos grafólogos, e os médiuns escreventes, portanto, indicarem o nosso carácter, as nossas tendências. É êle, o subconsciente — que nos faz entrever os fulgores da verdade, enquanto manuseamos as cartas — dizem os quiromantes materialistas e ateus.

Esta pseudo-explicação que adoptam todos os negadores do Espiritismo, tem a desgraça de não explicar absolutamente nada, — assim o confessa o próprio Gérin-Ricarde que não morre de amores pelo Espiritismo, o qual, pela sua essência, parece indefinível, visto que é a zona de sombra, o halo que envolve a consciência lúcida, visto que não é concretizável, «apreensível».

O grande historiador Henri Martin, aludindo na sua *História da França* (Tomo VI, nota a pp. 143-144), aos factos supranormais que êle denomina «uma ordem excepcional de factos morais e físicos que parecem derrogar as leis ordinárias da natureza...», Henri Martin declara: «Nisto, como em tudo, é preciso evitar o duplo escôlho da incredulidade e da piedade mal esclarecida: uma, a incredulidade, só vê ilusões, impulsões inteiramente humanas; a outra — a piedade — recusa-se a admitir a mínima parcela de ilusão, de ignorância ou de imperfeição, nessas manifestações inabituais onde só vê o dedo de Deus; como se os enviados de Deus deixassem de ser homens... e como se as luminosidades sublimes que lhe atravessam a alma, aí depusessem a ciência universal e a perfeição absoluta. Nas inspirações de maior evidência providencial, os êrros que provêm do homem misturam-se com a verdade que provém de Deus. O Ser infalível — Deus — não comunica a sua infalibilidade a ninguém.»

FIM

A Morte

¿Já vistes a borboleta de asas multicores despir a informe crisálida, invólucro da lagarta repugnante? ¿Já a vistes, essa que no chão se arrastava, agora sôlta, livre, voejar ao calor do sol, por entre o perfume das flores? Não há imagem mais fiel para o fenómeno da morte. O homem também é uma Crisálida que a morte decompõe. O corpo humano, vestimenta de carne, volta ao grande monturo; o nosso miserável despôjo torna ao laboratório da Natureza; mas o espírito, depois de completar a sua obra, lança-se para uma vida mais elevada, para essa vida espiritual que sucede à vida corpórea, como o dia sucede à noite, e assim separa cada uma das nossas reencarnações. Firmes nestes princípios, nunca mais temeremos a morte.

Léon Denis

A LIÇÃO

por F. W. Sunders

ERA uma vez um rei tão potente e tão cruel que o seu nome bastava para fazer tremer, do mais rico ao mais pobre, os seus súbditos. Mas, como todos os reis, era mortal, e a hora da sua morte chegou.

Encontra-se em frente do seu Criador.

— Aqui estou. Vim para gozar o repouso que me espera. Que me façam entrar imediatamente. Sou rei e não estou costumado a esperar!

— E a vossa lição? Tende-la aprendido?

— A minha lição? ¿Que tenho eu que ver com lições? Sou rei. Vivi como um rei deve viver. Construí grandes cidades, cnde me agradou fazê-lo Destruí outras igualmente grandes. Fiz guerras, venci os meus inimigos, adquiri riquezas enormes. Venho para o meu repouso. É a altura. Estou fatigado.

O seu Deus respondeu:

— Ainda não. Para ti não há repouso. Não aprendeste a tua lição, a lição da tua vida.

— ¿Não há repouso para mim, o rei?

— Não.

— ¿Que lição, portanto, é essa?

— A lição da vida chama-se «O Amor». Volta! É possível que, vivendo outra vida, aprendas a lição.

*

Um rei não é grande coisa perante Deus, e o que tinha morrido voltou à terra. Desta vez escolheu a vida dum poeta. Os poetas morrem também, e, quando chegou a sua hora, a alma encontrou-se de novo diante do seu Deus.

— Desta vez eu mereci, seguramente, o meu repouso. ¿Aprendi a minha lição, não é verdade?

E Deus permaneceu silencicso.

— Escutai. A minha vida foi bela, um longo sonho de amor. Nunca toquei a parte tenebrosa ou sórdida da vida. Procurei o amor em tôda a parte e sempre o encontrei. Vivi tôda a minha vida ao calor do sol e na luz da ternura e da afeição das mulheres. O meu coração esteve repleto de amor noite e dia e nos meus poemas cantei-o altamente. !As minhas canções de amor serão eternamente cantadas! ¿É uma lição bem aprendida, não é verdade?

— Tu não aprendeste nada. Tôda a tua vida foi uma longa incompreensão. A paixão não é o Amor; é preciso voltar.

*

Esta alma renasceu mais uma vez. Desta vez escolheu a vida dum negociante. Êste era probo e ninguém podia censurar a sua conduta. Tornou-se rico, muito rico. Dava largamente aos hcspitais e aos asilos dos pobres e por tôda a parte o seu nome estava inscrito sôbre as obras filantrópicas que fundou. A morte vem portanto para os ricos como para os pobres, e o negociante comparece diante do seu Deus.

— Desta vez, diz êle, aprendi certamente a lição do amor. Ninguém deu tanto dinheiro como eu para obras de beneficência. A caridade é o amor. Trabalhei e tenho necessidade de repouso.

— Não és ainda digno de repouso. A tua generosidade parecia-se muito com o crgulho. As tuas dádivas foram feitas para tua satisfação. Não estás ainda livre da Roda das Vidas.

*

E ainda uma vez esta alma se reencarna, mas não sabendo já que vida tomar, o seu nascimento foi humilde e a sua vida foi a vida dum pobre. Trabalhava e quando dava uma pequena esmola, aqui ou ali, ninguém o sabia, — salvo o seu Deus.

No fim desta penosa vida, volta a encontrar-se diante do seu Deus, mas fala-Lhe de maneira diferente:

— !Dai-me o direito de voltar à Terra, oh meu Deus, porque há tanto a fazer! Vejo agora! Talvez que na próxima vez a vida seja menos dura e eu possa fazer ainda melhor. Nesta vida não tinha nada a dar, nada...

«Eu ouvi palavras de consolação, vi gestcs de socôrro.

«Tão pouco, tão pouco! Oh meu Deus! Que eu possa voltar. Esqueci-me de aprender a lição. As desgraças dos outros ocuparam tcdos os meus pensamentos.

— Entra, meu filho, entra no lugar do repouso divino. A tua lição está aprendida. O amor que se torna universal, torna-se divino.

(De «A Rosacruz»)

A Vida no Além – O Espiritismo na Grã-Bretanha

Lord Dowding, ex-chefe da R. A. F., animou a ressurreição dessa extraordinária religião

por Ricardo Vilares

Mercê da expansão cada vez maior que o Espiritismo vai tendo nos países cultos, a grande imprensa abre as colunas à nossa doutrina e põe de parte a ironia causticante com que outrora emmoldurava as notícias referentes a assuntos psíquicos. O Espiritismo Moderno galga as fronteiras e agita as idéias, levando os sábios a estudá-lo e a meditar na sua doutrina aliciante.

O artigo que vai ler-se foi publicado no Século Ilustrado *de 13 de Janeiro de 1945; e embora* Estudos Psíquicos *se houvesse referido há mais dum ano à acção do Marechal Dowding, em desenvolvida «reportagem», não resistimos à transcrição, por estarmos em face de pormenores inéditos que naquêle trabalho não incluíramos.*

«SOU piloto... Fui morto na batalha da Inglaterra... Voava num «Spitfire», o melhor avião do mundo... Um dia, em Outubro, subi, e fui derrubado. Recordo bem o tiro... Subíamos, depois — eu e o avião — subíamos sempre. O calor, a luz e a beleza eram tais como nunca meus olhos viram...

«Subitamente, ouvi uma voz. Julguei que me chamavam da base pelo telefone. A voz dizia: «Meu filho, ganhaste a liberdade. A tua alma está atravessando os caminhos magnéticos»... Confesso: «Não compreendia disto tudo nem uma palavra sequer. Ignorava o que sucedia... Respondi pelo meu telefone e pedi instruções para aterrar...

«Depois ouvi outra voz. Era a do chefe da minha esquadrilha, a quem tinha visto cair dias antes. Dizia: «Deixa lá, companheiro. Tu e eu voamos juntos. Não queremos aterrar ainda. Continua voando até sentires sono, que eu depois te revelarei a teus próprios olhos». Continuei a voar e pareceu-me que o meu chefe de esquadrilha estava a meu lado, no avião, ombro a ombro comigo...»

Esta mensagem foi citada ante o público britânico por lord Dowding, o homem que, durante setenta e cinco dias, em 1940, teve nos seus dedos, delgados e nervosos, o destino de Inglaterra e provàvelmente do mundo.

Êste homem era o próprio marechal do Ar e, nessa altura, comandante-chefe das Reais Fôrças Aéreas.

Dowding foi o homem que ganhou a batalha de Inglaterra instalado numa tôrre de sacos de areia e paredes de cimento; foi o homem que venceu a «Lutwaffe», de Goering; e foi o homem que se manteve firme, dia após dia, enquanto o inimigo se aproximava de Londres. Viu cair os seus aviadores; e viu diminuir os seus aparelhos, até contar só seis aviões de reserva — seis «Hurricanes» — assim como viu que o poderio efectivo de caças era reduzido a dois têrços do que havia no comêço da batalha.

O apóstolo do renascimento do Espiritismo

Hoje, lord Dowding toma lugar freqüentemente numa tribuna, no Kingsway Hall, em Londres, e fala sôbre o nível de vida depois da morte. Os lugares são vendidos a bom preço, mas fica quási sempre na rua uma grossa multidão que não consegue entrar.

Numa palavra: Dowding é o apóstolo dum assombroso renascimento do Espiritismo em Inglaterra.

Durante a anterior Grande Guerra, o Espiritismo, alimentado pelas tremendas baixas

de Ypres, Mons e Peschendaele, inundou a Inglaterra, e sir Oliver Lodge e sir Arthur Conan Doyle, os chefes britânicos dessa religião-ciência, criaram milhares de adeptos. Hoje, segundo os cálculos mais serenos, contam-se em Inglaterra uns três milhões de espiritas. Por todos os lados de Londres e particularmente nos bairros operários e nos subúrbios, vêem-se cartazes anunciando reuniões e publicações espiritas: «¿Regressam os mortos da guerra? Provas concludentes. Os mortos da guerra continuam a viver».

Há pelo menos cinco semanários espiritas que circulam por todo o país, tendo à frente o conhecido «Psychic News». Há médiuns particulares e doutrinadores espiritas por tôda a parte. Há, também, três espiritas que são membros do Parlamento.

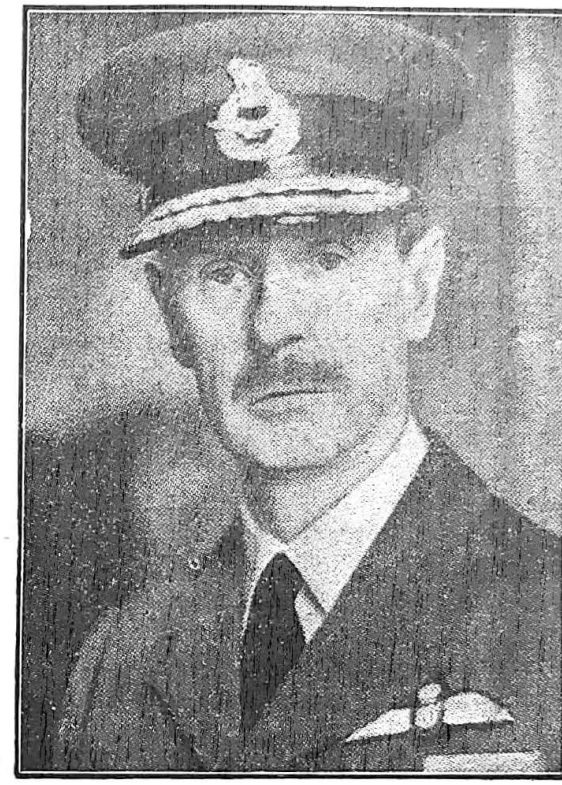
E, deixem-nos informar, o movimento não se limita aos civis. Milhares de livros espiritistas e jornais da mesma doutrina são enviados tôdas as semanas às tropas. Um só organismo espirita distribuiu, até agora, 15.000 folhetos e livros e cêrca de 150.000 jornais às fôrças armadas. A medida do interêsse dos soldados, de resto, verifica-se perfeitamente numa classificação das preguntas formuladas mais freqüentemente aos capelães da Marinha, da Aviação e do Exército. A Marinha e o Exército interessam-se por uma grande variedade de tópicos, mas na Aviação a grande pregunta é esta: ¿Há vida depois da morte?». Os interpelados fazem por seu turno outras preguntas: «Ressurgimos dentre os mortos? Como? ¿Que há de verdade no Espiritismo? ¿Existem o céu e o inferno? ¿Quando sobrevirá o fim do mundo?».

Foi lord Dowding — insistimos — quem iniciou realmente êste ressurgimento. O jornal londrino «Sunday Pictorial» deu a grande notícia. O «Pictorial» havia utilizado durante muito tempo o Espiritismo para atrair a atenção dos leitores. Antes da guerra, convocara, mesmo, diversas reuniões dessa religião-ciência em «Albert Hall. Dowding publicou nessa gazeta, durante um mês, uma série de artigos sob o título seguinte: «Morremos realmente?» Uma nota explicativa de abertura, dizia: «Começamos hoje a publicação de um dos mais notáveis documentos de todos os tempos. Sir Hugh Dowding declara publicamente: «Estou certo de que os nossos mortos continuam a viver... Li mensagens de alguns dêles».

«Enfim, eu tinha sido libertado!»

Existe uma opinião muito dilatada em Inglaterra de que houve alguma coisa de milagroso ou sobrenatural na salvação do país. Há pessoas até que acreditam ter Deus intervindo na salvação da Inglaterra.

Fala-se, a propósito, da batalha de Londres e das façanhas dos aviadores. A vida dos soldados do espaço é bem diferente da



MARECHAL HUGH DOWDING

dos soldados da terra, está claro. Aquêles defendem ou atacam, mas a verdade é que nunca chegam a ver as suas vítimas.

Por isso, não deve estranhar-se que haja um quê de sobrenatural na conversação diária dos aviadores. Os soldados do ar recusam-se quási sempre a aceitar o facto da morte consumada. Nenhum aviador morreu em combate, dizem. Simplesmente «está ausente» ou «não regressou ainda da operação sôbre Frankfort». Nunca se sabe ao certo o que sucedeu aos aviadores. Êles próprios explicam a ausência dos camaradas de mil e uma maneiras.

Voltemos agora a lord Dowding, que nos vai ler outra mensagem recebida do Além:

«Abandonei o meu corpo depois de es-

pantosos momentos de agonia num avião em chamas. Já não podíamos escapar, mas quando o aparêlho chocou com a terra e se desfêz em pedaços, então disfrutámos a mais gloriosa visão de raios de tôdas as côres. A princípio, supus tratar-se dos reflectores alemães. Podíamos ver muita gente a caminhar pelo ar. Sim, não sabíamos com precisão o que estávamos fazendo, de modo que saí e descobri então que podia também manter-me de pé na reluzente plataforma de côr. E, de certo modo, talvez pareça loucura escrever tudo isto. Mas, o mais curioso é que eu não sentia desejos de olhar para baixo, nem sentia, tampouco, a atracção da terra. Enfim, eu tinha sido libertado!».

O livro «Doze Legiões de Anjos» foi retirado da circulação

Devemos lembrar, ainda uma vez, que lord Dowding era um dedicado e profundo espirita antes da batalha de Inglaterra.

Após esta memorável batalha, as suas crenças firmaram-se ainda mais; e, segundo se diz, foram essas mesmas crenças que motivaram o seu misterioso afastamento das Reais Fôrças Aéreas.

Lord Dowding foi substituído nêsse alto pôsto da R. A. F. e em seguida enviado aos Estados Unidos numa missão de aquisição de material. Um ano volvido retirou-se do serviço sem mais explicações. Voltou mais uma vez à aviação, em missão pessoal, mas abandonou esta arma definitivamente em Junho de 1942.

A primeira indicação de que alguma coisa de especial sucedeu em tudo isso foi o folhêto do Ministério da Aviação britânico, «A batalha da Gran-Bretanha», onde se relata a história do triunfo do comando de combate, sem mencionar uma só vez sequer o nome do seu chefe e construtor. Soube-se depois que lord Dowding havia escrito um livro intitulado «Doze Legiões de Anjos», que a censura deixou publicar, mas que foi retirado da circulação a pedido de «um funcionário altamente colocado».

Meses depois, correu o rumor de que o livro de lord Dowding sugeria que «a Providência havia tido muita influência na nossa vitória, durante a batalha de Inglaterra». O próprio Dowding disse, tempo mais tarde: «Afirmo com absoluta convicção que posso indicar a intervenção de Deus não só durante a batalha, mas também nos acontecimentos que a ela conduziram. Se essa sublime intervenção não se houvesse registado, a batalha teria certamente atravessado fases tão precárias, que tornariam impossível a vitória!».

Hoje, lord Dowding, homem de sessenta e três anos, alto, magro e sério, dedica pràticamente todo o seu tempo à causa do Espiritismo, escrevendo, falando e mantendo uma crescente correspondência, de Wimbledon, onde reside.

Duas ou três vezes por semana fala em reüniões espiritas. Nessas reüniões, as mulheres contam-se sempre em número mais elevado do que os homens. Acorrem mães de rapazes perdidos no céu da Inglaterra ou da Alemanha; raparigas, cujos noivos desapareceram nas operações, depois de El Alamein; as mulheres de trinta anos, cujos rostos mostram a fadiga e as preocupações dos meses decorridos, desde que os seus maridos se perderam na rota dos combóios de Murmansk. Os homens, por sua vez, são sempre de idade avançada, pais de rapazes perdidos, desde a Birmânia até Stavanger. E lord Dowding em comunicação constante com os problemas espiritas, recebe ainda milhares de cartas de parentes e amigos dos mortos.

Dowding não reclama para si nenhuma aptidão psíquica especial e apenas se classifica a si mesmo como «um bom exemplo do inglês prático». Sustenta que recebe as tão faladas mensagens através de uma médium, a sr.ª Hill, filha do coronel Gascoigne, morto há anos. Gascoigne, veterano de Khartoum e amigo de Cecil Rhodes, é uma espécie de contrôlo que, segundo Dowding diz, lhe permitiu saber muitas coisas do mais além.

Dowding declara freqüentemente aos seus ouvintes, sôbre o mundo em que vivem agora os aviadores e outros soldados inglêses desaparecidos do plano da terra:

«Êsses rapazes não estão no céu. Vivem noutro plano acima daquêle em que nós ainda permanecemos. Desembaraçaram-se do corpo — o fato da terra — e estão já a caminho da perfeição. Ainda nos vêem e ouvem, mas nós não os podemos ver e ouvir, a não ser quando os guias superiores lho permitirem.

E nessas reüniões, sempre muito animadas, o momento mais emocionante entre o auditório regista-se, geralmente, quando lord Dowding diz aos seus ouvintes que não devem desanimar por não terem ouvido os

ESPIRITISMO—CIÊNCIA SUPREMA

pelo Dr. Inácio Ferreira
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Uberaba

III

A criatura humana, criada num ambiente terrorista de religiões interesseiras, após sorver a última gota do cálice da amargura, acaba por se conformar com o comodismo improdutivo ou por gastar suas últimas energias na ânsia de melhor usufruir a hora presente, desviando-se para o materialismo, com tôdas as suas conseqüências... ódios, ambições, hipocrisias, extermínios...

A própria ciência médica material já não se dá ao trabalho das investigações, acomodando-se aos ensinamentos erróneos dos dogmas e das teosofias sem base...

Não há ciência sem trabalho e sem dissecação de tudo aquilo que se apresenta aos seus o'hos ou retumba aos seus ouvidos. Desprezando todos os ramos da arte de curar, para só nos determos ligeiramente sôbre a *Psiquiatria,* notamos a desorientação, a incerteza, a ignorância, pode dizer-se, transformando-a no sector mais emaranhado da ciência de Hipócrates.

Ora casos contínuos e *esquisitos,* que são desprezados como incuráveis após tôdas as tentativas, e que se curam por si mesmos, como desafio à sabedoria dos homens; ora outros, ainda mais esquisitos, que vão para o rol das *loucuras periódicas,* intrigando e desorientando os cientistas; ora, ainda, mais outros, lançados no túmulo enfartado da histeria...

¡São centenas, milhares de casos que os recursos médicos, com seus vastos laboratórios e suas ricas terapêuticas, se mostram incapazes de curar, cometendo o crime da indiferença ante êsse desafio contínuo à sua glória e grandeza!

São centenas, milhares de casos abandonados após uma luta exaustiva, esgotados todos os recursos e tôdas as experimentações e que se levantam, de um momento para o outro, qual espectros, desafiando a sabedoria e a inteligência dos homens...

¡*Nevroses, histeria, loucuras periódicas, esquizofrenias,* termos sem significação, incapazes de enfeixar sintomas para as respectivas classificações, incapazes de explicar a origem, a marcha e o prognóstico daquilo que deviam representar!

E os cientistas actuais, esquecidos da sua responsabilidade perante a ciência e perante a própria evolução, talvez, educados no regime familiar dos ensinamentos religiosos dos antepassados, continuam indiferentes às pesquisas, que corrigem os erros, e às investigações, que proporcionam a Verdade...

No entanto, os profetas profetizaram...

Os videntes viram...

¡Os *endemoniados* existiram... e continuam pululando por todos os lados, por todos os recantos do mundo, quais luzes imensas irradiadas dos faróis do Infinito, iluminando com o seu resplendor as consciências dos investigadores!

É um crime imenso para a ciência moderna não investigar estes casos de loucura que os conhecimentos actuais relegam ao abandono e desesperança, por incapazes de ampará-los.

Apesar disso, tudo tem uma origem, uma causa e um fim determinado.

Aí está o Espiritismo; aí estão os *médiuns* e aí estão os *obsidiados*...

Trabalhar, perquirir e investigar — eis o que compete à medicina dos homens e à ciência material.

A actuação inteligente ou inconsciente dos reputados mortos é uma verdade, e em todos os hospícios do mundo são encontrados êsses pobres loucos *sem lesão orgânica,* mas cujos espíritos sofrem as conseqüências dos actos passados, agora revividos através dos ódios e das vinganças das suas vítimas.

Lei da Reencarnação — eis a frase que deve encimar o pórtico da ciência.

Ela é uma verdade e nela se encontrará o

---

seus entes queridos que se encontram no Além:

— Não desanimem. Os espíritos dos vossos parentes e amigos estão aqui, a nosso lado. Êles comunicarão na devida oportunidade. Os que estão longe continuam a viver. A morte é uma palavra inventada pelos que habitam a terra, mas desconhecida dos habitantes do Além!

DISCURSO DE JESUS SOBRE A SUA MISSÃO

por Henrique Magalhães

> Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: «Eu sou a luz do mundo: quem me segue, não andará em trevas, mas terá a luz da vida».
>
> *João, VIII, 12.*

MAIS uma vez repisamos as páginas do Evangelho, levando em conta que repetir é aprender e, como êsse livro contém em si a árvore da vida, devemos, periòdicamente, provar os seus frutos para saciar os nossos espíritos de sabedoria e de amor.

«Eu sou a luz do mundo», disse o Mestre. Efectivamente, foi, é e será a luz do mundo, de vez que ilumina a todos que quiserem ver através da sua luz, consubstanciada nos seus ensinamentos evangélicos.

Tanto o artista como o sábio, o operário como o camponês, a todos essa luz é acessível, a todos iluminará, bastando sòmente que cada um a queira possuir, visto que ela emana para todos em igualdade de condições. É como o sol: a todos aquece, ricos e pobres, bons e maus.

Quando queremos ser aquecidos por êsse astro luminoso, saímos da sombra e procuramos a sua luz. Igualmente, para recebermos a luz do Cristo, basta deixarmos a treva da ignorância, da maldade e do vício. Mas não é só dizendo: «Senhor, Senhor», que se adquire essa preciosidade: Não é sòmente pelo facto de dizermos: — Eu creio — que nos acharemos em plena posse dessa luz. Algo mais precioso necessitamos de fazer para sermos dignos de merecê-la. ¿Como poderemos então, adquiri-la? ¿Quais os meios de conseguirmos a sua posse?

Lembramo-nos das palavras do Cristo: «Quem me seguir, não andará em trevas.» ¿Seguir o Mestre será sòmente dizer *Senhor, Senhor?* Decerto que não, pois que Êle disse: «A rapôsa tem a sua toca e as aves os seus ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça. «Mostrava Jesus nêsse ensinamento que trabalhava ininterruptamente pelos seus irmãos, orando, prègando e curando. Todo aquêle que O quiser seguir terá de trabalhar pelos seus semelhantes.

¿Será dizendo: Eu creio no Cristo Vivo — o bastante para sermos dignos de receber a sua luz? Também não cremos que assim a possamos adquirir, visto o Cordeiro ter dito outra vez: «Quem me quiser seguir, pegue na sua cruz e caminhe». Ora, não é pelo facto de dizermos: — Eu creio — que carregamos a cruz. Se assim fôsse, qualquer a

---

cabedal suficiente para se livrar das dúvidas e das incertezas.

¡Ela é a bússola com o auxílio da qual se pode navegar pelo mar imenso da angústia humana, no cumprimento da missão sagrada de recolher os náufragos da dor e do desespêro!

Ninguém se deve aquietar no comodismo improdutivo ou gastar as últimas energias na ânsia de melhor usufruir a hora presente, pendendo para o materialismo... por desiludidos com os ensinamentos inculcados em criança e que, agora, o raciocínio repele e a razão não aceita...

¡ A *Reencarnação* é a chave divina para decifrar os mistérios da vida e da morte, e não se deve alimentar os ensinamentos errôneos, temerosos dos castigos impostos por criaturas falíveis e egoístas que mercadejam em nome de um Deus injusto, falível, contraditório e vingativo!

Caros colegas:

¡Arrancai do vosso psiquismo as velharias que vos incutiram em criança — atai as vossas sandálias e dirigi-vos aos túmulos; atravessai-os, que além dêles descortinareis outro mundo, do qual partem e no qual se originam quási tôdas as tragédias da Humanidade, quási todos os sofrimentos das criaturas humanas!

¡É um crime não investigardes o além-túmulo e é um crime o julgamento de que a morte é sempre vencedora da ciência!

poderia carregar, não haveria nada mais cómodo. Devemos, pois, procurar a sua luz de outro modo, duma forma mais positiva e consentânea com o nosso modo de pensar.

Surgirá novamente a pregunta: ¿Que devemos fazer para obter a luz da vida prometida por Jesus? Aplicaremos aqui as palavras de João Baptista, quando, ensinando à multidão, dizia: «Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem: e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.» E aproximando-se dêle uns publicanos, os quais eram cobradores dos dízimos, preguntaram-lhe: «Mestre, ¿que devemos fazer?» E João lhes disse: «Não peçais mais do que vos está ordenado».

E nós acrescentamos: Sêde amigos das vossas espôsas e fiéis companheiros; e vós reciprocamente, dos vossos maridos. Dai o bom exemplo aos vossos filhos, que Deus vos confiou para os levardes a êsse mesmo caminho ensinado pelo Mestre.

Sêde leais aos vossos companheiros de trabalho, ajudai-os quando necessitarem de auxílio. Sêde obedientes aos vossos superiores, cumprindo com os vossos deveres, rigorosamente, em sã consciência. Não humilheis os vosso subalternos. Usai para com êles de benignidade. Fazendo assim, meus amigos, ganhareis as graças do Senhor.

Sêde tolerantes para com todos, sem distinção de côr, nacionalidade ou credo. Cumpri com a vossa palavra: jamais devemos abrir os lábios para dizer mentira. Jesus nos dá o ensinamento, dizendo: «Sejam as vossas palavras: Sim, sim: Não, não.»

Quem cumprir com estes preceitos, verdadeiramente, segue a Jesus, pois que tudo isto Êle nos ensina nos seus Evangelhos. E seguir o Mestre é possuir a sua luz. ¿Será difícil pôr em prática êsses preceitos? Recolha-se cada um dentro de si mesmo, medite em sã confidência e verificará que fácil lhe será cumprir êsses deveres.

Nestas meditações, compreèndemos bem as palavras onde Êle diz: «O meu jugo é suave suave e o meu fardo é leve. Em verdade, e o meu fardo é leve. Em verdade, ¿qual a criatura que não pode fazer estas coisas? Afigura-se-nos que todos o podem. A questão, aqui, é de querer ou não. Mas, querer com o coração, não com os lábios.

Não é só dizendo: — Senhor, Senhor, mas sim praticando.

Todos ansiamos possuir a luz do Senhor e segui-lo. Comecemos, pois, a tarefa em nossos lares, nas oficinas, nas fábricas, nos campos e em todos os sectores de trabalho. Esta é a primeira tarefa e a mais fácil. É por aqui que começaremos a palmilhar o caminho do Cristo de Deus.

Mais tarde, os horizontes aclarar-se-ão, nossas mentes dilatar-se-ão, nosso campo de acção estender-se-á e, então, poderemos dar o testemunho em tôda a sua grandiosidade.

Cumpre-nos prosseguir, pedindo ao Senhor dos Mundos luz para os nossos espíritos, para darmos cumprimento a estes deveres sagrados. Assim atingiremos as culminâncias da sabedoria, do amor e da fraternidade universal.

Rio de Janeiro

Amigos de «Estudos Psíquicos»

À medida que as dificuldades avançam, avança também a dedicação e o auxílio de amigos dilectos que não querem a morte desta revista e por isso lhe transmitem vitalidade que muito contribuirá para o triunfo da idéia espirita. Assim escudados, é menos árdua a tarefa e mais fácil a caminhada, porque o entusiasmo dos companheiros incita e rejuvenesce o nosso próprio entusiasmo.

¡Graças a Deus, que o nosso esfôrço tem sido compreendido! Continuaremos, pois, a trabalhar com absoluta independência, erguendo bem alto a divisa que nos orienta, em meio da charneca que nos propomos desbravar.

O sacrifício é mais leve, quando partilhado por amigos que lhe sentem igualmente o pêso e se esforçam por alcançar a meta.

De tôda a parte chegam notícias de pessoas interessadas pela nossa obra. Muitas ficam agregadas e são futuros arautos da doutrina. Isto satisfaz-nos inteiramente e dá-nos energia para novos cometimentos.

Temos o prazer de anunciar, hoje, mais os seguintes donativos de amigos de «Estudos Psíquicos», aos quais muito agradecemos:

A. M.	**1.000$00**
Bartolomeu Bana Martins	**40$00**
Aires Vaz Raposo	**28$00**
T. L.	**82$00**
José Pais de Carvalho	**52$00**
Total.....	**1.202$00**

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA (*)

PSICOLOGIA

C) Sensibilidade

por Ramos Pereira

E) — Amor (continuação)

O amor familiar é a coesão espiritual que liga os membros duma família, fazendo dela um verdadeiro bloco dentro da sociedade. É um laço que, fundando-se na sangüinidade, a reforça e a sublima. Mescla-se nêste amor o egoísmo, um pouco de orgulho, a benevolência, o espírito de sacrifício. O amor conjugal é o fulcro de que derivam lògicamente os restantes; ligando o homem e a mulher, é mais uma ligação espiritual, que material, pois que esta com o cansaço da satisfação, foi passando a segundo plano. O amor conjugal é calmo, feito de compreensão, sem os arroubos, sem os ímpetos carnais dos primeiros tempos de noivado que o contacto permanente acaba por abrandar. O aparecimento dos filhos é o complemento dêste amor, sem o qual se estiolaria em monotonismo.

O filho é o ponto onde se vão focalizar os amores do pai e da mãe. Mercê das próprias circunstâncias que envolvem a constituïção da família, o amor maternal é mais profundo, mais difícil de definir. O pai é geralmente mais frio, menos expansivo, devido à sua sensibilidade menos aguçada. O amor da mãe é feito de carinho, de ternura intensa, de espírito de sacrifício, de egoísmo, de orgulho; a mãe pode reconhecer os defeitos, mas não quere que lhos apontem. Para ela, o filho é... sempre o «seu» filho.

Com o desenvolvimento do psiquismo, a criança começa a compreender os verdadeiros liames que o unem aos pais. Sente que há mais que a sangüinidade; mas a princípio acha absolutamente natural que lhe dispensem cuidados e carinhos, porque... foi sempre assim. Mas quando alguém ataca os seus, sente despertar em si o instinto animal da defesa, que a leva a pugnar ferozmente. A luta pela vida fortalece êsse sentimento e um dia é mais por êsse amor, que por uma simples obrigação moral que êle dispensa cuidados e carinhos aos pais envelhecidos.

No fundo, êste amor é uma amizade natural explicada e reforçada, não só pela hereditariedade, mas, principalmente, pela convivência e tratos íntimos. O próprio amor fraternal tem a mesma origem, a que devemos acrescentar a comunhão de educação, princípios, etc.

Quando um indivíduo cria um ideal, defende-o dos olhares profanos num receio pueril e egoísta, sente por êle um complexo sentimental indefinido que se exterioriza em preocupação constante de embelezamento. A sua maior satisfação é encontrar alguém que comungue no mesmo. É um amor desinteressado, puro, simples, um amor pelo amor. Tôdas as formas do amor idealista têm, na essência, as mesmas características. O amor à profissão nasce da harmonia desta com a concepção do ideal formado.

O platonismo, simples ou puro, é o amor pelo mero prazer de amar. A emoção é a resultante duma necessidade e não exige reciprocidade nem concessões. É uma forma de amor idealista, uma ilusão necessária, que não contingente. Ama-se numa expansão irreprimível da sensibilidade. Não se olha à forma estética corpórea, mas à forma estética anímica, a uma idealização daquela. Ama-se, não uma mulher, mas aquilo que nela pode lembrar uma Mulher Ideal.

No amor bucólico, amor à Bernardim Ribeiro ou à Cristóvão Falcão, a sensibilidade expande-se em queixas, num soluço mavioso de penas e lágrimas; mas dá a idéia que é nisso que reside a grande compensação dêste amor, que uma atitude diferente da mulher não seria desejada. Há nesta dor um prazer suave, um encanta-

(*) Ver *Estudos Psíquicos*, de Julho de 1944 a Fevereiro de 1945.

mento. O ciúme revela-se em simples queixumes magoados que bem depressa se apagam e perdoam. É o amor duma alma fraca, fàcilmente sugestionável, que nada mais deseja que a morfina dum olhar e de sofrer por... amor. Embora o seu objecto seja uma mulher, esta é revestida pela imaginação de tanta beleza, de tantas galas, que se torna um ser ideal. É a Laura de Petrarca.

No romântico, ainda que se não busque a realidade dura da carne, não se procura apenas a qualidade espiritual e a beleza da figura. Antes se oculta no «véu da fantasia a nudez forte da verdade». É um amor impressionista, cheio de fantasia.

O juvenil, se bem que platónico, é a primeira expansão passional humana. O homem já quere amar... mas cambaleia ainda. Mescla-se o platónico ao romântico. Sente-se prazer na luta, nos longos colóquios, em breves apertos de mão, em profundos olhares; julga-se o amor uma coisa muito complexa e irreal. Os amores clássicos de Romeu, de Dante e outros e a literatura romântica desfeiteiam-lhe a realidade. Um dia, um beijo, ou um amplexo mais carnal perturba-os, desperta-lhes o instinto e o jovem vê a ilusão que forjara cair-lhe aos pés como um monte de farrapos. Mas no fundo do seu pensamento, das suas aspirações, fica o cadáver dêsse sonho lindo que um dia renascerá das cinzas, quando vier o cansaço das emoções sensuais.

As formas simples e normais do amor natural são mais que duas formas distintas das fases por que passa o homem no estado adulto. Na primeira, predomina a atracção física sôbre a espiritual, ao contrário da segunda. De facto, o começo é uma atracção física instintiva, que, fazendo parte do instinto da conservação da espécie, revela já o espírito de escôlha. A esta atracção junta-se a simpatia, a convivência, a amizade, muito embora continui a perdurar o instinto da posse. Na realidade, o adulto normal deseja sempre a satisfação do instinto da conservação da espécie; distingue bem na mulher, não apenas o psiquismo, mas ainda o corpo.

Porém, quando a atracção física se sobreleva à psíquica, temos a forma inferior do amor natural que raramente satisfaz ambos os elos duma comunhão. Acaba por cansar um dos sujeitos e jamais cria raízes duradoiras. A forma excessiva é já um desregramento, uma ponte de passagem para o sensual.

No sensual puro, procura-se apenas a sensação do prazer voluptuoso. Em face da mulher, o homem deseja sòmente a perfeição da carne, a loucura do beijo e a rajada da posse. Requinta o apetite natural, procura a fêmea e não a mulher. Não lhe interessa o que a mulher pensa ou sente, quere-a como objecto de prazer. Casos há em que se refina numa idealização carnal que, ao ser encontrada, se torna numa verdadeira obsessão. Geralmente, também, a posse produz o cansaço, o aborrecimento e até o retrocesso às formas naturais.

Quando o amor sensual atinge a forma devassa, é uma paixão patológica. Não se sacia, é quási uma necessidade sempre premente. É o amor de Messalina ou de Lucrécia Bórgia. Normalmente, nestes casos, há taras hereditárias que afectam o sistema nervoso. O desregramento é uma devassidão que se satisfaz por processos antinaturais. Com as formas patológicas, constituem produtos estranhos, incompreensíveis, anormais, pouco susceptíveis de encontrar a génese.

* * *

Vimos assim alguns cambiantes do amor, em que nos limitámos mais a descrever, que a desvendar a causa. De facto, é extremamente difícil marcar a génese do amor, como se depreende das múltiplas teorias que têm surgido, tôdas elas com pontos de maior ou menor probabilidade.

Bain («Les Émotions et la Volonté») diz que a comoção do amor sexual implica elementos juxtapostos. Com efeito, o desejo sexual, tão puro nos animais inferiores, complica-se no homem com a adjudicação de elementos psicológicos.

Herbert Spencer («Principes de Psychologie») explana: «aos elementos puramente físicos que encerra, devemos acrescentar, em primeiro lugar, essas impressões muito complexas produzidas pela beleza duma pessoa, em volta das quais se reüniram grande número de idéias agradáveis que em si próprias não constituem o sentimento do amor, mas que têm relação orgânica com êsse sentimento. A isto junta-se o sentimento complexo a que chamamos afeição. Há também o sentimento de admiração. A isto deve ligar-se o senti-

mento que os frenólogos chamaram o amor da aprovação. Além disto, há também um sentimento próximo do precedente, o da estima de si próprio.»

Sergi («La Psychologie Physiologique») é o mais sóbrio e aponta como factores do amor: os estímulos da reprodução e, em seguida, o sentido do tacto junto ao da temperatura, além do prazer do enlace, como quere Bain.»

Mantegazza («Fisiologia do Amor») dá como origem do amor a simpatia e o gôsto estético, o reconhecimento, a compaixão, a vaidade, a luxúria e a vingança.

Schopenhauer («O Mundo como Vontade e como Representação») mostra o amor como manifestação do instinto sexual; Von Hartmann perfilha e desenvolve esta asserção que, a meu ver, explica a forma sensual do amor, mas não o Amor. Delboeuf tem uma teoria análoga, quando diz que a causa oculta é a geração dum filho.

Pierre Janet («Automatismo Psicológico»), diz-nos, porém, que a paixão «assemelha-se interiormente a uma loucura, tanto na sua origem, como no seu desenvolvimento, como no seu mecanismo.» Maurice de Fleury compara o amor, não a uma nevrose, mas a uma intoxicação.

Gaston Danville («Psychologie de l'Amour») define assim: «o amor é uma entidade emotiva específica, consistindo numa variação, mais ou menos permanente, do estado afectivo e mental do indivíduo, na ocasião da realização — pela acção fortuita dum processo mental especializado — duma sistematização exclusiva e consciente do seu instinto sexual, sôbre um indivíduo do outro sexo. Na maioria das vezes, êste fenómeno não se produz sem a exaltação do desejo.»

F) Indiferença

Sob o ponto de vista cognitivo, a indiferença não existe, pois seria negar a sensação, havendo excitação. Por muito fraca que esta seja, desde que não ultrapasse o limiar diferencial inferior, aquela sempre se dá, embora a consciência, ou por hábito ou por distracção, a não tenha apreendido completamente. A indiferença intelectual é um orgulho sem base e sem lógica, pois qualquer sensação pode pelo menos ser causa dum trabalho subconsciente, de que só mais tarde se abrangem os reflexos.

Quanto à sensibilidade, a indiferença existe sob duas formas: activa e passiva. A primeira pressupõe a vontade que couraça a sensibilidade contra possíveis sentimentos originàveis por um objecto. A segunda exprime um ponto neutro, um ponto de equilíbrio, em que tanto não lhe interessa «isto», como «aquilo»; em que não há um ponto básico de preferência. Na primeira, não há o «não querer a emoção»; o indivíduo apreende, de facto, o objecto, mas as qualidades dêste desagradam-lhe e a vontade entra como redutor do sentimento. Na segunda, são as qualidades que não conseguem despertar interêsse, muito embora se produzam sensações.

G) Desdém e desprêzo

O desdém aproxima-se muito da indiferença activa. Em face do objecto, o indivíduo sofreu sensações e emoções normais. O desnível entre as características do objecto e do sujeito é sempre o motivo principal do desdém.

Revela-se geralmente por um prazer em amesquinhar, deprimir, em revelar pequenas faltas, procurando avolumá-las a crimes, etc. O orgulho é muitas vezes um sentimento que contribui para a génese do desdém. Julgando-se superior, o indivíduo passa altaneiro em face do objecto, tentando dominá-lo ao primeiro contacto. Não perde o mínimo gesto, a mais pequena frase da vítima, para, torcendo o sentido, a meter a ridículo. A inveja é, ainda, uma concorrente e, quando assim é, o desdém resultante é um sentimento baixo, o desforço ignaro dum espírito fraco e mesquinho.

O desprêzo é, por assim dizer, um desdém intensificado. Quando resulta da seqüência de acções indignas praticadas pelo objecto, é um sentimento bem humano e em parte desculpável; a forma de exteriorização é a indiferença activa em que se passa sem um olhar, como que a evitar a recordação de imagens desagradáveis.

H) Repulsa

É ainda um estado negativo motivado principalmente pelas qualidades do objecto. A repulsa pode ser moral ou física, conforme é causada pelas acções ou qualidades do objecto.

A repulsa física dá-se vulgarmente o nome de nojo. São muito variadas as características dêste estado: — exasperação nervosa, contracções espasmódicas, do estômago, mal estar geral, fortes nevralgias, etc.

A repulsa moral, ou indignação, exterioriza-se na reprovação, na indiferença activa, no afastamento e na fuga ao contacto.

l) Ódio

É o mais forte de todos os estados afectivos negativos. Assim como o amor se origina vulgarmente na simpatia, o ódio fundamenta-se numa antipatia. A acção do objecto reforça aquela antipatia e acaba por trazer os corolários da inveja, da malquerença, do desdém, da cólera e da injúria.

* * *

Uma paixão, quando está em embrião, é satisfeita ou pela exteriorização do sentimento (desabafo) ou pela concentração constante do pensamento no objecto.

Sem dúvida que estas formas variam com os temperamentos; mas, dum modo geral, uma ou outra se nos depara a princípio. Quando se englobam, indicam já evolução. ¿Que pode acrisolar a paixão? Tanto um conjunto de circunstâncias que a mostrem como a aspiração mais bela, como a impossibilidade de exteriorização. No segundo caso, como que se acumula energia sentimental para a qual se torna necessário encontrar uma canalização; e assim, o indivíduo gasta-a em pura contemplação e absorção mental.

Para modificar o estado passional é necessário o aparecimento de um novo objecto com qualidades capazes de se sobreporem às do que causou a primeira, depois desta se ter ido apagando no campo da consciência. Concomitantemente, devem existir no indivíduo tendências paralelas. É o caso do Romeu, de Shakespeare. O seu amor desdenhado causa-lhe um estado de espírito especial, uma energia sentimental latente, uma necessidade de amar; o encontro com Julieta não modifica a paixão, mas canaliza-a e dá-lhe motivo para a exteriorização necessária.

A paixão nunca desaparece por completo. De umas, fica a saüdade; doutras, o remorso; doutras, um sentimento agradável de satisfação.

Não é impossível existirem no mesmo indivíduo, conjuntamente, vários estados passionais. O que é impossível é existirem com um mesmo objecto, se forem de sentidos opostos. Não se ama e odeia a mesma coisa, ao mesmo tempo, mas pode-se, em certos casos, com a variação das causas acessórias, passar-se dum ao outro.

Mas sôbre o mesmo objecto podem incidir vários estados passionais positivos ou negativos e é mesmo vulgar nunca se dar apenas um, principalmente se são fortes e profundos. O amor traz amizade, estima, e, por vezes, a veneração. O ódio arrasta o desdém, a repulsa e a cólera.

BIBLIOGRAFIA

Psychologie — ABEL REY.
Principles of Psychology — WILLIAM JAMES.
Principes de Psychologie — HERBERT SPENCER.
Traité de Psychclogie — DUMAS.
Leçons de Philosophie — LAROMIGUIÈRE.
Passions Humaines — JOUISSAIN.
Psychologie de l'Amour — GASTON DANVILLE.
Fisiologia do Amor — PAULO MANTEGAZZA.
La Fsycholcgie Physiologique — SERGI.
Tratado das Paixões da Alma — DESCARTES.

A Matéria

Qualquer que seja a matéria, é sempre destituída de espontaneidade e nada provoca: só exprime, através das suas propriedades, a idéia de quem criou a máquina que funciona. Assim, a matéria organizada do cérebro, que manifesta fenómenos de sensibilidade e de inteligência próprios de ser vivo, não tem, do pensamento e dos fenómenos que ela manifesta, mais consciência do que a matéria bruta teria duma máquina inerte, dum relógio, por exemplo, que não possui consciência dos movimentos que manifesta ou da hora que indica. Dêste modo, também o papel e as letras tipográficas não têm consciência das idéias que reproduzem. Afirmar que o cérebro segrega o pensamento, seria o mesmo que dizer que o relógio segrega a hora ou a idéia do tempo.

Não é preciso supor que foi a matéria que criou a lei de ordem e sucessão: seria cair no êrro grosseiro dos materialistas.

CLAUDE BERNARD

O TESTUMUNHO DE SARDOU

Victorien Sardou foi um grande dramaturgo francês, cujas peças animaram os nossos palcos no primeiro quartel do século vinte. Autor da «Tôsca», do «Termidor», da «Familia Benoiton», da «Pátria», revelou em tôda a sua obra verdadeiro talento muito acima do vulgar. Desencarnou em 1909, na idade de 78 anos e inciara as suas experiências antes de Allan Kardec ter estudado e codificado o Espiritismo. Pode ser considerado o decano dos espiritas franceses.

O artigo que abaixo publicamos saiu no Gaulois *em 4 de Dezembro de 1888. Nêle Sardou dá conta das pesquisas que empreendeu àcêrca dos fenómenos espiritas.*

MEU caro Ram-Bauld:

Há 40 anos que eu observo, como curioso, os fenómenos que, sob o nome de magnetismo, sonambulismo, êxtase, dupla vista, etc., davam em minha mocidade origem ao riso dos sábios.

Quando me arriscava a dar-lhes parte dalguma experiência em que o meu cepticismo cedia à realidade, ¡que explosão de chacota!

Ainda me parece ouvir as risadas dum velho doutor meu amigo, a quem falei duma jovem que caía em catalepsia, por meio de passes magnéticos.

Ela ouvia tiros de espingarda e sentia um ferro em brasa a queimar-lhe a nuca.

— Qual história! — respondia-me o homem — ¡As mulheres são tão enganadoras!...

Ora, todos êsses factos sistemàticamente negados naquêle tempo, são hoje aceites e afirmados pelos mesmos que os qualificavam de feitiçaria. Não há dia em qua algum jovem sábio não me traga novidades que eu já conhecia, antes dêle nascer.

Só há mudança no nome. A palavra *magnetismo* não deve soar mal aos que o ridicularizam. A designação de *hipnotismo* e *sugestão* tem muito maior fôrça.

Adoptando-se os novos têrmos, dá-se a entender que o magnetismo era realmente mistificação e foi esmagado, merecendo a ciência oficial o nosso reconhecimento por nos ter livrado de tal peste e, em troca, nos trazer uma verdade científica, ou seja o *hipnotismo* que, entretanto, é quási a mesma coisa.

Um dia citava eu a um habilíssimo cirurgião o facto hoje bem conhecido da insensibilidade produzida em certas pessoas que olham fixamente para o espêlho, ou para um corpo brilhante, de modo que provoquem o estrabismo, e essa revelação foi recebida com

VICTORIEN SARDOU

ridículo e zombaria, como um *espêlho mágico*.

Passaram os anos e o mesmo cirurgião vem almoçar comigo e desculpa-se da demora por ter tido que arrancar um dente a uma jovem nervosa e tímida, exclamando:

— Tentei com ela uma experiência nova e muito curiosa: por meio de um espêlho metálico, fi-la dormir tão completamente, que lhe extraí o dente, sem ela sentir.

—Perdão — disse eu — ¡Mas eu fui quem primeiro assinalou êsse facto e vós meteste-lo a ridículo!

Desmantelado a princípio, o nosso homem depressa se acalmou. E respondeu:

— É certo; mas vós falastes-me dum acto de magia e êste é de hipnotismo.

A ciência oficial trata as verdades desconhecidas sempre dêste modo: depois de repeli-las com escárneo, apropria-se delas, mas tem o cuidado de lhes mudar o rótulo.

Enfim, qualquer que seja o nome que lhes dêem, já adquiriram o direito de cidade; e, pois que os nossos sábios conseguiram descobrir na Salpetrière o que todo o Paris teve ocasião de ver no tempo de Luís XV no cemitério de S. Médard, é de esperar que se dignem ocupar-se um dia dêsse Espiritismo que julgam morto pelos seus desdéns, embora nunca tivesse gozado melhor saúde.

Para isso, não terão mais do que mudar-lhe o nome, afim de a si próprios atribuirem o mérito de havê-lo descoberto, *depois de todo o mundo*, o que não será tão cêdo, porque o Espiritismo tem de combater outros inimigos, além dessa má vontade.

Tem contra si as experiências de sala, meio detestável de fazer investigações e que apenas servem para confirmar a incredulidade dos cépticos, para sugerir engenhosas mistificações e inspirar aos estudiosos chistosas tolices.

Tem mais que lutar contra os charlatães que fazem Espiritismo à Robert-Houdin e contra os semi-charlatães que, dotados de faculdades mediúnicas, não se contentam com elas e por vaidade ou especulação suprem a insuficiência dos seus meios naturais.

Tem principalmente que vencer dois grandes obstáculos: a indiferença duma geração votada aos prazeres e interêsses materiais e a fraqueza de carácter cada vez mais acentuada num país onde já ninguém tem a coragem das suas opiniões, preocupando-se com as do vizinho e só permitindo a si próprio adoptar uma, quando sabe que é a de todo o mundo.

Em qualquer assunto: artes, letras, política, ciências, etc., o que mais se receia é passar por ingénuo, por crente em qualquer coisa, ou por entusiasta tão inconsciente, que tudo lhe cause admiração.

O homem mais sinceramente tocado por uma bela palavra ou por uma bela obra, se vir que um céptico sorri, não vacila em zombar do que desejava aplaudir, afim de provar que não é menos perspicaz do que os outros e que é muito esclarecido, visto que se não satisfaz com qualquer coisa.

¿Como poderiam homens tão arraigados às opiniões dos outros, embora convencidos da realidade das manifestações espiritas através das mais duras provas, ousar confessá-lo em público, nêste século sem fé, depois de Voltaire, depois de Proudhomme? ¿Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que sôa aos ouvidos: «¿Então, o sr. também acredita no sobrenatural?»

— Não. Eu não admito o sobrenatural — é logo a resposta.

Qualquer facto só se dá por efeito duma lei natural, e portanto é natural.

Negar *a priori*, sem exame, sob pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida; contestar a realidade do facto, porque êle não entra na ordem dos factos estabelecidos e das leis conhecidas, é êrro de espírito mal equilibrado que julga conhecer tôdas as leis da Natureza.

O sábio que tiver essa pretensão, não passa dum pobre diabo.

Onde o espero é no exame dos factos, quando êle fôr obrigado a chegar lá.

Prometo-lhe então algumas surprêsas.

Agora, segue-se uma carta por êle enviada a Jules Bois, que a publicou no seu livro «L'Au Delà et les Forces Inconnues» (O Além e as Fôrças Desconhecidas).

Meu caro confrade

Fui dos primeiros a estudar o Espiritismo — já lá vão uns cinqüenta anos —, passando da incredulidade para a surpresa e da surpresa para a convicção. Necessitaria dum volume para vos responder. Por isso, me limito a resumir meio século de observações.

Os fenómenos materiais foram observados em rigorosas condições, atestados por sábios que me abstenho de nomear e são inexplicáveis no estado actual dos nossos conhecimentos.

Em grande número de casos, há que reconhecer a intervenção de inteligências estranhas à dos investigadores, mas que não constituem a projecção, nem o resultado de seus próprios pensamentos. Há que reconhecer também a produção de certos fenómenos, bem como a acção de seres invisíveis, cuja verdadeira natureza é difícil de precisar.

¿Mas, como poderemos nós admitir, sem cair no ridículo, que tais seres não são quiméricos e que a nossa bela humanidade não é a última palavra da criação? Para escapar às censuras da ciência oficial e da incredulidade dos ignorantes e dos «fortes de espírito»,

que são muitas vezes imbecis, há quem se esforce por explicar os casos em que a inteligência oculta é manifesta e o faça por hipóteses que dizem científicas, bem graciosas para aquêles que sabem o que eu sei, que viram o que eu vi e fazem o que eu tenho feito.

Preguntais-me se creio nas materializações... Naturalmente, porque eu mesmo as obtive quando era médium e espero ainda que me expliquem por qualquer fôrça psíquica desconhecida ou por fraude de que eu seria o autor, o testemunho e a vítima, como é que mão invísivil pôde deixar na minha mesa de trabalho um ramo de rosas brancas que durante anos conservei, até que se desfizeram em pó.

Quanto aos desenhos espiritas a que aludi, obtive-os em 1857, em condições semelhantes às do sr. Desmoulin; mas há muito tempo que guardo reserva àcêrca dos pretensos documentos planetários. Para mim, têm o mesmo valor que a linguagem marciana que há pouco nos foi oferecida.

Eis, meu caro confrade, as conclusões das minhas próprias experiências. É pouco? Entretanto, não perdi o tempo.

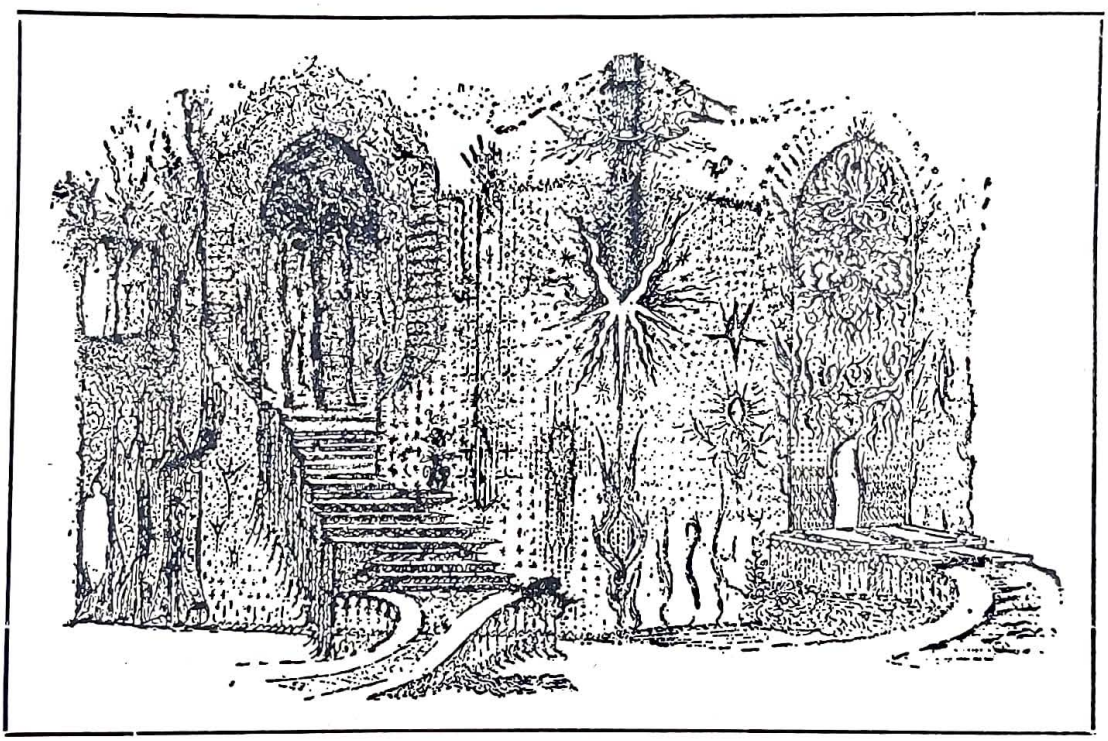
Saüdações amigáveis

Victorien Sardou

Sardou foi médium-pintor. Os «Annales des Sciences Psychiques», a «Revista Internacional do Espiritismo» e a «Revista de Espiritismo» publicaram algumas das suas produções, de aspectos fantásticos e obtidas com espantosa rapidez. Eis como êle explica o que sentia, durante essa fase curiosa da sua vida:

A minha mão não me pertencia. Obedecia a uma influência estranha que dizia ser o espírito de Bernard Palissy.

Um dia, quási às duas horas, sentara-me, como de costume, à secretária, em frente duma fôlha de papel de dimensões ordinárias.



Casa imaginária de Zoroastro em Júpiter. *(Desenho mediúnico de Victorien Sardou)*

Mas a pena, em vez de desenhar, obedeceu a um impulso da minha mão e traçou bruscamente uma linha oblíqua a todo o comprimento da fôlha.

Interrogando Bernad Palissy pelo processo usual, recebi esta lacónica resposta:

— Papel muito pequeno.

Procurei papel maior, mas foi inutilizado por novo risco. O espírito consultado repetiu:

— Muito pequeno.

Quando lhe observei que não tinha papel maior, ordenou-me:

— Vá comprá-lo.

Eu objectei-lhe que estava a chover e que

o papel de que me utilizava vendia-se junto ao cais de S. Michel, onde eu, então, morava.

— Vá à Praça Saint-André-des-Arts — tornou Bernard Palissy.

Fiz um apêlo à minha memória a respeito de papelarias. Naquela praça não conhecia nenhuma. Mas o espírito repetiu com obstinação:

— Sim! Há uma! Há uma!

Muito intrigado, pus o chapéu e saí. Percorri a Praça e já ia para o cais de S. Michel, aborrecido por ter sido enganado pelo espírito, quando avistei uma tabuleta com esta inscrição: *Venda de cartão por atacado.*

Entrei e verifiquei com espanto que o fabricante tinha tôdas as dimensões imagináveis de papel. Comprei o que precisava e regressei a casa. Logo que coloquei o lápis sôbre o papel, a minha mão escreveu ràpidamente:

— ¡Vês que eu tinha razão!

Os desenhos de Sardou apaixonaram de tal maneira os críticos, que o escritor viu-se obrigado a publicar uma carta, que Jules Claretie incluiu num livro seu. É interessante ler a parte em que se refere ao Espiritismo:

Quanto ao Espiritismo, dir-vos-ei melhor o que penso em três palavras, do que em três páginas. No Espiritismo, há factos verificados, curiosos, inexplicáveis no estado actual dos nossos conhecimentos e outros que se explicam sem dificuldade.

Há espiritas imbecis, ignorantes ou idiotas; os que evocam Epaminondas e os que dizem tolices ou que crêem no diabo. Naturalmente, vão dar com os costados em Charenton...

Há charlatães — os impostores de tôda a espécie, os profetas, os que dão consultas, os Davenport e *tuti quanti!*

Há, enfim, os sábios que julgam explicar tudo por prestidigitação, por alucinação e movimentos inconscientes, como os srs. Chevreuil e Faraday, e que, tendo razão relativamente a certos fenómenos que presenceara m e que são, de facto, alucinaçõese e prestidigitação, não a têm quanto a factos positivos que não se deram ao trabalho de estudar. Estes sábios são muito culpados, visto que, pelo facto de não conhecerem razões opostas de experimentadores sérios e também devido às explicações insuficientes dêstes últimos, deixaram o Espiritismo sujeito à exploração dos charlatães de tôda a espécie e concorrem, ao mesmo tempo, para que os *amadores* se não ocupem dêle.

Há, finalmente, o observador (mas é raro), como eu, que, embora incrédulo, dum momento para o outro tive de reconhecer a existência de factos rebeldes a tôda a explicação científica, sem renunciar, por isso, a vê-los explicados um dia, e que imediatamente se dispõem a discernir os factos, submetendo-os a determinada classificação, que mais tarde se converterá em lei. Estes afastam-se, como eu faço, de todos os cenáculos e, satisfeitos com a convicção adquirida, limitam-se a ver no Espiritismo a aurora duma verdade muito obscura ainda, sentindo que ela pereça abafada entre os excessos da credulidade ignorante que crê em tudo e da incredulidade sábia que em nada crê.

Na sua convicção e na sua consciência encontram fôrça para enfrentar o martírio do ridículo ligado à crença que êles propagam, envolta em tôdas as sandices que lhe atribuem e julgam que a legenda que a reveste não merece a honra de refutação.

É assim que eu nunca tive a pretensão de demonstrar que Molière ou Beaumarchais influiram nas minhas peças. Parece que isto é coisa secundária.

Quanto às *Casas de Júpiter,* pregunto às pessoas de bem que me supõem convencido da sua realidade, se estão igualmente persuadidos de que Guliver acreditava em *Liliput,* Campanela na *Cidade do Sol* e Tomaz Marus na *Utopia.*

Do que não resta dúvida é que o desenho a que vos referis *foi feito em menos de duas horas.*

Pela origem, não dou um vintém, mas pelo facto, o caso é outro.

Os Fenómenos do Espiritismo

É estranho que um homem de ciência motive a sua recusa em examinar o Espiritismo no facto dêste estar em oposição com tôdas as leis naturais conhecidas, especialmente a da gravitação, e em contradição aberta com a química, a fisiologia humana e a mecânica. Ora, os factos, se são reais, dependem de uma ou de muitas causas capazes de dominar ou contrariar o efeito daquelas diferentes fôrças, exactamente como elas contrariam ou dominam outras. Isto deveria levar os homens de ciência a examinar o caso.

A. Russel Wallace

COISAS ESPANTOSAS

por Isidoro Duarte Santos

EMBORA todo efeito tenha sua causa, há coisas tão espantosas, que parecem inverosímeis. A de que vamos tratar está nestas condições. Para que nos não taxas em de apressados ou inadvertidos, deixámos correr o tempo, que é grande mestre, sazona os frutos e dita, muitas vezes, o rumo aos acontecimentos.

Estamos absolutamente serenos, de forma que a questão seja exposta sem paixões, já que o nosso objectivo é servir a verdade e só a verdade. Não vejam, pois, nas nossas palavras, significado que não têm.

Afirmámos sempre que o Centro Espiritualista Luz e Amor era uma fôrça ao serviço da Causa Espírita e que desejava viver e morrer independente. Assim é, com efeito.

Muitos sabem as dificuldades que teve de vencer, levantadas pela Federação Espírita Portuguesa, cuja Direcção cessante chegou a pedir ao Govêrno Civil de Lisboa o nosso encerramento, a pretexto de que trabalhávamos clandestinamente. Defendemo-nos perante aquela autoridade e fizemo-lo firmemente, cônscios da razão que nos assistia. Destruímos a lenda da dissolução dum centro que sempre esteve de pé, à face dos Estatutos.

Foi isto em Março de 1944. Até hoje, ninguém nos incomodou, ninguém nos fêz a mínima observação, ninguém pretendeu entravar-nos a marcha para a frente. O progresso realizado está à vista de tôdas as pessoas de bom senso.

* * *

Há tempo, certo grupo de sócios da Federação requereram uma Assembléia Geral e conseguiram fazer triunfar a idéia da reconciliação da família espírita portuguesa, que se encontrava dividida, mercê de várias circunstâncias em que predominava o factor pessoal de determinados elementos, e que levara alguns associados daquela colectividade a voltar novamente ao seio da agremiação.

Nós fomos um dêles. Fartos de questiúnculas estéreis, ansiávamos por novos tempos mais propícios às realizações que muitos havíamos sonhado. E tratámos de apaziguar os ânimos exaltados. Era preciso que se abandonassem idéias de predomínio, visto que a Doutrina impunha imperiosos deveres aos seus adeptos.

A Direcção do Centro demonstrou à Federação o seu desejo de colaborar com ela, estreitando laços que deviam unir-nos; e no dia 10 de Novembro último seguiu a carta, ao abrigo dos Estatutos, capeando os documentos exigidos para a federação do Centro.

Julgávamos que tal gesto devia encher de contentamento a Federação. Mas os dias passavam... Uma semana... e outra... e outra... Silêncio tumular!...

¿Afinal, queriam ou não queriam a reconciliação?...

Um sócio do Centro avista-se com o 1.º secretário da Federação. Indagou do que havia. A resposta foi prometedora. Tudo se tinha aplanado. A entrada do **Luz e Amor** era coisa assente, dentro duma semana, visto que algumas divergências e teimosias se haviam extinguido, como fumo ténue...

Tudo corria bem... ¡Desta vez é que se daria um grande passo no caminho da harmonia geral!...

Mas o tempo escoava-se e o silêncio mantinha-se. Alguma coisa de estranho e oculto germinava e avolumava na sombra.

Estávamos às portas da Assembléia Geral para efeito de eleição dos novos Corpos Gerentes. A questão apresentava-se melindrosíssima...

No caso do centro ser federado, podia êle exercer grande influência no desfêcho da eleição... E como não conheciam os nossos intuitos... o melhor seria dilatar a resolução do assunto... Sempre era tempo que se ganhava...

Eis, senão quando, recebemos a seguinte carta assinada pelo 1.º secretário da Federação, com data de 29 de Novembro, isto é, após 19 dias da recepção da nossa e 3 dias antes do acto eleitoral:

A Direcção da Federação Espírita Portuguesa, acusando a recepção da sua prezada carta de 10 do corrente, informa que,

Nº 1, Março 45

em sua sessão de hoje, deliberou submeter o assunto da federação dêsse centro à apreciação do Conselho Superior Deliberativo, com pedido de urgência.

A inverosimilhança aumentava. Se a Direcção tinha atribuïções taxativas no tocante à admissão dos centros, ¿para que entregou a questão ao Conselho Superior Deliberativo?

Estava bem de ver que a carta referida encobria pensamento maquiavélico.

Vejamos os Estatutos da Federação:

Art.º 12 — Quando a Direcção da Federação **não aprove** a federação do centro proponente, participará ao Conselho Superior Deliberativo os motivos em que baseia a sua rejeição, enviando-lhe todos os documentos e notas confidenciais, afim de o mesmo Conselho resolver em última instância.

Quere dizer: só quando a Direcção **rejeita** a federação dum Centro — como no caso presente — é que o assunto sobe ao Conselho Superior Deliberativo. Portanto, é bem de ver que se opôs à entrada do Centro Espiritualista Luz e Amor, já depois de lhe ter reconhecido a legalidade, dando-lhe o 1.º lugar no rateio do Legado de Firmino da Assunção Teixeira...

¡Há coisas tão espantosas, que parecem inverosímeis!...

E agora vamos ver a atitude daquela Direcção cessante, na Assembléia Geral de 7 de Fevereiro de 1945, para prestação de contas...

* * *

Como sócio da Federação — somos o n.º 35 — lá fomos assistir, embora não tivéssemos recebido o **Relatório da Direcção,** nem o convite que é de uso fazer, quando se não dispõe de órgão oficial de distribuïção gratuíta, pois nem todos compram o jornal onde se publica o anúncio da convocação da Assembléia. E enquanto aguardávamos a abertura da sessão, fomos lendo o **Relatório,** que logo de início afirma:

«Desde a data em que a Direcção entrou, efectivamente, no exercício das suas funções, ou seja em 31 de Dezembro de 1941, não mais deixou de trabalhar pelo desenvolvimento material e moral da Federação e pela expansão dos princípios espiritas.»

Registámos. Mais abaixo, na página 4, depararam-se-nos os seguintes parágrafos, a que se dava grande relêvo (o caso não era para menos):

«Os dois factos culminantes da nossa gerência consistiram na reconciliação da família espirita portuguesa e na resolução definitiva da questão relativa ao Legado do benemérito Firmino da Assunção Teixeira».

«Conforme resolução tomada na Assembléia Geral Extraordinária especialmente convocada para o efeito a requerimento dum grupo de sócios e que terminou os seus trabalhos em 13 de Maio de 1944, foram feitos convites, directos e pela imprensa, a todos os associados e organismos espiritas que, por qualquer motivo, se encontravam afastados do nosso convívio, para que regressasem à Casa-Mãe, conservando os seus antigos números de inscrição, como demonstração simbólica dum completo esquecimento de todos os factos que haviam provocado o seu afastamento».

E logo a memória nos trouxe à balha o caso do Luz e Amor. Ná... Aquilo não estava certo... Era poeira nos olhos do público, senão fôsse, antes, incrível desfaçatez.

¿Então aquêles homens realçavam tanto a idéia de conciliar e guerreavam um centro que promovia a união?

A inverosimilhança aumentava cada vez mais...

* * *

Abriram os trabalhos. O presidente da Direcção cessante leu o **Relatório** e nós fomos lendo também, para não perder o hábito, até que a página 9 nos surpreendeu com êste fêcho admirável, que até parece «chave de oiro» dum bom soneto em secção de charadas:

«Já no fim da nossa gerência, pediu a sua filiação na Federação o Centro Espiritualista Luz e Amor.

Embora os Estatutos não exijam o cumprimento dessa formalidade, a Direcção resolveu ouvir, sôbre o assunto, com pedido de urgência, o Conselho Superior Deliberativo.

«Como até ao fim do ano de 1944 a resposta daquêle Conselho não tivesse sido recebida, terá a nova Direcção de deliberar

sôbre o pedido, **cujo deferimento nos parece de conceder.»**

Em seguida à leitura feita, o presidente da Assembléia, Dr. Estevão da Silva, fêz-se substituir, afim de criticar o **Relatório.** E declarou peremptòriamente que, na parte relativa à federação do Centro Espiritualista Luz e Amor, e como presidente do Conselho Superior Deliberativo, fêz sentir àquela Direcção que não daria resposta alguma, em virtude do assunto ser das atribuïções dela e não do Conselho.

Com estas explicações, a Direcção cessante mais desarmada ficou ainda. A questão assumia aspectos inéditos, para não dizer caricatos. Já não se tratava duma Direcção, mas duma sombra, dum simulacro sem defesa possível. Estava provado que o Luz e Amor não fôra admitido na Federação, porque a Direcção não quis, porque a Direcção teve mêdo da sua presença. ¿Para que entoara, então, a lôa de que ficara contentíssima com o reïngrêsso dos centros na Federação?

E assim...

Não tivemos remédio senão pedir a palavra e solicitar ao sr. presidente da Assembléia Geral que fizesse uma pregunta àquela Direcção, afim de desfazer tremendas dúvidas que nos dominavam o espírito e a inteligência:

— Se a Direcção cessante afirma que o pedido era de conceder, ¿porque o rejeitou e foi pedir ao Conselho Superior Deliberativo um parecer que êste nada tinha que dar?...

Terrível silêncio pairou sôbre estas palavras. O presidente da Direcção ficou mudo e quedo, qual penedo. E, a muito custo, levantou-se o 1.º secretário, sr. Ventura Reimão, que se limitou a declarar que o **pedido não fôra rejeitado; que, por haver uma corrente contrária ao Centro, não quiseram assumir a responsabilidade da sua federação e enviaram o caso ao Conselho Superior Deliberativo... Mas não rejeitaram...**

Cada vez pior! Decididamente, a Direcção cessante continuava a ser coerente com os seus actos anteriores... Se achava que o pedido era de conceder, — como afirma no Relatório — ¿porque o não concedeu e aconselhou os sucessores a fazê-lo? ¿Porque incomodou um corpo gerente que só poderia entrar em acção, quando a Direcção rejeitasse?

E pela primeira vez um sócio da Federação defendeu na Assembléia Geral o Centro Espiritualista Luz e Amor, frente àquêles que tristemente o haviam guerreado, os quais não tiveram coragem de lhe responder, ao menos por coerência, já que não eram capazes dum acto de contrição!

Ali dissemos que o Centro era uma fôrça ordenada e disciplinada e que, ainda que êle funcionasse à margem da lei, nunca a Federação o devia denunciar às autoridades. Sempre era mais uma lâmpada que se acendia para espancar as trevas da ignorância. E acrescentámos:

— Não tenham receio dêle. O seu fim é trabalhar pela Causa, nobremente e lealmente. O seu desejo é colaborar com todos aquêles que empreendam obras dignas e elevadas. Se requereu a sua federação, era porque tencionava agir nêste sentido e não servir de trampolim a quem quer que fôsse.

E declarámos, alto e bom som, que não podíamos aprovar semelhante **Relatório.**

* * *

O que ali se diz em letra de fôrma não corresponde aos actos que a Direcção cessante tem praticado. Nem pacificou, porque a desconfiança alastra e os ânimos continuam excitados, nem cuidou da propaganda, pois a Federação continua sem órgão oficial, embora o **Relatório** registe um saldo de gerência de 26 mil escudos.

A propaganda, afinal, não passou de **boa intenção,** pois nem sequer se editou uma fôlha que estabelecesse ligação entre os associados, quanto mais de defesa e expansão dos princípios espiritas! ¡Bem pobre é o Centro E. Luz e Amor e oferece gratuitamente uma revista mensal a algumas centenas de sócios!

Para terminar, queremos aludir à questão do Legado de Firmino da Assunção Teixeira.

Diz o testador:

«Lego mais à Federação Espirita Portuguesa, em Lisboa, vinte por cento do remanescente da sua herança, à qual faz a incumbência de guardar essa importância com o fim exclusivo, para de futuro a Federação socorrer os centros espiritas legalmente constituídos em Portugal e Ilhas, dando sempre a preferência aos centros que mais trabalhem na propaganda espirita em Portugal.»

Estranhámos que, em vez do rendimento, tivessem distribuído parte do capital. É a primeira vez que vemos adoptar semelhante critério.

¿Onde param os juros do Legado que, desde 1932, está na posse da Federação? Se êste foi empregado no edifício da Rua da Palma, para amortizar dívidas então existentes, de duas, uma: ou era reconstituído (com capital e juros) e se dava cumprimento às disposições testamentárias, ou passava a integrar-se no prédio, com direito à parte das rendas que lhe competissem.

¿Como há de a Federação socorrer os centros **no futuro,** se começa a distribuir o capital **no presente,** sem falar, sequer, nos juros vencidos, que já devem atingir conta calada?

Gostávamos também que a tal Direcção cessante respondesse a estas ingénuas preguntas...

Lamentamos, igualmente, que a distribuïção do Legado em 1944 tivesse sido feita sem a presença de **delegados das partes interessadas.** ¿Então os centros legalmente constituídos apresentam documentação relativa a serviços de propaganda e devem estar sujeitos ao parecer duma Comissão Técnica, que pode muito bem ser obtusa, e dum Conselho Superior Deliberativo que pode muito bem sancionar possíveis ofensas ao direito?

Embora nos tivessem dado o que nos pertencia, não ignoramos as divergências havidas na Comissão Técnica e o desejo de alguém que pretendia relegar o Centro Espiritualista Luz e Amor para 3.º lugar, em benefício de agremiações, cujos serviços seriam louváveis, mas que estavam muito longe dos nossos. ¿E se aquela Comissão levasse por diante os desígnios dum dos seus membros e o Conselho S. Deliberativo os sancionasse? Como tudo fôra resolvido à porta fechada e dado o ambiente que na Federação existia contra nós, é bem de ver que ninguém nos valeria na referida conjuntura, o que decerto não sucederia, se lá tivéssemos um delegado.

Eis, em breves palavras, a posição do Centro Espiritualista Luz e Amor perante a Federação Espirita Portuguesa. Os leitores que avaliem e façam os comentários. Quanto a nós, quási nos limitámos a expor os factos.

E dizemos «em breves palavras», porque a «fazenda» dá pano para mangas, como se costuma acentuar em casos desta natureza.

MISTICISMO E FANATISMO

A humanidade sempre precisou duma doutrina consoladora para lhe aliviar as aflições espirituais. Mas, a despeito da criatura humana possuir uma vocação mística natural, verificando-se esta inclinação até nos materialistas, o que é verdade é que, ordinàriamente, é necessário que haja um motivo de ordem exterior, chamando a tenção do homem. O ateu, por exemplo, não crê,, mas rende-se à majestade dalguma coisa desconhecida, dalguma fôrça estranha, porque teme a morte, receia os perigos que rodeiam a existência. O céptico, na sua indiferença, desperta ante as dúvidas que lhe torturam o espírito, sempre que uma questão, um acontecimento imprevisto reclama soluções graves, acima da percepção humana.

Voluntàriamente, ou por fôrça das circunstâncias, tôda a criatura humana possui cepticismo natural inato, seja decorrente da fé num Ser Supremo, seja em conseqüência do temor do desconhecido. O crente tem fé. O descrente dúvida, mas a sua dúvida infunde-lhe receio latente, que se transforma em angústia. É, portanto, um sofredor, porque vive na incerteza esmagado pela idéia fixa dum Nada *que, paradoxalmente, é* Tudo, *porque constitui o maior desafio a si mesmo.*

Grande êrro das religiões é, porém exagerar o misticismo que já existe, naturalmente, no homem. Êsse misticismo, como se tem visto, cai sempre no fanatismo, deturpando a própria idéia de Deus.

O Espiritismo, conciliando a fé com a razão, prepara o homem para confiar em Deus. Baseando a sua moral, o seu aspecto religioso no Evangelho do Cristo, o Espiritismo é doutrina que se apoia na Ciência para estabelecer o equilíbrio de seus ensinos.

Pratiquemos, pois, o Espiritismo e evitemos o misticismo exagerado nas práticas espiritas, porque é como Religião consoladora, Religião que dá coragem ao espírito pela certeza da bondade, da omnisciência e da justiça de Deus, que o Espiritismo, espalhando-se por tôda a parte, enxugará as lágrimas da humanidade.

(*Da* Revista Espirita do Brasil)

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Predição realizada

O importante diário argentino *La Nación*, de 28 de Junho de 1944, publicou a seguinte notícia que, pela sua natureza, se enquadra bem na fenomenologia espirita:

«O capitão do vapor «Perez», de Barcelona, não acreditava no Espiritismo. Um dia, levaram a bordo o médium Júlio Soto e realizaram uma sessão. Apresentou-se o espírito de J. Martines Iglesias, cujo retrato físico é perfeitamente descrito pelo médium, a-pesar dêste não o ter conhecido, quer pessoalmente, quer de nome. O capitão pregunta a Iglesias:

« — Amigo, que queres tu?

« — Venho saüdar-te e preguntar-te quando pretendes sair para o mar.

« — Esta noite partiremos para Malta — disse o capitão.

« — ¿Tens a certeza de partir esta noite para Malta?

« — Claro. Todos os meus papéis estão em ordem. Saïremos, portanto, esta ncite.

« — Pois bem, desengana-te. Por agora, não irás a Malta. Mais ainda: não irás a parte alguma.

« — ¿Que acontecerá então, amigo Iglesias?

« — ¿Que acontecerá? Amanhã cêdo tomarás café em Barcelona com estes dois companheiros (o médium Júlio Soto e o seu pai, presente na sessão).

« — Isso não. Estaremos em viagem!

« — Não estarás no mar! Adeus!

«O capitão riu-se muito e à tarde levantou ferro. Já o navio tinha andado algumas milhas quando se deu uma avaria nas máquinas, que só podia ser reparada em terra. Regressaram ao pôrto. Na manhã seguinte, o capitão foi à cidade por ordem da Companhia e teve a idéia de entrar, primeiro, num «café», afim de se tranqüilizar.

«Grande foi o seu assombro, quando descobriu, no fundo da sala, a tomar café, o médium Soto e seu pai, que também ali haviam entrado *por acaso*. A predição de Iglesias realizara-se inteiramente.»

Quem tocou a campaínha?

Frank Speaight publicou no semanário *The Two Werlds*, de Manchester, um artigo muito curioso em que narra o caso duma enfermeira que tratou a irmã do articulista durante certa doença e cujo interêsse já espicaçou a curiosidade doutras publicações. Vamos transcrever o artigo, embora se trate de fenómeno semelhante ao que expusemos no último número, ao noticiar a desencarnação do Reverendo Charles **Tweedale.**

Eis o que disse a enfermeira:

Há cêrca de alguns anos, tratava eu duma senhora que se encontrava em estado melindrosíssimo e cujo marido estava de tal maneira apavorado, que até se recusava a entrar no compartimento de sua espôsa, embora esta lhe pedisse constantemente que a não abandonasse.

O pobre marido andava horrorizado. Convenci-o a entrar, mas poucos segundos se manteve junto do leito. Logo que a mulher abriu a bôca para articular uma palavra, êle gritou como qualquer animal cheio de terror:

— ¡Não o posso suportar! ¡Não o posso suportar!....

E largou a fugir, como doido.

A doente faleceu. Fiz o que me competia e desci para o andar de baixo. O marido tinha fugido de casa e eu fiquei só. Quando me dispunha a ler uma revista, ouço tocar a campaínha eléctrica. Não há dúvida de que me atemorizei um pouco, talvez por estar sòzinha, mas sempre me dispus a abrir a porta. A campaínha deixou de tocar e eu fechei a porta. Devia ter sido ilusão — pensei. Mas, apenas me sentei, a campaínha voltou a tocar. Cheguei à porta e... nada. A campaínha interrompera o toque. Fechei a porta. Mal me havia sentado, eis que o toque recomeça. Nesta altura tive mêdo. Fui à porta da rua e não vi ninguém. Dispunha-me a regressar ao sítio onde me sentara, quando a campaínha tocou novamente.

Dirigi-me à casa do vizinho. Contei-lhe tudo e êle veio comigo. Logo que fechou a porta da casa, soou a campaínha.

— Venha — disse êle. — Vejamos o número do quarto indicado no registador.

Fomos ver.

— Meu Deus! — exclamou o homem, assustado. — É o quarto da morta!

Pensei então que a enfêrma não falecera e que talvez estivesse a pedir socôrro. Apesar de enfermeira, confesso que me senti completamente amedrontada.

Dirigimo-nos ao andar de cima e entrámos no quarto. Tudo estava nos seus lugares. O silêncio era absoluto. Descobri o rosto da doente. Não havia dúvida. Estava morta e bem morta.

Abandonámos o aposento nas pontas dos pés e fomos para a sala, onde primeiro ouvi tocar.

Ainda não tínhamos fechado a porta, quando ouvimos outra vez a campainha.

— Isto é extraordinário! — bradou o vizinho — ¡Mas eu já acabo com isto!

Num instante chegou à cozinha, pegou num canivete e cortou os fios que ligavam a campainha à caixa registadora.

E voltámos à sala, com ares triunfantes, como quem diz: — Vamos ver agora!...

Mal a porta caíu no trinco, a campainha começa a tocar.

Corremos à caixa registadora. Lá estava o número do quarto da morta. ¡A campainha vibrou, apesar de termos cortado os fios!...

Fugimos dali, apavorados, e fomos para a casa do vizinho. Quando de lá saí, ainda o marido não tinha voltado.

¿Estaria o espírito da pobre mulher a insistir, no intuito de transmitir alguma coisa de importante ao marido aterrorizado?...

Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos

A *Revista Espirita do Brasil*, de Agôsto de 1944, referiu-se pormenorisadamente às primeiras provas parciais do ano lectivo realizadas na Faculdade Brasileira dos Estudos Psíquicos, há pouco fundada no Rio de Janeiro e à qual já tivemos ocasião de fazer referência. Vamos descrever, *data venia*, o relato em questão, para que os leitores avaliem os progressos que o Espiritismo Moderno está á fazer no Brasil, onde inteligências desempoeiradas se puseram espontaneamente ao serviço da nossa Causa, atraíndo muitos homens de bom senso e de boa vontade:

A Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos (F. B. E. P.), perfeitamente instalada no 6.º pavimento do edifício do I. A. P. M., na Avenida da Venezuela, Rio de Janeiro, realizou em Junho findo a primeira prova parcial das matérias leccionadas na primeira e segunda série. Estas provas escritas versaram sôbre as matérias do curso regular, que são na 1.ª série, «Espiritismo», «Lógica», «Metagnomonia» e «Oratória»; e na 2.ª série, «Espiritismo», «Sistemas Religiosos», Psicologia», «Cosmologia», «Astrologia» e «Oratória».

Os alunos apresentaram-se animados, tendo sido satisfatórios os resultados obtidos.

O professores organizaram os pontos a sortear pelos alunos. Alguns formularam certo número de questões já organizadas; outros dispuzeram a matéria dada por vários pontos, pelos quais as questões foram organizadas no momento. O professor da cadeira de Espiritismo (Coronel Delfino Nascimento) adoptou o primeiro tipo, organizando as seguintes questões:

Para a turma da 1.ª série

1) — ¿Quem criou o Universo? Onde? Quando? Como?

2 — Que é Universo? ¿Quais são os seus elementos gerais?

3) — ¿Que pensa relativamente a espaço, tempo, espírito e matéria?

4) — ¿Como compreende Jesus e Cristo? ¿Que é, em rigor, Cristandade?

5) — Que é ser cristão? ¿No fundo, o Cristianismo é religião? Porque?; ¿Sabe que aspectos se apresenta o Espiritismo, como ramo de conhecimento humano?

7) — ¿O Espiritismo pode ser estudado? ¿Convém que o seja isoladamente, sob qualquer dos seus aspectos?

8) — ¿Qual é a trindade «princípio» (origem) de tôdas as coisas?

9) — ¿Em que difere o corpo do homem de outro qualquer animal? ¿Qual a relação entre o corpo e o espírito?

10) — ¿Que diferença há entre Espiritismo e Espiritualismo? ¿Que doutrina se opõe a êste último?

11) — ¿Espiritismo e Espiritualismo são a mesma coisa? Porque?

12) — Pode dar uma definição de Deus? Se der, justifique-a; se não, onde a impossibilidade?

13) — ¿Concorda com o Deus da revelação messiânica? Porque?

14) — Quais as origens das provas da existência de Deus?

15) — ¿Como classificam Kant e os alemães as provas da existência de Deus? Explique sintèticamente uma delas.

16) — ¿Como classificam os pensadores franceses as provas da existência de Deus? Explique sintèticamente uma delas;

17) — ¿Como se agrupam na filosofia os atributos divinos? Explique sintèticamente um de cada agrupamento.

18) — ¿Quais os atributos metafísicos de Deus? Que é Cosmologia?

19) — Quais os atributos morais de Deus? Explique sintèticamente dois dêles.

20) — ¿Quais os atributos de Deus, segundo Kardec? Explique sintèticamente dois dêles.

21) — Explique sumàriamente as causas cosmológicas da existência de Deus. Que é ontologia?

22) — ¿Quais os princípios fundamentais do Espiritismo? ¿Alguns dêles caracterizam a doutrina? Porque?

23 — ¿A reencarnação é revelação da doutrina espirita? ¿O cristianismo puro é reencarnacionista?

24) — Que é teleologia? ¿Que argumentos ofe-rece para afirmar a existência de Deus?

25 — ¿Que distinção nota entre vida e existência? E entre individualidade e personalidade?

26) — ¿Que distinção nota entre alma e espírito? E entre espiritista e espirítico? (Face a uma justa terminologia espirita).

27) — ¿Que entende dos atributos divinos de «Unidade, Liberdade e Imutabilidade»?

28) — ¿Que entende dos atributos divinos de «Omnipresença» e «Omnipotência»?

29) — ¿Quais os três aspectos por que se apresenta o Espiritismo? ¿Há preponderância de alguns dêles?

30) — ¿Qual a constituïção do homem? Em síntese, ¿qual a acção de seus elementos componentes em relação uns aos outros?

Para a turma da 2.ª série:

1) — ¿Quais os princípios fundamentais do Espiritismo? Algum o caracteriza? Porque?

2) — ¿Quais as principais teorias contrárias à espirítica, quanto à realidade dos fenómenos?

3) — ¿Que argumentos oferece Kardec pró-comunicação dos espirítos?

4) — ¿Que são os espíritos e que é a alma humana?

5) — ¿Como se dividem, em geral, os fenómenos espiríticos? ¿O Espiritismo reconhece fenómenos de natureza espirítica não realizados por espíritos? Em caso afirmativo, como os denomina? A que os atribuir?

6) — ¿O Espiritismo reconhece carácter maravilhoso ao sobrenatural, nos fenómenos que estuda? Justifique sinteticamente a resposta.

7) — ¿Como podem os espíritos actuar sôbre a matéria, para produzir os fenómenos físicos? E os inteligentes?

8) — ¿É verdade ter a Metapsíquica aberto novos horisontes à Psicologia? Porquê? Quem fundou a Metapsíquica?

9) — ¿A Metapsíquica, nos seus primórdios, apresentou-se espiritualista? Que opôs ao Espiritismo?

10) — Os fenómenos ditos metapsíquicos vieram constituir «revelação» para o Espiritismo? Porquê?

11) — ¿Qual o principal elemento de acção do homem em sua «vida»? Justifique.

12) — ¿Qual a causa da incompreensão da psicologia oficial, em face de determinados fenómenos que o Espiritismo explica?

13) — ¿Como entende o Espiritismo a evolução do espírito e da matéria, do ponto de vista do transformismo?

14) — O Espiritismo admite o paralelismo psicofísico? Rigorosamente? Justifique.

15) — ¿Que caracteriza os fenómenos espiríticos inteligentes? Cite alguns.

16) — ¿Que caracteriza os fenómenos espiríticos físicos? Cite alguns.

17) — ¿O fenómeno das chamadas mesas girantes só é conhecido depois do advento do Espiritismo? ¿Conhece alguma grande personagem antiga que tenha aludido a êle? Quem? Aponte a origem.

18) — ¿Qual a chave de todos os fenómenos ou manifestações espiritas?

19) — De que necessita o espírito, para mover qualquer corpo inerte?

20) — ¿De que se serve o espírito, relativamente ao médium, nas manifestações inteligentes?

21) — ¿Quais os meios de comunicação dos espíritos, *quanto aos sentidos afectados?*

22) — ¿Como se distinguem as comunicações espiríticas, quanto à sua natureza e forma?

23) — ¿Que denominação se dá às manifestações por pancadas? E por sinais?

24) — ¿Como se apresentam as comunicações tiptológicas?

25) — ¿Como se apresentam as comunicações sematológicas?

26) — ¿Que é pneumatofonia? E pneumatografia? ¿De que modo se apresenta a primeira?

27) — Que é psicografia? Difere da pneumatografia? Justifique.

28) — ¿Como se divide a psicografia?

29) — Que é o médium? ¿Em rigor, pode dar-se esta denominação aos indivíduos que realizam fenómenos aparentemente espiríticos? Porque? Em caso negativo, ¿que denominação melhor se lhes ajustará?

30) — ¿O Espiritismo, embora tão velho como a humanidade, ressurgiu na actual fase do mundo pela prática ou pela teoria? ¿Que se deve buscar primeiramente? Esta ou aquela? Porque? Justifique.

A notícia termina informando que o ano lectivo começou em 23 de Março, mas que as aulas tiveram início em Abril. Para três meses de estudo, não foi pouca a matéria leccionada.

Realmente, o questionário que aí fica demonstra até onde chegaram os conhecimentos dos alunos na cadeira de «Espiritismo».

Mais uma vez felicitamos os confrades que meteram ombros a tão belo empreendimento.

Notas & Comentários

Concordância

É-nos muito grato verificar concordância de orientação entre *Estudos Psíquicos* e certos órgãos merecedores de respeito e acatamnto pela maneira criteriosa como expõem os assuntos. Está nêste caso o semanário *Mundo Espirita,* ao qual muitas vezes nos temos referido. Admiramos o seu elevado bom senso e sobretudo a singular independência de opinião que o torna verdadeiramente estimado em todo o Brasil.

Diz êle, em secção especial dedicada a comentar o que vai pelo mundo e sob o título de «Boa resposta...»:

«*Estudos Psíquicos,* importante revista portuguesa que sempre desfrutou entre nós do mais alto e mais justificado conceito, trouxe, em um dos seus últimos números, interessante artigo a-propósito de uma comunicação do Além. O facto resume-se no seguinte:tendo sido interpelado numa sessão, porque não dera explicação completa sôbre determinado problema, um espírito familiar respondeu que não lhe era possível, na situação em que se achava, alcançar o assunto em tôda a plenitude. Disse mais o espírito comunicante: os espíritos desencarnados, pelo facto de estarem fora da matéria, não adquirem todos os conhecimentos; vão compreendendo os assuntos gradativamente, de acôrdo com o seu adiantamento, no espaço. Não há aqui nenhuma novidade para os estudiosos da doutrina. Mas o que é verdade é que há quem pense que cada espírito desencarnado, sòmente porque está no espaço, é uma espécie de «sabe-tudo». Daí, muita gente querer que os espíritos respondam a tôdas as questões, falem sôbre todos os assuntos, conheçam tudo, afinal. Eis porque não é demais repetir que é necssário o estudo da doutrina, para evitar, nas sessões mediúnicas principalmente, a suposição de que os espíritos desencarnados devem saber tudo, devem responder a qualquer questão que se lhes apresente.»

A concordância, nêste caso, é prova de que estamos no bom caminho. Defender uma doutrina é apresentá-la pura, sem gangas inúteis que a abastardem, não deixando de cauterizar as pústulas, onde quer que elas apareçam. É para isso que desejamos ser independentes e sê-lo-emos, enquanto o público espirita nos distinguir, como tem feito até aqui.

Aclaração

O que noutro lugar escrevemos a respeito da Direcção cessante da Federação Espirita Portuguesa não deve ser tomado como ataque àquela agremiação, de que somos sócio há muitos anos e à qual nos prendem laços de grande saüdade. Os dirigentes podem estar em desacôrdo com os princípios fundamentais da colectividade, a qual nem por isso é responsável pela orientação daquêles.

A Federação tem sido, por vezes, mal conduzida, é certo, o que não impede que arripie caminho e siga novas sendas que lhe dêem jus à consideração e ao respeito de todos.

Quando o corpo está doente, o melhor é chamar o médico; e se for preciso cauterizar um ou outro membro, para que a saúde volte a equilibrar o organismo, não se deve hesitar. De contrário, pode surgir a gangrena e reduzir a pus o que deveria manter-se pleno de seiva.

Portanto, as nossas palavras não são de ataque, nem de obstrucionismo. Representam o sentir do associado que as circunstâncias colocaram à frente dum Centro espirita que deseja trabalhar em paz e que alguma coisa tem feito pela Doutrina.

As boas relações que mantemos com alguns dos seus antigos dirigentes não nos inibem de defender a nossa opinião, nem o Centro que dirigimos há perto de seis anos. Ocultar pensamentos e proceder sem lealdade é que seria condenável. Mas isso não está nos nossos desígnios. Felizmente, ninguém nos impede de falar. Temos uma tribuna, que construímos e prestigiámos, e diremos sempre o que sentirmos, sem tibiezas nem coacções, nunca deixando de observar a doutrina e de respeitar êste lugar que, sendo honroso, é, também, de grande responsabilidade.

Desejávamos sòmente frisar êste ponto, para evitar confusões ou mal-entendidos.

Enfim, não há ódio nas nossas palavras. Há, apenas, desejo de justiça. Quem nos ler, abandone idéias preconcebidas e siga o nosso raciocínio, exposto sem paixões, mas com firmeza de ânimo, própria dos que são escravos da verdade.

I. D. S.

Noticiário

«Amor à Verdade»

Recebemos o jornal *Amor à Verdade*, de Ribeirão Preto, Brasil, que, sob a direcção de Emiliano Cardoso de Morais, acaba de entrar no oitavo ano de propaganda espiritta.

Temo-lo recebido sempre com regularidade e apreciamos muito a sua correcção na forma de encarar as questões e o seu aprumo na defesa dos nossos postulados, nunca deixando de usar linguabem comedida, mesmo quando tenha de ser enérgico para com adversários violentos e desleais.

Harmonizando os actos com o título do jornal, os seus dirigentes muito têm feito pela doutrina. Que êles continuem a trilhar a mesma senda, de olhos postos no ideal, são os nossos desejos veementes.

Centro Espirita «Luz e Verdade»

A Direcção do Centro Espirita «Luz e Verdade», de Matozinhos, teve a gentileza de nos comunicar que, em Assembléia geral realizada naquela colectividade no dia 24 de Janeiro último, foram eleitos os corpos gerentes que lhe deverão reger os destinos, durante o ano de 1945, e que são:

ASSEMBLÉIA GERAL — Presidente — Melchior Silva; Secretário — João Gesta; Vogal — Alfredo Alves.

DIRECÇÃO — Presidente — António Maria Gonçalves; Secretário — António da Costa Lima Júnior; Tesoureiro — António Martins Nunes; Vogais — Sizenando da Fonseca e Francisco dos Santos.

Aos novos dirigentes apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de saúde e progresso espiritual.

Venda de Livros

A expansão do livro espirita é cada vez maior em tôda a parte. Em Portugal, verificamo-lo por experiência própria, o que nos levou a fazer uma grande encomenda que esperamos nos chegue brevemente às mãos. Consta de obras variadíssimas, algumas em 1.ª edição, que muito satisfarão os amantes da boa leitura. E logo que as condições se normalizem, procuraremos satisfazer também algumas livrarias que nos têm pedido livros para expor à venda.

Ramos Pereira

Recebemos há pouco notícias do nosso querido colaborador Álvaro Ramos Pereira, cuja «Filosofia Neo-espiritualista» estamos a publicar e tanto agrado tem causado nos leitores. Pois êste amigo informa-nos que vai regressar à Metrópole, possívelmente no mês de Março em curso e disposto a dar o seu auxílio ao Centro e à Revista.

Cá estamos para o receber prazenteiramente e dar-lhe o abraço amigo que êle merece.

Bibliografia

A falta de espaço continua a oprimir-nos, não nos permitindo alargar nas secções, nem mantê-las com absoluta regularidade. Desta forma, somos obrigados a relegar para outros números a secção de *Bibliografia*, na qual apreciaremos «O Caso Humberto de Campos no seu tríplice aspecto: Jurídico, Científico, Literário».

Uma carta curiosa

Recebemos a seguinte carta que, pelos termos em que está escrita, achamos digna de publicação. Ao nosso amável correspondente, agradecemos as referências que dedicou a esta revista.

Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1944.

Ex.ma Senhora:

Atenciosas saüdações.

Antes de tudo, quero enviar o meu fraterno voto espiritual.

Como é de costume, sempre que acabo de fazer alguma coisa, ler, escrever, etc., faço a minha observação. Quando chego a isto (perdõe-me a pretensão), é porque o caso merece realce.

Apesar de ser vulgar a minha cultura, não quero dizer que deixe de comentar. O que se fala ou o que se comenta refere-se à vossa preciosíssima revista.

O espírito, quando encontra campo para a seu poiso, age como a Natureza: faz o poiso e ninguém vê.

Quando a humanidade compreender que o progresso se exerce segundo as leis da Natureza, então o problema será outro.

Para que eu termine com esta minúscula essência espiritual, declaro:

— A vossa revista merece que se plante no campo eterno do espírito.

Atenciosamente me subscrevo

Valdomiro de Siqueira Siloás

Trabalhos do Centro no mês de Março de 1945

Dia 4 de Março, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 11 de Março, às 16 horas —, Sessão experimental.

Dia 18 de Março, às 16 horas — Conferência pela Senhora D. Lucinda Barata da Cruz, intitulada: «Valor e Significado da Amizade». A entrada é pública.

Dia 25 de Março, às 16 horas — Sessão experimental.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1945 — N.º 6

Isidoro Duarte Santos Proprietário	Maria Gonçalves Duarte Santos Directora e Editora	Redacção e Administração Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

SITUAÇÕES CLARAS

Quem tem responsabilidades doutrinárias é muitas vezes obrigado a assumir atitudes que se podem afigurar estranhas.

Em Espiritismo, por exemplo, nota-se a tendência quási geral para esquecer faltas e agravos, quando êsses agravos e faltas não nos atingem directamente. Lá porque a doutrina é de amor e perdão, vá de nivelar o bem e o mal, o justo e o injusto, julgando que se cumpre um grande mandamento.

Não há nada mais erróneo do que isso. A doutrina é boa, sem dúvida, concita à benevolência para com os fracos e humildes, na certeza de que se atende a essencial dever prescrito nas leis morais; mas a complacência não exclui a justiça, não exclui a sanção de qualquer deslealdade ou perfídia dolosamente consumadas. Aquêle que só atendesse o lado bom das coisas, cairia em círculo vicioso e não poderia manter-se em equilíbrio estável.

Sempre gostámos de situações claras. A nossa lealdade exige reciprocidade. Estamos prontos a esquecer, a dar sinceramente as mãos a quem demonstre desejos honestos de concórdia e contribua de alma ajoelhada para desfazer equívocos entre irmãos de crença. Com estes, até chegamos a abdicar de certos direitos naturais, tal é a vontade que nos impele de congraçar. Com os outros, porém, não nos é possível estabelecer harmonia durável, porque necessitam de ambiente adequado à sua idiossincrasia.

As leis de atracção e repulsão são claras a tal respeito. Os semelhantes atraem-se subordinados a influências misteriosas. É assim que se formam grupos morais e mentais de acção comum, que reflectem a soma das individualidades associadas.

Impedir êste fenómeno é caminhar de «motu próprio» para o fracasso e para a ruína. Os espíritas devem saber que assim é, de facto, e que tôdas as experiências feitas à margem dêstes princípios, não deram resultado prático. Mais ainda: alguns dissabores sofridos tiveram origem no desconhecimento destas verdades comezinhas.

Se reünissem os indivíduos, segundo as leis de atracção, isto é, se permitissem que os eleitos escolhessem pessoalmente os seus colaboradores, em vez de lhes atrelarem elementos híbridos, de efeito negativo e prejudiciais à colectividade, muitas mágoas se evitariam e não presenciaríamos factos de pasmosa incongruência, como temos presenceado muitas vezes.

O nosso feitio independente e talvez irrequieto não admite situações dúbias, em que os homens se movam como bonifrates, sujeitos a cordelinhos e a vontades que se exercem na sombra.

Nascemos para situações claras, para trabalhos à luz do sol. É por isso que a nossa obra, boa ou má, tem a marca de quem a realiza, coisa difícil de apagar, pela imponderabilidade de que se reveste.

O tempo não tem acção contra ela, porque nada se perde na vida moral. Muito menos a teriam homens preconcebidos que pretendessem formar um mundo a seu talante.

Os situações claras é que definem as almas sãs e distinguem os homens livres.

I. D. S.

Ciência Universal

por Haydi de Thebelen

V

CONTINUANDO a nossa análise sôbre as contradições teosóficas e os ataques ao Espiritismo, leïamos no *Boletim da Sociedade Teosófica de França,* de Dezembro de 1937:

«Pode dizer-se que a S. T. começou a existir quando H. P. Blawatsky, por «ordem» dos Mestres, regressou da Índia para o Ocidente, (1871) para formar uma organização que pudesse instruir o Ocidente, especialmente sôbre o que é o «verdadeiro ocultismo».

A expressão empregada nesse tempo era: — o *verdadeiro espiritualismo.*

Nenhuma explicação racional ainda tinha sido dada dêstes fenómenos: os profundos problemas referentes à vida humana não eram compreendidos devidamente, e o materialismo científico ameaça destruir a fé nas realidades espirituais, e a busca dessas realidades. Mas continuemos a ler o *Boletim:*

«O primeiro esfôrço de M.me Blawatsky para formar um organismo, foi no Cairo, mas não o conseguiu. Foi-lhe então ordenado (1) que se dirigisse para os Estados Unidos da América, a Chittenden, em Vermont, onde o coronel Olcott estudava os fenómenos mediúnicos, na granja dos Eddy, e publicava nos jornais o resultado das suas observações:

«M.me Blawatsky demonstrou que podia produzir êsses fenómenos e sugeriu a sua verdadeira explicação. Enviou vigorosos e brilhantes artigos para os jornais e revistas que defendiam o Espiritismo, desmascarando os falsos médiuns.

.....

«Esta polémica concorreu largamente para tornar conhecida M.me Blawatsky e as suas idéias sôbre o ocultismo, têrmo que ela tornou familiar e que excitou o interêsse geral.»

Helena Baswatsky trouxe do oriente para o ocidente as ciências ocultas em 1871, ao passo que Allan Kardec já as tinha revelado em 1857. Lógico seria que os ocultistas blavatskianos e kardecistas concordassem nos mesmos princípios, filhos da mesma Sabedoria Antiga. Divergindo os nossos irmãos teósofos, enveredaram pelo caminho da oposição ao Espiritismo. Para terminar, vejamos as conclusões sôbre o nosso sublime Ideal, expressas nas melhores obras teosóficas, como «L'Evoluisme» pág. 116, edição de 1914, do Dr. Auvard e Doutora M. Schultz:

«Quanto ao Espiritismo, que sob o nome de Neo-espiritualismo tomou nalgumas regiões uma grande extensão, nós o consideramos como uma via cheia de escolhos, de perigos e de êrros.

«A formação de médiuns, sem os quais as sessões espiritas não se poderiam realizar, é uma acção anti-evoluista grave, porque desorganiza a unidade psíquica do sêr que a isso se presta, causando um grande atraso à sua evolução. Podem mesmo resultar as piôres conseqüências kármicas para aquêles que dirigem essas sessões.

«A fôrça vital dos assistentes é mais ou menos canalizada por seres pouco recomendáveis do plano astral, que procuram materializar-se.Daqui resultam graves conseqüências para a saúde e o equilíbrio do sistema nervoso.

«Desta maneira, o desarranjo é freqüente nos espiritas; as estatísticas mostram que nisso está a causa freqüente de alienação, que, se continuar a progredir, em breve chegará a rivalizar com o alcolismo».

E o bispo Leadbeater, no seu já citado «Budismo Esotérico», edição de 1922, pág. 162, diz: «A ciência do Espiritismo tem-nos fornecido a êste respeito grande abundância de factos, teorias e inferências que parecem atingir os últimos limites das hipóteses e *não há nada senão a sã doutrina mental dos estudos esotéricos* nos seus aspectos mais liberais, que possa proteger as considerações

(1) Por quem? Pelos Mestres? Eram visiveis?

dêstes factos contra conclusões que êsses estudos mostram ser necessàriamente erróneas.»

Assim com duas penadas são deitados por terra como inúteis e inadmissíveis os trabalhos de sábios como Allan Kardec, A. Russel Wallace, um dos primeiros a estudar os fenómenos mediúnicos, que defendeu brilhantemente; de William Croockes, que demonstrou a realidade dêsses fenómenos; de Lombroso, Branly, d'Arsonval, Curie, Bergson, de Paul Gibier, Gabriel Delanne, Charles Richet e tantos outros, cujos nomes formariam uma longa lista, nomes gloriosos que se impuseram e são conhecidos em todo o mundo científico.

* * *

Recordemos a definição que o Mestre Allan Kardec deu à sua doutrina:

«O Espiritismo não coloca como princípio absoluto senão o que é demonstrado pela evidência, ou o que se destaca da observação lógica.

«Relacionando-se com todos os ramos da economia social, aos quais êle dá o apôio das suas próprias descobertas, êle assimilará tôdas as doutrinas progressivas, de qualquer espécie que elas sejam, desde que tenham chegado ao estado de verdades práticas; e deixando de ser o que é, êle mentiria à sua origem e ao seu fim principal.

«O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será nunca ultrapassado, porque se novas descobertas demonstrarem que êle está em êrro num ponto, imediatamente modificará êsse ponto; se uma nova descoberta se revelar, êle imediatamente a aceita.»

Dentro dêstes princípios, faço minhas também as palavras que o Dr. Charles Richet, professor universalmente conhecido pelos seus trabalhos científicos, escreveu nêste relatório que transcrevo:

«...Quando *a priori* atacam o Espiritismo, não é, no fundo, por outra razão senão pela *sua novidade;* porque nada se pode encontrar nos factos do Espiritismo que esteja em contradição formal com os dados estabelecidos pela ciência.

«Escolhamos, entre os inúmeros factos alegados pelos espiritas, o mais extraordinário: por exemplo, uma aparição, uma materialização de entidade. O exemplo clássico será o de Katie King, observado por *sir* William Crookes.

«Na verdade, há aí um fenómeno estranho, prodigioso, inverosímil. Inútil será encontrar os epítetos; não encontraremos as imagens suficientes para qualificar êsse fenómeno que consiste na aparição dum fantasma, entidade que tem um pêso, circulação, inteligência, vontade, ao mesmo tempo que o *médium* lá se encontra ao lado dêsse novo sêr e que conserva também o seu pêso, sua circulação, sua inteligência e sua vontade.

«Porém, por mais surpreendente que seja a existência dum fantasma, ela não é absurda; ela não é contraditória com a ciência estabelecida. ¿Onde encontraremos uma experiência que prove que uma forma humana não possa aparecer?

«Da mesma maneira que os *raps* ou golpes vibrados, inteligentes, nos objectos inertes.. Da mesma maneira para a transmissão do pensamento. Do mesmo modo para o movimento de objectos a distância. A negação dêstes factos não foi dada pela ciência, e realmente ela não pode ser dada.

«Eu recuso-me a admitir êste argumento simples: «é impossível, por que o bom senso me diz que é impossível». Porquê impossível? ¿Quem, pois, traçou o limite do que é possível ou não? Que se reflicta bem sôbre isto: tôdas as conquistas da ciência e da indústria foram, outrora, consideradas como impossíveis.

«Assim, nenhuma contradição existe entre a ciência clássica e os fenómenos mais extraordinários do Espiritismo.

«Tão inatacável é a ciência quando ela estabelece factos, quanto miseràvelmente sujeita a erros quando ela pretende estabelecer negações...

«Querer aqui empreender uma bibliografia mesmo abreviada, de tudo quanto foi escrito sôbre os fenómenos espiritas, seria um labor considerável. Anualmente se publicam, mais ou menos, cem a duzentos volumes sérios sôbre êsses fenómenos; tanto em França como na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha, e na Itália, obras que não temos o direito de tratar pelo desprêzo ou pelo silêncio, sob pena de revoltante injustiça. Há tantos escritores que, após terem experimentado, reflectido, estudado, acharam de seu dever confiar ao público o resultado de sua reflexão e dos seus estudos. ¿Teriam homens como Crookes, R. Wallace, Zöllner, Lombroso, Stainton Moses, Aksakof, O. Lodge, De Rochas, Gibier, empregado seu labor fecundo em irrealidades absurdas? ¿Sábios de todos os países ter-se-iam perdido nas afirmações

de factos erróneos, deixando-se ludibriar e embair por alguns impostores?!...

«Pretextar que êsses homens experimentaram mal e que não eram sábios, não se dar ao trabalho de inquirir de seus métodos e de seus resultados, é, a meu ver, uma insigne inépcia.

«É uma inépcia; mas também é uma injustiça. Porque muitos dêsses homens são pessoas honradas e de talento, que não merecem tais desdéns... e injustificável é o silêncio no qual os físicos, os fisiologistas e os filósofos procuram sufocar os factos e teorias do Espiritismo.

«Não se trata, quando falo de estudar o Espiritismo, de *ler por alto uma ou duas obras apanhadas ao acaso, com a intenção de nelas descobrir passagens ridículas;* não se trata ainda de *assistir durante vinte minutos,* ver mesmo durante duas horas, *ao que se chama uma sessão.*

«O estudo leal merece mais do que esta carreira apressada e esta iniciação passageira.

«Sem dúvida, pode-se admitir que julgar rectamente o Espiritismo é coisa mais difícil do que aprender a língua árabe. Pois bem, ¿é crível que se possa aprender a língua árabe numa lição? ¿Porque, então, querer julgar factos numa sessão que se apoia sôbre cem mil sessões?

«Nossos maiores não eram mais todos do que nós, e todavia quantas coisas lhe escaparam! ¡Quantos factos evidentes, magníficos, foram desconhecidos!...

«¿Com que condescendência se deixaram êles conduzir por convicções que nos parecem ineptas e sem provas? Exige-se que sejamos menos cegos que êles. Mas realmente, não é isto uma prevenção infantil, e crê-se poder dizer; — «Nossos pais, nossos avós, nossos bisavós deconheceram a verdade, defenderam teorias falsas, mas nós, nós estamos ao abrigo de semelhantes erros: o que dizemos é intangível. O que estabelecemos não será derrubado, e não se estabelecerão novas ciências.»

«Eu sei que nenhum sábio ousa emitir êste raciocínio sob esta firma ridícula, mas no fundo se raciocína dessa maneira quando se diz: «A teoria espirita é absurda. ¡Não é possível que os mortos voltem! Não podemos compreender fôrças inteligentes misturadas à nossa existência e às fôrças inertes que governam a matéria. Não é possível enxergar através do espaço... etc.»

«Por minha parte—sem pretender que essas coisas sejam verdadeiras ou falsas, o que necessitaria uma discussão que não convém aqui, eu somente digo que essas coisas são possíveis; e que elas não são muito mais estranhas do que seria para um contemporâneo de Voltaire, o seguinte facto muito vulgar, que tomo, quási ao acaso, por entre mil milagres contemporâneos; cem milhões de europeus lêem o discurso que o Presidente da República dos Estados Unidos pronunciou há uma hora...

«Portanto, visto que, a falar francamente, nós sempre *assistimos a fenómenos,* não devemos, em virtude de nossas teorias frágeis, designar limite à ciência. Os fenómenos mui estranhos, mui extraordinários, inverosímeis de hoje, tornar-se-ão factos científicos amanhã, e uma vez que êles forem constatados, disso não nos espantaremos mais do que nos espantamos daquilo que a ciência nos ensinou há um século para cá.

Eu não compreendo o estado de alma dum céptico que diria sòmente acreditar nos meteóritos quando, num dia determinado e à hora indicada, lhe fizessem cair um meteórito num lugar por êle prèviamente designado.

«Tão ridículo também seria o cepticismo daquêle que não acreditaria na existência dos fantasmas, pela simples razão de não lhe apresentarem um a seu pedido...

«Não acusemos pois os espiritas de má fé, pelo facto de êles não poderem dar, quando o exigimos, uma demonstração experimental rigorosa.

«Em lugar de querer ignorar o Espiritismo, os sábios devem estudá-lo.

«Físicos, químicos, fisiologistas, filósofos, é necessário que todos se ponham ao corrente dos factos afirmados pelos espíritos. É necessário um longo e laborioso estudo, que certamente será fecundo.

«Se existem muitos êrros e ilusões nas afirmações dos espíritos, há provàvelmente, mesmo certamente, muitas verdades, que ainda nos são bem misteriosas.

«Essas verdades, quando forem bem conhecidas, *modificarão profundamente as mesquinhas noções que hoje possuimos sôbre o homem e sôbre o universo.*

Finalmente o Rev. Dr. George M. Searbe, reitor da Igreja Católica de S. Paulo, o Apóstolo da cidade de Nova York, disse:

«A realidade da existência de espíritos no moderno Espiritismo não é uma questão aberta, até mesmo entre os cientistas que exa-

¿A Guerra será mal necessário? O Congresso será a Paz?

por F. Noronha

«Gloria in excelsis Deo et in terra paz hominibus bonae voluntatis.»
«Pax Domini sit semper vobiscum.»

ESTÃO, a primeira destas frases na tradição oral dos povos ao longo dos séculos e a segunda na bôca do levita, nos altares do Nazareno.

São elas a expressão máxima da luminosidade psíquica inextinguível, e seriam a letra diamantina do código fundamental da consciência humana, se associadas praticamente no meio social a esta outra, de sublime eloqüência:

«Mandatum novum dó vobis: ut diligatis invicem sicur dilexi vos».

«Amai-vos uns aos outros» — e era tal a palavra, a fala predilecta, que restava ao famoso doutor do *Apocalipse* e do mais pormenorizado dos Evangelhos em seus derradeiros dias de existência; mas os vinte séculos em curso, após outiva dêsse novo mandamento, pronunciado pelo verbo de Jesus, nascido sob o império de Augusto, encontrou impedernimento anulativo, que faz de actualidade o «ôlho por ôlho e dente por dente», precedendo a era do grande iniciado palestino e perdura, de vigência, o «quem com ferro mata, com ferro morre».

Há lemas felizes em nossas sociedades constituídas, aliás conteúdo restrito daquêle célebre *mandatum*, que estão longe da possibilidade sequer de insuflar na *psique* do ser livre o ânimo redentista de amor.

«A ninguém leses» *(Noeminem laede)*.

«Mutua serviços». «O Direito é a vida.»

¿E o que se vê, todavia?

O mesmíssimo espectáculo a que assistimos, pela pena de Louis Veuillot (*La Guerre et L'Homme de Guerre* — Paris, 1855) nas trinta e sete páginas do seu primeiro capítulo, que abre com esta forma sintética:

«*Mors, sanguis, contentio et rhomphœa, opressiones, fames et contritio;* la mort, le sang, les querelles, l'épée, les oppressions, la famine, les ruines, c'est le tableau presque continuel de l'histoire. «On voit, dit Joseph de Maistre, la guerre sérvi sans interruption, comme une fièvre continue marquée par d'effroyables redoublements». Cela commence au berceau du genre humain. «Cain,....., fait voir du monde naissant la première action tragique». Ce spectacle ne cessera plus; les hommes répandront comme l'eau le sang des hommes: *Effuderunt sanguinem eorum tamquam aquam;* et toute la terre en sera arrosée: *Terra plena est judicio sanguinum.*»

¿Que crânio conteria o sentido dêste conceito do Eclesiastes: «Melhor é a sabedoria, do que as armas da gente de guerra:... (cap. IX, 18)?»

¡Porém, ouçamo-lo ainda: «Não há nada que seja novo debaixo do Sol, e ninguém pode dizer: Eis aqui está uma coisa nova: porque ela já a houve nos séculos que passaram antes de nós (cap. I, 10)».

¿Nestes precisos termos, ajusta-se-nos ou consente-se-nos o mínimo espanto perante a guerra em nossa idade?

O fenómeno, imparticipante de hibridez, não constitui ocorrência nova. Está à prova de extermínio, tanto quanto o estiveram fenómenos idênticos em tempos quási perdidos do arrebol do homem primitivo.

No entanto, agrava-o uma diferença,

---

minaram o assunto. Quem quere que considere as suas manifestações como simples patranhas, truques ou ilusão mostra não estar em dia com os seus conhecimentos.»

«Ninguém nega na actualidade a realidade das manifestações espiritas, excepto algumas poucas pessoas que vivem com os pés na terra e os miolos na lua.»

manchando de torpeza os vaidosos pergaminhos do que se diz alcandorado nos píncaros do Progresso e nos requintes da Civilização. Ela consiste no facto de valer-se e servir-se, na guerra, da Ciência, que vivifica e de que muito se ufana, convertendo-a em instrumento de razia sem elo de comparação naquêles regionais precintos remotos do Oriente que foram inundados de sangue em lutas permanentes e onde a famosa cidade de Palmira, erma e desmantelada, acordou em Volney (*Les Ruines ou Méditation sur les Révolutions des Empires* — Paris, 1793, pág. 2,*in fine* e 3) o fiel retrato descritivo: «encontrando-me perto de Palmira, no deserto, decidi conhecer por mim próprio os seus monumentos tão gabados; e, após três dias de caminhada em solidões áridas, havendo transposto um vale povoado de grutas e de *sepulcros*, de súbito, quando saía do mesmo vale, avistei na planície o cenário mais assombroso de ruínas: uma aglomeração enorme de soberbas colunas levantadas, que, à maneira das avenidas de nossas coitadas, eram dispostas, a perder de vista, em filas simétricas. Por entre estas colunas havia amplos edifícios, uns intactos, outros semi-abatidos. Por todos os lados a terra se achava pejada com destroços similares, cornijas, capítulo de mármore branco e de lavor delicado. Decorridos três quartos de hora de percurso ao longo destas ruinas, penetrei no recinto dum vasto edifício, outrora templo consagrado ao Sol e alojei-me na moradia de humildes campónios árabes, que ergueram as suas cabanas no pavimento dêsse templo, permanecendo lá durante alguns dias para contemplar miüdamente o belo de tantas obras».

A guerra eliminara tôdas as pompas da afamada Palmira, cuja histórica soberana, Zenobia, vencida e prisioneira de Aureliano e do seu exército, figurou em Roma, como tal, no triunfo em honra do notável imperador.

¡O destino, a que Volney via reduzida semelhante cidade asiática, não divergia, por motivos e razões de identidade, da sorte de Babilónia e de outras tantas babilónias curvando a cerviz ante a espada flamejante de conquistadores, os quais, não obstante, se, um dia, cingidos de glória no apogeu de vitórias e de sumptuosidades, no outro, nem já conhecida de simples memória a jazida dos seus corpos trucidados e desfeitos!

Creso, o altivo rei da Lídia, de forte poder e de largos sonhos de avassalamento, desce, em Timbreia (Frigia), do pó de tôdas as grandezas e opulências, esmagado inteiramente na peleja de 600:000 homens, ali travada com Ciro, fundador do antigo império Persa, peleja a que o sábio erudito Fréret (*Oeuvres Completes*, tomo 4.º, pág. 142 — Paris, 1796) chama «un des plus considérables événements de l'antiquité», acrescentando logo: «Elle decida de l'Empire de l'Asie entre les Assyriens de Babylone et les Perses;...».

¡Lagos de sangue, passados ao fio de espada não só os aprisionados lutadores, mas os velhos inermes, as mulheres e as crianças, abatidos os gados, talado o solo, incendiadas as povoações, lançado fôgo às florestas, e até as cearas não escapavam à raivosa febre arrazadora!

«Os povos da antiguidade, diz o egrégio professor universitário alemão Bluntschli (*Le Droit International*, vertido do original pelo dr. Lardy, 3.ª ed., pág. 34 — Paris, 1881) tinham aquêles com que se encontravam em guerra na conta de sêres destituídos de direitos, acreditando que tudo lhes era consentido a seu respeito». A pág. 56, livro 1.º da sua citada obra, sob a rubrica de *Princípios Fundamentais, Natureza e Limites do Direito Internacional*, declara: «A natureza humana é o laço natural entre os povos; é sôbre ela que assenta a unidade da humanidade. — Como conseqüência, cada povo tem o direito de exigir que os outros acatem nêle a natureza humana, e assiste-lhe o dever de reciprocidade. Nisto reside a igualdade entre povos.»

¡Infelizmente, quão distantes vamos dêstes conceitos verdadeiros!...

Há muito dissera Pufendorfio (n. em 1632 e f. em 1694), que regeu cadeira de direito natural na Universidade de Heidelbergue, onde também o aludido Bluntschli exerceu o magistério superior: «Rien n'est plus conforme à la loi naturelle, que de vivre ensemble paisiblement, et de se rendre de bonne grâce ce que l'on se doit les uns aux autres. On peut dire même que la paix est l'état propre de l'homme, et celui qui le distingue des bêtes.» (*in* «Les Devoirs de L'Homme et du Citoyen, tels qu'ils lui sont prescrits par la Loi Naturelle» — Traduite du latin par J. Barbeirac. — Paris, 1822, t. 2.º, pág. 159).

Diz Molinari (*L'Évolution Politique et*

La Révolution, pág. 140 — Paris, 1884): «Se, por um lado, as espécies animais que precederam ou acompanharam a aparição do homem fôssem inofensivas, se não existissem espécies carnívoras, concorrentes do homem, disputando-lhe o cibo e tornando-o sua prêsa; se, por outro lado, o homem fôsse um simples herbívoro e surgisse no mundo com a noção inata do respeito da vida e propriedade alheias, o fenómeno da guerra, segundo tôdas as aparências, nunca se produziria, e o nosso globo seria, de origem, um vasto paraíso terrestre ou uma Arcádia».

Não, o estrondo da guerra tem ecoado incessantemente; regista voz na mitologia com deuses de largo culto, — Marte, Belona, Jano, Odin, etc.; é matéria de poemas, quais os de literatura sânscrita da índia sonhadora, os da Grécia homérica, a *Eneida* do romano Vergílio, a *Jerusalem Libertada*, do Tasso, etc. e até talvez inspirasse a Milton, genial filho de Albion, o imorredoiro *Paraíso Perdido*, luta luciferina contra o Omnipotente, no canto 4.º do qual põe, na bôca de Satã, estes versos sibilantes:

«Foi-se a esperança... e não regressa nunca!...
«Co'ela o medo se foi, foi-se o remorso!
«Para mim não há bem que já exista!
«Serás meu bem, ó mal! por ti ao menos
«O império universal com Deus divido,
«E na porção maior talvez eu reine:
«O homem e o Mundo o saberão em breve.»

(Tradução do dr. António José de Lima Leitão e revisão de Xavier da Cunha — Lisboa — David Corazzi — Editor, 1884); é realidade no interior de nossos arcaboiços, exclusivamente credores do equilíbrio vital activo ao triunfo autêntico de micróbios que lhe são favoráveis sôbre outros, intoxicantes e mortíferos; é... ¿para que repetir argumentos conhecidos de sobra?!

O templo de Jano, deus principal da grei sabina, que Roma edificou dentro de seus muros, tinha as portas abertas durante a guerra, e quando as fechavam, sinal era de paz; «en temps de paix, on fermait les portes, de son temple, nommées aussi portes de la guerre, como diz Ampère (*Histoire Romaine à Rome*, t. 1.º, pág. 242, *in fine* e 243 — Paris, 1862), parce que son culte devenait inutile, et pour empêcher la guerre de sortir».

E, coïncidência típica, a romana cidade tiberina, o humílimo local «entre o mar Tirreno e a cumiada dos Apeninos» em que, na frase de Lacordaire, alguns bandidos construiram um dia os seus tugúrios», cerrara essas portas, assim denunciadoras de paz, governando Augusto, em horas do nascimento de Jesus, filho de Maria, mulher hebreia, em povoação da ambicionada terra para onde Moisés conduzira o povo de Israel, desde as margens do Nilo, no Egipto faraónico!

Dêsse mero lugarejo ou aldeia de cabanas proviera-lhe o acréscimo e importância assumidos no momento, então de actualidade, não de chofre mas com lentidões mais ou menos prolongadas.

Em suma, como diz um escritor nosso, apóstolo da instrução, ainda lembrado e saüdoso, D. António da Costa (*Três Mundos, parte* 1.ª, cap. 1.º, pág. 1 — Lisboa, 1877): «Quinhentos anos levara Roma desde a sua fundação até à conquista da Itália, e sôbre êles mais século e meio para subjugar a Macedónia, a Grécia, a África, a Espanha, o sul das Gálias, a Ilíria, o Epiro, a Ásia Menor, o Egito e a Síria. Transformando os impérios em províncias da república, tornava-se em capital do mundo».

¿E como executara a transformação, como se convertera em cabeça dirigente do orbe conhecido, a séde política para que tôdas as gentes apelavam e de que dependiam inequívocamente, na data pretérita de um século de esplendor, denominado de Augusto, presente de memória em nossos dias, na designação de um dos meses anuais do calendário que nos regula?

¿À custa de que alcançou tão elevada jerarquia absorvente, tal grau de poderio e extensa dominação?

Precipuamente, batalhando e vencendo, com as garras da fôrça disciplinada e a energia máscula que a vitória acende ou atiça.

O mesmíssimo Augusto só logrou a cúspide preponderante, firmado no desfêcho para êle triunfal das decisivas batalhas de Filipes e de Ácio.

O Nascituro da Judeia, autor da herança legada aos homens no indelével *Mandatum Novum*, entregue à cruz pelo delegado representante de Tibério, não sustou ou influíu de qualquer maneira sustativa, arredando ou atenuando a sanha sanguinosa de combates e de estratégia militar, de que

foi cenário e teatro o colosso ocidental, abalado e abatido por fim, no ano 476 de nossa era, pelos hérulos de Odoacro, que depõe o último imperador, precedendo-o, em 410, Alarico e os visigodos, em 453, Genserico e os vândalos, seguindo-se-lhes o raio das devastações simbolizado nos hunos comandados por Átila, figura singular de guerreiro, destroçado completamente, em 451, na pugna sanguinolenta de Châlons!

Derrubado o colosso, conseguido pela guerra, continua esta de igual modo em ordem do dia da Idade Média (dez séculos rematados em 1453 pela cavalgada dos otomanos assenhoreando-se de Constantinopla); da História Moderna, em que se comportam os descobrimentos imarcessíveis do Novo Mundo e do caminho marítimo para a Índia bem como o renascer das letras, artes e ciências e, simultaneamente, cabem guerras terríveis, religiosas e não religiosas, que fazem correr sangue às ondas, exalando o último suspiro com os toques de clarim de 1789, Revolução francesa, não embaraçadora do prosseguimento da mesma ordem do dia, no Período Contemporâneo, que a vê empalmada por um côrso de audácia, traduzindo-lhe a letra textual do código dos Direitos do Homem numa tela de batalhas, de invasões, de violências, até esbarrar aos 18 de Junho de 1815, no obstáculo intorneável de Waterloo, ante-câmara do seu passamento em Santa Helena, chegando ao hoje, gotejante e desmantelado, mundo além, carregada com o pesadíssimo fardo dos anos de 1914-1918, brasido ciclópico, e do Tratado da Paz, estéril parto de um Congresso de risonha esperança e de ilusório enlêvo!

¡Paz de Versalhes, paz *octaviana,* paz de que padece a geração que nos conta, abrangendo todos os povos e nações e de que haverá de padecer, num amanhã demorado, aquela ou aquelas de sucessão imediata!

Apesar de tudo, concluo, convencido: o sentimento, a pedagogia do espírito, a luz da razão e a lógica do entendimento hão de predominar sôbre a matéria, calando egoísmos, eliminando ambições insaciáveis e inconfessáveis, amaciando arestas e propelindo vontades e desejos para uniões perduráveis, cimentando-as a pureza de nivelamentos sociais, tendo por expoente o Direito e a Justiça.

A Nova Lei

Estas luminosas palavras foram respigadas duma obra a que poderemos chamar monumental e que foi dada à estampa numa hora de dúvidas e temores.

O Amor, que só existe no mundo em oásis fechados isolados no deserto do egoísmo, tem que sair do âmbito limitado dêsses círculos e invadir tôdas as formas de manifestação humana. Onde o homem trabalha, muito a-miúde falta aquêle cimento que liga esta fôrça de coesão que amortece os choques e vitaliza os esforços, impedindo que tanto labor se desperdice em agressões demolidoras. Num homem de consciência superior, os fins da selecção podem ser melhor atingidos pelas vias de compreensão, do que pelas da luta. Para o homem, há virilidade mais potente, que supera a debilidade da mentira, a malvadez do egoísmo, a baixeza da luta agressiva.

Completo é o embaraço das nossas actuais leis biológicas e sociais: a antítese é fundamental. O pressuposto da má fé e o sistema da desconfiança devastam presentemente a substância de todos os nossos actos. Êsse princípio desmoronou. O sistema das leis formais e exteriores já deu tudo o que tinha a dar. Necessário é passar ao sistema das leis substanciais interiores que não funcionam mediante coacção e repressão *a posteriori,* mas por meio de convencimento e prevenção; que actuam, não depois da acção, demasiado tarde no campo das conseqüências e dos factos, mas antecipadamente, na raíz da acção, no campo das causas e dos motivos. E as leis substanciais interiores inscrevem-se nos ânimos por meio da educação, que é o que faz o homem.

No nosso século, a luta, já não é de corpos, mas de nervos e de inteligência. Também a luta evolve, assumindo mais espiritualizada forma. Os tempos amadureceram para o desenvolvimento da ciência e da inteligência. Profetas e pensadores foram muitas vezes constrangidos a ocultar a verdade ou a vê-la para a turba, pronta sempre a tudo desvirtuar, para reduzir tudo aos termos da própria psicologia, impondo-a como norma colectiva. Hoje, todavia, o mundo, em sua racionalidade, a si mesmo impõe, como dever, aceitar o que se lhe demonstre, lógica e racionalmente. Colocou-se na posição de quem pode e deve compreender. Por outro lado, os meios ofensivos atingiram potencialidade desconhecida na história, impossível de se manejar com a psicologia feroz e pueril do passado. A humanidade não pode fugir: ou compreender ou exterminar-se.

(De «A Grande Síntese»)

Qb/45

AS EXPERIÊNCIAS DO CORONEL DE ROCHAS

pelo Coronel Faure da Rosa

I

O coronel Albert de Rochas fêz múltiplas experiências de regressão de memória que êle próprio narrou nos «Anais das Ciências Psíquicas», de Paris, primeiramente, e, depois, reüniu num volume com o título «Les Vies Successives».

As experiências de Albert de Rochas foram violentamente contestadas, sobretudo em França, porque — como de costume — «ninguém é profeta na sua terra».

Os médicos hipnotizadores franceses preguntavam-se que era que aquêle intruso vinha fazer no domínio experimental psíquico que êles, médicos, considravam propriedade sua. Rochas era soldado, não era médico. Então... ¿Porque metia êle a foice em seara alheia?... ¿Porque não se dedicava antes à balística e até à poliorcética, que é como quem diz, porque não se dedicava à arte de assaltar cidades e de as pôr a saque?...

«É um ingénuo, um néscio — diziam. — Os médicos com quem trabalhou troçavam-no sem que êle, sequer, desconfiasse. E isto — afirmavam — não impediu que tivesse comprometido gravemente a saúde dêsses médiuns que, depois, foram tratar-se à Salpêtrière».

Era dêste jaez a calúnia descabelada, sem refolhos, às escâncaras.

O coronel Albert de Rochas, ao tempo, administrava a Escola Politécnica de Paris, cargo que teve de deixar, ao que parece, cumpulsivamente. Pelo menos foi isto que afirmou num jornal da manhã um dêsses publicistas que sabem tudo sem nada terem aprendido a respeito do que falam e que resolvem todos os assuntos com aquela facilidade e certeza que só a ignorância atrevida se permite.

Tais publicistas são, em regra, jornalistas açodados que não dispõem duns escassos minutos para o estudo e a meditação. Não discutem idéias desde que, de qualquer forma, contrariem concepções estabelecidas. Negar é fácil; dispensa de reflectir. Raciocinar assusta-os. Julgam-se «ases» da crítica.

O coronel de Rochas foi reformado brutalmente, sem um aviso prévio, sem a menor consideração pelos seus serviços. Não só censuravam ao Administrador da Escola Politécnica a audácia dos seus estudos comprometedores para uma instituïção caduca como aquela, mas também temiam o espírito de justiça e de indépendência que Rochas empregava tanto no serviço público como nas suas investigações científicas. Nos últimos anos que exerceu o lugar de Administrador da Escola Politécnica, não o pouparam a vexames de tôda a espécie; por isso deixou o serviço activo sem saüdades.

Rochas era filósofo: êle bem sabia que todos os precursores antes dêle tiveram a mesma sorte ou ainda pior.

— Vamos! — dizia de Rochas em conversa. Como agora nos não queimam, já é alguma coisa!

Em tempos remotos, a Igreja quis o privilégio das comunicações ocultas e o exclusivo de as interpretar. Todos os seculares que mantivessem relações com os mortos eram perseguidos e queimados.

Mas êsse monopólio das relações com o mundo invisível nunca a Igreja o conseguiu, apesar dos seus julgamentos, das suas condenações, das execuções em massa.

Vidas sucessivas

Tanto a lei dos renascimentos como a da pluralidade dos mundos, estão indicadas no Evangelho.

Lê-se em S. João, cap. 14.º, vers. 2 e 3:

«Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fôra, eu vo-lo teria dito, pois vou a aparelhar-vos o lugar.

«E depois que eu fôr, e vos aparelhar o lugar, virei outra vez, e tomar-vos-ei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também».

O cintilante e satírico espírito de Voltaire pronuncia-se do seguinte modo àcêrca das vidas sucessivas:

«Desde que se começou a pensar que existe no homem um ser inteiramente distinto da máquina e que a inteligência subsiste depois da morte, deu-se a essa inteligência um corpo separado, subtil, aéreo, semelhante ao corpo em que esteve alojada. Se a alma de uma criatura humana não mantivesse uma forma semelhante àquelas que possuiu na vida terrestre, não seria possível distinguir, depois da morte, a alma de uma criatura da de uma outra.

«Esta alma, esta sombra que subsistia separada do seu corpo, podia muito bem mostrar-se, tornar a ver os lugares em que habitara, visitar os seus

parentes, os seus amigos, falar-lhes e instruí-los. Não havia em tudo isto a menor incompatibilidade...»

Tolstoi, romancista russo, moralista, sociólogo que teve a coragem de praticar a doutrina que prègava, escreve:

«Da mesma maneira que os sonhos da nossa vida terrestre constituem um estado durante o qual nós vivemos de impressões, de sentimentos, de pensamentos pertencentes à nossa vida anterior e fazemos provisão de fôrças para o despertar em dias futuros, assim a nossa vida actual constitui um estado durante o qual nós vivemos no meio do Karma da vida precedente e fazemos provisão de fôrças para uma nova vida.

«Da mesma maneira que vivemos entre milhares de sonhos durante a vida terrestre, assim esta vida terrestre é uma das milhares de vidas em que entramos depois de sairmos de uma outra, mais real, mais autêntica e à qual havemos de voltar após a nossa morte.

«A nossa vida terrestre é um dos sonhos duma outra vida mais real, e assim sucessivamente até ao infinito, até à última vida, que é a vida de Deus».

O historiador francês Henri Martin não desdenhava dos fenómenos supranormais. Dizia êle na sua *Histoire de France:* «Existe na humanidade uma ordem excepcional de factos morais e físicos que parecem derrogar as leis ordinárias da natureza: é o estado de êxtase e de sonambulismo, quer espontâneo, quer artificial, com todos os seus espantosos fenómenos de deslocamento dos sentidos: — a insensibilidade total ou parcial do corpo, a exaltação da alma, a percepção fora do normal».

Para o dr. Gustave Geley cada um dos nossos actos, dos nossos trabalhos, dos nossos esforços, das nossas penas, das nossas alegrias e sofrimentos, dos nosso erros e faltas, — tem repercussão fatal, produz reacções mentais em uma ou outra das nossas existências...»

Maurice Maeterlinck, apreciando a doutrina da pluralidade das vidas, escreve: «Jamais houve crença mais bela, mais justa, mais pura, mais moral, mais fecunda, mais consoladora, e, até certo ponto, mais verosímil do que a das vidas sucessivas.

«Basta a sua doutrina das expiações e das purificações sucessivas para explicar tôdas as desigualdades sociais, tôdas as injustiças abomináveis do destino».

As experiências

São numerosas, as experiências realizadas pelo coronel de Rochas com vários médius de ambos os sexos.

Na sessão de 1 de Abril de 1904, na Escola de Medicina de Grenoble, com a médium Eugénie, na presença do dr. Bordier, Rochas exteriorizou o corpo fluídico da médium. Quando o fantasma azul se formou, à sua esquerda, ela via-o, mas os assistentes não só o não viam, como também não sentiam a mínima sensação ao tocá-lo. Pelo contrário, Eugénie sentia os contactos, tanto na pele como no interior do seu corpo físico quando as mãos de Rochas ou de Bordier penetravam no seu corpo. O dr. Bordier pôs o dedo indicador em vários sítios do interior do duplo da médium e preguntou-lhe em que pontos se sentia tocada. Eugénie, de olhos fechados, designou exactamente e sem hesitação os órgãos que Bordier tinha intenção de tocar baseando-se nas respectivas posições.

O médium Laurent narra no seu *Diário:* «Fenómeno singular! Durante um segundo eu tive a consciência de que servia de médium a um magnetizador, de que eu era o que efectivamente sou (médium) e não um estudante da faculdade de letras, *e que era preciso, custasse o que custasse, que a experiência desse bom resultado*. Ignoro o que teria sido capaz de inventar se um brusco chamamento à ordem não me tivesse obrigado à sinceridade: «Não, não devo enganar», — dizia eu comigo. Na realidade esta frase acudiu-me ao espírito durante um relâmpago de consciência que me representou a meus olhos como um môço de 20 anos que se presta a experiências de hipnotismo para se instruir, com a preocupação de não errar e interessado em não enganar o experimentador que o mesmo seria que enganar-me a mim mesmo.»

A propósito, o dr. Paul Gibier faz a seguinte observação:

«Conheci um médium, môço muito honesto que não era médium profissional, com o qual obtive diversos fenómenos de levitação e de deslocamento de objectos inteiramente reais.

«Confessou-me êle que muitas vezes se sentia como que impelido a acrescentar qualquer coisa ao que produzia de facto: sentia o anseio violento de simular um fenómeno qualquer, quando, afinal, com as suas faculdades podia produzir melhor.

Analisando esta espécie de impulsão, o rapaz dizia-me que ela provinha por um lado do desejo de fazer pasmar os assistentes, por outro lado do desejo de enganar o seu semelhante, de lhe fazer uma *boa partida*. Em terceiro lugar, provinha do receio da fadiga, porque após as sessões em que se obtêm fenómenos intensos, os médiuns, às vezes, ficam extenuados. Explicava ainda que qualquer outra causa cuja origem desconhecia (que deveria ser de natureza impulsiva, diz Gibier), se juntava às outras causas enunciadas e tornava aquêle anseio mais premente. Entretanto, asseguarou-me que resistira sempre à tentação».

Esta propensão para enganar — comenta Gibier

— parece que é inerente aos sensitivos e aos médiuns. Devemos lembrar-nos desta circunstância na observação dos factos para não cometermos a leviandade de tudo atribuir à fraude quando um caso tenha sido bem observado.

Exteriorização da motricidade e da sensibilidade

A exteriorização da motricidade é mais rara que a da sensibilidade. Os *Anais das Ciências Psíquicas* contam que durante os últimos dias da vida do poeta Alfred de Musset, já muito abatido, não podia erguer-se da poltrona. Um dia, querendo chamar a governanta estendeu a mão para a campainha; como, porém, estivesse muito afastada não a alcançou. Todavia, a campainha ergueu-se e pôs-se a tocar com fôrça. Há aqui, evidentemente, a vontade do doente que exteriorizou o seu fluído e deve ter sido êste fluído o produtor do fenómeno.

Rochas encontrou uma doente na clínica do dr. Luys que sofria de anestesia completa na periferia do corpo: podiam cortar-lhe a carne que a pobre mulher não dava por isso. Mas se lhe aproximassem os dedos ou um instrumento qualquer a pouca distância da pele, soltava gritos de dor. Não podia suportar sôbre a pele senão vestidos de musselina extremamente fina. É êste um esplêndido caso de exteriorização da sensibilidade.

O pudor da mulher

Rochas quis saber desde que idade as criaturas do sexo feminino começavam a ter sensação de pudor.

Depois de adormecer a médium Eugénie, Rochas fêz o gesto de lhe levantar ligeiramente o vestido... Ela abaixou-o com vivacidade. Tinha, então, 17 anos. Fá-la regressar aos 14. De novo simula erguer-lhe a saia. A médium defende-se e aperta os joelhos. Pregunta-se-lhe o que receia; responde que sabe que não deve brincar dêsse modo com os rapazes. Regressa aos nove anos. Nova tentativa e exclama: «¡Garoto, atrevido! Acaba com isso!»

Aos 4 anos a médium deixa de reagir quando se lhe levanta o vestido. Naquela idade o pudor ainda não tinha despertado.

Como se opera a reencarnação

Algum tempo antes da sua última encarnação, — no Astral, portanto — Eugénie *sentiu* que era necessário renascer em determinada família: aproximou-se daquela que devia vir a ser sua mãe e que engravidara muito recentemente. Não penetrou no feto: andou em volta da mãe até ao momento da criança nascer. Então, entrou pouco a pouco no pequenino corpo, mas completamente só cêrca dos 7 anos de idade. Até êsse momento, viveu, em parte, fora do seu corpo carnal que via nos primeiros meses da sua vida como se estivesse colocada no exterior. Durante êsse tempo não distinguia bem os objectos materiais que a rodeavam, mas, em compensação, tinha a percepção nítida de ver espíritos em volta de si. Uns eram muito brilhantes, protegiam-na contra outros, sombrios e maléficos que procuravam influenciar o seu corpo fluídico, e, quando o conseguiam, causavam na criança êsses acessos de *raivinhas* a que as mães costumam chamar *caprichos*.

O dr. Maxwell, Agente do Ministério Público em Bordeus, ao tempo, comunicou ao coronel de Rochas que conhecia uma médium que cuidava duma criança que lhe fôra confiada logo a seguir ao nascimento. Esta médium, sobretudo às escuras, via ao lado da criança um vulto luminoso de feições mais formadas que as da criança e um pouco maior do que ela. Êste vulto, na ocasião do nascimento, estava mais afastado da criança do que naquela data. Parecia-lhe que êste corpo fluidico ia penetrando pouco a pouco no corpo da criança.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Temos recebido ultimamente algumas cartas amigas, com alvitres curiosos tendentes à expansão de «Estudos Psíquicos» e indicando novos assinantes, que vêm juntar-se aos que já temos, o maior número desde a primeira hora. A êsses amáveis correspondentes agradecemos as boas palavras que nos dirigem. Podem estar certos de que esta revista tudo fará para manter a publicação e só quando as dificuldades forem insuperáveis se renderá à evidência dos factos.

O que é preciso é interessar na sua leitura os familiares e os amigos, dar-lhe a maior expansão possível, torná-la conhecida em todos os sectores da vida social.

Para isso, contamos com a boa vontade de assinantes e leitores.

Hoje, acusamos a recepção do seguinte donativo, que muito agradecemos:

M. N. ..... 540$00

OBSERVANDO

por Bartolomeu Bana Martins

UMA noite, depois de regressar do cinema, a Deolinda acabara de se deitar e, de costas com as mãos debaixo da nuca, meditava enquanto o sono não vinha. Tinha já apagado a luz, mas os seus olhos conservavam-se abertos e estava bem acordada.

De súbito, a porta rangeu e a Deolinda, tendo olhado nessa direcção, viu-a abrir-se vagarosamente e por ela entrar um vulto que reconheceu ser seu pai, falecido havia alguns anos.

Sentou-se na cama disposta a chamar pela mãe ou pela irmã e a acender a luz, mas nem uma coisa nem outra foi capaz de fazer, pois se sentiu sem fôrças nenhumas e até impossibilitada de falar. O espírito materializado aproximou-se, dando a volta por um dos lados da cama.

A Deolinda conseguiu, por fim, pôr-se a rezar. Sem nada dizer, a inesperada aparição percorreu o mesmo caminho em sentido inverso. Um fio de luz, fino como uma linha, descia sôbre êle e o acompanhava em todo o seu percurso. Saíu pela porta, tornando-a a fechar com o mesmo cuidado com que a abrira.

Na manhã seguinte, mal se levantou, a Deolinda, ainda impressionada, contou o sucedido à tia Maria. Pouco depois, a Albertina, a irmã da Deolinda, que dormia noutro quarto, sem ainda nada saber, contou à tia Maria que, tendo-se levantado nessa mesma noite e olhando em direcção à janela aberta, viu dentro do seu quarto um homem que reconheceu ser seu falecido pai. Cheia de mêdo, virou-se para a parede e tapou a cara com as mãos.

A Deolinda, receando novas visitas do môrto, conseguiu que a criada passasse a ficar no seu quarto. Porém, um tempo depois, achando-se mais sossegada, voltou a dormir sòzinha. Novamente o pai lhe tornou a aparecer. Mandaram então rezar umas missas por alma do defunto que não tornou a dar sinal de si.

* *

O senhor Manuel sonhou que a sua filhinha de onze anos se encontrava dentro duma piscina muito grande e que a via nadando maravilhosamente, com grande actividade, mas por debaixo de água. A criança aproximava-se ràpidamente da parede da piscina, cuja presença parecia não notar.

O pai, aflito, receando que ela desse uma pancada com a cabeça, gritou-lhe, avisando-a do perigo. Mas ela, não dando mostras de o ouvir, continuou no mesmo ritmo; e chocando violentamente no muro, mergulhou imediatamente, morta, até ao fundo.

Quando acordou, o primeiro cuidado do senhor Manuel foi o de informar-se da saúde de sua filha. Ficou um tanto sobressaltado, quando ela lhe disse que se sentia ligeiramente adoentada. Chamaram o médico, mas, apesar de todos os cuidados, algumas semanas depois, a pequena falecia.

Enquanto durou a doença da criança, a mãe, cada vez que ia lavar a roupa para o tanque do quintal, tinha a estranha sensação de estar a ouvir uma música fúnebre. Logo que a pequena faleceu, deixou de ouvir êste triste aviso musical.

* * *

O senhor Silva fazia horas extraordinárias de serviço numa farmácia. Uma noite em que ficara de serviço nocturno, tendo já a porta fechada, depois da meia-noite, sentiu passos dentro de casa, passos fortes e cadenciados, como de alguém que passeava. Intrigado, percorreu a casa tôda mas não encontrou ninguém, tendo cessado o ruído dos passos. Porém, terminada a vistoria e preparando-se para se deitar, novamente os passos se fizeram ouvir com tôda a nitidez. Alarmado, saíu à rua e, dirigindo-se ao padeiro que se encontrava a trabalhar, contou-lhe o que lhe acabava de suceder. Embora dissessem que o espírito do antigo dono da farmácia lá costumava aparecer, o padeiro não acreditava e procurou tranqüilizar o senhor Silva, acompanhando-o para revistarem novamente a casa e ver se o ruído se repetia. Nada de anormal se passou em presença do padeiro, que se retirou, talvez, com vontade de rir.

O senhor Silva, envergonhado e quási convencido de que se iludira, preparou-se novamente para se deitar. Mas tal não lhe foi possível, porque os passos, agora ainda mais fortes, como que para não deixarem dúvidas, de novo se fizeram ouvir. O senhor Silva não quis saber de mais nada: fechou bem as portas, saltou por uma janela e foi dormir para sua casa.

* * *

A tia Marta contou-me que uma madrugada, encontrando-se na sua cama completamente acordada, ouviu nitidamente a voz de seu pai, já falecido, com o mesmo tom carinhoso que lhe era habitual em vida, chamar claramente pelo seu nome, três vezes seguidas. E garantiu-me que não houve ilusão da sua parte, que a voz era bem real e bem nítida.

* * *

O senhor Ferreira, expedicionário no Funchal, contou-me que também um dia ouviu nitidamente, a chamá-lo, a voz de sua espôsa, que se encontrava a cêrca de mil quilómetros, em Azeitão.

* * *

A tia Marta foi com a Deolinda ao Lido tomar banho de mar. Antes de sair, a tia Marta, costumava fazer a seguinte recomendação à Vanda, irmã mais nova da Deolinda:

— A menina não se chegue para o lume, que se pode queimar; nem mexa no fogão, que se pode abrasar.

Enquanto apanhavam sol, a tia Marta disse à Deolinda:

—Estou a pensar que me esqueci de recomendar à Vanda que não andasse pela cozinha a mexer, que se podia queimar. E como hoje a sopa é de coar, pode ela querer ajudar a Maria nêste trabalho e entornar a panela por cima de si e abrasar-se.

— ¡Que idéia que a tia havia de ter! — disse a Deolinda.

Não falaram mais nêste assunto, mas a tia Marta não ficou tranqüila. Voltaram para casa e, quando se aproximavam da porta, a tia Marta viu, com certa apreensão, por detrás das persianas, um rosto que as olhava, mas não se deixava ver bem.

A Vanda veio abrir; mas, ao contrário do habitual, parecia procurar esconder o corpo atrás da porta meio aberta, deixando apenas ver a cara muito triste. O coração da tia Marta começou a pulsar angustiosamente:

— Que te sucedeu, menina?

A Vanda principiou logo a chorar e disse:

— Queimei-me com a sopa...

E contou que tinha querido ajudar a criada a coar a sopa, que tinha agarrado mal na panela, a qual tombara, despejando o conteúdo a ferver em cima dum pé. Tudo como a tia Marta tinha previsto pouco antes. A tia Marta voltou-se para a Deolinda e preguntou-lhe:

— ¿Que te disse eu, Deolinda?!...

Ficaram ambas admiradíssimas, mas sem compreenderem. A Vanda andou três semanas a tratar do pé escaldado.

FILHO PRÓDIGO

por Maria Veleda

«Digo-vos que assim haverá maior júbilo no Céu sôbre um pecador que fizer penitência, que sôbre noventa e nove justos que não hão de mister penitência».

Lucas, XV-7

Exausto, esfarrapado, miserando,
Tendo a vida arrastado pela orgia,
Volta ao paterno lar quem lhe fugia,
Suas culpas, seus crimes expiando.

Logo o pai, de ventura transbordando,
Ordena ágapes, festas, alegria!
E o outro filho, que o bem sempre cumpria,
O pai increpa, a si se lamentando:

— Pois a mim, que fui sempre modelar,
Nunca um anho tivéstes p'ra me dar,
E a êste louco o acolheis com tal 'splen-
[dor?!

— É que êste — diz o pai — andou per-
[dido;
Mas volta sofredor, arrependido,
Renasce para a LUZ e para o AMOR!

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

D) Actividade

por Ramos Pereira

I — O instinto

SENDO uma fôrça, a actividade é mais que uma faculdade, é o substracto de tôdas as faculdades. Nela, o indivíduo é activo ou passivo, conforme a causa do efeito está nêle ou fora dêle (Condillac). Assim, na primeira forma, o indivíduo é sujeito; na segunda é objecto. Como activo, o reflexo individual é voluntário, pois que, na consciência plena de si próprio, procede reflectidamente. Como passivo, apenas obedece espontâneamente a um impulso interior, que é quási inconsciente.

O instinto é a forma mais pura da actividade espontânea, a primeira que, como animal, o homem conhece. Em princípio, quási se não distingue da tendência, porquanto o instinto, cego e fatal, visa fundamentalmente a conservação do indivíduo e da espécie. A tendência mais vaga e mais geral, é a fôrça do instinto.

Os próprios animais sentem a tendência para se agruparem; de modo que classificaremos os instintos em 3 grandes categorias:

1.ª — Individuais.
2.ª — Domésticas.
3.ª — Sociais.

O acto instintivo, se bem que tendo um fim, não se mostra à consciência. Isto é, sabe-se o «como» do acto, mas não o «porquê». Há animais que jamais conhecem os filhos e, no entanto, colocam os germes nas condições precisas ao seu desenvolvimento. Não pode haver aqui conhecimento da finalidade do acto, nem o porquê da apropriação dos meios.

Além disto, verifica-se uma uniformidade a dentro duma mesma espécie: — os indivíduos executam sempre os mesmos actos nas mesmas circunstâncias. Podemos até, com todo o rigorismo duma lei natural, enunciar: — as mesmas causas provocam na mesma espécie os mesmos efeitos.

Embora duma perfeição imediata, insusceptível de progresso, não é completamente infalível. É fácil iludir um animal na prática de actos, desde que forjemos as circunstâncias em que êle deve viver. É, assim, infalível dentro destas circunstâncias. A imutabilidade actual do instinto não implica que êle não sofra progresso. Se assim fôsse, era uma fôrça sem causa, pois que tinha sido, era e seria sempre idêntica. Não seguimos o pensamento de Bossuet: — «l'animal est au bout de quelques mois ce qu'il sera toute sa vie, et son espèce est au bout de mille ans ce qu'il sera toute sa vie, et son espèce est au bout de mille ans ce qu'elle était la prémière année.» Na metafísica estudaremos mais completamente o assunto e veremos que a escolástica argumenta unilateralmente, quando procura reduzir os animais a simples máquinas insusceptíveis de progresso.

¿Qual a origem do instinto? As opiniões divergem grandemente. Condillac supõe-o o resultado dum hábito individual; Buffon como um efeito da educação; Lamarck e Darwin como um hábito adquirido pela raça. Ora, se o instinto aparece com o indivíduo, lógico será concluir que a origem do instinto coïncide com a origem das espécies. Encontrada esta, estará desvendada aquela. (V. origem das espécies na Metafísica).

II — O hábito e o automatismo

Auguste Comte, William James e outros pretenderam reduzir o hábito à fôrça da inércia. De facto, o ser tende a conservar a alteração recebida, mas, mais do que isso, essa alteração aplana o caminho à prática renovada do mesmo acto. Isto é, vai-se lentamente gerando uma tendência, uma maior facilidade para actuar, causada por já ter sido actuado assim.

O primeiro acto como que deixa um vestígio, um sulco que vai sendo aprofundado pela repetição, criando uma linha de me-

(*) Ver «Estudos Psíquicos» de Julho de 1944 a Março de 1945.

nor altura, isto é, nas circunstâncias que motivaram o primeiro acto consciente, o indivíduo age quási inconscientemente. O primeiro gera assim a disposição; e a repetição produz a inclinação ou tendência habitual adquirida.

Se bem que um acto ténue necessite de repetição para provocar um hábito, esta não é, contudo, indispensável. Reid supôs o hábito um instinto adquirido, como o instinto um hábito inato. Na realidade, há grandes semelhanças entre o acto habitual e o acto instintivo na sua sintomatologia, mas diferem de natureza. O hábito é particular, variável, adquirido.

Sôbre a génese do hábito poderemos enunciar as seguintes leis:

1.ª — A origem do hábito é função da harmonia dum acto com o temperamento e o carácter do indivíduo;
2.ª — Na origem há sempre um interêsse pelo objecto que provoca o primeiro acto;
3.ª — A intensidade da tendência habitual é função directa da duração e intensidade do primeiro acto e da freqüência das repetições;
4.ª — A maior facilidade na prática do acto habitual varia com os mesmos factores da intensidade da tendência que o permite.

Mas o hábito não é apenas a tendência para praticar certos actos (hábito activo), mas ainda para sentir segundo determinadas formas (hábito passivo). Os primeiros podem ser:

a) Músculo — motores — o treino permite a execução de exercícios difíceis, o domínio muscular (ginástica).
b) Intelectuais — hábitos da reflexão, da observação, do raciocínio, das percepções adquiridas, da memória, da imaginação, da associação de idéias, etc.
c) Voluntários — o treino fortalece a vontade.

Nos hábitos passivos podemos distinguir:

a) Da sensibilidade fisio-moral — o hábito embota as impressões e os sentimentos;
b) Fisiológicos — o treino adapta o corpo a um dado regime (Cf. doutrina da Yoga).

Relacionando agora estas formas, enunciaremos:

1.ª — O hábito fortalece o activo, tanto quanto enfraquece a sensibilidade, a dentro dos limites impostos pela elástico-plasticidade fisio-psicológica do ser;
2.ª — O hábito dá-se no campo dos limiares diferenciais psico-físicos;
3.ª — A repetição habitual dá maior coesão à vida do indivíduo.

Quer o hábito, quer o instinto, são denominados fenómenos automáticos, pois que na sua exteriorização se desenvolvem em independência da vontade e da reflexão, quási inconscientemente. A principal característica do automatismo é exactamente a seqüência de actos, tão visível no hábito. O esquema de Grasset mostra não só o mecanismo do acto automático, como a sua diferença do acto reflectido.

Consideremos O (fig. 1), centro de reflexão e vontade, da personalidade e da vontade; A, centro auditivo; V, centro visual e S centro da sensibilidade geral; M, centro do movimento, P. centro da palavra e E centro da escrita. Todos êles, localizáveis no sistema nervoso (Cf. Fisiologia), ligam-se pelas fibras sensórias, centrípetas e centrífugas, em todos os sentidos.

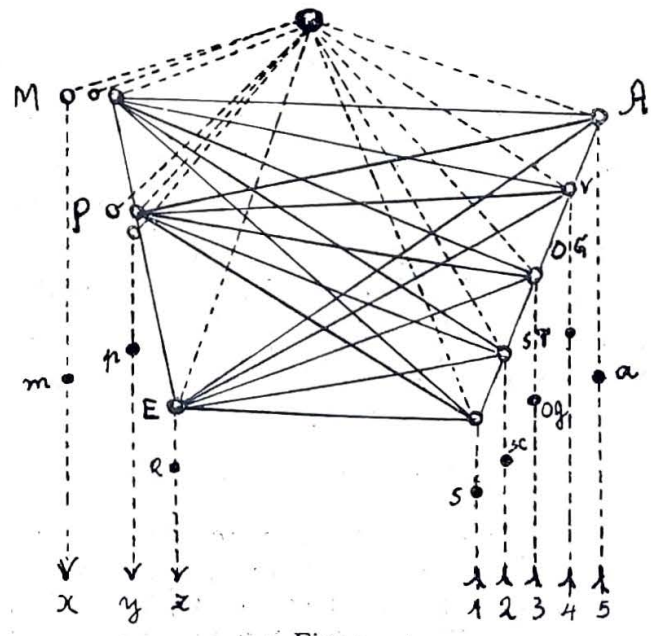


Fig. 1

Nos actos reflectidos, a impressão recebida em 1, 2 e 3 é transmitida a A, V e S pelas fibras centrípetas, passa por O antes de, pelas fibras centrífugas, activar x, y e z. No acto automático, há, por assim dizer, um curto-circuito, e a excitação passa directamente dos centros A, V, S, para M, P, E, sem que O se faça sentir.

O esquema de Grasset não é, porém, completo, pois, que além de não distinguir os três centros do movimento (músculos faciais, dos membros inferiores e superiores) e os três da palavra (da memória auditiva da palavra, da memória visual da palavra e dos movimentos de articulação da voz), não fala no centro gustativo-olfactivo e no da sensibilidade táctil e para a dor. Completado o esquema, transforma-se (fig. 2):

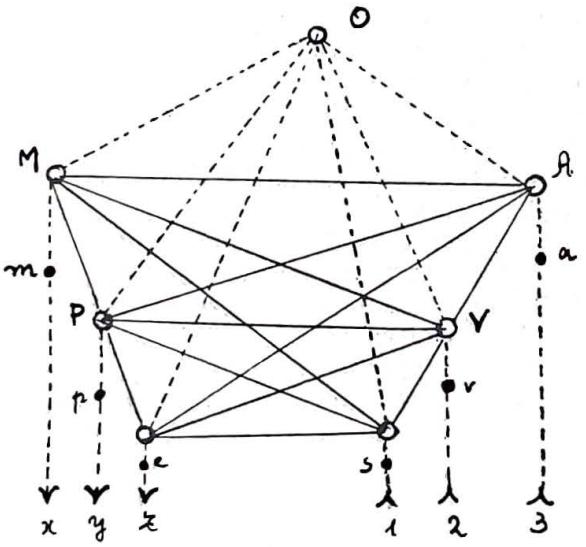


Fig. 2

Analisemos agora, pelo esquema, o mecanismo de dois fenómenos: — um automático e outro reflectido. Suponhamos, por exemplo, um acto instintivo e uma imagem.

Imaginemos que nos picavam um braço. A excitação recebida em 2, era transmitida pela fibra centrípeta 2-St (centro da sensibilidade táctil e da sensibilidade à dor); daqui seguia directamente a M, activando o centro dos músculos superiores; a reacção vinha por M a x pela fibra centrífuga.

Consideremos agora a imagem visual dum rectângulo. Activado 4, a fibra 4-V levava a sensação ao centro O, centro da reflexão e da sua vontade que guarda a imagem da sensação. Ao ser recordada, O retransmite-a a P ou E e em y ou z o rectângulo é descrito pela palavra ou por uma figura semelhante.

O esquema de Grasset torna-se assim um esquema do comportamento geral do indivíduo.

III — A vontade

Mas nem sempre o indivíduo age automàticamente. Pelo contrário, o homem age mais vezes reflectidamente, que como autómato, e isso pela própria contextura da sua essência, porque possui a faculdade de actuar inteligente, reflectida e livremente. De facto, êle pode analisar as conseqüências, o fim dum acto e procurar os meios; pode concentrar-se para desvendar a natureza do motivo que o impele, a sua conveniência e valor, repeli-li ou segui-lo; pode obrigar-se a si próprio.

Embora simples, o acto voluntário pressupõe sempre um objecto e os meios e nêle se distinguem 4 fases:

1.ª — Concepção — em que o ser, apreendendo o objecto, concebe o acto tendente a um fim.
2.ª — Deliberação — em que julga sôbre as conseqüências possíveis dos actos e os meios de que dispõe.
3.ª — Volição — em que o ser se determina por um caminho.
4.ª — Execução — em que executa o acto.

Spinoza e Fouillé identificaram a vontade e o juízo: — Julgar é já começar a agir. Mas esta acção é meramente mental, porquanto apenas se estão a pesar as conseqüências e os meios; isto é, o juízo é apenas a segunda fase do acto voluntário, cuja verdadeira essência está na terceira, na volição.

Condilac, amalgamando a vontade com o desejo, refuta tôda a reflexão que existe no acto voluntário. Depende de nós consentir ou não no desejo, embora não dependa o senti-la (Maine de Biran). Na realidade, ainda que a vontade seja distinta do desejo, êste faz-se sempre sentir como propensão para praticar o acto, de forma harmónica com êle.

Entre os selvagens e nas crianças, o desejo é o grande motivo do acto. A educação

e a reflexão acabam, porém, por combater e dominar o primeiro impulso do desejo.

A esta fase, segue-se o predomínio das idéias. Uma idéia forte é quási uma obsessão e esta leva o indivíduo quási à prática automática do acto. Vem depois a fase deliberativa.

O acto voluntário fica assim entre o reflexo simples e a idéia abstracta em que o movimento é nulo. A vontade é, pois, um verdadeiro poder de inibição. «It is an impulse by ideas» (Maudsley e Lewes). A escôlha é feita entre dois ou mais estados de consciência presentes, como intuito de acção, mas, finalmente, a sua razão está no carácter do indivíduo.

Analisemos agora algumas das doenças da vontade, começando pela abulia. «Os doentes sabem querer interiormente, mentalmente», conforme as exigências da razão. Podem sentir o desejo de actuar; mas são impotentes para actuar convenientemente. No fundo do seu entendimento há uma impossibilidade. Quereriam trabalhar, mas não podem. A sua vontade não pode transpor certos limites; dir-se-ia que esta fôrça de acção sofre uma suspensão, o «eu quero» não se transforma em vontade impulsiva, em determinação activa (Guislain) in «Leçons Orales sur les Phrénopathies», tomo I, pág. 497). São clássicos os casos apontados por Bennett («Mental Physiology») e Th. de Quincey («Confessions»).

Não só o sistema muscular, como os órgãos do movimento, estão intactos; a inteligência é perfeita, o fim e os meios são bem concebidos, mas a passagem ao acto é que é impossível. Dois doentes de Esquirol revelaram melhor que um psicólogo a origem desta incapacidade: — «essa falta de actividade provinha da fraqueza das minhas sensações para exercerem acção sôbre a minha vontade»; as funções, os actos da vida ordinária ainda existem, mas, em cada um, falta alguma coisa que é a sensação que lhes é peculiar e a consolação que lhes sucede.» Sem dúvida, o desejo de proceder não tem intensidade suficiente. A causa deve ser, pois, enfraquecimento geral da sensibilidade.

Uma outra doença da vontade é a chamada «platzagst», o mêdo dos espaços, das praças (Cf. Westphal, Carpenter, Cordes, Legrand du Saulle, Maudsley). O indivíduo, normal em todos os seus aspectos, não consegue vencer um mêdo instintivo, quando colocado em lugares espaçosos, como praças, atravessar uma rua, etc. Êsse mêdo como que lhe paralisa as idéias motoras e o doente não consegue resolver-se a praticar o acto.

A «mania da indagação («grubelsucht») é ainda uma forma mórbida que, com as anteriores, se agrupa nas doenças de impulso (falta). Aqui o indivíduo actua, mas depois de se ter perdido em longas e estéreis lucubrações sôbre as conseqüências do acto; torna-se assim um receoso e um pueril e, por vezes, chega a não praticar o acto por temor dos resultados.

Muitos dêles lutam contra si próprios, procurando determinar-se; e quando o fazem é um princípio de cura. Outros, porém, deixam de o fazer quando se recordam do cansaço doloroso que daí lhes advém. Êste esfôrço, êste cansaço, como disse Belboeuf in «Élements de Psychophysique», não provém do esfôrço muscular, mas do esfôrço voluntário.

Em todos êstes casos há uma real acomodação intelectual a que se segue uma falta de impulso. Todavia, quando esta acomodação é fraca e os motivos impostos pela razão não têm fôrça suficiente, os primeiros impulsos do desejo ganham uma intensidade tal, que a reflexão é impotente para os deter. A incapacidade da vontade traz assim a vitória do instrumento.

O impulso é, por vezes, tão irresistível, que mal aflora a consciência; é mais uma ausência, que uma diminuïção da vontade. O indivíduo chega a não saber porque procede de certa forma. (Cf. Billod).

Num aspecto mais grave, o doente tem a consciência plena do impulso, mas não consegue dominá-lo. As idéias fixas e a obsessão são dos casos mais vulgares desta impotência. Cf. Choucot e Magnan). Quando o impulso é de natureza afectiva, torna-se extremamente perigoso (Cf. Calmeil in «Tratado das Doenças Inflamatórias do Cérebro»). Todo o indivíduo sente, de facto, atravessarem-lhe a mente os mais loucos desejos; mas enquanto o normal os domina logo pela vontade disciplinada, o doente não consegue e muitas vezes pede que o amarrem, quando sente o impulso. São ainda filiáveis nestas doenças as tendências fatais, conhecidas por dipsomania, cleptomania, piromania, erectomania, etc. (V. obras de Morel e Schuler, sôbre doenças mentais).

Uma das primeiras formas do enfraque-

Os fins do Espiritismo

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

¡COMO estamos longe da filosofia oficial, em que a alma é apenas uma entidade abstracta, produto do raciocínio estéril e inoperante! ¡Como estamos distanciados das noções erradas e impotentes dos filósofos para nos explicarem a essência, o destino e a evolução anímica! ¡Como é árida, insubsistente e incompleta a noção da imortalidade que os sábios oficiais nos dão! ¡Quão tristes e confusas se tornam as suas conclusões àcêrca da evolução da vida e da matéria!...

Razão tem o luminosíssimo espírito que ditou ao professor Pietro Ubaldi «A Grande Síntese», quando afirma na página 93:

«Os métodos, com que tanto se ocupam algumas filosofias, os métodos clássicos das pesquisas, que vos parecem inderrocáveis, já deram tudo quanto podiam dar, são meios já superados, que não mais vos farão avançar um passo que seja».

Mas os pesquisadores de certas academias científicas, entrincheirados nas suas fórmulas e processos empíricos, cheios de orgulho e considerados semi-deuses, fazendo tábua raza de tudo quanto contradiz a sua ciência *infalível*, não dão ouvidos às gritantes realidades que os Mensageiros do Alto nos facultam para guiarem a humanidade sofredora nas verdadeiras sendas da ciência e da moral do Cristo. Aferrados ao mito misoneísta, os tais *sábios* não descem dos seus pedestais olímpicos da *sabedoria inatacável*... ¡Tristes sábios êsses, que se esquecem da história do progresso das idéias!

¡Nem o dualismo de Descartes, nem o ocasionalismo de Malebranche, nem o monismo de Espinoza, nem a monadologia de Leibniz, nem o sensualismo de Locke, nem o materialismo de La Mettrie, nem o idealismo de Berkley, nem o criticismo de Kant, nem o positivismo de Comte, nem o ecletismo de Cousin conseguiram banir do espírito humano o escracho da dúvida, da incerteza, da possibilidade demonstrativa da nossa sobrevivência!

Todos os métodos do raciocínio, através dos séculos, ruiram perante a sua inconsistência e inutilidade. ¡O esfôrço laborioso dos filósofos de tôdas as escolas tornou-se impotente e estéril e em nada contribuíu para que o homem se libertasse do fantasma da morte, que afinal é um aspecto da vida!

E porquê? Porque «as filosofias são

---

cimento da vontade, é caracterizada por uma actividade intelectual exagerada; os estados de consciência sucedem-se numa rapidez vertiginosa, tal que o indivíduo sente-se incapaz de deter a corrente do pensamento, de prestar atenção voluntária a qualquer daqueles estados. Noutros casos, o enfraquecimento revela-se de modo perfeito, isto é, não se dá o turbilhão de idéias a dispersar a atenção.

Há alguns estados de consciência em que se dá o aniquilamento da vontade. A vontade dasaparece para dar lugar a um estado de concentração especial. Certos autores como Ribot, apontam o êxtase como uma forma de aniquilamento. De facto, quando se atinge o êxtase, a vontade amortece; mas, na seqüência que leva a êsse estado, a vontade faz-se sentir como o principal meio de concentração. (Cf. Swâmi Vivakananda in «Raja Yoga»). Não é um estado patológico, uma doença; e de igual modo o sono hipnótico.

Poderemos agora estabelecer a lei da dissolução da vontade: — o enfranquecimento da volição segue a marcha de retrocesso das formas superiores da vontade para o automatismo. (Cf. Hughlinds, Jakson, Ferrier, Goltz, etc.).

BIBLIOGRAFIA

Psychologie — ABEL REY
Traité de Psychologie — G. DUMAS.
Principles of Psychology — W. JAMES
Doenças da Vontade — TH. RIBOT
Mental Phisiology — BENNETT
Léçons Orales sur les Phrénopathies — GUISLAIN
Élements de Psychophysique — DELBOEUF
Pathologie de l'Esprit — MAUDSLEY

produtos individuais, que se limitam a arvorar em sistema a indiscutível premissa que é o próprio Eu», — responde-nos «A Grande Síntese», cap. V.

Se das filosofias passarmos às religiões, verificamos que tôdas elas faliram, porque não resolveram cabalmente os porquês inquietantes que assoberbam os espíritos dos crentes.

Além disso, «tôdas em luta entre si, exclusivistas, quanto à posse da Verdade, e isso em nome do próprio Deus, (A Grande Síntese», cap. V), ¿que autoridade e crédito nos podem merecer?

Eis por que o Espiritismo se tornou o refúgio dos atormentados pela dúvida e o pôrto de salvação dos náufragos de certos credos religiosos.

Só êle resolveu todos os inigmas e preencheu tôdas as lacunas que as ciências e as religiões nos deixaram como heranças indesejáveis.

Para isso foi necessário o esfôrço porfiado de todos os pioneiros da nossa Causa desde Kardec até Flamarion; desde Hogdson até Lodge, recentemente desencarnado.

Investigando, observando, comparando, apostolizando, assim se construíu êste grande corpo de doutrina a que se deu criteriosamente o nome de Terceira Revelação.

Não fôsse o gigantesco e ininterrupto trabalho de codificação e sistematização de Allan Kardec, assistido pelo Espírito de Verdade; não fôsse a exposição magistral da doutrina, baseada na longa experiência dos seus princípios que a tornou clara e acessível por Léon Denis; não fôsse a vastíssima e profunda observação dos factos investigados por uma plêiade de cientistas de renome universal, que se não importaram com as invectivas de *certos sábios*, desde Crookes até Geley, e o Espiritismo não seria o que hoje é: «Ciência, porque pesquisa, demonstra e prova; filosofia, porque ensina a lógica da vida; religião, porque liga as criaturas ao Criador»!

¿Que filosofia, que religião, que ciência será capaz de suplantar ou explicar mais racionalmente os porquês da vida e os problemas do sêr e do destino das nossas almas? Eis a razão por que a nossa doutrina se dignifica com tantos adeptos, vindos de tôdas as camadas sociais, ávidos de verdade e de satisfação moral, que nela encontram o pôrto de salvamento dos seus naufrágios espirituais.

Quem uma vez assentou arraiais à sombra da sua árvore, jamais se sentiu com vontade de se furtar às delícias da sua frescura, porque ela é a árvore do Evangelho, transplantada para o Coração do Homem.

Uma filosofia, uma religião como a nossa, fundada em bases sólidas, sem dogmas, sem hierarquias, apoiada na moral do Cristo e estruturalmente científica e dinâmica, não pode fracassar. Ela conquistará o mundo, porque está destinada a fazer desaparecer da sua face as lutas fratricidas que o ensangüentam. Assim, perante os ensinamentos de amor e fraternidade que prega a todos os homens, estes, mais tarde ou mais cêdo, impelidos pela lei fatal da evolução, se convencerão de que o objectivo primordial do Espiritismo é congregar tôda a humanidade para os surtos da civilização nova do terceiro milénio.

DAR

Todo o homem que te procura, vai pedir-te alguma coisa.

O rico aborrecido, a amenidade da tua conversação; o pobre, o teu dinheiro; o triste, um consôlo; o débil, um estímulo; o que luta, uma ajuda moral.

Todo homem que te procura, com segurança vai pedir-te alguma coisa.

E tu ousas impacientar-te! E tu ousas pensar: «que enfastiamento!».

Infeliz! A Lei oculta que reparte misteriosamente as execelências, dignou-se outorgar-te o privilégio dos privilégios, o bem dos bens, a prerrogativa das prerrogativas: DAR! Tu podes DAR!

Em tôdas as horas que o dia tem, tu dás, ainda que seja um sorriso, ainda que seja um apêrto de mão, ainda que seja uma palavra de alento!

Em tôdas as horas que o dia tem, tu te pareces a Êle, que não é senão dádiva perpétua, difusão perpétua e presente perpétuo!

Deveras prostrar-te de joelhos diante do Pai e dizer-lhe: «Graças, porque posso dar, Pai meu! Nunca mais passará pelo meu semblante a sombra de uma impaciência».

«Em verdade vos digo que vale mais dar, que receber».

Amado Nervo.

ESPIRITISMO — CIÊNCIA SUPREMA

pelo Dr. Inácio Ferreira
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Uberaba

IV

A ciência humana não pode continuar indiferente às diversas manifestações da ciência divina — manifestações que se multiplicam em todos os sectores da vida material, quer no campo da *biologia,* quer no da *fisio-patologia,* colunas mestras para satisfação da ânsia de conhecimentos da origem dos disturbos orgânicos, quer no campo da *eugenia* ou mesmo, ainda, no da *terapêutica,* bases em que repousa tôda a ciência humana para a saúde e bem-estar do homem, pois são contínuas as manifestações inesperadas que confundem os sábios e derruem as suas teorias formuladas a custa de tanto sacrifício, tanto estudo e tantas investigações...

Nêste quadrante repousa todo o edifício da ciência médica— edifício construído pelo esfôrço de centenas, de milhares de anos de observações... No entanto, a todo o instante as suas leis e os seus postulados mostram a necessidade de revisão e correcção, torna-se patente o seu desvalor e a sua incapacidade para enfeixarem verdades e ensinamentos capazes de iluminar, atingir e explicar os casos *esquisitos* que pululam por tôda a parte...

E porque?

¿Incapacidade dos homens actuais entregues ao estudo da ciência médica?

¿*Magister dixit* que traça postulados inacessíveis que a fé cega impõe como lei?

¿Atraso da humanidade, que ainda não está habilitada para antever e compreender as manifestações divinas, que se mostram patentes e esplendorosas nos seus ensinamentos?

Quem o sabe?...

As leis da evolução se processam contínuas e intermitentes, e cada hora soará para o entendimento humano indiferente ao esfôrço ou ao desleixo das criaturas terrenas...

A época é de confusão para a ciência médica dos homens.

No domínio da *obstetrícia,* as normalidades requerem novos estudos e novas explicações; no da *fisiologia* e *patologia,* os casos teratológicos fazem ruir por terra os conceitos até então respeitados; no da *psiquiatria,* a confusão ressalta de tal modo, que os diagnósticos, prognósticos e terapêuticas já são formulados com a maior incerteza; no da *psicologia,* as doutrinas freudianas e a dos seus discípulos e seguidores não resistem à análise de infinidade de casos, entre êles, o das crianças prodígios e o das relembranças de existências passadas...

Em todos os ramos da medicina e da psicologia, os factos se apresentam contínuos e continuamente ficam relegados aos casos *esquisitos,* enquadrados nos termos novos, porém sem significação...

¡No entanto, o Espiritismo, baseado na *Lei da Reencarnação,* aí está como chave para abrir as portas do entendimento, favorecendo, sobremaneira, o estudo e as investigações.

É bastante trabalhar, analisar e investigar com isenção de ânimo, procurando sacudir o jugo das velharias e arrancar dos olhos a venda dos dogmatismos impostos pela fé cega, sem raciocínio...

Chegou mais uma hora decisiva para os destinos da Humanidade, e com êsses factos *esquisitos* que irrompem pelo mundo inteiro, já ouvimos as badaladas prévias anunciando a hora para a passagem, a transição entre os tempos que se foram e os tempos que estão para vir...

Dos tempos que se foram — ennuviados pelos vapores de incenso e intolerância; dos tempos que estão para vir, iluminados pela luz esplendorosa da Verdade, contida nos ensinamentos espiritas, conclamando ao estudo e às perquirições...

E os homens da ciência, os bemfeitores da Humanidade, não podem ficar à margem do caminho, indiferentes, porque dêles depende, em parte, o estudo do *porquê* e da *razão* das coisas...

À luta, pois, e ao trabalho, antes que as criaturas humanas sofram, mais ainda, pela incerteza da sua origem e ignorância da sua finalidade...

NA PISTA DUM CRIMINOSO

JACK, O ESTRIPADOR

Como foi capturado êste célebre assassino, mercê da utilização das faculdades psíquicas do grande clarividente inglês Robert James Lees.

por Isidoro Duarte Santos

A-propósito duma fita cinematográfica exibida em Portugal com o título dêste artigo, mas que nada tem de comum com o caso, vamos narrar um facto histórico passado há dezenas de anos em Londres e que tamanha emoção causou naquela grande cidade. Queremos referirmo-nos a um famoso médico que, na galeria do crime, foi conhecido por **Jack, o Estripador.**

Durante muito tempo, o povo londrino andou inquieto, verdadeiramente alarmado, com as mortes nimbadas de mistério, de vez em quando anunciadas pelos jornais inglêses. Os cadáveres apareciam cientìficamente mutilados, denotando a mão hábil do criminoso. E a polícia inglêsa, das mais sagazes do mundo, pôs-se muitas vezes em campo, sem conseguir encontrar a almejada pista.

Tôda a vigilância era iludida. Os mais experimentados «dectetives», franceses, alemães, holandeses, espanhóis,, italianos, etc., empregaram esforços incalculáveis para descobrir o monstro. Pois nem as 30.000 libras do prémio, nem a pensão anual de 1.500 libras, oferecidas a quem denunciasse o facínora, aguçaram o faro especial dos grandes pesquisadores do crime.

A sombra de **Jack** passeava por Whitechapel, como fantasma repelente, inacessível aos olhitos da «Scotland Yard», que debalde instruía a polícia no intuito de apanhar a fera nos recessos lôbregos do seu fôjo...

Mas o tempo passava e as mortes sucediam-se, com precisão matemática. Êle próprio avisava:

— «Tal dia, cometerei mais um crime...» E assinava as terríficas promessas com o sangue das vítimas, dir-se-ia manejado por influências diabólicas...

A primeira visão

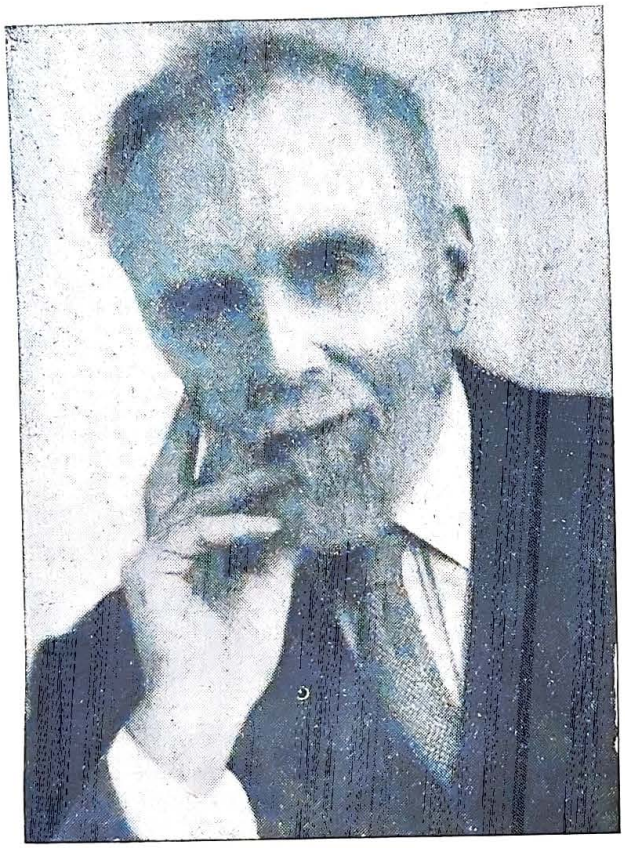
A primeira visão de Robert James Lees coïncidiu, pouco mais ou menos, com o terceiro assassinato. Estava no seu gabinete de de estudo, quando se convenceu de que o **Estripador** ia cometer novo crime. Julgou ver um homem e uma mulher que caminhavam ao longo duma rua de grande movimento. Seguindo-os com os **olhos da alma,** viu-os entrar em certo pátio, junto dum armazém de aguardente. Leu o nome do pátio. Olhou para dentro, através das janelas, e viu que passavam quarenta minutos da meia-noite, hora a que fechavam as tabernas e os botequins. Depois, viu o par esgueirar-se por um canto escuro do pátio: a mulher, embriagada; o homem, no pleno uso das faculdades. Êle trazia no braço um sobretudo de pano escocês e os seus olhos brilhavam à luz mortiça dum candeeiro, que pàlidamente iluminava a entrada da locanda.

A cena foi rápida. Um braço que se ergue... uma bôca que se amordaça... Depois... a faca sai do bôlso... cintila e degola uma garganta!... O sangue jorra em borbotões, salpicando a camisa do facínora, que começa a vibrar cutiladas, a **dissecar** o corpo da infeliz... Consumada a tarefa, o homem limpa deliberadamente a faca aos vestidos da mulher, guardando a arma no sobretudo claro, que abotôa, de alto a baixo, como para ocultar a frente da camisa... Em seguida, abandona tranqüilamente o local da tragédia...

James Lees ficara impressionadíssimo com aquela visão terrível e dirigiu-se ao Comissariado da Polícia, onde narrou o caso; mas os agentes tomaram-no por lunático. No entanto, para lhe fazer a vontade, o sargento de dia tomou nota do pátio referido

pelo médium, onde **iria** cometer-se o assassínio. E mencionou também a hora (00.40) a que o Estripador lá teria de entrar, em companhia da desgraçada.

Com efeito, às 00.30 da madrugada seguinte entrava uma mulher na referida taberna e pedia bebidas alcoólicas, que lhe foram negadas, por ela se encontrar em estado de embriaguês. A mulher saíu, a pra-



MR. ROBERT JAMES LEES

guejar, e às 00.40 viram-na entrar no tal pátio, em companhia dum indivíduo de fato escuro, sobretudo claro no braço, indivíduo que foi tomado por americano, devido ao chapéu de feltro e ao aspecto de verdadeira distinção que o caracterizava.

Era esta a informação do Tribunal de Investigação Criminal, dada no dia seguinte ao da visão de Robert Lees. O corpo da mulher fôra encontrado no sítio que o médium indicou, «com a garganta cortada duma orelha a outra e horrivelmente mutilado.»

O vidente ficou nervosíssimo com a notícia do assassinato. Visitou o local do crime e quási se sentiu cúmplice do acontecimento. Voltando a casa, não pôde conciliar o sono. E tão grande foi o choque recebido, que teve de abandonar o continente, com a família, a conselho do seu médico assistente.

O «Estripador» num «eléctrico»

Jack continuou a série de assassínios, durante a ausência do médium vidente. De volta a Inglaterra, Roberto Lees, regressava, certo dia, de Shepherd's Bush, em carro eléctrico. Quando o veículo parou, no extremo de Notting Hill, entrou um sujeito de estatura meã, com fato escuro de fazenda escocêsa, sobretudo claro e chapéu mole. O médium inclinou-se para a espôsa, que ia junto dêle, e disse em voz baixa:

— Aquêle, é **Jack-o-Estripador.**

A mulher riu-se da observação. Êle, porém, replicou:

— Já te disse. Não estou enganado.

Quando o indivíduo saíu. Robert Lees seguiu-lhe na peügada até Parks Lane e apontou-o a um oficial da Polícia, como sendo **Jack, o Estripador.** A resposta foi uma gargalhada.

Nisto, **Jack** salta para um cabriolé e dirige-se a Picadilly. Pouco depois, Robert encontra um sargento da Polícia, a quem confia as suas suspeitas.

— Mostre-me o polícia que o não quis prender — disse o sargento —. Só esta manhã recebemos notícia em Bow Street de que o **Estripador** se dirigia para aqui.

Nessa mesma noite, Robert Lees teve a premonição doutro assassinato. Desta vez, a visão era mais nítida: uma orelha inteiramente separada da face e a outra ainda pendente da pele esgarçada.

Logo que despertou, correu ao Comissariado. A princípio, não lhe ligaram importância. Mas, quando contou que a vítima tinha as orelhas separadas do crânio, o inspector-chefe mostrou-lhe um postal que tinha sôbre a mesa. Dizia assim:

«Amanhã à noite vingar-me-ei, novamente. A minha nona vítima pertence a uma classe de mulheres que deseja humilhar.

Jack, o Estripador

P. S. — Para provar que sou eu, realmente, **Jack, o Estripador,** cortarei as orelhas desta vítima.»

O Inspector, que era religioso, tomou a estranha coïncidência como aviso do céu e quis evitar a nova tragédia, mandando vigiar Whitechapel por 3.000 polícias à paisana e 1.500 agentes disfarçados em mecânicos e trabalhadores de docas. Tudo foi inútil. O criminoso rompeu o cordão policial, matou a mulher e desapareceu. A vítima tinha uma orelha arrancada e a outra pendente.

Robert Lees ficou outra vez cheio de nervoso e abandonou o Continente, afim de se restabelecer. Entretanto, **Jack** consumava o décimo sexto assassinato, prometendo cessar a faina, quando chegasse ao vigésimo...

E aqui principia o mais dramático desta estranha história...

O décimo sétimo assassínio

Um dia, já de volta da sua viagem. Robert Lees estava a jantar em Criterion, com dois amigos americanos. De repente, volta-se para êles e exclama:

— Meu Deus! **Jack, o Estripador,** cometeu outro assassínio!

Um dos amigos apontou a hora: 10.49. Pois às 11.10 a polícia encontrava o corpo duma mulher em Crown Court, no bairro de Whitechapel, com a garganta cortada, de orelha a orelha. A marca especial do **Estripador** exibia-se em cortes que atingiam todo o corpo.

Os três amigos foram imediatamente ao Comissariado; e, enquanto Robert Lees narrava a história, chegou um telegrama noticiando o facto.

O inspector não esperou mais. Chamou dois oficiais, vestidos à paisana, os quais seguiram para Crow Court a tôda a pressa com Robert Lees e os dois americanos.

Ao chegarem, Lees exclama:

— Olhem para aquêle canto da parede. Há ali qualquer coisa escrita...

O inspector riscou um fósforo e leu: «Décimo sétimo — **Jack, o Estripador.**»

E não se descobriu traço algum do monstro...

Roberto Lees em acção

O inspector reconheceu, finalmente, que Robert Lees possuía extraordinárias faculdades e pediu-lhe que as pusesse em prática, afim de descobrir o criminoso. O médium acedeu. Caíndo em transe, atravessou ràpidamente as ruas de Londres, na companhia do inspector, cujos ajudantes seguiam um pouco atrás.

Pois, eram quatro horas da manhã, quando o médium parou em frente duma sumptuosa residência em West End. Extenuado, faces pálidas e olhos injectados, apontou para um quarto superior, onde fraca luz brilhava.

— ¡Eis o assassino, o homem que procuram!... — exclamou em tom peremptório, que não admitia dúvidas.

O inspector respondeu que era impossível, pois aquela casa pertencia a um dos mais notáveis médicos de Londres.

— Contudo — acrescentou — se me descrever com exactidão a entrada da casa, prenderei o doutor, com risco da minha posição adquirida em vinte anos de bom serviço.

Robert Lees não hesitou:

— A entrada — disse êle — tem à direita uma grande cadeira de carvalho escuro e, ao fundo, há uma janela de vidros pintados. Nêste momento, por exemplo, um corpulento mastim dorme ao fundo da escada.

Esperaram pelas sete horas da manhã para entrar em casa. A criada que os recebeu disse que o doutor ainda estava na cama. Depois, preguntaram pela espôsa do médico e enquanto a criada a foi chamar, verificaram que tudo era exactamente como Robert Lees descrevera. Só o cão não estava presente.

Quando voltou, a criada informou que o cão costumava dormir ao fundo da escada, mas que tôdas as manhãs saía para o jardim.

A espôsa do médico, apertada com preguntas, confessou que o marido tinha momentos de verdadeiro desequilíbrio mental, chegando a ameaçá-la e aos filhos, os quais tinham de se fechar num quarto para se livrarem dêle. A espôsa notou também que, sempre que ocorria algum assassinato em Whitechapel, o marido se encontrava fora de casa.

Interrogado por dois habilíssimos psiquiatras ingleses, o médico declarou que admitia a acusação, explicando ter notado em si certo transtôrno mental, com intervalos, dos quais não conservava a mínima lembrança. E quando lhe disseram que, nêsses intervalos, cometera em Whitechapel vários assassínios, demonstrou por isso a maior repugnância e horror.

A seguir, entrou em confidências e nar-

rou aos especialistas que, por uma ou duas vezes, se vira sentado no quarto, como se houvera despertado dum longo pesadêlo. Numa dessas ocasiões, encontrou sangue na camisa, sangue a que atribuíu origem nasal. Doutra vez, viu a cara arranhada.

Enfim, as provas eram esmagadoras. Lá estava o fato de pano escocês, o chapéu de feltro e o sobretudo claro, descritos pelo clarividente... E quando se convenceu do seu delito, o médico pediu que o matassem, pois «não podia viver com um monstro sob o mesmo teto», conforme suas palavras textuais...

Depois, foi recolhido numa casa de saúde de Islington e depressa se transformou no louco mais perigoso do estabelecimento. A junta de especialistas que o examinou foi de parecer que, no estado normal, aquêle médico era pessoa respeitável. Fora disso, porém, era um verdadeiro monstro.

Chegaram a fingir o entêrro do homem, para que a sua personalidade esquecesse inteiramente. E um caixão vazio repousa em determinado cemitério londrino, onde se julga existir o corpo dum grande médico de West End, cuja morte foi muito lastimada.

Nenhum dos seus guardas chegou a saber que **Jack, o Estripador** era aquêle desgraçado que se atirava de encontro às paredes almofadadas da cela, em gritos lancinantes e gestos de autêntico desespêro. Conheciam-no, apenas, pelo n.º 124.

Êste impressionante caso foi revelado há cêrca de catorze anos pelo «Daily Express» (1), após a morte de Robert Lees, que levara a Raínha Vitória a interessar-se pelas ciências psíquicas e durante muitos anos recebera do Cofre Privado pensão avultada, com a condição de nunca revelar o verdadeiro nome de **Jack, o Estripador.**

O «Daily Express» extraíu a notícia dum documento secreto que Robert Lees tinha confiado a um amigo, para que só o publicasse depois da morte do vidente.

Sabe-se agora que **Jack, o Estripador** era um tal «Doutor Jekill e Mr. Hyde de Stevenson», isto é: de dia, um médico respeitável; de noite, o diabo em figura de gente.

Aqui está como foi descoberto um dos mais estranhos criminosos, graças à mediunidade de um clarividente, sem a qual os crimes de **Jack, o Estripador,** teriam ficado imersos em mistério impenetrável.

(1) *Daily Express* de 8 e 9 de Março de 1931.

A Lenda das Pedras

Houve tempos em que os homens mais instruídos da sua época acreditavam que, de entre os seres, só o homem sentia. Depois, reconheceu-se o êrro em que cairam, mas não se vai até o fim: tôda matéria é sensível. O hilzooísmo é teoria exacta e verdadeira. Por exemplo: todos os corpos, sem excepção, sentem o calor e o frio e no-lo mostram... O éter, isto é, a vida, está em todos os pontos.

Bem; um dia uma pedra escura e informe contava seus males a uma de suas semelhantes e dizia-lhe:

— Um ser que se intitula rei da criação, arroga-se o direito de bater-nos, em mim e nos meus, de ferir-nos a golpes de instrumentos duros e cortantes. Quebra-nos, despoja-nos e só descansará, depois de nos reduzir a nada.

A outra respondeu-lhe:

— As vossas desgraças não têm valor, comparadas às nossas. Sabei que êsse rei bárbaro, êsse deus sem coração, o homem, pois que devo chamá-lo por seu nome execrando, veio arrancar-nos do seio da terra, onde repousávamos sossegadas, há tanto tempo, que já havíamos perdido a lembrança da nossa origem. Agarrou-nos com o mesmo ferro sob o qual gemeis e, além disso, lança-nos em fornalhas ardentes, onde o sangue se carboniza e transforma em vapor, onde os nossos ossos, primeiramente calcinados, se fundem depois, debaixo dum sôpro infernal...

Era assim que duas pedras informes e escuras proferiam suas queixas no seio uma da outra.

Mas, tempos depois, encontraram-se reünidas sôbre a cabeça do rei que maldisseram, sôbre a fonte do deus contra quem blasfemaram. Encontraram-se, uma sob a forma de círculo de oiro cintilante, outra sob a de um diamante donde irradiavam mil centelhas. E todos as admiravam.

Então, um tanto embaraçadas, disseram:

— ¡Quão loucas éramos nós, quando lastimávamos a nossa sorte! ¡Em lugar de pedaços de matéria tôsca que éramos, passámos por todos os graus da perfeição e resplandecemos hoje com vivíssimo brilho na fronte do nosso senhor, que nos uniu à sua glória! — Dr. Paul Gibier.

O AMOR TUDO VENCE

por Ângelo da Costa Cabral

I

O Amor é um sentimento que brota do coração, é a nossa actividade progressiva para o Bem, que nos impele a ajudar tudo e todos, a estimá-los tanto ou mais de que a nós próprios, a melhorá-los, a espalhar a felicidade em tôrno de nós, a vibrar com êles, sentindo os seus desgostos e alegrias, rindo quando êles riem, chorando quando êles choram, a sermos felizes quando vemos os outros felizes, sentir que êles são uma parte de nós mesmos, e o que a êles sucede é como se sucedesse a nós próprios, quando lhes sucede mal é como se nos despedaçassem e arrancassem o coração.

«Deus é Amor», e assim aquêle que permanece no Amor, permanece em Deus e Deus nêle (1.ª Epístola de S. João aos Cor. IV-16).

O Amor é infinito como o próprio Deus e goza de todos os atributos divinos.

O amor é o maior dos sentimentos

Devido à multiplicidade das suas fases, o Amor é o maior dos sentimentos humanos, ultrapassando o que se pode considerar como sensação ou emoção física, mental ou espiritual.

O Amor não é egoísta, ajuda todos indistintamente, mas também pode ajudar cada um individualmente. Pode-se, pois, afirmar com Théiron, que «*o Amor é o que há de maior no mundo*».

Para compreendermos bem o que é o Amor será útil dirigirmos a nossa atenção durante alguns instantes sôbre a origem e evolução dêsse sentimento, o mais nobre de todos, a própria quintessência do Eu Superior. Êle é a polarização do positivo e do negativo, que se manifestou originàriamente no curso da atracção química da matéria original. Foi êsse sentimento que captou o pólen, o qual, espalhando-se, ornamentou finalmente a terra de verdura e de flores. Foi êle que permitiu aos pássaros propagarem-se no espaço, aos peixes no mar e às inúmeras espécies que se espalharam por tôda a terra. Foi êle que fêz os sêres primários começarem a interessar-se pelas gerações que deram à luz, interêsse que foi aumentando e dissolvendo-se até fazer nascer o sentimento da família; na sua evolução crescente êste Amor estende-se aos vizinhos, à tribu, à pátria, gerando o patriotismo e o respeito pelas instituïções nacionais. Êle continuando a crescer inspirou alguns, infelizmente ainda poucos, mas cujo número irá aumentando, dum grande amor, puro e desinteressado, por tôda a humanidade, realizando a fraternidade humana, chegando êsse amor a estender-se a todos os sêres. É ainda o telescópio espiritual por meio do qual nos nossos dias, como no passado, almas eleitas podem olhar para trás e contemplar a Vida, a Inteligência, a Substância Única na qual a humanidade «vive, move-se e tem a sua origem».

Foi, enfim, o animador indispensável de tôdas as fases evolutivas de que o homem é finalmente proveniente e por meio das quais êste último afirmou a sua razão de ser: o amor do ser humano pelo ser humano, o amor por todos os seres e o amor pela Origem de tôdas as coisas, por Deus.

O Amor é a única coisa em todo o Universo que está acima e além de tôda a Lei, a única coisa também pela qual tôda a Lei existe. Evidentemente que não me refiro às leis e regulamentos que os homens estabeleceram para os seus semelhantes.

A Lei é uma revelação e não um regulamento e «o Amor realiza tôda a Lei».

O Amor é a única herança que não pode ser-nos tirada em nome da lei.

O Amor não custa nada. O Amor é o único bem no Universo que nos permite tudo possuir sem monopolizar o que quer que seja. É a única coisa que nos dá o nosso valor na falta do qual estamos em *déficit* diante do Absoluto. Somos sêres incompletos.

Só o Amor é capaz de revelar o sentido da grandeza da existência . *O Amor é o nosso estado natural.*

O Amor é o elemento evolutivo mais importante, o móbil por excelência de tôda a evolução.

É um esfôrço sempre crescente da parte do candidato a espiritualista, a só ver o lado bom de tôdas as coisas. Assim descobrimos bem depressa o que em cada pessoa e em cada coisa é eminentemente utilizável. É ùnicamente agindo assim que chegaremos a desenvolver o que há de melhor em nós.

O Amor é contentamento

Tudo o que amamos satisfaz o nosso sentimento de adaptação a essa coisa. Podemos, em todo o caso, estar convencidos disto: o *que vemos nos outros é ùnicamente o refrexo das coisas que existem em nós, pelo menos em estado latente.*

E do nosso mais alto interêsse desenvolver em nós as qualidades que nos serão mais úteis na realização do fim da nossa vida.

Os cegos não podem gozar dos belos raios dum magnífico pôr-do-sol. O brilho cintilante dum diamante ou duma opala e o lindo azul celeste estão perdidos para os privados de vista.

Embora o cego não veja o sol, não quere dizer que êle não exista. Porém, porque os atacados de cegueira espiritual não vêem os Protectores Espirituais, e porque os desprovidos de sensibilidade os não sentem, não quere dizer que não existam.

O Amor também é cego, mas para os defeitos dos outros. Se passarmos tão ligeiramente quanto pudermos sôbre as faltas dos outros e exaltarmos as suas virtudes, produzir-se-á o resultado, que teremos colocado o nosso pensamento consciente sôbre os valores, em vez das dificiências. De tal maneira desenvolveremos em nós, sem o notarmos, uma disposição mental tendente à benevolência antes de que à crítica, pois que «o homem é o que pensa».

É preciso evitar a todo o transe o espírito de crítica que nos leva a notar constantemente os defeitos dos outros, a não deixar passar em claro as suas faltas, a chamar-lhes a atenção sempre que empreguem uma palavra que possa ter uma aplicação indevida, quando muitas vezes sabemos bem o sentido que os outros lhe querem dar, que é o que importa, a procurar contradições aparentes em lugar de desfazê-las. Em vez de procurarmos explicar a nossa indevida atitude com os defeitos alheios, que de forma alguma justificam o nosso procedimento quando êle não é correcto, seria melhor que olhássemos para nós e corrigíssemos as nossas deficiências ou procurássemos ver as boas qualidades dos nossos semelhantes. Precisamos, porém, tirar a poeira dos nossos óculos, se queremos contemplar a beleza duma païsagem ou as virtudes do próximo.

A alma verdadeiramente amorosa é exigente para consigo própria e tolerante para com os demais. Procura compreendê-los em vez de exigir que a compreendam a si. Tudo perdôa, porque tudo compreende. Para auxiliar todos é preciso compreender tudo. Há pessoas que não compreendem os outros, mas não admira, porque elas às vezes nem a si se compreendem.

Sejamos benévolos e indulgentes em tudo. Olhemos com bondade e carinho a todos sem excepção.

Devemos ser juizes honestos e imparciais

Ninguém pode pretender conhecer os móbeis que fazem agir o seu semelhante desta ou daquela maneira e lançar um julgamento sôbre os actos do seu próximo, sem revelar ao mesmo tempo os seus próprios móbeis. É muito simplesmente o absurdo da hipocrisia. Que cada um de nós procure com mais zêlo considerar-se no caso de outrem e decidamos como Confúcio: «Que não faremos aos outros o que não queríamos que nos fizessem».

É-nos possível amar a vida nos outros, pois que ela é a fôrça animadora comum a todos. Pode suceder que não apreciemos a maneira como esta expressão se manifesta em qualquer dos nossos semelhantes, e por essa razão a aparência que dá dêle mesmo; mas podemos perfeitamente amar a Vida que está nêle. A vida que anima o seu corpo é idêntica à que me faz mover, agir e viver, como a onda transmissora, à qual o meu aparêlho receptor está ligado é idêntica àquela com a qual o seu está pôsto em contacto.

Segui o velho preceito hebreu: «Ama o teu próximo como a ti mesmo», porque êle e vós sois ambos a expressão da Vida Suprema. As glândulas dos vossos organismos são as células químicas por meio das quais o Raio Omnipresente da Vida circula. Uma vitalidade juvenil manifestar-se-á em vós no limite criado pelo bom funcionamento de tôdas as vossas glândulas. O melhor do homem reside no mais profundo dêle próprio, ainda que raramente lhe dê expressão. Êle parece-se às vezes com tal indivíduo, cujos gôstos musicais não são nada elevados. Pode possuir um excelente aparêlho receptor e talvez mesmo receber a audição da mais bela sinfonia de orquestra duma estação emissora, mas

preferirá captar a audição dum *jazz-band* de música sincronizada de mau gôsto.

Podemos adquirir o hábito de amar tudo da vida, ainda que não possamos apreciar algumas das suas expressões.

Procuremos sempre as coisas dignas

Citemos novamente o Mestre Jesus: «Não julgueis segundo as aparências, mas segundo a justiça». Antes que uma pessoa atinja um estado perfeito, antes que se tenha suficientemente desenvolvido e transformado, que não atinja a perfeição, o fim», pronuncia palavras ou pratica actos que denotam ausência de maturidade. É-nos pois aconselhado não julgar segundo as aparências, mas antes sôbre o que a pessoa diria ou faria, logo que seja capaz de dar *exacta expressão dela mesma*. Não julgueis, pois, o ser humano, senão quando chegar ao máximo do seu desenvolvimento.

Não ver o seu semelhante senão através das suas aparências e circunstâncias *aparentes* que nos rodeiam, dá pela continuação uma disposição sarcástica, cínica e maldizente, que leva a dizer mal de tudo e a achar sempre defeitos. Pode dizer-se que êsses censores inveterados não são simpáticos nem mesmo espiritualistas, embora possam julgar o contrário. Por isso tirai o pó dos vossos óculos e olhai melhor.

Sempre que julgueis uma pessoa, pensai bem que é sôbre vós próprios que emitis êsse julgamento.

¿Porque mostrar, pois, publicamente as vossas faltas ou os móbeis que vos fazem agir?

Diz-se que o Amor era um sentimento. É muito mais. É o factor mais poderoso, mais prático, mais sublime no desenvolvimento do nosso próprio carácter.

É o caminho mais curto e mais seguro para se chegar ao fim desejado: à Perfeição.

Adquiri o hábito bem determinado de ver sempre nos outros os seus lados bons, aquêles que têm valor, de não falar senão dêstes sem nunca vos aperceberdes das suas faltas ou das coisas que neles são sem valor. Desta maneira auxiliaremos os nossos semelhantes, porque fortificaremos as suas boas qualidades e receberemos a sua benéfica conseqüência, porque desta maneira cultivaremos e desenvolveremos em nossos caracteres tôdas as qualidades que lhes são inerentes. Nas relações com os vossos semelhantes fechai, pois, resolutamente os olhos sôbre o que constatardes de repreensível, recusai-vos mesmo a notá-lo, sobretudo se estais bem decidido a reprimir nas vossas próprias vidas o que é pouco recomendável. Já Jesus dizia: «Não julgueis para não serdes julgados».

Uma vez adquirido êsse hábito de constatar nos outros apenas o que é digno de louvor encontrareis em vós a justa recompensa.

Pela seguinte lenda persa que nos conta o sr. Robinson vemos que Jesus nos ensina a apreciar o que há de bom em cada um.

«Jesus ao chegar em certa tarde às portas duma cidade, mandou aos seus discípulos preparar a ceia, enquanto Êle, sempre empenhado a fazer o bem, caminhava pelas ruas até ao mercado. Aí viu um ajuntamento de povo a olhar para um objecto no chão. Ao aproximar-se percebeu ser um cão morto com uma corda ao pescoço, indicando que tinha sido arrastado: era uma coisa imunda, vil, nauseabunda. «Ui! — disse um dos circunstantes tapando o nariz —, que mau cheiro! Isto infecta o ar». «¿Por quanto tempo continuará a ofender-nos a vista e o olfacto esta nojenta carcassa?» — disse outro. «Olhem a sua pele rota — disse um terceiro — nem dá para dela se fazer uns sapatos». «E as orelhas — disse um quarto — tôdas rasgadas e sangrentas». «Sem dúvida — disse outro — foi morto por furtar». Jesus ouviu os comentários e olhou com pena para a pobre criatura morta. «Pérolas, porém, disse Êle, não podiam ser mais alvas que os seus dentes». Os circunstantes olharam admirados para Êle e disseram entre si: «¿Quem será êste, senão Jesus, o Nazareno? Porque mais ninguém achará em um cão môrto alguma coisa digna de merecer pena ou aprovação. E assim, envergonhados, baixaram a cabeça na Sua presença e desapareceram.

Como vemos, existe sempre qualquer coisa que possa apreciar-se em qualquer ser que encontremos. A criatura mais feia possui sempre qualquer traço que resgate a sua fealdade.

Procuremos, pois, em tôda a gente com quem entremos em contacto, êsse traço, qualidade ou virtude que possamos com tôda a sinceridade, notar e apreciar. Cultivai esta atitude mental e tornar-vos-eis bem depressa um imã atraindo para vós ùnicamente os bons pensamentos e as coisas dignas de louvor.

Mas nunca vos entregueis à lisonja, gabando nos outros o que não possuem, porque isso seria uma hipocrisia e, como tal, indigna dum espiritualista. Porque a falta de sinceridade é não sòmente um dos maiores inimigos do homem, mas também uma das causas da sua perda.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Fala o assassinado

Temo-lo dito muitas vezes: Há factores providenciais que garantem a marcha da doutrina espirita, sejam quais forem as dificuldades que se apresentem. No dia em que, por absurdo, tôda a nossa bibliografia desaparecesse sem deixar vestígios, os espíritos continuariam do Além a ditar as suas comunicações e nova bibliografia se espalharia no mundo, levando às mais longíquas paragens a verdade revelada.

Não há razão para sustos, nem receios, sabido que as restrições impostas ao Espiritismo são de carácter transitório e reveladoras da hora que passa, cheia de exclusivismo, de competição, de egotismo, próprios de evolução deficente e acanhada. Aqui e ali, surgem os factos que se impõem à ciência, e tocam quási sempre a alma das multidões. E a coisa vai tomando vulto, exterioriza-se, transcende os laboratórios, galga as fronteiras, até que a Imprensa a conduz em suas azas de águia, através de cidades, de províncias e de continentes...

O fenómeno produz-se em qualquer parte, quando menos se espera, desde que o ambiente seja propício.

O que vai ler-se é transcrito do *Jornal de Alagôas* de 1 de Outubro de 1944, mas sucedeu no Salão do Tribunal do Júri, em Aracaju, Estado de Sergipe, Brasil, em 10 de Junho de 1930, conforme relata o *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, de 20 de Agôsto do mesmo ano, que publicou a acta, na íntegra. O réu cai em transe e permite a manifestação do assassinado:

Constituiu impressionante fenómeno espirita o que aconteceu no Salão do Tribunal do Júri, no edifício do Palácio da Justiça, com a presença do Juíz de Direito da 3.ª Vara da Comarca e Presidente do Tribunal, Dr. Olímpio de Mendonça, do Promotor Público Dr. Enock Santiago, e partes.

Após ser feito separadamente o interrogatório dos réus, foi iniciada, por ordem dos escrivães, a leitura do processo. Na ocasião em que era lido o auto de levantamento do cadáver, deu-se um estranho caso com o réu Heraldo Sebastião dos Santos, que impressionou tôda a assistência, tendo o Dr. Juiz de Direito solicitado a intervenção do Dr. Rodrigues Nou, Juiz de Direito da Comarca de S. Cristóvão, pessoa entendida em psiquismo, que estava casualmente no local. Êste, suspendeu a sessão e mandou recolher o réu à Penitenciária do Estado, em carro da Assistência Pública, solicitando aos Drs. Enock Santiago e Clodomir de Sousa e Silva, que se dignassem descrever o acontecimento. O Promotor começou a narrar do seguinte modo:

«Em plena sessão do Júri, que se realizava hoje no Palácio da Justiça, desta Capital, ocorreu um facto de verdadeira sensação. Procedia o escrivão Sr. Durval Correia de Araújo à leitura do auto de exame cadavérico de Pedro de tal, encontrado morto no povoado Barro Vermelho, nesta cidade, quando se ouviu na sala uma voz que pronunciava estas palavras: «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo», seguidas de um baque, que era a queda do réu Heraldo Sebatião dos Santos, acusado da morte de Pedro de tal, juntamente com o réu José Félix dos Santos. Tomada de pasmo, a assistência logo compreendeu tratar-se de um fenómeno que, para uns, era julgado como epilepsia, e, para outros, uma revelação espirita.

«Maior apreensão causou ainda a todos, quando se verificou que a posição em que caíra o doente, ou o actuado, era justamente a que correspondia à posição descrita pela peça judiciária firmada pelos médicos legistas, em que foi encontrado o cadáver do assassinado, e que se acabara de ler.

«De bruços, na sala do Júri, o réu entrou a narrar o crime que se ia julgar, passando, então, a ser obstada a narrativa por intervenção do Dr. Rodrigues Nou que, por coïncidência, foi encontrado em outra dependência do Palácio de Justiça e foi convidado a se manifestar a respeito, como conhecedor do fenómeno.

«O réu disse que estava jogando, tendo pôsto Cr$ 10,00 numa carta, chegando a ganhar Cr$ 116,00 declarando então o môrto que não pagava a importância. Nesta altura, parou a narração, entrando a soluçar, acompanhado de convulsões. Depois, declarou: «Aqui está Manuel Lindolfo da Luzia!» Êste era um empregado do Sr. José Freire Barreto, assassinado pelo outro réu, José Félix dos Santos.

«Continuando sob a doutrinação do Dr. Rodrigues Nou, Heraldo repetia, de quando em quando, as crises, dando quedas e chegando a quebrar uma cadeira.

«Chamada a Assistência Pública, Heraldo foi, em

estado de sonambolismo, conduzido para a Penitenciária do Estado, onde aguardará seu próximo julgamento, no fim do ano.

«Antes do ataque, o réu, ao ser interrogado pelo juíz, se tinha alguma declaração a fazer aos jurados, disse: «Eu tenho tanta culpa nêste crime, quanto a Virgem Maria!», heresia esta que impressionou a assistência.

«Heraldo sempre negou o crime, sendo a cena de hoje, em que foi protagonista, uma observação para os entendidos. As declarações de Heraldo são desconhecidas do processo, pois o crime, praticado misteriosamente, não ficou desvendado em suas minudências.

«O Dr. Clodomir de Sousa e Silva, narrando o acontecimento, fê-lo da seguinte maneira:

«Na qualidade de curador dos réus Heraldo Sebastião dos Santos e José Félix dos Santos, processados pelo crime de homicídio cometido contra Pedro de tal, no local Barro Vermelho, arrabalde desta cidade, compareci à sessão do Júri no dia 20 de junho corrente, quando êles iam ser julgados.

«Declaro que no momento em que se começava a leitura do processo, o acusado Heraldo, sen nenhum movimento ou circunstância que denotasse anomalia em suas funções orgânicas, tanto que, por ocasião do interrogatório, declarou que era tão culpado naquele crime como a Virgem Santíssima» — caíu de repente em meio da sala, em posição idêntica àquela em que foi encontrado o cadáver de Pedro de tal: — de bruços, com o braço direito sob o abdómen e o esquerdo estendido em recta ao longo da cabeça. Seu corpo esteve completamente imóvel por alguns minutos; logo a cabeça começou a mover-se da direita para a esquerda e êle, em voz abafada, porém perfeitamente inteligível, pronunciou esta expressão: «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo», e entrou a identificar-se um indivíduo que dizia ser o assassinado, anunciando que o crime se dera por questão de jôgo, havendo, numa mesa em que estava o assassinado, José Félix, Heraldo e alguém chamado «Palmeira dos Índios».

«O Heraldo empalmou uma carta de rei de copas, que colocou no bôlso, carta que era a maior, e que apresentou para ganhar, dêle, assassinado, a importância de 130 e tantos cruzeiros. A esta oportunidade consultou o juiz ao promotor e ao curador dos réus quanto à conveniência de chamar-se um médico, ponderando-lhe o curador, que ora aqui declara, não lhe parecer preciso, visto não se tratar de doença, mas sim de um fenómeno estranho aos arraiais médicos.

«Solicitado, como pessoa versada em ocultismo, o Sr. Juiz de Direito de São Cristóvão, Dr. José Rodrigues Nou, êste aplicou fórmulas que fizeram o paciente voltar ao estado normal. Logo depois, Heraldo tomba de outra posição, já proferindo a mesma expressão: «Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo» e identificando «Manuel Lindolfo da Luzia», nome que coincide com o de um homem assassinado há tempos pelo co-réu de Heraldo, José Félix dos Santos, por qual crime o mesmo Félix foi condenado a seis anos de prisão e está cumprindo pena.

«Aplicadas as mesmas fórmulas pelo Dr. José Rodrigues Nou, voltou Heraldo aos sentidos, sucedendo-se a requerimento do curador dos réus, o Dr. Juiz Presidente do Júri, levantar a sessão, sendo o réu estudado pelo Dr. Rodrigues Nou e depois remetido à Assistência Pública, para, se preciso, ser medicado. Tendo tudo de perto observado, posso afirmar:

1.º — Houve queda do corpo e imobilidade, menos da cabeça, que se movia da direita para a esquerda, lentamente.

2.º — A feição de Heraldo estava pálida e uma crise de chôro, depois de desperto, o dominou por muito tempo. De sua bôca não corria espuma, nem os olhos estavam congestos.

3.º — Após a volta aos sentidos, não estava êle de aspecto espantado, nem com os olhos congestos.

É tudo quanto posso dizer, que é a impressão que o facto sobrenatural me causou».

Erro misterioso que evita um naufrágio

O caso que vamos transcrever não é único na fenomenografia psíquica e espirita, a que temos feito larga referência. Podemos até acrescentar que já em *Estudos Psíquicos* tratámos de um fenómeno semelhante e que deixava transparecer a existência de fôrças invisíveis exercendo acção volitiva, sem que a mão do homem se lhes pudesse opôr, com êxito seguro.

Trata-se dum navio mercante argentino. Sem que o capitão dê por tal, muda de rumo e singra para lugar desconhecido, afim de salvar um pequeno barco de pesca, que andava à deriva, havia cinco dias, por lhe ter parado o motor.

O relato é subscrito pelo Dr. M. Santiesteban, director da *Psiquis*, de Havana, e traduzido pelo *Reformador*, do Rio de Janeiro, donde o extraímos:

«Navegando pelo Atlântico, rumo ao Sul, o vapor argentino «Juncal», sob o comando do capitão Pedro Diquattro, salvou um barco de pesca chamado «Conceição», de matrícula brasileira.

O acidente em si teve a significação corrente em tais casos, freqüentes nas travessias marítimas, e que servem para demonstrar o espírito fraterno dos homens do mar. Mas êste episódio, narrado dis-

cretamente, tem o sôpro misterioso das velhas lendas do mar, pois o encontro do barco salvador com o pesqueiro brasileiro não foi motivado por qualquer pedido de socôrro, visto que o barco estava avariado e não pôde enviar mensagem alguma...

«Foi o Destino, representado por seus agentes invisíveis, que fêz mudar o rumo ao vapor «Juncal», virando-lhe a prôa para o sítio em que o pesqueiro vogava abandonado...

«Cortava o «Juncal» as águas do Atlântico, navegando em latitude paralela com o Cabo Frio. Ao meio do dia, o capitão Diquattro pôs-se a calcular o rumo e nêsse momento o oficial de pilotagem chamou a atenção do seu superior para o desvio da róta que o navio ia tomando. Com assombro do oficial, o capitão não levou em consideração a sua advertência e deixou de rectificar a direcção do navio. Todos os de bordo concordaram em que o seu chefe agia com negligência, pois o desvio de rumo ia-se tornando cada vez mais sensível. Que fazer? Aquêle desvio afastava o barco cada vez mais do seu rumo. O capitão assim compreendeu; mas, inibido, sem saber porquê, não rectificou a direcção.

«Navegavam certamente para o Sudoeste. Alguns tripulantes, assombrados, vislumbravam à distância os faróis da costa, temendo um naufrágio. O capitão, impertérrito na ponte, deixava, com gesto displicente, que o «Juncal» continuasse avançando pelas novas águas. O desconhecido, o enigma da aventura, guiava o barco. Ninguém sabia onde navegava agora o navio. À noite, quando os tripulantes pareciam sentir o ânimo enfranquecer, observou-se uma luz a barlavento, a várias milhas de distância. Não era luz de navegante; era outro barco com sinal de perigo, clamando por socôrro. O capitão, instintivamente, como se soubesse do que se tratava, pôs o barco na direcção da luz. Pouco depois, as máquinas do «Juncal» paravam junto a um barco de pequenas dimensões, que nas sombras da noite parecia ainda mais pequeno. Vozes pedindo socôrro se ouviram, enquanto alguém dizia:

— Salvai-nos por Deus! Tende piedade de nós! Deus vos envia!... Hoje, ao meio dia, passou um navio que não compreendeu os nossos sinais e seguiu o seu caminho, deixando-nos abandonados!

«Reconhecido o barco, viu-se que se tratava do pesqueiro «Conceição», de bandeira brasileira, com uma tripulação de dezóito homens. Há cinco dias que se achava avariado. Seu motor «enguiçara» no alto do Atlântico, e o barco, falto de velame, ia sendo arrastado pelas correntes. O «Juncal» iniciou o salvamento, rebocando-o até o Rio de Janeiro, livrando do naufrágio sua angustiada tripulação.

«¿Que mão desconhecida mudou o rumo do «Juncal» para que encontrasse, nove horas mais tarde, o pesqueiro «Conceição»? ¿Que fôrça de direcção o obrigou a navegar para o Sudoeste, em vez de seguir a linha recta do Sul? ¿Que vontade actuou no ânimo do capitão, para que êste não rectificasse o rumo?

«O *desconhecido*, o destino que nos leva e nos traz e nos impele como um frágil madeiro sôbre as ondas, era quem guiava o «Juncal»; não o *destino cego de fôrça brutal* que destrói, mas o Destino, vontade de Deus, sôpro de espiritualidade, que aproveitou o nobre sentimento do capitão Pedro Diquattro — argentino heróico — para levar sua protecção aos dezóito marinheiros do pequeno barco de pesca.»

Vitor Hugo Espirita

O seguinte caso extraímo-lo de *La Revue Spirite:*

Vitor Hugo acreditou nos espíritos desde quando, exilado em Jersey, ouvira falar na «Dama Branca», fantasma da ilha. Foi dali em diante que realizou sessões com a mesa-do-pé-de-galo. Costumava contar que um dia Mme. Vítor Hugo estava a interrogar uma pequena mesa, com o auxílio duma camponesa de 12 anos.

— A mesa — disse o poeta — parecia bem disposta nessa altura e animou minha mulher a pedir-me que fizesse uma pregunta. Em face disto, preguntei se a mesa responderia. E como a resposta fôsse afirmativa, inquiri: «¿Qual é a função do homem na Terra?»

Acabavam de chegar alguns amigos.

«— A pregunta não deixa de ser boa — disse um dêles.

E Charles acrescentou:

«— ¿Que pensa a mesa a respeito? Convém-lhe responder?

«— Sim — respondeu o móvel.

E, passando a vibrar, deu pancadas correspondentes à letra *E;* quatro pancadas correspondentes a *D;* cinco, outro *E,* e tudo isto não exprimia muita coisa. Depois, indicou as letras, I O R A , o que, tudo ligado, fazia *Edeiora,* palavra que, de início, nos pareceu incompreensível.

— ¿É a resposta à nossa pregunta? — interrogámos.

— Sim — respondeu a mesa.

— Mas não é palavra francesa...

— Não.

— É palavra latina?

— Não.

— ¿Serão diversas palavras latinas?

— Sim.

Com efeito, as letras ditadas decompunham-se assim: *EDE I ORA,* isto é, *come, anda, ora.*

Ainda hoje se pode ler esta frase no alto duma porta de Hauteville-House.

Notas & Comentários

Subvenções oficiais

O *Diário Oficial* brasileiro publicou em 30 de Setembro de 1944 a lista das subvenções concedidas pelo Govêrno Federal às associações religiosas, científicas e beneficentes daquêle país, no valor de 23.292.000,00 cruzeiros, nos termos do Decreto 16.641 de 22 de Setembro de 1944. A título de curiosidade, publicamos o nome de 55 agremiações espíritas que foram subsidiadas, num total de 328.000,00 cruzeiros, donde se conclui o elevado conceito em que o Espiritismo é tido pelas autoridades brasileiras.

As importâncias estão expressas em cruzeiros:

Liga Espirita do Brasil	6.000,00
Federação Espirita do Estado do Rio ...	10.000,00
Federação Espirita do Paraná	10.000,00
Federação Espirita de S. Paulo	3.000,00
União Espirita Mineira	3.000,00
Confederação Espirita de Belém	3.000,00
Centro Espirita Maranhense	5.000,00
Tenda Espirita de S. Luís do Maranhão	5.000,00
Centro Espirita Piauiense	3.000,00
Centro Espirita William Crookes	3.000,00
Sociedade Espirita de Maceió	6.000.00
Grupo Espirita Estrêla de Jacó	4.000,00
Centro Espirita, de Mesquita	2.000,00
Centro Fé, Esperança, Nova Iguassú ...	5.000,00
Lar de Jesus, de Nova Iguassú	5.000,00
Centro Espirita Friburguense	6.000,00
Grémio Espírita, Barra do Piraí	5.000,00
Grupo Espirita de Valença	3.000,00
Grupo Espirita, de Entre Rios	3.000,00
Abrigo Seara dos Pobres, D. F.	12.000,00
Abrigo Terêsa de Jesus, D. F.	25.000,00
Amparo Terêsa Cristina, D. F.	5.000,00
Asilo Anália Franco, D. F....	10.000,00
Asilo João Evangelista, D. F.	6.000,00
Assoc. Espirita Francisco de Paula, D. F.	10.000,00
Casa do Lázaro, D. F.	5.000,00
C. E. Amor à Verdade, D. F.	1.000,00
C. E. Estudantes da Verdade, D. F.	5.000,00
C. E. Humildade e Amor, D. F.	5.000,00
C. E. Joaquim Murtinho, D. F.	5.000,00
Cruzada Espirita Suburbana, D. F.	6.000,00
Asilo Legião do Bem, D. F.	5.000,00
Abrigo Olímpia Belém, D. F.	10.000,00
Dispensário António de Pádua, D. F. ...	15.000,00
Orfanato Casa de Luciá, D. F.	20.000,00
Ass. E. Anjo Gabriel, S. Paulo	5.000,00
Ass. E. Jesus Consolador, S. Paulo	5.000,00
Ass. E. Pai Jacó, S. Paulo	5.000,00
Casa de Saúde A. Kardec, Franca	10.000,00
Ins. E. H. de Campos, Campinas	3.000,00
C. E. Amor e Luz, Guaratinguetá	2.000,00
C. E. Profeta Zacarias, S. Paulo	5.000,00
C. E. da Paz e Pai Jacó, S. Paulo	5.000,00
C. E. Eurípedes Barsanulfo, Rib. Preto	3.000,00
Casa dos Pobres, Santos	5.000,00
C. E. Jesus, José e Maria, S. Paulo ...	3.000,00
C. E. Paz, Amor e Caridade, S. Paulo ...	5.000,00
União Espirita Universal, S. Paulo	5.000,00
Sociedade Espirita de Ponta Porã	3.000,00
Inst. Esp. Dias da Cruz, R. G. do Sul...	10.000,00
Soc. Allan Kardec, Pôrto Alegre	5.000,00
Soc. Ramiro D'Ávila, Pôrto Alegre	6.000,00
Centro Espirita de Monte Santo	3.000,00
C. E. de Pirapetinga	2.000,00
Grupo Espirita de Caxambú	3.000,00

Segundo lemos no *Reformador*, do Rio de Janeiro, donde extraímos a notícia, as organizações que mantêm hospitais, asilos, orfanatos, escolas e outras instituïções beneficentes, têm direito à subvenção oficial, nos termos do decreto-lei 5.698, de Julho de 1943. Nesta lista não figura a Federação Espirita Brasileira, por ter prescindido daquêle subsídio.

A nossa primeira edição

Produziu boa impressão a notícia que demos em Março último, acêrca da primeira obra que «Estudos Psíquicos Editora» vai lançar no mercado. Hoje acrescentamos novo pormenor: «Resumo da Doutrina Espirita» será acompanhado de duas outras obras do mesmo autor: «Introdução ao Estudo da Prática da Mediunidade» e «Reencarnação», como noutro lugar se informa. Acrescentamos que refundimos a tradução, de harmonia com a derradeira edição revista pelo insigne investigador.

O livro será precedido da biografia do Doutor Geley.

Êstes esclarecimentos servem para demonstrar o quanto nos interessa a escôlha dos assuntos destinados a divulgação. O campo é árido e restrito, motivo para que as obras obedeçam a selecção rigorosa, dentro dos objectivos preconizados.

O Dr. Geley não era espirita. Maior pêso tem, pois, o seu trabalho. Se a obra fôsse de indivíduo integrado na doutrina, ainda poderia haver alguém

Noticiário

Federação do Centro

Finalmente, a Direcção da Federação Espirita Portuguesa resolveu federar o Centro E. Luz e Amor pondo termo ao círculo vicioso em que se vivia há tanto tempo. Congratulamo-nos com o facto, de que só poderão resultar benefícios, e esperamos que a compreensão e o bom senso sejam normas de orientação e de trabalho proveitoso.

Pode a Federação contar com a melhor boa vontade, em tudo quanto esteja ao nosso alcance.

As nossas conferências

Como fôra anunciado oportunamente, realizaram-se no Centro E. Luz e Amor duas conferências: a primeira, em 25 de Fevereiro, a cargo do nosso colaborador Major Eurico de Castro Zuzarte e intitulada «O Cristo, Expoente Máximo da Humanidade», e a segunda em 18 de Março, intitulada «O Valor e Significado da Amizade», a cargo da Ex.ma Sr.a D. Lucinda Barata da Cruz, assinante de *Estudos Psíquicos* e amiga desta casa.

Na primeira conferência, cujo sumário publicámos no número de Fevereiro, tivemos ensejo de ouvir interessante exposição do ambiente que tornou possível a influência do Cristo e a expansão dos seus ideais de humanidade. O conferente soube argumentar criteriosamente e extrair do seu tema admiráveis conceitos que se adaptam à época que decorre e à marcha do Espiritismo. O seu trabalho foi uma espécie de prólogo do que irá dizer na segunda parte desta conferência.

Pela maneira de expôr, pela espontaneidade e oportunidade do comentário, pela viveza da argumentação, o Major Zuzarte esteve à altura da situação. É um valor com que se tem de contar. Assim o compreendeu a numerosa assistência, que lhe tributou a sua aprovação, numa grande salva de palmas.

A segunda conferência representa a estreia duma senhora que se colocou ao serviço do Espiritismo, disposta a servi-lo de alma e coração. Foi um estudo psicológico um pouco arrojado, pelas conclusões a que, por vezes, chegou; e se aqui e ali havia afirmações que se prestavam a controvérsia, o que é verdade é que a conferente manteve sempre elevação digna de aprêço.

O público, que enchia literalmente a sala, ovacionou a expositora, demonstrando-lhe a satisfação que teve em ouvir a sua conferência.

«O Comércio de Leixões»

Êste conceituado semanário que circula sob a direcção segura de Santos Lessa, alterou o ritmo da publicação. Saïrá uma, duas ou três vezes por semana, conforme as exigências do noticiário. Êste facto é o melhor sintoma do seu triunfo. Ao *Comércio de Leixões* e ao seu director, as nossas saüdações, com sinceros votos de felicidades.

Alteração do horário

De ora em diante e até resolução em contrário, as conferências do Centro serão realizadas aos sábados designados para êsse fim. Atenção para o programa dos trabalhos do mês de Abril.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Abril de 1945.

Dia 7, às 21,30 — Conferência pelo tenente João Cruz, intitulada «A Alma vem de Deus». A entrada é pública.

Dia 15, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria de Jesus Figueiredo.

Dia 21, às 21,30 — Conferência pelo Major Eurico de Castro Zuzarte, intitulada «O Cristo expoente máximo da humanidade» (continuação da conferência anterior realizada no Centro em 25 de Fevereiro). A entrada é pública.

Dia 29, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria Santana Pinheiro.

NOTA — *As sessões experimentais são exclusivas aos sócios.*

---

que duvidasse dos métodos empregados na apreciação ou na análise. Assim, não. De resto, os metapsiquistas têm sido quási sempre adversários do que chamam a *hipótese espirita*. Basta lembrar René Sudre, a quem Ernesto Bozzano respondeu magistralmente no seu livro «Metapsíquica Humana».

Arranjam explicações complicadíssimas para os fenómenos anímicos ou espíritas, emaranham ou resolvem tudo pelo *subconsciente* e ficam com ares de pessoas que encararam os mais difíceis problemas.

O doutor Gustave Geley, pelo visto, não era dêsses. Constituíu, por assim dizer, excepção à regra. Foi sábio muito consciencioso. Os leitores terão ensejo de o verificar, quando a nossa primeira edição aparecer nos escaparates das livrarias.

Aguardem a obra. Esperamos satisfazer a exigência dos bibliófilos com algumas edições ainda não conhecidas em língua portuguesa.

I. D. S.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1945 — N.º 7

Isidoro Duarte Santos Proprietário	Maria Gonçalves Duarte Santos Directora e Editora	Redacção e Administração Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

ACALMIA

O facto do Centro Espiritualista Luz e Amor ter entrado na Federação Espírita Portuguesa, ao abrigo do estatuto desta última colectividade, é acontecimento digno de registo nos anais espíritas portugueses. Entra-se em período de acalmia, tão útil e necessária nestes tempos desvairados, compreendendo-se, finalmente, que é indispensável aproveitar todos os esforços leais que se apresentem.

As lutas intestinas desagregam sempre e matam à nascença qualquer anseio de progresso efectivo e duradoiro. São mil vezes piores do que o combate de adversários menos escrupulosos, a quem todos os meios servem para agredir ou achincalhar.

O Espiritismo em Portugal tem sido açoitado por vendavais incoercíveis, relacionados com as dores do mundo em que vivemos. Em rigor, ninguém lhes pode determinar a origem. Pode haver opiniões mais ou menos aproximadas; mas, em boa verdade, o panorama é confuso, mercê de múltiplos factores que se congregaram para destruir uma doutrina de Amor, lançando nas almas certos germes que temos de combater incessantemente.

A Federação Espírita Portuguesa deve estar satisfeita com o seu acto e nós também, porque acima dos homens, com seus erros e suas simpatias, está o Ideal, que devemos servir desinteressadamente. Êste não tem culpa das nossas desinteligências sujeitas a desvarios, a paixões e a tantas outras inconveniências que, além de enfraquecer a Causa, matam as boas iniciativas.

Pela nossa parte, o acontecimento encheu-nos de júbilo, fartos, como estávamos, de incertezas e desconfianças geradoras de mal-estar colectivo.

Prosseguindo na sua obra vulgarizadora e orientadora, o Centro Espiritualista Luz e Amor tudo fará para dignificar a posição que mantém no movimento espírita português, aconselhando calma e serenidade e sugerindo atitudes cristãs que impressionem os inimigos da Doutrina.

Quanto aos centros que nos são afins, êles têm completa liberdade de movimentos e podem seguir o caminho que lhes aprouver, visto não termos qualquer intuito de hegemonia.

O nosso fim — repetimos mais uma vez — é congraçar, desfazer atritos, esclarecer dúvidas, não abandonando nunca as directrizes que norteiam os nossos passos.

Temos pontos de vista especiais por que lutamos, mas êste facto não nos impede de manter a melhor harmonia com tôdas as sociedades congéneres.

Uma vez que o bom-senso parece ter aberto as inteligências e inclinado os indivíduos à prática de actos fraternais, trabalhemos alegremente na grande seara, que aguarda a presença de obreiros sinceros e devotados.

Eis a ilação que tiramos dêste facto, que não deixará de repercutir beneficamente no nosso movimento ideológico, sôbre o qual há muitos olhos inquiridores.

I. D. S.

Maio/45

Ciência Universal

por Haydi de Thebelen

VI

DE facto só quem tenha o juízo na lua, é que nega a utilidade do Espiritismo, a não ser que, intencionalmente, por motivos mercantilistas, necessite de negar a verdade. Mas volto ao meu tema.

Uma das primeiras coisas que o estudante teosofista aprende, é a afastar-se dos médiuns, por estes serem «condutores de influências perigosas». Contudo, além doutros, o sábio dr. C. Richet estudou-os e descobriu-lhes o ecloplasma, essa matéria tenuíssima que permite aos desencarnados comunicarem connosco; classificou a *mediunidade* de sexto sentido e deu-nos com estes seus estudos uma nova ciência — a Metapsíquica. Esta continua a ser estudada pelos discípulos e continuadores da obra do grande professor que explicam à humanidade àvida de conhecimentos, os fenómenos que intimamente lhe provam a sua imortalidade.

Assim a mediunidade que tantos e tão relevantes serviços nos tem prestado e prestará ainda é uma «fonte impura»?

¿Que alegarão os teósofos contra a mediunidade do célebre Fernando de Lacerda, considerado como um dos melhores médiuns do mundo?

¿Também seria fraude, quando êle, à semelhança de M.me A. Besant, sentado à sua mesa de trabalho no Govêrno Civil, com a mão esquerda escrevia uma comunicação mediúnica, e com a direita dava despacho a assuntos referentes à sua profissão?

Fernando de Lacerda não era um erudito, e seria impossível mesmo a quem possuísse esta faculdade, escrever simultâneamente sem deturpar uma pura prosa camiliana e um despacho policial.

¿Não estarão estas provas acima das hipóteses, algumas bem emaranhadas em que muita gente vai parar à lua e outros ficam na dúvida sôbre a reencarnação?

¿E quantas, quantas outras provas possui o Espiritismo que poderiam ser aqui apresentadas, se não receasse ser demasiado longa?

* * *

Muitos têm sido fundadores de doutrinas, mas poucos possuiram tão vasta cultura como Allan Kardec.

A sua obra apresenta erros, dizem os seus detractores. É possível, porque perfeito só Deus. Mas, como fundador duma nova ciência, embora, como tudo que na terra existe, e a sua origem seja tão velha como a própria humanidade, Allan Kardec impõe-se ao respeito do mundo espiritualista. Formado em três faculdades, difundiu gratuitamente os seus vastíssimos conhecimentos ensinando física, química, anatomia comparada e astronomia.

A sua doutrina teve por bases — o *Amor* e a *Ciência,* e foi quanto bastou para que ela se impusesse em todo o mundo culto, onde se encontrassem cérebros amantes da lógica e da razão.

Na sua magnífica obra não há dogmas, não há cultos fanáticos, nem preconceitos, nem tradições bolorentas.

Há Luz, há a Verdade, há a verdadeira essência de Deus.

Por estas razões, ao cientista e ao apóstolo outros mestres vieram juntar-se; grandes corações e grandes almas lhe seguiram as pisadas. E não consta que nenhum dêles necessitasse de entrar num hospital de alienados. Pelo contrário, muitas são as casas, por êsse mundo fora, onde se tratam doentes de tôdas as espécies — e em especial obsidiados que nunca conheceram Espiritismo. A mais bela dessas casas é o Hospital Espirita de Teresópolis, no Rio Grande do Sul. É esta uma das mais irrefutáveis provas de que o Espiritismo não origina a loucura — como tanta vez se me tem afirmado — antes pelo contrário, tem muita vez curado loucos...

A obra de Kardec estende as suas asas benéficas sôbre tôda a terra, porque, como o afirmou o Dr. G. Geley — «a palingenesia

triunfará tanto mais cedo do materialismo e do dogmatismo, quanto mais se subordinar ao método positivo, *sendo êste último o único capaz de realizar a união indispensável, harmoniosa e fecunda entre a intuição dum lado, e a observação, a experiência, do outro.*

Os princípios estabelecidos por Allan Kardec fazem com que o Espiritismo realize o sonho de Thaís — «ser eternamente jovem e eternamente belo» porque, *caminhando de descoberta em descoberta,* êle procura dar à humanidade o conhecimento consciente e não fanático — da existência duma Fôrça Suprema de que a nossa própria alma é a primeira prova.

E para provar a existência desta alma só o Espiritismo tem fornecido elementos que nos convencem, e não *hipóteses* que nos deixam na dúvida. Só êle procura os fenómenos que caracterizam a nossa alma, e os estuda, elucidando-nos dia a dia, sôbre os elos que nos prendem ao Grande Arquitecto do Universo, e fazendo-nos assim admirar mais e melhor as maravilhas que Êle construiu pelo Espaço Infinito.

Só os verdadeiramente loucos, ou os absolutamente mal intencionados recusam admitir que o Espiritismo *provou a imortalidade da alma.*

Os verdadeiros espiritualistas, seja de que escola forem, aquêles que não tenham *parti-pris* reconhecerão a veracidade do que afirmam estas linhas — concordando também que é preciso que haja um só rebanho, visto que a Verdade é uma só.

Estou convencida de que haverá quem discorde das minhas idéias; nem por isso os meus sentimentos de fraternidade se alterarão, nem as minhas convicções sofrerão o menor abalo. Para êste, como para outros assuntos — o decorrer dos acontecimentos provará de que lado está a razão.

*
* *

Alega-se geralmente que as religiões são necessárias para suavizar os ímpetos selvagens do género humano. Mas enquanto tôdas elas não formarem uma só religião — um só pastor e um só rebanho — a terra apresentará ainda durante muito tempo, o mesmo triste espectáculo de há tantos séculos — dor e miséria.

Mais uma vez discordo da Dr.ª A. Besant, quando diz na sua «Sabedoria Antiga», pág. 9:

«Depois de outrora ter dado nascimento às religiões, a Teosofia vem hoje justificá-las e defendê-las.»

¿Que fizeram das religiões do Velho Mundo? Que fizeram do cristianismo? ¿Em que porção contribuiram elas para a felicidade dos povos nos quatro cantos da terra, desde a África até à China e à Índia de maravilhosos esplendores e da sabedoria do Buda?

¿Que se encontra em tôdas essas paragens, áridas e requeimadas pelo sol abrazador, ou luxurioso de frondosa vegetação?

Estado social da África: o senhor e o escravo: os lares são geralmente uns covis; e na família as mulheres são (como já tive ocasião de me referir) uns animais de carga, enquanto o seu senhor e dono repousa indolentemente deitado numa esteira.

No Extremo-Oriente, ao lado do mais deslumbrante fausto, a mais degradante expoliação e a mais sórdida miséria.

O quadro em que vemos a Europa não apresenta mais belas côres, com as suas lutas sangrentas, nas quais presentemente envolveu todo o mundo. Porquê? Porque aquêles que desencadearam tôdas essas misérias e tremendas hecatombes ignoravam o verdadeiro princípio da reencarnação.

Se êles soubessem que as suas almas subiriam para o espaço rubras do sangue das suas vítimas, oh! de certo que nunca tal pensariam. De certo que não se teriam deixado levar pela vertigem das ambições, numa alucinação das mais estupendas que jamais se viu à face da Terra.

A voz das religiões encontra as multidões frias e mais interessadas em gozar as delícias da terra, do que em pensar nas glórias do céu, em que já não acreditam.

Perante o espectáculo que nos oferecem os próprios missionários dessas religiões, que se intrigam e se detestam, — porque tôdas pretendem traçar em si a verdade — os povos esperam o dia em que elas se desfaçam como leves nuvens de fumo ¿São elas, ou antes os seus representantes, os responsáveis das guerras?

Não pretendo entrar aqui nêste escabroso assunto, que me levaria muito longe, mas, a meu ver, assim como a humanidade é uma só, assim também a religião deve ser uma, porque em todos os seres humanos existe o mesmo princípio que lhe permitirá atingir a felicidade e a *libertação do ego.*

Para conseguir êste estado de alma, só a religião-ciência lhe dará a demonstração e explicação dos fenómenos espiritóides, provas irrefutáveis da imortalidade da alma.

Nêste estado de consciência o indivíduo pode evoluir, e conseqüentemente a humanidade inteira.

A História Moderna apresenta-nos já nos Países Baixos e no Novo Mundo, um esbôço, uma tendência para uma melhor compreensão do cristianismo. Por êsse facto essas sociedades são mais pacíficas, mas *sociáveis* que as da velha Europa, com a sua caduca civilização latina.

Estas linhas não encerram uma censura contra a Teosofia. Elas vêm da análise lógica que nos leva à conclusão de que os espiritualistas de tôdas as escolas, devem provar que a fraternidade espiritual não é uma palavra vã.

Se assim fôsse mais valia que emudecessem as nossas vozes, e se quebrassem as nossas penas. Ao contrário, porque o momento é de solene angústia para todos, só pela espiritualidade tanto moral como materialmente praticada se poderão amparar os exaustos pelas dolorosas fadigas que nos trouxe a Guerra Mundial e preparar corajosa e alegremente aquêles que, num ambiente de paz e de concórdia, formarão o Mundo Futuro.

Só pela fraternidade espiritual mundialmente difundida se poderá criar em todos os corações o sentimento da paz, desde o mais simples e inculto cultivador ao mais alto magistrado. Enquanto todos os indivíduos não sentirem em si êsse desejo ardente, enquanto em todos os países não houver um sincero culto pela paz, esta não será nunca uma realidade. E não será nunca o mais talentoso estadista, nem o mais hábil diplomata que conseguirão pelas vias de que geralmente se servem, estabelecer a harmonia em tôdas as nações. Surgirão sempre conflitos, obstáculos, litígios, porque os indivíduos, as raças, os povos, carecem da base essencial do que deve ser a educação da época.

¿Quantos anos ou séculos serão ainda necessários para que a religião seja uma só?

¿Que lutas será preciso enfrentar até que desapareçam certos potentados do culto, senhores de fabulosas riquezas e moralmente responsáveis dos terríveis conflitos que constantemente estalam de polo a polo, pela má interpretação que fazem dessas religiões?

Faço também minhas as palavras do Dr. G. Geley quando diz que: «os abusos da intuição são mais graves, de mais difícil reparação que os abusos da razão. Deve-se aos abusos da intuição, à diversidade, e por conseqüência à inutilidade dos sistemas filosóficos estabelecidos *a priori*. «O método intuitivo, sistemàticamente isolado, conduz-nos, pura e simplesmente, a um misticismo inactivo, ou antes a despeito dos paradoxos brilhantes e ruïdosos, não se distingue dum misticismo improdutivo. Ora algumas escolas reencarnacionistas, é preciso confessá-lo, estão ainda lamentàvelmente impregnadas dêsse misticismo improdutivo; estão ainda imbuídas de arcaicas tradições, de engrimanços, de cerimónias mágicas ou de sentimentos do velho método teológico».

A metapsíquica será a nova ciência que acabará com estas velharias e romperá os véus do mistério. O Dr. Charles Richet definiu-a «como uma ciência que tem por objecto o estudo dos fenómenos mecânicos ou psicológicos devidos a fôrças que parecem inteligentes, ou a poderes desconhecidos latentes na inteligência humana». Esta nova ciência, a que o Dr. G. Geley chamou — a ciência das almas, ou a rainha das ciências — difundirá a sua luz radiosa sôbre um dos problemas que mais interessam o género humano — a imortalidade da alma e os fenómenos que a ela se ligam.

A esta nova ciência muitos nomes ilustres já estão ligados, muitas inteligências superiores nela trabalham actualmente, e em breve numerosas serão as capacidades intelectuais que cultivarão êsse vastíssimo campo, donde colherão farta ceara de conhecimentos.

E os espíritos agarrados às velhas concepções terão forçosamente de se inclinar ante a verdade irrefutável dos factos.

Irmãos em crenças, homens e mulheres que aspirais à perfeição: que as minhas palavras encontrem eco nos vossos corações e nos vossos cérebros esclarecidos. Ávante pela Fraternidade Espiritual, pela realização da Religião Una, a Religião-Ciência, que torne os *egos* ou indivíduos valores conscientes de si próprios.

Quando assim se proceder, a humanidade poderá dizer como Júlio César: — *Veni, vidi, vici* — porque terá encontrado a vereda da libertação na terra, pelo conhecimento da filosofia da ciência e conseqüentemente da obra sublime do Criador.

FIM

As nossas conferências

Em virtude de não ter dado resultado prático a mudança das nossas conferências para os sábados às 21,30, voltam as mesmas a realizar-se aos domingos, às 16 horas, como até há pouco.

UM SONHO PROFÉTICO

por Henrique Sienkiewiez

NAQUELA noite muito se falou em defuntos, aparições, pressentimentos, fenómenos telepáticos e outros acontecimentos maravilhosos dêsses que começam a preocupar, hoje em dia, entendidos e profanos.

Achava-se entre os ali congregados o médico de cabeceira dos donos da casa, onde se realizava a tertúlia, homem conhecido pelo seu cepticismo, de que costumava fazer galas com a maior ostentação.

Num momento de pausa, depois da narrativa de uma história, uma senhora preguntou ao céptico doutor se nunca na sua vida lhe ocorrera algo de extraordinário, cuja explicação permanecesse, para êle, misteriosa.

— Em minha mocidade — respondeu o médico — tive um sonho, ou, para falar com maior exactidão, uma série de sonhos tão singulares, que superavam em portento e maravilha tudo o que acabamos de ouvir. Se lhes interessa, terei muito gôsto em contar.

E como manifestassem muita curiosidade em saber o que ocorrera ao céptico doutor, êste narrou uma história mais ou menos assim:

Há aproximadamente uns doze anos, achava-me em Biarritz a tomar banhos de mar. Mas não era esta a minha única preocupação: estava também enamorado duma bela inglêsa, certa «miss» extremamente original e sujeita aos mais singulares caprichos.

Uma vez conservou-nos até às três da madrugada — a mim e a outros de seus adoradores—em um terraço, contemplando as estrêlas e falando da possível transmigração das almas, dum para outro planeta.

Ao regressar ao meu aposento, sentia-me rendido de cansaço e nem sequer pude terminar a leitura duma carta que encontrei na escrevaninha e adormeci na cadeira. E enquanto cabeceava, pareceu-me achar-me numa grande cidade, pronto para sair de uma casa desconhecida, em cujo portal estacionava um coche fúnebre.

Para melhor fazer-me compreender, devo advertir que, ali, naquêle país estrangeiro, o transporte dos defuntos não se verificava nessa espécie de pirâmide ou catafalco que aqui se usam; mas num simples coche que se chama «corbillard», e que só se diferencia das demais carruagens por sua forma rectangular alargada, suas bambinelas de cristal e a portinhola trazeira, por onde se introduzem os atúdes. Era, precisamente, um coche dêsses, o que eu vi em meus sonhos. Mas não termina aí a coisa.

Junto ao carro fúnebre estava de pé um rapaz duns quinze anos, vestido de negro, com a jaqueta adornada de numerosos galõezinhos bordados e diminutos botões de metal. Quando percebeu a minha presença, abriu a portinhola do «corbilard» e, inclinando-se com amável deferência, fêz-me um sinal amigo com a mão, como convidando-me a entrar para o interior. E apesar de que nos sonhos as coisas mais inverosímeis e extraordinárias nos parecem naturais e comezinhas, recordo-me perfeitamente de que me senti empolgado pelo terror; e tão brusco e impetuoso foi o meu retrocesso, que bati, violentamente, com a cabeça no respaldo da cadeira em que dormia. Como é de supor, acordei no mesmo instante.

Ao cabo de dois dias, a companhia da minha bela inglêsa fêz-me esquecer por completo aquêle sonho singular; mas, na terceira noite, êste voltou a repetir-se, com a mais surpreendente exactidão.

E assim continuou a repetir-se durante três ou quatro noites, chegando a molestar-me extraordinàriamente.

O que maior estranheza e maravilha me causava, naquêle sonho, era, precisamente, a absoluta exactidão na repetição da mesma coisa, do mesmo carro fúnebre, e, sobretudo, do mesmo rapaz vestido de idêntica maneira e do mesmo gesto amável, com que me convidava a penetrar no interior do lúgubre veículo.

Ainda agora me recordo, fielmente, da sua jaqueta negra, de seus galões doura-

dos, dos botõezinhos de metal e também do seu cabelo ruivo e seus olhos castanhos, situados a grande distância um do outro e que faziam pensar, não sei porquê, nos olhos de certo peixe.

Enfim, meus amigos, vocês terão que convir comigo que em presença de semelhante repetição do mesmo sonho, eu tinha motivos de sobra para sentir-me inquieto.

Ao cabo de algumas semanas, parti para Paris e fui hospedar-me no mesmo hotel em que se hospedou a minha formosa inglêsa.

Chegámos lá, já noite, à hora da ceia, formando, entre amigos e conhecidos, uma comitiva bastante numerosa.

Apressei-me a tirar a roupa da viagem e dirigi-me, imediatamente, ao elevador, na intenção de descer logo à sala de jantar, para tomar a minha ceia. Na outra extremidade do corredor, avistei vários conhecidos, dirigindo-se também a tôda a pressa para o ascensor; mas fui o primeiro a chegar à portinhola e a carregar no botão eléctrico. Dentro em pouco, ouviu-se um ruído surdo de máquina que subia; depois, a portinhola abriu-se e... de repente, retrocedi, como se se apresentasse ante os meus olhos a morte em pessoa.

À entrada da porta estava, de pé, um rapaz duns quinze anos, de cabelos ruivos e olhos de peixe, vestido de negro, com o jaquetão adornado de galõezinhos bordados e botõezinhos de metal. Numa palavra: o mesmíssimo rapaz que, com tanta obstinação, eu vira nos meus sonhos. Estava ali de pé, junto à entrada do ascensor, ainda vacilante e movediço, e, com um gesto cheio de graça e de afabilidade, convidava-me a entrar.

Devo confessar que, pela primeira vez na vida, vim a saber que, verdadeira e realmente, os cabelos se podem arripiar de horror, na cabeça dos mais valentes.

E, então, como já disse, retrocedi petrificado, cheio de espanto, prêsa de pânico e, a grandes saltos, desci pelos degraus da escada, que conduzia à sala de jantar.

Provàvelmente o ascensor demorou ainda um instante, esperando outras pessoas, enquanto eu ainda permanecia no vestíbulo, sentado numa poltrona, procurando, com o jornal que tinha à mão, acalmar um pouco, ou, pelo menos, ocultar a minha perturbação, pois compreendi que devia estar pálido como a cêra.

E a seguir... não sei... Talvez houvessem transcorrido alguns segundos, talvez alguns minutos... quando, de repente, se ouviu um horrível grito, seguido de formidável estrondo e... perdi os sentidos.

Quando recobrei o conhecimento, vi estendidos no vestíbulo vários corpos humanos, envoltos em lençóis ensangüentados.

O rapaz também morreu, segundo soube depois. E agora, explique o caso quem se atrever.

Vocês têm motivos de sobra para me considerar um céptico, porque, confesso-o, se de outra qualquer pessoa eu ouvira o que presenciei com os meus próprios olhos, tenho a certeza de que não prestaria o menor crédito às suas palavras.

A visão de Nellie Melba

A ilustre cantora, cuja reputação era universal e que há muito era espirita, fêz o seguinte relato, no *Herald* de Melbourne:

Eu era môça, quando faleceu minha mãe. Pouco antes de expirar, reüniu-nos a todos no quarto e dirigiu a cada um algumas palavras afectuosas.

A mim, disse-me: «Deves ser sempre boa mãe para a pequena Vera». Referia-se à minha irmãzinha de quatro anos. Satisfiz-lhe a vontade.

Três meses depois, Vera adoeceu repentinamente. Acomodei-a na cama, ao escurecer, e comecei a tratá-la. Era demasiado tarde para chamar o médico e tive de me resignar até à manhã seguinte. Levantei-me cêdo; e quando estava a acender o fogão, vi, de súbito, uma terceira pessoa e. ao lusco-fusco da madrugada, reconheci que era minha mãe, com o vestuário preto que levara para a sepultura. Emudecida, observei a sua marcha através do aposento. Aproximou-se da cama de minha irmã com seu modo peculiar de levantar a mão, e curvou-se para o travesseiro. Depois, fêz um gesto estranho e desapareceu. Senti uma pancada no coração e corri para a cama. Minha irmãzinha dormia pacificamente e parecia estar melhor.

À tarde, contei a meu pai o sucedido e disse-lhe que temia graves complicações, ao que êle respondeu:

— Ora! Tira isso da cabeça!

E mandou chamar o médico, que chegou muito depressa. Era tarde demais. Minha irmã Vera expirava às quatro horas. Eis os factos, tal como se produziram.

Da *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão.

ONDE ESTÁ DEUS?

pelo coronel J. A. Costa

QUEM poderá, com segurança, responder a tão séria pregunta?

Ouçamos, porém, Luiz Figuier no epílogo da sua obra «O Destino do Homem e o Problema do Além», onde nos diz:

Coloco-O no centro do universo, ou, para melher dizer, no foco central, que em alguma parte deve existir, de todos os astros que compõem o universo e que, levados por um movimento de totalidade, gravitam, de acôrdo, em tôrno dêsse foco central.

Para determinar a posição dêsse foco torna-se necessário conhecer primeiro o Universo e todo o mecanismo de seus movimentos.

O Universo compõe-se da reünião de todos os mundos e, por sua extensão, é realmente ilimitado e infinito. Para pôr em evidência a incomensurável extensão do Universo, basta considerar as estrêlas.

Considerando em primeiro lugar as distâncias que as separam da Terra, daí se podem deduzir as distâncias que separam essas mesmas estrêlas umas das outras. Os números mostrarão que, por êsse lado, se cai verdadeiramente no infinito.

No infinito se cai também discorrendo sôbre o número de estrêlas que povoam o espaço.

A unidade escolhida para representar as distâncias que separam as estrêlas é a distância da Terra ao Sol, isto é, o comprimento do diâmetro da órbita que a Terra descreve em tôrno do Sol e esta é de 38 milhões de léguas.

Para imaginar distâncias prodigiosas como estas, temos de representá-las pelo intervalo do tempo que certos móveis conhecidos precisam para percorrer essas distâncias. Assim, um projéctil de artilharia com uma velocidade uniforme de 500^{m} por segundo, gastaria dez anos para chegar da Terra ao Sol. Se um combóio comunicasse, através do espaço, a Terra com o Sol, à velocidade de 50 quilómetros à hora, só chegaria ao seu destino ao cabo de 338 anos. A luz do Sol, percorrendo 77 mil léguas por segundo, gasta 7 minutos e 13 segundos para chegar à Terra.

Quanto às distâncias das estrêlas, comecemos pelas mais próximas: uma das da constelação do Cisne está distanciada da Terra 551.000 vezes a nossa unidade de medida. Representando essa distância pelo tempo que a luz dessa estrêla precisa para percorrê-la, à razão de 77 mil léguas por segundo, são precisos nove anos e meio para chegar à Terra.

Estando a estrêla *A* da Lira afastada de nós 1.330.000 vezes a distância da Terra ao Sol, a sua luz gastaria 21 anos para chegar à Terra. A estrêla *a* de Auriga seria visível para nós durante 82 anos, depois do dia do seu aniqüilamento. A estrêla *a* da Lira, se desaparecesse, vê-la-íamos ainda durante 21 anos, porque a sua luz gasta êsse tempo para chegar até nós. Quando se trata de estrêlas de 4.ª, 5.ª e 6.ª grandeza, as distâncias são tais, a partir das estrêlas de 3.ª grandeza, que a unidade de medida (38 milhões de léguas), apesar de ser enorme, já não pode servir. Aplicam então os astrónomos um método de comparação, baseado no poder amplificador dos telescópios.

O resultado a que se chegou com êsse método aplicado às estrêlas de 6.ª grandeza, mostra que a luz de algumas estrêlas dessa classe precisa de 1.042 anos para chegar à Terra. A de outras estrêlas da mesma classe precisa de 2.700 anos.

Algumas dessas estrêlas estão tão longe da Terra, que a sua luz só nos pode chegar 5 ou mesmo 10 mil anos depois de partir do centro luminoso.

A luz das estrêlas da 14.ª grandeza tem de gastar 100 mil anos para chegar à Terra, supondo que a luz dessas estrêlas tenha a mesma velocidade que a luz do nosso Sol — 77 mil léguas por segundo. Pode haver estrêlas tão profundamente perdidas na imensidade, que a luz delas ainda não tenha tido tempo de chegar à Terra.

Figuier conclui que o Universo, considerado sòmente pelas distâncias que nos separam das estrêlas e que também devem separá-las umas das outras, é verdadeiramente o infinito. Teremos igualmente a perspectiva do infinito, considerando o número das estrêlas. Mas a sua contagem é impossível, a partir da 6.ª classe.

O número de estrêlas, contáveis da 4.ª à 6.ª

grandeza, é: 500 estrêlas de 4.ª grandeza; 1.500 de 5.ª e 4.500 de 6.ª. Um total aproximado de 7.000.

As de 12.ª grandeza são 9.556.000. As de 13.ª grandeza dão um total de 42 milhões.

Reünindo tôdas as estrêlas visíveis, com ou sem telescópio, dão 56 milhões de sóis.

Nebulosas: São também elementos de apreciação de que Figuier se serve para nos falar das grandes distâncias. A nebulosa é um amontoado de matéria luminosa.

Uma nebulosa não é mais que o ajuntamento de uma enorme quantidade de sóis muito chegados uns aos outros. Mas a aproximação dessas estrêlas é só aparente. São separadas umas das outras por distâncias enormes. Não estão tôdas no mesmo plano, mas em profundidades muito desiguais, no espaço, e é só um efeito de óptica que as reüne, assim, para nós, em um mesmo plano aparente no campo do instrumento.

A Via Láctea não é, como quere o vulgo, o Caminho do Paraíso, mas sim uma longa série de nebulosas demonstradas pelo telescópio. O comprimento da Via Láctea é de 700 a 800 vezes a distância de Sírius ao Sol, e a distância entre estes dois astros é igual a 1.373.000 a distância que vai da Terra ao Sol.

Segundo W. Herschel, a Via Láctea deve conter mais de 18 milhões de sóis.

Para representar o comprimento desta nebulosa pelo tempo que a luz tem de empregar para percorrê-la, diz Figuier que um raio de luz partindo de uma das suas extremidades para a outra, gastaria 15.000 anos no caminho.

Como a Terra e o nosso sistema solar se acham no meio da Via Láctea, resulta, — diz Flammarion — que quando observamos com o telescópio um dos sóis dessa nebulosa, recebemos a impressão de um raio luminoso que partiu dêsse astro há 7 ou 8 mil anos.

Para chegar até nós a luz de uma das nebulosas telescópicas, gastaria, segundo Flammarion, mais de cinco milhões de anos.

A êstes cinco milhões de anos de viagem da luz pode-se, pela imaginação, acrescentar, querendo, biliões de biliões de anos.

Agora, que já se sabe que êsses mundos inumeráveis, que os instrumentos nos revelam, devem continuar ainda e sempre cada vez mais longe; que novas aglomerações de sóis devem continuar que podemos ver e medir; que, assim, os sóis, as terras planetárias e seus satélites, se juntam uns aos outros, sem tréguas e sem fim, porque, uma vez atingidos os limites marcados pela imaginação, um novo esfôrço do espírito pode levar para mais longe ainda êsses limites — continuar até ao mais profundo dos espaços insondáveis esta viagem pelos abismos vertiginosos, compreende-se que o Universo é realmente infinito!...

O espírito, porém, perde-se em tais pensamentos, porque a idéia do infinito não é para a nossa fraca inteligência.

No meio dêste espaço sem limites, acima dêste imenso cortejo de astros, em que residem entes vivos e almas sensíveis, há o Supremo Autor, há o Ordenador Supremo, de quem deriva tudo o que os nossos olhos contemplam, tudo o que as nossas almas sentem, tudo o que a nossa inteligência admira, tudo o que o reconhecimento do meu coração bendiz: — há Deus!

A fixidade, a imobilidade do Sol é relativa. O Sol move-se e, com êle, todo o sistema de planetas, asteróides, satélites e cometas, que êle arrasta consigo.

O Sol parece dirigir-se lentamente, tanto êle como tôda a sua família planetária, para o ponto do Céu em que se acha a constelação de Hércules, e isso com a velocidade de 62 milhões de léguas por ano, ou 2 léguas por segundo, o que representa, em relação ao caminho percorrido, uma vez e meia o raio da órbita terrestre. O Sol deve descrever uma órbita que compreende milhões de séculos. Mas, o que é verdade para o Sol, também o deve ser para os outros sóis, isto é, para as estrêlas.

Os sistemas estrelares devem obedecer também ao movimento geral da translação verificado no nosso sistema solar e sabe-se, a não deixar dúvida, que êsses biliões de sistemas solares suspensos no espaço infinito são dotados de um movimento que os leva, com mais ou menos velocidade, para um ponto desconhecido do Céu.

Ora, nada prova que todos êsses círculos ou essas elípses traçadas pelas miríades de sistemas solares, não têm um foco comum, e que o foco de atracção, ao qual obedece, em seu deslocamento, todo o nosso sistema solar, não faz gravitar para o mesmo ponto tôdas as outras estrêlas e seus sistemas. Assim, todos os corpos celestes, sem excepção, todo êsse formigueiro de mundos, que enumeramos, pode girar em tôrno de um mesmo ponto, em tôrno do mesmo foco de atracção. ¿Quem nos diz agora que Deus não reside nêsse foco geral, nêsse centro universal de atracção dos mundos, que enchem todo o espaço?

Êsse Deus, colocado no centro matemático

Um Caso de Premonição

Do nosso colaborador Major Eurico de Castro Zuzarte, recebemos a carta abaixo transcrita, narrando um curioso fenómeno de premonição de morte que, pela forma como se exerceu, é digno de ser arquivado nestas colunas. Eis a carta:

Borba, 29 de Março de 1945.

Ex.mo Confrade

Faleceu em Alcaraviça, lugar dêste concelho, Manuel Valente, pobre e honrado trabalhador rural, com 54 anos, perfeitamente lúcido até ao seu último momento, analfafeto e absolutamente inculto. Homem que levou vida miserável, curvado sôbre a terra, labutando pela satisfação das necessidades primárias próprias e da família, mulher e dois filhos. A seu fim estava só presente a mulher, embora o filho Fernando, num quarto ao lado, ouvisse quanto se passava. Êle chamou: «Fernando!» após o que, fixando vagamente e dèbilmente apontando no espaço, disse, bem claro:

— Já me vêm buscar.

Como o filho não tivesse comparecido ao chamamento, repetiu: «— Fernando... Já me vêm buscar... Amanhã...»

E pendendo-lhe a cabeça, expirou nos braços da mulher.

Venho narrar-lhe êste caso por ser mais um a juntar a milhares que nos mostram que, ao desprender-se-nos o Espírito dos liames carnais, seremos assistidos pelos Espíritos desencarnados dos que nos foram queridos, que nos atraem, acompanham e consolam em passagem tão culminante da nossa longa existência espiritual. «Já me vêm buscar...». Dadas as condições intelectuais, culturais e morais do paciente, do meio em que viveu e em que estava, bem como as da assistente, nêste caso estão completamente postas de parte as hipóteses de sujestão; bem como de revivências do subconsciente que fizessem aflorar-lhe ao pensamento idéias colhidas em antigas leituras, imagens que se lhe houvessem fixado da contemplação de pinturas ou gravuras, como a retenção de idéias colhidas por via auditiva, etc.

Êste homem, além da sua máxima incultura, sofria de grande surdez que só lhe permitia ouvir o que propositadamente lhe fôsse bem articulado e o impossibilitava de se interessar por uma conversação, ou colher idéias que se debatessem entre quem conversasse na sua presença.

É justamente por tôdas estas circunstâncias especiais que concorrem no ambiente dêste caso, que me permito relatá-lo, não o tendo feito com tantíssimos similares que freqüentemente vêm ao meu conhecimento, porque como espirita consciente só os considero «caso espirita» quando não há possibilidade de explicá-los por qualquer hipótese metapsíquica.

Eurico de Castro Zuzarte
Major

---

dos mundos que compõem o Universo, essa intelegência infinita colocada no Centro do Universo infinito e presidindo aos movimentos de tôdas as inúmeras falanges de corpos celestes que a nossa imaginação pode conceber e reünir, corresponde bem à idéia, que dêle se pode fazer, quando se tem a temeridade de encarar a sua temível omnipotência.

Há necessidade íntima e profunda de acreditar na Providência, de prestar a Deus homenagem e fé; sente-se que aí está a verdade, aí há paz e salvação, no presente e no futuro.

Figuier parece ter querido asentar as bases da *religião da ciência e da natureza*. Êsses princípios corespondem, crê o autor, aos desejos contemporâneos. Contentam o coração e o espírito; satisfazem o sentimento e a razão; consolam e fortificam, enfim, consagram a idéia de Deus, sem pôr de parte o Universo nem a natureza.

NOTA — Por me parecer que «O Destino do Homem e o Problema do Além» é trabalho que nem todos os leitores de «Estudos Psíquicos» terão tido ao seu alcance e achando altamente interessante e valioso êste estudo de Figuier, por nos dar, tanto quanto as faculdades do homem podem alcançar, elementos que nos permitem divagar sôbre o infinito do espaço e o infinito do tempo, para nos falar depois do ponto onde se admite que se encontrará Deus, o Criador de tantas maravilhas, ousei recolher estas notas e oferecê-las a «Estudos Psíquicos».

Maio/45

AS EXPERIÊNCIAS DO CORONEL DE ROCHAS

pelo Coronel Faure da Rosa

II

Experiências com a médium Mayo

DEPOIS da 1.ª letargia é que vem o sonambulismo a que Rochas chama o 2.º estado da hipnose, considerando a credulidade como o 1.º estado. Segue-se a 2.ª letargia em que se estabelece o estado de relação, que forma o 3.º estado, onde a memória começa a mostrar-se confusa, sem ficar completamente abolida.

Na 3.ª letargia a médium exterioriza-se e sente as sensações do experimentador, embora êste não a toque e desde que não se afaste dela em demasia. É o 4.º estado. A médium, então, começa a ver desenhar-se, à sua esquerda, um fantasma azul e apercebe-se de que êsse fantasma apresenta um buraco escuro por cima da orelha e outro no pulso. Êstes buracos correspondem aos pontos hipnógenos que são os pontos geradores do sono. Rochas nota, como já acontecera com a médium Lambert, que os pontos hipnógenos correspondem a buracos mais ou menos profundos no corpo astral ou perispírito.

Esta médium Lambert tinha não só os pontos hipnógenos, mas também superfícies bastante extensas com a mesma propriedade. A estas superfícies correspondia uma espécie de entalhes no corpo astral por onde saía o fluido para o exterior. Rochas afirma que fêz as mesmas verificações com outros médiuns.

Na 4.ª letargia que constitui o 5.º estado, a médium vê o seu fantasma à direita, agora de côr vermelha; vê-o de perfil e apercebe-se dum buraco escuro na testa e outro no pulso.

Na 5.ª letargia, ou 5.º estado, a médium vê, como num espêlho, o seu corpo fluídico completamente formado, de frente e defronte de si. Distingue buracos escuros em ambos os lados da fronte, por cima das orelhas, e ainda na cavidade interclavicular. Êste último buraco é o maior de todos.

Depois de acordar por meio de passes transversais, o corpo astral entra no corpo físico sem se desdobrar em fantasma vermelho e fantasma azul.

Com a médium Mayo no 3.ª estado (o de relação), o dr. Bertrand aproxima uma vela acesa dos olhos da médium que não reage; mas assim que Rocha fita a chama da vela, a médium tem um recuo brusco e abaixamento das pálpebras. O doutor leva-lhe ao nariz um frasco de amoníaco; a médium nada sente; mas retira a cabeça, precipitadamente, quando Rochas toca na mão do dr. Bertrand. No 4.º estado, Mayo esquece tudo e começa a exteriorizar-se. No 5.º estado vê, à esquerda, o seu fantasma, de perfil e com o rosto voltado para trás. Nêsse fantasma luzente, vê pontos escuros que correspondem aos pontos hipnógenos. Quando Rochas lhe diz que indique no seu corpo físico o local correspondente a um dos pontos hipnógenos que ela vê no seu fantasma — por exemplo o das fontes — a médium designa com o dedo o ponto hipnógeno do lado direito e não o que devia ser — o da esquerda. Mas quando colocava um espêlho ao lado do fantasma, a médium via o fantasma nêsse espêlho e, então, indicava bem os pontos hipnógenos no lado esquerdo das fontes. No 6.º estado o fantasma forma-se à direita da médium. No 7.º vê o fantasma de frente e defronte de si, um quási nada à direita. O instinto do pudor cessou e não se lembra de ninguém. No 8.º estado o fantasma é único e completo.

Em outra sessão, Rochas verifica que subsiste a vermelhidão que na véspera se produzira na mão da médium em seguida a uma pancada que Rochas dera na mão do seu corpo astral.

Confirma que o semi-fantasma que se forma à direita é vermelho e que o outro meio fantasma da esquerda, é azul. Igualmente verifica que a médium continua a ver êsses fantasmas de perfil e em sentido inverso, mas vê-os no mesmo sentido se o espêlho lhe reflecte os fantasmas. É um fenómeno que Rochas ainda não observara e que não sabe explicar, mas nota a analogia que tem

com a escrita mediúnica invertida, a qual só ao espêlho se consegue ler.

Todos os médiuns confirmam que o corpo astral só entra completamente no corpo físico aos 7 anos de idade.

Rochas notou que a sêda absorve a emanação astral quando se trate de pessoas de espírito já evoluído e o não deixem arradiar: serve de isolador. É por esta razão que certos médiuns se sentem constrangidos sob vestes ou coberturas de sêda, ao passo que respiram com mais facilidade quando envergam trajes de lã, a qual absorve as emanações mais materiais, ao contrário da sêda.

Quando a médium regressava a uma idade infantil — aos 2 anos, por exemplo — a palavra tornava-se-lhe mais difícil; com 1 ano não falava ou mal chalrava. Depois, mais infantil ainda, fazia o gesto de mamar ou gemia. Chegado ao instante do nascimento, Rochas fazia-a reentrar no seio da mãe. Imediatamente a médium se dobrava, punha os braços junto ao corpo e os punhos nos olhos até aos 5 meses de gestação; no momento da concepção o corpo revirava-se para trás e os membros distendidos ficavam numa inércia completa.

Antes da concepção, quando o espírito ainda está no espaço, a médium fazia esforços para se esquivar à fôrça invisível que parecia atraí-la. Depois, subindo sempre no tempo, responde àcêrca do que faz, sôbre o seu modo de existência, até que de novo retoma o corpo que deixara precedentemente para entrar numa outra vida. Mas, coisa curiosa, de cada vez que a fazia penetrar no seio da mãe, a médium passava pela mesma fase, caracterizada pela mesma atitude.

Cada vez que a médium passa por uma vida diferente, a fisionomia toma a expressão da personalidade que diz representar.

Quando homem, a palavra, o tom, as atitudes, diferem sensìvelmente do tom e dos gestos quando mulher. O mesmo acontece, quando passa pela fase infantil.

Bouvier nota a circunstância interessante de o médium não poder reviver uma outra vida, sem prèviamente reentrar no seio da mãe para seguir as fases da concepção.

Uma explicação da regressão da memória

Bouvier enumera 4 hipóteses para explicar a regressão da memória:

1.ª — O sensitivo teria sido impelido para um sonho em que revive um passado mais ou menos problemático.

2.ª — O pai do sensitivo, no decurso de conversações familiares, poderia ter falado do seu país natal e ter descrito os lugares, os hábitos e os factos de certos habitantes. Estas conversações ter se-iam gravado no mental do sensitivo que os utilizaria durante o sono magnético para construir uma nova personalidade.

3.ª — A educação e a instrução do sensitivo permitir-lhe-iam reconstituir, de maneira mais ou menos precisa, certos factos relativos à história do passado.

4.ª — O sensitivo podia ter vivido, realmente, no passado, nas épocas por êle indicadas e ter tomado parte nos acontecimentos descritos e contá-los como qualquer pessoa o pode fazer àcêrca da sua vida presente, reportando-se mais aos factos do que às datas.

Cabe ao investigador tomar tôdas as precauções possíveis, não aceitando como verdadeiras senão as comunicações que estejam suficientemente controladas.

Rochas faz os seguintes comentários:

Quanto à 1.ª hipótese: ¿Não será antes a *revisão* que o Espírito liberto faz dum passado *que êle reviveu nìtidamente, realmente,* graças à exteriorização quási completa a que o experimentador conduziu o médium?

Em apôio desta maneira de ver, argumenta:

1.º Que não bastava a imaginação do sensitivo para produzir, para criar, o que se considera como reconstituïção de vidas *realmente vividas* por êle até 10 séculos antes da existência actual.

2.º Que esta eventualidade, em rigor, seria plausível se se tratasse *duma única existência descrita;* mas trata-se de *muitas existências.*

3.º Nada nos permite atribuir à *imaginação* dum sensitivo — mergulhado no sono magnético lúcido — o relato pormenorizado de existências que êle revê e *revive integralmente.*

4.º Um lado notável do fenómeno reside na repetição uniformemente exacta das respostas e dos esclarecimentos fornecidos pelo médium, os quais estão sempre e em todos os pontos em conformidade com aquêles que tinha dado àcêrca da mesma vida em experiências precedentes.

Se a imaginação do médium compusesse tôdas as particularidades das existências que nos descreve, êle variava *constantemente* a descrição que nos faz. O mesmo há a dizer se se tratasse, parcial ou completamente, de

um sonho, no sentido próprio da palavra, porque o carácter do sonho é ser essencialmente variável e inconsistente. E, então, cada nova exposição *deveria diferir das precedentes*. Mas não acontece assim: Tôdas as descrições concernentes à mesma vida são perfeitamente idênticas. Êste facto, só por si, permite-nos deduzir que a «boa fé» do Espírito exteriorizado, tendo reconquistado a sua inteira liberdade durante uma ou muitas horas, é incontestável.

Não se pode rejeitar esta prova moral de boa fé àcêrca de uma pessoa, no *estado de vigília* sob o pretexto de que essa pessoa nunca varia a descrição do mesmo facto, da mesma história, porque, nêste caso, *só a memória* está em jôgo; e o cálculo, a impostura, o interêsse, podem guiar a individualidade em questão a agir segundo uma tática prevista e definida. Tal criatura julga que não a acreditam se a sua exposição fôr feita da mesma maneira, invariàvelmente. Todos os dias encontramos exemplos dêstes na vida corrente.

Mas o Espírito exteriorizado dum médium mergulhado no sono magnético lúcido, não faz cálculos desta natureza; isso são *futilidades terrestres* que, por conseqüência, não pertencem ao domínio do Espírito.

A 2.ª hipótese é judiciosa. Efectivamente, as conversações do pai, em família, poderiam ter-se gravado no mental do médium que, nêsse caso, durante o sono provocado constituïria a sua nova personalidade. Mas esta hipótese só pode aplicar-se a médiuns que produzam um único caso, uma única e mesma personalidade por êles criada, e não quando os médiuns produzam muitas personalidades, cada uma delas com as suas características próprias, imutáveis, constantes.

Nenhuma prova científica, por enquanto se pode dar em apôio da maneira de ver espírita cujos raciocinios derivam de hipóteses. Mas também, nenhuma prova científica jamais será fornecida em apôio de uma *tese diferente, contrária e oposta*.

Intimamente, e em virtude das informações precisas dadas pelos espíritos nas sessões sérias de evocação — em tudo o que se liga com a evolução da alma nas suas múltiplas existências e com as suas encarnações — nós acreditamos intuitivamente, sinceramente, que o médium revê e revive as existências reais que passou na Terra.

Erros de datas, de lugares, de minúcias, podem ter-se produzido no relato que o médium nos fêz, mas, tais erros provêm, talvez, da insuficiência do desprendimento do Espírito, insuficiência relativa, entretanto, visto que o desprendimento perispiritual e anímico está submetido a um limite que não é possível exceder sem quebrar o liame fluídico que une o corpo à alma e sem causar a morte.

Quanto à 3.ª hipótese admitida por Bouvier, Rochas confirma as apreciações que lhe sugeriu a 2.ª hipótese, substituindo a presuntiva influência dos elementos históricos adquiridos pelo médium durante os estudos.

A 4.ª hipótese de Bouvier, desenvolvida, é a nossa: a espírita. O trabalho dos investigadores, dos sábios imparciais, dos psiquistas e psicólogos *sinceros* que quiserem estudar as manifestações submetidas ao seu exame, hão de fornecer-nos a *prova científica* que até agora não se alcançou.

É preciso nascer de novo

Mansamente, desce das regiões celestiais um anjo do Senhor.

Vem cantando, dôce e suavemente.

A magnificência do uinverso resplandece diante dos seus olhos.

O brilho da lua e das estrêlas é mais intenso nessa hora.

O Anjo vem cantando as belezas da Pátria Celestial: — o amor infinito do Pai, a assistência contínua dos espíritos de luz, a felicidade das almas boas e puras . . .

E o seu cântico volve ao Céu, como uma fervorosa prece.

Uma delicada missão o traz a êste mundo de lágrimas e dores:— conduz nos braços um espírito que aqui vem de novo, para renascer . . .

E o cântico do anjo do Senhor encerra palavras de amparo e encorajamento para êste espírito que necessita de uma nova expiação.

Mas êle vem chorando, em surdina, porque já sente e sofre as trevas da noite de uma reencarnação.

Chora de saüdade do Espaço, onde o Progresso é contínuo.

Nem a mais bela canção terrena será capaz de susbtituir a que o Anjo do Senhor canta nêste momento, para encorajá-lo.

É preciso nascer de novo . . .

Lermontow

Espiritualidade Avançada

por Fiat Lux

A ciência espirita não é religião; no entanto, como tal a consideram e é tolerável, quando se não compreenda mais e se queira seguir à risca os princípios morais contidos nos livros de Kardec.

Assim, não têm razão os espiritas racionalistas, quando maltratam aquêles que não seguem os seus métodos de *cura pela palavra*. Tais *mestres* nada ligam ao muito que se tem dito desta doutrina de elevação moral. Era preciso que uns e outros dessem as mãos e procurássem, segundo os seus princípios, melhorar as condições físicas da humanidade. Como procedem, são motivo de escárneo e descrença entre os ignorantes.

*

Às vezes um espírito encorporado na esfera do planeta é chamado ao conhecimento da doutrina secreta. Já o Cristo dizia que louvado era o Pai Celestial por esconder aos sábios aquilo que se revelava aos ignorantes. Isto queria dizer que certos conhecimentos tornavam-se perigosos e em fonte de malignidade, se o ser que os aprendesse não fôsse bem formado. Geralmente, os espíritos encarnados podem ignorar as luzes da instrução; mas, em virtude da intuição que lhes é dada *gratuitamente* pelos espíritos-guias que pairam em esferas mais elevadas, estão às vezes mais aptos a compreender as questões espirituais.

¿Porque se dá tal preferência?

Pela humildade de que são dotados e que é mui difícil encontrar-se nos que julgam saber e *nada* sabem.

Os Evangelhos são fonte de claros ensinamentos, mas são livros que só se abrem com *chave de oiro*.

Só quando os espíritos-guias observam que o estudante da ciência secreta é digno de conhecer o que a Biblia encerra, é que levantam um pouco o véu. E a Inteligência, que está cativa na matéria corpórea, *vê!*

Aproveitando alguma coisa, torna-se útil no campo espiritualista, servindo de apôio aos espíritos-guias elevados para que ocultamente regenerem os mais atrasados e não assistem aos que têm tendência para o crime. A êsses chegará a vez de serem úteis, como instrumentos que são da justiça oculta.

Pelo sofrimento se aperfeiçoarão.

*

Segundo as classificações que nos são dadas, pelo pseudo-racionalismo de Luiz de Matos, nada mais há na atmosfera terrestre que *dois* elementos naturais: um, impulsionador, que tudo movimenta e domina — a *fôrça;* e outro, que é movimentado, impulsionado e dominado — a *matéria*.

Aparte a simplicidade definidora, vemos que a maioria dos espíritos incultos a que se dirigem não é capaz de conhecer profundamente tais ensinos, o que, decerto, sucederá, tratando-se de pessoas cultas que baralham e confundem propositadamente, para fazerem triunfar o seu critério e incitar aquela maioria ao ódio contra as igrejas, cujo culto é oficialmente reconhecido; e o que é muito pior, contra os seus irmãos doutras seitas e agrupamentos. ¿Será isto cristianismo de facto ou dogmatismo de seita?

¿Porque será que só é tolerável a aprendizagem em livros editados pelos herdeiros do falecido «mestre» do Centro Redentor, edições caríssimas destinadas ao povo, que mal ganha para uma côdea de pão?

¿Porque se não faculta êsse ensino nos livros gratuitamente distribuídos por quem deseja saber a Verdade?

Afinal, tudo visa o lucro, a expoliação, o monopólio materialista, como casa editora de livros profanos, que viva dêsse ramo de comércio.

É a esta conclusão que nos leva o «dever de bem pensar, de raciocinar com acêrto».

*

Não nos move qualquer azedume contra esta ou aquela seita; no entanto, não nos é lícito abdicar daquilo que a nossa inteligência alcança.

Também não queremos humilhar à culta direcção espirita que pontifica na Vila Izabel, à Rua Jorge Rudje, do Rio de Janeiro; todavia, daqui lhes diremos que lavram em êrro contra a doutrina, embora seja óptima e sã a prática da mesma, prática racional e científica que nós desejaríamos ver seguida em todos os agrupamentos que enveredassem pelo campo do Espiritismo experimental, pois que, proceder contràriamente, é ignorar o mais elementar das leis magnéticas. O êrro consiste no facciosismo e no orgulho que pretendem fixar-se

O CALIFA E O SÁBIO

Dizia-se que Hassan Mahmond Kassab, que vivia em Bagdad, era um sábio prodigioso e a tôda a gente assombrava com os seus profundos conhecimentos do Corão e da Sunna.

Sabendo disso, o califa Harum-Al-Rashid resolveu confiar-lhe um elevado cargo entre os doutores do Califado.

— Antes, porém, — disse êle — quero ter a certeza absoluta da extensão do seu valor e preparo.

E, com a sua habitual prudência, convidou-o para um passeio, nos arredores da cidade.

A discorrer em amigável palestra, poderia o sábio, durante o percurso, mostrar, de forma iniludível, a sua tão elogiada erudição.

E assim sucedeu. Ao nascer do sol, deixavam os dois o palácio, pondo-se a deambular vagarosamente pelas ruas desertas da afamada urbe muçulmana.

Largamente dissertou o sábio Hassan sôbre transcendentes assuntos da religião.

— O Corão — dizia êle ao Califa — compõe-se de 114 capítulos, 70 dos quais foram ditados em Meca e 44 em Medina. É dividido em 621 *aschars* e contém 6.236 versículos, 7 do 1.º Capítulo *Fataha* e 6 do último. Os *homens* têm 4.439 palavras e 323.670 letras, cada uma das quais encerra 10 virtudes especiais. O nosso livro sagrado cita o nome de 23 profetas: Adão, Noé, Ibrahim, Isaac, Jacob, José, El-Yoh, Jonas, Lath, Saleh, Hud, Edeio, Elias, Jahia, Zacarias, Ayub, Mussa, Harum e Maomé. As epígrafes de 4 capítulos foram tomadas de 4 animais: a vaca, a abelha, a formiga e a aranha.

Assombrava-se o califa ao ouvir tantas minúcias e dados numéricos sôbre o sagrado livro dos macmetanos.

Depois de ter falado sôbre mil outras particularidades do Corão, passou o sábio a ocupar-se dos deveres dos fiéis.

— Para os muçulmanos, há cinco deveres principais: a profissão de fé, a oração, a esmola, o jejum do mês de Ramadan e, sendo possível, a peregrinação a Meca. As acções mais importantes são a prece, a esmola, a peregrinação, o jejum, a luta contra os maus instintos e a guerra santa...

E durante todo o passeio, Hassan Mahmond Kassab não se cansou de evidenciar que em assuntos religiosos ninguém o excederia.

No trajecto, pouca gente encontraram os dois ilustres senhores: um mendigo, uma velha e uma criança que chorava junto à fonte de Salomão.

Quando regressaram ao palácio, o Califa disse ao sábio Hassan:

— Pelo que pude observar, ó sábio calculador, pouco sabes a respeito dos sagrados preceitos da nossa doutrina.

— Pouco sei?! — exclamou o outro, tomado de indizível espanto. — És demasiado exigente, ó poderoso e justo émir dos crentes. ¡Trinta anos estudei com os mais famosos doutores do Islam e com os sábios mais conhecedores do Corão discuti vitoriosamente!

— Não sabes nada — afirmou o Califa, muito senhor de si — e três vezes deste prova cabal dessa ignorância. Quando passámos ao pé do mendigo que nos estendia a mão, implorando um óbulo, não soubeste dar-lhe esmola, como preceitua o Santo Profeta (que seja Êle a paz de Allah!); quando se nos deparou a pobre velha, não soubeste ajudá-la a erguer o pesado cêsto que ansiava pôr aos ombros; e, finalmente, quando encontrámos a criança que chorava perdidamente, não soubeste dispensar-lhe uma palavra de consôlo. Ora, um homem que não sabe beneficiar um indigente, nem ajudar uma pobre mulher, nem consolar uma criança, nada sabe da vida.

E concluíu:

— O verdadeiro sábio, ó muçulmano a quem chamam ilustre, sabe tudo isto e muito mais.

E sem grossaria, mas dignamente, o despediu.

---

no Espiritismo contemporâneo: *Únicos senhores da verdade.*

*

Disseram os espíritos superiores — e a cada passo é confirmado — que devemos estudar sempre, procurando o que fôr mais elevado e compreensivel. Erasmo de Roterdão proclamou o livre exame às coisas do espírito, exaltando assim a inteligência humana; mais tarde, um anónimo professor, companheiro e discípulo do grande Pestallozi, abandonando a ciência, onde vinha brilhando com grande aproveitamento, lança-se ao estudo de fenómenos estranhos e perturbantes, compreende-os, e ridicularizado, codifica-os num ensino filosófico de grande elevação moral. Mais ainda: enquadra-os na ciência e defende-os perante os ataques não só dos padres e adeptos doutras religiões, como ainda dos sábios da ciência materialista e negativista oficializada. E afinal para quê? Para surgirem mercantilistas de espírito acanhado e proclamarem que são êles os únicos cultores da Verdade.

Moçambique, Novembro, 1944.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

E) A Alma

por Ramos Pereira

I — Fisiologia do sistema nervoso

A ALGUNS autores modernos como Hodgson, Huxley, Maudsley, Felix le Dantec, Ebbinghaus, Paulsen e outros, pretenderam, em refutação das doutrinas cartesianas, identificar absolutamente a psicologia e a fisiologia. Para êles, os fenómenos fisiológicos condicionam por completo os psicológicos; mas antes de fazermos a crítica, analisaremos até que ponto se dá êsse paralelismo, recorrendo não só à fisiologia, mas ainda à psicopatologia.

O sistema nervoso, meio de recepção e emissão, consta, em essência, de: — centros, vias condutoras, vias de associação e órgãos terminais. Os centros são células ou grupos de células receptoras ou emissoras de excitações: — cérebro, cerebelo, bolbo e protuberância. «No cérebro existem os centros mais complexos, os da personalidade; por outro lado, no bolbo, cerebelo e protuberância existem os chamados centros subcorticais,, encarregados de regular as funções não-conscientes.» (Noguer y Molins, in «Patologia Interna»). Dependendo funcionalmente da medula-espinal, existe o grande simpático que regula as funções inconscientes.

Em esquema, o sistema nervoso é formado:

- Sistema nervoso .....
  - Eixo cérebro-espinal
  - Sistema simpático
- Eixo cérebro-espinal...
  - Centros
  - Vias centrífugas
  - Vias centrípetas
  - Vias de associação
- Sistema simpático .....
  - Gânglios
  - Nervos
- Centros .....
  - Corticais-psicomotores, sensitivos e sensoriais.
  - Sub-corticais-pedunculares, cerebelosos e bulboprotuberanciais.
  - Medulares.
- Vias centrífugas .....
  - Vias principais....
    - V. piramidais
    - Nervos motores
  - Vias secundárias
    - Fascículo de Monakow.
    - Fascículo geniculado
    - Via tecto-espinal
- Vias centrípetas .....
  - Vias principais....
    - Nervos (sensitivo, raquídeo ou cranial)
    - Cordões de Goll, Burdach e sua continuação. cinta de Reil
- Vias de associação .....
  - Pedúnculos cerebelosos.
  - Feixe reticulado.
  - Cordões laterais, etc.

«A doutrina das funções do cérebro é a parte da fisiologia que mais poderosamente cativa a nossa atenção, por ser êste o lugar onde o mistério da vida nos aparece mais impenetrável. Com efeito, o cérebro não é simplesmente o órgão cuja arquitectura física e química devemos estudar, para compreender as suas funções e apreciar a sua importância no conjunto de tôdas as partes do organismo, mas também porque possui a elevada significação de ser assento e órgão da alma.» (R. Höber, in «Fisiologia Humana»):

A moderna teoria das localizações cerebrais baseia-se nas experiências de Bouillaud (1825), Dax (1836), Brocca (1861), Hughlinds Jakson (1864) e Frits Ch e Hitzig (1870). Brodmann, Vogt e Economo levaram a cabo um estudo sôbre a massa cerebral, donde concluiram que a «distribuïção das funções na massa coïncide exactamente com a disposição arquitectónica desta, sobretudo pelo que se refere à classe, tamanho e distribuïção das células nervosas (citoarquitectónica), mas também à

(*) Ver *Estudos Psíquicos*, de Julho de 1944 a Abril de 1945.

disposição das fibras nervosas miclínicas (micloarquitectónica).»

Pôsto isto, indiquemos a localização dos principais centros:

Centros	Localização
1.º — *Centros psico-motores:*	
a) — da memória auditiva das palavras	1.ª e 2.ª circunvoluções temporais esquerdas.
b) — da memória visual das palavras	Parte inferior do lóbulo parietal.
c) — da memória dos movimentos da escrita	Pé da 2.ª circunvolução frontal esquerda.
d) — da memória dos movimentos de articulação da voz.	Pé da 3.ª circunvolução frontal esquerda.
2.º — *Centros motores:*	
a) — lingua e músculos da cara	Parte inferior da circunvolução frontal e parietal ascendente e opérculo rolândico.
b) — membros superiores	Parte média da mesma circunvolução.
c) — membros inferiores.	Por cima dos anteriores.
3.º — *Centros psico-sensoriais:*	
a) — visual	Face interior e interna do lóbulo occipital.
b) — auditivo	Parte posterior da 1.ª e 2.ª circunvoluções temporais.
c) — olfactivo-gustativo	Extremidade anterior da circunvolução do hipocampo.
d) — sensibilidade táctil e para a dor.	Sobrepostos aos psicomotores.
e) — centros de coordenação dos movimentos voluntários e do sustentamento do equilíbrio do corpo	Cerebelo.
f) — centro reflexo das impressões ópticas ou luminosas e dos movimentos reflexos da pupila e do globo ocular	Tubérculos quadrigémios anteriores.
g) — centro de recepção e emissão das fibras acústicas	Idem, posteriores.
h) — centro respiratório	Bolbo raquidiano.
i) — centro vaso-motor	
j) — centros secretores	
k) — centro da fonação	
l) — centro de deglutição	
m) — centro térmico.	

Lògicamente, qualquer lesão sofrida por estes centros tem os seus reflexos psicológicos que parecem à primeira vista virem confirmar plenamente a hipótese do paralelismo psico-fisiológico absoluto.

Passemos em revista alguns dos principais estados patológicos do sistema nervoso tendo por origem a lesão dos centros apontados:

Lesão do:	Efeitos
Centro da memória auditiva das palavras.	Surdez verbal.
Centro da memória visual das palavras.	Cegueira verbal.
Centro da memória dos movimentos da escrita.	Agrafia ou alexia óptica.
Centro da memória dos movimentos de articulação da voz.	Afasia motriz.
Centros motores.	Paralisia, convulsões, etc.
Centro visual.	Hemianopsia (cegueira), lesões irritativas: — alucinações, manchas brilhantes e móveis no campo visual (escotoma cintilante).
Centro auditivo.	Hipoacusia ou surdez.
Centro olfactivo-gustativo.	Perda ou diminuïção do olfacto (anosmia); perversão subjectiva do olfacto (parosmia); perversão que torna agradável os cheiros fétidos (cacosmia); abolição do gôsto (ageusia); diminuïção do gôsto (hipogeusia); perversão do gôsto (parageusia).
Centro da sensibilidade táctil e para a dor.	Hemianestesia do lado oposto do corpo.
Cerebelo.	Incoordenação motriz (ataxia); diminuïção do tom muscular (hipotonia); movimentos voluntários não graduados (hipermetria).
Tubérculos quadrigémeos:	Movimentos dos olhos e cabeça.
anter. — excitação	Dilatação e imobilidade ocular.
» — destruïção	Hipoacusia.
posteriores	
Centro respiratório.	Morte.

Contudo, estas doenças de carácter lesional interessam mais à fisiologia que à psicologia. A esta convém mais o estudo das psicoses constitucionais do qual induziremos o comportamento do indivíduo normal e atingiremos o fim em vista, pois que não há diferença entre o cérebro daquêle e o dum normal.

DR.ª AMÉLIA CARDIA

Faz hoje sete anos que a doutora Amélia Cardia regressou à pátria espiritual. Deu-se o facto em 30 de Abril de 1938 e parece que foi ontem.

Agora, que **O Mensageiro Espirita** vai reaparecer nas lutas doutrinárias, é oportuno evocar essa figura de batalhadora que tão alto soube erguer o lábaro da fé.

DR.ª AMÉLIA CARDIA

Já aqui fizemos referência à sua personalidade literária, pondo em relêvo a elegância das atitudes e do verbo que a caracterizavam e lhe outorgavam lugar de distinção entre as mulheres cultas da nossa terra, o que não obsta a que o façamos novamente e tantas vezes quantas fôrem necessárias.

Lembrar os nomes de velhos pioneiros que honraram o Ideal com a contribuïção do seu esfôrço ordenado é dever de uma revista como a nossa, que tudo faz no sentido de enaltecer ou estimular as virtudes dos adeptos que se imponham.

A doutora Amélia Cardia dirigiu o **Mensageiro** durante cinco anos de lutas acérrimas; e desde o artigo de fundo, sempre adequado às circunstâncias e vasado em ouro de lei, até à análise dum fenómeno ou à crítica duma obra filosófica, a sua presença era notória — era, mesmo, inconfundível.

Tais normas legou ao sucessor, que as dificuldades, para êste, eram quási insuperáveis, pois se tornava indispensável seguir a tradição dum jornal mentalmente acreditado e a bagagem do legatário era deficiente e sujeita a sérios percalços.

Foi um dos melhores valores da Federação Espirita Portuguesa, que serviu com isenção; e teria colaborado em **Estudos Psíquicos**, se não houvesse antecipado a grande viagem inevitável.

Sete anos se escoaram na ampulheta do tempo e parece que foi ontem que o caso aconteceu. Cada vez mais nos capacitamos da fragilidade humana, isto é, da triste condição em que somos chamados a desempenhar na terra o nosso papel de peregrinos do universo.

Uma vida é sonho fugaz que mal se aprecia, do ponto de vista da eternidade. Ainda assim, sobra-nos tempo para avaliar o trabalho daquêles que emergiram da vulgaridade, tornando-se credores do respeito e da consideração de muitos.

A doutora Amélia Cardia pertence à categoria dos obreiros que não esquecem. Enquanto houver espiritas e órgãos de propaganda, o seu nome há de ser lembrado com veneração e sentimento.

Mulher de convicções arreigadas e espírito forte à maneira antiga, foi coerente com a sua obra e jamais transigiu com o dolo eu a veniaga.

Estudos Psíquicos curva-se ante a sua memória e pede aos leitores um pensamento para quem tanto fêz pelo Espiritismo.

nº 7, Maio 45

Plantas Caçadoras e Pescadoras

APRESENTO-VOS primeiramente a Herva-pinheira que desdobra em roseta as suas largas folhas moles e envernizadas. Do meio desta roseta elevam-se duas hastes rectas e finas, coroadas de flores vicláceas.

Ela é uma bonita planta, e compara-se a êsses caçadores furtivos hipócritas que sob a aparência mais encantadora ocultam os mais perversos instintos. Não tomemos conta da flor e observemos as fôlhas. São a armadilha pérfida onde se prende a caça temerária.

Seja qual fôr a secura da terra e o ardor do sol, o rebordo destas fôlhas, engenho irresistível, está sempre úmido e brilhante, coberto dum líquido untuoso que a própria planta segrega.

Se observarmos atentamente estas fôlhas, descobriremos nelas, aqui e ali, despojos informes, restos dispersos e minúsculos de patas, de asas, de couraças de insectos vários. É a caça da Herva. ¿Como se passou esta carnificina? A planta caçadora acabou de praticar as suas proezas cinegéticas e como ela dispensa a licença, mereceria ser autoada, se as plantas pudessem ser levadas à polícia correccional.

Em face das provas e peças justificativas, podemos constituir o drama. O pobre insecto que se atreveu descuidoso sôbre as fôlhas viscosas e brilhantes da planta foi logo apanhado; e faz imediatamente corpo com a fôlha que vai transformar-se em seu sepulcro. Muito docemente, a fôlha recurva-se sôbre a sua prêsa, que se acha logo envolvida no líquido untuoso. Como poderá fugir? A fôlha recurva-se ainda mais, como se mão invisível a enrolasse entre dedos poderosos. Nada se vê já. A vítima da planta fica encarcerada nesta espécie de cartucho, que a fôlha impassível formou. No fim de algumas horas, novo prodígio se opera. Pouco a pouco, a fôlha desenrola-se, e desdobra-se, viscosa e brilhante. Olhai: o insecto desapareceu e apenas se vêem alguns restos informes desprezados pela astuta Herva. A planta devorou o resto, embora tenha raizes para se alimentar da terra. Planta carnívora das mais curiosas, banqueteou-se, porém, não se saciou; caçadora infatigável, arma de novo o laço de suas fôlhas viscosas a outros insectos que virão nêle a morrer e a desaparecer. A Herva-pinheira não caça por amor de arte; mata e come a caça, vive da sua vítima.

Eis aí agora uma outra planta caçadora, cujas façanhas cinegéticas têm alguma coisa de mágico. Refiro-me à *Napanthes*. ¿Como descrever esta bizarra planta soberana que parece provir dos jardins de Tasso ou dos alegretes mágicos das «Mil e Uma Noites»?

Divide com a *Vitória Régia* o ceptro dos trópicos. É a opulenta raínha da Índia e do Ceilão. Derrama também os esplendores singulares da sua incomparável originalidade, em certas regiões de Madagáscar, nas solidões de Bornéo e nas florestas misteriosas de Java.

A *Nepanthes* é a mais admirável de tôdas as plantas carnívoras e caçadoras. Ao seu apetite real são necessárias hecatombes de insectos de asas irisadas e de corpos doirados. Dir-se-ia que ela se alimenta de pedras preciosas, de turquezas animadas, de esmeraldas vivas. E estes insectos brilhantes que se sucedem num eterno festim são-lhe servidos pela natureza em taças de néctar e de perfume. A espiga da flor que esta planta maravilhosa ostenta no cume é, sem dúvida, magnífica, mas a suprema originalidade da *Nepanthes* reside nas suas fôlhas, as mais extraordinárias do mundo vegetal. A *Nepanthes* é o inverosímil tornado planta, o paradoxo transformado em fôlhas.

Estas fôlhas, poderoso laço ou armadilha de caça, elevam-se, estendem-se, recurvam-se com surpreendente graciosidade. Largas e brilhantes, estas fôlhas terminam por um delgado e sólido filamento, espécie de gavinha ligeira que apesar da sua aparente fragilidade suporta na sua extremidade uma urna ou vaso vegetal, completo, irrepreensível, enfeitado de *guilochés* encantadores, de galões adebruados, de ornatos delicados que parecem cinzelados pelo buril duma fada. A fada foi a natureza.

Nada falta a estas urnas, nem mesmo a tampa, obra admirável que, girando sôbre a charneira, reabre aos primeiros raios do sol e se fecha com o entardecer.

De noite, estas urnas prodigiosas, seguras delicadamente pela extremidade da gavinha, enchem-se de água límpida e docemente perfumada, que a própria planta segrega.

De manhã, quando a urna, sob a acção dos raios do sol, levanta a tampa, está cheia e nestas bacias de frescura e de perfume caem multidões de insectos que ali se afogam, como a lenda pretende que

se afogou o duque de Clarence, num tonel de Malvasia.

Estes cadáveres atraídos e mortos por surpreza num túmulo atraente são dissolvidos pelo líquido e a *Nepanthes* devora-os, comendo lauto banquete em todos os pratos ao mesmo tempo.

Se, para o insecto, a urna *Nepanthes* é um túmulo, para o homem é, ao que parece, uma taça de vida, um cálice refrescante, abençoado e sempre pleno.

Não é uma planta, é uma fonte — e uma fonte maravilhosa que não rebenta duma pedra, mas brota duma fôlha. Gosto muito, sem dúvida, da caça e das flores, mas gosto também dos insectos, e as plantas caçadoras, que são também plantas carnívoras, inspiram-me simultâneamente uma admiração rara e uma espécie de terror confuso. Parece-me que, para estes graciosos seres, feitos de brilho e de perfume, deveria bastar-lhes o ar, o orvalho e o sol.

Contudo, muito lhe deve ser perdoado. A *Nepantes* atesta a sua habilidade assombrosa como caçadora de insectos que ela atrai no laço, tão gracioso como pérfido, da sua taça fatal. Que se lhe perdõe tudo pelo fresco copo de água perfumada que sob um céu de fôgo ela oferece no extremo dos seus ramos ao viajante sequioso.

Poderia ainda citar-vos entre os mais hábeis caçadores do mundo vegetal, a *Rossolis* (herva da gota) ou a *Dionêia* (papa-môscas), mas passo a apresentar-vos a *Utricular*, planta que pesca, planta de pálidas florinhas amarelas de ramúsculos delicados, aquática, submersa, de raíz flutuante e sôlta, errante no seio das águas, visitando alternadamente a superfície e o fundo dos paúis.

As suas fôlhas são guarnecidas de numerosas bexigas ou pequeninos ôdres, donde lhe vem o nome de *Utricular*. Segundo alguns botânicos, estes ôdres seriam aparelhos de natação, enchendo-se de ar ou de água. De água, para lustrar a planta e guiá-la ao fundo das águas; de ar, para a aligeirar e impelir sôbre a superfície dos tanques. Destinados exclusivamente a êste uso, estes maravilhosos ôdres classificariam a *Utricular* na primeira classe das plantas estranhas. Estas bexigas que se enchem e se despejam de água ou de ar para fazer subir ou descer esta planta errante, têm já de si próprias alguma coisa de admirável. Mas outros ilustres botânicos estão hoje de acôrdo que os ôdres da *Utricular* são, não sòmente aparelhos de natação, mas também perfeitos engenhos de pesca.

Está hoje reconhecido e admitido que a delgada e delicada *Utricular* é ao mesmo tempo um vegetal carnívoro e pescador, uma planta piscívora que se nutre de insectos aquáticos e de pequenos peixes que consegue prender nos seus ôdres. Numa palavra, a *Utricular* pesca, como a *Nepanthes* e a *Dionêia* caçam.

Nas bexigas da *Utricular* acha-se um pequeno orifício, guarnecido de pelos rudes que parecem defender-lhe a entrada, por detrás dos quais existe uma válvula que se abre de fora para dentro, ratoeira engenhosa e pérfida, livre para a entrada, inexorável para a saída. ¡Ai do imprudente que impila a fatal válvula e entre na bexiga, seu túmulo implacável, como a porta do inferno de Dante, onde é preciso deixar tôda a esperança!

Primeiramente, o insecto aquático nadará com voluptuosidade dentro da bexiga, gota de água que lhe parecerá um mundo. Mas em breve a planta segrega um líquido virulento que o mata, decompõe e absorve. A *Utricular* jantou.

Finalmente, os sábios descobriram que a planta não se restringe aos insectos, e tem decidida predilecção culinária pelos peixes recém-nascidos.

Nestes últimos tempos, Mr. Simms de Oxford, trouxe ao eminente professor Moseley um vaso de vidro contendo uma *Utricular* e alguns peixes do género ciprino, extremamente pequenos, os quais foram apanhados pelas válvulas dos utrículos, penetraram nas glutonas bexigas, ali morreram, decompuseram-se e pouco a pouco desapareceram absorvidos pela planta piscívora, ou, melhor, ictiófaga. ¡Que prazer não teria experimentado Darwin se lhe fôsse dado assistir ao fabuloso repasto da *Utricular*, êle, que fôra o primeiro a assinalar os terríveis instintos cinegéticos e culinários da estranha planta! Moseley viu ainda uma vez um pequeno ciprino preso por dois utrículos ao mesmo tempo. Enfim, Madame Treat, de Nova York, confirmou por experiências irrefutáveis os apetites carniceiros da magra e delicada *Utricular* — única planta conhecida até o presente — que se entrega às doçuras da pesca e que mistura num *menú* bem compreendido a suculência dos tenros peixes ao sabor aperitivo dos insectos. E foi assim que, apropriando os gostos da *Utricular* ao meio em que ela vive, a complacente natureza prodigaliza a esta sua filha das águas as frituras e as caldeiradas.

(De «Serões»)

UM DITO DE NAPOLEÃO

— Quem são êstes? — preguntou Napoleão, assinalando doze imagens de prata, que viu em certa catedral que visitava.

— São os doze apóstolos —, responderam-lhe os padres.

— Pois, então, tirai-os dai, fundi-os e que, transformados em moeda, vão derramar o bem pelo mundo, como lhes ordenou seu Mestre.

A LEI DO SINAI

por F. Noronha

«..., isto é o Decálogo, ou os dez mandamentos, que encerram os primeiros princípios do culto de Deus e do homem.»

Bossuet — *Discours sur L'Histoire Universelle*, parte 1.ª, quarta época.

VIGOROU em largo período de séculos, que denominamos da Lei Escrita, e registou-a o *Pentateuco* em seu segundo livro ou *Êxodo*, saída.

Peço vénia aos leitores, para avivar-lhe na retentiva, tal como o nosso famoso Padre António Pereira de Figueiredo a traduziu, *segundo a vulgata (A Santa Biblia, contendo o Velho e o Novo Testamento)*.

Eis o texto do capítulo XX:

O Senhor anuncia ao povo os seus mandamentos. Temor, que teve o povo. Moisés o assegura. Ordens de Deus sôbre a construção de um Altar.

«Depois, falou o Senhor nestes termos:

2 — Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou do Egito, da casa da servidão.

3 — Não terás Deuses estrangeiros diante de mim.

4 — Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no Céu, e do que há em baixo na terra, nem de coisa, que haja nas águas debaixo da terra.

5 — Não as adorarás, nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vingou a iniqüidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daquêles, que me aborrecem.

6 — E que faz misericórdia até mil gerações àquêles, que me amam, e que guardam os meus preceitos.

7 — Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus: porque o Senhor não terá por inocente aquêle, que tomar em vão o nome do Senhor seu Deus.

8 — Lembra-te de santificar o dia de sábado.

9 — Trabalharás seis dias, e farás nêles tudo o que tens para fazer.

10 — O sétimo dia porém é o dia do descanço consagrado ao Senhor teu Deus. Não farás nêsse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem a tua escrava, nem a tua bêsta, nem o peregrino, que vive das tuas portas para dentro.

11 — Porque o Senhor fêz em seis dias o céu, a terra, e tudo o que nêles há, e descançou ao sétimo dia. Por isso, o Senhor abençoou o dia sétimo e o santificou.

12 — Honrarás o teu pai, e a tua mãe, para teres uma vida dilatada sôbre a terra, que o Senhor teu Deus te há de dar.

13 — Não matarás.

14 — Não fornicarás.

15 — Não furtarás.

16 — Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

17 — Não cobiçarás a casa do teu próximo: não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertencer.

18 — Ora, todo o povo ouvia os trovões, e o som da trombeta, e via os relâmpagos, e o monte coberto de fumo: e como estavam passados de mêdo, e de pavor, deixaram-se estar de longe.

19 — E êles disseram a Moisés: Fala-nos tu, que nós te ouviremos; e não nos fale o Senhor, não suceda que morramos.

20 — Respondeu Moisés ao Povo: Não temais, Porque o Senhor veio para vos provar, e para imprimir em vós o seu temor, afim de vós não pecardes.

21 — O Povo pois ficou longe: e Moisés se chegou à escuridade, em que Deus estava.

22 — Disse outrossim o Senhor a Moisés: Dirás mais aos filhos de Israel: Vós bem vistes que eu vos falei do Céu.

23 — Não fareis para vós nem Deuses de prata, nem Deuses de ouro.

24 — Far-me-eis um altar de terra, e ofereereis em cima dêle os vossos holocaustos, as vossas hóstias pacíficas, as vossas ovelhas, e os vossos bois em todos os lugares, onde o meu nome fôr lembrado. Eu virei a ti, e eu te abençoarei.

25 — Se tu me edificares algum altar de pedra, não o edificarás de pedras cortadas: porque êle ficará poluto, se vós empregardes no seu fabrico o cinzel.

26 — Não subirás por degraus ao meu altar, para que se não revele a tua torpeza».

Avultam entre os versículos do capítulo precedente, em sua íntegra transcrição, as famosas — Dez Palavras — *decálogo* na expressão do falar da Grécia e *Asseret Hadebaroth*, no idioma hebraico.

Constituem elas o que, em nossa linguagem e em nossos catecismos, denominamos «Mandamentos da Lei de Deus», atribuídos pelos israelistas ao próprio Jeová, ditando-os a Moisés no Monte Sinai.

«É no meio de um cenário tremendo e grandioso, diz o alemão Alzog no § 28.º do introito de sua História Universal da Igreja, que Jeová transmite a Moisés os preceitos básicos da religião...», os quais, perfilhando o critério de J. Salvador (*Histoire des Institutions de Moïse et du Peuple Hébreu* — P. 1.ª — *Politique* — Lv. 1.º, cap. 2.º), «inspiraram aos legisladores modernos a primeira idéia da declaração dos Direitos do Homem».

Não me proponho tentar sequer nêste momento qualquer dissertação histórica, envolvendo a personalidade, real ou não, do pretenso libertador do povo hebraico das terras do Egito em que havia permanecido e vingado com largo acréscimo fisiológico, por tempo superior a quatrocentos anos.

Nem seria cabido, por inútil a leitores ilustrados, nem corresponderia de acêrto, ao pensamento que me impele.

Êste grita-me, claramente, que, praticada a lei contida nas dez palavras do Decálogo, ela reüniria eficiência bastante para orientar ou regular, numa segura conjugação pacífica ou de ideal consórcio, a vida e destinos dêsse mesmo povo que, necessàriamente, algum impulso imitativo despertaria, fora de si, em contacto de relações, mais e menos apertadas, como outros povos.

Tôda a análise escrupulosa e imparcial daquêle monumento escrito cifra-se em breves sílabas de frase, abertamente acessível: *Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.*

É a letra profunda e augusta do Código por excelência, do legítimo e inesgotável itinerário da humanidade, do mais elevado sentido filosófico, da mais suave noção de ungimento e de essencial equilíbrio de razão e consciência em proveito e causa comuns das sociedades constituídas e do progresso geral da ivilização.

Se não teve o natural efeito de positiva pedagogia ética e de ambiente não hostil, foi devido a propósitos de interêsses e egoísmos opostos a uniões e identificações de idéias e de planos, que conduziriam a estado social não conflituoso, nem sustado por atritos constantes.

O racional manifestou logo na aurora dos tempos a tendência de avassalamento e domínio, sonho predilecto de todos os assambarcadores de homens e motor ferino inconfessável, escondido sob aparências atractivas.

O *Decálogo* perdeu-se, num afogamento inglório de gentes dispersas e desentendidas, como Sócrates se perdera para e por a malignidade perversa dos repugnantes sofistas e Jesus se perderia pela hipócrita sombra dos cínicos fariseus.

Ainda êste, declarando não destruir a Lei e os Profetas, mas dar-lhes cumprimento e juntando um mandamento porventura mais explícito de amor ao conteúdo daquela, reforçou, de certo modo, o mesmo *Decálogo*.

Entretanto, os quadros de realidade soberana entre os povos, só apresentam figuras que sobressaem e figuras prêsas em rêdes.

As segundas chamaram-se escravos, servos da gleba, salariados, multidões anónimas sempre ilaqueadas por mentores, muito raramente honestos e sempre acorrentados ao pesado bronze da dura necessidade.

E isto, tanto em regime da lei escrita do Sinai como em quantos regimes definem o ontem, o hoje e também o amanhã, se não assomar na face do ser explorado, falsamente alcunhado de livre, a purpurina côr do líquido de suas veias e artérias, num amplexo totalitário, abrangendo as côres da epiderme da população do globo.

A Lei do Sinai tem carácter de generalidade absoluta e não apenas relativa. Importa pô-la ou colocá-la em sua luz própria, dôa a quem doer e padeça quem padecer.

¿É lógico, razoável, que o mínimo em número abarque o máximo, e em suas ambições e desinteligências converta êste em material de luta e de matança, de destruïção e de arrazamento sem considerações de nenhuma espécie?!...

Se dependesse da vontade e do individualismo da gente do ouro e do poder uma eliminação ou supressão completa dessa lei, de maneira tal que o seu simples vestígio se apagasse inteiramente, convenço-me de que as linhas que estou traçando, tranqüilo em minha banca de estudo, na presença dos meus amigos lealíssimos, — os livros — seriam genuína impossibilidade, pois não poderia, igno-

rante da verdade, reportar-me ao não existente.

Existe, porém, com fonte de velhas tradições, na Bíblia e autenticada continuïdade na seqüência de gerações e no cômputo dos séculos.

Brilha e vibra nos centros espiritistas, que proclamam e executam o «amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos»; e, se percorremos as galerias da História, com ânimo ponderado, verificamos no Espiritismo, desassombrado e lúcido o perfeito apóstolo e intérprete dos fundamentais princípios, que são as dez palavras, assim traduzidas em linguagem vulgar, aquém dos dias de Jesus em chão da Palestina:

«Amar a Deus sôbre tôdas as coisas.
«Não jurar pelo seu santo nome em vão.
«Guardar os domingos e festas de acatamento.
«Honrar pai e mãe.
«Não matar.
«Ser casto.
«Não furtar.
«Não levantar falso testemunho.
«Não desejar a mulher do próximo.
«Não cobiçar as coisas alheias.»

Todo o cogitar do espírito humano, ansioso por erguer o nível da capacidade moral do homem, jamais encontrará regimento mais categórico e mais compreensivo e redacção tanto viável directamente para outiva nos meios cultos, quanto para idêntico fenómeno em escala menos polida.

Nem é exigível investigação erúdita e entranhamento de arquivos na busca e rebusca de documentos preciosos, como elemento e alimento na formulação de argumentos justificativos das Dez Palavras.

Elas são o que são. Por si se impõem com a mesma mobilidade incisiva do axioma nas ciências matemáticas e a mesmíssima precisão das demonstrações dos seus teoremas.

Não carecemos de saber de que origem brotaram e de que crânio irradiaram. Remontam, sem barreira de dúvida, para séculos anteriores a Jesus, e também não falecem de conceito, se desligadas do legislador dos judeus. Repito: são o que são, o que exprimem ou significam, sem projecções intermitentes, sem torcimento de contrafacções e sem margem a confusão ardilosa.

O mundo e o homem, de verdade inequívoca, possuem ali um tesouro de ascenso psicológico modelador, uma alvorada de *encaminhamento solidário.*

Estudos Psíquicos e os leitores

Deixe-me felicitá-lo pelo brilhantismo que, de número para número, Estudos Psíquicos *vem apresentando. Não será possível fazer-se melhor.*

Maria Veleda, de Lisboa

Considero-me verdadeiro amigo de Estudos Psíquicos, *que, para mim, merecem muitas vezes o título.*

Agradeço a Deus o ter-me deparado tão útil e sã leitura, que me fortaleceu o espírito numa altura da vida em que me estava reservado o pagamento de dívidas, contraídas, certamente, em vidas passadas, e levar-me à convicção do pagador que tem esperança de as saldar.

Angariar assinantes é para mim um grande prazer espiritual, pois só eu e Deus sabemos quanto tenho recebido por intermédio de Estudos Psíquicos *e, portanto, quanto lhe devo.*

Enfim, considero um dever cristão fazer chegar ao espírito dos meus semelhantes a luz benéfica que desta revista tenho recebido.

Ernesto Silva, do Pôrto

Desde há muito temos recebido, com viva satisfação e interêsse, a revista Estudos Psíquicos, *que vem sendo dirigida pelo seu valioso esfôrço e espírito de trabalho em prol da disseminação da Verdade.*

Cumpre-nos, pelo recebimento dessa apreciada revista, vir à presença da nossa confrade e amiga agradecer sinceramente a atenção que nos tem dispensado, enviando-nos êste precioso órgão de difusão.

Pedimos ao Divino Mestre lhe proporcione sempre novas energias para a continuação dêsse grandíssimo trabalho, espargindo assim, com maior vulto, a doutrina que nos anuncia uma liberdade real.

Emílio A. Vieira, secretário da União Federativa Espírita Paulista — S. Paulo

Tenho recebido a revista com regularidade, incluindo já a do mês corrente. A sua leitura é sempre interessantíssima. Leio-a e releio-a e dou-a a ler a diversas pessoas que também a lêem com interêsse. Muitos pedem-ma e por lá fica. Eu até gosto que tal suceda.

E assim vou fazendo a propaganda, tão necessária à evolução humana, quer na vida terrena, quer na vida espiritual...

Joaquim Teixeira, de Vila Real

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Tem a palavra Manuel Joaquim Diogo

JÁ na revista *Luz e Caridade* de Braga, em Outubro de 1940, antes, portanto, de se abrir esta secção em *Estudos Psíquicos*, eu disse a razão porque sou espirita, o que não impede de vir aqui também confirmar a mesma coisa.

Vim à luz dêste mundo de provações numa pequenina aldeia — mas tão linda! — situada num dos pontos mais altos da Serra da Estrêla.

Meus pais, pobríssimos como eram, quiseram, apesar disso, que eu me matriculasse na escola dessa aldeizinha, para aprender a ler, a escrever e tudo o mais que as escolas primárias dêsse tempo ensinavam; e eu apliquei-me ao estudo com tanta vontade, que num período de tempo relativamente curto consegui fazer o exame de 1.º grau, que classificaram de distinto, sendo êste exame tôda a minha bagagem científica, em virtude de meus pais não poderem custear os meus estudos, pelo que tive de ir trabalhar na agricultura, de que tanto gostava e gosto.

Mas uma santa mulher nossa vizinha, que era dotada de um coração pleno de bondade, custando-lhe, por eu ser «fraquinho», que andasse a manejar a enxada, procurou introduzir-me no comércio, o que conseguiu, colocando-me num estabelecimento de fazendas, em Viseu.

Foi nessa cidadezinha para mim tão encantadora, que eu me dediquei com todo o amor à leitura e também um pouco à música.

Mas no tempo em que eu freqüentava a escola, já me fazia pensar o céu matizado de estrêlas, o murmúrio das fontes, o saltitar dos pardais, a floração das plantas e até o tamborilar da chuva nos vidros duma pequenina janela da habitação por assim dizer lacustre em que nasci.

Até certa altura, não conheci outra religião a não ser a Católica, pois foi esta a que meus pais me ensinaram. Não venho, portanto, dizer mal dessa ou doutras religiões, porque as respeito a tôdas, por tôdas se basearem em Deus. Mas estudando, atentamente, essa religião em que fui educado, encontrei certos pontos ou princípios, com que eu não concordava. Não podia conceber, por exemplo, que Deus, infinitamente bom como é, desse tantas felicidades a uns e tantas infelicidades a outros. Que êsse Deus todo Amor, sendo nós uma Criação Sua, nos condenasse a sofrimento eterno, porque, se assim fôsse, a Sua Bondade já deixava de ser Infinita e foi por estes e outros absurdos, que eu reconheci que a Igreja Católica não detinha tôda a Verdade.

Lembrei-me, mais tarde, de que talvez os senhores materialistas tivessem razão em negar a existência de Deus.

Procurei, portanto, — embora os meus recursos o não permitissem muito —, ler alguns livros dêsses autores: Li Bückner, Spencer, Molleschot e mais alguns ainda, mas tôda essa leitura deixou em minha alma, ansiosa de saber, um vácuo profundo.

Essa leitura parecia-me uma masmorra de ferro, sem porta de saída; e completamente desorientado por falta de um Ideal, assim fui andando sem rumo, como fôlha sêca impelida pelo vento.

Um dia, por acaso (se é que o acaso existe), veio ter às minhas mãos um livro espirita. Não me lembro que livro era êsse, nem quem era o seu autor, porque já lá vão passados muitos anos.

O que sei é que a leitura dêsse livro me impressionou extraordinàriamente.

Passado que foi muito tempo, falei, por acaso (e lá vem o tal acaso em que não acredito), com uma pessoa que, sem eu o saber, era espirita, e foi por proposta dessa santa criatura que eu me filiei numa agremiação onde encontrei todos os elementos necessários, de forma a desenvolverem em mim um grande amor pelo Espiritismo.

Só depois de muito ler e meditar essa tão grandiosa filosofia espirita, é que me foi possível compreender a Infinita Bondade de Deus, a Sua Omnisciência, a Sua Omnipresença e a Sua Perfeita Justiça.

Não vim, portanto, para o Espiritismo empurrado por ninguém. Não vim também im-

n.º 7, Junho 45

O AMOR TUDO VENCE

por Ângelo da Costa Cabral

II

FORMAR o hábito de amar tudo e todos, despertará em nós instintos criadores, estimulará as nossas disposições criadoras que se manifestariam em qualquer direcção, mas que orientaremos num fim elevado e útil.

Vejamos o que nos diz Krisnamurti sôbre o Amor no seu precioso livrinho «Aos Pés do Mestre»:

«O Ocultismo não admite hesitações entre o bem e o mal. É necessário praticar o bem custe o que custar; nunca faças mal, por mais que diga ou pense o ignorante».

«De tôdas as qualidades exigidas é o Amor a mais importante, porque se o Amor é forte no homem, obrigá-lo-á a adquirir tôdas as outras qualidades, ao passo que estas, sem o Amor, não bastarão nunca.

«Visto que Deus é o Amor e já que te queres unificar com Êle deves estar cheio de perfeito desinterêsse e Amor»:

«Na vida cotidiana é dupla a significação desta qualidade: deves em primeiro lugar, evitar cuidadosamente fazer mal a qualquer ser vivo e, em segundo lugar, estar atento em aproveitar tôdas as ocasiões de prestar auxílio».

«Primeiro do que tudo não fazer sofrer».

«Há 3 pecados que são mais prejudiciais que tudo o resto: a meledicência, a crueldade e a superstição, pois que são pecados contra o Amor».

«Aquêle que deseja inundar o coração de Amor a Deus, tem de se prevenir constantemente contra estes pecados».

«Êsses 3 crimes devem ser evitados porque, sendo pecados contra o Amor, fatalmente demoram o progresso».

«Mas não te deves só abster do mal, deves trabalhar activamente para o bem. A tal ponto deves estar compenetrado do desejo intenso de sentir, que nunca debes deixar de auxiliar os que te cercam, homens, animais e plantas».

«Deves ajudar diàriamente, em circunstâncias mínimas, para a isso te ires habituando e não perderes a ocasião de o fazeres, quando se apresentarem circunstâncias mais importantes».

«Não é por ti mesmo, mas para seres um canal por onde o Amor Divino possa chegar aos teus irmãos, que deves estar sedento da tua união com Deus.»

«Aquêle que está no Caminho, não vive para si próprio, mas sim para os outros. É um instrumento nas mãos de Deus, por meio do qual o Pensamento Divino poderá espalhar-se e encontrar aqui em baixo uma expressão que não obteria sem tal intermediário».

«É, ao mesmo tempo, um raio de luz irradiando sôbre o mundo o Amor Divino que lhe enche o coração».

«A pouco e pouco o pensamento de auxiliar os outros deve ocupar-te a tal ponto que não haverá lugar nem tempo para pensares em ti. Aprende a descobrir o Deus que está em todos os sêres e em tôdas as coisas, por muito más que sejam ou pareçam ser».

«Podes auxiliar os teus irmãos pelo que de comum tens com êles, isto é, a Vida Divina».

Podeis tornar-vos jovens

«Aprende a despertar nêles essa Vida, aprende a como fazer apêlo a esta Vida nêles; assim salvá-los-as do mal».

Não importa o número de anos que o vosso corpo tem; podeis ainda possuir a alma de um jovem se o quiserdes. O Amor rejuvenesce e vivifica.

O Amor sentido conscientemente produz

---

pelido pela dor, nem tão pouco pelos fenómenos que tenho presenciado, porque bem poucos foram os que me satisfizeram. Se sou espirita, é porque esta filosofia me fala à alma, por ser racional, lógica e coerente, sob o ponto de vista científico, moral e religioso.

um verdadeiro elixir da vida que rejuvenesce e conserva quem possa entregar-se a êsse sentimento durante a sua vida.

Revivificai o vosso rosto, orientando a vossa vida e atingireis o rejuvenescimento, o sucesso e as vossas possibilidades tornar-se-ão maiores.

Há pessoas que supõem que pode viver-se perfeitamente e com sucesso abstraindo todo o sentimento. É freqüente dizer-se que as casas de negócios, assim como as transacções comerciais devem estar privadas de sentimento, como diz o rifão popular: «Amigos, amigos, negócios à parte»; mas se uma firma não possui entre o seu pessoal superior uma personalidade que seja altamente capaz de «suscitar sentimento», e essa pessoa não está habitualmente dirigindo o serviço de publicidade, ou em contacto com a clientela, essa firma não será bem sucedida. As importâncias fabulosas que se gastam na publicidade, tanto em jornais como em outros lugares, são bem uma resposta magistral a essa afirmação: «nada de sentimentos em negócios». Estamos na época do sentimento por excelência.

Quer se trate do lançamento duma nova marca de pó de arroz ou duma telefonia barata, da nomeação dum novo cônsul ou dum embaixador diplomático, ou da declaração e do risco duma guerra, não empreendemos nem decidimos coisa alguma sem tentar criar primeiramente um ambiente favorável. Como ela nunca o esteve dantes, a propaganda está inteiramente na ordem do dia. Nada no mundo político ou comercial se realiza, sem que isso não seja uma conseqüência directa de certos sentimentos que se terão conseguido despertar.

Muitas pessoas imaginam possuir a virtude porque não são sentimentais. Os homens e as mulheres que pensam assim são unicamente aleijados mentais. Êles não são completamente «sãos de mente».

Há alguns anos numa grande cidade universitária da América, vivia um advogado e sua mulher, que tinham 4 filhinhas. As três mais velhas tornaram-se muito belas e contrairam ràpidamente casamentos vantajosos. Com o nascimento da 4.ª filha, desenvolveu-se uma espécie de discórdia familiar e, quando ela nasceu tornou-se depressa o que a família e os conhecimentos chamavam «A Feiosa».

Ela cresceu numa atmosfera em que estava plenamente convencida de que era tão feia e tão vulgar quanto se pode sê-lo; desenvolveu naturalmente um carácter triste e pensativo. Entretanto, a situação de seu pai parecia próspera e ela recebeu tôdas as vantagens de educação que a riqueza pode dar, mas quando fêz 19 anos, o seu pai suicidou-se.

Liquidando os seus haveres, descobriu-se que êle tinha gasto somas fabulosas pertencentes a terceiros e a jovem encontrou-se subitamente só com a sua fealdade, a sua pobreza e o seu nome desonrado. Arranjou ràpidamente emprêgo num grande armazém, e, graças à sua excelente educação e vivacidade mental, tornou-se depressa uma excelente empregada.

Pouco depois de ter assumido os cargos da sua nova situação assistiu a uma conferência na qual o poder da sugestão era tratado duma maneira geral, mas as primeiras impressões que persistiram na sua mente, foram que ela era feita à imagem e semelhança de Deus; que Deus é omnipotente, que ela existe move-se e vive em Deus, que as suas mãos, os seus olhos, o seu rosto, são as mãos, os olhos e o rôsto de Deus; que Deus trabalha com as suas mãos, fala pela sua boca, olha pelos seus olhos, sorri com o seu rôsto.

Que tenha sido devido ao poder de persuasão ou à lógica do conferente, uma coisa é absolutamente certa, é que a rapariga voltou para casa essa noite com a idéia de que se Deus quisesse falar pela sua bôca, ela diria coisas lindas, que se Êle quisesse trabalhar com os seus dedos, tudo o que ela fizesse seria belo e agradável; que se Êle quisesse sorrir através do seu rosto, por mais feia e vulgar que fôsse, o sorriso de Deus não deixaria de agir sôbre aquêles com quem ela entrasse em contacto. Tôdas as noites repetia essas idéias na sua mente e adormecia pensando nelas. No dia seguinte esforçava-se por as recordar em detalhes nas recordações com as colegas e com as suas clientes.

Ao mesmo tempo ela tinha se vivamente interessado pelo lado sociológico do trabalho universitário e tinha freqüentado regularmente um dos estabelecimentos sociais, o que lhe tinha dado ocasião de encontrar freqüentemente o reitor da universidade, com quem entrou em relações. Êste era um homem muito inteligente e viúvo. Os seus trabalhos e os seus estudos continuaram tranqüilamente durante mais de um ano, até que um dia o reitor veio procurá-la ao seu emprêgo e preguntou-lhe se queria ter a amabilidade de vir jantar com êle à tarde num grande restaurante. Ela aceitou o convite com grande prazer e imaginou que o reitor queria falar-lhe por causa de uns assuntos que a ambos interessa-

vam. Durante a refeição, contudo, não se tratou disso. Terminaram o jantar, falaram de diferentes coisas e o reitor acompanhou-a a casa. Chegados à entrada da casa onde ela morava preguntou-lhe se podia entrar para lhe falar em particular durante alguns instantes. Logo que a porta se fechou e que pôs o chapéu no bengaleiro, disse:

— Geraldina, vim para lhe preguntar se queria ser minha mulher.

A rapariga ficou completamente admirada. Ainda que há mais de um ano se tivesse esforçado por ter idéias contrárias, ela mantinha a sua antiga convicção de ser a «feiosa» da família e respondeu-lhe com espanto:

— Mas, professor, como podeis pedir em casamento uma mulher tão feia como eu?

Então foi êle quem abriu os olhos e levantou os braços ao céu, exclamando:

Oh! Geraldinha, não sabeis que sois considerada como uma das mulheres mais belas da cidade?

Naturalmente, durante o ano decorrido, ela tinha-se desembaraçado das suas faces flácidas e da sua fisionomia desapontada. Tinha procurado imaginar que Deus sorria através do seu rôsto e isto levantou-lhe os cantos da bôca e tornou-lhe brilhantes os olhos e mais interessante a sua aparência pessoal. Por outras palavras, sem dar por isso, porque ela (caso raro nas mulheres) não tinha tido nunca a vaidade de se contemplar ao espelho, tinha insconcientemente construído nos seus traços o verdadeiro sorriso de Deus.

¡Eis como o verdadeiro Amor, exprimindo-se através dum corpo feio o tornou belo!

O Amor causa uma exaltação, transporta-nos a um estado de exaltações afectivas que amplifica ainda os nossos pensamentos de ternura, até que produzamos uma verdadeira literatura amorosa, forjando expressões para descrever o nosso sentimento; é assim que as pessas inclinadas à poesia a fazem realmente muitas vezes e duma maneira completamente superior.

A uma mulher que espalha o mal prejudicando inúmeras pessoas, preguntando-lhe alguém porque assim procedia ela disse-lhe: «Eu sou a «Vingança». Êsse alguém, que já tinha neutralizado alguns dos seus malefícios, respondeu-lhe: «Pois eu sou o «Perdão». Só sei perdoar, ensinar, educar» e tão bem lhe soube descrever as maravilhas do recto proceder, do Amor, da Caridade e do Perdão, que essa mulher se modificou e deixou de ser um agente do mal.

As nossas sublimes Doutrinas Espiritualistas mandam praticar o bem, custe o que custar, e proceder em tôdas as circunstâncias empregando o Amor, a suavidade, a doçura, a brandura e a benevolência. Todos assim devem proceder, quanto mais os espiritualistas que conhecem a Lei e têm de expressar em suas vidas diárias os grandes ideais espirituais que têm recebido nas sociedades espiritualistas a que têm o elevado privilégio de pertencer.

«Pode ser-se bastante exigente sem ser violento, grosseiro, ríspido, malcriado, agressivo, pode ter-se mão de ferro, mas calçada numa luva de veludo, podemos ser enérgicos, ardentes mesmos, actuar com prontidão, sem nada perdermos da nossa calma. Ao passo que uma repreensão feita com furor leva à insubmissão e ao ódio, uma correcção fria leva, pelo contrário, à obediência e à estima. (Paul Carton).»

Os nossos elevados princípios condenam em tôdas as ocasiões a violência, a aspereza, a impaciência, a rispidez, o insulto, as más palavras, as grossarias. Como as não consentiriamos para nós, não as podemos usar; tratai os outros, como quererieis ser tratados, já dizia Jesus.

Quem assim não procede é indigno do nome de espiritualista, ou de esoterista, que exige uma grande disciplina.

Uma cura esquisita

O *Morning Post* relatou a cura extraordinária dum homem que foi sùbitamente atacado de «delirium tremens». O médium que visitou o doente a pedido da espôsa dêste, sentou-se numa cadeira e sentiu sensações estranhas e desagradáveis, pelo que reolveu indagar de quem tinha sido aquela cadeira, comprada em segunda mão.

Descobriu-se depois que a antiga proprietária falecera justamente na cadeira, após um ataque de «delirium tremens».

Queimou-se a cadeira e o homem ficou imeditamente curado.

O caso — diz o *Morning Post* — pode ser considerado como exemplo de cura por sugestão ou estar ligado ao que se chama mau ambiente psíquico.

(De *Light*)

Bibliografia

O CASO DE HUMBERTO DE CAMPOS NO SEU TRÍPLICE ASPECTO: JURÍDICO, CIENTÍFICO, LITERÁRIO, pelo *Dr. Miguel Timponi*, edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1944. 412 págs.

O presente volume insere, *in-extenso*, a «Contestação» que a Federação Espirita Brasileira apresentou no juízo da 8.ª Vara Cível, em resposta à «Acção Declaratória» requerida por D. Catarina Vergolino de Campos, contra aquela Federação, e que tão grande repercussão teve no Brasil e na América Latina.

É um documento notabilíssimo pelo espírito de análise que demonstra. O Dr. Miguel Timponi, é um profisisonal de grande mérito, além de escritor consciencioso, honesto e sensato, expondo com elegância e clareza, sem esquecer a argumentação incisiva, cheia de lógica e de bom senso.

O dr. Miguel Timponi teve como auxiliares: o Dr. Carlos Imbassahy, na parte documental-científica dos fenómenos espiritas; Indalício Mendes, no estudo comparativo das obras literárias de Humberto-Homem e Humberto-Espírito; Jaime Cisneiros, como elemento de ligação entre os vários sectores; os advogados Nelson Martins Paixão e Francisco Nogueira, como colaboradores imediatos na parte processual.

O livro é prefaciado por Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira e cuja decisão e espírito prático o torna crédor da nossa muita estima e admiração.

A bela peça jurídica, que abrange 230 páginas do livro, esgota o assunto, em boa hora entregue a tão ilustre causídico, demonstrando a improcedência da *Acção Declaratória*, absolutamente falha de argumentos.

Segue-se um capítulo especial, intitulado: «Os Dois Humbertos — Um só estilo; uma só alma; um só sentimento»; depois, segue-se o Despacho Saneador e grande parte dos artigos publicados na imprensa brasileira referentes ao acontecimento.

Como documentário, é livro único que honra todos os que nêle trabalharam.

A Wantuil de Freitas se deve mais esta vitória do Espiritismo. Para êle vão as nossas cordiais saüdações, extensivas aos seus amigos e colaboradores.

O QUE EU VI NO PARÁ, por *Octávio Coutinho*. edição da Editora Espírita do Nordeste Brasileiro, de Recife, Pernambuco. 1944. 72 págs.

A materialização dos espíritos é o fenómeno mais transcendente do Espiritismo e que mais toca os incrédulos e até mesmo os próprios crentes. Na sua peügada andaram sábios como Crookes, Richet, Lodge, Bozzano, Lombroso, Gibier, Aksakoff, Zoellner, Flammarion, Myers, de Rochas e outros, que seria fastidioso enumerar.

Os médiuns (agentes de fenómeno) são raros e por isso a dificuldade é muitas vezes insuperável. Por essa razão, certas experiências tornaram-se clássicas e ninguém com responsabilidade mental põe em dúvida o que tão grandes investigadores deduziram e subscreveram.

«O que eu vi no Pará» é uma colectânea de artigos escritos em 1941 e publicados nó *Jornal do Comércio*, de Belém, capital do Pará, relatando algumas sessões de escrita directa e materialização na residência do tenente reformado do exército brasileiro José Alves de Sousa Azevedo, com auxílio da espôsa dêste, que servia de médium.

Segundo o depoïmento do autor, as materializações eram nítidas e varias e materializavam-se à vista dos assitentes, com os quais conversavam alegremente, abraçando-os e dando-lhes a impressão de corpos normais, no tocante a aspecto, temperatura, pulsação, etc.

Escrito com espontaneidade e sem pretensões, é um valioso testemunho digno de meditar-se enfeixado em livro útil que muito contribuïrá para o triunfo do Espiritismo.

RAIOS DE LUZ, colectânea de comunicações espíritas recebidas por *Ed. Alberto*. Edição da Editora Espírita do Nordeste Brasileiro, de Recife, Pernambuco. 1944. 242 págs.

ÊSTE livro foi mandado editar pelo próprio médium que recebeu as comunicações, tôdas elas de fundo moral e merecedoras de leitura.

«A totalidade dos exemplares desta edição — — diz o médium na ante-câmara do livro — foi por mim distribuída gratuitamente; parte, em volumes isolados a pessoas amigas; o restante, à Casa dos Espiritas de Pernambuco, única entidade que poderá estabelecer preço ao livro, cujo produto reverterá em favor das suas obras de caridade».

É obra que dispõe bem e exala espiritualidade.

I. D. S.

NOTA — Pedimos desculpa aos leitores do atraso em que se encontra esta secção. A presente bibliografia já está composta há meses e devido a exigências de paginação só agora é publicada. No próximo número contamos regularizar o assunto.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O «caso» de Helen Duncan

Como temos dito várias vezes, há na Inglaterra duas leis encanecidas pelo tempo e que, de vez em quando, despertam do sono milenário para amordaçar os médiuns. Os juízes da velha Albion, aprumados em suas becas escovadas e pulidas, tomam contacto com as múmias, dão-lhes de fole no espanêjo do caruncho... e zás! Não há nada que valha aos incriminados.

O *Psychic News* tratou largamente do «caso» Helen Duncan, grande médium de materialização conhecidíssima em Inglaterra e na América do Norte e que acabou por ser julgada e condenada a nove meses de prisão, por haver transgredido a chamada lei da vagabundagem, com mais de dois séculos de existência.

Em Outubro de 1944, a Comissão de Defesa de Médiuns da Spiritualists' National Union publicou a seguinte declaração:

«Temos feito todo o possível por assegurar justiça aos médiuns e procurar o auxílio de todos os interessados.

«Helen Ducan foi acusada em Março dêste ano no Tribunal Criminal de haver transgredido o *Wichcraft Act* de 1735 (lei da feitiçaria) e em 3 de Abril seguinte foi condenada a nove meses de prisão.

«Estamos satisfeitos por saber que Helen Duncan estava inocente da acusação que lhe moveram, que o seu julgmaento violou os mais elementares princípios de justiça e que a condenaram injustamente.

«No decorrer do julgamento, a acusada quis demonstrar que era médium, oferecendo o testemunho de pessoas especializadas e experimentadas, mas não lho consentiram.

«Helen Ducan foi acusada mercê de lei antiquada e obsoleta e no decorrer da causa deixaram de cumprir-se certas formalidades, tornando inevitável a condenação duma inocente.

«Helen Duncan saiu da prisão de Halloway em 22 de Setembro e anunciou que nunca mais prestará serviços mediúnicos a quem quer que seja, embora se trate de coisas científicas ou religiosas.

«Médiuns de materialização como Helen Duncan são muito raros. A sua decisão constitui um grande revés para as investigações psíquicas.

«Por esta razão, não podíamos aconselhá-la a oferecer novamente os seus serviços.

«Estamos satisfeitos com o facto de ter sido exposta ao ataque de pessoas sem escrúpulos, por saber que, embora inocente, ela seria, não só condenada, mas também aviltada.

«Com esta declaração, desejamos expôr claramente a nossa opinião e afirmar que é intolerável o que acaba de suceder».

A Spiritualists' National Union é a entidade máxima do Espiritismo em Inglaterra e não tinha interêsse algum na defesa dum médium fraudulento. Por isso, o «Esclarecendo» que o *Reformador*, do Rio de Janeiro, publicou em Maio de 1944, tendente a colocar a médium Helen Duncam na fila dos exploradores e criminosos e a dar como justa a condenação de que foi vítima, pelo facto de receber honorários pelos serviços que presta, carece de fundamento.

«Um leitor amigo» que o subscreve talvez ignore que há médiuns profissionais na Grã Bretanha e que o dinheiro que auferem não constitui provento de «consultas» particulares, mas de serviços prestados a colectividades de reconhecida idoneidade moral.

Se êle tivesse lido os relatos do julgamento publicados no *Psychic News* e que temos em frente dos olhos, a sua opinião deveria ser diferente e saberia que a *velha lei* de 1735 foi promulgada contra ledores ambulantes de *buena dicha* que, naquele tempo, infestavam o sul da Inglaterra, os quais, no fundo, eram autênticos vadios, contra quem a lei se erguia, com razão de sobra.

Se não houvesse, de facto, má vontade contra o Espiritismo e os seus médiuns, naquêle país europeu, há muito que a *velha lei* tinha sido aclarada, para bem de todos.

¿Que culpa tem um médium de produzir fenómenos premonitórios ou de ter visões a distância? São faculdades inatas que êle exerce para bem da Causa Espirita.

Helen Duncan foi acusada de «conspiração». Como estava em sessão particular com cinco ou seis pessoas, vá de envolvê-la nas malhas do *Wichraft Act*, que é uma espécie de pau para tôda a obra.

Mas tudo isto foi providencial, porque a imprensa londrina teve de se referir a êste julgamento extraordinário que apaixonou adeptos de todos os credos, inclusive os próprios materialistas, e esta circunstância é que levou a Spiritualists' Nationad Union a dizer que *estava satisfeita* por Helen Duncan ter sido exposta aos ataques de adversários sem escrú-

pulos, sabendo de antemão que o Espiritismo lucraria com a batalha travada.

Maurice Barbanell, director do *Psychic News*, acaba de publicar um livro, intitulado «O caso de Helen Duncan», onde apresenta a questão com todos os pormenores, desde a primeira audiência, passando pelo recurso que, em devido tempo, foi interposto, até à sanção final.

Edições em Esperanto

Depois das edições de Kardec, em Braille, para cegos, lançadas ao público há oito ou dez anos, surge agora a primeira obra espírita escrita na língua auxiliar internacional.

É auspiciosa estreia que grande prazer nos dá, atenta a repercussão do acontecimento no mundo esperantista, que se estende por todos os países cultos.

Reformador, do Rio de Janeiro, dá notícia e fá-lo como se de relevante facto se tratasse. Diz êle:

«Já apareceu nas livrarias a primeira obra espirita que se publica em Esperanto em nosso país e talvez no mundo. Teve a fortuna de fazê-la a oficina gráfica da Federação Espírita Brasileira, no sexto ano da segunda guerra mundial. Trata-se duma colecção de cem poemetos mediúnicos recebidos pelos médiuns Francisco Valdomiro Lorens e Francisco Cândido Xavier, com longo prefácio explicando aos esperantistas de outras plagas o que é o Espiritismo e a mediünidade.

«Alguns poemas são realmente sublimes pela forma e pelo fundo e parecem destinados a grande futuro pelo seu valor real e por serem os primeiros que aparecem no Mundo Esperantista.

«O título do livro é «Vozes de Poetas do Mundo Espiritual» (Vocoj de Poetoj el la Spirita Mondo). Se considerarmos o êxito realmente animador que alcançaram alguns dos nossos livros já publicados em Esperanto e principalmente a obra «Bhagavad-Gita», que continua sendo sempre encomendado pela Inglaterra, para venda na Europa, apesar da guerra, podemos esperar que êste novo livro levará elementos do Espiritismo aos espíritos sequiosos dos esperantistas do mundo todo.

«Esta é a primeira obra espirita impressa em Esperanto para o público esperantista universal e será seguida de perto por outras que já se acham em preparação. Permitindo Deus, dentro de poucos anos teremos fornecido aos esperantistas uma interessante e bem escolhida biblioteca doutrinária destinada ao mundo todo, pois que livre das barreiras lingüísticas que tanto infelicitam a humanidade. Do Alto não nos tem faltado o auxílio necessário a tal empreendimento».

Na verdade, é caso para nos alegrarmos e enviarmos sinceras felicitatações aos confrades brasileiros que meteram ombros à emprêsa. Íamos jurar que o nosso particular amigo Ismael Gomes Braga é o grande animador dêste movimento que tão belos frutos produzirá.

¡Que êle continue a trabalhar na Seara do Mestre e a dar-nas a conhecer novas facetas do seu talento!

Sonho que demonstra a imortalidade da alma

Constância, de Buenos Aires, publicou uma carta do sr. Carlos D. Palabrino, de S. Tomé, Argentina, em que relata um sonho curioso e invulgar, verificando depois que o fenómeno onírico tinha relação com a morte duma sobrinha cujo falecimento ignorava. Eis a carta que foi também transcrita pela *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de S. Paulo:

Numa noite de Janeiro de 1941 sonhei que me encontrava num cemitério e que desci a três metros num jazigo, em atmosfera celeste que dava claridade. Dos vidros emanou determinada substância que se transformou numa rapariga vestida de *marron* com um ramo de flores na mão e o rôsto cadavérico, embora pintado.

— Tens de me acompanhar durante cêrca de um mês no cumprimento de certa missão — disse-me ela.

E como eu anuísse ao seu pedido, colocou-se ao meu lado direito, exclamando:

— Segue-me.

Depois de uns cinqüenta metros de caminhada, parou junto a uns nichos.

— Aqui — disse ela. E adiantou-se para ali colocar as flores.

Em seguida, ouvi uma voz:

— Basta.

Depois, a rapariga olhou para mim e convidou-me a regressar.

Pelo caminho, interroguei-a:

— ¿Então tu estás morta e caminhas a meu lado?

Como única resposta, voltou-se para mim e lançou uma baforada fétida que me obrigou a dar uma volta. Acto contínuo, fêz ranger todos ossos.

Ao chegarmos ao jazigo donde saira, preguntei-lhe como respirava ela ali encerrada.

— Regulamo-nos para respirar — concluíu.

E olhando para a porta, desapareceu imediatamente.

Quando fiquei sózinho, voltei a cabeça para a esquerda e vi um homem que caminhava, a cêrca de vinte metros.

— O sr. viu? — disse eu.

— Ah! — replicou — Ali dentro há muitos que se acomodam para respirar.

Ao aproximar-se de mim, retirei-me e despertei.

Pensando no meu sonho, arrependi-me de não ter preguntado o nome à rapariga, a que família pertencia e a terra onde nasceu; dissera, porém, que a missão levaria um mês ou mais e por isso esperei, pedindo-lhe tôdas as noites que viesse.

Nove meses passaram e em certas ocasiões senti vontade de ir a Peyrano, onde tenho sobrinhos, uma irmã e cunhados falecidos há mais de vinte anos, e nunca se me ofereceu oportunidade de lá ir. Como o desejo fôsse cada vez maior, resolvi passar uns dias naquela localidade e para lá segui em 4 de Agôsto do ano passado (1941).

Em Peyramo, encontrei-me com uma sobrinha de saúde abalada e cheia de pesar por haver perdido duas filhas, uma de 17 anos e outra de 10 anos de idade, a primeira falecida em 1934 e a segunda em 1936.

Animei-a como pude e industriei-a nos princípios espiritas, levantando-lhes o moral abatido e assim se restabeleceu paulatinamente. Hoje, é espirita, ela e tôda a família.

Na noite de 11 de Outubro do mesmo ano pedi fervorosamente a Deus me fôsse resolvido o enigma da missão que eu tinha com a morta e que eu estava disposto a cumprir em qualquer lugar da Terra. No dia imediato, fui inspirado a visitar os meus sobrinhos.

Após alguns dias, preguntei se não havia fotografias das defuntas, sendo-me respondido afirmativamente. Ao vê-las, reconheci logo a que eu vira no cemitério. Era a de 17 anos.

Para maior segurança, expliquei o seu modo de andar e como eu a vi penteada, vestida e pintada. Quanto à pintura, minha sobrinha afirmou que a filha não era afectada e que nunca se pintara. Verificou-se porém, que, no decorrer da doença, a rapariga fôra transportada para casa duma tia, afim de ser tratada convenientemente. E como o seu estado se agravasse, a enfêrma pediu à tia que a pintasse, caso viesse a falecer. A mãe desconhecia êste pormenor. Mais tarde visitei o cemitério e reconheci-a melhor por a ver no caixão. O caminho também me era familiar. Era precisamente o mesmo da noite em que a acompanhei em sonho.

Agora vou referir um facto estranho: os vidros por onde ela saíu e entrou estavam manchados por dentro. Segundo declarou a família, os vidros sempre estiveram limpos e agora não era possível limpá-los. Talvez conviesse fazer-lhes uma análise.

Finalmente, verifiquei que os lugares dos nichos pertenciam aos avós da sua família.

Quem quiser verificar os vidros manchados da porta, pode fazê-lo. É o jazigo da família Eugénio Chiaborelli, no cemitério de Peyrano, província de Santa Fé.

FACTO CONVINCENTE

O diário A Tarde, *de S. Paulo, publicou em Dezembro de 1928 a seguinte notícia, que envolve o nome dos poetas brasileiros Paulo Gonçalves e Martins Fontes, ambos desencarnados:*

«Foi há dias, no palco do Teatro Apolo. A «estrêla» da companhia, que é médium bastante desenvolvida, sentiu-se fortemente actuada no final da peça. Os fluidos que recebia eram fortíssimos. Logo que saíu do palco, caíu em transe, precisamente quando se dirigia para o camarim.

Até aqui, nada há de estranho, porque isso acontece freqüentemente; porém, a natureza da comunicação é que foi impressionante. O espírito de Paulo Gonçalves manifestara-se entre gente de teatro, essa mesma gente para quem tinha escrito coisas admiráveis, como «A Comédia do Coração», «1830», «As Noivas» e «Mulheres que não Querem Alma». Todos esperavam que o poeta da sensibilidade viesse do Além para fazer literatura. Mas não. Vinha pedir que lhe socorressem a velha mãe, que estava sem recursos em Santos, morando por favor em casa duns amigos. Deu o endereço exacto, rua e número, e despediu-se, comovido e perturbado.

«Telegrafaram logo ao Martins Fontes, grande amigo do poeta, que foi à morada recebida, onde encontrou a mãe de Paulo, à qual dispensou a necessária assistência.

«A simplicidade tocante do facto e a precisão com que foi indicada a residência da mãe do poeta, são deveras comoventes e provam o quanto de grandioso e sublime encerra a doutrina espirita. A vida de além-túmulo já não sofre a contestação de cérebros evolucionados.

«Factos desta natureza trazem muita luz para o campo das controvérsias malsãs.»

Em geral, os cépticos não andam à espera de «toques» desta espécie, mas sentem oscilar as convicções, quando assistem a fenómenos semelhantes, quer como simples e ocasionais testemunhas, quer investidos na missão de investigadores ou de... fiscalizadores. Muitas vezes, o facto surge inopinadamente, sem dar tempo a contrôlos, nem a observações pre-estabelecidas. É quando mais impressiona e «apavora» os fortes de espírito, que se vêem e desejam para justificar a môfa com que olham o que está para além do seu entendimento.

Notas & Comentários

O fim do «caso» Humberto de Campos

O «caso» Humberto de Campos, em que esteve envolvido o médium Francisco Cândido Xavier, bem como a Federação Espírita Brasileira, teve o seu epílogo na Terceira Câmara do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, após douta exposição do desembargador Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa, confirmando a sentença do Dr. Mourão Russel que julgou a família Humberto de Campos carecedora de acção, visto o poder judicial não ser órgão de consulta.

O recurso da viúva resultou, pois, infrutífero, apesar da defesa do seu esforçado procurador. De nada lhe valeu apelar da sentença. A decisão foi unânime. Está julgada a causa e encerrado o processo. Todos os espíritas devem ficar satisfeitos com o desfêcho dum pleito que chegou a apaixonar o grande público, mantendo-o em ansiosa expectativa.

A magistratura foi judiciosa e reflectida e deu um alto exemplo de dignidade e de justiça.

Por seu turno, a Federação Espírita Brasileira, segundo informa a *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, resolveu atender em parte os desejos da família Humberto de Campos, retirando (nas futuras edições) da capa das obras mediúnicas qualquer alusão ao nome de Humberto de Campos, renunciando voluntàriamente a um direito que os tribunais lhe conferiram.

Monteiro Lobato e o «Pár-naso de Além-Túmulo»

O grande escritor brasileiro Monteiro Lobato, muito conhecido em Portugal pelos formosos contos que lhe grangearam merecida popularidade, sôbretudo entre os adolescentes dos dois países irmãos, concedeu em 30 de Setembro último uma *entrevista* à *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, na qual se refere ao médium Chico Xavier. E fá-lo da seguinte forma elucidativa:

«Por fim — escreve o jornalista — até o «caso» palpitante de Chico Xavier, psicografando as obras de Humberto de Campos, veio ao tabuleiro da discussão. Estamos a ver a fisionomia de quem nos lê, indagando qual a opinião de Monteiro Lobato sôbre as obras psicografadas... Aí vai:

«O escritor não pertence à categoria dos que dão de ombros com indiferença. E não esconde o seu interêsse pelo assunto, antes o estuda, o examina, o disseca:

— Aquêles versos de Augusto dos Anjos são tudo quanto pode existir de mais Augusto dos Anjos... Se o homem, realmente, produz por conta própria tudo o que saiu no «Parnaso de Além-Túmulo», então êle podia estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras fôsse...

«O Mensageiro Espírita»

Uma boa notícia aos leitores: A Federação Espírita Portuguesa vai lançar novamente *O Mensageiro Espírita*, que dirigimos durante anos, após o afastamento da Doutora Amélia Cardia. Terá como director o coronel Faure da Rosa, nosso querido colaborador e figura predominante do Espiritismo, ao qual tem dado o melhor do seu esfôrço.

Nunca deixámos de saüdar os arautos que surgem, dispostos a enfileirar nas hostes espíritas. Recebemo-los com simpatia, desejamos-lhe vida longa e outorgamos-lhe a nossa solidariedade.

Com o *Mensageiro*, o caso é diferente. Levámos anos a fortalecê-lo e a prestigiá-lo, a ponto de o considerarmos filho dilecto, cujos triunfos compensaram largamente as canseiras e os sacrifícios feitos em seu seu benefício. Por isso mesmo, alegra-nos profundamente a sua reaparição. Oxalá que êle progrida e se encha de merecidos louros.

O Médium W. T. Parish

Sabemos que alguns leitores de *Estudos Psíquicos* se dirigiram ao médium inglês W. T. Parish, implorando auxílio para doenças graves, algumas das quais incuráveis.

Há dias, lemos duas respostas do médium e ficámos encantados com a boa vontade e espírito de sacrifício claramente revelados em palavras de grande confiança susceptíveis de elevar o moral dos doentes.

A nossa impressão perdura ainda e perdurará durante muito tempo. Entre outras coisas, aconselhava os interessados a concentrarem-se o mais possível das 7 às 8 da manhã e das 10 às 11 da noite, horas a que êle costumava tratar os enfêrmos a distância, servindo-se da sua faculdade de desdobramento para os tratar directamente.

A imprensa é poderosa alavanca que não só irmana os indivíduos das mais variadas latitudes, como torna o mundo cada vez mais pequeno e acessível aos que sabem querer com vontade.

I. D. S.

Noticiário

Jornais e Revistas

Recebemos e agradecemos a visita das seguintes publicações:

De Portugal — *Luz e Caridade, Além, A Rosa Cruz, Osiris, Região de Leiria, O Comércio de Leixões, Jornal de Albergaria, Trás-os-Montes, O Globo, Fé e Vida Mundial.*

Do Brasil — *Reformador, Mundo Espírita, A Verdade, Revista Espirita do Brasil, Revista Internacional do Espiritismo, O Nosso Guia, A Nova Era, Amor à Verdade, O Espirita Mineiro e Semeador.*

Da Argentina — *Constancia, Revelación e Claridad del Alma.*

Do Uruguay — *Guia Astrológica.*

Da Inglaterra — *The Psychic News.*

Centro Espirita Fé e Caridade

O Centro Espirita Fé e Caridade, de Angra do Heroísmo, que se encontra filiado no nosso Centro, acaba de eleger a sua nova Direcção, que é constituída pelos seguintes confrades:

Presidente — *José Farinha*
Secretário — *José Ramalho*
Tesoureiro — *Américo Vieira da Silva*
Vogais — *José Simões e José Gonçalves Leonardo.*

Aos novos directores desta prestante e conceituada agremiação, apresentamos as nossas fraternais saüdações. Que vejam coroados de êxito os seus esforços em prol da doutrina espirita, eis os votos que formulamos.

«O Nosso Guia»

Mais um órgão de propaganda espirita acaba de entrar nesta redacção. Trata-se de «O Nosso Guia», mensário dirigido por Ramiro Gama e que entrou agora em nova fase de acção, apesar de já contar oito anos de existência. Com redacção na Avenida Amaro Cavalcanti, 1571, sobrado, Rio de Janeiro, «O Nosso Guia» apresenta-se bem redigido e insere variado noticiário do movimento espirita brasileiro.

Ao seu director as nossas saüdações fraternais.

Legado Firmino Assunção Teixeira

A Federação Espirita Portuguesa publicou um anúncio convidando os centros espiritas legalmente constituídos a apresentar, no prazo de 45 dias, relatório fundamentado àcêrca das suas actividades e do seu estado financeiro. O Centro Espiritualista Luz e Amor cumprirá aquelas instruções, a exemplo do que fêz no ano de 1944.

As nossas conferências

No dia 21 de Abril, pelas 21,30, o Major Eurico de Castro Zuzarte realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor a sua anunciada conferência, intitulada «O Cristo expoente máximo da Humanidade» (continuação da que realizara em Fevereiro passado no mesmo local.

Presidiu o coronel Faure da Rosa, secretariado por D. Ivone de Sousa e Dr. Estêvão da Silva, que representava a Federação Espirita Portuguesa.

O conferente continuou no estudo já iniciado e ventilou a questão da corporeidade de Jesus, tão debatida em vários países, sobretudo no Brasil, em virtude das edições de «Os Quatro Evangelhos», de Roustaing, lançadas pela Federação Espirita Brasileira. Expôs algumas discrepâncias e contradições dos Evangelhos sinópticos, aludiu à facilidade de explicação de certos «milagres» atribuídos ao Cristo, desde que se tenha em vista a teoria em aprêço, mantendo-se, porém, no seu campo de observador imparcial. Referiu-se às investigações de Crookes e às célebres materializações do Pará coligidas por Nogueira de Faria em «O Trabalho dos Mortos» e terminou, apelando para todos no sentido de imitarmos o Cristo na sua doutrina e no seu exemplo.

O Dr. Estêvão da Silva pediu a palavra para dizer que já ali estivera como espirita, mas que agora o fazia oficialmente, representando a Federação Espirita Portuguesa, onde êste Centro está federado. Sente-se satisfeito por declarar que a união das agremiações só traz benefícios para a Causa e que aquela Federação trabalha no intuito de ligar todos os elementos que possam enfrentar a onda de materialismo que há de surgir depois da guerra.

O presidente da Direcção, 1.º tenente Isidoro Santos, congratulou-se com a presença da Federação, a quem manifestou a sua simpatia, pondo em relêvo a necessidade de se entrar numa era de calma, pois só em sossêgo poderemos realizar obras duradoiras. A Federação — disse — pode contar com o nosso esfôrço ordenado e sincero, longe de hegemonias, que não estão no programa que traçámos.

Por fim, o coronel Faure da Rosa fêz algumas considerações àcêrca do trabalho do conferente, dando por encerrada a sessão.

Estiveram também no Centro dois membros da Direcção da Federação: o 1.º secretário, sr. capitão Alfredo dos Santos, e o vogal sr. Luiz Baldrico, a quem, igualmente, agradecemos a comparência.

Programa dos trabalhos do Centro no mês de Maio de 1945

Dia 6 (Domingo), às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «O Espiritismo e o Problema Humano».

Dia 13 (Domingo), às 16 horas — Sessão experimental, com as médiuns D. Filomena da Cruz Correia e D. Maria Rosa Guerrinha.

Dia 20 (Domingo), às 16 horas — Conferência por Eduardo Fernandes de Matos, intitulada «Saúde e Felicidades».

Dia 27 (Domingo), às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Nota — *As sessões experimentais são exclusivas aos sócios e as conferências são públicas.*

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1945 — N.º 8

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

ACÇÃO

A hora grave que atravessamos implica maior esfôrço do homem consciente que não quere perder o terreno conquistado em séculos de luta pela verdade e pelo bem.

A guerra mundial não terminou ainda na Europa, apesar das notícias aliciantes expalhadas em todos os sentidos, para que a calma volte aos corações, para que a esperança seja fanal orientador daquêles que perderam a fé em tudo e principalmente na regeneração da sociedade. Há qualquer coisa no sub-solo que gera desconfiança e que nos obriga a viver em tensão nervosa, em perene inquietude, à espera de acontecimentos que a intuição prevê e a sensibilidade repele intensamente...

Pois é nesta atmosfera que nós, espiritas, temos de exercer a actividade, em união estreita, vigiando acções e pensamentos e procurando interessar no ideal o maior número de simpatizantes. O indiferentismo que invade certas almas é pernicioso e esterilizante. Só trabalhando em conjunto, vibrando nos mesmos princípios e dirigidos ao mesmo alvo, poderemos olhar o futuro sem receio.

A associação de energias gera a fôrça. A dispersão é a morte. Errantes e dispersos, seremos tragados pela derrota,

¿Onde estão os homens que pensam como nós? ¿Onde estão êles, que não acodem às vozes que se erguem em solene convite?...

Abandone-se a indiferença, o marasmo, o comodismo e a melancolia. Sejamos homens de acção, ao serviço do ideal espirita.

Quanto mais grave fôr a conjuntura, maior tem que ser a vigilância e a necessidade de unificar esforços.

É nas horas difíceis, quando tudo parece sossobrar, condenado a fracasso iminente, que a fôrça de vontade é posta a dura prova. E muitas vezes surge o milagre, isto é, o inesperado premeia a diligência, o zêlo e a valentia.

Em 1945, já ninguém deve ocultar a sua profissão de fé. O Espiritismo não degrada, como nos tempos de maior obscurantismo.

Hoje, mercê da propaganda intensiva de milhares de arautos que se movimentam em tôdas as direcções, qualquer indivíduo pode dizer que é espirita, sem ter de pôr-se em guarda contra a môfa dos zoilos que tudo achincalham.

E que assim não fôsse? A dignidade e a verdade impõem atitudes viris ao homem de honra. Ter convicções implica responsabilidade. Portanto, o nosso dever é menosprezar o preconceito e seguir com firmeza, em busca de novos elementos, de novos soldados que se disponham a combater sob a bandeira néo-espiritualista.

A luta é esta. O caminho é em frente, para mundo melhor, onde caibam todos os seres sem se acotovelarem, onde todos encontrem garantias de justiça.

Nêsse sentido se devem dirigir os nossos pensamentos, porque o Espiritismo no-lo indica, através dos seus lógicos postulados.

A acção dos adeptos tem de ser intensa e contínua, já que o seu fim é melhorar o homem, dando-lhe a conhecer verdades que êle ainda desconhece.

I. D. S.

SOBREVIVÊNCIA

por F. Noronha

«Feliz a quem a Verdade por si ensina (Ps. 93.12), não por figuras, e palavras, que passam (Num. 12.8), mas por si mesma.

Da *Imitação de Cristo* — Livro 1.º, cap. 3.º-I, vertida do latim por Ernesto Adolfo de Freitas — Lisboa, 1878.

É incontestável, verdadeira e pujantemente axiomático, que a verdade constitui o valor máximo, a cúspide suprema e a garantia inultrapassável do edifício e para o edifício social, que o homem soergue.

«Para conhecer o homem que denominamos moral, — leio, por Des Amateurs, na parte 7.ª de *Questions Sur L'Encyclopédie* 1772 — é preciso principalmente ter vivido e reflectir».

«Reflexão», característica precípua que nos inconfunde entre tôdas as espécies vivas, define-a Brousseus (*Traité De Physiologie Appliquée à la Pathologie* — Paris, 1622, pág. 3): «faculdade de nos analisarmos, de cada qual proceder a exame de si próprio simultâneo com o do todo existente e de ser convidado a isto por um gôzo que se afigura independente da satisfação, pelo menos próxima, de suas necessidades físicas: é o que produz nêle necessidades puramente intelectuais.» (*In* tômo 1.º).

Diz Richerand *(Nouveaux Elements de Physiologie* — Paris, 1825, pg. 15): «e tudo é por igual pasmoso em a natureza viva e animada, desde o humílimo vegetal até o pensamento mais elevado.» (*In* tômo 1.º), e a derradeira frase da sua obra, tômo 2.º, pág. 569, tem esta expressão: «que o tipo culminante ou fundamental da espécie nunca pode ser aniquilado.»

Importa-me esclarecer, antes de prosseguir, que dou aqui ao vocábulo *sobrevivência* o sentido de continuïdade vital psíquica, após a morte física.

É de acentuar, todavia, que à face da natureza, «o que definimos *morte,* como se exprime Virey *(Nouveaux Dictionnaire d'Histoire Naturelle,...* tômo XV, pág. 97 — Paris, 1803) não passa de uma forma divergente de vida, fora do alcance de nossa penetração; é uma vida inactiva, encoberta e interior, que já não existe num conjunto individual, mas nas próprias moléculas dos corpos orgânicos».

Mais adiante (pág. 98), diz o notável cientista, que foi autor de *Histoire Naturelle du Genre Humain* e do magistral e empolgante discurso, que abre o dicionário indicado: «Cada ser caminha de impulso próprio para a sua *morte,* por um pendor universal; exactamente como pedaços de rocha, desprendidos do píncaro de montanhas rochosas, rolam sem qualquer intervenção para os precipícios que as cercam. As duas extremas da vida são o aniquilamento; o meio termo é apenas um ponto entre abismos eternos».

Eterna é também a verdade, e uma só, sem antes nem depois, como o tempo, duração, no significado absoluto, em dimensões de nenhuma categoria; e «quando alguma se lhe atribui, é por metáfora», como diz, no cap. 3.º, livro 2.º, pág. 215, *in fine,* de *La Science Positive et la Metaphysique* (Paris, 1883) o ilustrado intelectual Louis Liard.

Para nós, levantam-se com freqüência barreiras e outros obstáculos que, porfiando, chegamos a vencer.

«O homem, afirmo com P. C. Sappey logo na 2.ª linha do *Preface* do seu interessante *Traité d'Anatomie Descriptive* (Paris, 1866), tem podido estudar com plena liberdade de acção tudo o que se estende para além dos seus próprios limites». Sappey acrecenta, em período gramatical imediato: «Dificuldades, muitas vezes insuperáveis, vieram sustá-lo em suas investigações, quando quis conhecer-se a si mesmo».

Nosce te ipsum. É frase imperativa de velhas idades, transmitida ao longo dos séculos e até, em anos recentes, adoptada como título de obra espirita, em oito tômos, publicada em Madrid.

¿Quanto temos avançado em tôdas as províncias do saber e em todos os ramos do conhecimento, desde os assomos pri-

mevos do século dezanove, na duração eterna?!...

¡Que espantosa fenomenalidade se há descortinado, até à positiva realidade de que dá conta o insigne professor M. Camille Dareste numa bela e famosa obra, e quantas surpresas, alheias a artifício, como o caso do tumor volumoso, *contendo um feto*, que assombrou os médicos operadores, ainda de fresca data, num hospital de Bolonha, de um rapaz de 19 anos, seu portador!...

¿A sobrevivência, a que me refiro, constituïrá um sonho de vigilia ou mera utopia?!

«No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido.
Muevesme al tu amor en tal manera,
Que aunque no hubiera cielo, yo te amara.
... ...
No me tienes que dar porque te quiera:
Que aunque quando espero, no esperara,
Lo mismo, que te quiero, te quisiera.»

Eis resposta, com antecipação de séculos, na bôca de Xavier, apóstolo das índias, às preguntas formuladas, que transcrevo da pág. 134, do belo volume, *Goa Antiga e Moderna*, de autoria do meu velho e querido amigo Frederico Diniz d'Ayalla, natural da nossa inolvidável metrópole do Oriente, e dado a lume em Lisboa, em 1888.

É que o homem, embora preso à terra, dirige «para o alto os seus olhares mais voluntàriamente, perfilhando o conceito do proeminente A. de Lapparent, denunciando assim, com evidência, aspirações que transcendem a visão externa e vão perder-se no infinito.

¿Conformam-se porventura estas no aperto de restrições e mesmo paralisações forçadas, que as envolvem ou empanam de sombras e nevoeiros?

Sedentas de luz, mais e mais, conseguem sacudir-se e irromper, desembaraçadas, separando e distinguindo no material ou físico o que lhe não é assimilável nem admite classificação de contingente.

Penso e sei que penso, que as paredes do crânio não são cárcere de capacidade impeditiva ao irradiar libérrimo da idéia e que esta não jaz reduzida à prova primária dos sentidos.

¿Onde lobrigam estes os axiomas e as verdades absolutas?

Quando o «eu» se concentra e medita a ponto de olvidar o companheiro corpóreo, abstraíndo completamente da simples noção das coisas, ¿que papel desempenham os sentidos e qual o paradeiro em que se encontram?

¿Estarão hermèticamente fechados em obscura toca?

Baldadamente pretendo responder a semelhante interrogatório ou criar hipóteses que lhe sejam satisfatórias ou favoráveis.

¿Deveremos pedir esclarecimento lógico aos teóricos neuronianos? ¿Células nervosas com prolongamentos e enlaces emitem luminosidade bastante para solucionar todos os nossos problemas, de maior e menor gravidade e melindre?

«O cérebro, diz o professor Miguel Bombarda *(Os Neurones e a Vida Psíquica* — Conferências realizadas na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, — Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, pág. 145) é um oceano de amebas neurónicas que de contínuo estão em movimento, que de contínuo estão a articular-se e a desarticular-se. Esta agitação incessante é a consciência. Não é uma agitação que dê a alguma coisa estranha, a uma alma sobreposta, a sensação da consciência. A própria agitação constitui essa sensação. A agitação é a própria consciência.

«Vou, porém, mais longe — e longe e quanto posso. Essa agitação é universal e universal é a sensação da consciência. Consciência no homem, consciência no animal ou na planta, consciência nas massas minerais. Um carvão incandescente é consciente. A questão está apenas no grau dessa consciência. Luminosa no homem, obscura nos graus mais baixos da vida, quási extinta nos corpos não organizados. Por tôda a parte a agitação, por tôda a parte o movimento, por tôda a parte a vibração, por tôda a parte a sensação correlativa!»

Observarei com Chateaubriand *(Le Génie du Christianisme*, tomo 1.°, livro 6.°, cap. 1.°) : ¿«mas que implicância tem a minha mão com o meu pensamento, quando, na calada da noite, eu me arrojo aos espaços para aí achar o regulador de tantos mundos? ¿Porque não faz o boi como eu?»

Precedentemente, no mesmo cap., inquirira o ilustre autor de *Memoires d'Outre-Tombe:* «Digam-me desde já: se a alma se extingue na sepultura, ¿donde nos vem o desejo da felicidade que nos atormenta? As nossas paixões terrenas fàcilmente se

fartam: amor, ambição, cólera, têm uma segura plenitude de gôzo: a ânsia de felicidade é a única que carece de satisfação como objecto, porque se não sabe o que é esta felicidade que se quere. Fôrça é concordar que, se tudo é *matéria*, a natureza, nêste caso, enganou-se estranhamente, fêz um sentimento sem aplicação».

Nem a matéria morre, não sofre a aniquilação totalitária. «Foi Lavoisier, o autor da grande lei de conservação da massa, assevero, fazendo-me eco da voz de Balmaceda Ayres em sessão dominical de 9-V-909, no liceu da Lapa *(Pedro Nunes)* quem vos disse que nêste mundo nada se perde nem cria, mas tudo se transforma. A matéria desaparece dum dado estado para reaparecer integralmente sôbre outro. Esta grande lei é homóloga do grande princípio da conservação da energia, que nos ensina que também as energias se não perdem, nem criam, mas apenas se transformam. Conjuntamente com essa lei da conservação da energia e as leis da organização celular e da transformação das espécies, a lei da conservação da massa constutui as quatro grandes leis que regem tôda a ciência moderna.»

¿Será excluída de existência a fôrça, de revelação trina, na unidade e simplicidade acusadas pela consciência, quando o corpo se volve regêlo e inércia aparentes ao entrar, por decomposição cadavérica, na massa laboratorial dos seus elementos, mantidos em novas combinações físico-químicas?

L. Chevreuil, Baguenault de Puchesse e Charles Adam respondem cabalmente a esta interrogação.

As suas afirmações, com clareza patenteiam a idéia de permanência de alguma coisa, não tocada pela morte.

«A permanência da idéia e o vigor do sentimento, diz Balmes encerrando o penúltimo parágrafo, cap. 22, de sua «Arte de Alcançar a Verdade», são os dois princípios que imprimem à vontade firmeza e energia. O grão de pó que o vento leva está sujeito às mesmas leis que a massa de um mundo».

* * *

Como se Fala com os Mortos, é o título de opósculo da Secção Editorial de *O Século,* contendo suma espirita, coligida por Garibaldi Falcão, e entre as gravuras que o ilustram, quatro, fotografando um espectro, uma materialização, uma aparição e uma *impressão* produzida a distância.

«A hipótese da mortalidade dos núcleos de espírito vital e especialmente a do aniquilamento das almas humanas, diz o Visconde de Coruche (Caetano da Silva Luz *(Solidarismo* — Lisboa, 1892, pág. 267), afigura-se-me ser uma quimera ou uma ilusão nascida da ignorância, e inerente à impossibilidade de obter provas materiais de coisas imateriais, ou à dificuldade de provar a existência real dos espíritos que se separaram dos corpos.

«A impossibilidade de profundar todos os mistérios da natureza não constitui razão bastante para os negar; na natureza há mistérios que todos os dias estão sendo desvendados pela ciência. Misteriosas são tôdas as leis, fenómenos, seres e estados de sêr ignorados e ainda nunca vistos nem experimentados pelo homem mortal; não obstante, é impossível admitir-se que uma qualquer coisa existente possa *deixar de ser,* pelo menos, no tempo em que existiu e no espaço em que influíu».

Com êste meu saüdoso e sábio amigo jamais dialoguei a propósito de Espiritismo.

Cristianismo, orgão da Associação cristã «Providência», de Buenos Aires, publicou em seus n.os 17 e 18, de 1941, a conferência, *Demonstración del Alma por la Experiencia,* exaustiva e brilhante elaboração do dr. Ovídio Rebaudi, perante numerosa assistência não êrma de mentalidade.

Da sobrevivência desta alma à sua morada transitória e ambulante, que é o corpo, mais ou menos submetido à acção directa da sua hóspeda, irredutìvelmente distinta das partes, peças ou elementos que o formam e obedecem a leis fisiológico-anatómicas, outras tantas operações essenciais à vida animal orgânica, de contínuo desgaste e insustentável enfraquecimento até extinguir-se de todo, de semelhante sobrevivência, pondo de banda a fé religiosa, dá conta e certeza matemática a doutrina filosófica espirita no eloqüentíssimo depoïmento de factos, que conquistam, dia a dia, através do globo, sem distinção de pátrias, de côres epidérmicas e de idiomas falados, o convencimento, não de analfabetos e de pouco atilados, mas de autênticos cientistas em tôdas as categorias, com responsabilidades catedráticas e de nome, com ligações estabelecidas de carácter social pròpriamente dito e com estí-

mulos e incitamento de brio inacessível a índole desonesta e mentirosa.

O ser humano, o que dêle repugna à clasficação de neurone e de tôdas as classificações especiosas e incongruentes, vive ainda fugitivo e alado, na flutuação do infinito, fora do envoltório que abandonou à retorta dispersiva dos seus componentes, em breve assimilados na circulação universal por atracções dominadoras e por impulsos de movimento dinâmico.

Vive, sobrevive em além do túmulo.

* * *

A sobrevivência de que se trata diverge de imortalidade, só consonante com o espírito.

No destino dêste comporta-se ou entende-se a perdurabilidade, isto é, a vida sem liames e isenta de soluções ou quebras de continuïdade essencial, pois registam-se provas de encarnação de desencarnados, fundamentando a teoria de provações sucessivas, a caminho do inteiro depuramento espiritual das almas.

A igreja católica tem como dogma o prémio dos justos e o castigo dos impenitentes em três estações, *post-mortem*, ou sejam o purgatório, o paraíso e o inferno, geena atroz de eterno sofrimento, de dor infinda.

Há, porém, filosofia inibitória dêste quadro irrisório, que diminui e abate a misericórdia do Altíssimo ao nível de misérias da mesquinhez humana e de sua inglória turbulência vingativa. Eis, nestes termos, alguém, dessa escola e figura mundialmente citada, — Luiz Buchner, que, em sua «Fôrça e Matéria», onde consagra dois capítulos à demonstração, respectivamente, da Imortalidade da matéria e da Imortalidade da fôrça, no rotulado com as palavras «Existência pessoal depois da morte», diz, a poucas linhas do início: «Não é o raciocínio, mas a vontade arbitrária, não é a ciência, mas ùnicamente a fé que podem alimentar a idéia duma existência depois da morte.»

Apesar de no frontespício da presente elucubração se encontrar o vocábulo — Sobrevivência — não creio inútil e deslocado ou absurdo demorar-me um pouco nesta altura.

«O nosso princípio pensante, diz John Stuart Mill concluíndo a parte 3.ª (A Imortalidade) do seu ensaio «O Teísmo», tem suas leis que nesta vida são invariáveis, e a analogia deve fazer-nos aceitar de harmonia com os fenómenos de correspondente vitalidade que as mesmas leis permanecerão. Presumir que o poder de Deus executará um milagre no instante da morte, tornando perfeitos os que êle quiser fazer entrar no número dos seus eleitos, é um esfôrço imaginário que uma revelação devidamente comprovada justificaria talvez, mas não passa de fantasia completamente oposta a tudo aquilo que é consentâneo supor de conformidade com as indicações da Natureza».

«Pois que!, exclama Adolfo Franck, quási no fêcho do parágrafo 8.°, parte 1.ª (Psicologia Moral) do seu livro «Moral Para Todos», se na ordem física não há criatura tão humilde que não tenha sido organizada em vista do seu fim, esta lei não havia de ser reconhecida na ordem moral?

«As faculdades e os instintos que exclusivamente nos pertencem, não sòmente seriam inúteis, mas até contrários ao curso remansoso da nossa existência. Mas isto não pode justificar-se nem compreender-se, e, para admitir uma suposição tal, fôra mister renunciar ao raciocínio em prol da desesperação. O dogma da imortalidade da alma é tão antigo como o da existência de Deus.»

«Quando o homem deixar de crer numa outra vida, diz Luiz Fouerbach, prestes a epilogar o seu estudo «A Morte e a Imortalidade», não volverá mais a tiranizar o homem, nem a consentir em ser tiranizado. Cuidará de trabalhar e de gozar com economia de tempo e de suas fôrças. Não esquecerá que só possui uma única existência.»

«A doutrina espiritualista da vida futura prende-se até final ao supremo interêsse da sanção moral, que êle corrobora e completa, diz, com ênfase peremptória, Francisco Huet, antecedendo a «Conclusão», do tomo 2.° da sua obra «A Ciência do Espírito — Princípios Gerais de Filosofia Pura e Aplicada», nós só conhecemos com certeza a imortalidade da alma e o que se lhe articula por um laço imediato: o mais escapa-nos, e a ciência humana não parece chamada a devassar todos os segredos da morte.»

Emílio Saisset que, juntamente com Amadeu Jacques e Júlio Simon, colaborou

DESDOBRAMENTOS

por Maria Emílla Gândara Viana

A minha casa estava assombrada. Não havia serviçais que se prestassem a servir-me. Ao tempo, 1922, desconhecia o Espiritismo, mas as minhas faculdades mediúnicas não me deixavam dúvidas. O que ouvia, os pensamentos que me eram transmitidos, provavam-me claramente que vivia junto de mim alguém, que em vida fôra meu algoz. Quando me julgara livre, pelas leis do meu País, viera a morte restituir ao culpado o poder de perseguir-me. ¿E quando eu morresse continuaria a mesma perseguição? Esta idéia horrorizava-me...

Uma noite pedi a Deus que, se as almas se encontravam no Espaço, nunca a minha encontrasse aquela. A resposta não se fêz esperar... Adormeci e, pouco depois, acordei, sentindo que uma mão pousava sôbre um dos meus ombros. Voltei-me e vi a meu lado, sorrindo desdenhosamente, aquêle que temia.

A despeito de deveres imprescindíveis que me prendiam no lar, deixei tudo... Parti para Lisboa em procura de espiritas. Acolhida carinhosamente, pela minha amiga de infância Maria Emília de Carvalho Gonçalves, uma das fundadoras do Centro Luz e Amor, fêz-se ali um esplêndido trabalho. Levantou-se uma pontinha do véu que encobria o meu passado. O preciso para eu saber que devia perdoar e pedir perdão.

Não podia demorar-me. Regressei apressadamente a Tomar, muito atrasada ainda.

Prometera cumprir o que me ensinaram, mas no íntimo perdoava condicionalmente, impondo o mais completo afastamento.

É claro que a perseguição redobrava. Uma noite, antes da hora habitual de adormecer, senti uma prostração irresistível. Apenas tive tempo de lançar-me sôbre o leito. E parti... Voando, — tive essa impressão —, fui ao campo, entrei numa vivenda que fôra minha residência durante o último ano que vivi em comum com o meu ex-marido. Num dos compartimentos, por entre um foco de luz amarela, o espírito correctamente vestido de preto sorria-me com o sorriso mau com que o vira no meu leito. Por um esfôrço da minha vontade, fugi. Acordei no corpo somático. Mas duas vezes mais fôrça invisível me arrastou até junto da indesejada visão. À minha aproximação da vivenda, alguns cães ladravam furiosamente. No dia seguinte informei-me. Os cães tinham efectivamente ladrado. Algu-

---

na redacção dum «Manual de Filosofia», cabendo-lhe no texto a Moral e a Teodiceia, diz, na pág. 483, da 4.° edição (Paris, 1863), subordinado ao título — «Da imortalidade da alma», de que tenho à vista um exemplar: «É bastante, de facto, para justificação da Providência, que uma vida futura seja possível. Ora, a possibilidade dessa vida futura demonstra-se abstraíndo da justiça e bondade de Deus; infere-se, rigorosíssimamente, considerando a espiritualidade da alma humana. Desde que estamos certos da possibilidade da sua sobrevivência ao corpo, prova-se, apoiando-nos sôbre os mais sublimes atributos de Deus, que ela deve sobreviver-lhe com efeito, e, nesta base, os desígnios da Providência e o destino do homem aclaram-se por igual, simultâneamente».

Acabo de transcrever passagens implicando modos de ver e opiniões dissemelhantes e inclusive uma que outra de diametral antagonismo. Procedi sem escôlha ou preferência e data, de entre os meus livros, na minha biblioteca. Paro aqui, nas transcrições, para que se me esgotaria a vida se me propuzesse prolongá-las no assunto, integralmente; o que jamais obteria, por impraticável num campo de literatura vasta, que tem apaixonado milhares de indivíduos e representa milhões de publicações de todos os formatos e estilos.

Além de que, asente a sobrevivência no alicerce forte de factos fornecidos pelo Espiritismo e não tomando a peito agora a exposição e discussão do problema da imortalidade, aliás vazio de sentido e utopia no vácuo, se tudo findara com o eclipse irremovível da vida na morte física do organismo em que a alma se alberga, nada adiantaria, quer subjectiva quer empìricamente.

mas vizinhas abriram as portas e as janelas, mas nada viram que justificasse o alarme.

Os locatários da casa andavam em vilegiatura... Contudo, eu duvidava, desejava que tivesse sido um sonho...

Outra noite, entre a vigília e o sono, senti que uma mão me agarrava no braço e me levava a percorrer uma grande cidade, muito bem iluminada. Passei por várias ruas, torneei edifícios, entrei num convento, vi celas, corredores, claustros e terminei a visita numa grande igreja com dois púlpitos.

Seriam, realmente, desdobramentos? Queria sabê-lo!... E quando se quere com pertinácia, consegue-se, se o karma não se opuser.

Passadas mais umas noites, vi um quarto decentemente mobilado. A servir de tapete, uma esteira velha e rôta.

De manhã puz de parte a hipótese dos desdobramentos. ¿Quem teria, num quarto bem posto, um tapete tão ridículo?! E assim pensando, abri a janela do meu quarto e deparei com a esteira na janela do vizinho.

No quarto que visitara no astral, dormia um bébé com a respectiva ama; esta, à noite, substituira o tapete pela esteira usada. De manhã, talvez por intuição, dependurou a esteira à janela.

Passados anos, quando o estudo do ocultismo extinguira o meu ódio muitas vezes secular, sabia até pela confissão do culpado que tinha sido assassinada em várias existências. Um dia, numa sessão, disseram-me que, num dos géneros de morte que sofrera, fôra devorada por feras. Não dei crédito. Afigurou-se-me exagêro. A experiência tinha-me demonstrado que a par de transcendentes verdades, vêm, por vezes, do astral, desconcertantes mentiras. Mas, pouco tempo depois, sonhei com feras e com uma senhora, minha parente. Ao despertar, lembrei-me de que em criança tivera muitas vezes o mesmo sonho. As mesmas feras e a mesma prima. Por que seria? Não sei se como resposta, achei-me fora do leito e nêle vi o meu corpo transformado no corpo esbelto duma mulher de côr. Feições correctas, bem acentuadas. Nos braços e pernas, grande quantidade de anilhas, na cabeça um diadema de pedrarias. A visão foi rápida. Voltei ao corpo denso. ¿Terei animado o corpo da preta? ¿Seria nêle lançada às feras que vi em sonhos? Não sei. Mentira que eu invente, não é. Possìvelmente, porque menti muito em vidas passadas, na presente aborreço a mentira. É mesmo a falta que mais difícilmente desculpo. Mas, pelo menos uma vez, também menti. Foi há quatro anos, em Maiorga. Hospedara-me em casa de uma boa família, onde existe um centenário, muito interessante, muito arguto, que, para saber com quem tratava, inquiriu das minhas convicções religiosas.

Se era católica? ¿Há que tempo me confessara?

Respondi que o fizera pouco antes, ao deixar a minha terra. Enquanto a velhinha me fitava desconfiada, a alma de minha mãe dizia-me:

— Não, minha filha, que a mentira, por mais inofensiva que seja, mancha sempre a alma de quem a diz.

Achei tão belo o conceito, que não me canço de repeti-lo e respeitá-lo.

Morta fotografada no túmulo

Segundo narra a Revista Internacional do Espiritismo, *o* South Australian Advertiser *mencionou um caso bem curioso de fotografia num cemitério.*

Um certo S. C. Barty foi passar as férias na pequena cidade de Kadina. Levou a máquina fotográfica, e alguém da localidade pediu-lhe que fotografasse o túmulo duma senhora falecida dois anos antes, afim de oferecer algumas provas a parentes seus que moravam longe.

Barty acedeu a êsse desejo. Dirigiu-se ao cemitério, pouco antes da sua partida de Kadina, e bateu a chapa, depois de ter colocado flores no túmulo da desconhecida. Depois, voltou à cidade onde residia e ali revelou as chapas, tirando três provas, que remeteu para Kadina, donde foram enviadas aos tais parentes da defunta.

Pouco depois, o sr. Barty recebeu cartas surpreendentes, em que lhe diziam:

«¿Por que meio fêz o senhor aparecer nas fotografias o próprio rosto da morta?»

O fotógrafo amador ficou intrigado. Observou de perto uma prova, que conservou, e, efectivamente, viu junto à cruz e às flores um rosto definido por seus traços e muito característico pelos acessórios do vestuário, visìvelmente esboçados. O mais interessante é que se tratava de mulher desencarnada dois anos antes, que êle nunca vira e cujo túmulo juncara de flores.

O sr. Barty era médium fotógrafo, sem o saber...

Jun/45

AS EXPERIÊNCIAS DO CORONEL DE ROCHAS

pelo Coronel Faure da Rosa

III

Experiências com a médium Marguerite

A mais antiga das vidas a que Rochas pôde fazer regressar a médium Marguerite — uma jovem de 19 anos — decorreu na Índia. A médium era, então, mulher, filha dum rajá e duma escrava. Amava apaixonadamente um oficial inglês. Como as suas relações tivessem sido descobertas, o pai condenou-a a morrer na fogueira. A sentença foi executada, mas antes de morrer a jovem indiana mandou ao oficial inglês um lindo ramo de rosas entre as quais se ocultavam três pequenas serpentes muito venenosas, para que o seu amante também morresse e fôsse juntar-se-lhe no Além.

Na vida seguinte ainda foi mulher. Habitava em Marrocos e pertencia a uma ordem religiosa. Um bando de aventureiros espanhóis, que desembarcara na costa, foi repelido pelos marroquinos que aprisionaram o chefe do bando. Êste chefe foi encerrado numa tôrre onde deviam deixá-lo morrer de fome, mas ela, tendo-se apaixonado pelo prisioneiro, facilitou-lhe a evasão e juntos embarcaram num navio que os conduziu a Espanha.

Depois renasceu num homem, em Espanha, onde foi gentil-homem, brutal e sem escrúpulos de qualquer espécie. Raptou uma rapariguita pastora de cabras a quem amava deveras, mas batia-lhe e tornava-lhe a vida insuportável. Esta jovem camponesa teria sido uma das precedentes encarnações do coronel de Rochas, à qual sucederia, primeiramente, a encarnação no super-intendente das Finanças Fouquet (1615-1680), a quem ela, então desencarnada — sempre protegeu do Além. Segue-se uma outra encarnação numa grande dama austríaca, amiga da imperatriz Maria Luiza. Mais tarde, torna a voltar à Terra, encarnada no marechal Ney. Finalmente Rochas e a antiga religiosa de Marrocos, encontram-se na última existência terrestre, na qual depara com o chefe do bando espanhol com quem se evadira de Marrocos. Casa com êle como expiação das suas faltas passadas e com o fim de o fazer evoluir. Rochas, depois de ter levado a médium ao estado normal, continua a aplicar-lhe passes transversais que lhe permitem ver o futuro. Isto passou-se em Janeiro de 1900, tendo a médium Marguerite 19 anos. Em transe, previu que morreria cêrca dos 45 anos de idade depois de uma vida muito triste em que todos os seus instintos seriam sufocados. Anos antes, o seu marido deveria morrer, o que representaria um alívio para ela, mas já seria demasiado tarde para mudar de rumo. Em compensação, no espaço, Marguerite haveria de encontrar todos aquêles que a amaram realmente... Então há de sentir a alegria de se ver livre e o desejo de reencarnar para ajudar a humanidade a evoluir. Efectivamente encarna: é mulher em situação independente; não casa e encontra Rochas reencarnado num homem solteiro. Ambos unidos por uma amizade pura cultivam, com afinco, o estudo das ciências psíquicas.

Experiências com a médium Henriette

A médium Henriette era uma senhora de 34 anos, mãe de família, perfeitamente equilibrada tanto moral como fisicamente. Muito instruída, ocupava na sociedade com o marido, uma situação elevada. Henriette é católica praticante e pouca ou nenhuma simpatia nutre pelas teorias espiritas que muito vagamente conhece. Esta médium vê o corpo astral formar-se por cima da sua cabeça. Na noite que se seguiu a esta sessão, Henriette dormiu mal: sonhou que um homem desconhecido, de fisionomia triste, a olhava com simpatia, e, depois, que a levava pelo espaço sob a forma de uma nuvem esbranquiçada, que vinha a ser o seu corpo astral ou perispírito. Noutra sessão, a médium vê que o seu corpo astral sobe até ao teto. Regressa ao passado: 20 anos, 10 anos... Depois de tomar

a atitude clássica do feto, entra na erraticidade. O corpo da médium jaz inerte na poltrona e responde dificilmente aos primeiros chamamentos. Uma vez mais se verifica que tanto nos períodos de erraticidade como nos de encarnação, o corpo astral fica por cima da cabeça do médium. Interrogada àcêrca do sonho que teve, a médium explica que o homem que levava o seu corpo fluídico era um amigo que ela, por ora, não vê mas que dentro de pouco tempo há de ver. Lembra-se de ter sido uma mulher muito velha. Não tarda que vá reencarnar, mas não sabe dizer se para expiar as suas faltas, se para a sua ascensão intelectual e moral... Em outra sessão lança-se no espaço, com entusiasmo, e, quási em acto contínuo, vê o amigo desconhecido do sonho. Chama-se Henrique. Retrograda ao passado: é uma velha decrépita que vive em Paris na República de 1848. Recorda-se do escultor Henrique Davin que a quis desposar, mas que o não pôde fazer porque os pais de Henrique eram ricos e ela era pobre.

Rochas remoça-a. Agora tem 20 anos e vai casar com um operário. Remoça-a mais: tem 10 anos, mostra intensa vivacidade, cheia de alegria. A médium levanta-se e faz os gestos de quem salta à corda. Continuando a ser remoçada, entra, depois na erraticidade. Está na escuridão, mas não sofre. Narra, sucessivamente, que foi um homem bom e instruído, e bispo até. Como Rochas se admirasse de se encontrar na escuridão uma personagem de tanta categoria, foi-lhe dito que um grave defeito contrastava com as suas qualidades: o bispo fôra demasiadamente amado pelas mulheres. Vivia em Marselha no reinado de Luiz XV e chamava-se Belzuna. O bispo vai reencarnar e sabe já que virá a ser uma mulher humilde e desgraçada. Êle não escolhe a sua sorte; «não se escolhe» — afirma.

Experiências com a médium Caro

— A médium Caro também era uma mulher môça; tinha 20 anos em 1910. Casara aos 17. O marido interessava-se pelas ciências psíquicas. Um dia pediu a Rochas que experimentasse adormecer a mulher, hipnoticamente a ver se curava as insónias de que ela sofria. Rochas verificou que a sr.ª Caro possuía tôdas as faculdades que notabilizam um médium.

Foi sob a influência da sugestão hipnótica que a sr.ª Caro teve um parto facílimo, sem a menor dor. Quando sentia qualquer má disposição, bastava que Rochas lhe exteriorizasse o corpo astral e que ela colocasse a mão de Rochas na parte dolorosa para que ficasse completamente curada. As mais antigas recordações desta médium referem-se à sua vida anterior de soldado. Em outra vida foi uma dama que habitava um castelo e que deixou marido e filho para seguir o amante. Na velhice e após a morte, arrepende-se e chora. Reencarna, sem o ter escolhido, no corpo de uma pequenita chamada Madalena, cuja mãe parece ter sido uma mulher fácil. Cêrca dos 18 anos vive com um amante de quem gosta durante anos.

A certa altura o homem abandona-a, o que a levou a aceitar vários amantes sucessivamente. Acaba por ser mantida por um velho e morre desgraçada com 50 anos. Segue-se a encarnação na personalidade de um homem cuja existência de amarguras lhe importa como castigo do desregramento da vida anterior.

Experiências com a médium Trinchant

— A médium Trinchant tinha 40 anos de idade em 1907 e era muito conhecida em Paris. A experiência da regressão de memória na idade de 25 e 20 anos teve êxito completo: tomava as atitudes da idade correspondente. Também nesta médium só depois dos 7 anos se produz o reflexo do pudor. Lembra-se de ter sido uma jovem árabe assassinada com uma navalha por um bandido aos vinte anos.

Impelida para o futuro, a médium vê-se estabelecida como grafóloga no bairro l'Etoile. Nessa ocasião será procurada por um americano. A médium há de dizer-lhe coisas tão espantosas que o americano, por sua morte, deixa-lhe uma fortuna enorme, mas ela própria morre pouco tempo depois.

Rochas teve uma única sessão com a médium Trinchant. Meses depois, recebe uma carta dela em que lhe diz:

«Lembra-se, decerto, das experiências de regressão de memória que fêz comigo... Lembra-se, também, de eu ter dito que em uma das minhas vidas anteriores tinha residido em África onde fôra assassinada com uma navalhada. Contei isto um tanto a rir a minha mãe. Qual não foi a minha surpreza ao ouvir minha mãe responder que eu na minha primeira infância, me queixava de ter sen-

sação duma navalhada, sensação inexacta, evidentemente, na minha vida actual, mas que pode ter certa relação com o assassínio de que eu teria sido vítima numa vida anterior!

«Caso interessante a acrescentar: Um espiritista amigo, engenheiro e homem dos mais positivistas, a quem narrei o caso do meu assassínio, respondeu-me: «O espírito de um dos meus amigos, Charles Cavier, disse-me que a conhecia perfeitamente e que outrora a encontrou na Arábia». Isto foi-me dito de maneira categórica e peremptória».

Caso narrado pelo Dr. Paul Gibier

— O dr. Paul Gibier conta que um homem novo duns 30 anos de idade, filho de pai escossês e mãe russa, era um artista gravador de talento. O pai possuía faculdades mediúnicas poderosas e a mãe também era médium. Apesar de ter nascido num meio espiritista, êsse senhor jamais se ocupara de Espiritismo e nada experimentara de anormal até ao dia em que foi consultar o coronel de Rochas, em Paris, em 1887.

Contou êle, consulente, que dias antes, ao regressar a casa, cêrca das 10 horas da noite, se sentiu, de repente, tomado de uma lassidão tão estranha quanto inexplicável. Decidido a não se deitar logo, acendeu uma lâmpada de chama e colocou-a na banca de cabeceira. Acendeu um charuto de que tirou algumas fumaças e estendeu-se num divã. No momento em que se deixava cair de costas para apoiar a cabeça na almofada, sentiu que os objectos que o cercavam andavam à roda, ao mesmo tempo que o invadia um atordoamento, uma espécie de vácuo. Depois, bruscamente, viu-se transportado para o meio do quarto. Surpreendido com êste deslocamento de que tinha consciência, olhava em redor de si e o seu espanto aumentava.

Primeiramente *viu-se estendido* no divã, indolentemente, com a mão esquerda levantada acima da cabeça. O charuto continuava acêso porque a brasa se distinguia na penumbra produzida pelo quebra-luz da lâmpada. A primeira idéia que lhe acudiu foi a de ter adormecido e que o acontecimento era apenas o resultado de um sonho.

Contudo, dizia consigo que nunca coisa semelhante lhe sucedera. Verificando, porém, que não podia tratar-se de um sonho, pensou que podia muito bem ser que estivesse *morto*. E, ao mesmo tempo, recordava que ouvira dizer que há espíritos; portanto, natural seria que se tivesse tornado espírito... Aproximou-se do corpo que estava no divã, ou, melhor, daquilo que já acreditava ser o seu cadáver. Um espectáculo que êle não compreendeu logo prendeu a sua atenção: via-se a respirar; mais do que isso: via o interior do peito, o coração a bater fracamente, mas com regularidade. Via o seu sangue, dum vermelho rubro, correr nos vasos sangüíneos... Olhava em redor de si e preguntava-se quanto tempo iria durar aquela situação. Depois ocupava-se, de preferência, do corpo, do *outro eu* que repousava no divã. Reparou na lâmpada que continuava a arder silenciosamente, e reflectiu que estando tão perto da cama, podia pegar fogo aos cortinados. Procurou apagar a luz mas não o conseguiu. Examinou-se e reconheceu que a sua mão podia passar através de si mesmo; pareceu-lhe que aquêle *outro eu* estava vestido de branco. Colocou-se diante do espelho e, em vez da sua imagem, viu a parede, depois a parte superior dos quadros e dos móveis da casa do vizinho, e, em seguida, todo o interior da mesma casa, onde nenhum dos compartimentos tinha luz acesa. No entanto, um raio de claridade que lhe saíra do epigastro iluminava todos os objectos. Ocorreu-lhe a idéia de entrar em casa do vizinho que êle não conhecia e estava ausente de Paris: imediatamente se sentiu transportado para ali. Como, não sabe, mas crê que devia ter atravessado as paredes.

Às 5 horas da manhã acordou sôbre o divã, frio, rígido, com o charuto inacabado entre os dedos. A lâmpada extinguira-se e a chama da luz tinha defumado o vidro. Pediu ao porteiro que fôsse ver se teria havido alguma novidade na casa do vizinho, e, acompanhando-o, reconheceu que eram realmente aqueles os quadros e os móveis que vira na véspera o seu *outro eu*, e até os títulos dos livros em que atentamente reparara.

FÊCHO DE TRABALHOS

No último domingo de Julho fecharemos os trabalhos do Centro com uma sessão solene, em que falarão os nossos confrades coronel Faure da Rosa, Major Eurico Zuzarte, Ramos Pereira e as nossas estimadas colaboradoras Haydi de Thebelen e D. Marcolina Alves, esta recém-chegada do Brasil. !Atenção ao programa a publicar no próximo número!

Fenómeno Sensacional

Extraordinária operação de apendicite feita por um espírito materializado com médicos especialistas na sessão. Radiografias que atestam a existência da doença e o êxito da operação. O relatório dum médico que assistiu aos trabalhos.

O Espiritismo caminha a passos de gigante na consolidação dos alicerces, assentes em rocha dura, inamovível, da ciência, da filosofia e da religião. Ainda se não extinguiram os ecos da acção judicial movida pela família de Humberto de Campos contra a Federação Espirita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier, que tão notável repercussão teve nos países da América Latina, e já novo acontecimento agita os prelos da grande imprensa brasileira, movimentando esculápios e abalando cépticos que deixaram de ser... impenitentes.

O caso registou-se em Pindamonhangaba, do interior de S. Paulo, no Centro Espirita Irmã Teresinha, de que é presidente o sr. Mário Amadei e médium o sr. Francisco Antunes Belo, funcionário da Secretaria de Agricultura, em sessão a que assistiam cêrca de quarenta pessoas, entre as quais médicos, juízes, advogados, jornalistas, e até representantes das autoridades locais.

Os maiores jornais fluminenses, como *A Noite, O Globo* e o *Correio do Norte,* levaram a notícia a todos os recantos do Brasil, com louvável imparcialidade, registando aplausos e vitupérios, uns e outros de grande utilidade na propaganda do Espiritismo.

Como é seu hábito, *Estudos Psíquicos* vai informar os leitores com todos os pormenores ao seu alcance, registando o acontecimento através dos relatos feitos por aquêles jornais e extraíndo dêle as necessárias ilações, não esquecendo o respeito que deve a si próprio e à verdade.

A estranha operação realizou-se num compartimento fechado, onde só estava o enfêrmo André Bernardi deitado em humilde cama do centro referido e sem que junto dêle se vissem quaisquer instrumentos cirúrgicos, como tesouras, pinças, bisturis, etc.

Sendo-nos impossível transcrever tudo o que a imprensa disse a respeito, começaremos pela reportagem do *Globo,* publicada em 12 de Janeiro último e que resume imparcialmente os factos. Por ela se verifica que a operação invisível foi organizada pelo espírito do padre Zabeu Kauffmann.

Fala o jornal «O Globo»

Pindamonhangaba, 11 — O espantoso e sob todos os seus aspectos inacreditável caso da operação de apendicite levada a efeito num centro espirita pelo espírito materializado dum médico falecido há cêrca de dezanove anos, está despertando a maior curiosidade e merecendo a atenção de crentes e de leigos e especialmente da classe médica, que, ainda incrédula e estranhando as características do facto e as misteriosas circunstâncias que cercaram a intervenção cirúrgica, procura os elementos que possam esclarecer melhor o assunto. Manda a verdade se diga que os próprios médicos que controlaram o caso, assistiram à intervenção e estão de posse do apêndice conservado num frasco de alcool, tendo além disso examinado o paciente, nêle encontrando a incisão, ainda estão em dúvida, por não serem espiritas, e ainda se não conformaram com as minudências, nem com certos detalhes, aguardando exames ulteriores, para então se convencerem da realidade.

Não podem admitir, antes de mais nada, que seja possível uma operação de apendicite ou de qualquer outra espécia, sem os necessários instrumentos cirúrgicos, sem luz abundante e sem que se respeitem todos os preceitos de higiene e confôrto. Antes de conhecermos a opinião dêsses médicos, que nos falaram sôbre o estranho acontecimento, vamos, ràpidamente, fazer do caso um retrospecto para revelarmos como e por que se realizou semelhante intervenção cirúrgica.

Centro Espirita Irmã Terezinha

Um grupo de pessoas residentes em Pindamonhangaba há muito tempo vinha reünindo-se em casa de um dos espiritas da cidade, para a realização de trabalhos científicos. Denominava-se êsse grupo «São Luiz Gonzaga» e tinha como chefe espiritual o padre católico Zabeu Kauffmann. Recentemente, o guia, manifestando-se em uma das sessões semanais, declarou que o grupo precisava de organizar-se em centro, que teria o nome de uma das irmãs falecidas, porque havia necessidade da realização de grandes trabalhos científicos, os quais viriam revolucionar a ciência médica e trariam, para os espiritas, motivos de muita satisfação. Indicou ainda o chefe espiritual do centro a necessidade da mudança para uma casa que oferecesse, se não maior confôrto, pelo menos maior espaço e mais comodidade para os fiéis. A ordem foi obedecida e uma casa foi alugada na Rua Prudente de Morais, 100, ali sendo instalado, então, o Centro Espirita Irmã Terezinha. Ontem, porém, o padre Zabeu Kauffmann fêz a grande revelação: o centro teria que ser preparado convenientemente, para, na sua sede, ser realizada uma intervenção cirúrgica, a qual deveria ser assistida por vários médicos, cujos nomes indicou, assim como foi mencionado o nome do paciente, o senhor André di Bernardi, que, há muitos anos, desde 1934, sofria de apendicite e estava sem recursos para operar-se. Recomendou o chefe espiritual que o paciente fôsse, antes, submetido aos necessários exames clínicos e radiológicos pelos médicos indicados, e que tais exames fôssem devidamente autenticados pelos referidos médicos, para que os mesmos não julgassem, mais tarde, que tivessem sido vítimas de uma burla ou mistificação. A operação seria realizada por um médico falecido há dezanove anos, e para assisti-la deveria estar presente um filho dêsse médico, que o pai queria converter ao Espiritismo.

Centro Espirita Irmã Terezinha, do Brasil, onde um espírito materializado fêz uma operação de apendicite, em sessão onde havia médicos especialistas

Realizadas todas as providências preliminares

Os directores do Centro Espirita Irmã Terezinha tinham quinze dias para tomar tôdas as providências, inclusive a preparação do local onde seria realizada a estranha operação. O paciente André di Bernardi foi levado,

então, a São Paulo, à presença do cirurgião Édison do Amaral, filho do médico Luiz Gomes do Amaral (cujo espírito, materializando-se, faria a intervenção cirúrgica) e foi examinado pelo mesmo, que verificou uma inflamação exterior muito acentuada do apêndice. O mesmo paciente foi conduzido, em seguida, perante o radiologista de Taubaté, dr. Ortiz Monteiro Patto, que em companhia do médico de Pindamonhangaba, dr. Francisco Lessa Júnior, o examinou, fêz a radiologia do órgão enfêrmo e autenticou as chapas, para que não pairassem dúvidas sôbre a identidade do paciente. Êsses eram os médicos, cujos nomes foram apontados pelo chefe espiritual do Centro. Depois, quando tôdas as providências estavam tomadas, êsses médicos foram convidados a assistir à curiosa e estranha intervenção cirúrgica. Receberam êles o convite com surprêsa e incredulidade, quando foram postos a par de como a operação se realizaria. Relutaram, em princípio, a aceitar, e só diante da insistência e do facto de haverem sido convidadas muitas outras pessoas merecedoras de fé e crédito, é que acederam.

Única maneira de convencer o filho

Quando anunciou qual o médico que se materializaria para realizar a operação, o espírito do padre Zabeu Kauffmann forneceu alguns pormenores que julgou necessários para que fôsse possível convencer o cirurgião Édison do Amaral a assistir à sessão, pois que, incrédulo como é, não aceitaria o convite se não houvesse motivos bastante fortes. Tais pormenores se referiam à família do próprio cirurgião Édison do Amaral. A comissão que o fôsse convidar lhe contaria episódios de sua infância, passada na cidade de Palma, onde nasceu, e na cidade de Cordeiro, onde os pais viveram durante muito tempo, e como resolvera o médico Luiz Gomes do Amaral, com muitas dificuldades financeiras a vencer, tendo onze filhos para sustentar e educar, vir estabelecer clínica no Distrito Federal e conseguir, finalmente, firmar a sua situação, inclusive dar educação aos filhos. Factos da mocidade do Dr. Édison do Amaral também seriam relatados, antes e depois de sua formatura, a sua candidatura, em 1929, à Câmara dos Deputados, etc. Tais coisas foram ditas e narradas de tal modo, que, de facto, a relutância do Dr. Édison do Amaral foi vencida. Marcou êle, então, a operação para o dia 6 do corrente.

— Eu vou — disse êle à comissão — mas fiquem sabendo que não sou espirita nem pretendo sê-lo. E quanto à maneira pela qual os senhores afirmam que vai ser levada a efeito a operação, pelo meu pai já falecido ou por qualquer (acentuou) «espírito materializado» de outro médico, devo dizer-lhes que não creio na sua possibilidade. Eu não acredito na existência da girafa...

A operação é realizada

Contássemos aqui com espaço e iríamos, baseados nas informações que obtivemos, descrever os acontecimentos que cercaram o estranho episódio da operação realizada. Devemos, contudo, esclarecer que a casa, completamente às escuras, presentes cêrca de quarenta pessoas em uma sala, na maior da casa, tudo completamente fechado, fazendo no ambiente um calor tremendo, de forma que os que não se alagaram de suor ficaram ensopados com o líquido escaldante, a intervenção cirúrgica foi feita. Mas, como? Ninguém viu, ninguém pôde estacionar no verdadeiro cubículo, onde, em cama improvisada, foi colocado o paciente.

Num recinto de 2,90 metros de comprimento por 1,80 de largura, além da cama, só existiam duas pequenas mesas rústicas. Era ali a dispensa da casa, e isso já dá uma idéia do tamanho exacto do cubículo. Na mesa junto à cabeceira do paciente só foram deixados os objectos pedidos pelo médico que iria operar, e que foram os seguintes: um tambor com gaze esterilizada, outro com algodão, um vidro com alcool para a conservação do apêndice, um tambor com duas máscaras, aventais, um par de luvas de borracha, duas bacias com alcool iodado e alcool puro, um bloco de papel e um balde sob a mesa. O médico Francisco Lessa Júnior levou seis grampos para a sutura e um livro, «Diagnóstico Precoce do Abdómen Agudo», de Zachary Cope, tradução do doutor Jorge Dória, para que fôsse utilizado pelo operador em caso de necessidade e para que o mesmo deixasse consignado o seu autógrafo. Digamos, de passagem, que não deixaram sôbre a mesa um lápis ou uma caneta e, como afirmam os crentes, não querendo deixar de atender ao que desejava o médico Francisco Lessa, o operador, molhando a mão direita no alcool iodado, colocou-a, depois, sôbre uma página do livro, a de n.º 81, capítulo IV, sob o título «apendicite». São visíveis os contornos da mão, muito embora houvesse escor-

rido o líquido e borrassem um pouco o papel, filtrando-se até à página 91.

Não havia no recinto qualquer espécie de instrumento cirúrgico, nem aparelhos para esterilização e para anestesiar o paciente, porque não foram pedidos pelo operador. A operação, entretanto, foi feita com todos os seus requisitos e com tôda a técnica operatória. ¿Agiu o espírito do médico Luiz Gomes do Amaral como auxílio de outra pessoa, de um médico ou de um «médium»? Não. Segundo o que declarou o espírito do padre Zabeu Kauffmann, guia espiritual do Centro, o espírito do médico operador materializar-se-ia para operar. Êle estaria só, exclusivamente só com o paciente. Ninguém poderia entrar na sala, ninguém assistiria à intervenção. Nem mesmo o paciente o viria, mas teria conhecimento de sua presença, sentiria, com alguma dor, os efeitos produzidos pela operação, feita a frio, sem anestésico. Mas, durante a operação, o operador conversou com o paciente; à proporção que trabalhava, descreveu-lhe tôdas as fases da operação e despediu-se do mesmo, quando deu por terminada a intervenção.

Termina aqui a primeira *reportagem*.

O *Globo*, jornal de grande circulação em todos os Estados brasileiros, encarou o assunto com frieza, elucidando os seus milhares de leitores e colocando-os perfeitamente à vontade para aceitar ou não a veracidade do fenómeno. Como se vê, as precauções tomadas eram rigorosas. O doente foi colocado num quarto separado, submetido à mais severa fiscalização. Além disso, estava às escuras. Nenhum médico terreno seria capaz de fazer semelhante operação, por mais hábil que fôsse.

O que diz a «Noite»

A Noite, edição de S. Paulo, também relatou o acontecimento. Foi, mesmo, o primeiro jornal que se lhe referiu. Arquivemos, pois, as impressões do seu enviado especial, — a fim de que os leitores avaliem melhor o caso. Quanto maior fôr o número de pormenores, melhor poderemos apreciar o facto em tôda a sua extensão.

Pindamonhangaba, 6 (Do nosso enviado especial) — O jornalista recebeu uma ordem para seguir com destino a Pindamonhangaba, onde deveria registar-se um facto sensacional nos domínios do Espiritismo. O jornalista não é crente na matéria, mas sempre se norteou pelos princípios de respeito à opinião do próximo. Depois, tinha recebido uma ordem e a ordem, todo mundo sabe, é dada para ser cumprida. Ainda mais: aprendeu muito cêdo que o jornalismo é uma escola de imparcialidade, encarando os factos objectivamente, sem nenhuma nuvem de paixão. Chamou o fotógrafo Lenine, tomou o trem e partiu, rumo à velha e histórica cidade do Vale do Paraíba.

Era dia de Reis, e Pinda apresentava um aspecto festivo, que contrastava, à primeira vista, com o ambiente calmo e tranqüilo das nossas cidades do interior. Desceu muita gente da estação, mas o *reporter* não conhecia ninguém. Esperou um pouco, viu o combóio partir para o Rio, e, em seguida, deixou a «gare».

Não havia mais automóvel. Nem gasogénio, nem aquêles carros antigos puxados a cavalo. Fomos descendo a rua a pé. Lenine pediu informações sôbre o hotel. Mais adiante, seguia um camarada que tinha desembarcado também. Tratava-se do professor Vieira de Andrade, de São Paulo. Estava também ao par do facto sensacional anunciado para hoje em Pinda. Dirigimo-nos juntos para o Hotel.

Cêrca de meia hora depois, o *reporter* achava-se entre os irmãos Mário e Arnaldo Amadei, respectivamente, presidente e vice-presidente do Centro Espirita «Irmã Terezinha».

Os irmãos Amadei são pessoas radicadas em Pinda há muitos anos. A conversa foi rápida, e, com a palavra, o sr. Arnaldo foi adiantando:

— «Hoje, às 20 horas, na sede do nosso Centro, vai ser operado o irmão André Di Bernardi. Êste irmão, que mora em Pinda, foi examinado em S. Paulo pelo dr. Édison Amaral, que atestou a existência do apêndice.

O sr. Mário, presidente do Centro, observou:

— Vinte e quatro horas antes desta operação, isto é, ontem, dia cinco, foi tirada uma radiografia do doente, em Taubaté, pelos drs. Ortiz Monteiro Patto e Francisco Lessa Júnior, aquêle radiologista naquela cidade e êste médico em Pinda. Pela chapa radiográfica verificou-se novamente a apendicite.

Mal o sr. Mário acaba de falar, entra o dr. Lessa Júnior, médico bastante conhecido e de renome no Vale do Paríba, tendo sido já Prefeito de Pinda. Mais duas ou três palavras, e o dr. Lessa exibe ao jornalista a chapa radiográfica.

— Aqui está o apêndice — apontou com o dedo — bem visível e inflamado. Estas chapas foram emitidas pelo Gabinete Radiológico do dr. Ortiz Monteiro Pato, de Taubaté.

A uma pregunta se o dr. Ortiz era espirita, os presentes responderam negativamente. Interrogado sôbre o mesmo assunto, o dr. Lessa respondeu que não crê, nem descrê.

Uma operação que revolucionará o mundo médico

Os irmãos Amadei voltaram a falar:

«A entidade espiritual que preside às nossas sessões semanais de efeitos físicos, revelou que deveria realizar-se esta operação em Pinda. Isto se verificou durante uma destas sessões. Trata-se de uma operação que revolucionará o mundo médico. O processo empregado é até hoje desconhecido».

Houve uma pequena pausa, e os irmãos Amadei consultaram-se mutuamente. Trocaram idéias com o dr. Lessa. E resolveram falar:

— O médico operador é o dr. Luís Gomes do Amaral, pai do dr. Édison do Amaral. Foi cirurgião no Rio e faleceu em Baurú, em 1926.

Às 19 horas chegámos à sede do Centro Espirita «Irmã Terezinha», à rua Prudente de Morais, 100, nas proximidades do largo Santana, à saída da estrada do Rio.

Chovia fortemente e a noite estava escura. A sede do Centro fôra inteiramente tomada. Uma casinha retocada de novo, com cinco cómodos. Entrámos por uma pequena cobertura, uma espécie de alpendre. Atravessámos uma sala cimentada, cheia de cadeiras, notando-se uma vitrola no centro. Na parede viam-se dois retratos, um de D. João Baptista Correia Nery, primeiro bispo de Campinas, e o outro da irmã Terezinha Cavalcanti, que dá o nome ao Centro. Dois ou três dísticos recomendando «Silêncio», «Meditação» e «Não fumar».

Num quartinho, ao fundo, comunicando-se com esta sala por uma porta, achava-se o paciente. Um môço de organização forte, casado, com trinta anos presumíveis. Estava amarrado a uma pequena cama e não apresentava nenhuma cicatriz no ponto de Mac Burney. O quarto estava herméticamente fechado. A janela, pregada com dois sarrafos. Além do doente, encontravam-se ainda no quarto os seguintes objectos: um tambor de gaze esterilizada; outro de algodão; um de vidro de álcool e arrolhado; um tambor com duas máscaras; campos; aventais; um par de luvas; duas bacias com alcool iodado e alcool puro; um livro de diagnóstico abdominal; um papel com agrafes, um bloco de papel e um balde vazio debaixo de uma mesa.

Duas horas no escuro

Na sala geral se achavam presentes cêrca de quarenta pessoas. Entre outras fomos anotando: E. Amaral, Lessa Júnior, Ortiz Monteiro Patto, médicos; Mário Aguiar, juiz de direito em Itápolis; Alfredo José Balbi, advogado em Taubaté; Milton Peixoto de Barros, delegado de polícia em Pinda; Francisco Antunes Belo, «médium» e funcionário da secretaria da Agricultura; Osvaldo Pereira de Oliveira, auxiliar do «médium».

Minutos antes de começarem os trabalhos, o delegado de Pinda retirou-se da sala, alegando que não podia resistir ao ambiente, dado o calor.

Às 20,15 horas, precisamente, deu-se início à sessão. O presidente recomendou não acender nenhuma luz, porque êste facto podia prejudicar a saúde do «médium» e do paciente. Tudo escuro e sala completamente fechada. O vice-presidente Arnaldo Amadei fêz as preces. Os «médiuns» Belo e Osvaldo entraram em *transe*. A vitrola começou a tocar músicas sacras, inclusive a «Avé-Maria» de Gounod.

Fazia um calor insuportável. Um vagalume brilhou na escuridão e o presidente deu ordem para matá-lo. Passou uma hora longa e pesada. Cá fora, continuava chovendo. De quando em quando, ouvia-se um trovão surdo e longínquo. De repente, ouviu-se um grito. Era o paciente:

— Aiiiii, doutor!...

Mas ninguém se mexia. Respirava-se profundamente dentro daquêle silêncio misterioso. Que estava acontecendo?

Finalmente!

Às 21,50 horas, o «médium» Belo quebrou o silêncio. «Falou» o médico operador, dr. Luís Gomes do Amaral. O acto cirúrgico-espiritual estava terminado.

Fêz-se claridade e os presentes dirigiram-se ao quarto do paciente. Em primeiro lugar, os médicos, que foram apelidados de aprendizes pela entidade espiritual operadora. Depois, o jornalista e os demais.

Verificou-se então que o paciente apre-

sentava uma cicatriz de três centímetros no ponto de Mac Burney. No vidro de álcool foi encontrado um apêndice de oito centímetros mais ou menos, congestionado e recentemente amputado. O doente apresentava ainda noventa pulsações por minuto, que foram contadas pelo dr. Patto, e aspecto ligeiramente chocado. O doente ficou em repouso sob assistência do dr. Lessa, atendendo instruções da entidade.

O relatório médico

A seguir, damos o relatório integral do dr. José Ortiz Monteiro Patto, que acompanhou os seus colegas drs. Édison do Amaral e Lessa Júnior, durante a referida operação, publicada pelo jornal *A Noite* de quinze de Janeiro de 1945.

Taubaté, 7 de Janeiro de 1945 — Nunca fui espirita, não sou e não pretendo sê-lo. Apenas assisti, em minha vida, a duas sessões, no espaço de dez anos e por mera curiosidade.

Nenhuma me causou impressão extraordinária, continuando absolutamente incrédulo de tudo o que nelas vi.

No dia 4 do corernte, recebi um telegrama do dr. Lessa, de Pindamonhangaba, dizendo-me que me traria um paciente para exame radiográfico do apêndice. Respondi-lhe que o doente devia tomar à uma hora da madrugada a solução de citobário e que se apresentasse no meu consultório às oito e trinta do mesmo dia, para o exame.

Anteontem, àquela hora, mais ou menos, chegava à minha casa o dr. Lessa, com o cliente André di Bernardi, e preguntou-me logo de entrada se eu acreditava poder fazer-se uma apendicectomia pelo Espiritismo, ao que lhe respondi categòricamente — «não».

— «Eu também não acredito, — disse o dr. Lessa, — mas fui convidado a comparecer a umas sessões no Centro Espirita de Pinda, a pedido de um espírito que se dizia chamar dr. Luís Gomes do Amaral, o qual pretendia processar a operação nêste paciente, desejando que eu tomasse umas tantas providências e estivesse presente».

Disse-me mais que, para se enfronhar no assunto, procurara assistir a algumas sessões, em que não pudera atribuir a truques certos fenómenos que observara. Numa delas, dissera ao espírito do dr. Luís Gomes do Amaral que se prontificaria a tudo, mediante rigoroso contrôlo, que desejaria exercer e para o qual foi autorizado.

Trazia-me, pois, o doente, com o diagnóstico de apendicite feito pelo espírito daquêle médico, diagnóstico que êle, dr. Lessa, em exame cuidadoso, confirmou ser de apendicite crónica.

Ali chegados, êsse colega apresentou-me às pessoas presentes, recomendando-me, em particular, que mantivesse bem àlerta o meu espírito crítico.

Em companhia do dr. Milton Barros, delegado da polícia da cidade, do dr. Édison do Amaral, também médico e vindo especialmente de S. Paulo, do dr. Lessa e de três *repórteres* de *A Noite* de S. Paulo, enviados pelo dr. Menotti Del Picchia, revistámos todo o recinto onde ficaria o paciente.

Era um cubículo anexo à sala das sessões. Havia ali apenas uma janela hermèticamente fechada com traves de madeira pregadas aos batentes e revestido por uma cortina preta.

Existia a mais no local uma cama pequena de pés altos, com anteparo destinado à cabeça do paciente, à semelhança de mesa de operações; uma mesita com um tambor de gaze esterilizada, outro com algodão, outro com avental, luvas de borracha e campos operatórios, seis pinças de campo, duas bacias, dois litros de álcool arrolhados, um frasco de tintura de iodo e outro de bôca larga, também arrolhado, contendo álcool, que identifiquei pelo odor, destinado a receber o apêndice extraído.

Todo êsse material fôra trazido àquêle lugar pelo dr. Lessa, a solicitações do Espírito.

Debaixo da cama, havia um caixote à guisa de balde, e na parede duas lâmpadas eléctricas com «abat-jour» em forma de arandela, sendo uma branca, que estava acêsa, e outra vermelha, apagada.

O piso do compartimento era de tejolos e o teto de tábuas de fôrro perfeitamente ajustadas e pintadas a óleo.

Nada mais encontrámos, dando por terminado o nosso rigoroso exame.

Disse-me no momento o dr. Lessa que o espírito do operador lhe havia pedido posteriormente alguns agrafes, os quais êle havia trazido envoltos num papel, mostrando-no-los e observando que não tivera tempo de esterilizá-los. Colocou-os, em minha presença, sôbre a mesa. Depois disto fizemos entrar o paciente.

Vestia pijama. Deitou-se na mesa operatória, à qual foi amarrado pelos braços, tórax, pernas e pés, pelo dr. Édison, com uma

corda fina dobrada em duas, sendo o nó da extremidade envolto em esparadrapo rubricado por mim e pelos meus dois colegas.

Retirámo-nos todos daquêle recinto, que ficou às escuras, cerrada a cortina da única portinhola que dava para a sala das sessões.

Nesta sala, a cadeira do médium, ladeada por duas outras, nas quais iriam sentar-se os drs. Lessa e Édison, obstruía a passagem da referida porta.

Foi solicitado a todos os presentes que entregassem os fósforos que porventura trouxessem consigo, pois um simples cigarro acêso durante os trabalhos poria em risco a vida do paciente e do médium.

Uma vez todos acomodados em seus lugares, sobrou um assento que foi a mim destinado.

O presidente do Centro, sr. Arnaldo Amadei, tomando a palavra, disse da importância e da seriedade da sessão a que iríamos assistir. Pediu a todos que se dessem as mãos para formar a corrente, recomendando que as não desligassem em hipótese alguma durante os trabalhos.

Os drs. Lessa e Édison seguraram cada qual uma das mãos do médium Belo, sendo que o dr. Lessa segurava ainda com a mão esquerda o pulso do médium auxiliar.

O delegado da polícia, dr. Milton Barros, recusando-se a permanecer na sala, retirou-se para exercer fiscalização pessoal do exterior do prédio durante a sessão.

Feita a escuridão completa, com a retirada do fusível da luz, foi posta a funcionar uma vitrola que não cessou de tocar e que era usada pela primeira vez naquêle Centro, a pedido do espírito do dr. Luís Gomes do Amaral.

Após uma prece do presidente, iniciou-se a concentração.

Fazia calor horrível na sala, onde o ar não penetrava e prolongava-se mais e mais tempo sem que eu notasse manifestação alguma de carácter extraordinário.

A certa altura, o médio Belo pediu maior concentração para facilitar os trabalhos e êsse pedido foi repetido com insistência pelo presidente, de intervalo a intervalo.

Parecia que a coisa estava difícil.

Ouvi, em dado momento, para o lado do quartinho em que se encontrava o paciente, um ruído que se me assemelhou ao de pinças e outros instrumentos cirúrgicos.

Tenho a certeza de que mantive calma e lucidez absoluta; e, desviando o pensamento, procurei atribuir o ruído do que ouvira a qualquer outro material, talvez pertencente à vitrola.

Era preciso evitar, a todo o custo, a sugestão.

Em certo momento, senti um cheiro acentuado de formol ou formalina, idêntico ao das salas de cirurgia esterilizadas por êste processo.

É preciso lembrar que, no nosso exame, não se verificara a existência dêsses desinfectante.

Foi uma sensação olfactiva muito fugaz e à qual procurei não dar mais importância.

Mantive o meu espírito sempre alerta naquela escuridão e, como já se ia delongando por demais a expectativa, sem eu nada mais ouvir que a respiração forte do médium Belo e os leves ruídos que citei, esperava a todo o momento que nos fôsse anunciado o fracasso ou a impossibilidade de completar a sessão naquela noite.

Mais tarde, ouvi um gemido baixo de alguém que diza:

— Ai, que dôr!...

Íamos para mais de duas horas naquela situação e eu contava sempre como certo que tudo redundasse num fracasso, sob a forma de escusa ou de adiamento dos trabalhos, quando a voz dum espírito nos falou por intermédio do médium, em tom claro e modulado, mais ou menos o seguinte:

— Meus irmãos: a corrente esteve fraquíssima, abaixo, mesmo, de tudo o que se pode imaginar de fraco. Muitos dos presentes não se concentraram.

Julguei que naquêle instante tivesse início o *transe* e que o espírito me fôsse censurar por eu estar a prever o mau êxito dos trabalhos, ao invés de concentrar-me, como convinha.

A voz que nos falava, entretanto, prosseguiu:

— O meu filho aqui à direita (o dr. Édison), *descrente, cochilou todo o tempo, o mesmo se dando com o dr. Lessa.* Contudo, a operação está terminada. Custou muito pelo facto do paciente se dar ao uso do alcool. Em todo o caso, alcançámos êxito completo. Recomendo os maiores cuidados pós-operatórios, entrando em primeiro lugar os médicos aqui presentes, que são uns principiantes.

Nesta altura, o dr. Édison sentia-se mal, ameaçado de síncope.

O espírito continuava a falar e, retirando-se dali a pouco, deu o seu nome: dr. Luís Gomes do Amaral.

O presidente, sr. Amadei, encerrando a

sessão, fêz uma rápida prece, enquanto o médium, já fora do transe, dizia alto:

— Não suporto mais!

Determinaram então à pessoa que estivera com o fusível, que o recolocasse imediatamente.

Restabelecida a luz, abriram-se logo as portas e as janelas.

O dr. Édison e o médium Belo foram levados para fora, êste último também visìvelmente angustiado e afirmando que nunca mais se prestaria a trabalhar em caso de operação, pois sentira tôdas as dores do operado.

O sr. delegado entrou com o dr. Lessa e os «reporteres» de *A Noite*, e eu encaminhei-me para o cubículo onde ficara o operado.

Iluminado o quartinho, fui o primeiro a falar com o paciente. Tomei-lhe o pulso e indaguei como se sentia.

— Estou bem, muito bem, — respondeu.

O pulso continuava rítmico e batendo noventa por vezes por minuto, como antes da operação.

Notei-lhe apenas um certo cansaço.

Vendo-lhe eu sôbre o ventre dois panos de campo com manchas de sangue, levantei-os e vi uma incisão no ponto de Mac Burney, de mais ou menos três centímetros de extensão, suturada com dois pontos, que me pareceram de crina ou *catgut*.

Entrementes, o dr. Lessa, por detrás de mim, examinava a mesinha auxiliar e os apetrechos que nela havíamos deixado.

O paciente estava ainda completamente amarrado, como antes, e intacto; no seu lugar, estava também o sêlo de esparadrapo por nós rubricado.

O dr. Lessa, batendo-me nas costas, mostrou-me o frasco de bôca larga, arrolhado, com o gargalo sujo de sangue e, dentro dêle, imerso no álcool, o apêndice extraído.

Examinámos detidamente a peça e tivemos de reconhecer que se tratava de um apêndice recentemente extraído com tôda a técnica, notando-se um porção de meso apendicular, sinal de esmagamento na sua extremidade de inserção bem incisada e, em sua ponta, leve tumefacção, indicando ser ali o ponto inflamado.

Revendo, no momento, as chapas radiográficas, por mim mesmo batidas, verifiquei a coïncidência exacta do ponto e da inflamação.

Eu e o dr. Lessa tornámos a examinar a incisão e verificámos não ter sido suturada com agrafes.

Procurámo-los sôbre a mesinha e só encontrámos o papel que os envolvia, aberto e vazio.

Onde estariam?

Demos busca, imediatamente, em todos os cantos do quarto, inclusive no chão.

O dr. Lessa lembrou-se de mergulhar a mão no alcool iodado que enchia uma das bacias e ali encontrou os agrafes desaparecidos, bem como dois pedaços de *catgut*, material que não existia anteriormente no recinto da operação.

Êsses pedaços de *catgut* estavam tintos de sangue fixado pelo alcool iodado. Conservo um em meu poder; o outro tem-no o dr. Lessa.

Ao mesmo tempo que isto sucedia, os «repórters» e o sr. delegado examinavam outros detalhes importantes, tais como, a janela, que continuava hermèticamente pregada.

Os tambores de gaze, algodão e apetrechos esterilizados, lá estavam sôbre a mesinha, porém abertos e fora dêle o avental, à semelhança dos que despimos após uma operação, úmidos de suor; lá estavam também as luvas, a máscara e as pinças de campo, que pareciam ter sido usadas, pois destas não encontrámos qualquer sinal característico no abdómen do paciente.

No caixote, à guisa de balde, nada existia, a não ser uma garrafa de álcool vazia.

Pareceu-nos também não terem sido usadas as tiras de gaze. Tudo isso verificado, passou o dr. Lessa a fechar a ferida operatória, como é habitual.

Nêsse momento, o «reporter» fotográfico bateu uma chapa, apanhando-nos ao lado do doente.

Retirando-nos, foi permitida a entrada dos demais assistentes da sessão para verem o operado, sendo o apêndice a todos exibido pelo presidente do Centro.

Interrogado pelo «reporter» de *A Noite* sôbre o que eu achara de tudo aquilo, disse-lhe não saber o que responder. Preferia esperar pela última prova, que seria a nova chapa radiográfica do paciente, a fazer-se logo que o seu estado o permitisse.

De resto, os fenómenos que eu acabara de observar, também êle os observara.

Em seguida, assinámos a acta lavrada pelo dr. Lessa e voltei de automóvel para Taubaté, em companhia do dr. Balbi e do dr. Mário de Aguiar, juiz de Direito de Itápolis, meus companheiros de viagem que assistiram, por concessão especial, ao último momento dos dos trabalhos.

8 de Janeiro — Hoje, tive notícias do pa-

ciente pelo telefone, dadas pelo dr. Lessa, que me disse estar o doente passando bem. Apenas fôra necessário aplicar-lhe uma injecção de sedol, por sentir muitas dores, isto logo após a minha saída para Taubaté. No mais, continua a receber os cuidados indispensáveis a um apendicectomizado.

9 de Janeiro — Hoje, às 20 horas, segui para Pindamonhangaba em companhia dos drs. José Luiz Cembranelli, Hugo di Domenico e Armando Montelli. Chegados àquela cidade, procurámos o dr. Lessa, que continua a prestar assistência ao operado, sr. André di Bernardi, e fomos, juntos, visitá-lo.

Não estando presentes à sessão espirita, os drs. Cembranelli, Di Domenico e Montelli procederam a exame rigoroso e objectivo do ambiente, pois que o doente se acha na mesma sala onde foi operado. Êsses médicos examinaram minuciosamente o sr. André di Bernardi e acharam-lhe o pulso marcando 78 pulsações e 37,3 graus de temperatura.

Levantando o curativo, foi verificado como existente a incisão operatória, segundo todos os requisitos da técnica cirúrgica, e foram notados os demais sintomas que um apendicectomizado apresenta após quarenta e oito horas da operação.

Examinado o apêndice, que estava ainda no mesmo vidro em que fôra encontrado, foi declarado por êles a perfeita correspondência com a imagem das chapas radiográficas, que foram também, estudadas.

Todos os médicos nos retirámos para um «bar» em companhia do sr. delegado de Polícia de Pindamonhangaba, dr. Milton de Barros.

Continuando os comentários do caso, resolvi radiografar o sr. André di Bernardi, no domingo, 14, entre as 8 e 9 horas da manhã, em meu consultório, perante o maior número possível de colegas, pois esta será a última prova de lhe ter sido, realmente, extirpado o apêndice.

Levantada pelo dr. Hugo di Domenico a possibilidade de trazerem novas chapas a imagem do apêndice, respondeu o dr. Milton de Barros que não se instaurará inquérito, pois passará a tratar-se dum caso de polícia.

Doze médicos registam a ausência do apêndice

Depois, o dr. Ortiz Monteiro Patto redigiu um atestado em papel do seu consultório, que foi entregue aos jornalistas, em várias cópias, assinado por todos os médicos.

Eis o atestado:

«Exame do sr. André di Bernardi — chapa n.º 975 — Data: 14-1-945 — Região examinada: Ileo cecal-colons.

Resultado — Hoje, às 9 horas, em meu consultório, na presença dos drs. Ernani Fonseca, Lessa Júnior, Édison do Amaral, Otacilio Moreira, Armando Montelli, José Gregório Moreira, Benedito Cursino dos Santos e Moacir Hollz, foram processadas por mim mais seis radiografias do sr. André di Bernardi, oito dias após a intervenção realizada no Centro Espirita de Pindamonhangaba. Comparadas ainda úmidas com as chapas anteriores e feitas no dia 5 do corrente, não se viu em nenhuma a imagem do apêndice.

Taubaté, 14 de Janeiro de 1945.

Assinados) dr. Ortiz Monteiro Patto; dr. Ernani Fonseca; dr. José Gregório Moreira; dr. Otacilio Moreira; dr. F. Lessa Júnior; dr. Armando Montelli; dr. B. Cursino Santos; dr. M. Hollz.

Tendo chegado após o exame do paciente, os drs. Hugo di Dimenico e Ataíde Gonçalves puderam apenas proceder à análise dos negativos radiográficos, concordantes com o resultado dêsse relatório, assinando-o.

Assinado) dr. Hugo di Domenico; dr. Ataíde Gonçalves.

O que aí fica é demasiado eloqüente, para que indivíduos de má fé e sem conhecimento de causa ergam a voz, no intuito de malsinar e acusar. Infelizmente, ninguém pode impedir o exercitar de vozes que não chegam ao céu, embora produzam certa confusão nas massas populares, ainda mal preparadas para certos acontecimentos.

Foi o que sucedeu. Fenómeno tão retumbante, tinha de ser combatido com extrema violência, houvesse ou não argumentos lógicos para isso.

É o que vamos ver em próximo artigo.

I. D. S.

O PERISPÍRITO

O conhecimento do perispírito lança nova luz sôbre muitos fenómenos fisiológicos. Não se pode estudar o homem sem se encontrar um primeiro motor, invisível e intangível, que é a vida. Essa fôrça desenvolve o ser, segundo um plano determinado.

GABRIEL DELANNE

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Maria Veleda, professora, escritora e jornalista de estilo fácil e verbo aliciante, recorda alguns fenómenos da infância e a sua iniciação no Espiritismo

PARA ser exacta, devo dizer que, rigorosamente, eu não me tornei espirita, — porque julgo tê-lo sido sempre...

Como aquêle Mr. Jourdain, de Molière, (salvo seja a comparação...) «*que fazia prosa sem saber*», creio que *fiz espiritismo sem dar por tal*...

...Sem dar por tal, durante muito tempo, até que uma vez...

Confesso que hesitei primeiro que me resolvesse a escrever êste artigo. É que o meu caso sai um pouco da vulgaridade e obriga-me a lançar uma vista retrospectiva sôbre o meu passado já tão distante!...

Devo declarar que possuí sempre, como possuo ainda, apesar da minha já provecta idade, uma memória extraordinária dos factos, sem exceptuar os que ocorreram nos primeiros anos da minha meninice.

Lembro-me perfeitamente de que, sendo muito pequenina e não tendo jamais presenceado actos religiosos, me ajoelhava em determinado sítio da minha casa, sempre o mesmo, e ali me demorava, pensando não sei o quê...

Inclinada à meditação e à contemplação, esquecia o tempo, observando um formigueiro, o revolutear de uma fôlha...

Contava cinco anos, apenas, quando me foi dado observar certo fenómeno... Chamo-lhe agora assim; mas, nêsse tempo, afigurou-se-me o caso absolutamente natural. Eu dormia com minha avó no mesmo quarto, que era forrado de papel com fundo côr-de-pérola, riscado de azul; entre as riscas, estreitinhas, corriam arabescos da mesma tonalidade. Naquela noite, como não dormisse (tendo sido desde a infância, até agora, muito atreita a longas insónias), notei que as paredes se tornavam luminosas e translúcidas, oferecendo um aspecto verdadeiramente feérico. Durou alguns minutos o estranho espectáculo, e depois desapareceu; mas em noites seguintes, — muitas, mesmo muitas, — repetiu-se o fenómeno que tanto me encantava.

Passaram-se bastantes anos. Freqüentei a igreja, rotineiramente, e pratiquei a religião católica, a princípio, também obedecendo ao mesmo espírito de rotina. No fundo da minha alma, porém, havia como que a sêde insatisfeita de qualquer coisa mais alta, mais vívida. E, por fim, um misticismo ardente, apaixonado, me empolgou. Gostava de esconder-me em determinada capela, na Sé da minha terra, e ali orar, em arroubos e transportes de fé. Era de N.ª Sr.ª de Lourdes a imagem que inspirava as minhas fervorosas súplicas.

Publiquei por êsse tempo, num hebdomadário da província, uma prece que certo diário católico da capital transcreveu. Também publiquei «A voz do Sacrário», meditação, que poderia reproduzir agora em qualquer jornal espirita, — tanto o que eu sinto e penso se assemelha, sob o ponto de vista fundamentalmente religioso, ao que pensava e sentia então.

Mas reparo que estou a desviar-me do assunto...

Voltemos à capela e à minha devoção por N.ª Sr.ª de Loudes: — Um dia em que a minha fé, como que me libertara das impurezas dêste mundo, eu vi a imagem transformar-se, espiritualizar-se — permitam-me a expressão — desprender-se da sua peanha, elevar-se e estender-me os braços, sorrindo. Alucinação? De-certo; mas conservo dela uma das melhores recordações de tôda a minha vida.

Eu ignorava por completo tudo quanto se relacionasse com o mundo dos espíritos, e até a palavra «Espiritismo» me era absolutamente desconhecida.

As minhas tendências para o isolamento e para a vida contemplativa faziam com que me refugiasse muitas vezes, e durante muitos dias, num *monte* de que minha mãe era proprietária, afastado cinco quilómetros da cidade. Ao lado da parte da casa reservada

nº 8, Junho 45

para os caseiros, ficava a outra parte que nós ocupávamos, ou — por outra — que eu ocupava, porque, quási sempre, ali estava sòzinha.

Os caseiros recolhiam-se cêdo; eu fazia o mesmo. Ora, uma noite, em plena escuridão, — tanto no interior, como no exterior, — estando eu deitada, e *com os olhos abertos* (não tinha adormecido ainda) notei que, por debaixo da porta, se introduzia um pálido clarão. Êste clarão deslisou pelo pavimento, com bastante rapidez, subiu à minha cama e acabou por se me fixar na palma da mão esquerda, que poisava sôbre o travesseiro. Ouvi o meu nome pronunciado com infinita suavidade; e ao mesmo tempo espalhou-se em meu derredor um perfume especial, que não era meu e que nunca usei. Sobressaltei-me, confesso, e acendi o candeeiro, que só apaguei quando os primeiros trilos da passarada entre o arvoredo me anunciaram o romper da manhã. Passei todo o dia apreensiva, temendo e ao mesmo tempo desejando que o caso se repetisse. ¿Teria eu sonhado acordada?!

E a visão dos meus cinco anitos, acudia-me à memória, em tôda a nitidez das mínimas particularidades.

Sobreveio a noite, como a anterior, escura e misteriosa. Deitei-me, apaguei a luz e esperei, de olhos escancarados e o coração ansioso. Não esperei muito: — a passagem ocorrida na véspera repetiu-se, absolutamente idêntica. Simplesmente, e querendo observar tudo até final, não fiz luz; — até que perfume e clarão desapareceram, como a voz que pronunciou o meu nome também se extinguira.

Êste fenómeno, que fêz parte integrante da minha vida durante oito anos, tornou-se-me tão familiar que já estranhava, quando se passavam muitas noites sem que êle se produzisse, não sabendo, contudo a que causa devesse atribuí-lo.

Repito: — eu ignorava tudo quanto pudesse relacionar-se com Espiritismo. Conhecia, sim, várias historietas de «almas do outro mundo»; mas dava-lhes o mesmo crédito que me mereciam os contos de fadas e lobisomens, do repertório da minha avó...

De resto, aquela coisa tão simples — uma voz, um clarão, um perfume, — parecia-se tão pouco com o clássico arrastar de correntes e outros pavores conservados pela tradição...

Não contara nada a ninguém; os anos tinham-se sucedido; eu mudara de terra por várias vezes; e o fenómeno seguira-me a tôda a parte.

Por fim, resolvi fazer confidências a uma pessoa amiga, que ainda vive e cujo nome é bem conhecido e admirado no nosso meio literário. Nunca praticou nem estudou o Espiritismo esta pessoa; mas, tendo feito leituras concernentes, sugeriu que o meu caso poderia muito bem filiar-se nas ciências psíquicas, e que seria interessante estudá-lo.

Entretanto, a minha vida tinha-se tornado tão antagónica ao que fôra, e de tal maneira eu me embrenhara noutros assuntos, que me desinteressei do estudo aconselhado, embora as manifestações não houvessem cessado por completo.

Muito antes, a minha religiosidade católica tinha afrouxado e desaparecido, mercê de circunstâncias várias, sendo substituída por outras crenças mais de harmonia com o meu sonho de uma humanidade melhor, uma sociedade diferente; mas, apesar de tudo, sentia como que um vácuo dentro da minha alma...

Foi quando, (contaria eu trinta e cinco anos, aproximadamente), me ofereceram «Uranie» de Flammarion. Que deslumbramento!... A poesia da idéia, a beleza da forma e, sobretudo, a relação existente entre o pensamento que inspirara aquêle livro e as vagas, indecisas aspirações que me escapavam, apenas tentava apreendê-las, dominaram-me inteiramente.

¿Haveria, realmente, outro mundo superior, onde as almas se aperfeiçoassem, onde o amor, na sua divina expressão, fôsse mais do que uma radiosa utopia?! Mas eu não conhecia ninguém com quem pudesse estudar o singular problema; e a minha vida continuava sendo a mesma faina de todos os dias: — trabalhar, trabalhar!

Uma vez, ao sair da Boa-Hora, onde grande multidão feminina acorrera, por mor de um julgamento sensacional, deparou-se-me uma senhora do meu antigo convívio e que deixara de ver há bastante tempo. Demorámo-nos alguns breves minutos, conversando. E diz-me ela, a despedir-se:

—Vou-me embora já, porque sou esperada numa reünião espirita.

Caí das nuvens!...

— Mas — sério: — havia reüniões espiritas?! E faziam-se em Lisboa?!

«Que sim... e se eu tivesse empenho em assistir...»

«Ora, se tinha! Imenso!»

Indicou-me uma rua, um número, um andar; e na noite e hora aprazadas, eu batia discretamente à porta, tendo observado, como sempre usei, estricta pontualidade.

Apesar de tudo, fui a última pessoa a entrar.

A sala estava dèbilmente iluminada, o suficiente para nos vermos uns aos outros.

Tomei o lugar que me indicaram, e aguardei.

Ao fundo, destacava-se o vulto claro de uma senhora jovem. Ao lado, um sujeito já idoso.

A sessão começou.

Em determinada altura, o médium (só mais tarde me explicaram o significado particular atribuído a esta palavra) declarou que a última «irmã» que havia entrado, tinha uma missão especial a cumprir no Espiritismo; e espraiou-se em considerações diversas.

Sentia-me *comprometidíssima*, não tendo visto entrar mais ninguém depois de mim... Mas, como que a dissipar-me as dúvidas, o médium pronunciou o meu nome; asseverou que eu não me encontrava ali por mero acaso; descreveu com bastante exactidão os fenómenos a que atrás me reporto e ainda outros que omito, para não tornar êste artigo muito longo e porventura maçador.

Fiquei positivamente assombrada! Eu apenas confidenciara, dos meus casos, *um só* e a uma única pessoa. Isto sucedera muitos anos antes. A aludida pessoa, muito da minha intimidade, vivera sempre na província e nunca tivera quaisquer relações, próximas ou remotas, com o médium ou pessoas que lhe fôssem mais ou menos afins. Portanto, não se tratava, não podia tratar-se de uma mistificação.

Esta sessão constituiu, por assim dizer, a minha iniciação espirita.

Na mesma noite, conheci o general Viriato Zeferino Passaláqua, o qual, paternalmente, se ofereceu para me dirigir no mundo novo em que eu vinha de penetrar. A êle devi a explicação dos fenómenos que presenciara e que mais tarde estudámos juntos. Se êles não se tivessem produzido, fornecendo-me provas irrefutáveis, sôbre a existência da vida exclusivamente espiritual; se o bom general Passaláqua não tivesse pôsto à minha disposição a sua excelente biblioteca, orientando e metodizando as minhas leituras, eu não seria hoje a espirita consciente que me prezo de ser.

A «missão» que me foi anunciada, tenho-a cumprido, dentro das minhas possibilidades. «Quem dá o que tem...»

E, para terminar como principiei: — *quando me tornei espirita*, foi quando percebi que o tinha sido sempre, sem dar por tal!...

Uma carta do Brasil

Do grande batalhador Deolindo Amorim, director da *Revista Espirita do Brasil* e secretário da redacção do semanário *Mundo Espirita*, recebemos desvanecedora carta, que em seguida publicamos, em virtude de nela haver matéria extensiva a terceiros, que de-certo rejubilarão com a sua leitura. Pela parte que nos toca, agradecemos as imerecidas palavras do amigo distante, mas sempre presente na nossa alma, a vibrar em uníssono com a sua.

Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1945.

Estimado confrade Isidoro Duarte Santos

Quero tratá-lo na intimidade, de irmão para irmão, porque sinto estarmos espiritualmente familiarizados pelos vínculos da crença. Já nos conhecemos há muito, através do intercâmbio da imprensa espirita de Portugal e do Brasil, tão precário, infelizmente, nesta época... Mas eu devia-lhe, em consciência, algumas palavras espontâneas para lhe testemunhar a minha admiração, o meu afecto. Apesar da distância, não estamos longe, bem o sabemos, porque as nossas vibrações se comunicam em qualquer tempo e de qualquer parte.

Tenho lido, com muito atraso, é verdade, a revista Estudos Psíquicos, *assim como duas excelentes revistas portuguesas* — Além e Luz e Caridade. *¡Que perseverança, que ardor em todo o esfôrço que aí se emprega para manter a circulação de órgãos espiritas, nêsse continente convulsionado!... Vale muito, nesta época de desalento espiritual, a fileira dos confrades portugueses, que dão um exemplo edificante de amor à Causa, de constancia e fé.*

Dirijo-lhe esta carta para me desobrigar, comigo mesmo, do compromisso que tomei de lhe expressar a minha admiração pessoal, justamente quando reconheço que o seu devotamento ao ideal espirita, aí, à beira da imensa fogueira da guerra, precisa de estímulo, precisa de ser compreendido pelos espiritas que estão afastados do teatro europeu.

Estendo as minhas saüdações sinceras aos espiritas de Portugal, porque vejo que nêsse velho País, tão caro ao meu espírito, a chama da fé não se apagou no coração daquêles que sentem a doutrina codificada por Allan Kardec. Estas linhas, pois, meu prezado confrade, têm a intenção de lhe dar a minha so-

E AGORA... PARA A FRENTE!...

por Alfredo dos Santos

SINTO nêste momento o coração cheio de Alegria. Alegria franca, alegria sincera. Alegria que satisfaz um anseio da minha alma de espirita. Alegria tanto mais justificada, que sei não reina apenas no meu coração, mas também noutros corações de irmãos que, como eu, nunca perderam a fé, e, pacientemente e confiadamente, souberam aguardar, com calma, que raiasse a aurora que de há muito era esperada.

Essa aurora chegou! Já se viu um pequeno clarão, rompendo as nuvens que ensombravam o horizonte. Está dado o primeiro passo seguro e firme na estrada iluminada pela aurora que surge. Que a luz do Mestre nos ilumine ainda mais, para que não voltemos atrás e nos metamos outra vez por atalhos que nos conduzam a becos sem saída. Aproveitemos a luz desta aurora e caminhemos, mas, desta vez, decididos a não mais retrogradar. Surgiu o bom senso e a boa vontade; aproveitemos esta hora, para darmos as mãos, fraternalmente, e unirmos os elos duma cadeia que será tanto mais forte e resistente, quanto mais apertados êles forem.

No caso a que me refiro, os elos somos nós todos, espiritistas, e a cadeia é a causa do verdadeiro Espiritismo Cristão que nos propomos e temos o dever de defender e propagar, com o objectivo de concorrermos, com o melhor das nossas fôrças, para a formação duma humanidade mais consciente dos seus destinos e na qual reine mais amor para com o próximo, como nos ensinam os mandamentos do Grande Mestre, que nunca foi, nem jamais será ultrapassado, na sublimidade da sua doutrina.

Uma doutrina tão bela implica, para quem a segue e muito mais para quem a prega ao próximo, muita renúncia, muita coerência e muito amor, ao mesmo tempo que acarreta grandes responsabilidades.

Não basta intitularmo-nos espiritas. É necessário que os nossos actos nos caracterizem.

Entre nós, existe o bom hábito de nos designarmos por irmãos, seguindo os preceitos do Evangelho. Isso não basta, a não ser que queiramos ser como aquêles irmãos desavindos, por qualquer questão de partilhas, ou mesmo por ciúme de serem mais ou menos acarinhados pelos pais.

O nosso Pai, donde nos vem a irmandade, não acarinha uns mais que outros e a sua herança distribui-a também por todos. Cada um recebe a parte que lhe pertence, conforme o que conquista com o seu trabalho.

Comparemos a nossa causa com um casal dirigido por um pai que tem muitos filhos. Todos trabalham sob as ordens do pai, dando cada um o melhor do seu esfôrço no cultivo da seara. Na época da colheita, os celeiros enchem-se; nada falta na casa, todos vivem bem, na abastança, na paz e harmonia que reina no lar. A casa progride. A riqueza aumenta, o casal engrandece-se.

Um dia, os filhos, sentindo o pai já velho, pedem que seja entregue a cada um a parte que possa caber-lhes. O pai concede o que lhe pedem. Cada um forma um casal diferente. Dentro em pouco, todos sentem que já não vivem na abastança, na paz e na harmonia que disfrutavam, quando o pai centralizava a direcção dos seus negócios. Começam entre êles as desavenças e dentro em pouco, todos estão arruïnados. A estima em que eram tidos, foi afectada pelas suas desavenças e já ninguém os toma os sério. Quando se fala dêles, é apenas para dizerem: «*Sim, enquanto foram unidos, viveram bem e foram bons. Mereciam respeito e impunham-se pelo seu porte, mas hoje estão desacreditados*».

Connosco, sucederá o mesmo. Se não soubermos trabalhar, todos unidos, não conseguiremos fazer progredir a nossa causa; pelo contrário, arruïnaremos o que os outros dedicadamente construiram.

---

lidariedade espiritual, se bem que desvaliosa, nesta fase crucial e decisiva da humanidade.

Estudos Psíquicos — *creia-o — é minha revista predileta. Desde 1939, quando, ao ladc de prestimosos confrades, tive a honra de organizar e presidir o 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas, no Rio de Janeiro, que me habituei a ler êsse grande órgão, identificando-me com o nome do ardoroso confrade, hoje incluído entre os de minha estima.*

Aceite, pois, o meu cordial abraço, com votos de paz espiritual.

Fraternalmente,

DEOLINDO AMORIM

¿Quererão isto os espiritas portugueses?

Não. Não devemos querê-lo. Queremos manter o que possuímos e aumentar o nosso património. Êste objectivo pode e deve ser conseguido.

Nada mais necessitamos, para isso, que de união. União na fé, união no amor à causa, no pensamento e no trabalho constante do engrandecimento espiritual da humanidade. União no trabalho do cultivo da *Vinha do Senhor!*

Cada um de nós deve ser trabalhador assíduo, infatigável, que não cansa.

Cada Grupo ou Centro espirita deve ser uma Academia, onde se formem obreiros do bem, cônscios dos seus deveres, capazes de levantar bem alto, até às proximidades do Pai, as almas que, por muitos motivos, ainda andam nos planos inferiores, talvez porque ninguém tivesse despertado nelas o sentimento de humanidade e da solidariedade.

Cada Grupo ou Centro deve construir uma obra de Amor e Caridade, de respeito, obediência e humildade.

Destas obras, assim realizadas, saïrá a grande obra comum: a obra de todos nós. — Ninguém queira, só para si, as honras. Estas serão para uma só unidade: Para o Espiritismo português.

Mãos à obra, espiritas! Deus nos pôs nas mãos o plano da obra. Realizemo-la! A obra é grande. É grande, porque vem do Pai! Isso basta para que nos unamos e trabalhemos com afinco e união, para a realizarmos.

Estreitemos as mãos e esqueçamos o passado indolente!

Lembremo-nos só do que somos nêste momento. — Que somos espiritas! Que uma única voz se ouça... União!

Um núcleo importante de irmãos acaba de acorrer a esta voz. Pelo seu órgão, que deveis ter em vossas mãos, conheceis êsse facto.

Êsses irmãos sentem-se contentes. Eu não posso, aqui, descrever-vos a alegria que sinto em minha alma; alegria que aumentará quando vós outros, irmãos que ainda andais dispersos e trabalhando isolados, acorrerdes também, a compartilhar da união dos espiritas.

O vosso trabalho é já valioso; mas, mais o será quando tiver por alicerce a boa união de todos, porque êsse bom exemplo o fortalecerá e o tornará mais digno.

E para terminar, quero, além de exprimir o meu contentamento, manifestar aos irmãos do Centro Espiritualista Luz e Amor o meu profundo agradecimento, por terem dado tão bom exemplo de união e fé espirita, e dizer aos que ainda não vieram até nós, que lhes ofereço do fundo da minha alma, como espirita e como Cristão, o meu auxílio de irmão, tanto quanto as minhas fôrças me permitam fazê-lo.

Nota da redacção — O apêlo do nosso colaborador capitão Alfredo dos Santos, 1.º secretário da Federação Espirita Portuguêsa, há de ser ouvido, certamente, por todos os espiritas de boa vontade que tenham fé nos destinos da Causa.

OS POLOS DA VIDA

Conta Charles Richet uma lenda assim:

Um sultão, ansioso de sabedoria e poderio, ordenou ao grão-visir que procurasse os livros mais preciosos em que pudesse conhecer tôda a sabedoria humana.

O grão-visir, em cumprimento da ordem do senhor, mandou por tôda a parte colher tais obras.

Um ano depois, chegaram trinta camêlos carregados de livros, manuscritos, pergaminhos, in-fólios e papiros preciosíssimos.

— Nem em tôda a minha vida terei tempo para ler tudo isto. É demais! Menos volumes com os mesmos propósitos, eis o que desejo...

No outro ano, um só camêlo com uma centena de livros.

— Ainda é muito. Só preciso de um volume, um só volume, que eu possa ler.

— Já sei, majestade. Suas ordens serão, desta vez, integralmente satisfeitas.

E, um ano depois, o visir mete nas mãos do sultão um só livro, òptimamente encadernado, numa atitude religiosamente cerimoniosa.

— Agora, sim! — diz S. Majestade.

E põe-se a folhear o volume.

Só páginas em branco: uma, duas, cinco, dez, vinte, cinqüenta.

— Zombar de minha autoridade? Pouco caso das minhas ordens?

— Não, Majestade. Nêsse volume está tudo de que carece vossa real inteligência, vosso magnânimo coração. Adiante...

Eis que se lhe depara uma página do volume, apenas com duas palavras no meio:

A Mulher e o amor. *Na mulher e no amor está todo o poder da Vida...*

Moralidade: saiba a mulher, que é um polo da Vida, manobrar superiormente o outro polo, e o Universo será seu. E só assim, o mundo será melhor...

(De *O Lar*, de Nova Iguassú)

COISAS QUE DÃO QUE PENSAR...

Minha mulher não se convence nem com provas

por Bartolomeu Bana Martins

ESTÁVAMOS então no Funchal. Ao acordarmos, minha mulher, aflita, contou-me o que acabara de sonhar: — «Apresentara-se-lhe seu irmão Carlos, que vivia, e vive ainda, numa aldeia do Ribatejo, guiando uma carreta puxada por um cavalo. O animal corria à desfilada, arrastando perigosamente a pouco segura carruagem: meu cunhado, não podendo dominá-lo, desiquilibrou-se, caiu do carro e foi bater com a cabeça no travão, ficando com o crâneo completamente aberto, num estado lastimável, quási — como se costuma dizer — sem consêrto. Encharcado em sangue, dando a impressão de que já nada lhe havia a fazer, ainda teve, no entanto, fôrças para gritar, angustiadamente, a plenos pulmões:

— Acudam-me, acudam-me, senão eu morro!

Minha mulher chorou e andou ainda uns dias acabrunhada, crente de que uma desgraça sucedera ao irmão. Eu próprio, também durante alguns dias me senti preocupado, esperando a cada momento o telegrama que me havia de confirmar a tragédia prevista. Graças a Deus, que o telegrama não veio; mas, passadas talvez umas três semanas recebemos uma carta de minha sogra em que contava, muito resumidamente, o seguinte: meu cunhado Carlos, um dia, pouco mais ou menos na data do sonho, arreliado com uma partida que um gato lhe fizera, atirou, ao bicho, com uma faca, mas, com tanta infelicidade, que a faca, ao largá-la, decepou-lhe por completo a cabeça dum polegar. Teve uma hemorragia tão violenta e de tal forma persistente, que pouco faltou para se esvair em sangue e perder a vida, tendo estado bastante mal.

Passado pouco tempo, minha mulher sonhou que via seu irmão Alfredo «*todo debruçado sôbre uma mesa*», quási deitado, dando um tiro num ouvido. Não fizemos grande caso. Poucos dias depois, regressámos ao continente e logo à chegada nos foi dito que o Alfredo tinha sido trazido à pressa numa ambulância para o banco do hospital, onde «*foi operado de urgência*» por estar em perigo de vida. Ainda lá fomos ao hosptital, saber dêle, durante várias semanas.

* * *

Muito recentemente, minha mulher, estando a tomar banho num alguidar de zinco, lembrou-se de que tinha os brincos nas orelhas. Tirou-os e colocou-os em cima duma mala de fibra que temos na casa de banho. A mala estava deitada em cima de uma outra de madeira e tinha vestida a sua capa de pano. A tampa fechava completamente e a capa tapava a tampa na totalidade. Impossível se tornava qualquer objecto cair para dentro da mala, sem se abrir esta. A certa altura, minha mulher sentiu alguma coisa que lhe tinha entrado para a vista e que a incomodava extraordinàriamente. Puxou a toalha que havia colocado também em cima da mala, ao lado dos brincos, para limpar os olhos. Depois do banho despejou a água do alguidar para a retrete e arrumou tudo. Passado algum tempo, lembrou-se dos brincos e foi procurá-los em cima da mala, mas já não estavam lá. Apoquentadíssima, pensou que certamente teriam caído dentro do alguidar, quando puxara a toalha para limpar os olhos e que, ao despejar a água, êstes teriam ido para a retrete, onde ainda deveriam estar, se o último balde de água que aí deitara com bastante fôrça, os não tivesse obrigado a passar o sifão e a cairem no cano de esgôto. Meteu várias vezes a mão na bacia da retrete, mas nada encontrou. Chorou amargamente, pois que os brincos faziam parte dum aderêço que tinha em grande estimação. Procurei acalmá-la e fiz-lhe ver que se comprariam outros. Passados dois dias, jantando nós em casa do meu cunhado João, falou-se de Espiritismo e lembrou-se o caso do disco de grafonola partido que apareceu depois consertado dentro duma gaveta fechada à chave onde haviam sido guardadas as duas metades. Meu cunhado, céptico cem por cento, afirmava que tal era impossível e eu declarava que não achava impossível o fenómeno. Minha mulher que, apesar de tudo, continua

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

DE ICLÉA PARA AS CRIANÇAS, comunicações mediúnicas recebidas por *Marília F. Carneiro*. Vol. 1.º. Edição da «Gráfica Mundo Espirita». Rio de Janeiro, 1944. 253 págs.

Numa linguagem clara, delicadamente colorida, cheia dum amor calmo, o espírito de Icléa delineou um livro «para as crianças» de tôdas as idades. São lições que mais parecem fachos de Luz a conduzir almas a Deus pelo Amor do Cristo; são contos pequeninos a rescenderem aos aromas finos da caridade, da fé, da paz, do bem, do belo, que ardem no turíbulo da Perfeição.

Icléa fala e nas suas palavras palpita o desejo duma alma superior a querer envolver as crianças na sua própria auréola. A obra de Icléa é um manual de amor cristão.

Entre os contos, avulta, pela sua singeleza, pela profundidade da idéia que o norteia, pela delicadeza da forma — a «Vingança da Lágrima». ¡Que formosas respostas são as comunicações de Icléa para as falsas hipóteses dum Haynes!

MISSÃO SOCIAL DOS MÉDIUNS, por *Edgard Armond*. Conferência realizada na Federação Espirita do Estado de S. Paulo. 1944. 29 págs.

Nesta conferência, tomando-se, como ponto de partida, ser o Espiritismo o grande veículo da reforma da humanidade, visa-se a missão apostólica do médium. O autor compara nessa missão o médium aos primeiros discípulos do Mestre. Embora concordemos com Edgard Armond no elevado papel que cabe ao médium, achamos, porém, que as suas palavras deixaram lacunas nos paralelos feitos, pelas quais se poderá fàcilmente saltar para o apôdo de «sacerdote» ao médium espirita, numa crítica malévola. Num credo sem dogmas, sem liturgia, sem intolerância, um «sacerdote» estaria deslocado. O médium é um agente de ligação, um agente material que nos traz os conselhos e as lições que os Espíritos Superiores nos enviam. Pela sua constituïção especial, são êsse agente mecânico e não um «sacerdote» na vulgar acepção do têrmo. Cabe-lhe, de facto, a missão e a actividade que Armond lhe aponta, mas não os atributos sacerdotais conferidos pelas religiões «clássicas». É um delicado aparêlho de experimentação e de comunicação.

COMENTÁRIOS À HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (Ensaio de crítica e síntese religiosa), por *Arnaldo S. Tiago*. Edição do *Jornal do Comércio*. Rio de *Janeiro*. 1944. 372 págs.

A ciência das religiões que teve o seu advento no século XVIII com os trabalhos de Vico, Voltaire, Lessing e Herder, divide-se em história e filosofia das

---

incrédula, não nos disse nada na ocasião, mas pensou:

— Eu acreditaria no Espiritismo se os meus brincos aparecessem.

Na manhã seguinte, minha mulher veio para mim, de olhos esgazeados e brilhantes, como se tivesse visto qualquer coisa do outro mundo:

— ¡Ai, menino, que venho tôda arripiada! ¡Apareceram os meus brincos dentro da mala, no meio da roupa!...

Minha mulher contou-me que tinha a certeza absoluta de que colocara os brincos *em cima* e não dentro da mala. Depois que dera por falta dêles, procurara-os por tôda a parte: no chão, na retrete, e até dentro da mala. Nenhum sinal dêles. Esta manhã teve uma intuição vivíssima de que os brincos estavam dentro da mala. Como que uma vontade estranha e poderosa a dominava. Dirigindo-se lá sem hesitação, abriu-a e sacudiu a roupa peça por peça até que com grande satisfação os brincos encontrou.

Os brincos não se encontravam em cima, mas no meio da roupa. A mala não tinha sido deslocada do lugar em que se encontrava, nem ninguém lá tinha mexido. Minha mulher tem a certeza absoluta de que os tinha colocado por fora da mala, em cima da capa e verificámos ambos que era impossível os brincos cairem para dentro da mala, que estava muitíssimo bem fechada, a não ser por desmaterialização e passagem através da fibra da tampa para se irem recompor no centro da mala por debaixo da roupa. Apesar disto, minha mulher continua descrente. Não sei em que baseia as suas dúvidas. Creio que nem ela o sabe...

religiões, partes estas intimamente ligadas, partes que se completam. Pena é que o autor nos seus «comentários» siga um tanto demasiadamente a obra de Salomon Reinach. A sua classificação das religiões enferma dêsse facto, sendo mais um resumo que uma «classificação», conforme Hegel, Von Hartman, Tiele ou H. Siebeck consideraram; é, por assim dizer, o índice do seu «ensaio». A meu ver, na definição de religião que nos dá a pág. 32 da sua obra, socorrendo-se das idéias de Guyau, Schleiermacher, Teuerbach, etc., confunde-se «religião» e o «fenómeno da religiosidade. Êste é um fenómeno psicológico, um fenómeno do espírito humano e aquela já um acto do espírito, realizado fora dêle.

Começa o autor a sua «história» pela análise do feiticismo, seguindo a corrente anterior a Tylor que o considerava como «a forma original da religião» (v. Brosses in «Du Culte des Dieux Fétiches», 1760). Segundo Schultze, tal forma teve a sua origem em quatro aspectos da consciência do selvagem: a) exagerado valor dado aos objectos; b) representação viva dêsses objectos; c) relação causal com certos fenómenos; d) o convencimento de que os objectos exigem, pòr tal, um respeito e uma adoração incondicionais. Edward Clodd, que é citado pelo autor, confunde o animismo com o feiticismo, quando aquêle é naturalmente anterior a êste. Ligado ao animismo, vem o culto dos mortos e a magia, formas religiosas comuns aos povos selvagens actuais e que devem, lògicamente, ter sido degraus da evolução do homem primitivo.

Quando estuda a religião hindú, o autor vai filiar-se na corrente «ariana» que, decorrendo dos trabalhos de Grimm, Pott, Max Müller e W. Jones, procurava demonstrar a filiação dos povos europeus num ramo árico-hindu. Contra tal, insurgiram-se os antropologistas Brocca e Lyell, os linguístas Benfey e Lantham, os etnólogos O'Halloy e D'Omalius. De facto, se existe essa filiação, ¿qual dos ramos que invadiram a Europa no neolítico, é árico? O «homo europeus»?, o «homo mediterraneus»?, o «homo alpinus»? ¿Como concluir essa filiação duma simples afinidade de línguas, se existiam tribos não-áricas que falavam o ária? (cf. Código de Manu). Deniker, baseando-se em Schrader, prefere falar antes duma família glóssica ariana. Risley, com Hoernl, explica depois a formação da indo-ária, o que é apoiado por Grierson («Report on the Census of India», 1901). Mesmo que se desloque o centro migratório da Ásia para o norte da Europa, como faz Arnaldo Thiago (p. 63), não se faz mais que rodear um problema ainda insolúvel, se não obcurecê-lo mais.

(Sôbre a literatura religiosa hindu indicamos ao leitor a obra de Mac Donell, «Sanskrit Literature», e, sôbre os conceitos, o cap. X da «História das Religiões», de Chantepie de la Soussaye).

Tal com em Reinach, Arnaldo Thiago atém-se demais ao aspecto formal das religiões, limitando-se a dar uma idéia, não fazendo verdadeira crítica como se propõe no título do ensaio. Nós preferíamos dar-lhe antes o nome menos pomposo de «resumo», porquanto não há na obra ensaio crítico, mas lugares comuns da história dos povos. Sendo, no fundo, um livro de estudo para os que se iniciam, acho deslocado os nomes de «crítica» e de «ensaio», que pressupõem conceitos filosóficos, hipóteses originais, sínteses completas, idéias norteadoras. Sente-se a perseguição impotente dum fim, a incapacidade para, da história, passar à filosofia das religiões. Arnaldo Thiago perde-se a seguir Reinach («História das religiões») e Huby («Christus-Manuel des religions»). Os seus «comentários» passam quási despercebidos.

É, sem dúvida, e como já dissémos, um bom livro didático para os que começam a estudar a ciência das religiões, mas nunca um «ensaio de crítica» histórica.

A FACULDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS PSÍQUICOS EM FACE DO ESPIRITISMO, conferência realizada na Liga Espirita do Brasil por *Deolindo Amorim*, 1944, 41 págs.

Nesta conferência, realizada pelo autor na Liga Espirita do Brasil em 9 de Julho do ano findo, salienta-se o contributo que à Causa Espirita trouxe a fundação daquela Faculdade.

De facto, o livro, quer seja de delineamento científico, filosófico ou moral, quer seja como obra literária, tem o seu valor intrínseco, mas por si só não basta à formação duma cultura-espirita. Expliquemos: — pela sua natureza, o livro, muito embora divulgue, critique, argumente, exponha, deixa depois o leitor a sós com um trabalho subconsciente, às vezes, outras plenamente consciente, mas em que, por tal, surgem dúvidas, escolhos, contra os quais esbarra o indivíduo. Outros livros permitirão galgar êsses obstáculos, mas antes de se atingir um bloco sólido de idéias e de argumentos, despendeu-se um tempo infindo, consumiram-se energias, ganhou-se... perdendo (perdõe-se-nos o paradoxo). O ensino oral sobreleva êsses inconvenientes, formando mais rápida e fàcilmente o edifício cultural; nêle, o livro passa a consultor e meio de revisão e não a único objecto de ascese intelectual.

Era uma lacuna que existia no mundo espirita e que a Faculdade de Estudos Psíquicos resolveu no Brasil. Deolindo Amorim enaltece tal facto, comparando-a às Universidades religiosas doutros credos, ainda que... apenas no fim em vista.

E porque não formar entre nós um «Gabinete Português de Estudos Psíquicos» com um programa definido que, em menor escala, fôsse atingir os fins da Faculdade Brasileira?

OS MENSAGEIROS, pelo *Espírito de André Luiz*. Ditado mediúnico psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 1944. 264 págs.

Se num golpe geral abarcarmos a já vasta literatura espirita, verificaremos um delineamento uniforme, como que obedecendo a um único plano. Não nos referimos — é claro — às obras de fundo filosófico ou científico, como a «Grande Síntese» de Pietro Ubaldi, mas às que pela sua forma correspondem aos «nossos» contos, romances ou novelas. Tôdas elas tendem a esclarecer sôbre a vida nos mundos espirituais. Sem dúvida que, sendo resultados de experiências pessoais, nelas se reflete o grau de adiantamento dos autores. Daqui o aparente anacronismo entre algumas. Cada um descreve o seu mundo conforme o «vê». Nada mais se lhes pode exigir e resta-nos a nós a tarefa de vislumbrar o real por detrás dos ouropéis da fantasia ou das cortinas duma visão defeituosa.

Ainda que o plano seja uno, como dissémos, nêle encontramos facêtas, aspectos que nos conduzem a uma classificação em dois grupos:

1.º — Mensagens — como as do «País da Luz» e as «Para as crianças», de Icléa.

2.º — Obras de forma romântica — designando por «forma romântica» a construção dum edifício feito à custa da imaginação ou da experiência pessoal, em que se debatem os problemas dos mundos espirituais, ou se descrevem cenas dêsses mesmos mundos. Podemos ainda subdividir êste grupo, conforme o decorrer da acção:

a) Térreo-espiritual — como «Na Sombra e na Luz» e «Marieta».

b) Espiritual — como as «Cartas do Outro Mundo», de Elsa Baker e «Os Mensageiros», de Francisco Cândido Xavier.

Êste livro é a continuação natural do «Nosso Lar», ditado também por André Luiz. Assiste-se nêles ao desprendimento progressivo dos laços terrenos, à ascese dum espírito. Verifica-se, porém, que o seu mundo não é muito elevado, pois que nêle há ainda demasiada influência da vida terrena. É um dêsses mundos do «plano astral», aperfeiçoamento simples do mundo físico. André Luiz fala-nos da «noite», a pág. 17, visão só possível a um espírito ainda nos princípios da evolução kármica. É interessante frisar o final do cap. VI, em que «Vicente», respondendo a André Luiz, numa objecção, diz que se êste fugisse à «luz da palavra instrutiva», a sua «presença» e «rosto» logo indicariam tal por «uma sombra indefinível. ¿Não teremos aqui uma referência velada à «aura perispirítica»?

Quem serão os «instrutores»? Mas espíritos mais elevados que em catequese descem até junto dos mais fracos. Êles falam nêsses palácios erguidos pelo Pensamento no plasma etérico, tal como dissemos no nosso artigo «Regiões do Após Morte» que *Estudos Psíquicos* publicou no n.º 4 (Fev.º de 1944), pág. 101.

A afirmação que fizemos, atrás, do mundo de André Luiz é comprovada pelos casos de Vicente, Octávio e Acelino, todos êles companheiros daquêle. São homens que prevaricaram e muito, mas que já desejam reabilitar-se, e logo em vias de progresso. Não é um mundo de paixões inferiores, mas um plano em que vivem sêres que há pouco as deixaram de sentir. ¿também o recamarcável caso de Joel.

Aniceto é já uma figura superior e daqui a sua posição diferente. É um guia, um instrutor (V. pág. 78).

Fantàsticamente edificante é a viagem através das regiões mais baixas. Por ela se nota já a diferença com o mundo dos pecadores arrependidos e ansiosos de progresso. E essa viagem extraordinàriamente colorida, forte de contrastes emotivos, vai acabar na Terra.

André Luiz transmite-nos assim, numa linguagem suave, humanamente clara, as sensações próprias no mundo em que reabriu os olhos e em que passou a trabalhar, quando a consciência reflectiu a Luz do Amor.

«Mensageiros» é um documento que incita, que aclara, que deslumbra. ¡Quantos ensinamentos, quantas provas para as nossas hipóteses, ainda que veladas pelo olhar pouco profundo de *André Luiz!*...

Santos promovidos

Não foi só Santo António a ser reconhecido oficial das fôrças armadas do Brasil no tempo do Império, com direito ao sôldo relativo à patente que lhe foi concedida. Ainda agora, recentemente, nesta época de requintado progresso, em que o rádio e o aeroplano revelam o refinamento da concepção humana, o presidente da República Argentina, general Ramírez, proclamou «generalas» do seu exército duas «nossas senhoras».

O jornal em que lemos esta singular notícia não nos conta se estas altas patentes do exército platino estão recebendo sôldo.

¿Até quando viverão os homens em trevas e contradições?

(De A Centelha, *do Brasil)*

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

O regresso de John Barrymore

O sr. Nunez de Villavicencio publicou na *Psiquis*, de Havana, um artigo em que narra a comunicação do espírito do artista cinematográfico John Barrymore, muito conhecido em todo o mundo, artigo êste que *A Verdade*, de Recife, Pernambuco, inseriu no seu número de Julho de 1944 e que, *data venia*, passamos a transcrever:

John Barrymore, o famoso artista da tela americana, comunicou-se depois da sua morte, afirmando que continua a viver após o fenómeno a que chamamos morte e que não é mais do que o princípio de nova vida. Essa manifestação *post mortem* do admirado histrião faz-nos lembrar de que, quando êle estava moribundo, disse a seu irmão Leonel, que o acompanhava:

— Isto é assombroso! Que maravilhoso lugar estou a ver!

Por um instante, havia recobrado a faculdade de observar e com a plena consciência ainda comunicava a seu irmão que continuava a viver «nova aventura», na sua própria expressão.

De maior transcendência que êsse facto é o que vamos narrar e que se verificou dois dias antes da sua *partida*, anunciando a sua desencarnação numa sessão experimental que se realizou em Miami, Estado de Florida, onde se produziu a manifestação dum espírito que disse ser o mesmo Barrymore. Essa valiosa prova da sobrevivência da alma e da exteriorização da consciência na vida física conseguiu-se por intermédio da senhora Geraldine Felton, no seu centro de estudos daquela cidade.

O espírito apresentou-se indeciso a respeito do lugar em que se achava. Quando preguntaram ao espírito-guia dos trabalhos do Centro quem era o manifestante, declarou ser John Barrymore num deslumbramento de personalidade... que era a sua própria personalidade ali projectada com tôda a fôrça espiritual. Depois, ouviu-se a voz do artista, que preguntou:

— Onde estou eu?

Os presentes dirigiram-se-lhe afectuosamente até conquistar a sua confiança, oferecendo-lhe auxílio para que êle compreendesse melhor as coisas.

Interrompendo-os, exclamou a voz com natural veemência, que era a sua característica:

— ¿Êste é que é o drama da nova vida? Devemos estar loucos!

E quando se refêz da emoção soube que se achava numa sala em que se realizava uma sessão espirita. Respondeu, então, claramente, e disse que conhecia algo do assunto, porque seu irmão Leonel já conversara com êle àcêrca de Espiritismo e que, devido a essa circunstância, não tinha receio algum.

Nesta altura, foi interrompido por «White Rose» (Rosa Branca), espírito-guia da médium, que explicou aos presentes que o actor que fôra ídolo das platéias cinematográficas estava vivo e que ali o trouxera, libertando-o, por momentos, das dores físicas, afim de que se manifestasse de forma notável, descerrando, assim, o véu do desconhecido.

Novamente se ouviu a voz de Barrymore, com sua habitual expressão, indagando onde se encontrava. E ao falarem-lhe em Miami, declarou enfàticamente que desejava conservar a recordação de tudo o que tinha sucedido, porque, se ficasse curado definitivamente (estava ainda doente), dramatizaria o facto para que todo o mundo o conhecesse. Repentinamente, porém, anunciou, emocionado:

— Morrerei no dia 30!

Preguntaram-lhe como podia saber a data e êle respondeu:

— Sei que será assim. Esperem e verão se acerto ou não.

O grande actor mostrou-se muito satisfeito e extremamente confortado, quando várias pessoas do grupo se lhe ofereceram para escrever essas ocorrências, no caso de êle recuperar a saúde, cientificando-o de tudo o que estava a suceder com a sua surpreendente visita.

Momentos depois, retirava-se o espírito de Barrymore. «White Rose» anunciava que êle volvia ao corpo material. Mas, antes de partir, ouviu-se dizer ao visitante:

— Não se esqueçam de que anunciei o dia da minha morte.

Dois dias após a memorável sessão, o célebre e laureado artista deixava o cenário em que tão bem representou o último drama da sua existência terrena, e partiu levemente inteirado de que o aguardava uma nova aventura.

No dia 28 de Maio de 1942, manifestava-se no Centro da senhora Felton, em Miami, e a prova que ali obteve, relativamente à imortalidade da alma, permitiu-lhe conhecer a data da sua morte. Eis, porque,

ao morrer dois dias depois, como prognosticara, disse ao irmão, quando exalava o último suspiro:

— Isto é maravilhoso! Que belo lugar estou contemplando!

Como se vê, trata-se duma comunicação mediúnica entre vivos, auxiliada por um espírito desencarnado. Barrymore encontrava-se doente e, nêsse estado, o seu espírito desprendeu-se momentâneamente e parcialmente do corpo físico e manifestou-se na sessão que, naquêle momento, se realizava em Míami, anunciando a sua morte próxima.

Alexis Carrel e o contrôlo da morte

Alifar de Buenos Aires, publicou há tempos o seguinte relato, focando um notável discurso do doutor Alexis Carrel àcêrca do contrôlo da morte no homem:

Num discurso na Academia de Medicina de Nova York, o dr. Alexis Carrel, do Instituto Rockefeller, predisse que poderia ser possível num futuro, embora muito distante, suspender a vida humana para começá-la de novo e continuar assim por muitos séculos.

Definiu duas espécies de morte: reversível e irreversível, a primeira trazendo esperanças de melhor saúde e mais longa vida para o homem. A ciência, — acrescentou êle, — não pôde provar nem refutar o Além; não obstante, crê muito razoável supôr que parte da personalidade humana subsiste depois da morte.

Todos estes pontos foram enfàticamente discutidos pelo dr. Carrel em sucinta informação submetida à Academia.

«Se se permitir à ciência avançar oito ou dez séculos, as enfermidades talvez se possam suprimir, — disse o dr. Carrel. — Mas não existe esperança de conquistar algum dia a senilidade e a morte.

«Há sòmente três formas de morrer: por enfermidade do coração, do sistema nervoso ou pelo sangue.

«As mortes são reversíveis ou irreversíveis. Um exemplo de morte reversível é o caso de um homem apunhalado no coração. A circulação e a respiração paralisam. O homem está legalmente morto; não está, contudo, irremediàvelmente morto. Poderia ressuscitar se lhe fôsse aplicado tratamento adequado. Todos os seus órgãos, até o cérebro, estão ainda vivos. Poucos minutos depois, vem a morte irreversível. Não é possível ressuscitá-lo quando se chega a êste período, por causa da desintegração do cérebro e dos centros medulares. Mesmo depois de chegada a morte irreversível, o coração está completamente vivo. Os órgãos e os tecidos começam a morrer uns após outros».

O dr. Carrel mencionou os espiritas e disse que a sobrevivência da alma foi demonstrada, assim como os pontos principais em favor de tal asseveração.

«A importância dos factos em que se baseiam tais especulações não se pode negar — disse êle — mas a interpretação dos resultados experimentais parece estar incorrecta. Os espiritas desdenham da clarividência. Sem embargo, sabemos positivamente que os clarividentes são capazes de perceber os acontecimentos passados e futuros. Não é, portanto, possível fazer distinção entre a sobrevivência dum princípio psíquico e um fenómeno de clarividência.

«Não existe prova científica da morte; mas não há direito de dizer que tal sobrevivência é impossível. Está muito longe de ser irracional crer que alguma parte da personalidade humana pode escapar da morte».

Disse também que dia virá em que quási todos os indivíduos morrerão de velhice. «¿Poderemos progredir mais? — preguntou êle. O problema pode ser encarado por formas diversas. «A primeira consiste em analisar as condições responsáveis pelo envelhecimento dos tecidos. Uma segunda maneira de nos opormos à morte é a procura de factores fisiológicos que determinem a longevidade, como hereditariedade, dieta e modo de viver».

A morte pode retardar-se por uma operação rejuvenescedora, disse êle. Citou as operações de Steinach para rejuvenescer por meio da ligadura de um conduto, e as de Voronoff, por meio da transplantação de glândulas de macaco, e disse: Todavia, o problema do rejuvenescimento é mais complexo. Não se pode resolver por esta forma simples. A velhice é devida a alterações simultâneas dos tecidos e dos humores, e não à deficiência de uma só glândula.

«Existe uma quarta possibilidade mui remota de pospôr a morte de alguns indivíduos por um largo período de tempo. Sabe-se que certos animais, tais como o pequeno artrópolo tardígrado, paralisam o seu metabolismo, quando dissecados. Um estado de vida latente induz-se desta forma. Se, depois de várias semana, se humedecem êsses animais dissecados, revivem e são susceptíveis de uma vida normal. Embora o tardígrado contenha células altamente diferenciadas, tais como as células nervosas, é capaz de suportar o tratamento de dissecação. Recentemente, Alexandre Lipschutz injectou em cobaias alguns ovários que haviam sido parcialmente dissecados. Parecerá estranho, mas êsses ovários reïniciaram a secreção endócrina e mantiveram a estrutura normal. Serão provàvelmente descobertos métodos menos perigosos de colocar tecidos mamíferos num estado de vida latente.

«Alguns indivíduos poder-se-iam armazenar por largos períodos de tempo e devolver mais tarde à existência normal em outros períodos e por esta forma viverem alguns séculos. Devemos recordar que as utopias de hoje são às vezes as realidades de amanhã.»

Notas & Comentários

«O Lar»

Chegou, finalmente, às nossas mãos o 1.º número de *O Lar*, órgão do Lar de Jesus, de Nova Iguassú, ao qual já tivemos ocasião de fazer justa referência. Sob a direcção proficiente do grande lutador que é Leopoldo Machado e colaborado por individualidades marcantes no movimento espirita brasileiro, apresenta-se auspiciosamente aos leitores sob feição muito singular. Cremos, mesmo, ser único no género e que está de harmonia com o engenho criador do grande propagandista que o fundou e orienta.

Pela maneira como ventila os mais importantes problemas filosóficos e doutrinários do Espiritismo, inerentes aos lares cristãos e à mocidade radiante de entusiasmo e dinamismo, usando a forma sintética e fazendo guerra ao gongorismo que ainda se nota em muitas publicações, *O Lar* tem o destino marcado e pode contar com a nossa estima.

Lembrá-lo-emos muitas vezes, transcrevendo os seus belos conceitos ou desenvolvendo assuntos ali apenas esboçados.

Ao seu director, um efusivo abraço de felicitações.

Expansão do livro espirita

Acabam de chegar ao Centro Espiritualista Luz e Amor duas grandes remessas de livros espiritas que há muito estavam requisitados e que, mercê de certos factores de ordem internacional, só agora chegaram ao seu destino.

Temos intensificado a propaganda escrita e acabamos de conseguir que a *Livraria Morais*, da Rua da Assunção, 49-51, Lisboa, se encarregasse da venda das obras espiritas, não só na capital, como em tôda a Metrópole, tendo-as também à venda no Stand N.º 1 da Feira do Livro. Regosijamo-nos por sabermos que estes livros têm tido larga venda.

Uma carta de Londres

Acabamos de receber carta de Maurice Barbanell, director do semanário inglês *Psychic News*, a que temos feito larga referência. Diz-nos que recebe a nossa revista com grande regularidade e que o seu tradutor nela procura matéria destinada aos leitores do seu jornal.

Este facto é suficiente para nos animar, incitando-nos a prosseguir nesta dura faina. É-nos grato saber que o nosso esfôrço vai sendo compreendido, mesmo além-fronteiras e em países de língua saxónica.

A carta em referência apresenta duas sugestões dignas de aprêço:

«Seria ainda mais interessante — diz Barbanell — se fôsse possível encontrar aí algum correspondente que conhecesse suficientemente o inglês para nos enviar de vez em quando relatos de acontecimentos que interessassem os espiritas britânicos.

«A outra idéia reside na possibilidade de se traduzirem em português os livros que nós editamos, afim de aí serem vendidos. Qual é a perspectiva? Era preciso que houvesse suficiente número de leitores para justificar a tradução. ¿O seu organismo ou outro qualquer poderiam dirigir êsse empreendimento? Eu teria o maior interêsse em saber a sua opinião.»

¿Haverá entre os nossos leitores algum que se disponha à missão de que fala o director de *Psychic News*, o jornal espirita de maior tiragem e venda em todo o mundo? Se houver, com muito prazer informaremos o nosso correspondente londrino, pois grandes seriam os benefícios resultantes dêsse trabalho.

Quanto à segunda idéia apresentada, não é altura de responder conscientemente. *Estudos Psíquicos Editora* vai fazer a experiência. O tempo dirá da oportunidade ou inoportunidade da tentativa. Vamos ver se há leitores, ou não, das obras espiritas e espiritualistas.

No entanto, é bom saber-se que há livros inglêses de grande utilidade para a Doutrina Espirita e que ainda não foram traduzidos em português. ¿Caberá à nossa Editora a missão de os traduzir e fazer circular, em Portugal e Brasil?...

«Resumo da Doutrina Espirita»

Vai adiantada a composição desta obra, aguardada com justo interêsse pelos nossos confrades. Estamos convencidos de que a sua aparição nos escaparates das livrarias constituïrá surpresa para muita gente. Do seu êxito dependerão as edições futuras, que serão subdivididas em obras completas e em cadernos neo-espiritualistas, mais acessíveis ao grande público.

Alea jacta est! Aguardemos, com esperança, a primeira obra de *Estudos Psíquicos Editora*. Veremos se ela corresponde ou não à espectativa de quantos apreciam os bons livros.

I. D. S.

Noticiário

Aumento de assinatura

Em virtude do agravamento do preço dos materiais gráficos e da mão de obra, somos obrigados a elevar ligeiramente o preço de assinatura que, do n.º 7 em diante, passou a ser de 20$00 por semestre e 40$00 por ano. Esperamos que todos compreendam a gravidade da situação e dêem bom acolhimento aos recibos que vão ser enviados ao correio, os quais serão acrescidos de 1$60 para despesas de cobrança.

Auxílio ao Centro

Por lápso, deixámos de mencionar no n.º de Janeiro o seguinte donativo, que muito agradecemos:
De F. M. G., do Rio de Janeiro..... 400$00

As nossas conferências

No dia 6 de Maio, conforme fôra anunciado nesta revista e nos jornais de maior circulação, o nosso colaborador Ramos Pereira realizou a sua interessante conferência, intitulada «O Espiritismo e o problema Humano». Presidiu o coronel Faure da Rosa, secretariado pelo major Eurico Zuzarte e pelo capitão Alfredo dos Santos, 1.º secretário da Direcção da Federação Espirita Portuguesa e em representação da mesma colectividade. Na mesa encontravam-se também o presidente da Direcção do Centro, o presidente da Comissão de Contas e o director das sessões experimentais.

Depois do 1.º tenente Isidoro Duarte Santos dar as boas vindas ao conferente e agradecer-lhe o concurso da sua actividade, Ramos Pereira entrou no assunto, sem apontamentos, sem livros de consulta, no «à vontade» próprio dos que conhecem inteiramente o terreno que pisam; e de tal maneira se houve, a tal ponto conquistou a numerosa assistência, que todos ficaram maravilhados com a precisão dos conceitos, a clareza das afirmações e a espontaneidade dos raciocínios.

Sendo-nos impossível acompanhar tão bela exposição, limitamo-nos a dar os tópicos versados.

Começou por se referir ao pensamento humano, através da Ciência, da Filosofia e da Religião, desde a antiguidade até ao século dezanove. Em seguida, falou do «cientismo», da decadência da filosofia e da entronização da ciência, para chegar ao movimento espiritualista, que tomou vulto, e definir a posição do Espiritismo no pensamento humano, apresentando-o como ciência tendente a melhor conhecimento do homem, como filosofia, conduzindo a nova psicologia e a moral esclarecida, e como religião, analisando o Cristianismo para além do véu da letra, interpretando-o como religião nova e apontando os médiuns como seus legítimos sacerdotes. Resumindo: o monumento compõe-se do edifício do pensamento reconstruído em novos moldes, que é o pedestal; sôbre êle, a ciência; e, sôbre a ciência, a cimalha filosófica, erguendo a cúpula da Religião para a Luz, que é Deus, através do fanal que é o Cristo.

No final da conferência, uma grande ovação reboou pela sala, premiando tão magnífico trabalho.

O Cap. Alfredo dos Santos, levantando-se, concitou os presentes a unirem-se em tôrno do Espiritismo, visto que só unidos seremos fortes e poderemos suportar o embate das lutas ideológicas que agitam a humanidade. Demostrou a sua simpatia pelo Centro e pelo conferente, dizendo que voltaria, sempre que lhe permitissem.

No dia 20, teve lugar a conferência do confrade Eduardo Fernandes de Matos, intitulada «Saúde e Felicidades». Baseado nas doutrinas de Marden, donde extraiu a maior parte dos elementos contitutivos do seu trabalho, transmitiu à assistência palavras de vida, de molde a conduzir os fracos ao mais franco optimismo e dando-lhes noções úteis para a saúde física e espiritual. O mesmo fêz no tocante ao problema da felicidade.

A assistência premiou o seu esfôrço com merecida salva de palmas.

Trabalhos do Centro no mês de Junho de 1945

Dia 10 de Junho, às 16 horas — Conferência pelo Tenente João da Cruz, intitulada «A alma vem de Deus».

Dia 17 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 24 de Junho, às 16 horas — Conferência por F. Noronha, intitulada «A Ciência Espirita — Os seus zoilos, caluniadores e atacantes de má fé.

Dia 26, às 21 horas — Sessão experimental pelo Grupo Allan Kardec, com as médiuns D. Maria Cristina e Conceição Dias.

Dia 1 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental, com as médiuns D. Filomena da Cruz Correia e D. Maria Rosa Guerrinha.

Dia 8 de Julho, às 16 horas — Conferência pelo capitão Alfredo dos Santos, intitulada «Liberdade, Igualdade e Fraternidade».

NOTA — As sessões experimentais são exclusivas aos sócios e as conferências são públicas.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Expecimental

6.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1945 — N.º 9

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

CONGRESSOS

O «Mundo Espirita» de 10 de Março, que só agora nos chegou às mãos, insere auspiciosa notícia relativa ao Congresso Espirita Paraná-Santa Catarina, que devia ter sido realizado em 28, 29 e 30 daquêle mês e no qual se ventilariam importantes assuntos, com o fim, não só de unificar métodos de trabalho, como também de adoptar medidas adequadas, quanto à organização dos Centros, não esquecendo a necessidade, igualmente urgente, de se objectivar séria campanha em prol da pureza da Doutrina, escoimando-a de práticas estranhas que vão alastrando à sombra do Espiritismo.

Além disso, idéia mater pairou, decerto, no ânimo dos congressistas: discutir a necessidade dum Grande Congresso Nacional Espirita, em que representantes espiritas de todos os Estados Brasileiros se pronunciassem àcêrca da futura Confederação Espirita do Brasil, com a tarefa específica de orientar e defender o Espiritismo na república irmã de Além-Atlântico.

Estamos ansiosos por conhecer as conclusões a que chegaram os citados congressistas; e se elas forem como julgamos, isto é, no sentido de dotar o Espiritismo com uma entidade responsável perante os governos estaduais, será motivo de justificado regosijo para todos nós.

Em Portugal, maior necessidade existe ainda de orientação e unificação, no sentido de acabar com certas práticas que só desprestigiam a doutrina espirita, tão bela, tão lógica e racional, que basta ler as suas obras fundamentais para se ficar verdadeiramente entusiasmado. Pelo menos, qualquer indivíduo que venha sem idéias formadas, é quási certo tornar-se simpatizante, e, logo a seguir, adepto.

Mas os espiritas portugueses, que muitos são, andam dispersos, tresmalhados, cheios de desconfiança uns dos outros. É necessário, pois, que se agite a idéia do 2.º Congresso Espirita Português, que há seis anos expusemos em «Estudos Psíquicos» e continua a ser de flagrante actualidade.

Os congressos são reüniões magnas destinadas a troca de impressões, das quais depende, muitas vezes, o destino duma Causa. Estudam-se assuntos, apresentam-se teses, defendem-se conclusões e procura-se a melhor forma de aproveitar o esfôrço colectivo e canalizá-lo para o fim comum.

A Federação Espirita Portuguesa, logo que arrumasse algumas questões pendentes, talvez ficasse em condições de se abalançar a esta emprêsa meritória. Pela nossa parte, auxiliaríamos como pudéssemos.

«Estudos Psíquicos» fundou-se para defender o ideal espirita e tem desempenhado a sua missão com serenidade e firmeza, dentro de normas cristãs que nunca foram descuradas. Continuará, pois, a velar pelo seu reduto, quer apontando erros susceptíveis de emenda, quer enfrentando adversários, por mais fogosos e violentos que sejam.

Achamos indispensável a realização, em Lisboa, dum Congresso Nacional Espirita. Para isso trabalharemos em boa harmonia com individualidades que nos mereçam confiança, fiéis à divisa que escolhemos e que temos observado, desde o primeiro número de «Estudos Psíquicos».

I. D. S.

CÂNTICO À VELHICE

(Conversa familiar)

pelo Dr. A. D. Pratas

— A velhice, tia, parece na verdade contraditar a evolução; mas, observando bem as coisas, vem a demonstrar-se quanto, por vezes, poderemos ser iludidos pelas aparências.

— Na tua idade, meu rapaz, bem se pode falar como falas, e apreciar as questões da vida, como as aprecias. Já por lá passei e também assim julgava as coisas; agora, porém, que a neve cobre os meus cabelos, que as rugas me sulcam a fronte e as faces, que as pernas não conseguem levantar os pés do chão, sendo por isso forçados a arrastarem-se ruïdosamente pelo pavimento... ¡quão diferente é o meu pensar!... É que, meu bom rapaz, a velhice, a decrepitude, o pêso dos anos, anuncia-me a aproximação do têrmo dos meus dias.

«Já não posso voltar a ser menina, retrogradar à idade dos sonhos e das ilusões, à idade das gargalhadas e desprendimentos da vida. Êsse quadro alegre e movimentado desbotou tanto, que dêle apenas resta o seu fundo triste e sombrio que a minha velhice constitui.

«Quando os anos se fôrem sobrepondo aos poucos que presentemente contas, — e isso decorre com uma velocidade inaudita —, quando, enfim, fôres um velho como eu, — e oxalá que a vida te assista para que tal aconteça —, reconhecerás, como eu estou reconhecendo, que a evolução é uma utopia que a existência humana absolutamente contradita. Evoluímos, sim, até certa idade; mas, após a subida, sobrevém a declinação, a involução que nos conduz à morte.

«Quando se atinge a minha idade, meu rapaz, todo o organismo se encolhe, diminui na sua grandeza, altera-se na sua beleza; e, esgotadas as suas reacções naturais, deixa-se debilitar até ao ponto de ser maltratado pelos mais variados e perturbadores achaques.

«¡Eis o quadro da decrepitude!... É triste, não é?... É triste, é, sim... É triste e bem triste, mas... é também muito real...

— Êsse quadro da velhice que a tia acaba de pintar, é muito natural, concordo, mas...

— Mas... mas... mas o quê?

«Fixa bem êste retrato. Tinha eu vinte e cinco anos; tantos quantos tu hoje contas. Por êle vês o que eu era, o que eu fui. Era formosa, elegante, de linhas bem lançadas.

«Olha agora bem para mim. O que sou?... Sou uma carcaça. Até a altura perdi. O corpo curvou-se para que eu beije o chão que me há de cobrir; o nariz inclinou-se para o queixo e o queixo elevou-se para o nariz, num arremêdo de ridícula máscara carnavalesca susceptível de provocar o riso dos mais sisudos.

«E os meus olhos!?... ¿Que é feito do brilho que os embelezava e lhes dava vida e expressão?... Hoje são uns olhos mortiços e tão encovados que, ao fitá-los, se tem a impressão de se estar em face duma caveira.

«E... ¿o que é feito das lindas pérolas que ornamentavam a minha bôca de lábios tão frescos e rosados? Tudo se foi!... e agora... só me restam uns lábios sêcos, exangues e desbotados a ocultarem a pobreza dos meus desdentados maxilares...

«Que tristeza!... O que eu fui, di-lo êste retrato; o que sou... diz-mo êste espelho. ¡Que diferença entre o que lá vai e o que ficou!... ¡Que tristeza, meu rapaz, que tristeza isto não causa!...

— Êsse quadro, tal qual a tia o pinta, é, de facto, um quadro triste; essa tristeza, porém, resulta da omissão dum certo número de pormenores que, pela sua importância, pelo seu relêvo e pelo seu colorido, neutralizam, ou, melhor, animam as côres sombrias que lhe imprimiu. É que tudo quanto a tia apresenta, não desfeia nem ridiculariza, antes lhe imprime um cunho da respeitabilidade, sobretudo quando as belezas e encantos da alma se sobrepõem e realçam do fundo físico que tanto a preocupa.

«¿Que importa que a criatura seja fìsi-

camente velha, se a sua alma é nova? ¿que a decrepitude lhe entorpeça os movimentos e lhe altere as feições... enfim, o seu aspecto físico geral, se a alma, permanecendo a mesma na sua essência espiritual, se vai aperfeiçoando com o decorrer dos anos, para se ir aproximando cada vez mais de Deus? ¿E não será isto evoluir? ¿E não se passa isto no decorrer da vida? ¿Não é à custa dos anos que se vão vivendo, das experiências, decepções e sofrimentos por que, durante êles, vamos passando, que isto se realiza? ¿Que é, pois, a velhice senão a chancela do máximo de progresso duma existência?...

«¿Há muitos velhinhos que se amedrontam com a visão da morte? Há, sim; são aquêles que aproveitaram mal a sua existência e que, por isso, ainda mal espiritualizados, — direi melhor — ainda muito materializados, se apegam demasiadamente aos encantos e atractivos dêste mundo. Para aquêles, porém, que, vencendo êste *terra-a-terra* em que a maioria se embrenha, conseguiram alcançar, adquirir certo grau de espiritualização... ¡quão sedutora não será essa visão e quão felizes e radiantes não se sentirão ao abandonarem êste mundo de martírios, e ao reconhecerem em si, velhos, uma alma nova, cheia de vida e pintalgada de vivas côres!... ¡Quão belamente perturbador não deve ser êste contraste das duas vidas: uma representada pelo quadro da velhice física que me mostrou, e a outra... pelo quadro da juventude astral, quadro exuberante de beleza e resplandecente de luz!...

— São muito animadoras as tuas palavras. Êsse retrato, porém, da velhice, tal qual mo apresentas, foi por ti focado numa máquina fotográfica muito suspeita, visto ser constituída pela tua alma afectuosíssima, que pretende, com o seu carinho, retocá-lo por forma a dar-me a falsa impressão da realidade. Agradeço-te a intenção, meu bom rapaz, meu grande amigo, meu generoso sobrinho.

— Não; não. Não foquei mal a velhice, nem retoquei êsse retrato. Pelo contrário, julgo não ter conseguido completá-lo com traços de maior realce e mais acentuada beleza, pelo que não me é possível apresentar-lhe outro mais fiel do que o que lhe mostrei. É que, tia, o tempo empresta, cunha, imprime sempre beleza em tudo aquilo que a sua mão burila; e a velhice, tia, nada mais é, sob o ponto de vista geral, do que a mocidade burilada.

«Na mocidade, quási não há contrastes físicos, aquêles contrastes que as mesmas rugas produzem, e que criam e exaltam uma beleza típica que as restantes alterações de forma, grandeza e encurvamento, tornam digna de tôda a veneração.

«¿Quem há que não se curve reverente perante uns cabelos brancos, que não se sinta pequeno, por maior que seja a sua estatura, perante as corcovas que os anos produzem, perante uma cabeça que a idade não deixa soerguer-se?

«Depois, tia, sendo a vida uma grande mestra, são os anos que nos vão ensinando e, por tal motivo, tornando mais admiráveis, mais atendíveis, mais queridos e estimados, e, como assim, mais belos e respeitáveis.

— É consolador o que me dizes, meu amigo; isso, porém, só colhe em corações generosos como o teu, porquanto o que todos os dias observo é a insolência com que a garotada, — e até adultos — vaiam essa pobre velhinha que tôdas as manhãs e tôdas as tardes por aqui passa. Tôda corcovada, mal podendo arrastar-se apoiada a um tôsco pau de marmeleiro, é ver como essa gente a persegue..., como se fôssem cães enfurecidos e açulados pelos donos.

— É verdade isso, tia; mas observe também que essa demonstração, sintomática de falta de educação e de atraso mental e moral, não se verifica apenas nas atitudes que essa gente assume perante os velhos. ¿Não terá a tia observado como se comportam essas mesmas criaturas, quando se cruzam com alguma moçoila que haja tido a infelicidade de passar perto delas? ¿Não tem reparado nos tôrpes gracejos que lhes dirigem, quando nem sequer sabem quem ela seja?

«Querem, por vezes, mostrar espírito; mas tão próprio de arrieiro é o seu comportamento, que apenas denunciam... não a graça que julgam expressar nos seus «dichotes», mas, sim, a deficiência de educação que assinala um malcriado.

«¿Pretenderá então a tia que haja de se dar à velhice o aprêço em que é tida por êsses espíritos mal conformados ou preparados, que ainda não compreendem, ou não sabem compreender, o que seja o respeito pelos outros, quer se trate de velhos, quer se trate de novos?

«De resto, minha tia, se quiser avaliar

bem do aprêço em que deve ser e é tida a velhice, volva a sua atenção, não para as atitudes dêsses espíritos tacanhos e pequeninos, mas, sim, para as daquelas almas que, como as dos artistas, lhe prestam e lhe consagram a sua veneração.

«Repare no valor que se atribui a um singelo quadro em que apenas se reproduza, desenhada ou pintada, a cabeça dum velho; no valor que se atribui à escultura dum pequeno busto de velho, ou de velha, que um bom artista haja sabido cinzelar. Qualquer dêles divinizou a velhice por forma a impô-la à consideração, ao respeito e à veneração de tôda a gente que sinta vibrar na sua alma aquêles arrebatamentos de vida que o artista imprimiu à sua obra. Sendo assim, ¿como não deveria Deus, o Artista supremo, deixar de suplantar, em beleza e perfeição, êsses cultores da arte, quando, burilando pela acção do tempo a cabeça duma jovem, a transforma numa outra muito diferente, mas também muito mais respeitável?

«¿Não tem a tia reparado no carinho com que o arqueólogo trata essas velharias que o tempo carcomeu e que a maior parte dos homens despreza? Atenda ao valor que lhes atribuem; entretanto, como êsses que insultam e achincalham a velhice humana, também há quem profane e fira com o bico da bota essas preciosidades que os verdadeiros entendidos no assunto admiram, respeitam, veneram e quási santificam.

— Tudo isso é certo, meu rapaz; no entanto, haverás de convir em que também o vinho com o decorrer do tempo degenera, transformando-se em vinagre.

— Convenho e não convenho nisso, minha tia. Transformar-se-á, sim, em vinagre, quando nisso haja conveniência ou quando não tenha sido devidamente tratado e cuidado; no caso contrário, antes o seu paladar e qualidades se aprimoram; e tanto que o preço e o aprêço dêste vinho vão aumentando em cada inverno que sôbre êle passa. E, se não, tia, pregunto: ¿Poderá equiparar-se um vinho novo a outro que, cuidadosa e sàbiamente engarrafado, conte cinqüenta ou cem anos de existência?

«Mas, minha tia, ainda mesmo que o vinho se haja transformado em vinagre, nem por isso desmereceu o seu valor, antes pelo contrário. E tanto assim é, que o vinagre é vendido por um prêço superior ao do vinho que o gerou.

«Estabelecendo um confronto entre o comportamento do espírito do vinho, — o alcool —, e o do espírito humano, verificaremos um notório paralelismo entre os dois: Assim como o vinho, quando bem tratado, se transforma em néctar com o decurso dos anos, efectuando-se assim um trabalho evolutivo incontestável quanto às suas qualidades, assim também o homem, com o decorrer do tempo, quando o seu espírito é bem cuidado e orientado, se sublima, evoluíndo para Deus. Da mesma sorte, se o vinho se transforma em vinagre, por não ter sido, — devido a conveniências ou a descuido —, tratado o seu espírito por forma a evitar-se essa transformação, também o espírito humano, quando mal orientado, se oporá à ascese a que o homem tem de se submeter; entretanto, não se depreciou, — pois que nem tudo se perdeu —, ficando por isso nas mesmas condições em que se encontra o vinagre perante o espírito do vinho que lhe deu origem.

«Tudo é evolução. Felizes, pois, aquêles que souberem trilhar bem, com passo firme e resoluto, a trajectória da vida, porquanto a sua velhice será então uma velhice de santidade, uma velhice por todos idolatrada, até mesmo por aquêles que esperam no Além o momento de a verem rejuvenescer envolta na aura brilhante e resplandecente que irradia das almas puras, das almas sem mancha, das almas que, na sua majestade divina, Jesus abençoa e acolhe no seu coração amantíssimo.

O Homem Vivo

O homem vivo é como o que avança com uma lanterna na mão que alumia diante dêle e que nunca chega ao ponto iluminado: o ponto iluminado caminha diante dêle.

É isto a vida e não há outra. Com esta vida não há morte, porque a lanterna ilumina sempre mais além e caminhamos sempre atrás dela, tão tranqüilamente, como durante a vida.

Mas se o homem se coloca diante da lanterna que o alumia em volta, deixa de andar e a vida detém-se.

LEON TOLSTOI

Dinheiro, arma de dois gumes

por Henrique Magalhães

O jovem casal trocava idéias quanto ao futuro, fazendo projectos de tôda a ordem. De repente, diz o José, — assim se chamava o marido:

— Sabes, Maria, há muito tempo que uma coisa me diz que devo ir para o Brasil. Lá encontrarei o que almejo. Êsse pensamento não me sai da cabeça e estou decidido a pô-lo em prática.

— Se fôres, irei contigo, — respondeu a espôsa. Jamais me separarei de ti. Preferia, no entanto, ficássemos junto das nossas famílias. Tenho receio de ir para terras estranhas.

— Nada receies junto de mim, — rematou o marido. Em breve iremos. Garanto-te que vamos fazer fortuna. Dentro de pouco tempo, voltaremos com muito dinheiro.

— Ao contrário, — diz a espôsa — tenho maus pressentimentos e receio muito o teu optimismo. É preferível vivermos pobremente, aqui na nossa terra, onde todos nos conhecem e estimam.

Passando o braço pela cintura da espôsa, replicou o marido:

— É preciso termos coragem. No mundo, só vencem os fortes. Olha o Joaquim das Bouças: era um simples jornaleiro, lembras-te? Entretanto, viste a figura que fêz o ano passado. Depois de cinco anos de ausência, voltou quási rico. Mais parecia um doutor da cidade, que um provinciano.

— É, — atalhou a companheira —. Tu falas dêsse, mas esqueces que o Ramalho, o Manuel das Quintas, o João do Forcado e tantos outros, também foram, uns para a África e outros para o Brasil, à procura dessa mesma fortuna. Contudo, alguns morreram na miséria, doentes; outros, voltaram mais miseráveis do que foram.

— Ora, — rematou o marido — a sorte não pode bafejar todos. Se assim fôsse, todos os habitantes saïriam de Portugal. Acalma-te e tem fé em Deus.

Dizendo estas palavras, atraíu a companheira, osculando-lhe ternamente o rosto. Um mês depois, embarcavam para o Rio de Janeiro, onde chegaram sem maior novidade.

Passados seis anos, vamos encontrar a D. Maria em viagem, de volta ao torrão natal. Não é mais aquela mulher nova, esbelta, forte e de rara beleza, como são quási tôdas as mulheres do Minho, como era seis anos antes. Está magra, abatida. O rosto começa a ter fundas rugas, encobrindo o resto da antiga beleza. Acompanham-na dois filhinhos, um de cinco e outro de três anos. A sua tristeza e bondade atraíu os olhares de um casal idoso, fazendo-se amigos. Nêste momento estão os três em conversa animada. As crianças brincam, despreocupadas, na doce ilusão da sua tenra idade. A bordo tudo era silêncio, excepto o rumor contínuo das máquinas e o barulho que as águas faziam, cortadas pela afiada quilha do transatlântico. Uma brisa suave perpassava naquêles rostos, enchendo os pulmões de ar puro e confortador.

— Não desespere, D. Maria, — dizia o ancião. A senhora tem família na sua terra, portanto, não vai ficar desamparada.

— Ah, sr. Rafael, — responde a infeliz mulher — se por um lado vou satisfeita, por estar próximo de rever os meus, por outro vou apreensiva. Os meus pais, se bem que não sejam pobres de todo, vivem, no entanto, em dificuldades. Depois, como o senhor vê, somos uma carga grande. Já não é uma só, como quando saí de lá, somos três.

— ¿Quem sabe, — atalhou a velhinha — se o seu marido melhorará de vida e lhe mandará uma pensão?

— Não tenho essa esperança, dona Rosa, — respondeu a pobre criatura. Tenho o meu marido como um caso perdido.

— Não pense assim, — volta a falar o sr. Rafael —. O mundo dá muitas voltas. O tempo é o eterno mestre, e êsse mesmo tempo ensinará o seu marido. Jamais deve perder as esperanças.

— É verdade, dona Maria, — intervém a velhinha — o Rafael tem razão. Conheço dois casos idênticos ao seu, em que, com o tempo, tudo se normalizou.

— Vou-lhes contar a causa das minhas desditas, — volveu a falar a desventurada mãe, com duas lágrimas descendo pelo rosto. Assim avaliarão a extensão da minha desgraça.

«O meu marido sempre foi atirado a grandezas. O seu maior desejo era enriquecer.

Para isso intentou uma viagem ao Brasil, após quatro meses do nosso casamento... Procurei dissuadi-lo, porém, em vão. Um belo dia embarcámos com destino ao Rio. Em lá chegando, lutámos com grandes dificuldades. Pouco tempo depois empregou-se. Por minha vez, ajudava-o, fazendo roupinhas de criança. Dêsse modo íamos vivendo felizes. Nasceu-nos o primeiro filho, o que nos veio enriquecer o lar; depois o segundo. Nessa altura lutámos com certas dificuldades, mas Deus nos auxiliava. O meu marido ganhava regular ordenado, o suficiente para as despesas. Entretanto, a ambição de ser rico jamais o largou. Como o produto do trabalho não dava para fazer fortuna, comprava, de vez em quando, um bilhete da lotaria. — «Qualquer dia vou tirar a sorte grande»,—dizia-me sempre. O ano passado, em Julho, teve êle a infelicidade de tirar trezentos contos de réis.

— ¿Então a senhora chama infelicidade, o sair a sorte grande ao seu espôso? — preguntou o sr. Rafael, arregalando os olhos.

— Eu lhe explico, — redargüíu a pobre mãe. Como lhe disse, antes de lhe ter saído essa malfadada sorte vivíamos dentro duma relativa felicidade. Logo que a furtuna o bafejou, desempregou-se. Mandou fazer uma casa que mais parecia um palacete, comprou um automóvel e começou a gozar a vida a seu modo.

«Ia aos casinos e não sei que mais, voltando para casa altas horas da noite. Chamei-lhe a atenção para êsses desregramentos, mas em vão. Nada o demovia daquela corrida para o abismo. Com o correr dos tempos tornou-se um boémio inveterado e, o que era pior, acercou-se de mulheres de vida fácil. Procurei refreá-lo, pedi-lhe, implorei, tudo inutilmente».

Não resistindo às reminiscências do passado, a infeliz criatura caíu num pranto doloroso.

— Não desespere dêsse modo — acorre solicita dona Rosa. Êle há de esquecer essa vida. Em breve tempo voltará para a sua companhia.

— Qual, dona Rosa! — atalhou a infeliz soluçando — êle caíu numa degradação moral e física. Tudo o que lhe deu o maldito bilhete êle gastou. A casa hipotecou-a, para pouco depois a vender. Derreteu tudo. Por fim, abandonou-me e a êsses inocentes, entregando-nos ao destino. Cansada de sofrer, passando extremas necessidades, sòzinha no mundo, apelei, então, para o consulado português como última esperança. Graças a Deus, atenderam ao meu pedido.

«Vou repatriada para a minha terra. Talvez seja mais feliz junto dos meus bons pais.

— O ancião escutou a longa narrativa, comovido, sem dizer palavra, parecendo absorto em profundas meditações. Volvendo os olhos meigos para a desditosa mulher, com o olhar sereno e calmo, sentenciou:

— Tenha resignação, dona Maria. Há outras mais infelizes do que a senhora. Algumas conheço que, além da infelicidade conjugal, são atacadas na sua integridade física. ¿O que dirá a senhora duma mulher que, além de abandonada pelo companheiro, é atacada de tuberculose ou de morfeia? Essa é que é verdadeiramente desgraçada. A senhora, ao menos, aparenta ter saúde. Tenha paciência. Deus há de ajudá-la a criar os seus filhinhos e educá-los.

«Escreva ao seu marido, aconselhando-o. Cumpra com o seu dever, como espôsa. A mulher é espôsa e ao mesmo tempo mãe do seu marido. Espôsa, para compartilhar das mesmas alegrias e tristezas; mãe, como conselheira, ajudando a levantar o companheiro quando êle cai nas degradações morais; perdoando-lhe e amando-o sempre com aquêle amor divino que também se chama amor sacrifício.

«Êsse é o dever da espôsa. Seja a senhora um modêlo, fazendo reviver em si essa virtude sublime. Deus lhe dará fôrças para tanto.

— Obrigada pelas suas palavras, — respondeu a desditosa mulher, com os olhos rasos de lágrimas. — ¡Maldito dinheiro, que fizeste a desgraça do meu lar!

— O dinheiro é uma faca de dois gumes, — redargüiu o ancião. Se soubermos manejar a fortuna, servirá ela para mitigar a fome aos desgraçados e cobrir a sua nudez. Servirá para levantar hospitais, asilos e escolas, onde se recolham os doentes, os velhinhos e os órfãos, onde se desenvolva o intelecto das crianças, preparando-as para a compreensão da vida e do trabalho nobre. Porém, êsse mesmo dinheiro torna-se um mal, quando não é bem administrado. Se o homem é egoísta, faz do dinheiro uma arma sòmente para o seu bem-estar. Se é um gozador das coisas do mundo dissipa a fortuna nos prazeres traiçoeiros. Se é orgulhoso, faz do dinheiro instrumento da sua pseudo superioridade. Contudo, devemos levar em conta que a ignorância é a causa directa dessas infelicidades. O seu marido, dona Maria, é vítima da ignorância. Da sorte grande que lhe podia trazer

NAS SOMBRAS DO MUNDO

por António Pinto de Sousa

O homem é um ente sofredor, e por isso não pode atingir a plenitude da perfeição preconizada nos credos religiosos, alguns de origem recente, mas que o elevam a moradas cheias de luz e beleza. Se êle não sofresse, essas mansões conservar-se-iam fechadas, como o Messias disse nos seus ensinamentos bíblicos às multidões sequiosas de verdade.

As sombras perduram, se bem que o Espiritismo as dissipe aos adeptos que, diàriamente, nêle enfileiram, oferecendo-se aos indecisos, que acabam, finalmente, por converter-se. Aos cépticos, prova-se com factos que o Mundo será belo, sublime e tranqüilo, quando houver caridade para com os verdadeiros mendigos, depois de afugentar os bargantes que só procuram amesquinhar o próximo.

Quando o homem abrir os olhos pela compreensão, sentir-se-á pequenino perante a grandeza divina, sulcada de panoramas surpreendentes, onde não existem sombras como o clero divulga, atormentando os católicos com o purgatório, palavra desconhecida na Sagrada Escritura.

Jesus Cristo — Verbo divino — verteu o sangue para salvar os perdidos, os desiludidos da redenção. Para exemplo, temos a vida depravada de Saulo, convertendo-se, por fim, à religião do Messias, desde que a sua voz foi ouvida na estrada de Damasco.

O sofrimento é adequado à redenção espiritual, se bem que o homem, na vida efémera, esteja exausto, pelo caminho escabroso que já percorreu e pelo que ainda tem de percorrer, como ensina o Evangelho. Êsse ensino é suave, se houver boa interpretação nos seus capítulos — bases firmes para que nunca se tropece, duvidando.

Por mais erros que possamos cometer, nunca duvidemos da providência divina, que é Deus cheio de amor salvando os oprimidos e os humildes da Terra.

Por mais irreverentes que sejam, o dardo acordará os maus ao toque da trombeta que espíritos superiores manejam, semeando a doutrina do Nazareno para salvação dos incautos. Não é a sombra da libitina que lhes mete mêdo. O seu receio é de não poderem levar as riquezas acumuladas em vida, para, uma vez livres da passagem terrena, continuarem a gozar suas violências e seus desmandos.

Desgraçados ateus: — ¿Não vêdes que os vossos espíritos são altivos e desumanos? Com encarnações futuras, dignas de acções meritórias, é que vos elevareis às moradas que tendes de ganhar, resignados com a sorte escolhida — sorte miseranda, suavizada pelo arrependimento de terdes sido orgulhosos para com próximo.

Se fizerdes boas obras, conseguireis o almejado sideral, depois de purificados de vossas culpas milenárias.

---

uma felicidade relativa fêz um instrumento de suplício para êle próprio. Perdõe-lhe; ajude-o a levantar-se.

Os olhos da infeliz mulher estavam fixos no velhinho. Grossas lágrimas desciam-lhe pelo rosto. O seu semblante demonstrava que uma nova luz lhe nascera no íntimo.

— Seguirei o seu conselho, — disse a infeliz.

E, levantando os olhos para o azul infinito, murmurou:

— Pai de misericórdia! Dai-lhe fôrças para levar a Cruz ao Calvário!

Passados dois anos, recebeu o sr. Rafael uma carta do marido de dona Maria penhorando-lhe tôda a gratidão. A espôsa tinha-lhe escrito, justamente quando êle chegava ao último degrau da infelicidade. A companheira propunha-lhe conciliação e perdoava-lhe as faltas. Ao mesmo tempo pedia-lhe que deixasse os vícios, apontando-lhe o trabalho como a meta salvadora. Com essas e outras palavras levantou-lhe o ânimo.

Essas exortações o despertaram, novas fôrças se apossaram dêle e pôde, enfim, volver ao lar, iniciando uma nova era na sua vida. Agora tudo lhe sorria.

Essa felicidade, — dizia o missivista — devo-a ao sr. Rafael. Minha espôsa contou-me a viagem que fêz em sua companhia e de sua espôsa, assim como os conselhos salutares que lhe ministrou, o que concorreu decisivamente para que ela tomasse uma atitude de reconciliação, nascendo daí a nossa felicidade.

«Deus o abençoe», rematava.

Ao lerem essa missiva, os velhinhos entreolharam-se. Reconhecia-se em seus rostos a alegria dos justos. Muito calmamente, o ancião colocou um dos braços em cima dos ombros da companheira, abrançando-a. E os dois, elevando os olhos ao infinito, oraram, agradecendo ao Senhor dos mundos o ter influenciado aquelas almas no sentido de se reünirem novamente, fazendo que a paz fôsse implantada nos seus corações.

Jul/45

OS FACTOS ENTRE NÓS

UM CASO DE CURA

por Haydi de Thebelen

Em Julho de 1944, relatei franca e despretensiosamente em **Estudos Psíquicos** a minha conversão ao Espiritismo.

Nêsse relato mencionei um episódio da minha vida em terras da mourama. Se bem que o facto não tenha sido dos mais agradáveis, antes pelo contrário, não deixa por isso de ser um dos mais curiosos na lista das minhas recordações do Império Cherifiano.

No País dos Sultões, nessas estranhas terras de mouras e príncipes encantados, em que a atmosfera do dia e da noite nos faz constantemente sonhar, existem ainda, como há dois mil anos, os hábitos mais bizarros, quási inconcebíveis na Europa.

Nos países do Norte de África, nas raças orientais que ali habitam, existe um tipo muito especial e muito característico, conhecido e apreciado tanto pelas gentes do Oriente como pelas do Ocidente. Entre nós, na Europa, faz parte da lenda, mas na vida oriental êle existe predominando entre os povos que enxameiam aquelas regiões. Êsse estranho sêr é o adivinho, o feiticeiro ao mesmo tempo médico e conselheiro. Estas qualidades impõem-no ao respeito supersticioso de uns e à curiosidade de outros.

Encontramo-lo diàriamente acocorado no canto duma praça ou sentado numa esteira ou num pedaço de tapête velho, revelando o passado e o presente, divulgando o futuro, aconselhando filtros para o amor, contra a inveja e para o sucesso nos negócios, e até para que as mulheres estéreis obtenham as bênçãos de Allah e conheçam as alegrias da maternidade. Esses «doutores» exercem nobremente a sua profissão, receitando e vendendo tôda a espécie de ingredientes que também se vendem nos «estabelecimentos» dos mercados indígenas. Seria longo enunciar todo o vasto sortido de plantas, pedras, pós, sapos, cobras, lacraus e tôda a variedade de repugnantes animais sêcos.

Além disso, fornecem horóscopos a tinta ou feitos na areia, com grãos de trigo ou de café, etc., etc.

Trabalham pelo método da magia negra, árabes e judeus; e pela magia vermelha os berberes, que, segundo se afirma, descendem dos Atlantes pelo sangue e artes mágicas.

Visto que o **acaso** não existe, devemos aceitar certos factos como a resultante de fôrças combinadas, às quais se prendem as nossas existências.

Nestas condições, tal como eu decerto procedi noutras encarnações em que fui oriental, nesta existência terrena, inimigas minhas, levadas pela inveja e pelo ciúme, cada uma por sua conta, resolveram escolher, segundo os seus gôstos, a empregar contra mim: uma, o feiticeiro negro; outra, o mago vermelho.

Se é verdade que estas duas côres se harmonizam, não é menos certo que o meu espírito não concordou com o colorido com que me guarneceram, prejudicando a minha saúde e o meu viver, como já tive ocasião de referir.

Assim, em breve eu própria me apercebi de que estava cercada de fôrças estranhas, facto êste que os meus amigos teósofos não queriam aceitar. Por isso, logo que pelo Espiritismo consegui a cura dos meus sofrimentos infligidos pela terrível magia, cheia de entusiasmo comuniquei o feliz acontecimento ao distinto oficial da marinha francesa, comandante Aurelien Bard, teósofo e ocultista muito conceituado, com quem em tempos eu discutira sôbre «a minha doença».

Encontrava-se o comandante Bard em Camp Boulhault (Marrocos Francês) donde, em 2 de Fevereiro de 1940, me enviou uma carta, da qual traduzo esta passagem:

«Apesar do meu grande desejo de não a penalizar, vou ralhar-lhe mais uma vez. Depois de ter recebido a sua última carta e **utilizando-me dela,** quis **saber** (1) que espécie de magia lhe tinham feito. **Posso garantir-lhe com a maior certeza,** que V. nunca foi vítima de tal coisa e que as côres sombrias que se vêem na sua aura foram para ela atraídas pela sua idéia fixa de ter sido **en-**

(1) Por meio de ocultismo.

voutée (enfeitiçada), o que é absolutamente falso».

Contudo, o nosso estudioso confrade sr. Ramos Leal poderá afirmar que era autêntica essa minha convicção, visto que, dois anos antes da cura, tendo-me submetido a uma experiência, obtive resultado comprovativo — segundo prévio aviso de quarenta e oito horas para não me assustar com o que se passasse.

Depois de ter vomitado uma coisa estranha, semelhante a um pedaço de toucinho fresco muito branco (1), melhorei, e estou convencida de que, se não lhe faltasse o seu habitual colaborador, o sr. Ramos Leal teria conseguido curar-me.

Como também tivesse afirmado ao comandante Bard a minha conversão ao Espiritismo, enviou-me na mesma carta os seguintes conselhos:

«Quanto à excelente médium de Lisboa de que me fala, aconselho-lhe, assim como a ela, que sejam muito prudentes com o Espiritismo.

«De princípio, êle começa sempre muito bem, mas por fim vêm as obsessões e as doenças nervosas.

«Os fenómenos são reais **algumas vezes,** mas é quási impossível descobrir logo os impostores. No astral, como na terra, existem tôdas as espécies de sêres. E, infelizmente, não são os mais avançados que se apresentam. Os farçantes (quando são só estes, já não é perigoso) são numerosos no Espiritismo. A maior parte das comunicações e das relações do Além (quando os fenómenos são verdadeiros e não contêm charlatanismo) não são mais do que **a leitura inconsciente do subconsciente do médium no passivo,** ou noutras pessoas.

«Os mestres recomendam evitar-se fazer evocações de espíritos.»

Evidentemente que não segui estes conselhos, pelo que mais tarde tive de que me felicitar.

* * *

Devo ainda citar outro caso de cura, passado no princípio da primavera de 1942.

Havia mais de um ano que eu sofria, diziam-me, do ovário direito e de apendicite. Vendo inúteis todos os tratamentos médicos, resolvi deixar-me operar. Se o tivesse feito, estou certa de que teria ficado em bem mau estado, no caso de sobreviver. Com dificuldade me mantinha de pé, quando, para agravar o meu sofrimento, sobreveio um abcesso no conduto auditor externo do ouvido direito, que me deixou completamente surda. Fui tratada, sem resultado, por um conhecido especialista da capital que, logo no primeiro tratamento, me afirmara **não poder garantir a cura.** E a surdez continuava em risco de se tornar crónica.

Meditava eu nesta desconsoladora situação, quando uma idéia iluminou o meu cérebro; idéia banal na aparência, mas decerto feliz intuição daquêles que por mim velam e me sugeriram uma visita a certa família que desde muito eu não via.

Nêsse mesmo dia, pelas 17 horas, fui recebida com sinceras demonstrações de simpatia pela dona da casa, a qual, vendo o meu debilitado estado físico, não me deixou terminar a visita sem pedir para mim o auxílio do seu guia curador.

Embora soubesse que esta nossa irmã em crenças era médium, ignorava em absoluto as suas excelentes qualidades de curadora. Coïncidiu a minha visita com a data da reünião de certo Grupo Espirita, e assim fui amàvelmente convidada a voltar à noite para receber o primeiro tratamento, onde nova surprêsa me estava reservada. Junto à dona da casa, encontrava-se outra médium que eu não conhecia e que tratarei por G. S. de M., a qual auxiliou a curadora, fazendo, por meio duma bela vidência, a detalhada e precisa descrição do estado dos meus órgãos internos — sãos e doentes — sem omitir o meu temperamento linfático.

¿Quanto tempo nos é preciso para se obter uma pequena radioscopia? Pois esta, pelos meios naturais, foi feita em cinco ou sete minutos. Por êste processo, fiquei sabendo que o meu sofrimento era provocado por uma ptose-hepática (dilatação do fígado) que, pelo volume e pêso dêste órgão me prejudicava o ovário e em especial o apêndice, sem que, na realidade, fôssem estes órgãos afectados na sua origem endémica. Êste diagnóstico foi confirmado por um distinto clínico da capital.

O terceiro tratamento constou da operação ao apêndice, feita pelos médicos do Espaço. Êste admirável trabalho, que fará rir os cépticos e os ignorantes e em Lourdes ou em Fátima seria considerado como um milagre, causou admiração a muitas pessoas conhecedoras de ocultismo.

Lamento não possuir a ciência dos mestres de metapsíquica, como os Drs. Geley,

(1) Sendo vegetariana nunca comia toucinho.

jul/45

AS EXPERIÊNCIAS DO CORONEL DE ROCHAS

pelo Coronel Faure da Rosa

IV — *(Conclusão)*

O fenómeno da desencarnação

O vidente Jackson-Davis estudou o fenómeno psíquico e fisiológico da morte à cabeceira de uma moribunda.

Tratava-se de uma dama de cêrca de 60 anos. Jackson-Davis reconheceu que a organização física já não podia bastar às necessidades do princípio intelectual, mas parecia que diversos órgãos internos resistiam à partida da alma. O sistema vascular (vasos sanguíneos) debatia-se para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava com tôda a fôrça contra o aniquilamento dos sentidos físicos, e o sistema cerebral procurava suster o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois bem-amados, resistiam à sua separação absoluta. Estes conflitos internos, de comêço pareciam causar sensações perturbativas e penosas; porém, depois, o vidente pôde certificar-se de que tais manifestações físicas indicavam não mal-estar nem dor, mas simplesmente a separação da alma do organismo. Após alguns momentos, a cabeça da moribunda foi rodeada por uma atmosfera brilhante; em seguida e de repente, as partes internas do cérebro e do cerebêlo extinguiram-se e as suas funções galvânicas pararam; ambos ficaram saturados de princípios vitais de electricidade e de magnetismo que penetraram nas partes secundárias do corpo. Por outras palavras: o cérebro tornou-se, de súbito, dez vezes mais preponderante do que o era o estado normal. Êste fenómeno precede, invariàvelmente, a dissolução física.

A seguir, o vidente analisou o processo pelo qual a alma ou o espírito se desprende do corpo. O *cérebro atrai a si* os elementos de electricidade, de magnetismo, de vida, de sensibilidade, espalhados por todo o organismo. A cabeça da moribunda ficou como que iluminada, ao mesmo tempo que as extremidades se tornavam frias e obscuras. O cérebro tomou um brilho particular. Em volta desta atmosfera fluídica que envolvia a cabeça, o vidente distinguiu a formação de uma outra cabeça que se foi desenhando com nitidez crescente. Era tão brilhante que o vidente mal a podia fixar; mas, à medida que esta cabeça se condensava, a atmosfera brilhante ia-se esmaecendo até desaparecer. Disto se deduz que os princípios fluídicos que tinham sido atraídos de tôdas as partes do corpo para o cérebro, estavam dantes sòlidamente unidos segundo o superior princípio da afinidade do universo que se faz sentir

---

Richet, Charles Henry e Osty, para descrever condignamente essa operação-astral.

Seria longo narrar aqui a descrição de todo êste tratamento, feito pelas videntes, mas para quem conheça as ciências ocultas não lhe restarão dúvidas àcêrca dos resultados que se obtêm em trabalhos sôbre o duplo-etérico e os efeitos benéficos dos fluidos, ou raios-violetas, infra-vermelhos, etc., como lhes chamam os pais da ciência.

A surdez, cuja cura o especialista não garantia, desapareceu radicalmente logo que de mim foram afastados os fluidos dum espírito sofredor que me acompanhava e tinha desencarnado após operações feitas aos ouvidos, de que muito sofrera.

Perante tudo quanto acabo de mencionar, parece-me supérfluo falar da gratidão e do entusiasmo que sinto pelo Espiritismo. Êle abre vastíssimos horizontes àqueles que o compreendem; traz-lhes infinitas consolações espirituais e é um guia seguro na nossa vida terrena.

O que a maioria dos sábios de hoje classificam de «casos incuráveis» e de «fenómenos», são factos conhecidos e resolvidos pelo Espiritismo.

A profunda gratidão pelos meus grandes amigos do Invisível (sem esquecer os dêste mundo) despertou em mim o desejo de me tornar propagandista desta sublime doutrina. Por isso, iniciei as minhas palestras no Centro E. Luz e Amor e as minhas crónicas na revista **Estudos Psíquicos.**

sempre em cada parcela da matéria. Com surprêsa e admiração o vidente foi seguindo as fases do fenómeno.

Da mesma maneira que a cabeça fluídica se desprendera do cérebro, o vidente viu formar-se sucessivamente o pescoço, os ombros, o torso, e, enfim, o conjunto do corpo fluídico. Os defeitos do corpo físico quási tinham desaparecido no corpo fluídico. O espírito — ou a inteligência desencarnada — elevou-se verticalmente, formando um ângulo recto com o corpo abandonado, estendido na cama; mas, no momento da separação final do liame, que durante tanto tempo reünira as partes materiais e intelectuais, o vidente viu uma corrente de electricidade vital formar-se por cima da cabeça da moribunda e no extremo inferior do novo corpo fluídico. Isto leva à convicção de que a morte não é mais que um renascimento da alma ou do espírito, emergindo dum estado inferior a um estado superior e que o nascimento de uma criança nêste mundo ou o de um espírito no outro, são factos idênticos. Nada ali falta, nem o próprio cordão umbilical que estava figurado por um liame de electricidade vital. Êste liame subsistiu durante algum tempo entre os dois organismos: o físico e o etéreo, astral ou perispírito. O vidente descobriu então aquilo de que nunca se apercebera nas suas investigações psíquicas: que uma parte do fluido vital voltava ao corpo material logo que o cordão ou liame eléctrico estivesse partido. Êste elemento fluídico ou eléctrico espalhava-se por todo o organismo e assim impedia a dissolução imediata do corpo. Por isso é prudente não dar o corpo à sepultura sem que a decomposição tenha começado. Muitas vezes acontece não ser quebrado o cordão umbilical fluídico. É o que se dá quando as pessoas aparentemente mortas voltam à vida ao cabo de um ou dois dias e contam as sensações por que passaram. A êste estado chamam letargia, catalepsia... Quando, porém, o espírito é detido no momento de deixar o corpo, o cérebro só raramente se lembra do que se passou. Êste estado de inconsciência pode parecer que se assemelha ao aniquilamento a um observador superficial, e essa paragem momentânea da memória, tem servido, muitas vezes, de argumento contra a imortalidade da alma.

O novo organismo fluídico, embora apropriado ao seu novo estado, é semelhante à sua aparência terrestre. O vidente notou a calma do espírito desencarnado e o espanto que deixava transparecer pela dor profunda daquêles que choravam junto do seu cadáver.

O dr. Cyriax observa que a maneira por que a crise da morte é descrita por centenas de videntes prova que a alma ou o espírito sai do seu invólucro mortal pelo crânio. Êsses videntes notaram que após a saída, imediatamente se eleva uma núvem vaporosa acima da cabeça que, tomando a forma humana, se condensa pouco a pouco e de mais em mais se assemelha à pessoa morta. Embora êste corpo fluídico esteja formado, não perde a ligação ao despôjo mortal, durante algum tempo, por meio dum liame fluídico que parte da região intermediária entre o coração e o cérebro.

A morte, por si mesma, não é nada, mas há dificuldades para morrer como as há para nascer. Algumas pessoas têm a sensação exacta da sua morte; outras ou não a têm ou puoquíssimas têm.

Para o maior número de pessoas a morte é semelhante a um sonho produzido por um narcótico: é o que explica porque ao acordarem num outro mundo, os chamados mortos não saibam onde estão.

Vitor Hugo e a imortalidade

Um dia, o senador Naquet procurou-me, ainda muito impressionado com uma conversa que tivera com Vítor Hugo.

— Falávamos da pluralidade dos mundos e da vossa obra «Lumen» — disse êle.

Vítor Hugo objectou, de chofre, à queima-roupa:

— Somos todos imortais?

— Mas, caro Mestre, respondeu Naguet, ou bem que tudo, ou bem que nada sobrevive... Por mim, confesso que não creio muito nem pouco...

— Há diferenças, há gradações — acrescentou Hugo —; e, quanto a mim, considero-me indestrutível.

— Estou convencido — acrescentou Naquet — de que êle (V. Hugo) tem como certa a imortalidade e pareceu-me que tem, até, um certo orgulho nisso.

— A questão da desigualdade das almas já se me apresentou ao espírito — respondi eu ao senador — e parece-me digna de estudo.

— Não, não era questão de orgulho, mas um sentimento de justiça. Êle bem sabia que as suas obras demonstravam a sua individualidade.

CAMILLE FLAMMARION

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

E) A Alma

por Ramos Pereira

II — As psicoses e a personalidade humana

Embora as classificações variem de autor para autor, mais ou menos todos consideram a existência de 5 grupos de psicoses:

1.° — Constituïção paranoica — delírio das perseguições, loucura das grandezas, etc.
2.° — Constituïção perversa — loucura moral, debilidade moral, etc.
3.° — Constituïção mitomaníaca — histeria, sugestão, mitomania, etc.
4.° — Constituïção ciclotímica — mania, melancolia, loucura circular, etc.
5.° — Constituïção hiper-emotiva — fobias, nevrose de angústia, etc.

Segundo Morel e Magnan os doentes de psicoses constitucionais, apresentam desde a infância uma sintomatologia que revela uma personalidade mórbida. Sôbre estes trabalhos se baseou depois a noção da chamada constituïção paranoica: — «a existência numa pessoa dum conjunto especial e definido de tendências que, fazendo parte integrante do indivíduo, permitem que se determine a sua personalidade e se preveja a psicose progressiva ou regressiva, intermitente ou contínua, para que ela é susceptível de evoluir.» (Delmas e Boll). As que actualmente se encontram bem definidas e individualizadas são as que atrás mencionámos (Cf. Lide e Giraud in «Psychiâtrie du Médecin Practicien»).

A constituïção paranoica é uma tendência congénita e exagerada para o orgulho a que se aliam os delírios da grandeza e da perseguição, redundando, na sua evolução, nas psicoses da interpretação e da reinvindicação.

A constituïção perversa é uma tendência que se traduz «pela reïncidência constante na falta, a impossibilidade de regeneração do culpado.» (Dupré).

A constituïção mitomaníaca é «uma tendência natural, quási impulsiva, para desvirtuar os factos e criar mentiras, fábulas e mitos, nas palavras, nas atitudes e nos actos.» (Ach. Delmas in «Revue Philosophique»).

A constituïção ciclotímica (Kahlbaum, Hecker, Kraepelin, Denis e Kahn), é caracterizada por fortes ataques de mania seguidos de depressão, isto é, hiper e hipo-actividades sucessivas.

A constituïção hiperemotiva é uma «forma de desequilíbrio caracterizada, ao mesmo tempo, pela exageração difusa da sensibilidade e pela insuficiência da inibição motora (reflexa e voluntária), em virtude do que o organismo apresenta os abalos que o solicitam, reacções anormais pela sua vivacidade e duração e se mostra, assim, mais ou menos incapaz de se adaptar às circunstâncias súbitas, às situações imprevistas, aos ambientes novos» (Dupré).

A estas constituïções correspondem, pois, verdadeiras disposições congénitas emotivo-activas, cuja síntese é a personalidade sob o aspecto quantitativo do temperamento: — avidez, bondade, sociabilidade, actividade, emotividade. Estas disposições hiper ou atrofiadas, simples ou combinadas, contituem o fundo do magma dos temperamentos.

Estas próprias disposições se nos deparam através da escala zoológica da génese da vida. Assim, nos protozoários encontramos as 4 qualidades primordiais da vida: nutrição, geração, motilidade, receptividade ou irritabilidade — que separadas nos surgem até no inorgânico (Cf. Le Dantec, Delage, etc.). A síntese delas é de facto a síntese da vida. A partir dêste substracto, os estádios sucedem-se até ao homem. A nutrição especializa-se no apetite e passa pelo instinto da propriedade, antes de

(*) Ver *Estudos Psíquicos*, de Julho de 1944 a Maio de 1945.

originar a avidez; a geração da sexualidade evoluiu para a afeição, para a amizade, para a galantaria e destas para a bondade e para a socialidade; a motilidade, desagregando-se em espontaneidade e reacção, deu o movimento e a defesa, a actividade e o poder de emoção; da receptividade derivaram as aptidões intelectuais — memória, imaginação e juízo.

As psicoses, nada ou quási nada nos informando sôbre a intelectualidade normal, mas desvendando a verdadeira estrutura das disposições emotivo-activas, abrem um caminho mais lato na compreensão da personalidade, síntese do carácter, do temperamento e da vontade.

A personalidade congénita aparece-nos agora como o conjunto das disposições emotivo-activas e intelectuais (psicostática). Em resumo:

- Personalidade congénita
  - Elementos psico-fisiológicos
    - Apetite, sexualidade
    - Espontaneidade
    - Reacção e perceptividade
  - Elementos psicológicos
    - Avidez
    - Bondade
    - Sociabilidade
    - Actividade
    - Emotividade
    - Memória
    - Imaginação
    - Inteligência

Esta personalidade, na evolução psíquica (psico-ontogenia), vai-se tornando eficaz até atingir a maturidade, a personalidade adquirida. A princípio, a influência do meio é predominante, e no dinamismo psíquico as percepções, as revivescências, as emoções e os reflexos emotivos.

Numa segunda fase, começa a emancipação do indivíduo pela sua reacção ao meio, sob a forma das evocações, dos sentimentos e dos estados emotivos. Na maturidade reflectida, as avaliações e as abstracões, os sentimentos e os actos, marcam a adaptabilidade perfeita ao meio. Isto é, a psicostática da personalidade congénita evolui para a psicodinâmica da personalidade adquirida; e essa evolução, se não modifica o substracto, marca as formas do comportamento. Para tal contribuem grandemente o convívio e a educação (Cf. «Interpsicologia», de Tarde).

E a personalidade adquirida revela-se nas recordações, nos hábitos, nos gôstos e nas inclinações, nas paixões e nas crenças, isto é, na constituïção do carácter, como a personalidade congénita se revela no temperamento.

As disposições emotivo-activas entram como qualidades do carácter e as gradações existentes entre os tipos extremos daquelas disposições revelam a variedade dos caracteres. A complexidade dêstes ainda aumenta, se repararmos que as disposições se podem combinar num mesmo indivíduo.

Convencionaremos, seguindo Delmas e Boll, um coeficiente para os tipos extremos de cada disposição. Sejam +3 e —3; correspondendo o tipo médio ao 0, não quere isto dizer que seja o normal na maioria dos casos. Suponhamos então a seguinte escala de gradações:

Avidez (V)	Cúpido	+3
	Normal	+1 ou +2
	Médio	0
	Desinteressado	—3
Bondade (B)	Bom	+3
	Normal	+1 ou +2
	Médio	0
	Mau	—3
Sociabilidade (S)	Simulado	+3
	Médio	0
	Normal	—1 ou —2
	Cínico	—3
Actividade (A)	Excitado	+3
	Normal	+1 ou +2
	Médio	0
	Deprimido	—3
Emotividade (E)	Impressionável	+3
	Normal	+1 ou +2
	Médio	0
	Impassível	—3

Isto é, convencionámos para cada disposição 7 gradações (3, 2, 1, 0, —1, —2, —3), o que não deve ser demais. Se em cada indivíduo entrasse apenas uma disposição, teríamos 35 caracteres diferentes. Porém, casos dêsses são raros e o mais vulgar é a combinação de disposições. Logo, teremos

$$7^5 = 16.807$$

Façamos intervir agora as disposições intelectuais: memória (M), imaginação (I), juízo (J) e o número eleva-se extraordinàriamente:

$$7^8 = 5.764.801$$

Contudo, apesar dêste número hipotético de caracteres, êle pode exprimir perfeitamente todos os graus possíveis, pois que indivíduos com a mesma classificação difeririam na personalidade adquirida.

Consideremos um caso para exemplo:

V	—1	M	2
B	1	I	3
S	—1	J	2
A	2		
E	2		

Tal indivíduo assim classificado teria as seguintes características: — impressionável, um pouco desinteressado, de bondade normal, bastante sociável, muito activo, duma memória e inteligência acima do normal, duma imaginação forte.

Estas fichas dão-nos assim numa fórmula a psicostática do indivíduo.

Vejamos agora o sêr em acção (psicodinâmica), forma complexa em que ao congénito se liga o adquirido. Em cada estado de consciência forma-se um ciclo psíquico completo. Além dêste, deparamos ainda os ciclos fisiológico, ideativo, cenestésico e passional.

Na corrente da consciência, êstes ciclos encontram-se, a todo o momento, quer simples, quer combinados. Consideremos um caso que depois consignaremos num esquema cíclico.

Uma jovem mãi que não tem seu filho ao pé, está inquieta, tem sobressaltos constantes (ciclo cenestésico e ciclo passional).

De repente, ouve o chôro duma criança. À sensação segue-se uma reacção afectiva e reflexos primários. Percebe que é o filho que chora. A reacção revela-se numa emoção de susto e por reflexos. A imaginação trabalha e ela supõe uma doença grave, donde um sentimento de receio e um humor inquieto. Mas ela avalia o perigo, o que a conduz aos actos adequados às circunstâncias.

Quando vê a criança sossegadamente adormecer nos seus braços, tôda a excitação descai gradualmente e vai ganhando um estado de contentamento que a alivia e a alegra. Súbito, a criança remexe-se nos seus braços e esta tem logo o gesto instintivo de a apertar ao peito.

Vimos assim como das psicoses constitucionais chegámos a uma compreensão mais perfeita e nítida da contextura psíquica do homem. A patologia que a Le Dantec e outros parece completar a fisiologia no golpe à psicologia, em vez de ter efeitos destrutivos, ajudou-nos a cimentar a construção efectuada em todos os capítulos anteriores.

III — O paralelismo psico-fisiológico e a alma

Vimos a interdependência dos fenómenos fisiológicos e psicológicos, paralelismo que levou alguns filósofos a afirmar uma concordância perfeita. Pelos argumentos dêstes poderíamos quási concluir que quem conhecesse o estado nervoso dum indivíduo saberia tôda a magma das suas sensações e sentimentos. Para êles, os factos conscientes e o mecanismo fisiológico são apenas aspectos dum todo, distinguindo-se apenas por uma diferença de grau e pelo seu objecto, que é para aquêles a percepção externa e para estes a experiência interna.

É facto que o paralelismo existe e nós vimo-lo em tôda a sua pujança nos dois capítulos anteriores. Contudo, êsse paralelismo não significa uma dependência absoluta, como prova, por exemplo, a psicose constitucional.

Comparemos as duas classes de fenómenos — psicológicos e fisiológicos. Estes são externos, fundamentalmente quantitativos, mensuráveis, vitais e mecânicos. Aquêles são mais qualitativos que quantitativos, são mensuráveis enquanto duram os seus reflexos. e negam-se a qualquer explicação mecânica. ¿Não poderão estas duas classes supor duas substâncias?

Hume, radicando o idealismo de Berkeley (Cf. Bertrand Russell in «Problemas da Filosofia»), afirmou apenas a realidade do fenómeno psicológico. Mas, argumentava êle, se não temos o direito lógico de aceitar a existência das coisas materiais e se as idéias de coisas não materiais têm tanto valor como aquelas, não temos pois nada mais que a existência do fenómeno. A substância reduz-se assim a um conjunto de fenómenos e a causalidade a uma sucessão. Na análise do conhecimento, refutámos o idealismo de Berkeley, isto é, afirmámos a realidade do objecto da percepção externa: — o fenómeno tem um objecto, que é uma coisa real. Notemos ainda a incongruência do pensamento de David Hu-

me: — Se há fenómenos e nada mais que fenómenos e se a substância é uma simples colecção dêles, ¿como compreender que essa colecção se compreenda a si própria, se nada tem de permanente que ligue os seus elos?

A concepção de substância é necessária ou nada poderíamos explicar. Mas, diz-nos o materialismo (Helvetius, Cabbanis, Broussais, Büchner, Moleschott, Vogt, Taine): — essa substância é única no homem, embora com duas classes aparentes de fenómenos: psicológicos e fisiológicos. Isto é, o materialismo identifica os fenómenos para concluir a realidade duma só substância — a matéria. Já distinguimos os fenómenos; e se refutarmos os argumentos materialistas, teremos de aceitar as duas substâncias.

¡Para Broussais, a substância dos fenómenos psicológicos é uma simples hipótese, pois que não é percebida pelos sentidos. É um facto, mas nós vimos que a consciência percebe directamente o «eu», os seus actos, as suas modificações. Büchner («Force et Matière»), pela afirmação de que tudo se reduz ao movimento, inclui a psicologia na mecânica. Na realidade (e nós desenvolveremos a questão) a excitação e a sensação são de carácter vibratório, mas o movimento é um modo de ser da matéria; quando a sensação é apreendida pela consciência, é abstraída da vibração e considerada apenas na sua tonalidade afectivo-cognitiva. «Le cerveau — como disse Cl. Bernard — n'a plus conscience de la pensée que l'horloge n'a conscience de l'heure qu'elle indique; pas plus que le papier et les caractères de l'impremerie n'ont conscience des idées qu'ils retracent. Dire que le cerveau secrète la pensée équivaut à dire que l'horloge secrète l'heure ou l'idée du temps.»

O grande argumento é, porém, o paralelismo. Êste não nos dá o direito de concluirmos que o cérebro é a causa, mas sim que é uma condição derivada da própria ligação das duas substâncias. O cérebro é uma condição e um instrumento, pois que uma causa tem no efeito um reflexo das suas próprias qualidades e nunca um quási antagonismo.

Em resumo, podemos expender a viabilidade duma hipótese que se tornará numa certeza quando estudarmos a neo-psicologia experimental: — a existência de duas classes distintas, a que, por comodidade, daremos os nomes clássicos de matéria e alma.

BOA VONTADE

Tendo um homem adquirido uma fazenda, encontrou-se, dias depois, com um dos seus vizinhos.

— ¿O senhor comprou esta propriedade? — preguntou-lhe o vizinho em tom quási agressivo.

— Comprei, sim, meu amigo.

— Pois, sinto dizer-lhe que vai ter sérios aborrecimentos. Com as terras, comprou, também, uma questão nos tribunais.

— Como, assim? Não compreendo...

— Vou explicar. Existe uma cêrca, fora da linha divisória, construída pelo proprietário anterior. Não concordo com a posição dela. Desejo defender os meus direitos e vou demandá-lo nos tribunais.

— ¡Peço-lhe que não faça semelhante coisa! — retorquiu o proprietário. — Acredito na sua palavra. Se a cêrca não está no lugar devido, iremos e concertaremos tudo de perfeito acôrdo.

— ¿O senhor está falando sério?!...

— É claro que estou.

— ¡Pois, se é assim, — respondeu o reclamante — a cêrca fica como está. O senhor é um homem honrado e digno. Faço mais questão da sua amizade, do que dos alqueires de terra.

E os dois vizinhos tornaram-se amigos inseparáveis e essa amizade foi de grande utilidade para ambos.

Recebemos com simpatia e boa vontade aquêles que se aproximam de nós.

A simpatia e a boa vontade repousam na mansidão.

A mansidão é uma das virtudes mais importantes da alma verdadeiramente cristã.

(De O Nosso Guia, *do Rio de Janeiro)*

BIBLIOGRAFIA

Psycologie — ABEL REY
Patologia interna — NOGUER Y MOLINS
Fisiologia Humana — R. HÖBER
Personalidade Humana — DELMAS e BOLL
Les Maladies de la Personalité — TH. RIBOT
Les Maladies de la Volonté — TH. RIBOT
Psychiâtrie du Médecin Practicien — DIDE e GIRAUD
Traité de Logique — GOBLOT
Logique des Sentiments — TH. RIBOT
Problemas da Filosofia — BERTRAND RUSSEL

ESPIRITISMO—CIENCIA SUPREMA

pelo Dr. Inácio Ferreira
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Uberaba

V

A questão da vida terrena e a finalidade da vida material não podem continuar *camoufladas* pelas teorias que nada confirmam e nada traduzem através de têrmos científicos, pomposos e enfatuados.

A criatura humana que vive, que trabalha e que sofre, tem ânsias de saber o *porquê* e a *razão* de ser da sua vida, do seu trabalho e do seu sofrimento. Ela requere, na sua trajectória actual, um ponto de apôio em que se possa apegar e do qual possa tirar os elementos vitais requeridos para substituir aquêles gastos na luta por sua manutenção e pelo viver.

A diversidade de sortes, com os quinhões mal repartidos, faz com que se afaste da idéia de um Sêr inteligente, bondoso e justiceiro, para abraçar o materialismo, apegada à vida presente, esquecida de uma vida futura...

Religiões dogmáticas e, por isso mesmo, interesseiras, já não proporcionam alívio, consôlo e incentivo; a ciência oficial não está à altura de minorar os sofrimentos, ou, pelo menos, de dizer qual a causa das torturas injustificadas pelas quais passam as criaturas...

Essas incertezas e essas injustiças provocam cada vez mais as revoltas e os ódios, originando tragédias, guerras e extermínios.

As leis sociais se tornam cada vez mais drásticas, com a finalidade de conter êsses arroubos de revoltas, procurando subjugar o homem-fera acicatado pela incerteza, pela miséria e pela ignorância da sua existência.

Daí o vermos a Humanidade revolvendo-se cada vez mais no charco das ignomínias, desesperançada de um auxílio divino, que não ouve os seus clamores e não procura aliviar os seus tormentos.

À medicina espiritual cabe dar o maior quinhão para o amparo à Humanidade. Será dos seus laboratórios que partirá o grito de «Eurekal» para uniformizar e amparar os ensinamentos espirituais, e será, também, do cadinho das suas experiências que jorrará o consôlo e o alívio às criaturas humanas, demonstrando-lhes e provando que a vida actual nada mais representa do que um elo da seqüência de vidas passadas e vidas futuras, cujos actos se reflectem em umas e outras, provocando tudo aquilo que as ciências e as religiões ainda não conseguiram explicar — diversidade de sortes, dores, tormentos, provações...

A doutrina kardecista já desfraldou, pelo mundo inteiro, a flâmula verdejante da Esperança que, tremulando ao soprar dos ventos, se esforça por amparar sob as suas dobras a todos os infelizes e a todos os desgraçados...

Mais, muito mais do que isto — representa êsse laboratório imenso onde a medicina material irá encontrar todos os sais para as suas reacções, todos os medicamentos que reforcem a grandeza da sua missão curadora. todos os cadinhos através dos quais distilará todos os ensinamentos e tôdas as verdades para amparar a criatura terrena.

A medicina, ciência humana, aliada ao Espiritismo, ciência divina, marchará célere e confiante, rumo ao trono que lhe compete, como protectora contra os acicates da dor, senão curando, ao menos proporcionando o consôlo e a esperança pela certeza da origem e da finalidade da dor e dos tormentos... e as criaturas humanas, mesmo mergulhadas em dores e em tormentos, serão felizes, imensamente felizes, com o simples consôlo e com a simples certeza de que essa diversidade e êsse sofrimento não só tiveram origem em si mesmas, como, em si mesmas, encontrarão o bálsamo preciso para aliviar e finalizar êsses mesmos tormentos.

É no laboratório imenso do mundo espiritual, onde vagam os espíritos atormentados pela dúvida e pela incerteza, que a medicina precisa e irá buscar, um dia, os recursos infinitos para minorar os sofrimentos humanos, reïntegrar as criaturas na fé e na esperança e apontar-lhes o caminho a prosseguir, após lhes haver mostrado um passado longínquo, a grande estrada já percorrida... pejada de maus actos, más acções...

Será esta a única maneira pela qual poderá

Fenómeno Sensacional

A operação de apendicite realizada em Pindamonhangaba por um espírito materializado suscita grandes polémicas entre os adversários do Espiritismo.
Padres, médicos e juízes entram na contenda. E mais o que adiante se verá...

A «reportagem» que publicámos no último número àcêrca do caso de Pindamonhangaba, causou enorme sensação entre os leitores de *Estudos Psíquicos*. A extracção do apêndice por um espírito materializado, na presença de quarenta pessoas idóneas, entre as quais havia médicos, advogados, jornalistas e autoridades policiais, é fenómeno digno de atenção de todos os estudiosos e não pode ser negado *a priori*, como têm feito algumas individualidades de certa projecção nos meios culturais e científicos brasileiros.

No entanto, temos de contar com os ataques, directos e indirectos, vindos dos mais variados sectores da actividade humana. Tôdas as idéias, tôdas as causas que se exercem no sentido de invalidar preconceitos nocivos e pugnar pelo restabelecimento da verdade, à luz do raciocínio, encontram sempre opositores dispostos a defender o seu reduto, mesmo que êle assente em ficções e tradicionalismos impróprios da hora presente.

A ciência e a religião, que durante séculos estiveram em permanente conflito ideológico, esquecem, às vezes, seus objectivos próprios e dão as mãos no combate ao *inabitual:* a primeira desprezando métodos empregados em pugnas racionalistas e a segunda calcando aos pés os fenómenos que já tem apregoado com outra origem. Enfim, grandes interêsses se conjugam para ocultar o que deve ser do conhecimento de todos.

Aprecie o leitor as afirmações e as questiúnculas, como se estivesse em frente dum grande calidescópio.

---

tirar a humanidade do charco das dúvidas e das incertezas, incertezas e dúvidas que a obrigam a chafurdar no crime e nos vícios, obrigando as criaturas a se trucidarem como bestas-feras, impelidas pelo momento presente, pelo materialismo, que as impede de ver o passado e pressentir o futuro...

Protestos e desafios dum vigário

O vigário de Pindamonhangaba foi o primeiro a protestar. Enquanto a população aguardava, ansiosa, o resultado dá radiografia que o operado fôra tirar ao consultório do Dr. Ortiz Monteiro Patto, monsenhor João de Azevedo proferia na igreja paroquial palavras agressivas contra os espiritas locais, chamando ao caso obra de farsantes e mistificadores que não trepidavam em fazer uso ilegal da medicina, de conivência com a autoridade policial, para iludir a boa-fé pública. E acrescentou que fôra um médico da terra — o Dr. Edison do Amaral — quem fizera a operação cirúrgica, ludibriando os incautos e os seus próprios amigos e companheiros de fé religiosa, aconselhando os fiéis católicos a não mais fazer compras nos estabelecimentos dos espiritas e aquêles que tivessem dinheiro depositado no banco de que é gerente o Dr. Francisco Lessa, deveriam de lá tirar imediatamente as economias.

E terminou com estas palavras:

— Lanço um desafio aos espiritas locais. Estou disposto à assistir a uma dessas farsas bem orientadas por médicos que pretenderam enxovalhar a medicina. E se êles me provarem que o espírito pode materializar-se e realizar uma intervenção cirúrgica de tal natureza, deixarei a batina, não serei mais servo de Deus!

Tudo isto o citado vigário corroborou, depois, ao jornalista de *O Globo* (18-1-945). E não ficou por aqui. Disse mais:

«O médico que fizera a *fita* de dar a mão ao médium Francisco Antunes Belo e que se diz incrédulo, embora seja fichado na Polícia de S. Paulo como espirita praticante, a certa altura levantou-se, dirigiu-se ao cubículo e fêz a operação. É preciso acentuar que hoje em dia, com o progresso da cirurgia, é muito fácil operar o apêndice».

E quando o seu interlocutor falou na questão da anestesia, respondeu displicentemente:

«Uma injecção bastaria para anestesiar; e para a necessária assepcia do paciente e dos instrumentos, são os próprios médicos, como o Dr. Ortiz Patto, que dizem que foi sentido naquêle pesado ambiente um cheiro acentuado de formol ou formalina, idêntico ao que se regista nas salas de cirurgia. Os instrumentos, tê-los-ia o médico levado no bôlso».

E a respeito da luz necessária, apresentou argumentos similares, que lhe serviram também para apreciar a seu modo o facto dos médicos e outras pessoas que assistiram à à sessão terem afirmado que não viram luz alguma no cubículo:

«O médico conduziu uma lanterna pequena prêsa à testa, munida dum reflector, dêsses que os operadores usam nas operações cirúrgicas. Quanto à afirmação dos médicos, não viram porque não quiseram ver»...

E imediatamente telegrafa ao Ministro da Justiça, Dr. Marcondes Filho, a pedir «enérgicas e urgentes providências no sentido de conter a inominável audácia do Espiritismo local, com uso ilegal da medicina de conivência com a autoridade policial». E telegrama semelhante seguiu para o Secretário de Segurança Pública de S. Paulo...

Monsenhor João de Azevêdo (embora pese a sua reverência) não assistiu à sessão e permite-se afirmações gravíssimas que põem em risco a honorabilidade de especialistas consagrados, cuja ponderação e discernimento são dignos do maior respeito.

¿Que argumentos tem êle para dizer que os médicos em questão se mancomunaram «para enxovalhar a medicina?» ¿Que autoridade tem êle para dissertar, *ex cathedra,* em assuntos que lhe são estranhos?...

A contrastar com as suas diatribes, está a palavra autorizada do Dr. Margarido Silva, a quem *A Noite* pediu esclarecimentos a respeito do extraordinário fenómeno e que respondeu, textualmente:

«V. pede a minha opinião àcêrca do facto que, segundo diz e tudo faz crer, está a causar celeuma. Mas a verdade é que eu não me posso manifestar sôbre uma coisa absolutamente real. Trata-se dum facto consumado que independe de comentários.

«Tôdas as pessoas que assistiram ao fenómeno são absolutamente insuspeitas. Conheço os médicos que lá estavam e posso empenhar-me pela sua integridade.

«O Delegado de Guaratinguetá, que também lá esteve, visitou-me no dia seguinte e afirmou-me que não fôra ao local por simples espírito de curiosidade; o que êle se propusera, realmente, era policiar a casa. Ausentou-se da delegacia para aquêle efeito e atestou-me a impossibilidade de fraude.

«O que me surpreende é que não se verificou, necessàriamente, um fenómeno metapsíquico, mas de pura materialização. No primeiro caso, não haveria necessidade da extracção material do apêndice. A presença dêsse órgão no vidro de alcool testemunha, com absoluta clareza, o facto material. E é só isto que me surpreende».

O homem de consciência e o investigador de verdade só afirmam baseados em provas convincentes. Quando muito, é-lhes lícito duvidar e todo o seu esfôrço deve concentrar-se na recôlha de elementos que possam reforçar o critério científico. O psitacismo e a verborreia nada valem no caso. São bravatas levianas que ocultam justificados receios. É vanglória inútil, que não aquece, nem arrefece, porque nada há no mundo que possa alterar um facto, por mais simples que seja.

De resto, os telegramas de Monsenhor ao Ministro da Justiça e ao Secretário de Segurança Pública de S. Paulo, demonstram bem o estado de espírito do ilustre prelado...

A opinião dum desembargador

O desembargador Nelson Hungria, do Tribunal de Apelação, autor do código penal brasileiro que condenou os passes magnéticos e o receituário mediúnico, aprecia a questão do ponto de vista jurídico, afirmando que a operação de Pindamonhangaba é contrária ao Código Penal. Ouçamos êste mestre de direito, em conversa com o redactor de *O Globo,* publicada em 19 de Janeiro último.

— Trata-se, evidentemente, de mistificação. Tôdas as inculcadas manifestações sensíveis de almas do outro mundo foram desacreditadas, como truques mais ou menos hábeis. Como religião, o Espiritismo não implica com a lei penal; mas desde que se propõe, além da cura da alma, a cura do corpo, incorre na reprovação legal, comete ilícito penal.

«No presente caso, infringe o art. 283.°, n.° 2, do Código Penal: «Exercer o curandeirismo, usando gestos, palavras ou qualquer outro meio». Não o acoberta o pretexto irrisório de proporcionar a intervenção de médi-

cos ou cirurgiões de Além-túmulo. Ainda mesmo que se pudesse admitir semelhante absurdo, a lei penal, incrédula do Espiritismo curandeiro, só permite a arte de curar aos médicos não desencarnados, mesmo porque só estes podem ser responsabilizados pelos erros crassos que acaso pratiquem.

«Acresce que o Espiritismo não nos dá garantia contra os espíritos que se façam passar por algum finado discípulo de Galeno. A morte tudo extingue. *Mors omnia solvit.* Almas desencarnadas não têm direito algum no mundo dos vivos e quem as «ajuda» na concorrência desleal aos médicos de carne e ôsso, está praticando o curandeirismo».

Assim falou o Dr. Nelson Hungria, um dos maiores adversários do Espiritismo. Para êle, a morte tudo extingue. Três pás de terra bastam para afogar os anseios duma vida inteira de trabalhos. Mais razão deve ter o povo ao afirmar que os vivos são governados pelos mortos...

S. Ex.ª está no seu papel. Defende uma classe honrada contra a possível concorrência dos mortos. Não lhe queremos mal por isso. Também somos admiradores dos médicos conscienciosos que dignificam o seu ofício e repelem tôda a idéia de exploração.

Mas no caso presente discute-se a veracidade dum fenómeno e não suas possíveis conseqüências, relativamente ao Código ou a qualquer profissão liberal.

«Trata-se, evidentemente, de mistificação» — disse o meretíssimo desembargador ao jornalista do cotidiano fluminense. Mas não demonstrou a *evidência* do lôgro. E quanto aos «truques mais ou menos hábeis» que desacreditaram «tôdas as inculcadas manifestações sensíveis de almas do outro mundo», apenas diremos que noventa e nove fraudes não chegam para invalidar um único fenómeno bem controlado. S. Ex.ª tomou a parte pelo todo... ou a nuvem por Juno...

Ainda o caso Pindamonhangaba — Fotografia tirada logo após a operação. Ao centro, o dr. Edison de Amaral mostrando o avental; de perfil, o dr. F. Lessa Jor., escrevendo a acta; de frente, o dr. Ortiz Pato, que tem ao seu lado, entre outros, o dr. Vieira Gomellini, o médium Belo e os irmãos Mário e Arnaldo Amadei.

A opinião de dois radiologistas ..

O Globo, depois de recolher as palavras do Dr. Nelson Hugria e de informar que os médicos do Rio de Janeiro não querem discutir o acontecimento, sem primeiro observar o enfêrmo, alguns havendo que nem admitem a discussão do facto, insistiu com o eminente radiologista Dr. Manuel de Abreu, autor do método conhecido em todo o mundo por «abreugrafia», para que emitisse opinião a respeito do caso.

— Acho que será um recuo tremendo ana-

lisar tais assuntos — exclamou. Claro que se me disserem que nestas vizinhanças apareceu uma «mula sem cabeça», não me deterei em considerações baseadas em afirmativa tão ingênua. É êste o caso de Pindamonhangaba.

O Dr. Roberto Duque Estrada, igualmente radiologista afamado, não quis manifestar-se àcêrca do assunto.

— Seria preciso — disse êle — examinar as referidas chapas.

Quanto ao seu valor, como elemento de prova da existência ou não existência do apêndice que se diz ter sido extraído pelo espírito materializado do médico Gomes do Amaral, declarou:

— Na maioria dos casos, pode-se ver, nas radiografias, a imagem do apêndice. Todavia, outras vezes nada se percebe, embora a imagem tenha aparecido em chapas anteriores».

Está visto que os radiologistas não entram no mérito da questão. São mais prudentes do que o vigário de Pindamonhangaba...

Outras operações feitas pelos espíritos

O *Correio da Noite* publicou uma «entrevista» com o Dr. Ramayana Chevalier, que declarou ter sido acometido de crise apendicular e depois operado por um Espírito. As suas declarações têm grande importância, por se tratar de um médico militar, escritor e jornalista muito conhecido.

Uma noite sentiu dores violentas no abdómen, com completa imobilidade da perna direita e todo o cortejo que precede a doença aguda. Mandou chamar imediatamente o seu colega Darcy Monteiro, que confirmou o diagnóstico, aplicando-lhe um saco de gêlo no local dolorido e entumescido e marcando a intervenção cirúrgica para o dia seguinte, no Hospital da Cruz Vermelha.

Aconteceu, porém, que pessoa de suas relações trouxe nessa noite um médium, o qual, entrando em transe, lhe extirpou o apêndice, ou, pelo menos, o curou imediatamente, dizendo-lhe que permanecesse imóvel no leito durante três dias, após o que ficaria completamente curado...

Referiu-se também ao caso do Interventor Federal Dr. Álvaro Maia, que devia ser operado pelo Dr. Darcy Monteiro, mas que ficou bom com a interferência dos irmãos de Além-túmulo.

A Noite procurou êste clínico no Pronto Socôrro. Depois de instado, fêz as seguintes declarações:

— Em obediência ao segrêdo profissional, não costumo revelar as doenças que acometem os clientes que me procuram. Todavia, já que o próprio cliente revela o facto, êsse sigilo está quebrado e não há nenhuma falta de ética em falar sôbre o assunto. Assim, posso dizer que fui, certa vez, chamado para atender o Dr. Ramayana de Chevalier. Examinando-o, notei sintomas claros de apendicite e aconselhei a intervenção. Todavia, não posso afirmar com segurança absoluta que se tratasse de um caso de apendicite, já que essas crises de abdómen confundem muito os médicos. Na realidade, o meu colega Chevalier estava com claros sintomas de apendicite. Entretanto, o acto operatório não foi levado a efeito e só agora sei que isso se deveu ao facto alegado da interferência de factores estranhos. Não creio na possibilidade de operações feitas por espíritos. Mas há uma maneira de tudo se esclarecer; é o caso de uma pessoa com o diagnóstico firmado de apêndice, com todos os exames feitos que comprovem o diagnóstico clínico e que, depois da intervenção do Além, deixe abrir o ventre. Se o apêndice estiver lá, não vejo porque acreditar-se na operação praticada pelo espírito. Se não estiver, então será o caso de não se poder negar a evidência. Quanto ao interventor Álvaro Maia, êle é meu cliente e, por isso, não revelarei o mal de que sofre, a menos que êle próprio o declare. Então, eu poderia confirmar o que êle disse...

É, precisamente, o caso de Pindamonhangaba. O enfêrmo não abriu o ventre, mas submeteu-se a exame radiográfico, antes e depois da operação.

Fala o interventor federal Álvaro Maia

A «entrevista» do *Correio da Noite* com o Dr. Chevalier teve enorme repercussão na capital brasileira, em Minas Gerais e em S. Paulo, calando profundamente no espírito do público, sobretudo a parte referente ao interventor federal do Amazonas, Dr. Álvaro Maia, que se encontrava no Rio de Janeiro e por isso foi novamente ouvido por aquêle vespertino.

Depois de aludir às centenas de agremiações espiritas disseminadas pelo país e às experiências psíquicas realizadas por muitos sá-

bios estrangeiros de nomeada, especialmente William Crookes e Russel Wallace, disse o *Correio da Noite*, como prólogo da conversa com o Interventor:

«Assim falaram os cientistas. De todos os recantos do mundo surgem depoïmentos. Centenas de livros narram os fenómenos legados pela antiguidade e centenas de historiadores modernos e contemporâneos os narram também, com pormenores que obrigam a meditar e que parecem lançar um raio de luz sôbre muitos fenómenos que ocorrem em tôda a parte e cuja explicação só encontram os que *sentiram Deus*. De qualquer maneira, é à ciência e não ao *Correio da Noite* que cabe falar sôbre os factos que aí estão na própria capital da República, a desafiar os estudiosos, acenando-lhes com um campo vasto, profundo, que requere, antes de tudo, investigação serena e imparcial».

Em seguida, relata a conversa com o Interventor federal:

«O Dr. Álvaro Maia não teve dúvidas em nos receber. Nos seus aposentos da Avenida Atlântica, o ilustre governador pôs a nossa «reportagem» à vontade. A palestra, generalizada primeiro, foi depois dirigida para o motivo que nos levou a procurá-lo. S. Ex.ª declara:

«—Li a entrevista concedida pelo Dr. Ramayana de Chevalier e, efectivamente, em fins de Novembro de 1944, fui submetido a intervenção semelhante, com pleno êxito. Pode dizer no seu jornal que fui operado por um Espírito.

«E com um sorriso, acrescenta:

«— De facto, eu só lhe poderia responder pela afirmativa. Que quere?... Pois, é verdade mesmo!...

«Satisfeitos com o depoïmento, retirámo-nos.

«No decurso dêsse minuto, o Dr. Álvaro Maia informou-nos que a primeira crise apendicular se manifestara em Maio do ano passado, por ocasião da intervenção, tendo estado três dias de cama, exactamente como narrou o Dr. Ramayana de Chevalier.

«As palavras do interventor federal confirmam as possibilidades que *A Noite* discute desde o dia 8 de Janeiro, e abrem, quem sabe, novos horizontes, à ciência. Resta o pronunciamento dos estudiosos, ou doutros pacientes, e a palavra dos crentes. A nossa missão é trazer luz à afirmação dos factos».

Fala o Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo

Depois dos profanos, falam os espiritas. Primeiro, os motejos, os apodos, o falatório zombeteiro dos que negam sem conhecimento de causa. Ouvimos um padre, um desembargador e dois radiologistas, que exploraram o caso a seu modo, chegando a brasa à... sardinha. Estão no seu direito. Gostámos, até, de arquivar a sua opinião, que é importante para o esclarecimento de certos pormenores.

Pois, agora, vai falar um espirita, através das colunas de *A Noite*, a qual foi incansável na tarefa de bem informar o público. É o Dr. Levindo Melo, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo daquela cidade e iniciador do movimento que levou à construção do Hospital Espirita Pedro de Alcântara, de que foi o primeiro director da assistência.

«Um facto — diz o articulista da *Noite*, — empresta à palavra do Dr. Levindo Melo bastante autoridade. É ter sido um céptico, antes de pesquisador de fenómenos, que só aceita sob prisma científico, fazendo sempre rigorosas sindicâncias em tôrno dêles, para distinguir a verdade da impostura. A Sociedade de Medicina e Espiritismo foi fundada com êsse propósito. Destina-se a controlar o facto espirita no Brasil.

«Falando a propósito do caso de Pindamonhangaba, o Dr. Levindo Melo referiu-se a outros análogos, registados na capital mineira, em que os pacientes eram, do mesmo modo, operados a distância. E prossegue:

«Em 1929, fiz investigações pessoais em Belo Horisonte, àcêrca de operações fluídicas obtidas através da mediünidade de Pascoal Commanducci e verifiquei factos verdadeiramente extraordinários, como a operação de dois doentes atacados de apendicite aguda, sendo um dêles o sr. Domingos Grosso, industrial ali estabelecido. Com diagnóstico firmado por vários médicos, chegou a contratar casa de saúde e cirurgião para a intervenção cirúrgica destinada à extracção do apêndice ileo-cecal. Dada a gravidade do caso, a família do operando resolveu procurar o médium Pascoal, hoje falecido, afim de conseguir evitar a operação. O médium indicou o dia e a hora para intervir.

«Pascoal Commanducci ficou em casa — prosseguiu o Dr. Levindo Melo — e o enfêr-

mo na sua, de modo que havia uma separação de mais de dois quilómetros entre o agente e o paciente.

«Foi marcado o prazo de 20 minutos para a operação. Findo êste, a doente expeliu o apêndice por via intestinal, apêndice que eu tive oportunidade de ver e examinar e que foi guardado num frasco com alcool».

«Ainda a respeito de apendicite — escreve o jornalista — aludiu o Dr. Levindo Melo ao caso duma senhora, espôsa dum comerciante sírio, também residente em Belo Horisonte, a qual foi acometida de sucessivas crises. Havia sido tratada pelo mesmo médium, mas de forma diferente. O *processus* terapêutico desenvolveu-se em repetidas sessões espiritas, ficando a paciente radicalmente curada, como eu tivera oportunidade de verificar.

«— Outro caso que merece ser citado — continua o Dr. Levindo Melo — é o dum menino de dez anos com um tumor no pâncreas — um caso gravíssimo. Nenhum dos médicos que o examinaram se sentiu animado a prever com êxito uma intervenção cirúrgica. A família recorreu ao médium Pascoal e o menino expeliu dois grandes pedaços de víscera inflamada, ficando curado, de maneira radical».

«Quanto ao caso de Pindamonhangaba, disse que, diante daquilo que foi dito e o que pôde observar, anteriormente, tudo mostra que se regista nova fase evolutiva nêstes fenómenos espiritas. Antes, em nenhum dos casos o médium actuou junto do paciente e sôbre êle, mas sim, a distância».

A-propósito destas declarações, transcrevemos os seguintes parágrafos do artigo que Ernani Cabral publicou no *Reformador* de Fevereiro último,intitulado «A Operação de Pinda».

«¡Eis uma operação feita inteiramente no escuro e por intermédio dos invisíveis, cuja vida é tão real como a nossa!

«Fenómenos semelhantes têm-se verificado em vários Estados do Brasil, talvez em todos. No Rio Grande do Sul, há poucos anos, houve um caso de apendicectomia praticado pelos Espíritos. O paciente teve também o cuidado de tirar duas chapas radiológicas, uma antes e outra depois da intervenção. Naquêle, havia apêndice; nesta, desaparecera; e o enfêrmo foi curado. Publicaram uns opúsculos, que são muito conhecidos dos que se dedicam a tais observações.

«Mesmo em Goiaz, onde resido, diversas operações têm sido realizadas, com o auxílio de médiuns, e os doentes se restabelecem. Ante tais provas de verdade, multiplica-se o número dos espiritas».

Claro, que o depoïmento dos espiritas também interessa. Todos sabemos que os invisíveis podem realizar essas operações, uma vez que, em dadas circunstâncias, lhes é permitido agir sôbre a matéria tangível. E se êles conservam os conhecimentos adquiridos, é natural que os apliquem, quando possam.

¿É como agem os Espíritos para alcançar êsse objectivo?

Como é feita a operação mediúnica

É ainda *A Noite* que regista a opinião do Dr. Odilon Negrão, antigo director do *Revelador*, de S. Paulo, e alto funcionário da Imprensa Oficial daquela cidade.

«O sr. Odilon Negrão — diz *A Noite* — é homem estudioso e culto e está a par do movimento espirita-científico de muitos países, onde o Espiritismo já deixou as camadas populares, para ingressar nos laboratórios em que homens de ciência, frios e metódicos, procuram decifrar notórios fenómenos que a ciência humana ainda não pôde explicar satisfatòriamente. Assim, não se negou ao assédio do jornalista.

Demonstrando fortes conhecimentos da matéria, expôs o seu ponto de vista, dizendo:

— As intervenções cirúrgicas feitas pelos nossos irmãos do Além são comuns. A maioria delas não chegam ao conhecimento do grande público. Um caso ou outro é que tem repercussão e vai parar às colunas dos jornais.

«A operação mediúnica normal, processa-se pela desagregação do órgão e o operador astral deixa no paciente uma ligeira marca para atestar a sua passagem pelo corpo. Na maioria dos casos, leve cicatriz, porque a operação não exige corte do paciente e conseqüente costura.

«Mas o caso de Pindamonhangaba é excepcional.

«O Espírito do médico que, como todos os espíritos de luz e impossibilitado de levar a mentalidade dos assistentes ao seu plano, quis dar uma demonstração terra-a-terra da Verdade espiritualista e da sobrevivência. Desceu dos altos planos em que paira e veio ao homem dar provas materiais e insofismáveis da sua existência supra-terrena.

«Para isso, nós, os espiritas, temos explicações claras. O médium que serviu de aparêlho a essa monumental manifestação é, pelas provas que deu, dotado de alta capacidade psíquica. E, nêste caso, foi chamado a fornecer, em quantidade excepcional, a matéria ectoplásmica necessária para sustentar, durante quási duas horas, a materialização do espírito do cirurgião que, como disse, veio à terra, onde o sêr humano vive, para actuar, inteiramente materializado, como actuaria qualquer médico terreno.

«Além do médium, também os assistentes forneceram matéria ectoplásmica, coisa que poderia verificar-se, se tivessem pesado o médium que, então, acusaria diferença de pêso com expressão suficiente para atestar aquela perda de matéria.

«Como disse, o caso de Pindamonhangaba é excepcional e não tem similar nos anais espiritualistas do nosso país. Atesta, mais uma vez, além da verdade espirita, a preocupação que há entre os nossos irmãos do Espaço de descer à nossa pobre e terrena mentalidade, afim de nos darem provas cabais da sua existência *post-mortem* e da missão de que estão investidos.

«A nossa pobreza de elementos, que nos impede de chegar até êles, é suprida pela sua vontade de chegar à nossa órbita. Fazem-no para cumprir sua divina incumbência, que é a de aliviar os nossos males e ajudar-nos a cumprir a tarefa que nos coube».

Já que estamos com a mão na massa... vamos noticiar outra operação semelhante, realizada há tempos na mesma cidade de Pindamonhangaba.

Operação semelhante realizada, anteriormente, pelos espíritos

Para edificação dos leitores, transcrevemos de *O Globo* o seguinte relato, àcêrca de curiosa operação de apendicite feita há coisa de um ano, na presença de vinte pessoas e em condições diferentes da que acaba de agitar a mentalidade brasileira:

«O caso agora verificado em Pindamonhangaba não é absolutamente único na história do Espiritismo, como aliás revelou o chefe espiritual do Centro Caridade e Amor. Nem mesmo pelas circunstâncias que o cercaram, nem pelas características e condições em que se processou a operação, como afirmaram algumas pessoas, inclusive o presidente da Federação Espirita Brasileira, que, por certo, tal afirmação fêz, afim de não entrar muito nos detalhes dos casos que conhece. Em Pindamonhangaba já se realizou uma intervenção cirúrgica em que foi extraído um tumor do fígado de uma senhora, professora em Santos, ficando em seu ventre não só a incisão que provava a operação, como em vidro adrede preparado os resíduos da infecção. O caso nos foi contado pelo engenheiro Demétrio Stambolos, figura de grande prestígio e muito popular em Pinda que, muito caridoso e amigo dos pobres, está agora construíndo, à sua custa, uma maternidade e um hospital infantil para a pobreza da localidade. O sr. Demétrio Stambolos, já foi, há alguns anos, presidente do Centro Espirita Caridade e Amor, sendo ainda espirita praticante.

— Não faz mais de um ano que o facto teve lugar. Certo dia recebi uma carta do presidente de um centro espirita de São Paulo, pedindo-me que aceitasse a incumbência de providenciar sôbre os meios necessários para que uma senhora, professora em Santos, fôsse operada em Pindamonhangaba, sendo escolhida esta cidade por motivos que não vêm ao caso. Aceitei a tarefa; e depois de estudar o caso verifiquei que o melhor lugar seria a residência do administrador da minha fazenda, por oferecer melhor comodidade e confôrto para um trabalho de tal importância. Seguindo as instruções do presidente do Centro Espirita de São Paulo, convidei para o dia aprazado vários amigos meus, espiritas praticantes, os quais deveriam formar a corrente da concentração mediúnica, necessária para que o médico que iria operar se pudesse materializar e proceder à intervenção cirúrgica. Éramos, ao todo, 20 pessoas, tôdas de absoluta confiança, e entre elas estava um major do Exército, que servia, então, na unidade local.

Não é necessária a presença de médicos terrenos

— Não havia entre os presentes alguns médicos? — preguntámos ao sr. Demétrio Stambolos.

— Não, não havia, nem é necessária a presença de médicos terrenos nas intervenções realizadas pelos Espíritos. O facto de se acharem presentes alguns à operação que agora se realizou no Centro Espirita Irmã Terezinha, só se justifica, talvez por duas razões:

primeira, por desejar o médico-operador, Luís Gomes do Amaral, convencer o seu filho, o médico Edison do Amaral, a converter-se; e segunda, por julgar a vontade do Senhor que já é tempo do mundo terreno travar conhecimento e compreender os mistérios insondáveis do Além. Do contrário, não se justificaria, pois, a presença de três médicos e de vários incrédulos, como o delegado da Polícia e um juíz de Direito. No caso que agora estou relatando ao *Globo* não houve necessidade da assistência de um médico, e os pormenores da história, como poderão verificar, cercam o caso de que me ocupo de importância ainda mais acentuada do que o que actualmente empolga a opinião pública. Mas, vamos ao facto. Tudo preparado, fomos aguardar a chegada do paciente, o que se deu durante o dia. À noite, pouco antes das 20 horas, estávamos todos reünidos na sala grande da casa do administrador. Ao centro, fôra colocada uma cama de pés altos, improvisada em mesa de operações, e nela se deitou o paciente. Em uma mesa ao lado, os objectos pedidos: algodão, gaze, esparadrapo, iodo, alcool, duas bacias, aventais, luvas de borracha, um vidro de bôca larga, contendo alcool, etc. Nenhum instrumento cirúrgico, nenhum desinfectante. Do outro lado, uma vítrola e um disco sacro. Não tivemos ordem de designar alguém para fazer funcionar essa vítrola. Na hora marcada, ela começou a funcionar, como por encanto. Vimos o disco ser levantado da mesa e ser colocado no prato e êste, logo em seguida, rodar. Passámos a ouvir a música, a «Ave Maria» de Gunoud. Iniciámos a concentração, dirigida por dois «médiuns» que ficaram mais afastados.

Luz fosforescente ilumina a enfêrma

— Quando a concentração mediúnica estava nas condições exigidas, vimos que uma luz fosforescente, na forma de um corisco, de côr verde-claro, percorria o corpo da paciente, iluminando-o. Parecia uma cobrazinha em meneios suaves. Logo em seguida, vimos duas mãos brancas e indeléveis, quási indefinidas, que examinavam a paciente, e uma voz inteiramente desconhecida nos dirigiu a palavra, relatando-nos as fases da operação. Ouvimos o ruído produzido por ferros e não vimos ferros. Ouvimos a paciente gemer e não vimos sangue. Vimos as mãos se lavarem na bacia em que elas mesmas derramaram alcool e enxugar na toalha. Meia hora, se muito, durou o trabalho do médico-operador. Finda a operação, que era assistida por tôdas as vinte pessoas presentes, o operador voltou a dirigir-nos a palavra, dizendo-nos que os que quissesem poderiam examinar os resíduos do tumor, mas sem segurar o vidro, porque havia o perigo de uma terrível infecção. Depois, deveríamos jogar os restos no W. C., tomando o cuidado de envolver o vidro em papéis, que seriam queimados. Podíamos, igualmente, examinar o corte da paciente e a sutura, que era invisível. O corte não tinha mais que três centímetros.

A paciente levanta-se e caminha

— É preciso notar que a paciente não perdeu o contrôlo e a serenidade e a tudo assistiu como nós. Basta que lhes diga que ela mesma dirigiu a palavra ao operador, preguntando-lhe se poderia, porque disso tinha muita necessidade, viajar de regresso a Santos, no dia seguinte.

— Pode, sim! — respondeu o médico invisível. Amanhã, a senhora tomará tranqüilamente o combóio para S. Paulo. Convirá descansar durante dois dias nessa cidade, podendo, então, seguir para Santos. Não tenha receio, pois a senhora irá acompanhada de dois assistentes meus. Bom, está tudo terminado. Logo que a vitrola cesse de tocar, podem acender a luz.

— De facto, logo que a vitrola deixou de tocar, os médiuns sairam do transe e acudimos a ver a paciente. Estava tranqüila e confiante e disposta a permanecer naquela sala, deitada durante a noite tôda, para embarcar na manhã do dia seguinte. Vários dos nossos amigos ficaram encarregados de velar pelo seu sono. Ela estava realmente cansada e dormiu profundamente. Chegou a Santos três dias depois, sem novidade.

— Uma última pregunta, Sr. Stambolos: ¿Porque razão puderam os presentes, nêsse caso, assistir aos trabalhos e ouvir a voz do médico operador, ao passo que no Centro Espirita Irmã Terezinha o paciente André Di Bernardi ficou sozinho com o operador, sem que a ninguém fôsse dado assistir à operação?

— A resposta é muito fácil de ser dada e compreendida: é que no caso de André Di Bernardi estavam presentes cêrca de quarenta pessoas e dentre estas, seguramente umas oito, não são espíritas e não acreditam nos

seus poderes científicos, tais como os médicos Ortiz Monteiro Patto, Francisco Lessa Júnior, Edison de Amaral, Milton de Barros, delegado de Pindamonhangaba, Alfredo Balbi, juíz de Direito de Itápolis, etc., ao passo que na sessão realizada em minha fazenda todos nós, vinte pessoas, éramos espiritas praticantes, e continuamos a sê-lo. Essa é a explicação, a verdadeira exposição. E do que disse, se verifica que não é a primeira vez que, aqui mesmo em Pinda, se leva a efeito uma operação da natureza e espécie da que, agora, está empolgando a opinião pública e a classe médica do nosso país.

Eis-nos chegados quási ao fim do calidoscópio. As imagens foram rápidas, mas claras. Os leitores podem agora fazer idéia do que se passou no Brasil, referente à operação de apendicite realizada por um Espírito materializado, em Pindamonhangaba.

Corroborando a forma de ver de Odilon Negrão, diremos que não se discute aqui a legalidade do acto operatório, nem as possíveis conseqüências que dêle poderão tirar gregos e troianos. O que nos interessa e o que interessa também, efectivamente, aos Espíritos que tomaram tão estraordinária iniciativa, é a demonstração da sobrevivência e do poder do Espírito sôbre a matéria.

Um editorial de «A Noite» e uma crónica do «Correio da Manhã»

Em 11 de Janeiro, a edição de *A Noite*, de S. Paulo, dirigida pelo conhecido escritor Menotti del Picchia, membro da Academia Brasileira de Letras, publicou um editorial deveras elucidativo e que transcende os limites duma simples notícia, pelo que influïrá, decerto, no ânimo dos seus milhares de leitores.

Eis o artigo, intitulado «O Caso de Pindamonhangaba»:

Em sensacional «reportagem» por nós publicada sôbre uma operação cirúrgica levada a efeito no Centro Espirita de Pindamonhangaba, focalizámos um facto para cuja explicação a ciência ainda não dispõe de elementos seguros susceptíveis de ser aceitos sem relutância pelos que nutrem desejos tão insaciáveis, que nada os descorçoa.

Trata-se, nada mais nada menos, do que de uma operação de apendicite, da qual se encarregara, segundo se afirma, o espírito materializado de um médico, falecido em Baurú no ano de 1926.

Num quarto, cuja única abertura externa fôra previamente fechada por meio de sarrafos pregados às respectivas janelas, encontrava-se o paciente, amarrado a uma pequena cama e sem nenhum vestígio de operação antiga ou recente. Junto à cama, um tambor de gazes e outro de algodão; um vidro de alcool arrolhado, duas máscaras, um par de luvas, duas bacias com alcool iodado e puro, um livro de doenças abdominais, agrafes e outros utensílios.

No escuro, e ao cabo de hora e meia, a intervenção teve lugar, sem que ninguém ouvisse qualquer barulho, a não ser um gemido do enfêrmo, e sem que qualquer dos presentes — e que eram médicos, jornalistas e observadores — se houvesse deslocado de um para outro lugar. Todos permaneceram imóveis, e foi num ambiente de verdadeira e imperturbável quietude que o acto cirúrgico decorreu, como se fôra levado a efeito numa autêntica sala de operações e por mãos hábeis de cirurgião.

«Restabelecida a claridade do quarto do enfêrmo, acercaram-se-lhe da cama os presentes e viram o que a observação anterior revelara não existir, viram uma sutura de três centímetros de extensão no ponto de Mc. Burney e no vidro de alcool um apêndice recentemente extraído. Ao lado, tintas de sangue, as bacias de alcool puro e iodado, e, aberto no capítulo consagrado a apendicites, o livros de doenças abdominais de Zachary Cope. Intactos, o par de luvas e as máscaras.

«Diz-se que um bom juíz sabe, sem se perder nos pormenores dos argumentos legais e até mesmo apoiando-se em considerações falsas, dar uma sentença justa; e acrescenta-se que estamos numa época em que a humanidade não desfruta apenas do dom de ver e compreender, mas também do de se guindar aos mais altos pontos da vida mental e espiritual, ignorando o fim a atingir e os meios de atingi-los.

«O estranho acontecimento registado em Pindamonhangaba está, certamente, incluído no rol daquêles, cujos aspectos são ainda mal conhecidos, por deficiência técnica e incapacidade perceptiva dos nossos órgãos sensoriais, ou ainda em virtude das nossas carências cognitivas.

«O facto, porém, é que êle ocorreu e foi presenciado pelos circunstantes.

«Seria interessante que dêle cuidasse o I Congresso Médico-Social Brasileiro a reü-

nir-se nesta capital, uma vez que não é possível deixá-lo simplesmente à margem das superstições e ilusões».

A Noite expôs, finalmente, a sua opinião a respeito do acontecimento. E fê-lo com serenidade e reflexão. Não duvidou da realidade dos factos e chamou a atenção dos sábios que dentro em breve se reünirão no 1.º Congresso Médico-Social Brasileiro.

Um órgão de opinião não podia agir doutra maneira, em presença de factos incontestáveis, testemunhados por individualidades de que não é lícito duvidar. Honra lhe seja feita!

O estranho fenómeno serviu de edificação aos incrédulos e materialistas e provou mais uma vez quão pequena é a ciência dos homens e quão grandes são os mistérios do Além — mundo cheio de possibilidades que nos aguarda após a transição da Morte e que, ao contrário do que julgam muitos *espíritos fortes*, é cheio de actividade e de progresso!

Segue, agora, a parte final da «Crónica Científica» que o Dr. Floriano de Lemos publicou no *Correio da Manhã* de 18 de Fevereiro, intitulada «Fenómenos Espiritas»:

«Sabemos como é complicado e rigoroso o processo de assepsia de que se serve o cirurgião moderno para qualquer intervenção, mesmo banal e simples. Ninguém mais usa bisturi, a não ser em casa de saúde. ¡Custa crer que, nesta famosa apendicite,alguém entrasse num cubículo, esgueirando-se, à maneira de um malfeitor, por uma pequena abertura do aposento, com luz escassíssima e recursos materiais ainda mais deficientes, e sucedesse resultado tão brilhante na operação feita, além de tudo, sem auxiliares!...

«Não louvo, aliás, nem condeno. Admiro-me. Mas, com franqueza: se houve, naquilo, mão de operador vivo, deve a mão ser de um sujeito inovador de excepcionais qualidades, uma competência que corre parelha com a sua modéstia. Esconder o autor o seu nome tão digno, depois dum brilhareco dêsses, é façanha a que não estamos habituados, nêste século de arrivistas e charlatães.

«Parece-me, pois, que o primeiro passo que a medicina clássica deve dar no sentido de confundir qualquer avanço feito pela cirurgia espirita é apontar logo o operador de carne e ôsso que fêz, nas condições divulgadas pelos jornais profanos, a estupenda apendicectomia de Pindamonhangaba».

O Dr. Floriano de Lemos não é espirita. Se escreveu àcêrca de Espiritismo, foi por ter recebido várias cartas, lembrando-lhe o assunto, que tão discutido tem sido nas colunas dos jornais. O seu critério é louvável e revela espírito altamente equilibrado, apontando directrizes à ciência oficial. Se não foram os Espíritos quem operou, que apareça o felizardo autor da estranha intervenção cirúrgica e o seu nome será glorificado como renovador da medicina hodierna...

Mas enquanto êle não aparece...

Nova operação anunciada

Depois dos acontecimentos que acompanhámos com natural insuficiência, em virtude de carência de espaço e de engenho, *A Noite* (edição de S. Paulo) comunicou que duas novas operações haviam sido anunciadas pelos invisíveis e que os nomes dos doentes e a data da intervenção seriam em breve revelados ao grande público.

No seu número de 4 de Março, aquêle jornal publicou grande reportagem fotográfica relativa a essa operação, realizada pelo Espírito do Dr. Luiz Gomes do Amaral. «A môça já está de pé e sente-se muito bem» — escreve o noticiarista.

O médium foi Osvaldo Pereira de Oliveira, que também auxiliou a operação de Pindamonhangaba, como os leitores tiveram ocasião de notar.

No próximo número, referir-nos-emos a esta nova operação, depois da qual o Espírito operador prometeu revelar a fórmula para a cura do cancro e da lepra.

¿Que dirão a isto padres, médicos e jornalistas?...

Nota — A «reportagem» dêste fenómeno sensacional pudemo-la nós levar a efeito, devido, em grande parte, à extraordinária dedicação de Henrique Magalhães, nosso querido colaborador e valiosíssimo representante no Rio de Janeiro. Para êle, vão os agradecimentos sinceros e calorosos desta revista.

I. D. S.

ERRADA PREVISÃO

Léon Daudet afirmou rotundamente na Action Française *de 17 de Setembro de 1921 que o nosso século era o século do crepúsculo espirita. Em face dos espantosos progressos do Espiritismo, vê-se bem como era infantil a sua previsão.*

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

O ESPIRITISMO É OBRA DE EDUCAÇÃO, por *Leopoldo Machado*. Edição da Emprêsa Editora «O Clarim». Matão — S. Paulo, 1944. 66 págs.

Nesta tese apresentada ao 1.º Congresso de Jornalistas Espiritas, em 23 de Novembro de 1939, o autor começa por procurar a causa da falência humana dêste século, a falência tão bem entrevista por Alexis Carrel no «L'Homme cet Inconnu». Leopoldo Machado encontra-a no «materialismo». Como debelar os efeitos desta causa? «A educação é o único processo de solucionar êste problema. É a fôrça incoercível que prepara o desaparecimento das rivalidades entre a religião e a ciência...». Numa rápida resenha, Leopoldo Machado cita alguns filósofos para documentação das suas palavras. Afirma então que um sistema educacional, racionalmente espiritualista, levará o homem ao melhor conhecimento de si próprio; e êsse sistema é a doutrina Espirita, complexo de ciência, filosofia e religião, o «Consolador prometido pelo Cristo».

Mostrando o fundo de educação que reside na Obra do Mestre, o autor aponta-a ao Espiritismo, para lá das curas, da assistência, da fenomenologia, para lá do aspecto prático. Mas não se limita e erguer um problema; esboça imediatamente um programa: — aulas de moral, de civismo e de Evangelho — numa síntese maravilhosa que tudo diz.

Da leitura fica-nos a impressão de que sentimos o vibrar dum pensamento que «sabe» o que quere, que vive um problema. Esta perseguição dum ideal nobre não deixa que Leopoldo Machado vise outros pormenores e aborde problemas correlativos. O problema educacional dentro do Espiritismo não é apenas um problema de formação, mas também de renovação: — educação e reeducação. A formação terá de ir da infância à maturidade intelectual num desenrolar de frases intimamente ligadas. Na infância, fala-se mais ao sentimento; na adolescência, mescla-se a razão; na maturidade, tem de ser esta a sustentar, avivar e rejuvenescer aquêle.

Trípode imortal, — Ciência, Religião e Filosofia — o Espiritismo comporta múltiplas questões que vão desde a formação duma personalidade à transformação doutras que foram edificadas defeituosamente. É tudo necessário e nada, por si só, é suficiente. ¡Quantos efeitos duma educação cristã não sossobraram aos golpes sêcos do camartelo da razão!

O Espiritismo tem de visionar o conjunto — o Homem — na sua idiossincrasia estranha e complexa. «É obra de educação», é obra de síntese filosófica e científica, é obra de espiritualização religiosa, é obra de cristianização.

UM INQUÉRITO ORIGINAL. ¿TEM CABIMENTO A MÚSICA NOS ACTOS ESPIRITAS? Edições «Lar de Jesus». Rio. 93 págs.

Nêste inquérito, sem espírito de polémica, dentro da tolerância e da liberdade que são apanágio do Espiritismo, depõem Deolindo Amorim, Rêgo Barros, Leopoldo Machado, Araripe de Faria, Carlos de Assis, Pena Ribas, Carlos Imbassahy, etc. Embora todos concordem com a influência que a música pode exercer sôbre o espírito humano, divergem porém na resposta à pregunta primordial do inquérito: — ¿Tem cabimento no Espiritismo? —. A nosso ver, alguns a interpretaram por cabimento «necessário».

Comunicações mediúnicas revelam-nos o alto valor em que a música é tida nos mundos espirituais (v. por exemplo «Mensageiros», de André Luís). Não será isto uma indicação do cabimento que a música pode ter no Espiritismo-Religião? Reparemos que, nêsses mundos, a música é produzida antes ou depois e não durante a prece. Ela pode, de facto, representar uma prece, uma acção de graças, mas para tanto precisa do Génio. A oração é uma transposição; só por si, constitui um valor. Necessitar de música? Sem dúvida que não. Necessários na oração apenas — a Fé e o Amor. A música pode ajudar à formação dum estado de vibração espiritual colectiva, em que a prece subseqüente é mais unissona, mais perfeita. Música pura, sem palavras. Não opinamos pelo cântico em que a letra é oração, embora saibamos a notável influência que êle exerce sôbre a sensibilidade.

Na nossa humílima opinião, responderíamos assim ao inquérito da «Vanguarda»: — *a música tem cabimento no Espiritismo, como qualquer manifestação ética ou estética o pode ter; cabimento natural, cabimento que não implica obrigatoriedade; cabimento relativo dentro duma Religião que não tem liturgia.*

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Desdobramento da personalidade

Na sua obra «Os Fenómenos de Bilocação», Ernesto Bozzano insere um caso de desdobramento ocorrido com o engenheiro italiano Joseph Costa e por êste narrado num livro que escreveu sob o título «Di lá della vita» (Do Outro Lado da Vida). Diz o engenheiro:

Vou expor as condições particulares em que me encontrava, quando se deu o mais misterioso acontecimento da minha vida, visto que elas podem esclarecer bastante a origem do próprio fenómeno.

Era numa noite pesada de Junho tórrido, em que me preparava intensamente para os exames de ciências... Tinha talvez ultrapassado o limite de resistência intelectual no ingente esfôrço de querer triunfar nas provas de três anos inteiros de curso, só com a preparação de três meses de estudo e após cinco anos inactividade.

Ainda que sentisse inquebrantável vontade de resistir à fadiga que me oprimia, eu sucumbi totalmente extenuado à imperiosa necessidade de repouso e, mais desfalecido do que adormecido, caí na cama sem apagar o candeeiro de petróleo, que continuava a arder sôbre a mesa de cabeceira.

Um movimento involuntário do braço derrubou o candeeiro aceso, cuja fumarada encheu o quarto de gases acres e pesados.

A atmosfera tornava-se cada vez mais irrespirável. No dia seguinte estaria inanimado, se não se tivesse produzido um estranho fenómeno.

Tive a sensação clara e precisa de me encontrar com o meu único «eu» pensante no meio do quarto, *completamente separado do corpo*, que continuava estendido na cama. Se me é permitido designar assim a sensação experimentada, direi que via as coisas à minha volta, como se uma radiação penetrasse através das moléculas, dos objectos sôbre os quais incidia a minha atenção e *a matéria se dissolvesse ao contacto do meu pensamento.*

O meu espírito era tocado pelas coisas que me cercavam, como se fôsse uma chapa impressionada pelos raios Roentgen, mas com sobreposição de vibrações, evidente nos objectos inanimados e tornando perfeita a abstracção da matéria.

Via o corpo perfeitamente reconhecível por suas particularidades: perfil e rosto, bem como as veias e os nervos, que vibravam com formigamento luminoso. Eu não saberia arranjar outras frases para melhor exprimir a visão de qualquer coisa que não era matéria e que me dava sensação indefinível, que não pode ser compreendida, nem descrita, porque nêste momento pretendo interpretar com os cinco sentidos aquilo que percebi com o *sexto.*

Se me permitissem a comparação, diria que, no caso de poder materializar a impressão que o corpo sente duma descarga eléctrica, traduzindo-a em forma visível, ter-se-ia materializado a imagem palpitante dos meus nervos e do meu sangue, como os tinha visto.

O quarto estava inteiramente às escuras, porque a chama do candeeiro derrubado não chegava a difundir a luz para além do vidro ennegrecido. Mas, durante o tempo em que via desaparecer os objectos, ou, melhor, os seus contornos quási fosforescentes, assim como as paredes, a minha atenção concentrada levava-me a perceber, da mesma forma, os objectos dos aposentos vizinhos. O meu «eu» pensante não tinha pêso, ou, antes, não sentia a impressão da gravidade, nem tinha a noção de massa ou volume.

Não era mais um corpo, visto que o meu corpo jazia no leito. Era uma espécie de expressão tangível de pensamento capaz de me transportar a qualquer região do globo, do mar, do céu, mais rápida do que o relâmpago, no mesmo instante em que manifestasse a vontade, mesmo sem noção do espaço ou tempo.

Se dissesse que me sentia livre, etéreo, nem de longe exprimiria a sensação experimentada nêsse momento de libertação infinita. Mas não era impressão agradável. Sentia-me profundamente angustiado, mas tinha a intuição de poder libertar-me tirando o meu corpo dessa situação que me oprimia. Tentei levantar o candeeiro e abrir a janela, por acção imaterial que não consegui realizar. Da mesma forma não consegui erguer os ombros, os quais julgava poder accionar com o sôpro da minha vontade espiritual.

Nessa altura, o meu pensamento dirigiu-se para minha mãe que dormia no quarto contíguo; mas o seu corpo, ao contrário do meu, parecia emitir luminosidade ou fosforescência radiosa. Julguei que não seria necessário qualquer esfôrço para obrigá-la a aproximar-se de mim.

Vi-a descer precipitadamente do leito, correr à janela e abri-la, tal como se executasse o derradeiro pensamento que tive antes de a chamar, depois sair do quarto, passar pelo corredor, transpor a porta, e, tacteando, com os olhos desmesuradamente abertos, avançar para mim. Pareceu-me que o seu contacto tinha a faculdade de fazer voltar o meu «eu» ao corpo. Vi-me desperto, com a garganta ressequida, as

fontes a martelar, a respiração ofegante, o coração a saltar no peito.

Posso assegurar ao leitor que, até êsse momento, nada havia lido, nem ouvido falar de Espiritismo, isto é, de teorias espiritas, fenómenos de bilocação e desdobramentos. Desconhecia completamente as experiências mediúnicas e as sessões de Espiritismo. Portanto, posso excluir absolutamente a hipótese da sugestão. Nem tampouco podia tratar-se dum sonho, em virtude da grande diferença das sensações que me persistiram na memória de imágens provocadas por um sonho, e as sensações diferentes, quanto à recepção sensitiva, que o meu espírito experimentava nêsse momento.

Nessa recordação, eu não encontrava a nebulosidade, a sensação indistinta entre o quimérico e a realidade revestida pelas impressões do sonho, visto que *nunca sentira tão nitidamente a impressão de viver, como no instante em que me vi separado do corpo.*

Minha mãe, a quem interroguei pouco depois do acontecimento, confirmou ter primeiro aberto a janela do seu quarto, como se houvesse sentido sufocação, antes de acorrer em meu auxílio. Efectivamente, o facto de ter notado o seu gesto através das paredes, ao mesmo tempo que jazia inanimado no meu leito, exclui qualquer hipótese de alucinação e de pesadêlo durante um sono sobrevindo em circunstâncias fisiologicamente anormais.

Excluídas, pois, as hipóteses da sugestão, do sono, da alucinação, do pesadêlo, só me resta a dedução lógica de supor que o meu «eu» pensante agiu fora do corpo e, em tais condições, quere dizer, dotado de faculdades transcendentais, êle pôde ver além das paredes e chamar urgentemente minha mãe para junto do meu corpo, para que me socorresse.

Tive, nêsse caso, a prova mais evidente de que *minha alma se afastara do corpo durante a existência material.* Tenho, em suma, a prova da existência da alma e também da sua imortalidade, visto que, tendo-se ela libertado, sob influência de circunstâncias especiais, do envólucro corporal, agindo e pensando fora dêle, com mais forte razão ela deveria reencontrar após a morte a plenitude da sua liberdade e a extinção de todos os vínculos da matéria.

Uma prova da sobrevivência

O *Nosso Guia,* de Fevereiro último, insere um interessante relato em que certo advogado assiste a uma sessão espirita e recebe, tiptológicamente, isto é, por meio de pancadas, a prova autêntica da presença do espírito da irmã falecida. Vamos transcrever a notícia:

«A sessão realizou-se em casa dum distinto confrade, a ela assistindo apenas cinco pessoas bem intencionadas e sinceras. Cada qual com o seu caso, com sua ânsia de consôlo, desejando receber uma esmola da Misericórdia Divina. Um, pensava na irmã, que cêdo partira para a vida real da espiritualidade; outro, na espôsa ideal, que tanto o ajudara na faina do lar e na sua própria espiritualização; mais outro e, êsse, advogado, na filha e demais entes amados, cuja passagem para o Além sobremodo o abalara.

«E ali estavam, corações ajoelhados, almas errantes, todos unidos pelos mesmos princípios, ligados por um único sentimento. E foi quando, inesperadamente, veio uma mensagem pequena, leve, impregnada de saüdade de alguém, em cujo nome nenhum dos presentes pensara:

«— Procure o meu retrato no sobrado da Fazenda de... o qual tem um vestígio na cabeça.

«E assinou Maria O...

«Ficámos surprêsos. Quem seria já tentávamos preguntar, quando, ao nosso lado, o advogado, tocado pela prova, declarou:

— Basta. Compreendo. É minha irmã, em que não pensava. Veio dar-me uma prova da sua presença e fê-lo de tal maneira, que me deixou tocado, surprêso, para acreditar que o Espiritismo é uma verdade esplêndida. Imaginem que, há dias, vim da Fazenda de... E lá, revirando livros e coisas velhas, tive nas mãos várias fotografias de minha família, menos a de minha falecida irmã. E quando demonstrava desejos de obtê-la, alguém alvitrou que talvez a encontrasse no sobrado duma outra Fazenda...

«Aqui está porque compeendo que minha irmã, em quem não pensava, me veio agradecer a prova de estima e de saüdade que lhe voto e me dá também uma prova da sua existência e da sua presença. Graças a Deus!».

«E foi entre lágrimas doces de agradecimento e de satisfação que encerrámos os trabalhos, declarando-nos aquêle confrade que não se conteve e narrou o seu caso para que figurasse como um dos melhores à luz do Espiritismo».

Restituída à vida

A Verdade, de Recife, Pernambuco, acaba de inaugurar uma secção de «Factos Espiritas», a cargo do Dr. Aluísio Inojosa, «zeloso investigador dos fenómenos mediúnicos e coleccionador de relatos», que, como diz a revista, interessam aos amantes da boa leitura neo-espiritualista. Vamos coleccioná-lo também:

«A Senhora S. A. Fergusen publicou no *Greater World* um artigo, em que narra um caso surpreendente de cura que deixou os médicos estupefactos.

Vamos transcrevê-lo:

«Há dois anos apanhei uma pneumonia e os médicos consideraram-me perdida para sempre, dando ensejo a que alguns amigos nossos viessem de Londres a Brighton, afim de assistir aos meus últimos momentos.

Tive a inspiração de telegrafar ao presidente da Sociedade Espirita de Harrington, pedindo-lhe que me recomendasse ao seu grupo de curas e fui salva milagrosamente.

«O médico visitava-me três vezes por dia. A última vez que me viu foi às 7,45 e disse à enfermeira ser útil a sua presença, visto que «a doente só tinha alguns minutos de vida». Depois, ordenou que fôssem a sua casa buscar a certidão de óbito e pedissem a meu marido que mandasse retirar o corpo, ao terminar o ofício pelos mortos.

«Pouco depois do médico sair, chegou meu marido, na companhia de uma pessoa amiga. Vinha triste e abatido com a notícia e não entrou no meu quarto. Saiu para tratar do entêrro e mandar remover o meu corpo para a nossa residência.

«Passado algum tempo, o meu corpo ia ser removido pelas enfermeiras. Estas, mal me tocaram, ficaram aterradissimas. É que ouviram uma voz profunda murmurar as seguintes palavras:

— Deixai o corpo em repouso!

As enfermeiras fugiram e contaram o caso à superiora, que se divertiu imenso, julgando tratar-se de algum ruído. Em seguida, entraram as três no quarto; e quando a superiora se aproximava da minha cama, a mesma voz se fêz ouvir:

— Aguardente!

A superiora voltou-se e preguntou:

— Quem falou?

É a mesma voz de há pouco — responderam as enfermeiras.

A superiora mandou buscar a aguardente, e quando viu que eu podia beber, exclamou:

— Está a voltar a si. Uma injecção hipodérmica! Depressa!

E comunicou telefonicamente com o médico, o qual, ao chegar, declarou aos circunstantes:

— Êste milagre ultrapassa a minha compreensão. Quando a deixei, estava moribunda.

Entretanto, às onze e meia e logo que tomei a aguardente, veio meu marido saber por que não tinham removido o meu corpo do hospital. Quando o informaram de tudo, ficou muito satisfeito.

Daí em diante melhorei a olhos vistos e agradeço intimamente aos amigos invisíveis o terem-me libertado da morte.

Os membros da Sociedade Espirita de Brighton cumprem a sentença do Mestre: «Curai os enfermos».

Enquanto escreviamos estas linhas, dava-se connosco fenómeno surpreendente: lembrávamo-nos de ter lido o caso numa revista inglêsa e quando chegámos ao meio achámos o estilo tão familiar, que se podia confundir com a nossa maneira de escrever...

Há coisas fantásticas! Só vendo, se acreditam!

E começámos a rebuscar, maquinalmente, na colecção de *Estudos Psíquicos*. Lá estava, a páginas 346-47 do n.º 23, de Maio-Junho de 1943, com todos os *ss* e *rr*, incluíndo a grafia que nos é peculiar. A notícia fizemo-la nós há dois anos, baseados num artigo do *Greater World*, que traduzimos livremente e resumimos à nossa vontade.

Afinal, transcrevemos de *A Verdade*, de Recife, Pernambuco, o que nós próprios havíamos escrito, há dois anos, nesta revista.

Já agora, fica como está; e embora a nótula vá repetida, não voltamos atrás.

Se o sr. dr. Aluísio Inojosa «observar» como «traduz», não temos dúvida de proclamar que *A Verdade* está de parabens, na companhia de tão «zeloso investigador e esforçado estudioso dos fenómenos mediani-micos» *(aliás, mediúnicos)*.

O mundo dá muitas voltas, como diz o povo da nossa aldeia. ¡Efectivamente, nunca julgámos que o nosso mísero vernáculo merecesse a honra de ser subscrito por êste prócere das ciências psíquicas! Somos felizes. Compreendeu tão bem o nosso palavreado, que até, inconscientemente, se *identificou* com êle...

Para as crianças

Criança rica e feliz!

¡Como é bonita a casa em que moras!...

¡Que lindo é o jardim, colorido de flores que, em grácil acrobacia, baloiçam ao vento sob a guarda gentil da grama que as circunda! No quintal bem cuidado, há árvores frondosas onde pontificam os passarinhos em exibições de inimitáveis coros orfeónicos.

E tu te divertes, criança, com a brusca debandada dos pequeninos cantores, como que desapontados com o ruído do automóvel de teu papai, ao deixar a garagem que o espera, envolta num chale de rica trepadeira.

No interior de teu lar, tudo denota bom gôsto, especialmente teu quarto, que a solicitude de teus pais transformou em ninho de rendas, de flores e de custosos brinquedos.

Teus olhos, entretanto, afeitos ao luxo, vêem, indiferentes, os objectos artísticos que se reflectem nas lâminas polidas dos espelhos.

Há uma coisa, criança, que talvez desconheças e se chama — a dor alheia.

Se a desconheces, desconheces também o prazer de a minorar.

De fazer caridade, querida, jamais te enfastiarás.

Lembra-te, pois, dos pobrezinhos, quando à mesa te sentares para as tuas saborosas refeições; lembra-te dêles, quando brincares, quando estudares; quando, friorenta, te agasalhares; ou, quando fatigada, buscares repouso entre os fofos de teu leito.

Alegra-te, fazendo o bem e ainda receberás as bênçãos de Deus.

(De Icléa Para as Crianças)

Notas & Comentários

«O mundo ralha de tudo...»

O mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão...

E ouvimos por aí certas vozes... que mal entoam, graças a Deus! Gritam, mas pouco se fazem ouvir. Por isso, ainda não quisemos desmantelar a desafinada *filarmónica*, cuja batuta obedece a desígnios consabidos: denegrir a obra do Centro e a honorabilidade dos seus dirigentes, insinuando que estes últimos se lucupletam à custa da agremiação, para a qual trabalham desinteressadamente.

A Direcção responde pelos seus actos ante assembléias legais. E ciente de que não se pode tapar a bôca ao mundo, vai trabalhando em silêncio, esforçadamente e *gratuitamente*, que está nisso o segrêdo do nosso triunfo.

Êsses músicos desafinados não concebem que haja quem se sacrifique desta maneira, ao ponto de manter um Centro com tamanha actividade, sem despender um único centavo em honorários. Só o cobrador recebe espórtula. E bem choruda que tem sido. Mas isso já lá vai. Os tempos mudaram e os homens também.

Quem não acreditar, venha até cá dar um passeiozinho. As contas estão arrumadinhas, parcelas enfileiradas, como soldados de chumbo. Não há melhor remédio para tirar cataratas.

Ah! Mas o Alto vela por esta casa. Sentimos o influxo de amizades duradoiras que não deixam amortecer a nossa fé. Quanto ao mais, há o provérbio da caravana...

Para que responder a dislates?

O mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão...

Correspondentes de «Psychic News»

O apêlo que fizemos no último número, quando transcrevemos parte da carta de Maurice Barbanell, director do semanário espirita londrino *Psychic News*, encontrou o eco desejado. O nosso colaborador Ramos Pereira ofereceu-se espontâneamente para o efeito, disposto a verter para inglês os casos mais expressivos que nos chegarem às mãos, afim de serem veículados por aquêle semanário, de grande circulação em Inglaterra e em todos os domínios britânicos.

Também o nosso consócio J. C. Lomelino, se ofereceu com a mesma espontaneidade, satisfeito por lhe ser dado contribuir para maior divulgação das verdades espiritas.

Estes dois colaboradores e amigos trabalharão com *Estudos Psíquicos* no sentido de aumentar a expansão de muitos casos interessantes publicados nestas colunas. Não é fechados em tôrres de marfim, nem circunscritos a âmbitos estreitos, que se serve a doutrina. Por isso, nos esforçamos constantemente por animar cada vez mais o movimento espirita mundial, que requere coesão e dinamismo. O intercâmbio ideológico estabelece-se numa hora grave, mas os seus frutos serão benéficos e duradoiros.

Os inimigos do Espiritismo

O dr. Inácio Ferreira, nosso redactor-correspondente em Uberaba, realizou há pouco, na Liga Espirita do Brasil, uma conferência notável, demonstrando que os maiores inimigos do Espiritismo não são os materialistas, nem os católicos, mas aquêles que, dentro do nosso sector, deturpam a prática espirita e procuram desvirtuar os ensinamentos da doutrina.

Estamos absolutamente de acôrdo.

Já nos temos referido a certa casta de videirinhos que proliferam à custa dos incautos e que não perdem ensejo de desacreditar a Causa, que de boa-fé os acolheu e lhes permitiu determinadas ousadias.

Um adepto que falta aos seus deveres e se torna pedra de escândalo, é prejudicial à colectividade, que não pode ser responsabilizada por tais e tais incongruências ou desmandos.

Segundo *Mundo Espirita*, donde extraímos a notícia, o dr. Inácio Ferreira disse — e muito bem — que «a terapêutica espirita não deve ser compreendida como fonte de água milagrosa para exploração dos deturpadores, visto que nem tôdas as doenças devem ser atribuídas aos espíritos. Há doenças que têm origem na falta de método, em extravagâncias e vícios de tôda a ordem».

A súcia de curandeiros que proliferam à sombra do Espiritismo, cuidando de seus interêsses particulares e impingindo remédios universais em troca de almejada espórtula, pertencem à indesejável caterva de inimigos que tudo fazem para denegrir os ensinamentos da doutrina.

O Espiritismo nunca foi, não é, nem será o que êsses avejões propalam que seja. É coisa mais alta, inteiramente alheia a práticas diabólicas e cujo fim principal está patente na sua obra de regeneração humana.

I. D. S.

Noticiário

Assembléia Geral Ordinária

No dia 2 de Junho último, reüniu a Assembléia Geral Ordinária do Centro E. Luz e Amor, afim de eleger os corpos gerentes que terão em suas mãos os destinos da colectividade, no triénio de 1945 a 1948. Eis a lista apresentada e que foi aprovada por unanimidade:

Assembléia Geral

Presidente — Dr. Sebastião Elviro Martins, *licenciado em letras* (reeleito).
Vice-Presidente — Fernando da Cruz Ferreira, *técnico de seguros e comerciante* (reeleito).
1.º secretário — João da Cruz, *tenente reformado.*
2.º secretário — António Alexandre, *sargento reformado.*

Comissão de Contas

Presidente — Eurico de Castro Zuzarte, *major reformado.*
Secretário — Américo de Oliveira Monteiro, *proprietário.*
Relator — Álvaro Ramos Pereira, *empregado bancário.*

Direcção

Presidente — Isidoro Duarte Santos, *1.º tenente da Armada* (reeleito).
Secretário — Guilherme Miguel Afonso, *tenente reformado.*
Tesoureiro — João José Alves, *chefe de polícia aposentado e guarda-livros.*
1.º vogal — João José Pilar, *empregado comercial.*
2.º vogal — Damião Teixeira, *maquinista mercante* (reeleito).

Substitutos

José Faure da Rosa, *coronel reformado* (reeleito).
Henrique da Silva Horta — *Inspector geral da «Singer»* (reeleito).
Joaquim Dias — *guarda de segurança reformado.*
Eduardo Manuel Cortes — *industrial.*
Bartolomeu Bana Martins — *farmacêutico.*
Aníbal dos Santos Lopes — *maçagista diplomado.*

Novo cobrador do Centro

Avisamos os nossos consócios de que o antigo cobrador sr. António Joaquim de Amorim deixou de exercer qualquer actividade no Centro Espiritualista Luz e Amor.

De 1 Julho em diante, passarão a ser visitados pelo sr. Manuel Mendes, pessoa idónea que se prestou a fazer a cobrança em condições muito mais vantajosas.

Notícias da Argentina

O nosso redactor-correspondente em Buenos Aires, Dr. Luiz M. de Cristóforo, acaba de escrever-nos, enviando colaboração e prometendo aparecer de novo em *Estudos Psíquicos.* Voltou a secretariar a grande e bela revista *Constancia,* encontrando-se, portanto, na brecha dos combatentes espiritas. Por seu intermédio, alguns escritores argentinos nos enviarão trabalhos que muito brilho darão às páginas desta revista.

As nossas conferências

Como fôra anunciado, o tenente João da Cruz realizou no Centro a sua conferência «A Alma vem de Deus». Presidiu o confrade Ramos Pereira, secretariado pelos confrades Américo de Oliveira Monteiro e Damião Teixeira.

Lamentamos que a falta de espaço nos inibe de larga referência, quer ao trabalho do conferente, quer à análise que Ramos Pereira fêz, no final, à exposição do nosso confrade e amigo Cruz. O que é certo é que todos sairam optimamente impressionados.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Destinados a *Estudos Psíquicos,* recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Eduardo Matos, de Lisboa	20$00
Manuel Leite S. Garcia, de S. João da Madeira	100$00
A. B. C., de Lisboa	25$00
Total.....	145$00

Auxílio aos Necessitados

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

D. Maria Regueira, de Monfortinho	10$00
Eduardo Matos, de Lisboa	20$00
D. Emília Marques, de Passos de Gaiôlo	2$00
Augusto da Costa Belas, de Lisboa	5$00
D. Brites Reis Pinho Trindade, de Luanda...	20$00
D. Catarina Charrua, de Castro Verde	20$00
Total.....	77$00

Auxílio à Propaganda

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Fernando Falcão, de Angra do Heroismo...	52$00
Manuel Marecos Henriques, de Santarém...	5$00
Total.....	57$00

Trabalhos do Centro no mês de Julho de 1945

Dia 1 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria Carvalhal.

Dia 8 de Julho, às 16 horas — Conferência pelo cap. Alfredo dos Santos, intitulada «Liberdade, Igualdade e Fraternidade».

Dia 15 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Figueirêdo.

Dia 22 de Julho, às 16 horas — Sessão solene de encerramento dos trabalhos do Centro, em que falarão vários oradores e se declamarão poesias espiritualistas. Agradecemos a comparência do maior número de associados.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1945 — N.º 10

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

MÉDIUNS

Nas «Grandezas e Misérias da Mediünidade», Léon Denis estudou várias facêtas da vida dos médiuns, êsses delicados e sensíveis instrumentos de investigação psíquica e espirita, não esquecendo, por um lado, o utilitarismo que alguns tiram das próprias faculdades, sendo levados muitas vezes a fraudar, afim de manterem seus «créditos» mediúnicos; e, por outro lado, o martirológio, a «via crucis», a tortura moral que pessoas inadvertidas lhes infligem, sem ter em conta a mais elementar noção de bom senso e de urbanidade.

Tratando-se de agentes preciosíssimos e indispensáveis, os nossos adversários, declarados ou não, atribuem-lhes as fraudes mais diversas, lançando-lhes em rosto tremendas acusações, muitas vezes sem elementos de prova, absolutamente necessários em casos desta espécie. Sabendo que os médiuns são condição essencial do fenómeno, atacá-los é vibrar golpe certeiro no Espiritismo.

Assim, o nosso dever é proteger as vítimas, quási sempre mulheres indefesas, e rodeá-las de confôrto que lhes atenui os vexames e os sarcasmos.

— «Caros médiuns — escreve Léon Denis — não desanimeis. Furtai-vos ao desfalecimento. Elevai-vos acima dêste mundo efémero. Atraí o auxílio divino. Suplantai o «eu» e libertai-vos dessa afeição demasiado viva que sentimos por nós mesmos. Vivei para os outros — eis tudo! Tende espírito de sacrifício. Preferi a pobreza, a enriquecer com o produto da fraude e da traição. Permanecei obscuros, em vez de traficar com as vossas faculdades. Sabei sofrer pelo bem de todos e para vosso progresso individual. A pobreza, a obscuridade e o sofrimento têm seu encanto, beleza e magnitude: é por êsse meio, através de gerações silenciosas, que lentamente se acumulam tesouros de paciência, de energia, de virtude, e que a alma se desprende das vaidades materiais, se depura e santifica e adquire intrepidez para galgar aos cimos escabrosos. Lembrai-vos duma coisa: é no sofrimento que se constrói o edifício de nossas faculdades, de nossas virtudes, de nossas futuras alegrias.»

Médiuns: perdoai aos detractores, àquêles que puserem em dúvida a vossa isenção, a vossa probidade! ¡Que a consciência esteja limpa de pecado, que a enxurrada não possa atingir-vos com salpicos de pântano! ¡Mantende-vos serenos e confiantes na misericórdia de Deus!...

A calma dos humildes desarma a filáucia dos industriosos. Por isso, vos aconselho serenidade, ante a perseguição e a injúria.

«Estudos Psíquicos» defenderá sempre os bons médiuns, procurando orientá-los e instruí-los. Os outros, os impostores, os traficantes do Espiritismo, serão tratados como tal, apontando-lhes os prejuízos que causam à doutrina e indicando as precauções a tomar contra seus manejos, contra suas malévolas ciladas.

A verdadeira mediünidade é digna do respeito e consideração dos bons adeptos que se esforçam por demonstrar a realidade da sobrevivência, através dos pobres médiuns atacados e injuriados. — I. D. S.

Ag/45

A IDÉIA REENCARNACIONISTA

pelo Coronel Faure da Rosa

PARECE que a índia foi o bêrço intelectual da Humanidade, e não há dúvida que é o país onde floresceu mais vicejante a idéia reencarnacionista.

Quinze ou dezasseis séculos antes de Cristo, Vyaza — asceta hindu que teria vivido há milhares de anos — escreveu a epopeia sânscrita *Mahabharata* que contém mais de duzentos mil versos. Nêsse poema — o maior que se conhece — descrevem-se as guerras dos Kourous ou Koravas e dos Pandous ou Pandavas, bem como as explorações de Krichna e de Arjuna. *Mahabharata,* foi o ponto de partida da maior parte das lendas da índia. *Mhagavad Gita,* um *dos* episódios do *Mahabharata,* é o canto do Bem-aventurado: trata a luta que a inteligência esclarecida deve travar contra o impulso da crueldade e da sensualidade.

No *Bhagavad Gita,* Krichna exortando Arjuna, diz-lhe:

A alma não nasce nem morre; não nasceu em tempo algum, não tem que renascer; sem nascimento, sem fim, eterna, vetusta, a alma não morre quando o corpo se extingue.

«Assim como se deixam os vestuários velhos para se usarem outros, assim a alma deixa o corpo para voltar a vestir novos corpos...

«Eu tive muitos nascimentos e tu também os tiveste, Arjuna; eu conheço os meus, todos, mas tu não conheces os teus...»

Vidas sucessivas, reencarnação e palingénese, são têrmos eqüivalentes. ¿Em que consiste a reencarnação? Na entrada do elemento psíquico ou «alma» em «corpos» sucessivos de carne. A teoria da reencarnação afirma, pois, a existência dum princípio vivo e individualizado que habita e vivifica o corpo do homem e que, por morte dêste corpo, passa a outro após um intervalo mais ou menos longo. Dêste modo, as vidas corporais sucessivas sucedem-se como as pérolas dum fio; o fio é o princípio vivo — o Espírito — e as pérolas são as diferentes vidas humanas.

É necessário e imprescindível — diz Annie Besant — compreender claramente a diferença entre Sêr-Pensante e Sêr-Animal, cujo cérebro é, por assim dizer, o instrumento de que o primeiro é o executante; a mais pequena confusão entre os dois *sêres* tornaria incompreensível a doutrina da Reencarnação. O que reencarna é o Sêr-Pensante e nunca o Sêr-Animal.

O homem-animal nasce, e o Homem-Pensante enrosca-se nêle; o Homem-Pensante funciona por intermédio do homem-animal, encarnação após encarnação, permanecendo sempre uno. Vive sucessivamente em vários homens-animais, por exemplo, dêmos nomes: em João, em José, em Joana, em Guilherme; e em cada um recolhe as suas experiências; por meio de cada um adquire conhecimentos e de cada um recolhe os materiais que êle lhe proporciona e tece-os dentro do seu próprio Sêr eterno — o Espírito. Não é João que se reencarna em José e depois em Joana para vir a florescer em Guilherme, séculos mais tarde, em outro país; é o mesmo Espírito que, sucessivamente, habita em cada uma destas personalidades, recolhendo, de cada uma destas moradas, novas experiências e novos conhecimentos. Só êste Ego que se reencarna é que pode olhar para trás abrangendo a extensa linha dos seus renascimentos, recordando cada vida terrestre, a história de cada peregrinação, desde o berço ao túmulo, desenrolando o drama inteiro, acto por acto, século após século.

Raro é aquêle que não pregunte a si mesmo: ¿porque me não lembro eu das minhas vidas passadas? Porque quem se lembra é o «Eu», o verdadeiro «Eu», e o homem-animal, que não se encontra ainda em completa união com o seu «Eu» verdadeiro, não pode ter reminiscências dum passado, em que pessoalmente não viveu. A memória cerebral só pode encerrar o registo dos acontecimentos em que o cérebro tomou parte.

Se todos nós nos lembrássemos do que temos sido... ¿seria possível a vida de relação, a vida social? Se todos nós conhecessemos, em vidas sucessivas, as cobiças que nos escravizaram, nos devoraram, e

as violências e depredações contra nós cometidas e por nós mesmos praticadas, ¿como poderíamos suportar-nos uns aos outros?

¡Que tumultuar de malquerenças e de ódios sem fim! As represálias jamais se extinguiriam; a maldade tornar-se-ia infinita e a depuração seria impossível.

Recordações de vidas anteriores

Léon Denis, o grande Apóstolo do Espiritismo moderno, contava que os seus Espíritos protectores lhe tinham concedido um privilégio que êle não desejava a ninguém, porque — afirmava êle — pode ser causa de grandes sofrimentos morais, a origem de muitos pesares. Êsse privilégio consistia em ter conhecimento das suas vidas anteriores.

Léon Denis afirmava que podia certificar, pelo encadeamento das suas vidas terrestres, os efeitos da grande Lei de Justiça e de evolução que rege todo o destino humano.

O escritor e romancista francês Mery — autor das célebres «Noites do Oriente» — acreditava firmemente na pluralidade de vidas e lembrava-se de pormenores de algumas das suas existências precedentes. Afirmava que tinha feito a guerra da Gália e que tinha combatido na Germânia com o general romano Germânicus. Reconheceu os sítios em que outrora acampara, os campos de batalha em que se batera. Mery, nessa vida, chamava-se Mincius.

O episódio que segue vem narrado no *Journal Litteraire:* Um dia, em Roma, Mery visitou a biblioteca do Vaticano, onde foi recebido por homens môços, noviços que envergavam compridas sotainas escuras e que lhe falaram em latim puro. Mery era bom latinista, quanto é possível sê-lo apenas com a teoria adquirida em escritos e livros vários, mas nunca experimentara conversar familiarmente naquela lingua. Pois falou o latim com tanta facilidade que lhe pareceu tê-lo falado noutros tempos. Falou o latim como falava o francês.

O grande poeta Lamartine também se recordava de ter vivido outras vidas. Êle próprio assim o afirma no seu livro «*Voyage en Orient*». Lamartine estava na Judéia; não tinha livros nem qualquer pessoa que lhe pudesse dizer os nomes dos lugares e os dos vales e montanhas por que antigamente eram conhecidos. No entanto, reconheceu imediatamente o vale de Térébinthe e o campo de batalha de Saúl — primeiro rei dos hebreus, cêrca de mil anos antes de J. C. No convento os Irmãos confirmaram a exactidão das suas indicações. Em Séphora — cidade da antiga Palestina — designou pelo seu nome uma colina em cujo cume existia um castelo arruïnado... No dia seguinte ao pé de uma montanha árida, reconheceu o túmulo dos Macabéus... Exceptuando os vales do Líbano e outros, Lamartine dizia que quási não encontrara na Judéia *um único lugar que não fôsse seu conhecido.* E pregunta: ¿Teremos nós vivido duas vezes ou mil vezes?».

Sem o renascimento, sem a reencarnação das almas, ¿como explicar a marcha da humanidade, a sua elevação gradual da barbaria até à civilização?...

É verdade que esta *civilização* em que actualmente vivemos é duma inferioridade arripiante deturpada como tem sido e está sendo a doutrina de Jesus Cristo.

Formação das almas

Se as almas se formassem ao mesmo tempo que os corpos, como pretende a teologia, as que nascessem agora deveriam ser tão novas, tão inábeis e inexperientes como as que nasceram há milhares de anos. ¿Porque haveriam de ser as de hoje mais bem dotadas que as de antanho? ¿Teriam elas outras faculdades? — pregunta Wietrich.

Se objectarem que as almas possuem qualidades diferentes desde a sua origem, há direito de preguntar: ¿Onde está a eqüidade? ¿Onde está a justiça?

Se, porém, se admitir que as almas dos homens actuais são as mesmas que viveram no passado, que tendo sido bárbaras, se elevaram e progrediram e a cada nova existência levaram as aquisições de existências anteriores, dependendo o aperfeiçoamento do trabalho de cada uma... então, o progresso social e a marcha ascendente da humanidade explicam-se; a ordem e a harmonia aparecem; a justiça realiza-se no Universo.

Se a vida terrestre fôsse única, o nosso estudo e o nosso progresso estariam perdidos, tanto para o indivíduo como para a humanidade, ao passo que, pela reencar-

nação tudo se perpetua, tudo se renova. Nós trabalhamos para todos e trabalhando para o bem de todos, trabalhamos para nós mesmos. Assim, nada se perde; indivíduos e gerações são solidários entre si, solidários através dos séculos.

Desigualdades

No livro dos Mortos, na parte denominada «Ritual Funerário dos Egípcios», — encontra-se esta passagem:

«Eu sou a tua irmã invisível, eu sou a tua alma divina, e êste é o livro da tua vida. Contém êle as páginas cheias das tuas existências passadas e as páginas em branco das tuas vidas futuras».

O nascimento não é um comêço de vida, é a seqüência de outras vidas. Nascer não é começar a viver, é continuar uma existência anterior. Pode-se dizer que não há nascimento nem morte; não há mais que uma série de existências encadeadas.

Assim como não há dois grãos de areia perfeitamente iguais, assim não encontramos duas criaturas inteiramente idênticas. Poderão os nossos sentidos ser insuficientes para distinguir as diferenças, mas certo é que não há igualdade completa.

Filhos do mesmo pai e da mesma mãe, ¡como são dessemelhantes entre si!

Gémeos com parecenças morfológicas que chegam a confundir-nos, apresentam características psíquicas bem diferentes, bem distintas.

«Meu irmão é bonito, bem feito, esbelto; e eu sou feio, achacado, raquítico, corcunda; ¿porque será, se ambos nós fomos engendrados pelo mesmo pai e pela mesma mãe?

«¿Porque não nasci eu príncipe ou grande fidalgo, abarrotado de dinheiro, em vez de pobre operário ou mísero servo da terra ingrata e rebelde?

«¿Porque há-de o talento ser apanágio só de alguns? ¿Porque é que uns tanto sabem, infantes ainda, sem terem aprendido, e outros, por mais que estudem anos e anos, nunca conseguem saber?

«¿Hereditariedade, atavismo?»

Não! As teorias do atavismo e da hereditariedade não só são impotentes para explicar casos desta natureza, mas também não podem explicar os célebres casos de crianças artistas ou sábias, os meninos-prodígios, como se lhes costuma chamar: são músicos como Mozart (austríaco) ou Paganini (italiano); calculadores como Mondeaux e Inaudi; pintores como Van Kerkhove, cujas aptidões ou não existiram nos pais, nem outros ascendentes, ou existiram em grau muito inferior.

O nosso compatriota Artur Napoleão, natural do Pôrto, foi um dos maiores pianistas precoces. Duma vez que voltou do Brasil, com 12 anos de idade, já vinha coberto de glória. Lizt aplaudiu-o em Viena e Meyerbeer apresentou-o ao público de Berlim.

O reencarnacionismo é a única doutrina que explica a desigualdade de nascimentos: a antipatia e simpatia que se experimenta por pessoas que nunca se viram; a sensação do *já visto* diante de certas païsagens onde há a certeza de nunca ter estado durante a vida decorrente; as diferentes aptidões de irmãos de ambos os sexos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe e as dissemelhanças que existem entre pais e filhos...

Só as vidas sucessivas, também, podem explicar os conhecimentos inatos, as vocações irresistíveis, as crianças-prodígios, a desigualdade de duração da existência terrestre de cada sêr.

O egoísmo

Graças às existências de lutas e provações, os caracteres retemperam-se, as riquezas da alma desenvolvem-se; o mal, pouco a pouco, transforma-se em fôrça para o bem. Na nossa evolução imensa, tudo se transforma, se purifica e se eleva.

Esta grande doutrina, só por si, é capaz de revivificar a nossa sociedade decadente; ela sòzinha pode reprimir êste egoísmo invasor que desagrega família, pátria, sociedade e que substitui a generosidade do dever por esta concepção feroz da individualidade que, acima de tudo e custe o que custar, quere afirmar-se, quere impor-se. O egoísmo é o mais encarniçado inimigo da coesão.

Conta Anatole France, no livro *Thaís*, que Pafnúcio, o monge asceta que convertera essa célebre cortesã, e por ela depois se apaixonou, roído pela ânsia carnal, fêz longas caminhadas para a tornar a ver. Foi encontrá-la agonizante no convento em que se refugiara; ante o seu corpo — aquêle corpo escultural que ateara incêndios de

múltiplos pecados e agora estava purificado pela contrição — as virgens entoavam o cântico de Israel: «Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel». Mas, de repente, ao depararem com o rosto do monge, a voz sumiu-se-lhes na garganta, e, espavoridas, fugiram a gritar: «Um vampiro!... Um vampiro!»

Pafnúcio tornara-se tão horrendo que, êle próprio, ao passar a mão pelo rosto, sentiu a agudeza da sua fealdade execrável.

Pois é assim mesmo, a objectivação da disformidade egoísta: cria relêvo e tem barrancos e sente-se e apalpa-se, como a fealdade execrável de Pafnúcio!

Um quadro do pintor francês Rochegrosse, denominado «A Agonia Humana», vincou indelèvelmente na tela tôda a tragédia inenarrável do egoísmo.

O quadro representa uma parte da humanidade dolorosa, estendendo os braços para a «Fortuna» que passa a cavaleiro duma cidade e deixa atrás de si um rasto resplandecente. Todos — homens e mulheres de tôdas as classes (burgueses, operários, aldeãos...) todos se atiram ao assalto do promontório que os aproximará — julgam êles — do fim almejado: a riqueza. Correm, empurram-se, pisam-se, calcam aos pés os vencidos, os menos resistentes, os mais fracos.

É uma viagem torturante da luta da vida, uma exibição da crueldade humana, do egoísmo humano.

O futuro da doutrina reencarnacionista

Edmond Wietrich conclui: Quando a tese reencarnacionista fôr admitida pela maioria dos habitantes do nosso planeta, haverá na Terra muito menos ódio, muito menos inveja e ciúme, muito menos orgulho e egoísmo.

Quando a doutrina das vidas sucessivas se tornar tão evidente para as massas populares — pela via experimental — como o é já para aquêles que a estudam; quando o homem vier a saber que a vida actual é a resultante de outras vidas e que, em cada uma das suas existências na matéria, é êle quem colhe o bem ou o mal que tiver semeado para os outros homens... então, o egoísmo hoje triunfante, será substituído muito naturalmente e, nalguns casos, forçosamente, pelo altruísmo cada vez mais fecundo... Então, o homem deixará de ser o lobo do homem, e as duas palavras, hoje tão vazias de sentido, *fraternidade humana*, representarão uma realidade admirável e serão inscritas na frontaria dos templos, como hão de sê-lo na ternura dos corações.

CONTO INFANTIL

As aulas eram ao ar livre, que mais vale um mestre competente a ensinar de baixo de uma árvore, do que professores incapazes em escola bem aparelhada de tudo...

— Mestre — pregunta um aluno atilado — ¿que devemos fazer para, dé pequeninos, ficarmos livres de vícios?

O velho mestre, sem responder, volta-se para o aluno mais fraco e ordena-lhe:

— Arranque aquela planta.

— Esta, mestre? Até com uma só mão...

E o aluno franzino arranca fàcilmente a plantazinha.

— Muito bem. Arranque, agora aquela outra — ordenou a outro aluno mais forte.

A planta era maior. E o aluno fêz mais fôrça. Contudo, arrancou-a.

— Muito bem. Agora, vocês dois, arranquem aquela dali, vamos!

Os dois jovens fizeram mais fôrça, que a planta era maior, e, com bastante esfôrço, conseguiram arrancá-la.

— Agora, aquela árvore dali. Todos vocês...

— Aquela, mestre, nem o dôbro de nós todos, que suas raízes são enormes — respondeu o mais forte dos discípulos. — Só cortando, a machado.

— Cortar não é arrancar, que as raízes podem brotar depois... Pois bem, meus amiguinhos: os vícios são assim, devem ser arrancados, enquanto não criam em nós raízes profundas. Deixando que êles nos escravizem com o tempo, é deixar que suas raízes se aprofundem demais. Então, só cortando a golpes de fôrça de vontade. Mas ficam as raízes, que podem brotar às vezes com mais fôrça... É na idade de vocês, em que as raízes dos vícios ainda não tiveram tempo de se alastrar profundamente, que se devem arrancar as plantas danosas que procuram dominar nossa natureza, nosso espírito...

P. A.

(De *O Lar*, de Nova Iguassu)

HOMEM, TU MORRES?!... NÃO MORRES?!...

por F. Noronha

EIS um título, em estilo interrogativo, que se me gerou durante a leitura, no número de *Estudos Psíquicos,* correspondente ao mês de Dezembro último, do interessante e amplo artigo, «O Espiritismo nos Tribunais», ocupando-se do caso Humberto de Campos, notável escritor brasileiro, há anos desencarnado, mas cujas obras póstumas, ditadas a um médium, do Além, hão sido estampadas em edições sucessivas pela Federação Espirita Brasileira.

Trata-se de propriedade literária, em que a viúva de Humberto e filhos alegam direitos e reclamam participação.

Homem, tu morres?!... não morres?!... O espirita, garantido por fenómenos numerosos e inequívocos de sobrevivência e imortalidade, não formula semelhante pregunta, que seria disparatada.

No entanto, no geral e até talvez não raro em algum espirita, distraïdamente, é vulgar inquirir e ouvir inquirir, perante o cadáver, o corpo físico restituído à fonte natural e à completa desagregação e dissolvência para novas componências e alterações, em o nada se perde, tudo muda, tudo se transforma, do laboratório imenso da infinidade; no entanto, êsse inquirir, sôbre se tudo ali findou do que o assinara em vida e nada subsiste, nada dêle perdura já, êsse inquirir é de todos os dias, diante dos que vão a enterrar, quer de consagüinidade e afecto, quer apenas conhecidos e mesmo desconhecidos. Traduz isto o não conformar-se o indivíduo com o não ser individual, com a solução de continuïdade irremovível que de um momento para outro derruba todos os outros castelos da fantasia, todas as embófias da vaidade, esfria-lhe a língua no céu da bôca e atira-lhe, como fardo, o arcaboiço para o sorvedouro ilaqueável.

Abundam, em monumentos intactos de pretérito remoto e em vestígios e ruínas de idades vetustas, claros testemunhos de anseios de eternidade, porventura que lhe fôssem e sejam compensação do desespêro da sua impotência para vencer e suplantar a lei do acabamento, que o sacode e desilude em todos os seus planos de amanhã.

Sem embargo, vivemos ainda hoje, por exemplo, com os autores dos poemas da velha Índia, entendemo-nos com os cientistas da Grécia clássica e com os génios assombrosos da arte helénica maravilhosa nos prodígios de sua estética inimitável e esplendente. Disse um poeta francês, que não perece, Chenier:

«Trois mille ans sont passés sur les cendres d'Homère.
«Et depuis trois mille ans Homère respecté,
«Est jeune encore de gloire et d'imortalité».

Perduram, na duração eterna, em suas obras, como as Pirâmides do Egito em mais de 40 séculos de existência, conforme o oportuno brado de Bonaparte aos seus soldados, ao travar com os mamelucos a famosa batalha dêste nome.

Em outro sentido, com divergente modalidade e diferenciando-se de forma, exclamou poeta filósofo que honra a literatura portuguesa contemporânea e por certo, vindoiramente, ocupará lugar distinto na galeria dos privilegiados do idioma camoneano, Teixeira de Pascoais, em *As Sombras:*

«Abre os lábios, ó Vida, e vem dizer-me
«O teu segrêdo eterno! Ó sombra cósmica,
«Ilumina-te, sim; quero perder-me
«Em teu seio de luz não revelada.
«Quero-te ver, ó Vida, rosto a rosto!
«Qero tocar tua divina essência;
«Quero-te ver directamente; e não
«Através da Mentira e da Aparência.

Outro poeta filósofo e, a mais, espirita, de berço para lá da cordilheira pirenaica, autor de *Les Miserables,* Vítor Hugo, precedeu os seus carmes, *Les Rayons et Les Ombres,* de intróito que êstes períodos fecham:

«L'esprit de l'homme a trois chefs qui ouvrent tout: le chiffre, la lettre, la note.
Savoir, penser, rêver. Tout es là».

E êle, o espírito, rompe as sombras, os véus extensos. Se não penetrou ainda inteiramente nos segrêdos da vida, até certo ponto

realizou-a, por horas, com o inglês Morley Martin, fincando, em lâminas de vidro, formações suas, algumas das quais viveram «algumas horas, e outras alguns dias», e há de penetrá-las certamente, como a aviação vai penetrando sem cessar os insondáveis do Espaço.

São de Morley Martin estas palavras, dirigidas a um jornalista francês que o visitara com fins de «reportagem» e a quem patenteara as aludidas formações, mediante auxílio microscópico.

Traslado-as de artigo que as transcreveu publicado, sob o rótulo, *O mistério da Vida desvendado — Um sábio inglês conseguiu produzir animais vivos*, em número do «*Diário de Notícias*», do mês de Julho de 1931:

«É um grande êrro supôr que a vida é um estado do corpo. Bem pelo contrário, o corpo é um dos estados da vida, porque o protoplasma, substância que constitui a célula viva, é uma coisa eterna, indestrutível, contra a qual nada podem nem o tempo nem mesmo o fogo. É por isso que eu não quero que se diga que crio a vida. Eu reencarno, o que é inteiramente diferente, tomando para base dos meus trabalhos o protoplasma que, por processos químicos meus, extraio de diversos minerais, como a grêda ou as rochas calcáreas, o pó de esponja ou ainda o óleo de fígado de bacalhau. E foi trabalhando êsse protoplasma que consegui, depois de inúmeras experiências, produzir formações da vida de que aqui se encontram alguns exemplos».

Cumpre-me lealmente declarar, que não tornei a ler a mínima notícia ou a ouvir qualquer alusão relativa ao sábio Morley, que ao tempo vivia de profissional de farmácia.

Permanecerá encarnado? A julgar pelo seu retrato que acompanha o artigo, agora na minha presença, não deveria contar menos de 60 anos varados, quiçá muito à porta dos 70.

Como quer que se verificasse a hipótese, o flagelo deflagratório caído na sua pátria, entorpecedor e paralisador de tudo o que não seja a magna urgência de defesa nacional e a concomitante municiada actividade em outros teatros da luta, exigindo o esfôrço militar da Grã-Bretanha, êste quadro de intranqüilidade pavorosa tê-lo-ia desviado, fatalmente, da sua predilecção pesquisadora.

As elaborações, manuscritas e impressas, que se ocupam da vida e se preocupam com defini-la, de tal modo acessível que as ilumine a visão axiomática, a que nos conduzem as demonstrações dos teoremas matemáticos, incluindo-as por absurdo, essas elaborações de vulto colossal, numérico e qualitativo, tratados, teses, dissertações, comunicados académicos, lições catedráticas, orações de sapiência, cursos biológicos das maiores sumidades de laboratório e de beneditina paciência experimental, hão ficado aquém do problema desesperador, até hoje escondido na trincheira do enigma, que aliás não aterra nem faz desistir de dominá-lo inteiramente a quantos se enlevam nos relâmpagos da intelectualidade e atingem subindo, subindo sempre as sonhadas metas transcendentais do saber.

A Vida! ¡Que pulquérrima sublimidade peregrina tem arrancado á Arte em vôos altíssimos de execução maravilhosa!

¿Quantos vates, de requintados méritos e de soberba inspiração, a cantaram em suas liras de diamantes e em horas felizes de feiticeiro encantamento?! ¡Nesta nossa tira de continente europeu, beijado pelo Atlântico, nas orlas sul e ocidental, não é êrma a consagração poética da Vida em produções de mimo arroubante, entre as quais fulge, inofuscável, o primoroso estilo de João de Deus, o algarvio de estro inigualável e de estética excelsa em suas rimas impecáveis!

E a vida, grande na fauna da Terra, maior na das massas líquidas, imensa, incontável na dos ares, é o espectáculo de pululância inesgotável que oferece a Natureza, em tôdas as longitudes e latitudes, ao ávido olhar do homem, sequioso de surpreender-lhe o mistério.

Um sêr existe, a hidra de água doce que, cortada e recortada, vinca vitalidade em cada pedaço.

Homem, tu morres?!... não morres?!...

¿Debilitas-te, definhas, física e psiquicamente, de todo? Tudo te é prêsa aniquilável, absoluta e inevitàvelmente? ¿O mesmo pendor de dissolução totalitária do teu invólucro inanimado, invade e aprisiona o que em ti escapa aos sentidos e ao próprio exame sereno da consciência, a idéia, que te dá luz ao interior do crânio, velocidade sem elo comparativo ao pensamento, energia de heroísmo assombroso à dedicação? Já viste a idéia? ¿Ela tem côr, medida, forma, porventura? Se é simples, não matéria, ¿como seria possível à morte absorvê-la?!...

Não confundamos as coisas, interpretemo-las na essência, ou, pelo menos, tentêmo-lo.

Sem isso, estabelecemos confusão, amalgamamos ingloriamente.

* * *

De sobrevivência puramente material, findável, terrena, subterrânea, revelam-no-la a Arqueologia, as histórias gerais e as histórias dos povos.

¿O que significava sepultar os mortos, com os objectos de seu uso em vida e de seu regalo e com alimentos, que eram renovados?

Estão a acompanhar-me, na banca em que escrevo, três livros, do punho de mestres consumados, que encerram capítulos pormenorizados, em suas respectivas fontes, não só pelo que diz respeito à crença na sobrevivência material, mas na espiritual e imortal.

E apraz-me indicar-vo-los leitores benèvolos, pois é interessante a sua leitura e é presumível que não lhes faltem exemplares nas bibliotecas públicas.

São êles: *La Sociologie D'Après L'Ethnographie*, pelo dr. Charles Letourneau, liv. 3.º, caps. XIII, *Des rites funeraires*, XIV, *De la religion en général*, XV, *De la vie future; Les Origines De La Civilisation — Etat Primitif De L'Homme Et Moeurs Des Sauvages Modernes*, por Sir John Lubbock (tradução do inglês), capts. V, VI e VII — *La Religion; L'Art Et L'Archeologie* por Ernest Vinet, as primeiras 45 páginas do empolgante livro, assim rotuladas: *Religions — Les Paradis Profanes En Occident.*

Vem a pêlo, a propósito do vocábulo *Paradis*, paraísos, uma observação que o momento justifica.

¿Não será para os japoneses de acção moral decisiva a idéia de que morrendo nos campos de batalha, sacrificando-se pela Pátria, ressurgirão gloriosos em mansão paradisíaca?

¿Não foi o artifício de Maomé, inventando o seu paraíso de delícias e de úricas beldades, que fanatizou os árabes, insuflando-lhes no peito o ardor indómito de guerreiros e conquistadores?

¿O que importa a tais gentes o golpe de morte, nêste mundo, se vão encontrar, num rápido instante outra vida, de pleno gôzo, em moradas de ideal sedução?

Ideal, ideologia! ¿Não é motor humano, de mentalidade e de consciência, no activo de nossas faculdades?

¿A psicologia da grei não participa de assomo de justiça e não concebe uma suprema balança eqüitativa em sua distribuïção?

¡¿Não é núncio de bom senso êste ideal, e dura de razão equilibrada esta ideologia?!...

¿Não consentem cômputo os actos de abnegação, e deveremos classificar sem mérito os rasgos espontâneos, voluntários, em que se perde a vida, salvando a alheia?

¿Quem incutiu a idéia de justiça no homem?

¿Como brotaram as codificações penais na inteligência do bípede racional?

Por mero acaso?

¿Acaso tem fundamento, exprime alguma coisa, é sinónimo de qualquer substantivo ou palavra?

¿Quem dava constância aos fortes e energia épica aos débeis na Roma cesárica, mandados lançar às feras no anfiteatro por não quererem renegar a Jesus Cristo, rendendo o culto de sua adoração aos deuses do paganismo e expondo-se às vaias do povo-rei, ébrio de delírio por espectáculos sanguinosos, presididos pelo imperante, deus-homem, ¿quem dava essa constância e energia em tal grau, que as vítimas, resignadas e sorridentes, sem pestanejar, sem o mais leve sinal de susto ou de terror, se deixavam acometer por animais famintos que lhes cravavam as garras nos corpos e rasgavam as carnes, para logo convertidas no apetitoso manjar de banquetes crudelíssimos?!

Quem?!... ¿Não seria a fé inabalável na visão beatífica da bem-aventurança eterna, empíreo místico de Deus omnipotente e criador?

¿E quem guiou ao sepúlcro do Cristo peregrinos aos milhares em viagem penosíssima, para ali, dobrando o joelho, orarem contritos?

¿Quem, na Idade Média, foi origem do movimento das cruzadas à terra santa da Palestina, no intento de libertarem aquêle sepulcro do domínio muçulmano e em vez do emblema da meia lua, arvorarem o lábaro do Crucificado, entoando o *Te-Deum?*

Sempre a fé, a certeza de vida perpétua e paz divina, após os espinhos do presente em nossos míseros cárceres terrenos entenebrecidos.

Não foi de curta duração o período romano do bárbaro cenário do anfiteatro, hecatômbico, martirológico, ou era dos mártires.

Chegou até o govêrno do famoso Constantino, que não só não perseguiu os cristãos, mas atribuiu-lhes foros de cidade, reconhecendo-os oficialmente.

Aquêle período de sanha feroz contra indivíduos que não andavam armados, que não urdiam tramas de nenhuma espécie, para os quais o poder constituído não era motivo de revolta, em suma, que não davam escândalo nem se atravessavam a quem quer que fôsse e não fugiam ao cumprimento das leis do im-

pério, que jamais atraiçoaram, aquêle período sugeriu ao célebre Cardeal Wiseman, arcebispo de Westminster (Londres) a preciosa elaboração, traduzida em todos os idiomas cultos, havendo tido curso em nossa língua com êste expressivo título: *Fabiola Ou A Igreja Das Catacumbas.*

¡¿Homem, tu morres?!... não morres?!...

Não morre o homem, ou, dizendo com rigoroso acêrto de propriedade, só morre aparentemente.

Ainda mesmo a matéria que lhe hospeda a fôrça psíquica, que é pensamento, sensibilidade e vontade, com aspirações nítidas ao Infinito e com a noção de sêr perfeito, ainda mesmo essa matéria, renovada quìmicamente através da existência, contínua em seus elementos na universal circulação.

¿Temos nós, realmente, noção de sêr perfeito, e temos, outrossim, sêde de justiça, sêde insaciável?!

¿Como, semelhante noção e esta sêde que nos devora, sem sequer uma sombra de correspondência fundamentando-as?

Cogito, penso; *ergo sum,* portanto existo, dizia Descartes e não falecia de argumento no raciocínio.

Se temos noção do sêr perfeito e sêde insaciável de justiça, é de lógica de ferro concluir que existem, são realidade, são alfa e ómega, por si e em si.

Desejaria prosseguir nêste plano de filosofia, que, entretanto, se afasta do que me propus com as palavras que encimam as presentes linhas e me foram provocadas, como deixei dito, pela leitura do artigo *O Espiritismo nos Tribunais,* inserido no número de *Estudos Psíquicos,* relativo a Dezembro.

São muitíssimos os testemunhos de convicção de sobrevivência à morte física e de imortalidade espiritual.

Sabemos, documentalmente, que entre alguns povos se emprestava dinheiro a embolsar numa outra vida.

Prova categórica de arreigada crença em além da vida actual é, eloqüentemente, essa forma de empréstimo.

Nenhum registo, porém, indica, mesmo com laconismo a adivinhar, que a crença que animava aos contratos referidos houvesse base em consistência de factos de genérica ratificação.

Os fenómenos espiritas, própriamente ditos, ainda então estavam apenas em possibilidades porvindoiras, que haveriam de revelar-se, desdobrando-se e alargando-se por todos os pontos do globo terráqueo habitado.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

O ligeiro aumento no prêço da assinatura ainda mantém esta revista na vanguarda das publicações mais acessíveis. Das revistas científicas e doutrinárias, é a mais barata de tôdas, atendendo a que só vive das assinaturas. Há pouco recebemos correspondência em que se nos diz que cada exemplar de «Estudos Psíquicos» deveria custar sete ou oito escudos, se quisesse acompanhar o prêço das publicações congéneres.

¿E porque conseguimos nós enfrentar situação tão difícil? Devido, sem dúvida, a amigos fiéis que estão alerta, que nos auxiliam dedicadamente, enviando donativos ou angariando assinantes. Sem êsse apôio utilíssimo, sossobraríamos irremediàvelmente, tais e tantas são as dificuldades a vencer.

Agora, coube a vez à revista «Natura». Com 16 pequenas páginas, teve de aumentar o prêço para 2$00.

Mas é necessário que os espiritas se interessem pela nossa revista, afim de lhe proporcionar os meios de subsistência.

Acusamos a recepção dos seguintes donativos, que muito agradecemos:

M. N.	**540$00**
D. Beatriz Amaral	**10$00**
Anónima	**2$50**
Total . .	**552$00**

A esta hora do tempo, o espirita há na consciência de verdade irrecusável a certeza matemática de comunicação com o Além, num mundo espiritual, demonstrado com evidência de pormenores em ocorrências, muitas vezes implicando reabilitações de individual dignidade, soluções inesperadas de melindrosos problemas, verdadeiros deciframentos de intrincadas argúcias de carácter científico, em resumo, implicando luz em trevas.

Não, não morre o homem. É susceptível de queda, de apagamento temporário, de desmemoriamento, de miragens, de sonhos, de quimeras, de pesadêlos, mas nada disto aniquila a sua vida de espírito, o seu sêr imaterial, o eu, que não pertence ao contingente, ao mutável, ao pó que o vento leva e de que não permenecem saüdades.

Não morre o homem-espírito, vive na comburência da idéia, imortal e em acto de correlação com os vivos.

A CRISE DA VERDADE

pelo Dr. Luís M. di Cristoforo
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina

Tradução de I. D. S.

NUNCA o homem acreditou tanto e tão falsamente como agora. A superstição moderna supera todos os cálculos e de nada valem os esforços da ciência, nem os movimentos intelectuais para evitarem a sua marcha. Abunda o fanatismo, a intolerância e as superstições crescem, superstições com novos matizes, mas com as velhas raízes de sempre.

Uma faceta da superstição moderna é o valor atribuído — sem prévia análise — à palavra impressa. ¡Como se acredita nos caracteres escritos! Na situação actual, o poder da imprensa, seja qual fôr a sua categoria, constitui uma crença de acção psicológica importantíssima.

Existe um homem novo, um mau homem novo, que reflecte certa mentalidade doentia, que se mescla na multidão anónima e cujos gestos dão origem a acções irresponsáveis. São momentos especiais em que sentimento e volição se encontram galvanizados à torrente e assinalam verbos tonitroantes ou panfletos contundentes e acerbos.

A palavra escrita influi no homem, a ponto de lhe alterar a própria idiossincrasia, porque lhe engendra outras questões, substitui-lhe a vista e o ouvido, acabando por lhe roubar o intelecto. O indivíduo pode ter valor, mas a massa é que determina. O indivíduo pode ter o seu acento, a sua pronúncia, mas o número impõe-lhe o diapasão. Assistimos à subversão da consciência humana. A palavra escrita fabrica as opiniões e altera o sentido natural que se desprende das coisas. Por isso, é relativamente fácil preparar as guerras. A palavra escrita constitui um método de neo-educação solapada, mas real e perigosa.

Quando os caracteres de imprensa que lemos dia a dia lançam semente de pretensas reinvidicações, de mal entendida honra nacional, etc., etc., forjam ambiente guerreiro semelhante ao que antecedeu a Grande Guerra de 1914. Quando o que nos servem diàriamente se chama economia dirigida, problema racial ou ódios de classe, a fase reaccionária, mòrbidamente tradicionalista, acaba por alcandorar um «reinvindicador do povo e dos seus direitos» que começa por suprimir o direito dos outros, reservando-o discricionàriamente para si: é a ditadura.

Como vemos, esta inquietação colectiva é profunda, dos pontos de vista económico, moral, psicológico e político. O ditador é o fruto dum lento processo de maturação. O sentimento do indivíduo relaciona-se com o sentimento da massa, em virtude da acção da palavra escrita que o serve, atendendo aos altos interêsses existentes, em franca oposição com os queixumes do bem e da justiça.

A impressão de letras que desvirtuam as idéias, encerra depredação consciente para quem a serve, mas quási sempre inconsciente para quem é servido.

Êste é o grande problema, o grande drama psicológico do homem novo ante a acção ácida das massas, fenómeno recente na ordem das idéias e dos ideais. Em realidade, as massas impelem a nova ordem, a ordem diferente. A aparição das massas no cenário humano tende a nova convivência social. As massas movem-se por seus anseios e vitalizam-se pelo seu trabalho; ¿mas, até onde está o indivíduo com a massa? Por outras palavras: ¿até onde, convertido em massa, conserva o homem o próprio sentimento?

Tudo o que se desenvolve em tôrno do indivíduo impele à crença, quere dizer, age como fôrça impulsionante para que se creia. Há pois, contágio psicológico, devido a complexo reprimido e subjugado, idêntico na vida social e nas religiões, bem como em todo o movimento. Há uma espécie de colectivização de sentimentos que, individualmente, quási não existem. O sentimento colectivo obra como instrumento de dominação individual. Diferente mentalidade, diferentes sentimentos no tocante à arte, à filosofia, à religião e à ciência, sem compreender o alcance do seu vôo, do

NO MUNDO SOBRENATURAL

¿Poderão os chamados fenómenos espiritas ser explicados pela «quarta dimensão», ou pela existência de um «sexto sentido»?

Da «Revista Espirita do Brasil»

por J. Leomar Falcão

NADA mais ridículo e insensato para o homem, do que escrever sôbre um assunto que não entende, fora da sua especialidade. Deve escrever sôbre física, o físico; sôbre medicina, o médico; sôbre estatística, o estatístico; sôbre direito, o advogado; e assim por diante. Quando uma pessoa que não conhece sociologia, por exemplo, fala sôbre esta ciência, sua autoridade é nula e os sociólogos não lhe dão atenção. Tal como diz a sentença popular: «Cada macaco no seu galho...» eqüivalente ao «the right man in the rigth place», dos ingleses. Já se expressava assim o grande sábio São Tomás de Aquino: «Timeo hominem unius libri».

Evidentemente, não falo, aqui, do jornalista de profissão que tem o direito de escrever sôbre tudo, embora que epidermicamente, sem penetrar-lhe no âmago, nos segredos, que só ao especialista é lícito desvendar.

Também não me refiro, é claro, aos homens de sólida cultura geral, dotados de grande inteligência e poder excepcional de assimilação, que discutem e explanam, com segurança, problemas os mais diversos e complexos. Estes fogem à vulgaridade.

Isso não impede, entretanto, que, pelo impulso irresistível de escrever, aquêle que estuda, lê e medita, rabisque algo fora do campo da sua especialização, sôbre matéria algures esplanada, mesmo compilando.

É o meu caso: Jamais me dediquei a estudos de «metapsíquica», mesmo porque não disponho de tempo senão para os meus afazeres profissionais. Até as leituras suaves e românticas e as obras de ficção, que tanto excitam e ilustram a nossa imaginação, deleitando, do mesmo passo, o espírito, em meio das absorventes preocupações e responsabilidades da conturbada vida hodierna, repousam tranqüilamente nas minhas estantes, páginas cerradas, sem nenhum vislumbre de manuseio...

Ademais, a «metapsíquica» é uma ciência difícil e delicada e que exige, além de longas e penosas meditações, vasta erudição. Paradoxalmente, existe muita gente que, não possuindo o senso do ridículo, se julga capaz de emitir conceitos e tirar conclusões apressadas e pacóvias àcêrca da vastíssima e complexa rêde de fenómenos psíquicos.

Feitas estas considerações preambulares, quero frisar, portanto, que falo como leigo na matéria, desejando tão sòmente, com apoio em algumas leituras dispersas que tenho a respeito, dizer também qualquer coisa sôbre o «mundo do sobrenatural», a propósito do caso do famoso «médium» Chico Xavier, que tanto tem agitado os meios culturais do país.

Para fixarmos bem as idéias, comecemos por definir: «Metapsíquica» é a ciência que tem por objecto o estudo dos fenómenos mecânicos ou psicológicos devidos a fôrças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas, latentes na inteligência humana. Essa definição, aliás, é de Charles Richet, a quem se deve igualmente o têrmo «metapsíquica» hoje bastante generalizado.

E agora: que é a alma? Como nasce e de onde provém? ¿Qual a sua natureza e o seu destino? É a alma imortal?

A resposta não é fácil e tem desafiado a argúcia dos sábios. É como diz A. de Sampaio Dória (1): «O que seja a alma em si mesma, como o que seja, na sua natureza íntima, a electricidade, é problema até hoje sem solução científica. As leis que regem as manifestações da alma vão, porém, sendo fixadas com segurança e precisão. Por isto, (ainda fala Sampaio Dória), a psicologia, como ciência, não abrange os estudos especulativos da natureza íntima do espírito, da alma em si mesma».

(1) *Psicologia* — 6.ª edição — A. de Sampaio Dória — S. Paulo, 1938.

---

seu destino. Juízos que se rectificam tôdas as manhãs, interêsses que se desdenham por não serem doutrem, questões individuais que se desentendem por não terem relação — aparentemente — com as próprias questões.

Eis o profundo drama da sociedade moderna e a mentira que servilmente se oferece ao homem nos caracteres impressos que servem propósitos e interêsses inconfessáveis. É o drama da mentira sabida que nem a si mesma pode ocultar-se. É o homem que, nem mentindo, consegue achar o seu caminho.

Etimològicamente, escreve Ivan Monteiro de Barros Lins (1), as palavras «alma e espírito» significam «sôpro» ou «vento», sendo, de facto, na concepção teológica, a alma, o «sôpro divino que anima e dá movimento ao barro de que são feitos o homem, os animais e as plantas». Daí admitem várias Escolas, com Pitágoras, uma alma das plantas, uma alma dos animais e, finalmente, uma alma humana.

A coisa ainda se torna mais obscura se perguntarmos: ¿De onde provêm essas fôrças misteriosas, ocultas *(não habituais,* na expressão de Richet), que nos dão, às vezes, de modo imperfeito, uma idéia de realidade? ¿Como explicar à sociedade os fenómenos do psiquismo, da sobrevivência, do sonambulismo, do hipnotismo, da telepatia, das monições e premonições, da criptestesia e outros tantos?

Se nos aprofundarmos no estudo dêsses fenómenos e suas causas em busca da verdade, caminhamos, por assim dizer, dentro de um túnel, onde a luz vai falecendo, a pouco e pouco, até desaparecer completamente, ficando tudo na mais completa escuridão.

Não obstante, tentemos uma explicação «matemática», admitindo uma «geometria do sobrenatural» (2), ou melhor, supondo a existência de uma «quarta dimensão».

Com efeito, partamos dos 4 conceitos elementares da geometria: o ponto, a linha, a superfície e o sólido ou corpo geométrico, que, como se sabe, não se definem.

Definindo o «espaço metafísico» como o meio onde se realiza um fenómeno geométrico (3), temos, pois:

Ponto ou espaço de *zero* dimensões.

Recta ou espaço de *uma* dimensão.

Plano ou espaço de *duas* dimensões.

O espaço de três dimensões será, portanto, o próprio espaço em que vivemos ou «espaço euclidiano».

Mas, o que caracteriza a matemática é o espírito de generalização. Logo, nada mais lógico e natural do que admitirmos um espaço «quatro, ou mais *(n)* dimensões. (Na física atómica, por exemplo, já se têm realizado experiências num espaço de 26 dimensões!) Chamaremos, portanto, *hiper-espaço* ao espaço de quatro dimensões e *trans-altura* à quarta dimensão.

Sejamos mais claros, pela geração dos espaços: O ponto (zero dimensões) em movimento gera a linha (uma dimensão); a recta (uma dimensão) em movimento gera a superfície (duas dimensões); o plano (duas dimensões) quando se desloca, gera o espaço de três dimensões ou espaço euclidiano.

Logo: *Quando o espaço euclidiano (três dimensões) se desloca no sentido da trans-altura, gera o hiper-espaço (quatro dimensões).*

(Convém não confundir a quarta dimensão — o *tempo* —, na teoria da Relatividade, de Einstein, com a trans-altura).

Êsse novo espaco *(hiper-espaço)* é inconcebível para a nossa imaginação, como inconcebível para o nosso espírito é a trans-altura.

Pois bem: Partindo dessa noção, podemos dizer, conforme o prof. Otacilio Novais, um dos mais brilhantes matemáticos brasileiros: «A quarta dimensão é uma verdadeira *janela* aberta no mundo geométrico, pelo poder milagroso da matemática, podendo-se ver através dessa janela, o sobrenatural».

A revista «Directrizes» (Ano V, n.º 92, de 2-4-942) publicou uma interessante fotografia tirada em Belém (Pará) comprovando a veracidade da materialização. Na referida fotografia, a «médium» acha-se «engaiolada». O espírito, que se materializou, consegue transpor as grades da gaiola.

Êsse fenómeno pode ter plena explicação, se admitirmos a 4.ª *dimensão.*

Com efeito, um enclidiano (a «médium»), colocado numa célula, hermeticamente fechada, pode perfeitamente sair da mesma, com o auxílio da quarta dimensão: Um hiper-tipo (sêr da quarta dimensão), penalizado com a triste situação do euclidiano, vai ao interior da célula por intermédio da trans-altura e, ainda, com o auxílio desta, o transporta para fora da célula (J. C. de Melo e Sousa). Para o enclidiano, êsse facto seria um milagre.

O físico alemão Zoellner, afirmava que, diante de seus olhos, uma sementinha era introduzida no interior de um balão de vidro inteiramente fechado, desaparecia e reaparecia no espaço pela vontade de um «médium». Zoellner, que se confessava alheio à crença «espirita», explicava não só êsse facto, como vários outros fenómenos intitulados «mediúnicos», pelo mecanismo da trans-altura.

Em certas sessões espiritas os crentes asseguram que são observados desaparecimentos de certos objectos, que voltam, no fim de algum tempo, a reaparecer. Tornou-se célebre o médium Home que se dizia capaz de fazer tais milagres. Conan Doyle, famoso escritor inglês, referiu-se, em seus estudos, a um prestidigitador notável que depois de encerrado num aposento inteiramente fechado conseguia saír sem violar a porta ou fazer qualquer orifício nas paredes. Êsse «médium» realizava essa prodigiosa façanha (garantia Conan Doyle) com auxílio da «materialização».

Brofferio, sábio italiano, analisando as conclusões do auto de Sherlok-Holmes, colocou a questão nos seguintes termos:

---

(1) *Escolas Filosóficas* ou Introdução ao Estudo da Filosofia, de Ivan Monteiro Barros Lins — 2.ª edição, Rio, 1939.

(2) *História e fantasia da Matemática* — Melo e Sousa — Rio, 1939.

(3) *Revista Brasileira de Matemática,* ano IV, n.ºs 1, 2 e 3 (Abril-Maio-Junho, 1933) — Artigo do prof. Caetano de Oliveira: «Extensão metafísica do conceito de espaço».

«Para que um homem possa ir para o interior de um aposento fechado sem passar por portas ou janelas, é preciso forçosamente que atravesse as paredes. Nesse caso, três hipóteses podem ser admitidas: 1) que êle atravesse sem se desagregar, pelos intervalos inter-atómicos; 2) que êle se decomponha em matéria imponderável (desmaterializando-se), realize a travessia da parede e materialize-se em seguida; 3) que êle entre ou saia por uma quarta dimensão do espaço.»

A ciência moderna, embora admita a transformação da matéria em energia e a penetração dos electrões pelos espaços inter-atómicos, julga inaceitáveis as duas primeiras hipóteses do professor romano. A quarta dimensão é, pois, a única explicação racional para o fenómeno admitido como verdadeiro.

Segundo o matemático francês Laurent, os espíritos são seres que vivem no espaço de quatro dimensões (no hiper-espaço) procurando, assim, na Geometria, a solução do «insondável mistério do Além». Adianta, ainda, o prof. Melo e Sousa: «Admitida a alma como um «hiper-tipo», todos os chamados fenómenos espiritas estariam racionalmente explicados. O Espiritismo seria a vida na trans-altura do espaço.»

* * *

Abandonada a hipótese matemática da «quarta dimensão», preguntamos agora: ¿Ou os fenómenos da metapsíquica poderão ser explicados pela existência de um «sexto sentido»?

É o que responde afirmativamente o notável prof. Charles Richet, membro do Instituto Metapsíquico e professor da Universidade de Paris, no seu livro «O Sexto Sentido» (1).

Sustenta o prof. Richet, com os resultados das experiências que durante 50 anos realizou, que inúmeros factos provam a existência de uma «estranha faculdade de percepção fora do âmbito dos cinco sentidos», para conhecimento de certos fenómenos do mundo exterior. Essa faculdade é o que êle chama de «sexto sentido», ou seja, um sentido inabitual, de possibilidades verdadeiramente prodigiosas, a que o Espiritismo chama «mediünidade».

Mas... um sexto sentido, cujos «órgãos» desconhecemos? Falar de um sentido, que nem o vulgo nem os sábios admitem, de um sentido que reveste formas as mais diversas e estranhas, é realmente uma revolução, diz o ilustre professor Richet, acrescentando: «O que chamo de *sexto sentido será esta sensibilidade misteriosa que nos descortina, em alguns momentos fugitivos e dum modo imperfeito um fragmento de realidade.*

Como prova do sexto sentido apresenta, em primeiro lugar, as vibrações que nos cercam (a atracção, a fôrça magnética, as correntes de alta freqüência, as ondas hertzianas, os raios ultra-violetas, os raios de *radium*, os ultra-sons, etc.), os quais uns afectam e outros não a nossa sensibilidade normal.

Faz, a seguir, um breve histórico acêrca dos fenómenos de magnetismo animal, do sonambulismo, da telepatia, etc., negando ousadamente que haja, na Natureza, o *sobrenatural.* Propõe sejam chamados de *não-habituais* os denominados fenómenos sobrenaturais (fôrças ocultas).

Trata, ainda, de uma série de interessantes e curiosas observações e experiências que estabelecem a realidade do sexto sentido: alucinações verídicas, monições de morte, monições de aproximação, psicometria, reprodução de desenhos e experiências sôbre grandes sensitivos (o prof. Richet prefere dizer «sensitivo», em lugar do têrmo «médium», que condena).

De modo que a leitura atenta da obra do prof. Richet é bastante sugestiva e deixa a gente (principalmente os ignorantes no assunto como eu) *quási* convencidos da hipótese materialista de um *«sexto sentido»,* diante de uma balança misteriosa, cujos pratos oscilam entre a crença e a dúvida...

E nessa hipótese, pregunto eu, não estará o caso do «sensitivo» Chico Xavier?

Legant prius et postea despiciant...

---

(1) *Sexto Sentido,* de Charles Richet (Tradução de Yolanda Vieira Martins) — S. Paulo, 1940. Autor, também, de «A Grande Esperança», onde já abandona, em parte, a hipótese do *sexto sentido,* inclinando-se para o Espiritismo.

Reencarnação

Se não devemos aspirar à beatitude dos puros espíritos do país das quimeras; se não devemos entrever sempre além desta vida um trabalho, um dever, algumas provas e uma organização limitada nas suas faculdades vis-a-vis do infinito, ao menos é-nos permitido pelo raciocínio e ordenado pelo coração contar uma série de existências progressivas, em razão dos nossos desejos... Podemos olhar a terra como lugar de passagem e contar com um sonho mais doce no bêrço que nos espera algures. De mundo em mundo e libertando-nos da animalidade que aqui se opõe à nossa espiritualidade, poderemos conseguir um corpo mais puro e apropriado às necessidades da alma, menos combalido e menos embaraçado pelas imperfeições da vida humana, tais como as suportamos cá em baixo.

George Sand («Histoire de ma vie»)

NOVA CONCEPÇÃO DE VIDA

por Haydi de Thebelen

CADA época tem a sua moral própria. Presentemente constata-se que a moral que nos legaram os nossos pais não satisfaz os nossos espíritos. Precisamos criar uma nova moral cujas bases se adaptem à hora que decorre; hora de transição entre um mundo que morre e outro que nasce.

Urge construir os alicerces dum novo sistema de vida que prepare os homens e mulheres do futuro. É essencial que hoje se lhes ensine o que precisam para resolverem os grandes problemas que as novas sociedades terão de resolver e de pôr em prática.

Supérfluo se torna mencionar o que tanta vez se tem dito sôbre as velharias da agonizante civilização. As religiões, e, conseqüentemente a moral que cada uma delas ofereceu aos diferentes povos, não corresponde às exigências da vida actual, em que despontam asas para novos vôos.

Jesus, modêlo de Amor, Caridade e Resignação, ensinou ao género humano a Fraternidade, pedra basilar da felicidade. Poucos foram os que cumpriram rigorosamente os seus ensinamentos, quer os tivessem tomado como religião ou filosofia.

¿Quererá isto dizer que o seu método não resultou o desejado efeito? De modo nenhum. Jesus super-homem, ou como se diz em teosofia — aquêle que atingiu o plano divino, deu aos homens as mais belas máximas e exemplos que preencheram e ultrapassaram a sua época. A sua doutrina frutificou, e a sua obra foi a preparação para o novo ciclo em que a humanidade vai entrar. Evidentemente como em tudo, há espíritos que evoluem, outros que ficam em atraso. Mas a doutrina de Jesus o Cristo — o Perfeito — cumpriu a sua missão derramando luz no caminho dos homens. Assim a humanidade de hoje sabe que tem diante de si a estrada da Fraternidade, que tem de percorrer no cumprimnto dos verdadeiros princípios cristãos — não faças a outrem o que não queres que te façam a ti» — e «amai-vos uns aos outros».

A confirmar a necessidade de seguir êste caminho, basta ver a chaga que ainda sangra no Mundo Velho, profundamente ferido pela tremenda Guerra Mundial. Todos os espíritos bem formados reconhecem qua a hora soou para a execução das palavras do Nazareno. A sua filosofia de aparência bem singela, é contudo muito difícil pela grande soma de Amor, e pelo poder da Consciência que é necessário despender.

Entramos numa época de gestação de novas idéias e aspirações. A antiga ordem das coisas muda. Tôda a gente o constata:

Sem deixar de seguir as pisadas de Jesus todo o sentimento, e humildade, temos tammos também de entrar no âmago da Vida, estudando-a, rasgando os Véus tenebrosos da nossa ignorância — que são os nossos defeitos — para nos libertarmos dêles, e depois tornar a vida bela, como hoje nos ensina Krishnamurti.

Jesus foi um beijo de Deus feito carne; foi o amor cristalizado pelo êxtase, a caridade transcendente amparando com infinita doçura o martírio humano. Flor de infinita tristeza sofreu a dor de seus irmãos terrenos, foi ao mesmo tempo um sorriso de Deus a dar esperança ao atormentado coração humano.

Jesus amou, chorou e sofreu; amparou os infelizes e por êles morreu, porque a humanidade ignorante é uma plêiade de desgraçados que se debatem no êrro e portanto na Dor.

Jesus ressurgindo nas celestes alturas iluminou o género humano, que já pressente o frémito da Vida, e a quere compreender. Desejosos de rasgarem as trevas do passado, os homens de hoje procuram o caminho da Verdade. Já sabem que a Vida e a Verdade são sinónimos da mesma expressão de beleza divina. A humanidade atónita olha-a, ainda sem a compreender; mas procura libertar-se das grilhetas dêsse passado de egoísmo e de horrores. É já uma grande tentativa, porque ao homem antigo bastava-lhe acreditar na existência de Deus dentro da fé cega. Com essa crença se contentava, mas hoje ela não satisfaz o seu espírito, onde despontam asas para novos vôos no conhecimento de que possui uma alma que é êle próprio, e diante da

qual se estendem vastíssimos e deslumbrantes horizontes. Quere percorrê-los, na pesquisa da sua personalidade, convencido que também tem de seguir a sua rota, como os astros, como tudo que obedece à eterna lei da evolução.

E nêste ponto Krishnamurti, o grande impusionador do pensamento moderno afirmou quanto a êle, o que cada homem deve dizer de si mesmo. — «Para mim, o único fim, a única *meta* no mundo que é real, absoluta, absoluta como o infinito, é a *Verdade*. O homem que dela teve a visão, mesmo nos seus momentos de maior luta, tem, por êsse facto, criado para si próprio êste fim eterno».

Todos nós, mais cedo ou mais tarde, teremos de atingir a meta. É certo que só as almas já tocadas pela espiritualidade compreendem o que significa a meta. Aquêles que ainda nimbam na ilusão do grosseiro materialismo, e nas superstições religiosas classificam-nos de utopistas, outros riem-se de nós.

Para atingir a meta, é preciso como disse há pouco, romper as grilhetas do passado, nas quais estamos amarrados, ou então tropeçamos a cada passo. Êste gesto implica revolta contra usos e costumes absurdos. Mas, se bem observarmos, Jesus apesar da sua divina doçura, foi um dôce enérgico. Por isso êle disse: — «Deveis estar dum lado e não do outro: não podeis ser neutros.» Portanto necessário se torna que cada um crie em si êsse *desejo de libertação*, êsse amor pela Vida, essa ânsia pelo conhecimento da Verdade. ¿Que fazer então para o conseguir? Ser forte, deixando o homem ou a mulher de serem escravos das correntes exteriores que são as superstições religiosas.

Destruir essas superstições contribui poderosamente para construir *o domínio mental e emocional.*

Diz ainda Krishnamurti: — «Deveis aprender a fiscalizar o mental, torná-lo activo e ao mesmo tempo subordinado, e quando em vós a união dos três corpos for perfeita, a voz da intuição vos guiará para sempre e vos conduzirá para a libertação e para a Felicidade».

Os espíritos atrasados olharão o indivíduo que assim proceder como um revoltado. Jesus nêste sentido também o foi, e todos os que transitem para o auto-domínio, o são necessária e automàticamente. O indivíduo timorato não realiza; é como a água estagnada que apodrece; a água revolta que se agita, cria o movimento que é expressão da vida.

Os neo-espiritualistas sabem que o seu Eu, é uma expressão da vida consciente, individualizada, que se chama Espírito.

Êste conhecimento, esta sabedoria, só a obtêm cada um pelo seu próprio esfôrço, na grande escola da vida. Estudando-a, observando-a, dissecando-a, amando-a, penetrando-a até ao âmago, chega-se a conhecê-la e a compreendê-la, nas suas mais profundas e belas manifestações.

De tudo podemos obter lições; na alegria, na dor, no êxtase. Observar tôdas as nossas emoções, controlá-las, corrigi-las, se elas encerram mêdo, desconfiança, incerteza. Purificá-las desligando-as dessas pesadas sombras, e elevá-las ao equilíbrio do belo e do perfeito quanto possível. Assim, de esfôrço em esfôrço, atingiremos a liberdade do espírito, que é o remate de tôdas as nossas etapas com que temos de coroar as nossas vidas para entrar na Vida.

A nova moral preparará o homem para fazer uso da vontade, na certeza de que só êle, vencendo as lutas em que o embrenharam os seus erros, as suas imperfeições, poderá chegar ao domínio de si mesmo.

«Conhece-te a ti próprio» — quando ao homem for ensinado desde criança êste princípio, e com o avançar da idade aprenda que possui vários corpos, os quais têm a sua relação com a Natureza-Mãe, e as suas funções na vida orgânica e espiritual, o sêr humano mudará o rumo das suas concepções sôbre o mundo. Êste aparecer-lhe-á sob um aspecto absolutamente diferente. A sua acção como indivíduo mudará em absoluto, e, em conjunto os homens formarão uma moral em antítese àquela que hoje rege o mundo.

O homem e a mulher conscientes do seu próprio Eu, compenetrados do dever do seu aperfeiçoamento representam um formidável progresso. E aquêle que ler a história dos nossos usos e costumes, pasmará do que hoje se chama — a moral. Esta parecer-lhe-á o maior dos absurdos, do mesmo modo que actualmente para os leigos na espiritualidade os nossos pontos de vista parecem a maior das utopias.

Quando oficialmente fôr ensinado o princípio reencarnacionista e da causalidade (Karma), a moral mudará completamente. Será o ciclo da aplicação do verdadeiro cristianismo adoptada à futura época. A doçura, o Amor, e a resignação de Jesus serão ligadas ao poder da Vontade criadora ao serviço do Bem.

A moral no próximo ciclo da humanidade será o claro reflexo duma época de regene-

Como divulgar o Espiritismo?

por Quintín López Gómez

Tradução de I. D. S.

Quintín López Gómez, o grande espirita espanhol há pouco desencarnado, apresentou no último Congresso Internacional do Espiritismo, realizado em Barcelona, uma pequena tese que sintetiza a sua maneira de ver, quanto à forma de divulgar a nossa ideologia. Vamos oferecê-la aos leitores:

Tôda a emprêsa humana, para ser levada a efeito com êxito, requere três coisas fundamentais. Primeira— planeá-la bem; segunda, vitalizá-la decisivamente; terceira, dignificá-la pelo exemplo.

Na apresentação do probelma: «Como divulgar o Espiritismo?», temos, em primeiro lugar, de saber o que entenderemos por Espiritismo.

Tem-se dito em todos os tons que o Espiritismo é um sistema científico, filosófico e moral, que procura conhecer tôdas as leis da Natureza e determinar a missão do homem dentro dessas leis, em sempiterno viver.

Por conseguinte, a primeira coisa que se nos impõe é adaptar o mais possível às leis da Natureza, o Espiritismo que intentamos divulgar.

Êste é o aspecto científico do Espiritismo.

«O Espiritismo será científico, ou não será» — disse Kardec com visão profética; o tempo tem-nos demonstrado que o Espiritismo, uma vez afastado dêsse caminho, cai sempre no ridículo.

Para que o Espiritismo crie raízes e cresça ufano, é preciso, pois, que seja científico e que os seus divulgadores harmonizem as suas hipóteses com os postulados da Ciência.

Ciência e Filosofia não são coisas dispares e antagónicas, mas aspectos da mesma realidade, pois que, sendo concordes, proporcionam mais clara e ampla visão e compreensão do motivo examinado; e, sendo discordes, entenebrecem-no e desvirtuam-no. Portanto, é necessário que o Espiritismo a divulgar entrelace os dois aspectos com o fio de Ariadna, que distinguimos com o nome de Lógica.

Se a Ciência e a Filosofia não discordam entre si, também não discordam da Moral. Pelo contrário, esta é o ornamento daquela. Logo, o Espiritismo que se deve divulgar, será Científico, Filosófico e Moral.

* * *

¿E que é a Ciência Espirita, a Filosofia Espirita e a Moral Espirita? O que é a Ciência, a Filosofia e a Moral, aplicadas aos nossos postulados.

A Ciência reduz-se ao cada vez mais amplo e depurado conhecimento das coisas, através das leis que as regem, donde se conclui que não é imutável, mas imorredoira. A nossa Ciência — seja qual fôr o aspecto por que se encare — não é, «no actual», a ciência dos nossos tetravós, mas a mesma Ciência «no virtual». Êles entendiam por Ciência o que conseguiram determinar pela observação com os meios de que dispunham; nós entendemos por ciência o que conseguimos compreender

ração, suprimindo o grosseiro egoísmo que hoje impera, pela aplicação consciente dos deveres do indivíduo, para com êle e a colectividade. Será em suma a época da verdadeira moral humana, que dará à Vida um aspecto real.

Tudo será mudado, desde a organização familiar até aos Estados, dirigidos por homens e mulheres absolutamente integrados nos princípios espiritualistas — reencarnacionistas, então religião e filosofia oficial.

Presentemente somos os obreiros dêsse edifício da Concórdia; que Deus nos dê fôrças e luz para colocarmos em bom lugar a nossa pedra, que ela fique contribuíndo sòlidamente para a grande obra de regeneração humana, que é hoje o nosso sonho e uma das nossas mais queridas aspirações.

pela observação, com os meios de que dispomos. A fonte é a mesma e os mesmos foram os resultados. Mas a nossa Ciência não é tôda a Ciência, nem está isenta de nebulosidade; da mesma forma, a nossa verdade não é tôda a Verdade, nem está isenta de erros. Portanto, a nossa Ciência geral, não pode nem deve dizer: «esta é a verdade», mas deve dizer: «esta é a verdade do presente».

De idêntica maneira deve comportar-se em relação à Filosofia. Esta, como se sabe, nutre-se da observação quintessenciada. Newton deduziu a lei da gravidade da quéda duma maçã. Para milhares e milhares de pessoas, o fenómeno não tivera importância alguma; para o génio reflectido de Newton, o facto obrigava-o a meditar na razão por que todos os corpos caem verticalmente para o centro da Terra. Assim, o filósofo é um indivíduo que, da coisa mais simples na aparência, sabe extrair a substância e, por uma série de verdades concatenadas, induz ou deduz uma lei, que lhes é comum e que em muitas ocasiões não está concorde com a experiência, embora o esteja com a lógica, que é a verdade de ordem moral ou metafísica, tanto ou mais positiva, do que a que se vê ou apalpa.

Na Moral, finalmente, há que apreciar também, de preferência, o fundo e a forma, e, sobretudo, que desenvolver os seus princípios, proporcionados pelas emotividades que, por seu turno, são amalgamadas no cadinho das sensações. Ensinar a distinguir as sensações é ensinar a pulir as emotividades e engendrar uma consciência recta, justa equânime. Não é o temor que faz o homem bom, recto, íntegro; é a persuasão que leva a compreender que devemos proceder assim, para nos pormos de harmonia com a Lei.

* * *

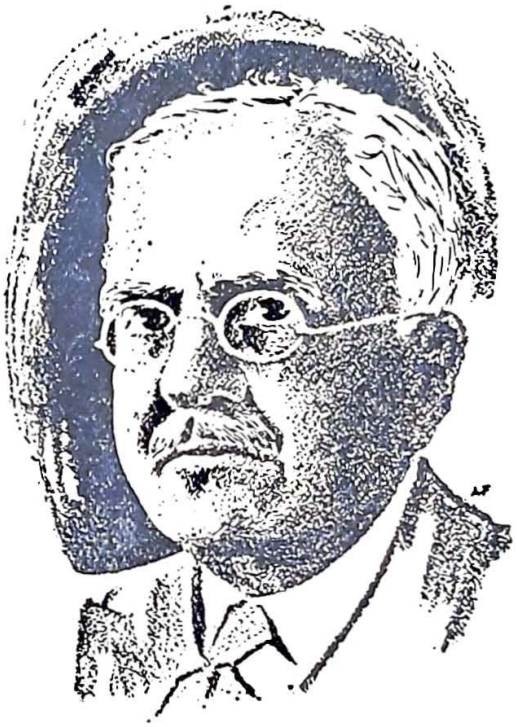
Faça-se, pois, Ciência Espirita e divulgue-se Ciência Espirita, desenvolvendo e afinando a sensibilidade, rectificando e sublimando as emoções e fazendo exercícios de lógica, que nos proporcionam os conhecimentos físicos, metafísicos e morais.

¿Quais são os melhores métodos de trabalho? Não há outro mais adequado que o estudo, isto é, a observação, a análise e a indução e dedução filosófica. ¡Gimnástica físico-psíquica, muita gimnástica físico-psíquica! A física, para mantermos mente sã em corpo são; a psíquica, para saltar do conhecido ao desconhecido com auxílio do trampolim da lógica.

¡Não esqueçamos que qualquer têma que abordemos, se o abordarmos bem, estará de perfeito acôrdo com o nosso Credo!

* * *

Procedimentos? Todos são bons, todos são úteis, desde que se adaptem às circunstâncias de lugar e ambiente.



QUINTÍN LÓPEZ GÓMEZ

A conversação familiar, o discurso, a fôlha volante, o periódico, o livro, a radiofonia... e, sobretudo, o exemplo pessoal.

Já que invocámos a Ciência, a Filosofia e a Moral, as nossas palavras e os nossos actos devem demonstrar que são prendas de uso próprio. Já que invocámos o livre-exame, não temos o direito de ser intransigentes e dogmáticos. Já que aceitámos a evolução, devemos aguardar pacientemente a germinação, o crescimento e a frutificação da semente que lançámos à terra.

Organização? A mais adequada em cada caso, mas sempre no intuito de irradiar as nossas aspirações de maior desenvolvimento intelectual e moral, sem fanatismo, pedantaria ou mêdo.

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

F) Neo-Psicologia Experimental

por Ramos Pereira

EXISTE no homem uma fôrça vital que êle pode projectar a distância e por cujo intermédio pode realizar certos actos fora das condições normais da preensão e do tacto» (axioma de Crookes).

Êste postulado, deduzido duma multiplicidade de factos, ou prova que a matéria é mais que o aglomerado de átomos ou que há um princípio superior no homem. Spurzheim e Gall e a frenologia, Laváter e a fisionomia descritiva, Gerard Encausse, Cesare Lombroso e Crépieux-Jamin com a grafologia comprovaram tôda a pujança do paralelismo psico-fisiológico, mas não a dum dinamismo psico-físico.

Os trabalhos de Mesmer, Braid e do Abade de Faria levaram alguns experimentadores ousados à inclusão do método científico na psicologia, em nova via, e de fenómenos que a ciência repudiara mas que eram conhecidos desde a mais alta antiguidade (Cf. João Antunes in «Oedipus. História e Filosofia do Hermetismo.»)

A experimentação psicológica foi, assim, levada a um ponto julgado impossível.

Dividiremos êste estudo em vários capítulos, dos quais tiraremos as conclusões.

1.° — Magnetismo
2.° — Telepatia e alucinações
3.° — Psicometria
4.° — Constituïção do homem
5.° — Energias psíquicas
6.° — Fenómenos espiritas.

I — Megnetismo

O magnetismo pessoal ou animal é uma fôrça que se revela na influência que um indivíduo pode exercer sôbre outro ou sôbre um objecto pela acção da vontade ou pelo emprêgo de processos naturais. Essa influência faz-se, não por intermédio duma substância palpável, mas por um agente energético que parece existir em estado latente no indivíduo.

Êste agente está em razão directa com a fôrça de vontade. Êle vive da capacidade psíquica de poder despender e guiar uma grande energia voluntária. Não basta dizer «quero»; é preciso que nêste «quero» se resuma tôda a capacidade voluntária do indivíduo.

Apesar de conhecido no Oriente e no Egito desde a Antiguidade, só em 1774 foi descoberto na Europa por Mesmer, cujas conclusões foram rejeitadas pela Academia Francesa. Mais tarde, James Braid chegava aos mesmos resultados e que êle classificou de «hipnotismo».

Embora os efeitos sejam muito semelhantes e se ponham em jôgo as mesmas energias, entre o magnetismo e o hipnotismo há diferenças apreciáveis.

Assim, enquanto no hipnotismo se pretende uma excitação nervosa especial, no magnetismo procura-se atingir todo o organismo, isolando-o do meio. Para tal, aquêle utiliza geralmente um objecto brilhante cujos reflexos foca na retina do passivo; a sensação prolongada cansa as células nervosas e o indivíduo cai num sono especial. O magnetismo actua, principalmente, no sistema nervoso ganglionar por meio da energia de acima falámos.

No fundo, em ambos os casos se produz hipersensibilização que, se no hipnotizado se revela tal como é no normal, no magnetizado pode ser experimentada e modificada.

O passe magnético visa a não acumulação da acção em certos pontos, mas a sua distribuïção por todo o corpo.

¿Mas existirá de facto essa energia? Reichenbach provou-a com as suas expe-

(*) Ver *Estudos Psíquicos*, de Julho de 1944 a Julho de 1945.

riências sensacionais e deu-lhe o nome de «Od». Inúmeros aparelhos têm surgido para a medir: o estenómetro de Joire, o sensitivómetro de Durville, o pêndulo de Briche, o magnetoscópio de Rutter, o magnetómetro de Fortin, os cilindros de Thore, os aparelhos de Leger e Planat, o galvanómetro de Puy-Fontaine. Com êles se determina uma verdadeira fórmula biométrica do indivíduo. Baraduc concluíu as seguintes leis:

1.ª — o magnetismo é influenciado por um modo próprio a cada indivíduo;
2.ª — a cada indivíduo corresponde uma fórmula biométrica que é alterada, quando nêle se dá mudança da personalidade física ou psíquica;
3.ª — na vitalidade normal, o desvio da agulhã varia de sentido com a aposição das mãos.

Esta energia magnética produz um sono especial mais profundo que o normal e susceptível de vários grupos de intesidade:

1.º — Credulidade
2.º — Letargia
3.º — Catalepsia
4.º — Exteriorização da sensibilidade
5.º — Sonambulismo.

Na credulidade o passivo tem tôdas as suas faculdades, havendo apenas diminuïção da vontade que se revela em ter relutância de aceitar qualquer coisa como verdadeira. Há como que uma substituïção de vontade, pois que as faculdades obedecem prontamente à vontade do sujeito. Mas se êste a não impuser, o funcionamente é perfeitamente normal. Porém, a alteração pode ser tão profunda, que o sujeito, atacando a consciência do passivo, consegue cambiar-lhe a personalidade. É neste estado que os psiquiatras actuam geralmente sôbre os maníacos.

Começa-se por sugestões simples mas enérgicas, que se vão complicando até à afectação da própria actividade intelectual.

Na sugestão magnética provoca-se possìvelmente uma anevrosia, um entorpecimento do fluido nervoso donde deriva o amortecimento da vontade do passivo.

Ochorowicz tentou dar uma explicação para aquela energia psíquica que o magnetómetro revela. Supôs êle que, sendo o pensamento um acto dinâmico, pela fôrça da vontade, a vibração não se condiciona ao indivíduo, propagando-se ao ambiente. Aplicando um princípio de reversibilidade (tôda a fôrça que se propaga transforma-se ao encontrar uma resistência), quando o pensamento sofre duas ou mais transformações e depara um meio análogo tende a recuperar o seu carácter primitivo. Esta dedução peca, porque se baseia numa hipótese gratuita que é a recuperação do carácter.

Dal Pozzo («Un Capitolo de Psicofisiologia») considera o pensamento como uma forma de movimento que, partindo das células nervosas, se transmite, formando uma ondulação de propagação indefinida; e isto porque tudo na natureza é vibração. Mas o movimento apenas se transforma ou propaga conforme encontra meios dissemelhantes ou análogos. Daqui a razão da sugestão. É uma hipótese bastante viável, mas que o estado de credulidade não basta para demonstrar.

Na fase da letargia que se obtém pela continuação da acção magnética, o passivo dorme profundamente, o corpo lasso, os músculos distensos. Quando é perfeita, a sensibilidade desaparece (analgesia). Cloquet, Filassier, Lafow, Recamier, Pelletan, Darieux, Faure, etc., conseguiram efectuar difíceis intervenções cirúrgicas em doentes no estado de letargia. Que prova isto? Que a essência da sensibilidade não reside, nem é uma simples qualidade das fibras musculares.

Na catalepsia, letargia profunda, os músculos são fàcilmente excitáveis e as articulações enrijam extraordinàriamente. Tuda leva a crer que esta rigidez tetânica provém da acumulação do agente magnético. Difere da catalepsia patológica, que é resultante sempre duma doença do sistema nervoso.

Após o estado cataléptico, segue-se a exteriorização da sensibilidade. A experiência clássica consiste em picar o ar circundante ao passivo até que êste denote a sensação dolorosa. Quando nêste estado se pica o passivo, êste não acusa o toque, o que radica a impressão de que a sensibilidade não reside no corpo material; e agora diremos que não reside também na alma, a não ser como faculdade, como poder de

receber a excitação e corresponder a ela com a reacção.

A experiência de Rochas prova a existência de uma nova substância humana que não só ajuda a explicar os fenómenos da neo-psicologia experimental, como aclara o paralelismo psico-fisiológico.

Magnetizando um passivo, colocou sôbre êle uma placa de gelatina bromuretada onde se reproduziu uma imagem. Quando era picada a placa sensibilizada o passivo acusava, revelando um traço vermelho sub-cutâneo quando o experimentador furou a placa. Os dr. Luys e Paul Joire confirmaram êstes notáveis trabalhos.

Que poderemos concluir? Que a sensibilidade é uma das qualidades dum corpo semi-material que em certas circunstâncias se pode separar da matéria corpórea. Borrut e Burot («La suggestion mentale et l'action à distance des substances toxiques et médicamenteuses») auxiliaram aquela demonstração, fazendo actuar a distância o iodoreto de potássio, jaborandi, ópio, valeriana, cantárida, apomorfina, ipecacuanha, escamonera, alcool, etc. Elie Meric («Le Merveileux et la Science») fêz uma experiência análoga com a essência de timol. (Cf. Dr. Luys in «Phénomènes produits par l'action des médicaments à distance»).

O quinto é o mais elevado estado do sono magnético em que o passivo acorda da catalepsia para uma hipersensibilidade extraordinária. Embora sugestional e obediente, o sonambúlico está na posse plena das suas faculdades.

É, porém, ainda susceptível de 3 fases graduais: 1.ª — coma, em que numa semiletargia não há percepções visuais nem reacções voluntárias; 2.ª — sono, com percepções visuais pouco nítidas; 3.ª — lucidez, em que o passivo se supera a si próprio. Esta lucidez varia, porém, de sonâmbulo para sonâmbulo. Há os que vêem os objectos escondidos (criptoscopia); há os que vêem a distância (telescopia), etc.

Êste sono tem as mesmas causas que o sono fisiológico, pois é proveniente de uma mais intensa desfosforação cerebral. Contudo, êste não pode explicar as idiossincracias daquêle.

Como explicar então a dupla vista? Recordando o que dissemos atrás e socorrendo-nos dos trabalhos de Kerner, Billot, Chardel, Rochas («Extériorisation de la Sensibilité»), Bertrand, du Potet («La Magie Devoilée»), Charpignon, Ricard, Loubet, Teste, Aubin, Gauthier e outros, teremos de imaginar que a substância inteligente a que demos o nome de alma e a substância sensível que hipnotizámos se separam da substância material. Mas, continuando a inter-influência a dar-se, é necessário que haja um laço a ligar essa substâncias, laço de acção energética. Rochas e Durville confirmaram esta hipótese com a sua fotografia de duplos de passivos em hipnose profunda.

Em alguns casos raros o passivo passa espontâneamente ao êxtase magnético que só se pode explicar por um desprendimento mais perfeito do duplo. O corpo arrefece consideràvelmente e o pulso quási deixa de bater; deixa de obedecer à vontade do sujeito, tem a visão de coisas distantes guardando delas uma recordação confusa.

II — Telepatia e alucinações

Dá-se o nome de telepatia à classe de fenómenos psíquicos de transmissão do pensamento, de visão súbita ou previsão de sucessos.

Os primeiros são explicáveis pela teoria de Dal Pozzo e deparam-se no sono magnético em que o passivo obedece a uma ordem mental. De facto, o pensamento sob a fôrça da vontade redunda numa vibração de grande freqüência que, encontrando o meio predisposto do passivo ou do sensitivo, causa uma vibração sincrónica. O fenómeno telepático propriamente dito pressupõe sempre um sujeito e um sensitivo.

Estes fenómenos são tão comuns, que não nos deteremos mais na sua análise.

A visão e a previsão dadas geralmente em sonho são, a meu ver, mais interessantes e complexas. No sonho temos a distinguir duas formas: — normal ou natural, e supranormal. O primeiro é uma verdadeira continuação da corrente da consciência, em que a substância inteligente não se desprende da matéria que repousa no sono. Nêste estado, as sensações externas ainda nos afectam, embora modificadas pelas circunstâncias; a ficção produz-se com muito maior facilidade, não existindo uma vontade que a refreie. O indivíduo deleita-se ou sofre com o conteúdo da sua própria consciência, vivendo no presente o que no passado experimentou; associa, altera, destrói, num fanatismo prodigioso.

Assim, se o sono é fisiológico, o sonho é puramente psicológico.

Podemos classificar os sonhos normais em várias classes:

1.ª — Puras ficções
2.ª — Ficções com possibilidade (idealização)
3.ª — Realização ideal de desejos
4.ª — Progressão da corrente da consciência
5.ª — Pesadêlos
6.ª — Recordação simples de factos
7.ª — Idéias desordenadas e sem causa explicável

A ficção é uma idealização da realidade. É o sonho do poeta que vê e frui a presença daquilo que fantasiou. Difere da segunda classe, tanto quanto a ficção difere da fantasia.

O terceiro grupo resume, segundo Sigmund Freud, tôda a natureza do sonho. Nêle, o ambicioso vê realizadas tôdas as suas aspirações.

Quando um problema nos preocupa, o trabalho mental prossegue durante o sonho e é vulgar encontrar a solução durante êle. O quarto grupo prova de facto a continuïdade da consciência.

No pesadêlo, sonho de emoções fortes, atrabiliárias, ou denota um mau funcionamento cerebral (febre) ou uma estrutura psíquica perturbada.

O sexto grupo é a simples revivescência das sensações passadas, mas duma forma mais nítida que no estado de vigília.

O último grupo consta de idéias ou imagens destacadas, desconexas, separadas por intervalos de escuridão completa.

Mas nem sempre um sono normal é acompanhado de sonho. Por vezes um grande cansaço físico ou intelectual mergulha o indivíduo num sono tão profundo, que ao acordar não pode recordar o sonho, se acaso o teve. Nêste estado o corpo não obedece aos reflexos, o que deve provar uma forte coesão entre a substância material e a substância sensível. É nêste caso que se pode dar o sonho supranormal, no qual se filia a visão e a previsão.

A visão propriamente dita consiste em observar um objecto que tarde se vem a reconhecer ou em descrever um que, colocado a grande distância, nunca tivemos dêle conhecimento de trato. A previsão é igualmente a visão dum sucesso que se deu ou que se está a dar e que o sujeito desconhece; nela se engloba a chamada visão profética (Cf. Gurney, Myers e Podmore in «Phantasms of the Living»). Regra geral, na previsão o facto da-se sempre com um indivíduo ligado ao sujeito por laços de afecto ou família.

É possível que, ao dar-se o sucesso, a personagem emita um pensamento forte que, como vibração que é, ressõe no vidente pela harmonia que a simpatia estabelece entre as suas sensibilidades.

A estes fenómenos devemos ajuntar uma outra classe que se dá, normalmente no estado de vigilia, e que, como as anteriores, pressupõe o elo simpático para a harmonia vibratória. Referimo-nos à intuição ou pressentimento, conhecimento súbito de um facto longínquo.

Falemos agora da alucinação telepática. É esta uma «percepção sensória que não tem um objecto físico que a faça nascer». Produzida por uma impressão psicológica momentânea, é de curta duração e normalmente não se repete. Gurney, Myers e Podmore (Cf. op. cit.), compendiaram quási 500 casos de alucinação telepática.

Podemos dividi-las em três grupos:—visuais, auditivas e tácteis. A estatística constatou que êstes casos se dão na maioria, quando um indivíduo se encontra em grave perigo ou moribundo e o liga ao sujeito o elo da simpatia. A teoria de Dal Pozzo (Cf. op. cit.) aplica-se e, digamos, é confirmada por estes fenómenos. «Ante o perigo eminente — diz Martins Velho — a alma concentra tôda a sua potência de exteriorização numa vontade irresistível de se fazer ver ou ouvir por uma pessoa muito querida. Essa vontade assim concentrada produz no éter ondulações especiais que, propagando-se com a velocidade da luz, e indo ao longe embater num cérebro capaz de as perceber, vai reproduzir nêsse cérebro uma imagem ou som igual ao que produzira tais ondulações.» (Cf. Potências Ocultas do Homem»).

De tudo quanto dissemos até aqui, podemos concluir por uma hipótese que é quási uma certeza: — existência no homem de três substâncias de naturezas diferentes: substância material (corpo), substância inteligente e uma substância em que reside a sensibilidade, capaz de em certos casos se exteriorizar sob a forma dum duplo (Cf. A. Assier, in «Essai sur l'Humanité Posthume») e a que chamaremos perispírito.

ESPIRITISMO—CIÊNCIA SUPREMA

pelo Dr. Inácio Ferreira
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Uberaba

VI

SEM estudo perfeito ou mesmo a simples compreensão do valor do *perispírito, a* medicina material ver-se-á sempre tolhida na sua evolução.

A individualidade na sua peregrinação pelas vidas sucessivas, por intermédio do *perispírito,* impregna-se dos acontecimentos vitais durante as suas existências na matéria, acontecimentos estes que se estampam de tal maneira e tão eficazmente, que a matéria não é bastante para atenuar as lembranças, as recordações, como nos casos dos meninos-prodígios ou dos criminosos precoces.

A *intoxicação psíquica,* quer passada, quer presente, baseada no estudo do *perispírito,* em breve será o apôio mais eficiente para a explicação dos *porquês* e das *origens* no campo da etiologia.

Esta, responsável pelas origens das causas mórbidas que tanto perturbam aquêles que se dedicam ao campo da medicina, deixará de ser o espantalho dos que invalidam os raciocínios e destroem as pesquisas processadas com tanto carinho e tanta persistência.

Os casos *exquisitos* que zombam das leis e das teorias patológicas, não ficarão relegados aos *termos-cemitérios,* por inexplicáveis e incomodativos.

A patogenia estabelecerá, mais fácil e criteriosamente, os mecanismos das causas perturbadoras dos dessequilíbrios orgânicos...

A patologia geral, enfeixando os quadros nosológicos, será revista e quási tudo aquilo que ora enfeixa nas suas classificações, deverá ser abandonado para dar lugar a classificações outras, por baseadas em dados seguros e eficientes, prestando, assim, um serviço imenso, pois facilitará aos demais ramos especializados, novas pesquizas, determinando novas leis, estabelecendo novos sintomas e facilitando enormemente os diagnósticos e prognósticos...

O equilíbrio vital se estabelecerá mais fàcilmente e mais fàcilmente se contrabalançarão as influências, quer endógenas ou exógenas, quer visíveis ou invisíveis, atenuando-se as oscilações bruscas, das quais se originam tantos tropeços na estrada da vida humana...

As causas *eficientes e predisponentes* terão o seu campo mais dilatado com o estudo das *mediünidades;* e as causas *adjuvantes,* com o estudo das *influências invisíveis,* contituïrão um estudo protector para melhor tranqüilidade e melhor harmonia de vida.

O modo de reacção do organismo; as variações de intensidade mórbidas; as modificações funcionais; as lesões estruturais; sintomas objectivos e subjectivos; sinais patognómicos, etc., tudo aquilo que serve para classificar, descrever e prevenir, será reforçado e dilatado com os novos contingentes, de que se tirará o necessário para corrigir, substituir e modificar.

A *patologia geral,* como síntese da ciência médica, será enriquecida no acervo dos seus conhecimentos e se transformará na verdadeira estação irradiadora para atenuação dos males humanos.

O *perispírito é* «o instrumento da personalidade espiritual que sobrevive à morte do corpo físico. É êle quem transmite à alma, as volições, e ao corpo as impressões. É o repositório das fôrças e dos sentimentos que vivificam e animam o organismo...»

Sem o estudo do *perispírito.* — o *primum movens* — o ponto de partida de um grande número de causas patológicas, a medicina continuará às-cegas, tudo escuro, e o fio de Ariadna continuará a ser manuseado, ainda, se prosseguir em busca da Verdade, em busca por muito tempo, como ponto de apôio para se prosseguir em busca da Verdade, em busca da origem primitiva, ponto capital para fazer da medicina uma ciência consciente e eficiente...

FIM

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

I

Como o vento que nas alturas do Horeb precedia a passagem do SENHOR — vento de tempestade que despedaça as rochas e faz tremer as montanhas, — a voz do Precursor retumbava no deserto de Judá.

Prègava a penitência e o baptismo, como indispensável preparação para o Reino de Deus, que sempre e mais do que nunca, no tempo de Herodes, todo o verdadeiro israelita esperava com ansiedade e angústia.

Porque o Reino de Deus, a vinda do Messias, era, sem dúvida, não só o reino da Paz e da Justiça, mas também e acima de tudo, a libertação do detestado jugo de Roma, uma idade de oiro, de triunfo e de prosperidade material.

As doze tribus voltariam do Aqüidão e do Meio Dia, para junto dos seus inimigos confundidos, numa terra de sonho, onde à colheita se sucederia a colheita e às vindimas as vindimas, onde as árvores, durante todo o ano, ofereceriam os seus frutos às mãos cubiçosas.

Era a restauração do Reino de Israel e ao mesmo tempo a fundação do Reino de Deus.

Israel aguardava ansiosamente o dia da libertação, e orava, rogando ao Pai Celestial o envio do Príncipe da Paz, dando assim cumprimento às profecias de Isaías.

As palavras tinham-se perpetuado, mas o seu sentido era diferente. Assim como as nuvens perfumadas se elevavam nos altares do Templo de Salomão, assim também as preces e a esperança de todo o povo de Israel subiam até os pés de Jeová; mas o incenso divino desfazia-se em culto material, perdia-se no odor dos holocaustos da terra. E, João, o Precursor, restituía agora à grande esperança o sentido que Deus lhe imprimira.

Para estas inteligência rudes, para êste povo de dura cerviz, a voz do que anunciava a vinda do Messias fulgurava de ameaças.

As multidões juntavam-se à sua volta, no deserto de Judá e nas margens do Jordão.

Sôbre a cabeça dos ouvintes pesava o séu tempestuoso; e como um ribombar de trovão, aquela voz bradava:

— Raça de víboras, ¿quem vos ensinará a fugir diante da cólera que se aproxima? ¡Já o machado está pôsto à raiz das árvores!...

Para os humildes e arrependidos, aquêle homem vestido de peles de animais abrandava, adoçava as suas expressões, dava conselhos cheios de sabedoria e justiça. Chamava cada categoria de ouvintes aos seus deveres próprios e úteis.

Cada um devia corrigir a sua vida, entrar no bom caminho, cumprindo de boa vontade a humilde tarefa cotidiana. As veredas a preparar para o Mestre voltavam a ser inteiramente espirituais.

Espalhava-se a fama do Baptista: ¿Que ensinava êle? E antes de tudo:

¿Quem era êle para assim perturbar as inteligências?

Os fariseus e os sacerdotes, atentos e surpreendidos, mandaram-lhe emissários de Jerusalém para resolver a questão decisiva: ¿Era ou não êle o Messias prometido?...

Não: não era o Messias e nem mesmo se julgava digno de Lhe desatar as correias das alparcas. Prègava a penitência. Baptizava na água... O desejado das nações, êsse, baptizaria no Espírito e no fôgo... Jesus, o anunciado, o esperado, viera confundido com a multidão ao baptismo do Precursor. Juntamente com todos os outros, entrara no Jordão. O Espírito Santo, a tôda a hora invocado, pairara em forma de pomba sôbre a cabeça do Filho do Homem.

Fôra isto presenciado por João e pelos seus discípulos. Ao saír Jesus do rio, ouviu-se uma voz, que designava o Filho à obediência dos homens. Mas só por um debate de humildade, só para pedir que se fizesse inteira justiça, Jesus falara.

E novamente o silêncio... Durante quarenta dias, ia-se cumprindo na alma do Precursor, e, sem dúvida, também nas almas de algumas testemunhas a quem estas cenas admiráveis mais tinham impressionado, aquilo que os seus profetas tinham predito e descrito e que, aliás, por si mesmo, agora verificavam com seus próprios olhos,

O AMOR TUDO VENCE

por Ângelo da Costa Cabral

III

Como o amor actua

OS métodos do Amor, que são os métodos do *Cristo*, de Aquêle que disse: «Amai os vossos inimigos, abençoai os que vos amaldiçoam», «Que aquêle que estiver isento de pecado, atire a primeira pedra». É que não há quem possa atirar a pedra, porque ninguém está isento de culpa, nem superior às fraquzas do próximo.

O Amor não condena, não critica, não julga, não castiga, não exclui, não despreza. Ao maior criminoso, ao pecador mais aviltado, diz ùnicamente: «— Vai e não peques mais». É apenas esta a sua sentença. Devido a êle a mãe vê no filho desencaminhado, não o criminoso, mas sim o ente divino criado por DEUS e que ainda pode manifestar-se. Quando todos acusam o culpado, o Amor grita: Alto! Esperem! Há nêste homem uma parte divina.

O Amor ensina-nos a tratar o crime como o CRISTO tratava o pecado: como uma doença que pode curar-se, usando o bálsamo do Amor em lugar do tratamento violento. O Amor há de transformar as prisões em escolas de regeneração de criminosos.

O verdadeiro Amor não é interesseiro, dá tudo e dá-se a si próprio nada pedindo em troca. Quem ama verdadeiramente, deseja a felicidade dos seus e não pensa na sua. Sente prazer em amar até mesmo sem ser correspondido, ùnicamente se contenta com a felicidade do sêr amado. Sem o Amor, o que as mães sofrem pelos filhos matá-las-ia! Mesmo a metade dêsses trabalhos sem amor, endoidecê-las-ia. O mesmo se dá com o chefe de família, que é obrigado a trabalhar de dia e de noite para sustentar a família, mas como os ama não se lastima. O que mata é a ansiedade e não o trabalho. Quem corre por gôsto não cansa. As coisas feitas de boa vontade, com amor, não custam.

O Amor brota de tudo o que é lindo, puro, verdadeiro e valioso, não cansa, não entristece. Os métodos do Amor levam-nos em linha recta ao fim, porque são os processos de DEUS.

Usai o Amor e obtereis a felicidade.

O Amor é a chave mágica que abre não só todos os corações, mas também o caminho

---

deixando-se penetrar de um terror sagrado.

Ilumina-se um ponto, depois outro... Um despontar de aurora sucedia à longa noite...

O lugar onde se encontravam convidava-os ao recolhimento.

Os nomes abençoados de Moisés e de Elias enchiam aquelas almas nas margens do Rio Sagrado — onde a história do povo escolhido pelo Senhor tinha as suas maiores recordações.

Nêste vau tinham os Israelitas atravessado o Jordão para entrar na Terra Prometida... Aqui tinham acampado, além elevara-se Elias para o Céu, num carro de fôgo...

No lugar em que o Precursor baptizava, espraiava-se o rio, à maneira de lago, não longe do vau destinado às caravanas.

Na margem Oriental, grandes penedias a pique embebem-se de luz maravilhosa, vestindo-se de rossicleres pela madrugada e ao entardecer envolvendo-se de arrebóis, transformando a sua própria desolação em constante magia de côres.

Ao ocidente, a margem plana cobre-se de árvores e de arbustos. Os loendros, os salgueiros e os jasmins confundem-se e abraçam-e num amplexo de amor. Com seus rápidos vôos, bandos de pombos bravos cortam alegremente a atmosfera cálida.

Abstraíndo a passagem das caravanas e o tumultuar da turba ansiosa por ouvir o Profeta, a solidão era completa naquelas paragens longínquas.

É estranho o carácter desta terra sagrada: ¡Tanta vida ao lado de tanta morte! Com uma hora de marcha, passava-se dos esplendores de Jerusalém à desolação do deserto de Judá.

No espaço de uma hora, João Baptista e outro maior do que êle, em vez do vozear da multidão, só ouviam o murmúrio das águas e o esvoaçar de algum passarinho retardatário...

do mesmo. A sua poderosa fôrça torna duradouro tudo em que toca.

Para que a esmola seja verdadeiramente útil é preciso que aquêle que a dá se dê a si próprio.

Se tentarmos que o Amor irradie através de nós, não nos podemos limitar a ganhar a vida e a cuidar das coisas materiais.

Qualquer que seja a nossa profissão precisamos tratar do bem da humanidade.

É preciso fazer algum trabalho desinteressado.

Poderemos cobrir de flores a curta estrada da vida.

A falta de dinheiro não nos impede de produzir um trabalho desinteressado, de dirigir sempre um sorriso ou uma palavra a todos aquêles com quem estamos em contacto: colegas, chefes, contínuos, criados, vendedores de jornais, condutores dos eléctricos, etc.

As palavras amáveis, os sorrisos e os estímulos parecem à primeira vista coisas de pouco valor, mas são capazes de tornar nulidades em verdadeiros valores.

Lembrai-vos do que vos disse na minha conferência «O PODER DO AMOR»: de como algumas palavras de incitamento, fizeram do aluno considerado o mais estúpido da classe, o famoso Dr. Clark, o célebre autor de várias obras interessantes e importantes.

Agora vou contar-vos um facto mais singelo, mas não menos significativo. Uma pobre creancita considerada por todos como preguiçosa, estúpida e incapaz de fazer coisa alguma de aproveitável, escorraçada pelos pais, irmãos, patrões, etc., estimulada e encorajada por alguém que lhe disse que fizesse as coisas com cuidado que a levaria a passear, e para provar à família que ela era capaz de fazer as coisas bem feitas e depressa, provou mais uma vez o bom resultado de tal método.

É um verdadeiro crime estar constantemente a dizer a alguém que é estúpido ou incapaz de fazer coisa alguma.

É coisa simples levar a alegria, a coragem e a paz a qualquer sítio onde vamos. Não faltam oportunidades, e se as perdemos não voltam mais.

Há numerosas ocasiões de escrever uma carta ou dizer uma palavra carinhosa, de prodigalizar pequenas amabilidades. Tudo isto dá uma satisfação duradoura.

Irradiar em torno de nós, sem distinção, o Amor e a Caridade é colaborar com DEUS. Êstes pequeninos serviços que podemos praticar diàriamente, sem prejuizo dos nossos trabalhos, desempenharão na nossa felicidade um papel mais importante do que o dinheiro que podemos ganhar.

O coração enriquece pelo que dá e não pelo que recebe.

É apenas pela prática diária do Amor com todos, que poderemos obter êsse amor divino, desinteressado e espontâneo. Quem experimentar usar o Amor reconhecerá que êle resolve todos os problemas da vida, que opera miraculosamente e dá a saúde, a opulência, a felicidade.

Se os infelizes que as discussões, a cólera, a impaciência, o mêdo, a dúvida, a incredulidade, o pessimismo, o ódio e a má vontade torturam, e envelheceram e lhes transformaram a vida num inferno, quiserem apenas experimentar êste processo, simplesmente por pouco tempo, não mais voltarão ao antigo modo de viver, abandonarão os ralhos e os ciumes, bem como as impaciências, e verão desaparecer as rugas da face; a alegria e a felicidade inundar-lhes-ão o rosto e a alma, conhecerão o céu na terra, porque estarão em harmonia com a Lei do Amor Divino.

Nenhum outro processo consegue dar-nos a felicidade: o egoísmo, o ódio, a vingança, a malquerença e as lutas não dão a felicidade porque são contrárias às Leis de DEUS.

O estar sempre à espera de encontrar qualquer defeito, o estar sempre a censurar ou a repreender os outros pelo que fizeram ou deixaram de fazer, traz a infelicidade a nós e aos outros.

O estar sempre a ralhar e a descobrir faltas desanima, desgosta e tira a vontade de trabalhar. O hábito de contrafazer os outros destrói a harmonia.

O Amor não procura corrigir defeitos ou transformar más inclinações chamando a atenção para uns ou para outras, simplesmente os neutraliza despertando as virtudes contrárias. O Amor é o grande alquimista que transmuta o negro chumbo dos nossos defeitos, no ouro puro das nossas virtudes, como o raio de sol afasta a escuridão, não batendo-lhe, mas fazendo penetrar lá a sua luz.

Uns elogios generosos, benévolos, sem restrição, uma vez por outra produzem maravilhas.

Despertai os bons instintos em lugar de tentar corrigir os maus e admirar-vos-eis quão depressa e alegremente são correspondidos os vossos estímulos.

Há qualquer coisa no nosso íntimo que protesta quando pretendem forçar-nos. Um tra-

balho imposto, uma obediência forçada nunca dão resultado.

O Amor entre patrões e empregados — Em geral, se tratardes os vossos subordinados, criados ou empregados àsperamente, censurando-os por qualquer pequena falta, gritando-lhes: — Não vê o que fêz, não sabe o que faz, não sabe fazer nada, faz tudo o pior que pode, etc., tornareis piores aquêles que quereis corrigir, fortificando-lhe o seu lado mau. Se em lugar de procederdes assim, observásseis docemente: — Não ficaria melhor assim? Darieis uma descompostura, mas essa admoestação agradaria, pareceria uma amabilidade, uma lição em que aprenderiam muito; um ser assim eleva-se, dingnifica, aperfeiçôa, o calor do seu Amor faz desabrochar as boas qualidades nos outros.

Alguns homens sabem tornar bons empregados tôdas as pessoas. Como Henrique Ford, transformam garotos das ruas e criminosos saídos dos cárceres em excelentes empregados despertando o que há de melhor nêsses sêres, dirigem-se á sua vontade, aos sentimentos do belo e da justiça, e, em resumo, tratam-nos como êles próprios desejariam ser tratados.

Empregai a Regra de Ouro, isto é, «Fazer aos outros o que querieis que vos fizessem» (S. Mateus VII-13).

Esta é a melhor regra de conduta que se adopta, e o homem há de acabar por reconhecer que a sua felicidade reside na felicidade dos outros. Ela fará desaparecer o conflito entre patrões e empregados.

Muitos negociantes importantes, tais como Gordon Selfridge, Henrique Ford, João Wanamaker, Carlos Schwab e outros, devem o seu sucesso e popularidade entre os empregados à seguinte conduta que passo a resumir:

«Dão aos empregados um salário suficiente e *tratam-nos de maneira que não os receiam.* Um sorriso, uma palavra amável fazem maravilhas. Criam-lhe o sentimento da responsabilidade. Distribuem a participação dos lucros aos empregados. Fazem-lhes compreender que são unidades necessárias, uma rodagem importante, por mais modestos ou insignificantes que sejam, na grande engrenagem dos negócios. Tratam-nos como desejariam ser tratados ou aos seus filhos».

Um negócio que não aproveite a ambas as partes, quer se trate de clientes ou empregados, é um mau negócio.

A única maneira de obter do trabalho todo o proveito possível é, despertar o amor por êle, testemunhar aos operários simpatia e bondade e tratá-los sempre com respeito.

Há empregados novos que, com a desculpa que não ganham o ordenado que julgam merecer, relaxam-se, trabalham o menos possível e sem perfeição, mas privam-se assim de obter a melhoria de situação a que aspiram. O patrão que explora um empregado não lhe pagando o suficiente procede mal, mas o empregado que não cumpre com os seus deveres, rouba o patrão e procede mal igualmente. O empregado descontente que aspira melhorar a sua situação deve trabalhar o melhor e o mais possível, porque se assim fizer, terá não só a satisfação do dever cumprido, mas acabará por receber a recompensa a que aspira.

Os bons chefes, os bons patrões fazem bons empregados e vice-versa.

O Amor transforma os inimigos em amigos. Os inimigos desaparecem se os tratamos como amigos, e como desejaríamos ser tratados. Só conserva inimigos aquêles que os trata como tais.

Recusai lutar, empregai antes as vossas energias em obras criadoras.

Recusai discutir, recusai lutar; esta é uma das mais proveitosas normas de conduta, hoje já seguida por um certo número de pessoas.

Um inventor, a quem uma pessoa encarregada de fazer as peças dum invento, conseguiu entrar na sua ausência e copiá-lo, estava resolvido a tentar uma demanda longa e trabalhosa para castigar o ladrão, mas uma senhora que seguia êste método aconselhou-o a desistir, dizendo-lhe que as preciosas energias que iria gastar nessa demanda deveria empregá-las para fazer outro invento, o que seria mais útil. O senhor — dizia ela — possui um bem que ninguém lhe pode roubar, e com êle fará mais inventos; êle seguiu o conselho e em vez de um invento a humanidade beneficiou de dois.

Notai que cedendo em vez de lutar, dando em vez de pedir, pedindo desculpas o ressentimento desarma-se e os bons sentimentos despertam no coração de quem vos prejudicou. Conquista-se assim a benevolência de pessoas consideradas inimigas.

O amor faz com que os trabalhos e canseiras se tornem leves e fáceis.

Não é o trabalho que mata, mas a ansiedade. É difícil sucumbir devido a um trabalho feito com gôsto, lá diz o provérbio: «Quem corre por gôsto não cansa». O tra-

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Em confissão sincera, o nosso colaborador sr. coronel João Augusto da Costa conta-nos como chegou ao Espiritismo, após muitas dúvidas e hesitações...

DECORRIAM os meus dezóitos anos... Meu saüdoso pai insistiu por que eu seguisse a carreira eclesiástica, com o que eu já não estava muito de acôrdo. Tinha entrado no meu espírito a dúvida...

Ouvira discorrer muitas vezes sôbre o inferno, chamas apavorantes, ranger de dentes, etc., desenhando-se na minha imaginação quadros sobremodo impressionantes. Mas um dia a razão pesou tudo isto. Foi como que um ariete a abrir brecha na muralha das minhas crenças. ¡Podia lá ser um Pai Clemente e Misericordioso criar e manter uma fornalha hiante e ardente para torrefacção de seus filhos delinqüentes?!...

A idéia que eu fazia do amor de Deus não me permitia responder afirmativamente.

A dúvida foi alastrando sôbre outros pontos doutrinários, resolvendo, com grande desgôsto paterno, dar nova orientação à minha vida. Matriculei-me num liceu de província. Depois, alistei-me num regimento de infantaria. Büchner, apreciava-o nas minhas horas vagas. Pode dizer-se que teve influência nas minhas crenças. Mas, em verdade, alguma coisa havia em mim, que a sua filosofia não conseguiu extinguir: Eram os restos da minha crença, que, afinal, eram tudo: — Deus e Alma. Porém, só o Espiritismo, mais tarde, mo revelou, porque eu não sabia definir o que era que em mim sentia, daquelas crenças que entram em nós ou que em nós se desenvolvem acariciadas nos braços ternos de nossas mães.

Büchner tinha-me, pois, levado para o campo materialista.

Nesta situação e depois de decorridos muitos anos, um oficial me falou de Espiritismo, recordando o nome de outro oficial bem ilustre, sócio de vários institutos científicos, que também era dado a estudos psíquicos. Compreendi que o Amigo, que me falava de Espiritismo, tinha desejo de que eu abraçasse esta doutrina. Fiz-lhe sentir o melhor que pude, que o Espiritismo não me interessava.

Decorridos poucos meses, um outro amigo, êste, bacharel em teologia e reitor de um liceu do continente, me falou também de Espiritismo, insistindo para que eu lesse o volume do «País da Luz», de Fernando Lacerda, o primeiro então publicado, dizendo-me, quando lho restituí:

— A Igreja condena o Espiritismo, mas isto é verdade, isto é muito bom.

Contudo, a leitura não abalou as minhas convicções e eu não pensei mais nas comunicações do «País da Luz». Providencialmente, um dia, quando já a neve dos anos me branqueava a cabeça, fui prestar serviço militar numa cidade, onde tinha (e felizmente ainda tenho) pessoas de família, que haviam organizado entre si um grupo espirita, único que, então, poderia merecer-me crédito pelo conceito pessoal dos seus componentes.

Algumas vezes fui convidado para assistir às suas sessões. Eu prometia ir, mas qualquer desculpa me servia para justificar a não comparência, até que um dia uma dessas pessoas me diz:

— O primo não comparece, porque tem mêdo...

— Eu lhe provarei que não tenho mêdo, — respondi; mas, antes, desejava, se fôsse possível, saber o que pensam os espíritos de

---

balho que amamos não custa, é pelo contrário um prazer e um estímulo perpétuo.

Se um trabalho vos custa, procurai achar-lhe interêsse, tomar-lhe o gôsto, e fazê-lo com tôda a boa vontade, e tornar-se-vos-á fácil.

Todo o bom trabalho tem a sua recompensa.

Como muito bem diz Marden: «o Amor nunca está tão carregado que não possa ajudar, nunca é tão pobre que não possa dar; nunca está tão ocupado que não tenha tempo de ser bom e caritativo».

À Margem dos Livros

por RAMOS PEREIRA

RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA MEDIÜNIDADE E REENCARNAÇÃO, pelo *Dr. Gustave Geley*. Edição de «Estudos Psíquicos Editora». Lisboa, 1945.

Embora escrita há anos, não perdeu esta obra as suas carcterísticas de actualidade. É um livro clássico, como já o são, também, os de Kardec e L. Denis. A sua publicação veio preencher uma lacuna que se fazia sentir na bibliografia espirita portuguesa (original ou traduzida); lacuna, porque nela não existia um «resumo» que nos desse uma tão perfeita visão do conjunto das bases do neo-espiritualismo espirita.

Contràriamente à atitude de crítico unilateral assumida por Sudre e outros metapsiquistas, G. Geley, o animador do Instituto Metapsíquico Internacional, faz justiça quando diz: — «O Espiritismo só admite factos experimentais, com as deduções que dêles se desprendem» (p. 25). «O Espiritismo não tem a pretensão, um tanto enfática,, de explicar tudo, inerente às religiões e às filosofias» (p. 26).

Num plano quási pedagógico, Geley dá-nos, na primeira parte desta obra, em resumo, sem se deter em longas transcrições de fenómenos observados, os pontos capitais da doutrina espirita, «uma ciência positiva, baseada no conteúdo experimental dos fenómenos psíquicos e nos ensinamentos dos espíritos elevados». A espiritualidade e a imortalidade do homem, a evolução anímica como complemento da evolução cósmica, o papel dos «elementos superiores» da personalidade (alma e perispírito) e o condicionamento na desencarnação são vincados em pinceladas fortes, seguras, sem ouropéis de fantasia a encobrir obscuridades ou divergências.

Depois... notámos em Geley uma ironia! Êle parece escutar os sorrisos dos incrédulos, as invectivas dos caluniadores, os apodos cuspidos pelos maus; e para se lhes revelar a sem-razão... lança-lhes em rôsto a plêiade brilhante de cientistas que construiram os fundamentos práticos do Espiritismo.

Como êsses «nomes» podiam fazer vacilar alguns nas suas convicções... cépticas, Geley indica «as condições para a produção dos fenómenos», como a afirmar que cada um pode e deve experimentar por si.

No mesmo tom de síntese, revê as categorias dos fenómenos, dando-lhes depois uma explicação, a explicação espiritista. E Geley sorri... antes de elaborar um somatório remarcável de «provas indirectas»: — «O pensamento humano, habituado há séculos aos dogmas misteriosos e às obscuridades transcendentes dos sistemas metapsíquicos, dificilmente concebe a possibilidade de soluções claras e racionais do grande problema do nosso destino» (p. 88).

O autor mostra: — o acôrdo entre o Espiritismo e o Transformismo e a luz que aquêle lança sôbre êste, luz reveladora dum caminho mais vasto e belo; — entre o Espiritismo e a Fisiologia, permitindo resolver o problema árduo do paralelismo psico-fisiológico; — a contribuïção notável que a doutrina veio dar para um mais perfeito conhecimento do homem (Psicologia, Patologia); os pontos similares do monismo de Haeckel (v. a concepção monística da «Grande Síntese»), no evolucionismo de Spencer, no pensamento de Hegel, Leibniz, Pitágoras, Platão, etc.

E termina com um bosquejo das conseqüências extraordinárias da doutrina e com um grito de advertência: — «Ninguém tem o direito de combater sem prévia contra-experimentação...». «Justificada ou não justificada, a doutrina espirita é suficientemente grandiosa para suscitar discussão profunda aos pensadores. aos sábios e aos filósofos» (p. 135). Talvez não me afaste muito do pensamento de Geley, dizendo por êle: — «Aí vos deixo um corpo de idéias; experimentai a vasta fenomenologia. Vêde se sois capazes de edificar sôbre ela uma teoria mais completa e mais bela, mais consoladora, mais... humana».

Isidoro Santos traduziu na 2.ª parte a «Introdução ao estudo prático da mediünidade», talvez porque no seu espírito germinava a idéia de que a obra poderá ser lida por um não-crente que, levado pela animosidade, queira investigar!... Não tendo o carácter do «Livro dos médiuns» de Kardec, sendo uma «Introdução», não deixa, porém, de ser um repositório sugestivo e valioso das condições que devem preceder os trabalhos práticos e continuarem-se nêles.

Na 3.ª parte, surge-nos a luminosa resposta de Geley, o metapsiquista, ao inquérito de Innocinzo Cal-

---

minha mãi e de minha sogra a respeito dos funerais, que lhes fizeram. Será possível?

— Veremos!

Decorridos alguns dias sôbre nova sessão, tive uma informação que, pela exactidão dos factos, me satisfaz completamente.

Comecei então a freqüentar regularmente as sessões dêste grupo familiar e nelas se radicou a nova crença, aquela que hoje me anima, e que é, nêste mundo de desilusões, a minha maior felicidade.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Um fantasma na B. B. C.

Da revista inglesa *The Two Worlds*, transcreveu *A Verdade*, do Recife, a seguinte notícia:

«O *Sunday Dispatch* é um diário londrino que não afaga a esperança de abraçar o Espiritismo, mas costuma veïcular factos espiritas. Como explicar essa aberração? O cronista só encontra uma explicação racional para isso e é que êsse periódico de grande tiragem sente-se premido pela opinião pública que, relegando dogmas teológicos e pseudo-científicos, exerce acentuada influência na imprensa inglêsa em geral. Vejamos o que escreveu o mencionado órgão, subordinado ao título supra:

«Durante os terríveis meses de bombardeamento, o sr. John Irwin, da B. B. C. (Rádio Emissora Britânica) viu o fantasma dum bispo — ou teve um sonho extraordinàriamente vívido.

«Tôda a noite estivera de serviço e às 6 horas da manhã dirigia-se ao abrigo subterrâneo da Emissora, para dormir. Encontrou, porém, um amigo que lhe sugeriu que tomassem café e depois fôssem dormir ao abrigo de certa firma comercial, instalado na cripta duma igreja próxima.

«Exactamente no momento em que o sr. Irwin se dispunha a deitar-se, entrou um clérigo no abrigo. Saüdou o sr. Irwin, falou um pouco sôbre a noite e começou a discorrer àcêrca de teologia.

«Terminada a peroração, o sr. Irwin exclamou:

«— O sr. é a primeira criatura que parece não sofrer os efeitos do bombardeio. Não tem olheiras, apresenta boa disposição e não fala nas bombas.

«O eclesiástico riu e disse:

«— Não. E o sr. também se não deve atormentar com elas.

«E depois desapareceu.

«O sr. Irwin ouviu a sua própria voz a preguntar ao amigo quem tinha sido o Bispo Goring. O amigo despertou em sobressalto e respondeu:

«— Morreu nêste lugar, há 17 meses. Porque pregunta?

« O sr. Irwin não se recordava de ter ouvido falar do Bispo Goring e tudo ignorava a seu respeito.

«Êste caso foi relatado por Charles Grave em *Vida Londrina*, diário que tem registado, ininterruptamente, todos os acontecimentos, desde Agôsto de 1941 a 7 de Julho dêste ano (1943)».

Comunicação em latim

O sr. Eduardo Leite de Araújo publicou na *Centelha*, de S. Paulo, um artigo em que relata um episódio, tendente a provar a veracidade dos fenómenos espiritas. Ouçamo-lo:

«O facto passou-se na cidade industrial de Jundiaí, no subúrbio de S. Paulo, entre dois médicos e uma rapariga. Não temos autorização para divulgar os seus nomes, não obstante um dos facultativos se ter convertido ao Espiritismo. Reside actualmente na Capital Federal.

«Há anos, combinaram aquêles médicos, moços e inteligentes e com grande clinica, promover sessões experimentais de Espiritismo, pois contavam, para tanto, com uma rapariga, sobrinha dum dêles, que apresentava sintomas de mediünidade.

«Reuniram-se uma noite, os três, em volta da pequena mêsa, sôbre a qual puseram as mãos, tendo combinado antes que um dêles recitaria o alfabeto e o outro anotaria no papel a letra que fôsse designada pelo Espírito que se apresentasse.

Entre os dois facultativos havia grande dose de cepticismo.

«Papéis em branco sôbre a mêsa, lápis aparados para o que desse e viesse, porta entreaberta para um caso de retirada estratégica... Passados uns segundos de expectativa, eis que a mesinha dá sinais de vida, tremendo, tremendo... Levita e dá uma leve pancada com um dos pés. O alfabeto foi recitado e as letras

---

derone, resposta «que revela um pensador excepcional», como a classificou o tradutor. A palingenesia satisfaz Geley, não só pelo seu lado moral, mas também por ser, no aspecto filosófico, «absolutamente racional», e, no científico, «verosímil e, mais ainda, provàvelmente verdadeira». Três «razões fundamentais» a revelar ao homem a «razão» da tese reencarnacionista.

Fechando com um prestimoso vocabulário metapsíquico compilado por Lôbo Vilela, Isidoro Duarte Santos edificou com o pensamento de Geley uma trilogia que coloca em lugar de honra a sua tradução na bibliografia espirita portuguesa. Felicitamo-lo, por isso e pela sua iniciativa, arrojada para um meio tão rotineiro e tão agarrado a «tradições»... como é o nosso.

«Estudos Psíquicos Editora» abriu a sua carreira com uma obra digna dum pensador digno.

assinaladas no papel. Terminada a operação, foram ler o que estava escrito, mas aquilo nada signnificava. Era um amontoado de letras sem sentido. Os médicos entreolharam-se com sorrizinhos de sarcasmo.

«Mas, eis que um dêles teve a lembrança ou intuição, de ler o papel de trás para diante. Oh! surprêsa das surprêsas! ¡Lá estava uma mensagem em latim, e latim de lei, assinada por um padre!

«Per Baccho! Será possível?! — exclama um, com espanto.

«Foi a custo e quási balbuciantemente, que leram a mensagem em voz alta e, logo a seguir, a traduziram para português.

«Os comentários dos presentes foram estremamente calorosos, esquecendo-se de que as horas se adiantavam pela madrugada fora.

«Por diversas noites fizeram novas experiências. As mensagens continuaram sempre em latim, escritas de trás para diante.

«Certa ocasião, ao traduzirem o ditado dum Espírito, os médicos divergiram na tradução. Um afirmava que o sentido era assim, outro declarava que era bem diverso. Deitaram abaixo os livros da estante, tratados de latim, dicionários e outras obras latinistas. Foi um desarranjo total na estante. Tudo foi consultado e nem assim entraram os médicos em acôrdo. Por fim, lembraram-se de consultar o Espírito do Padre.

«Sentaram-se ao redor da mesa e declararam os motivos imperiosos que os levaram a importunar o sacerdote àquelas horas tardias da noite. Com êles também acontecia quási sempre a mesma coisa, obrigados a atender chamadas urgentes e saíndo debaixo de aguaceiros terríveis ou de frio intenso. Também eram sacerdotes da medicina.

«Então, o padre escreveu: «Êta Lavoi, você é um bichão!»

«O Espírito arrumou assim o assunto, dando ganho de causa a *Lavoi,* como é tratado na intimidade, e fê-lo no linguajar da gíria, deixando o latim de lado.

«Infelizmente, durante muito tempo suspenderam as experiências, porque um dos médicos transferira a residência para o Rio de Janeiro, indo com êle a sobrinha, que era médium de efeitos físicos.

«O outro médico, embora se tornasse simpatizante do Espiritismo, anda a sondar cautelosamente Richet, Myers, Lombroso, Paul Gibier, Bozzano e outros...»

O caso acima transcrito não deixa de ter certa pilhéria, semelhante à de outros que aqui temos publicado. Em geral, os descrentes letrados «apanham por tabela», quando, cheios de orgulho científico, metem a foice em seara alheia. E ficam abananados e perplexos, como estes do episódio. Por isso, a melhor atitude é a de expectativa, estudando e observando com atenção, porque nem o homem sabe tudo, nem a ciência estabeleceu limites ao pensamento universal.

A opinião dum académico

O Dr. Floriano de Lemos, reputado clínico e membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, publicou em 1 de Fevereiro último, no *Correio da Manhã,* daquela cidade, uma «*Crónica Científica*» a que deu o título de «Fenómenos Espiritas». Depois de se referir ao caso Humberto de Campos, já conhecido, em resumo, pelos leitores, passou a tratar do «terreno espirita», da «prova dos factos» e da «mediünidade». Note-se que êste médico não é espirita.

«Em direito — diz êle — para um julgamento, as coisas passam-se com muito maior segurança do que no campo da medicina: *dura lex, sed lex.*

«Na seara de Hipócrates, porém, as dificuldades são irremovíveis para decidir, às vezes, sôbre coisas aparentemente simples, porque a medicina, no ponto de vista científico, não pode concluir, diante dos casos espiritas, com a autoridade de que o direito positivo se arma para enfrentá-los no ponto de vista jurídico: a medicina — convém repetir — é uma ciência *não exacta.* Eis tudo.

«E no que toca aos chamados «fenómenos espiritas», ela não sabia, pelo menos até bem pouco tempo, em que quadro os classificar. No da filosofia? No da patologia? No da psiquiatria? O problema é insolúvel, porque os factos do Espiritismo são de uma ordem muito particular, — metapsíquica. Outrora cabiam no saco das ciências ocultas. Hoje, nada disso se dá. O que devem dizer os sábios e filósofos, cautelosos da responsabilidade das suas afirmações, é que o Espiritismo é uma ciência *sui generis.* Não se parece com outras ciências, senão porque vive e se desenvolve mercê de *factos.* Mas não é nenhuma ciência de ordem experimental, nem o seu prestígio decorre das subtilezas da escolástica.

«Quando um médico de instrução profissional comum, formado nas nossas faculdades, tem conhecimento de algum facto espirita, rejeita-o, em geral, como não acontecido. A clássica filosofia médica não aceita senão aquilo que obedece ao determinismo científico. E a mediünidade, ou seja o dom que manifestam certos indivíduos de receber comunicações de além-túmulo, é tida nas academias como sintoma de doença: o médium seria histérico, nevrópata, simulador.

«Mas o curioso é que, se um dia, sem esperar por isso, êsse doutor em medicina se vê às voltas com algum episódio espirita passado consigo mesmo, isto é — acontecido dentro da sua própria vida, se torna espirita convicto, de uma hora para a outra. Tal a fôrça probante dos factos.

«Assim, chegamos a êste esdrúxulo resultado: haver na sociedade um grupo de médicos, de valor intelectual, que faz triste idéia dos seus colegas espiritas, colegas estes, entretanto, de análogo valor intelectual

Notas & Comentários

Estrêla monstruosa

Conta *La Nación*, de Buenos Aires, que o Sol, com seu diâmetro de 1.384.000 kms., é considerado uma pequena estrêla amarela e que os astrónomos consideram Antares um gigante vermelho, cujo diâmetro é de 640.000.000 de kms.

Até há pouco, Antares era a maior estrêla conhecida, mas foi suplantada por um monstro estelar descoberto pelo Observatório Yerkes, da Universidade de Chicago. O diâmetro dêste monstro é de seis mil milhões de quilómetros e calcula-se que, se estivesse no eixo da nosso sistema solar, atingiria todos os planetas, ainda os mais distantes, como Neptuno e Plutão. Esta estrêla é uma pobre companheira de Y. Aurigae, que se encontra próximo de Capela. Calcula-se que tenha a temperatura de mil graus centígrados, isto é, mais baixa que a de qualquer outra estrêla.

¡Quão grande é a imensidade, com suas numerosas constelações! ¡Quão pequeno é o homem, com seus ódios, vícios e querelas!...

Dez preceitos de Reper-Siam

Os «Dez Preceitos de Reper-Siam», que há tempos publicámos, foram transcritos em vários jornais brasileiros, deferência que sinceramente agradecemos. Entre êsses jornais, contam-se *O Clarim*, o *Mensageiro do Órfão, O Semeador, O Nosso Guia* e o diário *Vanguarda*, do Rio de Janeiro. Êsses preceitos, recebidos psicogràficamente, são os seguintes:

1.º — Perdoai sempre; mas evitai tôdas as ocasiões de haver delito a perdoar.

2.º — Não deis ouvidos a murmúrios que se levantem contra vós.

3.º — Preocupai-vos com a humanidade inteira; habituai-vos a considerar todos os sêres como irmãos.

4.º — Segui rigorosamente os preceitos cristãos, em qualquer circunstância da vida.

5.º — Afastai-vos das materialidades e cultivai a prece todos os dias.

6.º — Cumpri rigorosamente os vossos deveres.

7.º — Não julgueis os actos de outrem.

8.º — Sêde afáveis e caridosos, abstraindo hierarquias.

9.º — Imponde-vos pela correcção, pela prática das boas virtudes, pela dignidade moral que deveis a vós próprios e à sociedade.

10.º — Não espereis recompensa dos homens pela execução dêstes preceitos. Essa, recebê-la-eis no fim da vossa missão terrestre.

Henrique Magalhães

Os leitores devem conhecê-lo, através de belos artigos doutrinários que temos publicado nesta revista. E se há homens que têm o dom de multiplicar-se extraordinàriamente, distribuindo a actividade por numerosíssimas emprêsas, Henrique Magalhães é um dêles. Além de secretário geral da Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, faz parte da direcção do Asilo de Órfãs Anália Franco, do Centro Espirita Antony Leon, do Grupo Espirita Trabalhadores da Última Hora e é Vice-presidente da Maternidade «Casa da Mãe Pobre», construção esta já iniciada e cujas obras estão orçadas em mil contos brasileiros. Além disso, faz parte do Conselho Deliberativo do Asilo Seara dos Pobres e do Hospital Pedro de Alcântara. E além de tudo, é representante do Centro E. Luz e Amor, bem como da revista *Estudos Psíquicos*.

A estas duas entidades tem êle prestado os mais relevantes serviços, quer angariando sócios, entre os quais se encontram eminentes personalidades espiritas fluminenses muito conhecidas do nosso público, quer fazendo a propaganda desta revista que, mercê, em

---

e que nada lhes ficam a dever, igulamente, em virtudes e carácter.

«Noutro aspecto interessante da questão, posso pronunciar-me com conhecimento prático; é no que diz respeito às pessoas dotadas de mediünidade. Muitas, independentemente dos seus negócios espiritas, fazem parte da minha clientela e das minhas relações. Ora, todos êsses médiuns são indivíduos absolutamente normais. Gente igualzinha à gente que não tem mediünidade alguma».

«Os médiuns — ao que tenho observado — só diferem do resto dos homens e mulheres desta vida, quando se dispõem a receber as suas comunicações, seja em estado de transe, ou não. Passado êsse instante, são as mesmas pessoas, como todo mundo.

«E o que se verifica não raro, na vida clínica, é que certas criaturas, depois de descobrirem a sua mediünidade e procurarem exercê-la, ganham um estado de saúde que não possuiam anteriormente.»

Noticiário

Rectificação

No artigo da nossa colaboradora Maria Emília Gândara Viana, intitulado «Desdobramentos» e publicado no n.º 8, relativo a Junho último, saíram *gralhas* que é necessário corrigir. Na página 231, quási no fim do artigo, onde se lê: «Hospedara-me em casa de boa família, onde existe um centenário», deve ler-se «*uma centenária*»; e mais abaixo, onde está: «— Não, minha filha», deve ler-se «Não mintas, filha».

Fica satisfeito o desejo da autora, a quem apresentamos as nossas desculpas.

As nossas Conferências

No dia 8 de Julho, conforme fôra anunciado, o cap. Alfredo dos Santos realizou no Centro a sua conferência «Liberdade, Igualdade e Fraternidade». Em linguagem singela, mas correcta, expôs o significado de tais palavras à luz do Neo-espiritualismo, em trabalho digno de menção, ouvido com agrado pelos nossos consócios, que já se habituaram ao convívio amável daquêle prestimoso confrade, sincero amigo desta agremiação. Lamentamos que a tirania do espaço nos iniba de maior referência à obra de um homem que se dedica inteiramente a estabelecer a união entre os espiritas.

Sessão de encerramento

No dia 22 de Julho, realizou-se no Centro a sessão de encerramento dos trabalhos desta época, à qual presidiu o nosso colaborador coronel Faure da Rosa, secretariado pelo Dr. Sebastião Elviro Martins e Major Eurico de Castro Zuzarte. Ladeando estes confrades, estavam, dum lado, o Capitão Alfredo dos Santos, 1.º secretário da Federação Espirita Portuguesa e o Presidente da Direcção, 1.º tenente Isidoro Duarte Santos; e do outro, o Secretário da Direcção, tenente Guilherme Miguel Afonso e Luís Baldrico, vogal da Direcção da Federação.

As duas salas encontravam-se apinhadas de assistentes, tendo muitas pessoas de se conservar de pé, por se ter esgotado a lotação dos compartimentos. A mesa da presidência estava ladeada de plantas e flôres decorativas, e a grande fotografia do Cristo mediúnico via-se suspensa sôbre o fundo do estrado.

Em primeiro lugar, falou o presidente, contando uma fábula de Oliver Lodge e tecendo a respeito oportunos comentários, tendentes a reforçar a necessidade de se estudar e praticar o Espiritismo. Seguiu-se D. Ivone de Sousa, que se referiu à obra do Centro, descrevendo a repercussão que ela poderia vir a ter no mundo actual cheio de dúvidas e incertezas. Depois falou Ramos Pereira, que fêz o balanço de um ano de actividade espirita e apresentou sugestões de trabalho que a nova Direcção tomará em conta.

Em seguida, a menina Suzette Alves recitou a poesia de Leopoldo Machado, intitulada «Vamos Fazer o Bem», recebendo, no final, uma grande salva de palmas.

O Dr. Fred Wachsmann aduziu várias considerações no sentido de exemplificar a forma de responder aos materialistas àcêrca do problema da sobrevivência e lamentou que em Portugal não houvesse médiuns que se prestassem à investigação científica.

Ramos Pereira declamou então a sua poesia «Surge et... ambula», exaltando o triunfo do Espiritismo e a vitória do bem sôbre o mal. Grande ovação coroou as suas últimas palavras.

Falou depois o tenente João da Cruz, que exaltou o esfôrço do Centro e da sua Direcção, dizendo que a causa espirita estava acima de tudo e que era necessário prestar-lhe o maior auxílio.

O cap. Alfredo dos Santos falou àcêrca da união entre os espiritas, exortando os presentes a proclamar abertamente a sua fé, sem receio de zombarias ou de sarcasmos.

Seguidamente, D. Ivone de Sousa declamou duas poesias da autoria do Tenente Isidoro Santos, recebendo vibrantes aplausos.

O Major Zuzarte levantou-se para evocar dois grandes acontecimentos, entre os quais a operação de apendicite realizada há pouco no Brasil, e demonstrar a maneira de fazer a propaganda espirita. Depois defendeu calorosamente a revista *Estudos Psíquicos*, colocando-a na vanguarda da imprensa espirita mundial, como tem sido referido muitas vezes em publicações estrangeiras, e exprimiu a necessidade de se lhe dar todo o apôio, para que ela continui a circular com proveito para a Causa. Fêz a defesa dos médiuns, elementos essenciais de propaganda, e pediu para êles a melhor atenção e benevolência.

Finalmente, o presidente da Direcção levantou-se para agradecer o concurso precioso de tantos amigos, numa hora solene de visão retrospectiva que contribuïria para alentar novos trabalhos e novas lutas. Disse que o Centro E. Luz e Amor daria o seu concurso a tudo que alvejasse união e fortalecimento dos espiritas portugueses, colaborando com tôdas as pessoas que lhe merecessem confiança, para que uma era nova surgisse nas nossas fileiras.

Defendeu os médiuns, afirmando que muitas fraudes que lhes atribuem são devidas à desmarcada exigência dos investigadores e que o dever de todos é acarinhá-los e orientá-los, visto serem os únicos elementos de ligação entre nós e os invisíveis, exortando depois os presentes a manterem-se fiéis ao Centro, para que amanhã pudésssemos continuar a obra realizada.

E assim terminou a sessão de encerramento dos trabalhos do Centro, referentes a 1945. Oxalá que em Outubro próximo futuro as energias estejam retemperadas e os trabalhos progridam normalmente.

---

grande parte, da sua acção perseverante, está sendo bem aceita no meio espirita brasileiro.

Se há homens dinâmicos e dedicados, Henrique Magalhães é um dêles. Em breve nos referiremos à Casa da Mãe Pobre, um dos mais notáveis empreendimentos espiritas brasileiros, do ponto de vista moral e social e então avaliaremos melhor a envergadura do homem que tão brilhantemente defende além-Atlântico os interêsses do Centro e da revista.

I. D. S.

Divulgai «Estudos Psíquicos»

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1945 — N.º 11

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

CAVALGADA

De aspereza em aspereza, no resvaladouro de paixões ruins que surgem em tentação diabólica, o homem deslisa loucamente sem noção de perigo, cego e surdo aos brados da consciência, impulsionado e orientado por fôrças incoercíveis que o dominam, que o manietam, que o obrigam a ser autómato.

Apoderou-se dêle o delírio do sangue, o requinte da vingança, o sadismo do opróbrio, em holocausto a sentimentos que não existem, a ideiais utópicos mantidos artificialmente para mascarar instintos primevos de rapina.

Nesta época de egoísmo, tudo se obliterou. As almas perderam a noção do Bem e da Justiça. Só vêem objectivos imediatos, só vêem interesses individuais. É o reino do exclusivismo, é a caverna a fingir de civilização.

O homem prossegue na cavalgada de sonho, atrás de quimeras que o seduzem e matam. É o corredor automobilístico que devora distâncias. Não vê a paisagem que o cerca. É um bólide que passa. O que fica nada vale. Pertence à história... Tudo insensatez e maldade.

¿Será o início da nova era predita? ¿Ou ainda haverá mais escaleiras para descer?...

O que virá não o sabemos. Cremos que ninguém no sabe, tal foi a grandeza da destruïção.

Ceifaram-se vidas que eram searas em flor, arrasaram-se cidades que eram fontes de beleza, tôdas as nações, enfim, sofreram as conseqüências da guerra total e sem quartel. Afinal, para quê?...

O homem continua a ser lôbo do homem, menos sensível aos imperativos do coração, mais requintado no orgulho da sua fôrça.

Nos tempos ominosos, havia generosidade para com os vencidos. Nesta guerra pavorosa, lutou-se até o extermínio. O homem suplantou a fera, em rancor e ânsia de aniquilamento.

¡Pobre humanidade, que se debateu e debate em vortilhões de egoísmo e não encontra rumos de salvação, nem remédio para o seu mal!

É a cavalgada vertiginosa para abismos insondáveis. Os ventos geram tempestades. Sementeiras de ódio darão colheitas sangrentas solapadas no âmago das vítimas. E o mundo será o caos, se não puserem têrmo à cavalgada satânica, perdoando agravos e concertando-se entre si, sem pruridos de hegemonia, principais fautores de guerras políticas ou económicas.

O Espiritismo aconselha paz. As lutas fratricidas são contrárias à evolução dos povos.

O que houve foi desequilíbrio entre o bem e o mal. Vencer êste último, reduzi-lo à expressão mais simples, extingui-lo na alma humana, para que não mais renasça e prolifere, eis a tarefa dos sobreviventes da catástrofe.

E assim deteremos a cavalgada e impediremos maiores desgraças. O homem destina-se a mais belas emprêsas. O seu fim é progredir em linha ascensional.

I. D. S.

CRENÇA, DESCRENÇA

por F. Noronha

¿Que é, pois, em verdade, a ciência? Entre cem incrédulos que se ufanam de sábios, estou bem certo de que não encontrareis dois que saibam claramente o que é a ciência».

EIS, pregunta e resposta, formuladas por Ségur *(A Fé Perante a Ciência Moderna)*, aquela encerrando o cap. 1.º e esta abrindo.

«A ciência, dissera Moigns, só pode penetrar em alma juvenil mediante outiva dócil, *fides ex auditu:* apenas da bôca paterna e materna, da do mestre e da mestra deve manar todo o ensino eficaz para ela».

O livro citado, da autoria original do dr. E. E. Brewer, fêz época, sendo constituído por 1.973 números de texto preciso e acessível, cada um dos quais abre por uma interrogação a que se segue a síntese de noções e princípios relativos, através do Calor; da Meteorologia; Acústica; Óptica; Química mineral ou inorgânica, metalóides e metais; Química orgânica; Química animal e Fisiologia. Tudo isto, num único volume, de 539 páginas, compreendendo um índice alfabético, a partir da pág. 515.

«O que mais me agradou — diz o Arcebispo de Paris, em carta com que abre o livro — foi notar o cuidado do autor em fazer sobressair o nome de Deus, em suas sapientes páginas, sempre que se lhe ofereceu natural motivo para tanto.»

O dr. Brewer, de nacionalidade inglêsa, era, assim, um crente ortodoxo.

Contràriamente e como autor da católica Bélgica, está na minha presença o opúsculo de Emílio Chapelier, *Porque não creio em Deus,* não conseguindo, aliás, ao cabo das 81 páginas do seu texto, justificar a sua não crença.

Abunda em objurgatórias e diatribes e conclui, afirmando: «A fé abriu falência — está em plena bancarrota. A razão assume o seu papel. Leitoras e leitores, escolhei!»; mas, não define essa razão, conceptora de princípios que ela própria adquire, não intervindo os sentidos e são reveladores autênticos de energia suprema, inteligente, que nem o génio alcança sequer em leve sombra e que o Universo, todos os corpos, esparsos na amplidão infinita, proclamam e demonstram, obedecendo a leis soberanas!

Outro opúsculo tenho à vista, de Paul Lafargue, *Porque crê em Deus a burguesia,* êste vertido do original por saüdoso e talentoso amigo, demasiado cêdo arrebatado à estremecida espôsa e aos dilectos frutos de amor honestíssimo, Jaime Ferreira Dias e a lume também no Pôrto, 1932. Aí, pág. 28, lê-se: «Se os enigmas do meio natural tornaram necessário para o selvagem e para o bárbaro a idéia de um Deus criador e regulador do mundo, os enigmas do meio social tornam necessária para o burguês a idéia de um Deus distribuïdor das riquezas arrebatadas aos assalariados manuais e intelectuais, repartidor dos bens e dos males, remunerador das acções e remetente das injustiças e reparador das faltas. O selvagem e o burguês são induzidos na crença em Deus, sem se aperceberem disso, como são levados pela rotação da terra.»

Lafargue alude, em mais dum passo, a lei de precisão na natureza. Ora, se há semelhante lei, de facto, perfeitamente verificada, quem a promulgou? ¿O homem, o símio, algum protozoário ou infusório?! Levanta-se diante da animalidade, em todos os graus, a barreira inamovível de restrições inerentes desde sempre.

Entretanto, nessa fauna, sem confusão com a vegetal, independentemente de côres de epiderme, sobressaiu uma espécie, dotada de raciocínio predominante, não incapacitada em qualquer dos seus reprentantes de valorizar-se e fazer-se valorizar, por esfôrço próprio de contensão de suas faculdades, folheando as páginas do grande livro da natureza.

O espectáculo não podia deixar de interessá-lo, excitando-lhe a ingénita curiosidade.

Distanciava-o de Newton, de Édison, o assombroso inventor da lâmpada eléctrica, de Einstein, de Carrel, de tantos verdadeiros astros humanos fulgentíssimos na esfera do saber, um abismo de percurso insondável, que o não desanimou todavia ou lhe enfraqueceu a excitação curiosa. Acreditou em si mesmo,

afrontou o desconhecido — e quantas vezes sacrificado! — foi poeta, autor dos famosos poemas hindus, criador da esplendorosa civilização da Grécia de outrora, durante uma hora de séculos genitora mental do mundo em Atenas, sua cabeça privilegiada, fundador do instituto das leis e do Direito na cidade do Tibre, celebrada jurisprudência até nós trazida pela corrente dos séculos, em que não estão emudecidas as Universidades e as Academias da idade presente.

O homem interrogara-se, já cônscio de observação e exame em seu íntimo, no quanto poderia definir origens e fontes de vida.

O acidentado solo, bêrço de Pitágoras e Platão, bem como a pátria de Cícero e Séneca, exteriorizaram, por pleno paganismo, crenças e cultos de numerosas deidades que, algum dia, desprestigiadas e sem sentido, ruïriam automàticamente, assomando-lhe do Oriente o monoteísmo de Jesus.

Ocorreram pugnas e perseguições religiosas, entrou, em suma, com ovâncias novíssimas, uma era de estudos, sem coacção, de laboratórios bem apetrechados e de experiências mais e mais repetidas e pormenorizadas.

Afirmaram-se, de um lado, escolas e doutrinas, a existência de Deus, ente sublime, com todos os atributos de potestade e perfeição e, de outro lado, negou-se essa existência, tudo se atribuíndo a pura substância material. De boa e de má fé estabeleceu-se evidente antagonismo e larga incredulidade.

Patentearam-se paixões caprichosas e teimosias resistentes. Houve quem anunciasse a bancarrota da ciência, que parecia inclinada para a eliminação do sêr supremo, de que Laplace declarara não ter necessidade.

Choveram publicações, engenharam-se argumentos e atingiram-se excessos, nada edificantes.

¿A verdade, no entanto, irrompeu, segura, no campo duma energia imaterial, de intenção, evidenciada desde o infinitamente pequeno até o infinitamente grande, sem a qual, como poderá ser viável a própria sombra duma nebulose e a ordenação e disciplina de átomos e moléculas que flutuassem, sem rumo nem molde, *ab eterno,* na imensidade do espaço?!

A descrença, nêste capítulo, como aliás em outros, conduz a bêcos sem saída e a vesanos absurdos.

Moral ou èticamente falando, a crença recomenda-se, de facto, por consoladora e com freqüência sustadora de más acções e de quedas fatais em precipícios deprimentes.

Agora, aqui, vai falar-nos a ciência, longe, muito longe de bancarrota, e de simples falência sem complicações de suposta gravidade. O académico francês Fernando Brunetière enganou-se.

Em bancarrota encontram-se os incrédulos de luz, que descrêem ou fingem descrer do depoïmento categórico do existente, unidade e pluralidade incaóticas, submetendo-se, inconfundìvelmente, a estádio de equilíbrio de fôrças e de inteligência directriz.

O acaso e o fortuito são alheios às realidades tangíveis e intangíveis, que nos envolvem, às miragens de sonhadores, às ambições insensatas e aos ilusionistas por cálculo.

¿Em algum momento o homem voará como a ave, sem dependência de meio e recurso artificiosos?

¿O verbo é incompatível com a esfinge?

Lêde, leitores, páginas de pulso firme:

«La Ciencia y la Vuelta a Dios», título expressivo de um artigo firmado por J. W. T. Mason, em *La Prensa,* de Buenos Aires, correspondente a 22-VI-930, dêle trancrevo, no colorido típico do castelhano da Argentina, os seguintes períodos: «El profesor Robert A. Millikan, notable fisico norteamericano (*Millikan,* disse algures um cientista português preclaríssimo, A. Ramos da Costa, *pertence àquela plêiade de homens ilustres que, depois da Grande Guerra, tiveram a habilidade de modificar, por assim dizer, a orientação científica da América do Norte*) que em 1923 obtuvo el premio Nobel por haber aislado y medido los electrones, ha declarado en una conferencia pronunciada ante un grupo de hombres de ciencia de Nueva Iork, que las actuales teorias cientificas indicam que el universo se está constantemente volviendo a crear. Asegura el profesor Millikan que el universo no se detiene como un reloj falto de cuerda, con cuya aseveracion lanza un reto a los especialistas cientificos del pasado que sostuvieron que no se rehace la energia en el cosmos. El cosmos es una perpetua fuente de juventud. Este es el principio fundamental a que conduce la creencia del doctor Millikan. Este ha dicho asi: «El Dios del universo está trabajando constantemente. Las ultimas revelaciones de la ciencia indican que en los remotos espacios interestelares se están formando átomos más pesados de hidrógeno. Este hidrógeno se está llenando, de algun modo, de energia radiante que constantemente escapa de las estrellas. Esta hipótesis no es atea, sino más bien teista. Existe algo más allá de lo cual nosotros no compreendemos.

En alguna parte del universo continua aún un procedimiento de formacion de elementos pesados, tales como oro, platino y radio, de elementos más ligeros. Sabemos hoy, dentro de muy pequeños limites de incertidumbre, que todos los elementos se formaron originalmente del hidógeno. Con el descubrimiento e identificacion de la radiacion cósmica, tenemos indicaciones de que está en marcha aún el mismo proceso de formacion». Es decir, la ciencia no apoya con su autoridad a los que declaran que el universo se desintegrará eventualmente. De esta manera, la justificacion cientifica de una creencia en un Creador está siendo afirmada por el progreso moderno de nuevos descubrimientos de fisica. Las exposiciones populares de esta ciencia, hechas en los años recien passados, han extendido un conocimiento general de los factores fundamentales de los electrones. La diferencia entre cualesquiera de los elementos, como oro, carbón, oxígeno, hidrógeno y todos los demás de la lista, que consta en total de noventa y dos, consiste en el numero de electrones positivos y negativos que contienen. Un átomo de hidrógeno es el más bajo de la lista y contiene un electron positivo. Es un misterio para la ciencia como se reunen los electrones en pares agregados, por cuyo medio se forman todos los demás elementos».

Prossegue Mason, relativamente à fenomenalidade electrónica; e, a meio do seu substancioso artigo, diz: «Si fuera verdad que el universo está gastandose como un reloj, la ciencia se encontraria frente al problema de averiguar quien dió cuerda originalmente al universo. Esta cuestion, expuesta en forma creciente a la atencion de los sabios en los años recientes, ha sido eludida. Ha habido autoridades cientificas — el profesor Eddington de la Universidad de Cambridge ha sido uno de ellos — que han admitido la cuestion considerandola apropiada. El profesor Eddington ha ido más allá y, después de confesar las contradicciones del pensamiento cientifico, ha declarado que los nuevos principios de la ciencia invitan a hacer interpretaciones espirituales del universo.»

Mais adiante, sustenta que os electrões «son, fundamentalmente, centros de energia, no materia que posee energia, sino energia que existe, aparentemente, por derecho propio. Desconocemos lo que esto significa, y como los electrones pueden asociarse entre si para producir elementos, los que, a su ver, forman lo que llamamos *materia*».

E, finalmente, conclui: «La ciencia no tiene autoridad para apartar el hombre de Dios. La ciencia es infiel a sus más nuevas doctrinas si continúa pretendiendo infligir este grave error a la humanidad. La renovacion de la creencia del hombre en Dios está cerca de ser aceptada en el futuro sobre la base de una justificacion cientifica del Espiritu».

Por não minguar o conceito de Mason, transparecendo nas linhas precedentes, permito-me transcrever de *M S N — Monthly Science News* — «Notícias Scientificas Mensais», n.º 19, Fevereiro de 1943, do Instituto Britânico em Lisboa, o editorial do citado número, intitulado *O Professor James Chadwick.*

— Três descobertas notabilíssimas foram feitas no ano de 1932. Foram elas o neutrão, a desagregação do átomo por meio de máquina e o electrão positivo. A primeira e mais espantosa foi o neutrão, descoberto pelo Professor James Chadwick, que se acha actualmente na Universidade de Liverpool. Anteriomente a 1932, acreditava-se que tôda a matéria se compunha de duas espécies de partículas, o electrão e protão. O primeiro é carregado com electricidade negativa e o segundo com electricidade positiva. Por conseguinte, a descoberta de uma partícula não carregada, o neutrão, deu às concepções físicas contemporâneas um choque tremendo, ao mesmo tempo revelando-se uma grande inspiração ao pensamento fresco e à experimentação. A realização de Chadwick coroou um longo período de aprendizagem. Nasceu em 1891 e educou-se nas escolas municipais de Manchester. Ganhou uma bolsa de estudos para a Universidade de Manchester em 1908, aos dezassete anos de idade, e tornou-se discípulo de Rutherford, que estava então no apogeu do seu génio. Na idade de dezanove, aquêle publicou a sua primeira monografia, que prefigurou a sua famosa descoberta de vinte anos mais tarde. Em 1913 foi estudar em Berlim. Foi internado durante os quatro anos da guerra 1914-1918 em Ruhleben, mas isso não abateu o seu valor. Êle fêz experiências científicas mesmo dentro do campo de internamento. Logo que terminou a guerra, êle retornou a Rutherford e acompanhou-o ao Laboratório Cavendish em Cambridge. Então, seguiram dezóito anos de pesquisa sistemática, durante os quais Chadwick desenvolveu os seus grandes dons de experimentação muito exacta. Em 1930 Bothe e Becker descobriram uma irradiação muito penetrante que se podia obter do metal berílio. Acreditava-se a princípio que isso deviam ser

irradiações de onda. Mas daí a pouco Chadwick provou concludentemente que deviam consistir em partículas sem carga eléctrica. Chamaram-se neutrões. Êle havia identificado pela primeira vez a forma em que grande parte de tôda a matéria do universo deve existir. A descoberta de Chadwick tem transformado completamente a concepção da constituïção da matéria. Tem sido alvo de muitas honras, inclusivé o Prémio Nobel para a Física em 1935.»

Contradiz, em qualquer parcela, a descoberta do insigne discípulo de Rutherford o convite dos «novos princípios da ciência a fazer interpretações espirituais do universo», conforme a declaração do professor Eddington, ou, porventura, desautoriza a conclusão do artigo de Mason: «A renovação da crença do homem em Deus está próxima de ser aceita no porvir, assente no fundamento de uma justificação científica do Espírito?!»

Em 1870, dizia Charles Waddington *(Dieu et la Consciencia* — Paris) iniciando o prefácio do seu livro: «Demonstrar pelo raciocínio e pelos factos, simultâneamente, a verdade e o acôrdo essencial do espiritualismo filosófico e do espiritualismo cristão, quer em face dos princípios da moral, quer perante os deveres da vida prática, tal é o fim da presente publicação, e eis a unidade básica dos diversos estudos que a compõem».

Em sessão do Senado, em 1881, na França de Vítor Hugo, dizia Jules Simon ao Ministro Ferry: «Há homens, diante de vós e ao vosso lado, que não professam idêntico respeito à moral eterna e aos princípios espiritualistas.» *(Dieu, Patrie, Liberté,* pag. 363 — Paris, 1883).

Bastou um intervalo de sessenta anos e fora do campo filosófico para serem os cultores primaciais das ciências físicas e não os de humanidades quem, erguendo as pontas de véus misteriosos, discriminando agentes e reagentes por processos químicos, dissipando impertinentes dúvidas e reduzindo ou aniquilando enigmas por triunfais vitórias de descobrimentos científicos decisivos, alarga os horizontes do pensamento, abroquela o seu semelhante para conquistar a estratosfera e determina-se, com convicção e certeza de axioma, a não ocultar nos turbilhões elementares que o deslumbram a manifestação sem réplica de energia permanente, de suma inteligência e de incomparável envergadura.

¿Que importa que ainda haja negativistas, de fundo e de forma, se dão testemunho por si, por seus corpos e organismos, até por suas falas vagas também equívocas de potentíssimos animálculos interiores que só cedem, em mal e em bem, quando vencidos pelos seus contrários?

¿Derivou tudo isto de inanimadas sombras, sem motivo lógico e sem razão de ordem, precedendo a vida?!...

Um caso de premonição em Portalegre

Deu-se um 31 de Maio e 1 de Junho de 1932 com uma pessoa de família, o meu concunhado J. M. C., que foi oficial principal dos C. T. T., nesta cidade.

Partiu cêdo. Foi um excelente carácter e, enquanto lhe não faltou saúde, um homem alegre, interessante e comunicativo. O seu cavaco dispunha bem pela nota alegre, que lhe imprimia, e jamais ninguém lhe ouviu uma palavra desprimorosa. Era estimado e os amigos bem lhe manifestavam o seu aprêço e consideração. Por vezes, tentei falar-lhe de assuntos espiritas, no desejo de levá-lo a pensar um pouco no destino da alma humana. Baldado intento, porque J. M. C. não só me não atendia, como se mostrava contrariado. Mas, sempre que se me oferecia oportunidade, insistia no meu propósito, embora sem resultado.

Veio um dia a doença, a que sucumbiu, não procurando eu então falar-lhe mais de um assunto, que o desgostava e aborrecia.

Na véspera do desprendimento, pela tarde, diz à espôsa:

— M. R., está aqui a tua mãe. Já lhe falaste?

— Sim, já lhe falei.

— Está bem! Mas olha, também aqui está o mano Elisiário (na Terra seu cunhado e amigo). Já o cumprimentaste?

— Sim, também já o cumprimentei!

— Está bem! Mas olha, M. R., não me deixes, porque êles me querem levar!

No dia imediato repetiu-se, em termos idênticos, o mesmo diálogo, estando eu informado pela espôsa de que o doente esteve lúcido durante estes diálogos. Dado o seu desinterêsse e até a sua descrença pelos assuntos espiritas, que, para mim, afastam a hipótese de uma sugestão, fiquei com a convicção de que o meu concunhado viu, de facto, junto de si, na véspera e no dia da sua desencarnação, os espíritos das entidades supracitadas.

J. A. Costa

Set/45

A Morte, indústria dos vivos

pelo Coronel Faure da Rosa

MAX Nordau não incluíu o luto e outros exibicionismos de *pesar* na sua longa lista de mentiras convencionais. Contudo. talvez o uso generalizado do luto seja a matéria prima mais rendosa da «indústria da morte».

Na Europa — segundo Becherelle — a côr do luto é preta. Na Turquia, azul ou violeta; no Egito, amarela ou côr de fôlhas mortas; na Etiópia, cinzenta; no Japão, branca; na Birmânia, amarela...

Como se vê, côres que para uns povos denotam alacridade, para outros exprimem, ou querem exprimir, tristeza, dôr.

Na Inglaterra, no tempo do tristemente célebre Henrique VIII e de Eduardo VI, os ricos-homens e aios nobres usavam vestuário de púrpura em sinal de luto, ao passo que as chamadas «classes inferiores» punham um laço de fita encarnada no ombro.

Depois do trespasse, a primeira personagem que se apresenta com indumentária preta é o cangalheiro que, a custo, mal disfarça o contentamento interno de ter sido o preferido naquêle negociozinho do carrêto para o cemitério. Mostra os preços da tabela nas clássicas três classes, como se se tratasse duma viagem em combóio ou paquete.

Se o transporte preferido fôr o da 1.ª classe, até as bestas do carro funerário e das que conduzem o do sacerdote, envergam compridos balandraus negros, em tudo semelhante ao *trajo de dor* dos homens.

Antigamente, os préstitos fúnebres eram acompanhados por carpideiras, choronas de profissão, mulheres alugadas para prantearem os defuntos... desde que lhes pagassem o ofício. Países havia em que o mester de chorar era exercido por ambos os sexos. Os romanos foram buscar esta usança aos hebreus.

Os «chorões» encorporavam-se no cortejo a seguir aos filhos do môrto, naturalmente porque tal situação lhes facilitava a choradeira... por contágio.

Entre os romanos, quando terminava a cerimónia fúnebre, os profissionais do chôro voltavam-se para os restos mortais do defunto e exclamavam:

Adeus! Nós te seguiremos, quando a Natureza quiser!»

Os primitivos cristãos faziam da morte uma idéia muito diferente da que faz a maior parte da gente. Acreditavam que o falecido continuava a viver. Para êles, a comunhão com os desencarnados não se rompia: consideravam a morte como uma elevação, uma honraria, uma magnificência, porque acreditavam que a individualidade do desencarnado subsistia.

Pode-se ler em livros dos padres da Igreja que era costume dos crisãos primitivos celebrarem o dia da morte, como celebravam o dia do nascimento, porque entendiam que o falecido ingressara em nova vida e essa eterna.

Nessa época, um entêrro cristão estava em oposição directa ao luto e à nota sombria que caracteriza qualquer funeral de hoje.

Os primitivos cristãos levavam palmas e ramos de oliveira nos cortejos fúnebres. banindo os de cipreste por esta árvore ser considerada como símbolo de tristeza. Junto do cadáver entoavam cânticos, mas rejeitavam as cerimónias funéreas dos judeus, tais como: amortalhar o cadáver com vestes lutuosas, espalhar cinzas sôbre a cabeça, rasgar o vestuário...

Os primitivos cristãos reprovavam, em termos enérgicos, o costume romano do uso de roupa preta em sinal de luto. Falavam dos seus mortos nas suas preces e oravam por êles.

Agora, e desde há muito tempo, dominam os símbolos lutuosos. O costume pagão-romano do uso de vestes negras durante meses e até anos, é o que adopta quási tôda a cristandade, inclusive quási todos os espiritas.

Raros, muito raros serão os espiritas que tenham coragem de contrariar os «usos e costumes». É que se tal fizerem, «gente há de falar» — como se diz na Índia Portuguesa — frase que muito bem exprime o temor da «opinião pública».

O luto é uma das maiores mentiras da sociedade que só aproveita àquêles que sa-

bem explorar a costumeira. É uma espécie de mostruário de mágoas para o «respeitável público» tomar conhecimento e um ou outro preguntar ao lutuoso:

— Que lhe aconteceu?

E o rôsto do interrogante — ouvida a resposta que *obrigava* ao luto — de prazenteiro que estava, descamba em carrancudo, como gesto mais adequado à *tristeza* da notícia.

Se o trajo de prêto, como sinal de luto, fôsse realmente «trajo de dor», o prêto deveria, também, ser a côr preferida na roupa íntima. Como, porém, tal roupa não é destinada a mostrar ao «respeitável público», o tal «trajo de dor» é só para uso externo. Tudo fachada.

A convenção — tácita, pelo menos — admite duas excepções: o sobretudo e a *gabardine* podem ser de qualquer côr. Pessoas há que estendem o luto ao lenço branco com barra negra, à semelhança do papel tarjado em que escrevem e dos bilhetes de visita que distribuem. E tudo isto custa dinheiro... mas agrada ao «respeitável público».

Tão acreditada está a côr preta como símbolo de dor, que há homens que a adoptam nas próprias camisas com que vão à rua.

Há mulheres de «sociedade» a quem o trajo prêto dá tanto realce, que não se lhes dava de prolongarem o prazo marcado nos «usos e costumes», ou terem um lutozinho de vez em quando...

«Peraltas e sécias» da denominação antiga, ou «gente de bem» da denominação «bestial» moderna, têm tal preocupação com a impecabilidade da elegância que nada lhes importaria que massas de pessoas morressem de fome e de frio, contanto que êles pudessem ter os meios de morrer com elegância — segundo o comentário irónico de Bernard Shaw.

É êste escritor quem, assim, descreve o funeral duma rica dama:

«O caixão estava coberto com uma profusão de flores de preço. O cangalheiro tinha recebido ordem de não poupar as despesas e de arranjar cavalos prêtos com longas caudas, cujo dorso desaparecia debaixo de compridos panos mortuários negros, cujas cabeças ostentavam altos penachos pretos. Os cocheiros tinham laços de crepe nos ombros, calçavam botas de joelheiras e sentavam-se em almofadas negras, envergando mantos e calçando luvas pretas».

Os pais da falecida é que tinham exigido aquêle «brilhante» funeral que, em tôda a parte, constitui um espectáculo gratuito para a vizinhança e para os transeuntes e moradores das casas situadas ao longo das ruas do trajecto. Mas o viúvo respeitava tal exibicionismo, dizia de si para si:

— Eu não podia, de maneira nenhuma, tomar parte, a sangue frio, numa mascarada grotesca e pagã, atrás do seu esquife. Aceitei o monumento fúnebre, se bem que, na minha opinião, não haja prova mais amargamente ridícula da vaidade humana do que êsses blocos de mármore erectos para anunciarem à posteridade que o senhor fulano de tal nasceu, viveu e morreu, deixando dinheiro bastante para pagar a um canteiro, afim de distinguir os seus ossos dos de milhões de seres.

¡A vaidade dos viventes na Terra a querer eternizar-se!

Depois das drogas que, em regra, contribuem para a passagem a defunto, segue-se a certidão de óbito, o registo civil, o cangalheiro com a aparelhagem correspondente à classe tomada para o transporte do corpo, o serviço religioso que, igualmente, é feito por classes, as flores, os carros com os amigos ou pretensos amigos que assim — dizem êles — vão prestar ao môrto a última homenagem... a maior parte das vezes a primeira. Se o môrto foi pessoa de tômo, à beira da sepultura fala um senhor a enaltecer-lhe virtudes esgravatadas em casa e que, em vida, nunca se dera ao trabalho de procurar. Se tem jazigo, próprio ou emprestado, lá vai para um gavetão semelhante a beliche de paquete, revertido ao pó donde veio.

Todos os empresários da morte se pagam dos seus serviços o melhor que podem... que preços não os discute, em lances tão dolorosos, a família do môrto, que, de resto, também entende que é a maneira de prestar a «última homenagem» ao ente querido.

Quando falece em hospitais um fulano que «não tem onde cair morto» — e a expressão não pode ser mais apropriada — os jornais de «grande circulação» anunciam que *o cadáver de fulano de tal aguarda quem lhe faça o funeral...* Até parece que há cangalheiros metidos nas empresas jornalísticas, as quais têm um bom quinhão na *Indústria* com a publicação de participações de falecimentos, de há tempo para cá fortemente avolumado com a inserção do retrato do môrto: e isto sem o menor risco de capital. Então, se se trata de defunto que em vida tivesse sido pessoa «graúda», com mesa posta em várias emprêsas industriais ou comerciais ou estabelecimentos do Estado, as participações

do falecimento multiplicam-se. Já cheguei a contar oito participações de várias entidades ou corporações do mesmo falecimento. ¡Que gáudio para os jornais! Em tôdas elas se afirmam que «cumprem o doloroso dever», inclusive aquêles que com o desaparecimento do fulano intimamente rejubilam, porque subiram na hierarquia burocrática, industrial ou comercial, com os respectivos proventos, ou lhe herdaram os avultados bens.

¡Que fartura de hipocrisia em tudo isto!...

Charles David Ley conta que vivera uma temporada com uma família que habitava uma quinta em uma serra de província portuguesa. «Era motivo naquela família — escreve David Ley — não só a dureza com que os seus membros encaravam a vida, mas também o seu trato franco e estoico, quer entre êles, quer com os outros, e, sobretudo, a sua indiferença perante a morte. A morte para êles era um incidente sem importância; hoje êste, amanhã aquêle. Ninguém deve afligir-se ou queixar-se por isso; não vale a pena lutos nem lágrimas, mesmo quando morre quem nos é mais próximo».

Ora aqui está uma família que pratica actos de verdadeiro espirita... embora o narrador não diga que os seus membros fôssem partidários da doutrina.

«A morte é um facto e um facto a aceitar com tôda a calma»... da mesma maneira que se aceita o facto do nascimento. São duas crises iguais e contrárias.

Na opinião de teósofo Leadbeater, é à ignorância e à incredulidade que se devem atribuir as exageradas manifestações de pena pelo desaparecimento da Terra dum ente querido. Tais lamentações constituem um êrro dos mais flagrantes.

Para êle, os atavios sinistros e grotescos de que a maior parte da gente rodeia a sua dor, representam um anacronismo absurdo e a reviviscência da superstição medieval.

Não se compreende que o cristão — aquêle que geralmente acredite que o fenómeno da morte é o caminho do espírito desencarnado para a felicidade eterna — *não se compreende que celebre o acontecimento com o uso de trajes pretos e crepes e que escreva em papel tarjado de negro.*

O que se aplica ao cristão tem inteira aplicação ao espirita e ao teósofo que muito bem sabem que o ente querido apenas desapareceu do nosso convívio para passar a uma existência superior no plano astral ou, na pior das hipóteses, menos infeliz, por se ter libertado das aflições carnais. E isto ainda não é tudo, afirma Leadbeater. A dor a que as gentes se abandonam pela morte duma pessoa amada não só se fundamenta num êrro crasso, mas também representa uma acumulação considerável de sofrimento completamente inútil. O caso ainda é mais sério, porque essa incontinência de tristeza, essas lamentações intermináveis e inconsoláveis produzem sempre um efeito muito penoso no desencarnado, naquêle por quem sentimos afeição tão profunda e que, afinal, fazemos sofrer com o nosso sofrimento. E isto acontece, com maior intensidade, em regra, precisamente na ocasião em que o desencarnado, o ente querido, se encontra no estado de inconsciência que precede o despertar no Astral, bruscamente tirado dos sonhos felizes em que talvez estivesse mergulhado. Tais manifestações provocam no seu *corpo de desejos* vibrações correspondentes, causando-lhe mal-estar violento e prostração prolongada que retardam o seu progresso.

Essa falta de domínio de si mesmo da maior parte dos sobreviventes da Terra, é um dos maiores obstáculos com que deparam os espíritos amigos habitantes do Astral que desejam auxiliar os recém-chegados. Os próprios desencarnados não raro reconhecem os entraves que para êles constitui a dor sem tréguas a que se abandonam seus parentes e outros amigos.

Os crentes religiosos sobreviventes, garantem pela vida fora um pequeno rendimento: muitas vezes, até uma geração inteira fica sendo contribuínte voluntária da «indústria da morte» com a realização de comemorações fúnebres, sufrágios periódicos prèviamente anunciados nos jornais a um tanto por linha.

O môrto, dêste modo, é, afinal, um capital de rendimento certo para os intervencionistas dos sufrágios...

Mas, ¿que valor podem ter as preces mercenárias?... Certamente, o mesmo que tinham dantes as lágrimas das carpideiras.

Luto e mais exibicionismos ostentados no «mostruário de pezar»... são outros tantos elementos demonstrativos de que *a morte é indústria dos vivos.*

CORRIGENDA — No artigo «A Idéia Reencarnacionista», do nosso colaborador coronel Faure da Rosa, publicado no último número, na página 293, 1.ª coluna, 33.ª linha, onde se lê «é uma viagem torturante», deve ler-se «é uma imagem torturante». O seu a seu dono...

A Vida e o Humanismo Filosófico

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo
Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos-Aires

Tradução de I. D. S.

O homem suspirou sempre, lògicamente, por novo sentimento humanista e é bastante justificável êste anseio de aprofundar e melhorar o raciocínio, especialmente nos transes difíceis que atravessamos.

O conhecimento da verdadeira natureza humana indica um retôrno ao humano, na melhor acepção filosófica do pensamento e da interpretação. A vida humana só pode assim considerar-se, quando contenha projecção espiritual e cultural transcendente, compreensão que jerarquize os esforços e esclareça ao mesmo tempo os problemas da hora presente, quando implique, enfim, mais um passo na evolução da humanidade.

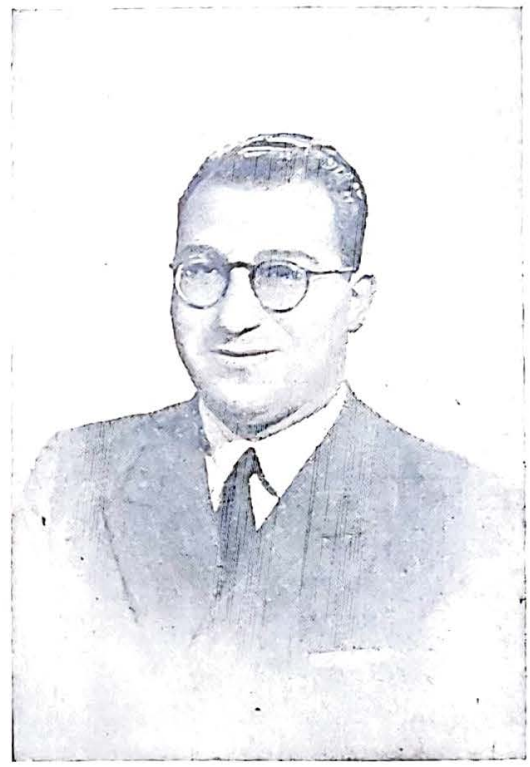
A história humana declara que jamais perdurará qualquer esfôrço que oriente a sua rota ou assinale o antecedente, a não ser que se exerça numa fonte espiritual, visto que, doutra maneira, permaneceremos no círculo, a que se referiu acertadamente Richli-Bidal («Retour à l'Humain — These Doctorale»), quando diz:

«La guerre a fait éclater la misère et a montré l'échc dune civilisation enivrée d'elle même: une science qui a contribué au désastre, une religion inopérante, une morale embrigadée».

E, em linha recta, acrescenta êste conceito fundamental:

«Les esprits sont portés vers un scepticisme total, une négation absolue, le besoin echarné de discréditer le réel, de prouver que l'homme n'est rien et toute action superflue».

Sublinhemos a importância essencial que nêste caos adquire o humanismo criador da noção espiritualista, reservatório moral de nova humanidade. Se historiarmos as correntes e as influências mais poderosas que atrairam o homem nos últimos cinqüenta anos, não encontraremos uma só que apresente coerência lógica com os seus postulados determinantes. Idéias e sensibilidades, tendências e gôstos, escolas e negações, tudo se absorveu no seu próprio simbolismo, no seu esoterismo temático, desprezando o que fôsse estranho à sua realidade, válido ou não, sem conseguir libertar o homem e a sua angústia, o qual, em virtude dessa realidade sentimental, tem



Dr. Luís M. di Cristóforo

continuado a escrever interrogações fundamentais que transpõem o abismo que o separa do seu mais próximo parente zoológico.

A angústia de pensar converteu-se na dor do homem, mas não em libertação humana, que é o seu directo objectivo.

A fins generosos, mas não belos, opuseram-se fins belos, mas não generosos; às experiências religiosas sucede uma filosofia pragmatista e um cristianismo social; à exaltação humana segue-se manifesta

predominância da organização que lhe prende os movimentos. E se a máquina altera arbitràriamente o destino do homem (Monfort), êste toma a nuvem por Juno, avaliando e considerando a civilização, através do progresso material.

É assim que a imposição e a doutrina da fôrça fazem «o esplendor da carne» (Duhamel) na orgia de sistemas que afogam o homem e anulam a consciência, extraviando o sentimento humano no desprêzo do homem pelo homem.

Acontece uma verdadeira aerofagia no mundo das idéias que anula os melhores esforços de progresso social e humano. Dêste modo se explica que a luta de idéias se anule em grande parte pela ausência de idéias vividas. É a falência do homem, a renúncia a prosseguir nas suas características primordiais. O dogmatismo toma, então, outras vias: uma nova intelectualidade revestida de simbolismo (passadista por convicção, amoral por natureza e que do naturalismo conserve parte da verdade objectiva que lhe convenha), semelhante ao referido «lastro», que não impeça de ascender, a intuição em percepções inconfessadas adquire incremento e traça caminhos aparentes, embora os acontecimentos posteriores demonstrem que foram intentos dispersantes do esfôrço redescobridor da verdadeira essência da vida humana. Eis o significado da tragédia humana da desorientação e do desconhecimento.

* * *

Novamente determinada soma de factores, mais certos, mais exactos, resultaram impotentes para explicar a razão humana. Há um pequeno saldo que em parte justifica a importunidade escolhida e que se resume — principalmente em literatura — nos métodos científicos, em guisa de ferramentas de introspecção, e no conhecimento metafísico, fragmentário, tornado em veículo poético. ¿Mas valia a pena tantos sonhos de redenção humana para tão magra colheita? ¿Como se conciliam as tendências cientistas com as exigências místicas da alma humana? E se o simbolismo, em seu zénite, adquire o mérito que tem o esfôrço para apreciar o interior humano, a verdadeira realidade, então a vida interior, profunda, generosa e criadora, é asfixiada pelas tristes realidades objectivas que o homem cria com indómita vontade. Nestas circunstâncias, a expressão «Eis aqui um homem!» raras vezes é a demonstração substantiva de criador, mas a prova dum utilitarista que chegou.

A intuição, o unanimismo, numa palavra, as inquietações subtis que nivelam as criações do espírito humano, são afogadas sem atenção alguma, no meio de tantos cuidados materiais, em cuja concepção se despreza o desconhecido e nunca o promissor. Donde resulta o conceito erróneo da vida que nega veracidade filosófica à concepção que Viélé-Griffin vislumbra, quando afirma no seu estro luminoso:

Que la vie est sainte et bonne,
Que tout est juste et tout est bien.

Um abismo separa o humanismo filosófico do critério materialista da vida, como aventura ascencional para as realizações espirituais, — rota essencial do homem, — o qual encara a vida como quem tira azeite mau dum ôdre, com fins puramente utilitários.

A presença humana é uma profunda realização frente a potências que tentam fortalecer-se, embora integrem um plano superior, harmonioso, e, para se efectivar no sentido da livre escôlha, nada dependa do homem. Êste plano executar-se-á; e a dor, iluminando o orbe, há de exercer a sua acção, por muito que pese ao homem e êste se lhe oponha com suas negociações estéreis, pois as inquietações anímicas — realidade de novos acontecimentos na fruïção humana — constituem a manifestação dos desejos íntimos e sãos da humanidade que, apesar dos obstáculos, trabalha no sentido de se impor, em virtude da lei natural.

¿Poderá o homem evadir-se do seu signo transcendente? ¿Ou, pelo contrário, não poderá aceitar outra disjuntiva? O fervor da vida justifica-a tão exuberantemente, que chega a explicá-la. A vida humana — dizíamos — é uma possibilidade de libertação e um acto de serviço. Assim o interpreta o conteúdo superior do humanismo filosófico, — definição categórica de interpretação e valorização da vida.

OS FENÓMENOS CONTINUAM...

Nova operação de apendicite realizada por um Espírito

A Noite, do Rio de Janeiro, voltou a falar do Espiritismo, assunto obrigatório em terras do Brasil, depois do «Caso Humberto de Campos» e da «Operação de apendicite de Pindamonhangaba», que tamanha celeuma levantaram.

O relato de *A Noite* é de 1-3-1945 e fazemo-lo através da *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão.

Não faz muito tempo — escreve o articulista — *A Noite* trouxe a público um acontecimento que estava fadado para revolucionar a ciência ou constituir espectacular «chantage»: a intervenção espírito-cirúrgica de Pindamonhangaba.

Tudo o que noticiámos fôra adrede preparado e tôdas as medidas aconselhadas para desmascarar possíveis fraudes foram tomadas. A polícia compareceu. Os médicos também. Enfim, tôdas as medidas tendentes a fornecer prova concreta da veracidade do acontecido foram anteriormente tomadas.

Os resultados daquela operação, como é do conhecimento público, repercutiram em todo o Brasil.

O acontecimento e o nome de Pindamonhangaba andaram céleres pela fita do telégrafo e ràpidamente alcançaram o exterior. A opinião pública apaixonou-se tanto pelo assunto, que a grande e fulminante ofensiva soviética deixou de constituir o prato escolhido do leitor cotidiano, para ceder inexoràvelmente o lugar ao noticiário relativo à estranha operação.

Estabeleceram-se acalorados debates. Manifestaram-se médicos e autoridades em assuntos religiosos. Eis que surge nova intervenção espirita, em condições muito mais espectaculares.

Desta vez o Espírito do Dr. Luiz do Amaral reeditou a operação de Pinda, embora *A Noite* não tenha presenciado a intervenção cirúrgica. Não houve no local, como da outra vez, nem alcool, nem iodo, nem algodão. Coisa alguma que dissesse respeito à cirurgia. A paciente foi a senhorita Elídia Pires de Carvalho, residente na Rua Alfredo Pujol, 1189, no Bairro de Santana, em S. Paulo.

* * *

No sábado, às 20,30, na R. Leite de Morais, 132, Bairro de Santana, sob a presidência do sr. Ludgero Morais, afim de realizarem uma sessão de materialização do Espírito do Dr. Luiz do Amaral, reüniram-se o médium Osvaldo Pereira de Oliveira e diversos crentes espiritas. Foram convidados também oito médicos da capital, inclusive quatro cirurgiões, tendo comparecido à sessão o general Pedro Pinho, o professor Alex, da Faculdade de Filosofia, o major Irapuan, sub-comandante do 4.º Regimento de Infantaria, Tenente Gustavo Sobrinho, Catolino da Costa, além de grande número doutros convidados, no total de 40 pessoas.

Durante os trabalhos, o Dr. Edson do Amaral interrompeu a sessão, afim de formular as seguintes preguntas ao Espírito de seu pai, Dr. Luiz do Amaral que, como noticiámos, faleceu há mais de 20 anos.

1) Qual era o ponto de vista dêle àcêrca da operação de Pindamonhangaba e dos incentivos do padre João de Azevedo, vigário daquela paróquia;

2) Que dizia êle das pilhérias de incrédulos e de alguns médicos do Vale do Paraíba, que disseram que a operação tinha sido feita a gasogénio...

Nesta altura, o Dr. Luiz do Amaral, através do médium, anunciou aos parentes que, se tivesse a anuência de todos, faria uma demonstração, afim de dissipar tôdas as dúvidas.

Interrogado de como realizaria êle a demonstração, respondeu:

— Encontra-se em casa uma irmã gravemente enfêrma, com um corpo estranho no apêndice.

O Dr. Edson volta a preguntar:

— ¿A doente submeteu-se a algum exame radiográfico?

— Sim, — respondeu o Espírito.

E pediu a concentração de todos os presentes, em benefício da alta cirurgia que ia praticar.

Minutos depois, a sala foi invadida por cheiro forte de éter sulfúrico, notado por todos os circunstantes. Então o Dr. Edson preguntou ao Espírito de seu pai qual a espécie de anestesia empregada, ao que êste respondeu, àsperamente:

— Não interrompa o trabalho.

Após esta resposta brusca, o Espírito mandou acender as luzes e pediu a todos que marcassem a hora. Eram, precisamente, 20,53.

Às 21,02 mandou suspender a sessão, dando por terminado o trabalho operatório, com felicidade e êxito, e dizendo que a anestesia usada fôra o protóxido de azoto sôbre éter sulfúrico sólido.

A seguir, pediu aos médicos que examinassem a paciente. Os facultativos examinaram o corte feito e o pulso. Verificaram que tudo era normal. Um dêles encontrou um vidro de alcool sôbre a cómoda. Dentro dêle, um apêndice, em cujo terço proximal se notava um corpo estranho, talvez um pedaço de ôsso ou fragmento de louça que já tinha perfurado o órgão.

* * *

O *repórter* de *A Noite* não verificou o acto operatório. Quando chegou ao local, já o mesmo havia terminado.

Vendo o bom estado em que se encontrava a paciente, «entrevistámo-la». E a senhorita Edília Pires de Carvalho assim nos falou:

— Estive no gabinete do Dr. Hamleto Capriglione, afim de tirar uma chapa radiográfica do apêndice, pois o médico Dr. Jaime diagnosticara apendicite. Tirei a chapa no dia 20, como prova o atestado do Dr. Capriglione.

De facto, verificámos no atestado a exactidão daquela data, bem como o seu resultado: sinais radiológicos e apendicite crónica.

— Aconteceu-lhe,—prossegue—que deveria imediatamente, a conselho médico, ser internada na Beneficência Portuguesa, só não o fazendo em virtude de falta de vaga.

«Diante dessa impossibilidade, resolvi aguardar, em casa de minha irmã, a oportunidade da operação. Hoje, à tarde, sentia-me pior, com muitas dores. Deitei-me cêdo. Não me podia manter de pé.

— ¿Que sentiu, durante a operação?

— Tinha a sensação exacta de voar. Não senti dor de espécie alguma. só vi chegar à minha cama um velho de cavanhaque e bigode. Lembro-me bem: trazia ainda um *pince-nez* e uma maleta de médico. A seu lado, vi uma menina risonha, na qual reconheci a Terezinha.

— Terezinha de Jesus? — indagámos?

— Não. Era a menina que dá o nome ao Centro Espirita de Pindamonhagaba e cujo retrato está aí na sala.

Na porta que dá acesso ao quarto onde se encontrava a doente, ficaram dois médicos. Estava, portanto, interceptada a passagem de elementos intrusos. No quarto, encontrava-se apenas a doente, enquanto as outras pessoas estavam reünidas na sala contígua.

Na ocasião em que recomendava a doente aos médicos, o Espírito do Dr. Luiz Amaral disse que lhes não permitia o uso de estiletes para verificar o estado da cicatriz, como tinham feito em Pindamonhangaba.

— É uma sutura intra-dérmica feita espiritualmente — disse êle.

Depois de recomendar a paciente, minutos antes de abandonar a sessão, aquêle Espírito prometeu dar a fórmula do remédio que cura o cancro e a do que cura a lepra.

Nota da Redacção — O relato continha três *clichés:*

1.º — O médico examina a paciente logo após a operação.

2.º — *Croquis* do interior da casa da Rua Leite de Morais, 132, onde se teria realizado a operação.

3.º — O *reporter* de *A Noite* examina o corpo estranho extraído do apêndice da jovem.

A ALMA É IMORTAL

A alma é imaterial, porque os fenómenos que produz não se podem comparar a qualquer propriedade da matéria. O pensamento, a imaginação e a lembrança, não têm forma, nem côr, nem duração, nem maleabilidade. Tais produções do espírito não estão adstritas às leis que regem o mundo físico, não se podem medir, nem pesar. A alma escapa, por sua natureza, à destruïção, pois que se manifesta, em tôda a sua plenitude, após a desagregação do corpo; é, pois imaterial e imortal.

GABRIEL DELANNE

FILOSOFIA NEO-ESPIRITUALISTA(*)

PSICOLOGIA

F) Neo-Psicologia Experimental

por Ramos Pereira

III — A psicologia

Em 1903, Samuel Jones e William Denton («Psychometric Researches») praticavam com um sensitivo, Edith Hawthorne, uma série de trabalhos que deu origem a um novo capítulo da psicologia experimental. Magnetizado, o sensitivo identificava-se por completo com o objecto que lhe depunham nas mãos e descrevia a história dêste. Factos análogos se produziram com Kenset Style, Katherine Bates e outros passivos.

¿Terá ainda aplicação a doutrina de Dal Pozzo? Sem dúvida, logo que supusermos os próprios objectos materiais como capazes de emitir vibrações especiais. Foi Myers quem primeiro expendeu a hipótese dum ambiente metaetérico: — «da mesma forma por que os físicos e os astrónomos são levados a admitir que as vibrações luminosas percorrem o espaço infinito sem jamais se extinguirem, assim também poder-se-ia admitir a persistência visual de tôda a forma de vibrações cósmicas.

Isto é, todos os objectos emitem constantemente vibrações que, ao encontrarem o campo resistente electromagnético, que é o éter, formam um espaço vibratório (ambiente metaetérico), o que nada tem de ilógico com as últimas conquistas da ciência. O sensitivo não faz mais que sincronizar o sistema vibratório da sua natureza com o do ambiente metaetérico que lhe interessa ou então não o perceberia, e isso consegue-o pelo estado especial que nêle cria a energia magnética. Em suma, com essa sincronização, êle sente como suas as sensações psico-orgânicas do objecto.

Nesta ordem de idéias, é natural que os próprios indivíduos tenham à sua volta um ambiente semelhante. K. Bates expendia assim a sua opinião sôbre esta hipótese: — «estou inclinada a crer que algumas faculdades do carácter são, mais que outras, registáveis, e que êsse facto se liga à existência, nas mesmas qualidades, dum quantitativo maior de magnetismo pessoal, têrmo que emprego à falta de melhor expressão». (Cf. George Gissing in «By the Ionian Sea» e Ernesto Bozzano in «Enigmas da Psicometria»).

IV — Constituïção do homem

Após êste bosquejo simples dos últimos progressos da neo-psicologia experimental que abriu novos caminhos à Psicologia, ao estudo da natureza humana, poderemos avançar a uma classificação mais rigorosa e definida dos factos.

Como primeiro componente do Homem aparece-nos a substância material — o corpo — sujeito ao automatismo mecânico das leis biológicas que nada mais são que uma especialização das leis naturais físico-químicas. Formado de células agrupadas em tecidos e em órgãos com as suas funções determinadas, a sua importância ressalta no forte paralelismo psico-fisiológico. A doutrina de Patanjali, filósofo hindu, a «Raja Yoga», é, a meu ver, a maior prova contra o materialismo. De facto, se um indivíduo consegue, pela vontade, dominar a substância material, ¿como se explica o paralelismo absoluto dos materialistas?

Analisemos os preceitos do Yoga que, pelo domínio do corpo, pretende a suprema concentração, na qual o indivíduo tem a noção exacta da sua natureza interna.

Os primeiros passos — Yama e Niyama — constituem um treino moral com o fim duma mais lata coesão da consciência pelo autodomínio. Em Asâna (posturas), o sujeito procura manter o corpo numa certa posição. Qual o resultado? Com a preocupação de alcançar aquêle fim, não só acaba por dominar o corpo, como ainda se habitua a despender e a guiar uma grande quantidade de fluxo nervoso que não só

(*) Ver *Estudos Psíquicos* de Julho de 1944 a Agosto de 1945.

treina a vontade, como ainda cria uma grande facilidade de concentração.

Vem depois Prânayama ou o domínio de alguns dos meus músculos — diz Swami Vivekânanda (Cf. in «Raja Yoga») — porque não poderia dominar todos? Que impossibilidade haverá nisso?»

Atingidos estes pontos, avança-se no Prâtyâhâra. O indivíduo deixa correr o pensamento, não o domina, não o refreia; coloca-se como espectador das suas próprias idéias. A corrente, a princípio fogosa e desordenada, acaba por se ir acalmando escoando qual ribeiro de águas tranqüilas. É então que o sujeito o obriga a fixar-se em pontos determinados (Dhâranâ) e sôbre êles se concentra (Dhyâna). Alcança então a superconsciência do fenómeno (Samâdhi), pois que, dominando o corpo, está na posse plena do seu pensamento.

¿Não revela isto a compreensão perfeita daquêle paralelismo? De facto assim é, pois que, lògicamente, ataca a substância material, o meio de comunicação entre a substância inteligente e o exterior, para que, subjugando-a, a concentração, a «conquista da natureza interna» se possa fazer.

Por outro lado, a neo-psicologia experimental provou a existência duma substância — o perespírito ou duplo — na qual reside a sensibilidade. Esta substância explica o paralelismo psico-fisiológico. É graças a êle que a fôrça inteligente actua sôbre a substância material. A sua natureza não é material, pois se assim fôsse seria impossível a exteriorização da sensibilidade. Os impulsos do pensamento fazem vibrar esta substância antes de se propagarem sob a forma duma corrente. «Constitui a sede de tôdas as paixões, de todos os desejos animais, é o centro de todos os sentidos «donde brotam tôdas as sensações» (Annie Beasant). É êle que mantém a unidade consciente do ser, pois que as moléculas materiais estão continuamente a ser renovadas e eliminadas. O perespírito é, de facto, a fôrça permanente de assimilação.

¿Qual será a natureza desta substância? A teoria que mais satisfaz (Cf. Cosmologia Racional) é a do éter, de Richnowsky. Depois de o isolar e de o estudar, sustentou que o éter é a causa determinante dos fenómenos cósmicos e que nos organismos se revela no fluido ódico ou magnético. A substância etérica do perespíirito é a fôrça organizadora e o elo necessário à unidade psico-fisiológica.

A outra substância que denominámos Alma — e que estudaremos mais profundamente na Metafísica, cinde-se em diversos aspectos. Com efeito, a experiência orgânica cria um substracto psíquico sub-consciente que se revela principalmente nos automatismos. Chamar-lhe-emos alma animal (a Kama Rupa dos filósofos hindus). Segue-se depois o conjunto das faculdades conscientes — inteligência, sensibilidade e vontade — substância do comportamento. Mas o homem supera tudo na sua ânsia de ideal, procura abranger em si a maravilha do infinito (Ideal). Resta finalmente o fulcro da energia que domina a alma animal, guia e fortalece a trama do comportamento e abrasa o ideal; é a alma pura.

E em esquema teremos a constituïção do homem:

- Homem
  - Corpo
  - Espirito
    - Perespirito
    - Alma
      - Alma animal
      - Comportamento
        - Inteligência
        - Sensibilidade
        - Vontade
      - Ideal
      - Alma pura

V — As energias psíquicas

Raciocinemos agora sôbre o que estudámos e vejamos as conclusões a que poderemos chegar, dentro da seqüência lógica.

Todos os seres contêm em si, no fulcro energético que é a alma pura, um quantum de energia cuja exteriorização é o poder da vontade. Os filósofos hindus deram-lhe o nome de Prâna e, por simplicidade, assim o designaremos.

Por outro lado, cada uma das células corporais possui uma certa energia que nos animais inferiores se revela pela irritabilidade ou poder de acção-reacção e que no homem se demonstra na sensibilidade motriz, táctil, etc., isto é, no poder vibratório neuro-muscular. É a energia pléxica ou plexus nervoso que será correlativo dum plexus perespirítico, visto que é nesta substância que reside a verdadeira sensibilidade humana e por ter ela uma natureza semi-material. Isto é, eu distingo na sensibilidade geral uma síntese da sensi-

O VALOR DA AMIZADE

por Lucinda Barata da Cruz

I

Estamos na era do dinamismo relâmpago e não há tempo para sacrificar no altar da Amizade.

Ramalho Ortigão, no século XVIII, pronunciou-se amargamente sôbre a amizade e, como bom psicólogo que era, do que viu e auscultou concluíu que era traída pela esterilidade do coração, secura do sentimento...

¿Que diria êle, hoje, se contemplasse o egoísmo feroz, selvático, a sanha destruïdora, a desumanização, a dissolução de todos os laços afectivos?

¿A ânsia febril do poder, das riquezas, a prepotência, matam o valor e significado da amizade?

Consideremos as imperiosas necessidades da alma.

¿Não sentimos todos nós a realidade imperativa dos impulsos do coração? ¿Não lhe reconhecemos a ânsia de afectos e carinhos? ¿Quem pode sufocar a natureza humana?

Só os insensatos e os cínicos negarão esta verdade. Mas onde encontrar êsse amigo de amizade indefectível? ¿Podemos confiar em todos êles? De forma alguma.

Quero falar tão sòmente dos amigos de alma e não da semi-amizade. Quero falar do valor e da importância da Amizade perfeita, da que nasce de sentimentos afins.

Comecemos por cultivar a simpatia para chegar ao dulçoroso sentimento da amizade. É preciso, é absolutamente necessário cultivar a amizade para corresponder às imperiosidades espirituais.

A amizade é um estimulante que vitaliza, fôrça espiritual que retempera, que dignifica, que não tem eqüivalente tanto na adversidade, como na prosperidade. O amigo fiel é amparo moral, é bálsamo nas horas difíceis, é incentivo, é esperança, é consoladora alegria que nos acorda para a vida, para a luta, na conquista do porvir.

Abundam os falsos amigos? Sim, é certo. Mas sejamos prudentes, cautelosos; descobrir o nosso peito é oferecê-lo às balas do inimigo.

Quando se encontra um Amigo no caminho da Vida, há que cultivar a sua amizade, pois diz Salomão: «vale mais o amigo que está perto, que o irmão que está longe»; é

---

bilidade corporal (pela qual a excitação externa é conduzida ao sistema nervoso) e da sensibilidade perespirítica que conduz a sensação do sistema nervoso ao fulcro anímico onde reside a faculdade. Eis porque na exteriorização do duplo, o corpo do sonâmbulo nada sente.

O acto reflexo complica-se.

A energia pléxida irradia constantemente um quantum de plexus nervoso, principalmente sob a forma de calor, aliado a um outro de plexus perespirítico, sob a forma de reacção sensitiva. Mas quando o sêr «quere», Prâna exterioriza a vontade e gera-se uma corrente vibratória (Dal Pozzo) que se vai amalgamar à emanação pléxica espontânea, corrente essa que traz em si uma certa energia, a energia magnética.

Mas quando a corrente vibratória passa a substância material, depara com o éter. O contacto da corrente com o campo electromagnético etérico deve produzir uma fluorescência característica, de côr e intensidades relacionadas directamente com o Prâna e o Plexus, isto é, com a essência do homem. Essa fluorescência é a «aura» (Cf. trabalhos de Rochas, Richet, Myers, etc.), que mais não é que o ambiente metaetérico de Myers.

Esta fluorescência, porém, emana uma radiação, a qual (Dal Pozzo) explica os fenómenos de telepatia, magnetismo, psicometria, etc. São os raios V de Darget.

Poderíamos talvez comparar isto com os fenómenos das ampolas de Crookes (Cf. matéria radiante). O gás rarefeito corresponde ao éter, o prâna à corrente eléctrica, o catódio à alma, o anódio ao perispírito, os raios catódicos à corrente do pensamento e a sua energia à energia magnética, a luminescência do anticatódio à aura, e os raios de Roentgen aos raios de Darget.

que os laços de sangue nem sempre são os que melhor unem as almas.

Cultivar a amizade é uma ciência. Ser amigo do seu amigo é sentir fraternalmente os seus pezares ou alegrias, sofrê-los ou vivê-los com firme dedicação e lealdade.

Se a amizade que nos é cara nos falha nas horas de provação, ¡que abalo terrível, doloroso, confrangedor fará estremecer os mais íntimos recessos da alma!...

Estudemos o amigo, sejamos reflectidos na sua escôlha, auscultêmo-lo, e só depois de lhe reconhecermos lealdade e limpidez de alma, provada exuberantemente a sua absoluta sinceridade, confiemos nêle. Assim nos pouparemos decepções, desalentos que nos amorteçam o ânimo nas horas da tormenta.

Fugi da amizade interesseira, material.

A amizade verdadeira nada pede. Espera e confia. É tão nobre o sentimento da amizade, que há um provérbio que diz:

«A amizade que acaba, nunca foi amizade».

Olhai a criança que, na escola, procura, em contacto com outros pequeninos, tomar parte nos seus brinquedos, expandir-se em preguntas numa imperiosidade de conviver, de permuta de mil e uma coisas em que o instinto de sociabilidade se revela plenamente. É assim que se vão contraindo, fortalecendo laços de amizade que, quantas vezes, perduram pela vida fora.

O meio ambiente fascina o indivíduo; quando êste, em colectividade, fraterniza, estabelece-se a camaradagem, que não é Amizade mas na qual se pode converter, pela simpatia, pela lealdade, por qualidades afins de carácter, temperamento, gostos ou hábitos.

Daqui nascem preferência entre condiscípulos, na família, nas diversas actividades e em muitas outras circunstâncias imprevistas.

Há no subconsciente um desejo imanente de comunicações, de confidenciar ou revelar. É uma condição imperiosa da alma humana. Alguém definiu que «a confidência é a respiração das almas». A dificuldade está em reconhecer o amigo para não resvalar no êrro.

A imprudência é sempre nociva e a excessiva franqueza pode resultar numa cruel hostilidade.

Na mulher, que é, antes de tudo, dominada pela sensibilidade, que vive pelo coração, as afeições tomam uma feição forte, profunda, indo até à dedicação divinizada pelo Amor ou pela Amizade.

As afeições para ela não são uma satisfação pessoal. Ela consubstancia, na mãe, no filho ou no espôso, o seu «eu», o seu prazer, as suas alegrias, numa palavra — a sua felicidade — a sua razão de viver. É em volta dêstes três afectos que, em regra, a sua vida evoluciona.

A História dá-nos exemplos de mulheres que à Amizade sacrificaram até suas vidas.

Vemos, porém, que a Amizade entre mulheres raras vezes se verifica com sinceridade, detestando-se cordialmente na mór parte das vezes. Mentalidades pobres a que a inveja e o ciúme não são estranhos.

Devem repudiar-se, rigorosamente, as Amizades exclusivas. As Amizades exclusivas são para o nosso lar, guardam-se no santuário do nosso coração, como a hóstia bendita no sacrário.

Impõe-se, pois, saber escolher os amigos entre o que melhor nos parecer e acautelarmo-nos, para evitar perigos graves.

Hemos de aceitar e sentir que há ainda entre nós sentimentos nobilíssimos e reconfortantes.

As Sagradas Escrituras dizem-nos da Amizade do Mestre pelos seus discípulos. João, o discípulo amado, recolheu em sua casa Maria de Nazaré, quando o Cristo, no Calvário lhe recomenda Sua Mãe, dizendo:

— Eis aí tua Mãe! Eis aí o teu filho!

E assim verificamos que a Amizade transcende para além da Morte. ¡Consolador e generoso sentimento o afecto que perdura no tempo e no espaço!

Cultivar a flor da Amizade é prazer, é grato dever. Quando necessitamos de opinião ou conselho leal, se recorremos ao amigo, a sua palavra é luz que alumia, que esclarece, que fortalece a alma e nos reconcilia connosco próprios, erguendo-nos o ânimo para com mais segurança valorizar o nosso esfôrço, na conquista da nossa independência material e moral.

É agrupando-nos com bondade e sinceridade no desejo colectivo de pôr à prova as nossas possibilidades de contribuir para o bem comum, que elevaremos o nível de vida, desenvolvendo fôrças atractivas de condições de euforia.

Daqui resulta um maior rendimento de trabalho produtivo, de expansibilidade de acção, dum ritmo de vida que se não conturba perante dificuldades, superando todos os obstáculos, evolvendo com precisão e reflectindo calma.

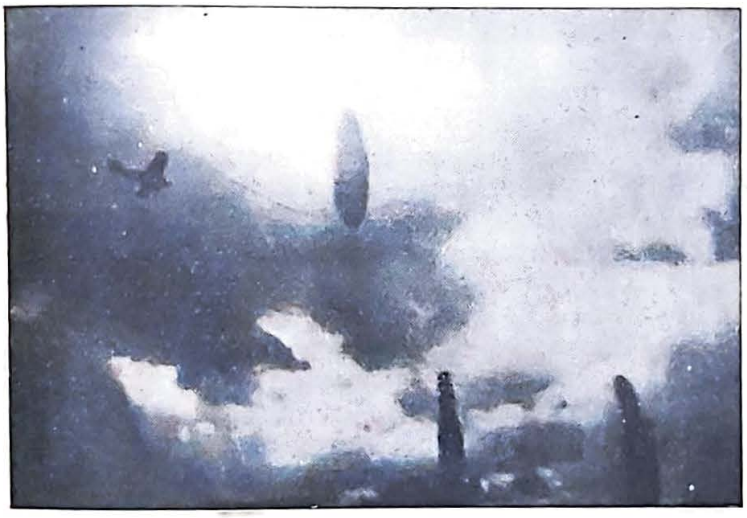
DOIS FENÓMENOS INTERESSANTES

Do nosso confrade Henrique da Silva Horta, membro dos corpos gerentes do Centro Espiritualista Luz e Amor, recebemos a seguinte carta relativa a dois fenómenos bem curiosos e dignos da atenção dos leitores. A elevada consideração que temos por êste amigo, espirita desempoeirado e alheio a fanatismos de qualquer espécie, leva-nos a confiar plenamente na sua narração.

Santarém, 17 de Julho de 1945.

Prezado Confrade e Amigo:

A minha vida profissional, que me obriga constantemente a percorrer o País de norte a sul, proporciona-me bastas vezes o prazer espiritual de observar fenómenos de carácter psíquico, ou de origens diversas, dignos de estudo sério. ¡Quanto tempo levaria a contar aquêles que me recordam, já que tantos outros me desapareceram há muito da memória, levados pelas voragem dos anos!...



Fotografia dum avião que sobrevoava o tempo da Fátima

Vou contar-lhe dois casos de que tive conhecimento na minha última viagem, para que os aprecie devidamente:

Um fotógrafo amador aqui de Santarém, que assistiu à procissão da Senhora da Fátima, no dia 13 de Maio p. p., na Cova da Iria, fotografou, com a sua pequena *Kodak*, um avião que nêsse momento sobrevoava o templo.

Ao proceder mais tarde à revelação da película fotográfica, notou que algo de extraordinário e interessante ela apresentava: uma mancha no alto da película, que se assemelhava à silhueta da Senhora.

Foram tiradas muitas provas dessa fotografia, que tem motivado discussões acaloradas, apaixonando e provocando opiniões contraditórias.

Uma dessas fotografias veio parar-me às mãos, e que junto, por a encontrar deveras curiosa. ¿Será de facto uma mancha vulgar, ou qualquer outro defeito da película? ¿Ou estaremos em presença de uma «fotografia colectiva do pensamento»?...

Não acho impossível que assim suceda, dado o ambiente de recolhimento em que ela foi obtida: um estado de espírito religioso, o pensamento fixo na imagem da Senhora, impressionando milhares de indivíduos ao mesmo tempo, poderia, de facto, ter produzido vitalidade e forma, de molde a ser fotografado.

Pode muito bem ser êste o fenómeno que se verifica na fotografia. Sem objectiva e sem o ambiente de religiosidade da Fátima, apenas na câmara escura, os experimentadores Le Bon e Darget obtiveram formas-pensamentos interessantes.

Deixo ficar a fotografia nas mãos do meu querido Confrade e Amigo, para que a analise e me dê a sua opinião.

Agora, o outro caso:

Em Tomar, fui visitar a nossa Confreira D. Maria Emília Gandâra Viana, com quem passei algumas horas de convívio espiritual agradabilíssimo. O seu fino trato, as suas convicções firmes de espirita culta e convicta, deixaram-me admiràvelmente impressionado.

Entre vários casos de carácter psíquico que me contou passados em Tomar, o que mais me interessou, foi, sem dúvida, o de uma «casa assombrada»! Como é natural, mostrei desejo de visitar essa casa e de conhecer os seus habitantes. E, de facto, no dia seguinte, acompanhado por um nosso confrade e por um oficial do exército que amàvelmente se prestou a apresentar-nos, lá fomos, levados por um desejo de observação séria e imparcial.

Não verifiquei qualquer fenómeno, mas pela conversação que mantive com os locatários, fiquei absolutamente convencido de que tratei com gente, embora humilde, todavia honesta e séria.

Se entrarmos em Tomar, pela estrada de Paialvo, fica-nos ao lado esquerdo uma pequena casinha, afastada alguns metros da estrada e que tem por detrás um pequeno pinhal. Do lado direito da estrada fica-nos a parada do Quartel de Infantaria 15. É a casa habitada por um ex-combatente da guerra de 1914, pessoa honesta e trabalhadora que emprega a sua actividade na lavoura. É casado e tem duas filhas. Fui recebido com aquela familiaridade só própria de gente humilde e boa.

Interrogado, o bom do homem descreveu-me com simplicidade o que tem sido a tragédia do seu lar, há um ano, aproximadamente.

De princípio começaram a verificar que a casa era apedrejada, limitando-se, porém, a algumas telhas partidas. Pouco depois, o dono da casa julgou que se tratava de actos de malvadez praticados por inconscientes ou maus. Saía de casa percorrendo as cercanias para castigar o atrevido, ou atrevidos, mas em vão... Ninguém! Os apedrejamentos começaram a aumentar de intensidade, a ponto de serem alvejadas as sentinelas do Regimento de Infantaria 15.

Uma noite, como tivessem caído pedras na parada do Quartel, dezóito soldados, comandados por um sargento, cercaram a casa e bateram o pinhal, não encontrando ninguém. Todavia, a casa continuava a ser apedrejada! Mais tarde, soldados da Guarda Nacional Republicana patrulharam o local, observaram os apedrejamentos, mas não conseguiram capturar os invisíveis apedrejadores. Entretanto, a filha mais nova do casal, que tem apenas dezasseis anos, era acometida de «ataques», — isto na linguagem do pai. Êsses ataques tornaram-se cada vez mais freqüentes e os apedrejamentos que, antes, se limitavam a alvejar os telhados, passaram a dar-se dentro de casa. As pedras batem em cheio nas paredes, ou sôbre os móveis, produzindo estragos e magoando as pessoas. Uma noite, tomam tais proporções, que a família foge para a rua, a pedir socôrro. Várias pessoas acorreram ao local, tendo presenciado o fenómeno.

A filha mais nova do casal começou a cair em «transe» e a entidade comunicante dizia ser um seu tio que falecera em França, para onde fugira, depois de ter assassinado a companheira.

Pelo que me contaram, o espírito que se comunica está em grande perturbação. Diz ser êle quem atira as pedradas e que persegue aquela família. Fala numas «letras» assinadas por êle que diz encontrarem-se em determinada gaveta de uma secretária que lhe pertenceu e que está em casa dum irmão seu, que reside em Pombal. ¡De facto, as «letras» foram encontradas na gaveta da referida secretária! ¡A família da entidade comunicante ignorava a existência dessas «letras»!

A médium — chamemos assim à filha do dono da casa, — caía agora freqüentemente em «transe», em casa e na fábrica onde trabalhava, donde foi despedida por êsse motivo. Já esteve em Coimbra, durante quinze dias, onde foi observada por um médico psiquiatra, que declarou não encontrar qualquer motivo para os «presumíveis» ataques. Afirma que ela possui uma organização robusta. Durante a sua estadia em Coimbra, não se verificaram em casa dos pais os fenómenos de apedrejamento, a que me acabo de referir.

Agora, a vida nessa casa tornou-se quási insuportável. ¡A rapariga cai em «transe» amiüdadamente; as cadeiras deslocam-se sem que ninguém lhes toque; as panelas tombam na lareira; pequenas pedras são encontradas na comida, que se torna intragável por êsse motivo!

Além disso, não pode sair sòzinha de casa, visto que é arremessada ao chão por fôrças ocultas. Presentemente, também a mãe e a outra irmã caiem em «transe», manifestando-se a mesma entidade.

Como vê, meu querido Confrade, estamos em presença de uma família de médiuns, sendo a filha mais nova um médium de efeitos físicos de apreciáveis qualidades psíquicas.

Falei com várias pessoas que têm assistido aos fenómenos, as quais confirmam em absoluto o que me foi contado por essa pobre família, que só tem sofrido prejuízos materiais e físicos com estes fenómenos.

Tem recorrido a tudo o dono da casa, no sentido de obter a «cura» da filha e conseguir o sossêgo no seu lar. Médicos, sacerdotes católicos e as chamadas «mulheres de virtude», têm intervindo sem resultado.

Pena é que o Centro Luz e Amor não possua disponibilidades para manter por algum tempo a pequena em Lisboa, pois não só levaria o sossêgo àquêle pobre lar, como nos proporcionaria sessões experimentais de valor.

Creia-me, confrade muito amigo

Henrique da Silva Horta

N. da R. — *Quanto à fotografia, achamo-la natural, sem qualquer truque visível. Não há nela a mínima sobreposição. Além disso, a silhueta está no mesmo plano horizontal do avião, que topeta as nuvens. Servem-lhe de peanha os abundantes cúmulos que enchem a atmosfera. É, de facto, digna de admiração e estudo. Quanto à casa assombrada, é fenómeno corrente em Espiritismo e a origem deve estar na filha mais nova do casal. Normalizada esta, cessará aquêle. Infelizmente, o Centro E. Luz e Amor não está em condições de fazer despesas que pudessem manter a rapariga em Lisboa. A indiferença da maior parte dos espiritas é o principal factor das dificuldades com que os centros lutam, bem como os seus órgãos de propaganda.*

UM EPITÁFIO

Aqui jaz, lançado aos vermes, o corpo do tipógrafo Benjamim Franklin, como a capa de um velho livro de fôlhas arrancadas e cujo título e douradura estão apagados; mas, àparte tudo isso, a obra não se perderá, porque há de reaparecer em nova e melhor edição revista e corrigida pelo autor.

Franklin

O CAMPONÊS RUSSO

por Leão Tolstoi

Um camponês muito piedoso fazia preces durante anos a Cristo, para que uma vez, ao menos, lhe visitasse a humilde vivenda. Certa noite teve uma visão. Apareceu-lhe o Mestre e disse-lhe que no dia seguinte iria a casa dêle.

Cheio de júbilo, acordou o camponês. A visão pareceu-lhe tão verdadeira, que se levantou, tratando logo de preparar a casa para receber o hóspede celeste. Terrível chuva de pedras e neve caiu durante o dia. Enquanto êle tratava das coisas da casa, amontoando na lareira acha sôbre acha e preparando o caldo de couves — alimento cotidiano do camponês russo — ia o homem olhando ansiosamente para o temporal que se desencadeava lá fora. De súbito, viu um pobre bufarinheiro (vendedor ambulante de bugigangas) semi-gelado, com uma trouxa às costas, a dirigir-se para a sua cabana, sem poder avançar, fustigado pela neve e pela chuva, que se despenhavam sôbre êle. O camponês saiu da cabana e foi buscar o desgraçado viandante. Enxugou-lhe as roupas, aqueceu-o, e deu-lhe do seu caldo e só o despediu depois de o ter confortado.

Pouco depois, viu uma pobre velha a tentar com dificuldade desembaraçar-se da neve que a cegava. Também a foi buscar, aqueceu-a, alimentou-a, embrulhou-a numa capa e despediu-a revigorada e animada.

Foi passando o dia. Anoitecia e nem sinais do Mestre. Sem grande esperança, o homem assomou à porta da cabana e avistou uma criancinha que não podia caminhar. Correu para a criança semi-gelada, tomou-a nos braços, levou-a para casa, aquentou-a, deu-lhe de comer e depressa o viandantezinho adormeceu ao pé do lume.

Cruelmente desiludido por não ter visto o Mestre, o camponês ficou sentado, a olhar para o lume, e naquela contemplação adormeceu. De súbito, o aposento iluminou-se todo com luz que não vinha da lareira; e viu então o Mestre, de túnica de neve, a fitá-lo, sorrindo.

— Ah, Mestre! — disse êle — ¡Esperei todo o dia e tu não vieste!

O Mestre respondeu:

— Hoje, visitei três vezes a tua casa. O pobre bufarinheiro que socorreste, aqueceste e alimentaste, era eu. A pobre velha a quem deste a capa, era eu. A criancinha que salvaste do vendaval sou eu. O que fizeste ao mais humilde de teus irmãos, a mim o fizeste.

A visão do Cristo dissipou-se. O camponês acordou. Estava sozinho com a criancinha, que dormia sorrindo. Mas sabia agora que o Mestre tinha visitado o seu lar...

NO MESMO CAMINHO

pelo Capitão Alfredo dos Santos

NO meu artigo publicado na revista *Estudos Psíquicos* correspondente ao mês de Maio do corrente ano, em que, por gentileza do Director da mesma revista, pela primeira vez vi o meu nome na imprensa, fiz um apêlo para a união forte de todos os espiritas, donde resultaria grande benefício para a causa sublime que defendemos.

No coração dos que verdadeiramente amam o ideal e sabem avaliar o valor da união, não pode ter deixado de encontrar eco o que escrevi; e sei que assim foi, porque alguém, por carta escrita ao Director da revista, manifestou o seu acôrdo com os desejos que no artigo foram expressos.

Conforta-me saber que por êsse país fora há almas que pensam como eu, que desejariam ver que entre nós as coisas corressem melhor, que houvesse mais união e que todos trabalhassem harmònicamente e de boa vontade, para o fortalecimento e progresso da nossa doutrina.

Estes são, por certo, os que sabem avaliar a fôrça e beleza que resultam da união e que sabem, portanto, que onde a união falta não pode haver obras de vulto que se imponham à consideração e aprêço dos que comungam na doutrina, quanto mais dos seus detractores ou dos que a olham desconfiados.

É por isso que o nosso primeiro objectivo deve ser criar, pela união, a coesão nas fileiras espiritas. E êste objectivo não será difícil de atingir, se todos nós quisermos atingi-lo.

Ao ingressar a fundo nas lides do Espiritismo, devo confessar que me senti deslocado, porque a primeira coisa que notei, foi que me encontrava num meio em que imperava a negação da Fraternidade, que é uma das bases em que assenta o Espiritualismo. Não porque em cada núcleo ou centro ela deixasse de existir, mas porque êsses núcleos e centros viviam como se cada um ignorasse a existência dos outros. Não sei a causa. Mas posso confessar que me confrangeu.

Então, pus-me a cogitar sôbre as causas que, provàvelmente, originam o facto e apenas, em meu modesto entender, encontrei desinterêsse e pouca vontade de trabalhar nêsse sentido.

Mas porquê? A tarefa é árdua? Sim, é árdua. Mas outras há mais árduas e vencem-se. Se não faltam elementos para vencer, ¿porque não havemos nós de vencê-la?

Quando um trabalho é grande e apenas um homem trabalha para a sua execução, ainda pode compreender-se que êsse homem canse e pare, deixando o trabalho por executar. Mas êsse não é o nosso caso. Há, de facto, uma grande tarefa a levar a cabo, mas não faltam obreiros para o trabalho. Despertem êsses obreiros, meta-se mãos à obra e ela será realizada, com a boa vontade e o agrado de todos.

Há no país alguns núcleos importantes, que até agora têm trabalhado isoladamente. Embora muito de bom já tenham feito, no sentido da propaganda do Espiritismo, o seu trabalho não tem produzido o efeito que produziria, se fôsse executado em obediência a um plano de conjunto, em que todos trabalhassem, obedecendo à mesma finalidade de engrandecimento da causa comum.

Daí, o estado em que nos encontramos, numa ocasião em que as instituïções espirituais têm na sua frente o problema moral do mundo que vai surgir, depois da horrível catástrofe que ainda não terminou.

Pois meditemos nisto e preparemo-nos para desempenharmos na formação moral da humanidade do após-guerra a parte que nos competir, mas façamo-lo de modo que lhe demos o exemplo de Fraternidade e amor pela prática destas virtudes entre nós.

E para que o nosso valor aumente e possa inspirar maior confiança, trabalhemos unidos, leal e irmãmente, porque trabalhar isolado é arriscar-se um grupo ou centro a ser batido inglòriamente.

Ora, a natureza da Causa que tem por criador o Mestre dos Mestres, merece bem o nosso esfôrço, com o qual lucraremos nós e lucrará a humanidade.

E porque assim penso, lanço hoje êste novo apêlo:

— Acabem-se tôdas as desconfianças entre nós e trabalhemos lealmente para o engrandecimento e propagação da doutrina espirita.

— Entendam-se, unam-se e federem-se todos os grupos e centros espiritas, para po-

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

II

Jesus encaminhava-se para a região que acabo de descrever. João viu-o descer da montanha da tentação e encaminhar-se para si. À aproximação do Mestre, que avançava, serena e humildemente, e o clamor dos juízos de Deus que o precursor há pouco anunciara desfizeram-se numa inefável doçura... Porque não é, nem mesmo na mais suave brisa do Horeb, mas sim na concentração e no silêncio, que Deus se revela aos homens.

Os olhos do Baptista viam Jesus na sua beleza espiritual.

Através d'ÊLE, entreviam a terra desconhecida, as regiões etéreas onde a Harmonia e a Paz habitam eternamente, as moradas da casa do PAI CELESTIAL.

Isaías, que era a própria base das suas exortações, já não lhe falava **«do machado posto à raiz das árvores»** e do **«crivo que purifica o grão».**

Tratava-se de purificação progressiva, segundo os ensinamentos do Messias. ÊLE conduzia a chave do Amor e da Reúncia que, fechando as portas dos prazeres terrenos, abria a todos o caminho portentoso da felicidade eterna.

Tudo o que Isaías escreveu àcêrca da da vinda do Messias; todo o simbolismo do cordeiro pascal que a multidão de peregrinos faria reviver em Jerusalém; o sacrifício da manhã e o sacrifício da tarde oferecidos no Templo pelos pecados do povo, tudo isto: profecias, história, culto de Israel, manifesta-se, resume-se, engrandece-se nas palavras de João Baptista, olhando Jesus que se aproximava dêle:

— ¡Eis aqui o cordeiro de Deus! ¡Eis aquêle que tira os pecados do mundo!

Disse-o nêsse dia. Repetiu-o no dia seguinte, ao ver novamente o Messias:

— Eis aqui o cordeiro de Deus.

E dois dos seus discípulos, — sem sua autorização, tão bem sabiam que cumpriam a sua vontade — foram seguindo silenciosamente Aquêle que João assim designara.

O Evangelista precisa bem a hora, quando se refere a êste primeiro encontro. **É a hora única em tôda a vida de cada homem,** cuja recordação o acompanha até entrar nas alegrias da vida espiritual. Segundo o modo de contar dos Romanos, eram 10 horas da manhã; segundo a maneira dos Judeus, adoptada por João, eram 4 horas da tarde: **a décima hora.**

E como ambos O seguiam sem dizer palavra, voltou-se JESUS e preguntou:

— Que quereis?

A Sagrada Escritura apresenta Jesus como «o mais belo dos Filhos de Deus». Pensaram e ainda pensam muitos iluminados que o Cristo não deixava transparecer grande parte do Mistério Divino que em Si encerrava, para que aquêles a quem chamava irmãos pudessem suportar a sua Presença e não viesse a suceder o que mais tarde se verificou no Monte Tabor, quando, pelo poder da Sua Vontade, Suas vestes se tor-

---

derem constituir uma fôrça espiritual que se imponha pelo seu valor e fôrça.

— Que os centros e grupos de maior representação (alguns já estão federados), metam ombros a tão urgente como importante tarefa, através dos seus valores mais representativos, que muitos possuem, e estudem, se preciso fôr, as modificações que se tornem necessárias na organização actual, cujos defeitos estão patentes e é preciso emendar.

Faça-se o que há muito se devia ter feito, limando tôdas as arestas que se oponham à verdadeira união; e, como disse no meu primeiro artigo, marchemos para a frente!

Que todos dêem um pouco da sua boa vontade. Da minha parte e dos que comigo trabalham, também há boa vontade e lealdade igual à que de todos esperamos nos seja dada.

Assim o Mestre nos proteja e permita que as nossas sinceras palavras encontrem eco no coração de todos os espiritas.

Julho de 1945.

naram alvas como a neve e o seu rosto se tornou resplandecente como o Sol, transfigurando-se, ou, mais exactamente, desmaterializando-se; e, mais tarde, quando, no momento da Sua prisão, refulgiu de Si estranha e deslumbrante luz que fêz cair por terra, assombrados, aquêles que iam incumbidos de o prender.

«O meu corpo ninguém mo pode tomar. Eu tomo-o e deixo-o quando quero. Foi êsse um mandamento que recebi de meu pai», reza o Evangelho.

Jesus demonstrou, assim, aos homens de todos os tempos que o Seu sacrifício foi inteiramente voluntário, pois que pela violência e contra a Sua excelsa Vontade nenhum homem teria poder algum sôbre Êle.

Sinceramente creio que o Cristo, no seu aspecto normal, era resplandecente como um Sol, rosto luminoso, corpo refulgente e diáfano, como que urdido de Luz, não sendo possível os olhos humanos suportarem tamanha beleza sem cairem por terra deslumbrados.

Os dois discípulos de João não o tinham visto espiritualmente, mas os seus corações adivinharam que estavam na presença duma poderosa e elevada Potência Divina.

E era o olhar de João, o puro de coração, **o discípulo amado** que na sua feliz candura se fixava agora em Jesus Cristo.

Absorvido em profunda contemplação, o Evangelista esquecia-se de responder e também de interrogar; abandonara tôda a perturbação, tôda a timidez, todo o receio. Naquêle a quem tinha prêso o olhar, havia qualquer coisa que ia mais longe do que as preguntas e as respostas, mais longe que a timidez e o receio, mais longe do que tudo aquilo que vem quebrar-se nêste restrito limite humano.

Qualquer coisa que parecia dilatar a alma até o Infinito, dilatá-la e enchê-la. João esqueceu tudo. ¡Em beatitude Divina, sem fôrça para desviar os olhos, contemplava a visão do Amor, da Serenidade e da Graça!

E tôda a luz humana empalidecia e se apagava diante «da verdadeira luz que vinha a êste mundo».

Jeová tinha dito a Moisés:

— Farei passar diante de ti a imagem da minha bondade.

Mais favorecidos que o grande legislador, João e André viam-na sob forma aparentemente humana, a poucos passos de distância. Perdida a sua habitual timidez, não preguntaram ao Senhor: Quem sois vós?

AVISO AOS LEITORES

Temos recebido muitos pedidos no sentido de fazermos coïncidir os números da revista com os meses do ano civil, facilitando assim a cobrança e a tomada de assinaturas por semestres.

No desejo de satisfazer êsses amáveis correspondentes e aproveitando o ensejo para reorganizar os nossos serviços de redacção e administração, informamos os leitores de que o n.º 1 do 7.º ano saïrá em Janeiro de 1946. E para que não pareça tão grande a forçada interrupção, resolvemos fazer sair o presente número em 15 de Setembro e o seguinte em fins do próximo mês de Outubro.

Já não se satisfaziam com qualquer pregunta ou resposta. Precisavam de viver intimamente na morada do Mestre excelso e das curtas horas que vôam despercebidas no abandono das almas que se abrem ao influxo divino.

— Senhor, onde viveis? — preguntaram.

— Vinde e Vêde.

Dêstes dois discípulos do Baptista, um é designado pelo seu próprio nome: André.

O outro, que no seu Evangelho descreve esta cena quási meio século depois, não diz o seu nome, mas basta a sua narrativa para o dar a conhecer.

Já não foi à beira dos caminhos, nem nas margens solitárias do Jordão, onde todos poderiam encontrá-lo, mas à sombra dos canaviais, ou sob a tenda, onde era a morada do Mestre, que João, o **predileto** do Senhor, **o discípulo a quem Jesus amava,** aquêle que durante a ceia repousava a cabeça no Seu peito, poucas horas antes da Sua agonia, foi o primeiro a sentar-se, nêsse sereno cair da tarde.

O amigo dilecto a quem Jesus do alto da cruz disse as últimas palavras, foi também o amigo das primeiras revelações, numa atmosfera de intimidade, de Amor e de ternura.

Nas margens do Rio Sagrado, João e André votaram-se ao Senhor. O silêncio caíu como espêsso véu sôbre a conversa dessa tarde memorável e feliz, dessa tão abençoada noite.

EVOLUCIONANDO...

por Bartolomeu Bana Martins

I

1 — O Mêdo

TERRÍVEL sentimento é o mêdo. A certas pessoas paralisa o cérebro, trava a acção inibindo tôda a actividade, desorienta e alucina, produz horríveis sofrimentos, chega a provocar a morte. Um indivíduo vencido pelo mêdo pode praticar as maiores loucuras, os máximos absurdos, as piores baixezas, na ânsia de se esquivar ao pesadêlo que o atormenta.

Mas também tem o seu lado bom, o mêdo. Se não fôsse o mêdo das conseqüências, a nossa atrasada humanidade lançar-se-ia abertamente no desvairo das suas loucuras e abusos, sem recear as responsabilidades dos seus alucinados actos. Não haveria mais direito, nem segurança pessoal. Seria uma calamidade pavorosa.

Observando-me, noto que em mim o mêdo tem sempre produzido muito benéficos resultados, das rarissimas vezes que me tem invadido.

Recordo-me que ainda em pequeno, numa aula de corografia, eu não tinha estudado a lição e estava completamente *em branco*. Naquêle dia, o professor começou a chamar os alunos um por um e mandava-os dizer, indicando num mapa mudo, as províncias de Portugal. Eu estava apavorado, pois o professor era muito ríspido e não se ensaiava nada de nos partir o ponteiro em cima ou de nos escangalhar as mãos com a régua. Eu via aproximar-se a minha vez, concentrando, num esfôrço desesperado, tôda a atenção nos condiscípulos que me antecediam. Por fim, lá fui mais morto do que vivo, mas resignado. Fiz das tripas coração. A minha memória nunca prestou para nada, sempre tive uma péssima memória; mas, daquela vez, eu próprio pasmei, pois, sem me enganar numa sílaba, eu disse a lição, tão bem como o melhor. Aprendera num momento o que noutra ocasião talvez me fizesse perder muito tempo.

Depois disto, durante a minha juventude, em várias ocasiões de perigos iminentes que atravessei, sempre sentia o cérebro trabalhar com mais intensidade e clareza, adquiria uma acuïdade estranha, sentia-me capaz de maior actividade, resolvia os problemas que me surgiam de maneira tão fácil e rápida, como me não era habitual em condições normais. E, — contraste interessante! — nêsses momentos perigosos acabava sempre por me sentir absolutamente tranqüilo e calmo.

Quando o meu amigo Federico Pereira começou a falar-me de Espiritismo e a emprestar-me livros, eu, por vezes, sentia-me perturbado e nervoso. Mas ao mesmo tempo a nova doutrina encantava-me e conquistava-me. Esta ciência maravilhosa como que me ia descobrindo a mim mesmo, confirmava a minha maneira de sentir e de pensar, explicava-me o que eu não compreendia. E eu tinha uma sêde insaciável de saber.

Para não fazer figura de fraco, aceitei um convite do amigo Frederico para, em certa noite, assistir a uma sessão experimental. Ia disposto a observar tudo com a máxima calma e assim sucedeu. O pior foi depois em casa. Sentia qualquer coisa de estranho à minha volta. Parecia-me que entidades do astral me acompanhavam, para me perseguirem. Ouvi ruídos na cozinha, às escuras, mas não quis dizer nada. Um cunhado meu também ouviu e chegou a ir ver o que andaria lá pela cozinha. Na cama, eu receava até pegar no sono e deixar-me vencer pela influência inquietadora que andava à minha volta. Não queria deixar-me dormir e lutei tôda a noite uma luta tôda espiritual, mas, terrível, que não me deixou um momento de descanso. Não dormi. Sabia que se tivesse vontade forte não seria vencido.

No dia seguinte, apareci com cara de desenterrado. Andei uns quatro dias nervoso e inquieto. Resolvi não assistir a mais sessões, enquanto não estivesse bem preparado e bastante forte. Atirei-me aos livros e durante dois anos li tudo o que me foi possível apanhar sôbre Espiritismo e outras ciências ocultas. E resolvi pôr em prática, em mim mesmo, os ensinamentos colhidos. Comecei por moralizar-me. ¿Como poderia aconselhar eu aos outros aquilo que não praticava? Sabia que a única maneira de me pôr ao abrigo de

obsessões e doutras ciladas do astral inferior era empregando todos os esforços para me aperfeiçoar e purificar. Já Jesus-Cristo tinha ensinado ao discípulos, quando estes não conseguiram expulsar um espírito rebelde que obsediava um infeliz: «Esta espécie de espíritos só se pode expulsar à fôrça de jejuns e orações» — isto é, segundo a minha maneira de ver, purificando o corpo e a alma, vigiando constantemente para não cair em tentação, criando à nossa volta um ambiente de alta moralidade, uma forte atmosfera de elevação espiritual que nos preserve das investidas dos espíritos inferiores e que, pelo contrário, atraia sôbre nós as simpatias e a protecção dos espíritos de luz. Foi o que eu tentei de tôdas as maneiras, perseverantemente, umas vezes com êxito, outras fraquejando, caíndo, mas levantando-me logo e caminhando sempre em frente, cada vez mais forte.

Comecei a sentir-me protegido. Um poder oculto começou a auxiliar-me e a defender-me dos perigos, a orientar a minha vida e a inspirar-me. Como consegui esta purificação é o que vou explicar.

II — Cumprindo a Lei divina

Foi também o amigo Frederico Pereira que me aconselhou a que lêsse a Bíblia. Isso procurei fazer.

Jesus dizia que não tinha vindo a abrogar a Lei mas a dar-lhe cumprimento. Eu não sabia a que lei Jesus se referia, a qual, segundo êle, nos levava à vida eterna. Mas um dia encontrei no Velho Testemento a lei revelada por Moisés, que foi depois explicada e exemplificada por Jesus. Estudei-a e fiquei maravilhado, compreendendo que só ela bastava para transformar o nosso pobre planeta, de mundo de expiação e de sofrimento, em verdadeiro paraíso, uma das moradas superiores que o Pai nos reserva. Estou certo de que, se ainda cá viemos, é porque não soubemos cumprir a Lei.

Reconheço que, para a nossa imperfeição e fragilidade, é muito difícil cumprir tôda a Lei e nós sabemos também que quem a transgredir num só ponto faz-se réu de a transgredir tôda, por que todos os seus mandamentos se encandeiam e completam uns aos outros.

Tôda a lei se resume numa só palavra: Amor! Primeiro, amor para com Deus, depois amor para com o próximo, amor para com o nosso semelhante, amor para com os animais, as plantas e para com tôdas as criações de Deus. Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e em tôdas as coisas.

Os antigos hebreus não compreendiam a lei e tomavam-na únicamente à letra. Perseguiam fanàticamente aquêles que não se regulavam pela sua falta de compreensão e hipocrisia. Hoje, infilizmente, ainda há muitos dêsses tais.

a) *O Sábado* — Os adventistas têm feito cavalo de batalha do quarto mandamento: — O sétimo dia é o sábado do Senhor e nêle não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas, nem o teu jumento, nem o teu boi, nem animal algum teu, *para que êles também possam descansar como tu*» —.

Vemos claramente que o fim principal dêste mandamento, além de impor a regra do descanso ao próprio corpo, deixando tempo livre para o dedicar às coisas espirituais é, principalmente, proteger aquêles que estão sob as ordens e domínio de outrem, para que também êsses possam descansar como o patrão ou o dôno, evitando assim abusos de autoridade, despotismo, crueldade e ganância, para que não sejam vítimas da expoliação dos senhores, para, enfim, proteger os pracos da exploração dos fortes. É, portanto, o amor pelo próximo na sua mais completa acepção e por conseqüência o amor para com Deus. Porque lá diz S. João:

— Quem não ama o próximo que vê, ¿como pode amar a Deus que não vê?!

Quem não cumprir êste mandamento de amor pelo próximo, tem repudiado tôda a lei, porque em si não existe amor verdadeiro, mas sómente hipocrisia, e Deus é o puro amor. Quem ama o próximo, também já ama a Deus que está em todos nós, no qual vivemos, respiramos e nos movemos, como nos ensina S. Paulo, porque Deus está em tôda a parte; portanto, quem ama o próximo, tem cumprido tôda a lei.

Os adventistas tomam à letra a palavra sábado, afirmando que o sábado é um dia determinado da semana. Contudo, por várias passagens do Velho e do Novo Testamento, chega-se à conclusão de que a palavra sábado é empregada na Bíblia com sentido de dia de descanso e tanto pode ser um sábado como um domingo ou uma segunda-feira, ou qualquer outro dia da semana. Era um dia de descanso ou feriado.

Os hebreus perseguiam Jesus por êste fazer curas em dia de sábado, pois os hebreus, na

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Hoje fala um rapaz humilde e desconhecido, que encontrou no Espiritismo o lenitivo que outro credo lhe não dava. António Rodrigues Alves é o seu nome

O que me levou a ser espirita, não oferece novidade.

Há muitos casos idênticos ao meu. E para o quê, vejamos.

Aos quinze anos de idade (tenho agora vinte), comecei a sentir uns «ataques». Estava em Lisboa, pelo motivo de meus pais terem desencarnado, havia cêrca de dois anos. Percorri vários médicos, que me receitaram «Luminal», dizendo que a minha doença era epilepsia.

Sentia pequenas melhoras ao tomar o remédio, mas nunca deixava de ter os ditos «ataques».

Andei assim a penar, durante dois anos, percorrendo médicos e chegando até a estar internado num hospital.

Um dia, completamente convencido de que me não curava, deixando seguir assim o curso da minha vida, empreguei-me numa casa de comércio da Rua de Arroios. O meu novo patrão, ao ter conhecimento do que comigo se passava, convidou-me a visitar uma mulherzinha que — afirmava êle — me faria qualquer coisa que me melhoraria. Julguei tratar-se de alguma «bruxa» e recusei-me a fazer tal visita, como bom católico que era. O meu patrão instou; e eu, depois de lhe ouvir dizer que ela nenhum dinheiro me cobraria e, se o fizesse, êle o desembolsaria, lá me resolvi a ir, sempre incrédulo e zombando do ingénuo meu patrão. Hoje, sei que essa mulherzinha não era o que eu julgava, mas sim uma espirita, com o belo dom da vidência. A minha incredulidade em religião que não fôsse a católica, transformou-a ela em crença no Espiritismo.

Fiquei atónito quando a vidente revelou certos factos da minha vida. E não era para menos. Para melhor explicar, conto o que se passou.

Em dado momento, preguntou-me se eu conhecia uma mulher que — dizia — estava a meu lado, descrevendo-ma. Olhei para a direita, para a esquerda, e, enfim, para todos os lados, a ver se lobrigava essa mulher. A vidente sorriu; disse-me que eu não a via e explicou-me a razão.

Repetiu a pregunta, fazendo nova descrição do Espírito, que, pelos dados, devia ter o corpo de minha mãi. Pasmei. E muito mais pasmei ainda quando ela me disse nomes de algumas pessoas (de minha mãi, de meu pai e de meu irmão) e a maneira como tinham falecido, os locais e muitas outras coisas.

A princípio, julguei ter havido combinação entre o meu patrão e aquela mulher. Depois, calculei que era impossível, pois que o dito meu patrão nada sabia da minha vida e ela ainda menos, pois que não me conhecia. Nunca me tinha visto e não fêz coisa alguma que me parecesse «bruxaria». Simplesmente rezou. Como eu rezo, como tôda a gente reza.

Não sei pelo que fôsse. Se por sugestão, se pela vontade de Deus. O que sei é que, daí em diante, durante cêrca de oito dias, não tive um só «ataque», eu, que, ultima-

---

sua ignorância fanática, entendiam que nos dias de sábado não se devia nem mexer uma palha. Jesus censurou-os pela sua intolerância e incompreensão e provou-lhes com argumentos irrespondíveis e por meio das Sagradas Escrituras, que no sábado se podia fazer tudo o que fôsse bom e que não fôsse contra os direitos dos outros.

Êste mandamento do sábado ainda é desrespeitado por muita gente que não quere ver que o corpo físico é uma máquina que pode e deve trabalhar, sim, mas regradamente e com descansos periódicos regulares, para reparação e reconstrução das perdas sofridas durante os períodos de actividade. ¡E há pessoas que têm por norma atropelarem tudo e todos, desde que isso lhes traga aumento de benefício material!

Pobres cegos!...

mente, costumava ter, com precisão quási matemática, três a cinco «ataques» no espaço de vinte e quatro horas. Depois dêsse espaço de tempo, voltaram, mas raríssimos.

Nenhum dinheiro a vidente me exigiu. Vendo o sucedido, comecei a freqüentar sessões espiritas que se faziam num pequeno mas lindo grupo, instalado para os lados da Graça, o qual, com bastante desgôsto meu, paralisou os seus trabalhos. Não por desavença ou desunião entre os seus filiados, mas por motivo de repouso. Daí em diante, não tive mais «ataques». Já lá vão três anos. Assim me tornei espirita. E nunca me arrependi ou mesmo deixei de me interessar pelo Espiritismo. Seria ingrato e estúpido. Pois que êle me deu luz e explicou certas coisas que me satisfizeram, ao passo que o catolicismo me deixava insatisfeito, com as suas explicações absurdas. ¿Como explica o catolicismo, por exemplo, êste caso: Uma pessoa que sofre muito, sem ter cometido pecado eqüivalente ao sofrimento que tem? De maneira infantil, acho eu, ou nem mesmo explica. ¿Era possível que Deus, sendo bom e perfeito, fôsse tão injusto que condenasse inocentes? ¿Seria possível que alguém, que fôra cumpridor das suas leis, tendo morrido sem confessar uma pequena falta, fôsse condenado às penas eternas do inferno?

Não. Isto não me satisfazia. Desta forma, Deus não seria aquêle sêr justo, bondoso, amigo dos seus filhos. Seria precisamente o contrário. E por isso eu estava insatisfeito. Sucedeu-me algumas vezes que, mesmo sendo católico ferrenho, depois duma discussão sôbre religiões, eu, que não me deixava vencer, sentia-me vencido pela razão que aos outros assistia. Ao falar da doutrina espirita, nunca achei que me faltasse a razão, pois nela tudo é lógico. O caso do sofrimento e todos os outros, são ali explicados de maneira a satisfazer o maior exigente. Acho-a, à doutrina espirita, a mais bela, a mais pura e a mais convincente. Pena tive eu e tenho, de não a poder ter praticado sempre, desde que nela me iniciei. Hoje, felizmente, vivo a praticá-la, a segui-la passo-a-passo.

Embora há tempos estivesse fora de Lisboa e durante meses a não praticasse, continuei a benquerer-lhe, a acreditar nela e a ser seu partidário. Quando voltei para Lisboa, o grupo onde me iniciara, tinha cessado os seus trabalhos.

Como era um novato, julguei que noutra parte me não acolheriam com tanta bondade e estima e por isso vagueei durante algum tempo, sem aquela alegria que me davam as reüniões espiritas.

Um dia, ao passar numa rua de Lisboa, vi em exposição, à porta duma livraria, uma revista que me interessou. Chamava-se ela *Estudos Psíquicos*. Já a conhecia. Lera uma grande mão cheia delas, que pessoa amiga me emprestara. E tinha gostado. Por isso, comprei a que tinha agora na minha frente. Li-a sôfregamente, de ponta a ponta, e de tudo, só uma coisa me entristeceu: saber que só tinha uma por mês. E daí em diante, logo que aparecia um novo número, adquiria-o. Cada um dêles ensinava-me uma lição e fortalecia mais a minha fé. Foi esta revista que me salvou do rol dos simpatizantes, fazendo-me ingressar no rol dos associados do Espiritismo.

E agora, falando sôbre a minha doença, digo: talvez que eu continui a ser «epiléptico», ou coisa que o valha. Não sei. O que sei é que, como já disse, pouco depois de começar a freqüentar os meios espiritas, não tornei a ser importunado por aquêles terríveis ataques que me estragavam a vida.

Pregunto novamente: Seria sugestão? Seria a vontade de Deus? Não garanto qualquer das hipóteses, porque não tenho capacidade para isso. No entanto, por tudo o que vi e observei, inclino-me para a última. E é por estas coisas lógicas e admissíveis, que eu me sinto mais satisfeito, que tenho menos mêdo do futuro, que vivo mais feliz e que... sou espirita.

O PENSAMENTO HUMANO

A estreita interdependência das actividades da consciência e das actividades fisiológicas harmoniza-se dificilmente com a concepção clássica que situa a alma no cérebro. Na realidade, todo o corpo nos aparece como sendo o substractum *das energias mentais e espirituais. O pensamento tem origem, tanto nas glândulas de secreção, como no córtex cerebral. A integridade do organismo é indispensável às manifestações da consciência. O homem pensa, ama, admira, sofre e reza, com o cérebro e com todos os outros órgãos.*

Dr. Alexis Carrel

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

DAS RESPONSABILIDADES MAIORES DOS ESPIRITAS DO BRASIL — por *Leopoldo Machado*. Tese apresentada ao 1.º Congresso Espirita Mineiro e unânimemente aprovada. Rio, 1944, 35 págs.

Nesta tese a que nós chamamos um «grito de alma», Leopoldo Machado, depois de estudar a traços largos a lição do passado, diz-nos: «Espiritismo religioso, feita a própria doutrina do Cristo, sentida e praticada em espírito e verdade, êsse Espiritismo é o da missão gloriosa do Brasil». E daqui as... «responsabilidades maiores dos espiritas do Brasil».

De facto, em nenhum outro país a feição religiosa do Espiritismo foi tão vincada. Leopoldo Machado sente-a, porque é brasileiro, ou melhor, porque é latino. Na França, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha, o Espiritismo interessou principalmente as classes intelectuais e daqui um carácter científico-filosófico. No Brasil, impressionou as massas populares e logo a sua feição moral e religiosa, mesmo evangélica. «É o Espiritismo que nos deve, particularmente, interessar» — diz o autor.

Falando essencialmente pelo sentimento, levado pela sua ânsia nobre de «evangelismo», Leopoldo Machado considera como já pronto o edifício teorético, desde o luminoso passado de Kardec a Léon Denis. Não, não devemos pensar assim. O edifício não está ainda pronto.

Por êste unilateralismo, muitos problemas erguidos pelo passado continuam sem solução. Não queiramos ossificar tão bela doutrina numa só via. ¡Que Leopoldo Machado (a quem tanto admiramos pela obra já feita) nos perdõe! Lembramo-nos de que ao homem moderno só se fala ao sentimento passando pela razão. O próprio Autor o reconhece quando diz: — «a falta de estudos da parte dos espiritas é a causa de todos os desmandos registados por aí, nas fileiras do Espiritismo».

Mas não paremos em Kardec. Êle é para o Espiritismo o que foi Sócrates para a Filosofia. É preciso avançar, avançar sempre. Não queiramos cair, dentro de alguns anos, no êrro que a Filosofia cometeu, causando a «débacle» do século XIX, ante a Ciência.

Não queiramos deter-nos, enquanto a Filosofia e a Ciência estão progredindo sempre. Seria o mesmo que aniquilar uma das maiores missões do Espiritismo: — «compreender o homem e o mundo para saber amar a Deus».

E depois, já poderemos dizer também, com Leopoldo Machado: — «Prègar sempre, clamar, sem cessar, a Doutrina ajustada ao Evangelho, interpretado à luz forte do Espiritismo».

A Doutrina é um manancial que a todos dessedenta; não queiramos que, em breve, ela apenas baste aos desenganados doutros credos e não satisfaça os que pedem Razão e Fé.

HABLA EL MAESTRO (máximas extraídas correlativamente del libro «Vida de Jesus» dictado por El Mismo) — recopiladas por *Salvador Gatto*. Edição do Centro Familiar Allan Kardec. Buenos Aires. 1944. 113 págs.

Salvador Gatto extraíu da obra medúnica «Vida de Jesus» 963 máximas que colocam esta resenha como um complemento dos Evangelhos. Analisar? Criticar? Humanamente impossível. A Luz que das máximas se desprende é de tal forma intensa, que ofusca, arrasta, obriga o espírito a cair de joelhos numa acção de graças por ser capaz de escutar em si os ecos de tais Palavras. É o Mestre que fala. ¿Que podemos nós fazer, pequenos, imperfeitos, pecadores, ante a Voz dAquêle que nos mostra as verdadeiras fontes da Vida?

Nesta obra palpita o mesmo Pensamento pujante, a mesma Espiritualidade perfeita, a mesma Voz incisiva e singela, o mesmo Amor infindo, que sentimos reboar nos Evangelhos, ainda que através das penas dum Mateus ou dum Marcos.

É uma obra para ler, pensar e... passar a ter pelo Espírito de Jesus maior amor, se tanto for possível.

A derradeira máxima é uma síntese maravilhosa: — «Só pelo amor será salvo o homem».

QUASI IRREDUTIVEL

Mais duro que a madeira é o cobre.
Mais duro que o cobre é o bronze.
Mais duro que o bronze é o mármore.
Mais duro que o mármore é a pedra comum.
Mais duro que a pedra comum é o granito.
Mais duro que o granito é o ferro.
Mais duro que o ferro é o aço.
Mais duro que o aço é o diamante.
Mais duro que o diamante é o coração orgulhoso: só o poder de Deus consegue reduzi-lo. Se assim não fôra, seria irredutível.

Vinícius.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Um homem que prevê o tuturo

O correspondente da *United Press*, Robert S. Musel, enviou em Dezembro último o seguinte relato ao *Primeiro de Janeiro*, do Pôrto, que o publicou em secção especial, onde costuma arquivar coisas dêste género, ora a favor, ora contra o Espiritismo. O caso de agora pertence ao domínio do psiquismo.

LONDRES — *Dezembro.* — No seu «estúdio» subterrâneo vive Basil Shacklenton, alto, ascético, entregue inteiramente ao desenvolvimento da extraordinária descoberta que dois cientistas fizeram de que êle possui a virtude rara de conseguir prevêr o futuro — por outras palavras — que êle possui a faculdade de poder descrever factos futuros antes dos mesmos ocorrerem.

Ao mesmo tempo que os entendidos em assuntos psíquicos, e outros investigadores, se apressaram a esclarecer que o notável talento de Shacklenton é simplesmente momentâneo, êste declarou a um redactor da *United Press* que, por vezes, constituía desvantagem possuir uma faculdade espiritual tão rara.

«Algumas vezes — disse êle — sento-me aqui, a beber, e, sem que aparentemente haja qualquer razão, estranhos agarram-me o pescoço e dão-me sôcos no rosto.»

Um dos melhores fotógrafos profissionais de Londres disse que Shackleton acreditava que os importunos agressores — pelo menos assim aconteceu algumas ocasiões — eram entidades espirituais inferiores, que sofriam a influência do seu espírito poderoso e investigador, quando de qualquer modo irradiavam maus pensamentos que actuavam directamente, mas em acção não inteligente.

A faculdade que Shacklenton apresenta é classificada como «percepção telepática antecipada» pelo Dr. S. G. Soal, da Escola Médica de Queen Mary que, juntamente com o Dr. K. H. Gold, durante mais de três anos estudou a faculdade que apresenta Shacklenton.

Em grande número de experiências, conduzidas sob a mais rigorosa fiscalização, às quais assistiram muitos e eminentes cientistas e psicologistas, as atenções gerais concentraram-se sôbre o fenómeno produzido por Shacklenton de dizer as cartas escolhidas por uma pessoa fechada num quarto anexo àquêle em que êle se encontrava.

De começo, o Dr. Soal julgou dever atribuir o facto a simples prova de telepatia directa, mas pareceu-lhe que Shacklenton nem sempre era capaz de dizer as cartas escolhidas por criaturas colocadas em aposentos distantes. Tempos depois, porém, numa ocasião em que o professor Soal procedia a meticulosa revisão das experiências efectuadas, verificou o facto de Shacklenton ter indicado, com muita freqüência e antecipadamente, duas e três cartas antes das mesmas terem sido escolhidas pelo agente, facto êste que era matemàticamente impossível (como se demonstrou) atribuir-se a mera casualidade.

Num relatório que êste médico apresentou sôbre as experiências realizadas com Shacklenton, afirma, sem sombra de dúvida, que êste lia antecipadamente o pensamento da pessoa, quando esta olhava para os símbolos das cartas de jogar. Conseguia dizer, sem errar, o que se passava no pensamento do agente, um ou dois segundos e meio depois. Isto significava, portanto, que êle conseguia a previsão duma ocorrência mental futura, a qual influenciava os factos mentais subseqüentes e pareceu constituir lei normal de efeito inverso.

Shacklenton, que está ultimando alguns dos seus trabalhos, visto ter de partir breve para o seu estágio anual de repouso num sanatório, pois sofre de uma úlcera crónica, disse-nos, tristemente, que de facto era possuidor de uma extraordinária faculdade mental e citou, a propósito, o seguinte exemplo: «Se eu tiver de ir a um determinado ponto A, a outro lugar B, posso visionar perfeitamente êsses objectivos». «Tinha um amigo íntimo com quem costumava conversar animadamente sem que tanto êle como eu pronunciássemos uma única palavra. Líamos os nossos pensamentos mútuos. Num período do meu desenvolvimento mental senti a certeza de que dispunha de poder suficientemente forte para, com uma irradiação mental, paralisar qualquer pessoa, muito embora nunca houvesse tentado a experiência».

Shacklenton confessa que só lhe é possível prever uma ocorrência com dois segundos de antecipação por motivo de lhe não ser permitido ainda forçar a sua atenção mental: «É indispensável uma espantosa concentração — disse êle — o que me deixa depois com terríveis dores de cabeça».

«Faço projectos para aperfeiçoar esta minha singular faculdade, tentando prever factos futuros com maior antecipação quando regressar do meu estágio no sanatório».

Shacklenton está em constante agitação nervosa,

mudando de posição a todo o momento e não pára de gesticular com as suas mãos excepcionalmente magras.

Tôda a sua fôrça mental foi pràticamente desenvolvida — disse-nos êle — para conseguir dominar as terríveis dores que o atormentavam, quando ainda não tinha dez anos de idade e lhe extrairam um rim.

Quando às vezes, por simples curiosidade, acontece interessar-se por qualquer corrida de cavalos, recorre à sua faculdade e geralmente consegue dizer qual o cavalo que ganha. Isto contou-nos Shacklenton, que se apressou a acrescentar que o dinheiro para êle não representava valor algum, de modo que os apostadores de corridas de cavalos podiam dormir descansados, que êle não lhes moveria guerra.

No decorrer da longa entrevista que Shacklenton nos concedeu, declarou que se havia divorciado, mas recusou dizer-nos se a sua extraordinária faculdade de ler com antecipação no pensamento ocorrências futuras, tivera qualquer relação com êsse facto da sua vida e acrescentou que o incomodava sobremodo o facto das pessoas lhe dizerem constantemente: «o sr. tirou-me da bôca o que ia para dizer-lhe».

Shacklenton disse-nos, também, que morreria aos 84 anos e que a guerra com o Japão duraria mais tempo do que agora se julgava, sendo possível que só acabasse daqui a quatro anos.

Preguntei-lhe se êle alguma vez já havia tentado, com o auxílio da sua especial faculdade, saber a data da terminação da guerra.

Com relutância, respondeu-me: Sim, há quatro anos, disse que ela terminaria em 17 de Agôsto de 1945.

No tocante ao fim da guerra na Europa, Shacklenton aproximou-se da realidade. Mas se êle confessa que só lhe é possível prever ocorrências com antecipação de dois segundos, ¿para que se abalançou a prever o fim da guerra, desacreditando ainda mais as profecias?...

Coligação da Juventude

O Semeador, de S. Paulo, dá uma notícia auspiciosa, reveladora de novas actividades ao serviço do Espiritismo. Trata-se da *Coligação da Juventude Espírita de S. Paulo*. O seu fim tende à organização do movimento espírita juvenil da região, através do congraçamento de todos os Núcleos e Grupos constituídos ou que venham a constituir-se, trabalho êsse que será patrocinado pela Federação Espírita do Estado de S. Paulo. Esta Coligação não filiará indivíduos, mas grupos e núcleos de jovens espíritas, cujas actividades se restringirão à influência e à mocidade daquêle município.

O seu plano de trabalho inclui a propaganda junto das entidades espíritas da capital, no sentido de criar o maior número de Juventudes (unidades que hão de compor a Coligação), e também junto das entidades espíritas do interior do Estado, para que em cada município se funde uma Coligação idêntica, afim de que, futuramente, tôdas reünidas, venham a constituir a Confraternização da Juventude Espírita do Estado de S. Paulo, que será a entidade representativa e confraternizadora do movimento juvenil espírita no Estado, com a assistência da entidade federativa representativa do Espiritismo, visto que o seu programa constitui parte integrante do plano geral de realizações do Espiritismo.

Em 2 de Outubro de 1944 foi eleito o seu Conselho Deliberativo e a primeira Direcção, que ficou assim constituída:

Presidente — Sebastião Costa
1.º secretário — Henrique Beck Júnior
2.º secretário — Zénio Arruda
1.º tesoureiro — Dr. Jacinto Martini
2.º tesoureiro — José da Costa Cirne
Director de Assistência — Alberto Dângeli
Director de Propaganda e cultura — Darci J. Lima.

Alegra-nos muito o facto de se envidarem esforços para que a mocidade conheça a doutrina espírita, que em si contém os germes do novo homem, do homem do futuro que surgirá na terra por selecção biológica.

Da juventude há tudo a esperar. Empreendimentos considerados ilusões do reino da utopia, são transformados em realidade palpável, mercê da tenacidade e espírito de sacrifício da gente nova, Eis, porque o nosso maior desejo é levar o Espiritismo ao seio das escolas, interessando nêle os professores de instrução primária.

O ambiente de S. Paulo é propício às grandes realizações espíritas. Basta lembrarmo-nos da Rádio Piratininga, emissora de 20 quilovátios-antena, que tão belos serviços prestou à causa.

Aos novos arautos, plenos de vigor e de fé, apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de felicidade e de triunfo. Não esqueçam o prolóquio: «Trabalha, que o Céu te ajudará».

Médium notável

O *Jornal Espírita* de Pôrto Alegre, publicou há cêrca de dez anos um relato a respeito da médium austríaca Maria Silbert e que vamos resumir para estas colunas.

Nêsse tempo, residia ela na cidade de Graz, capital da Stíria, e devia ter uns 66 anos, vivendo pobremente, sem nada aceitar em troca das inúmeras sessões que realizava para servir a Causa Espírita.

E como não podia fugir à regra, foi atacada e injuriada por investigadores materialistas, que não tinham em consideração o seu brio de mulher honesta.

Em compensação, teve amigos fiéis cuja gratidão lhe suavizou os ultrages recebidos, tais como, o porf. Walter, de Graz, o Dr. Sünner, de Berlim, o Dr. Ingruber, o Presidente do Tribunal do Estado, o Dr. Carl Vogel, de Iena, o Dr. Raúl Francé, o prof. Verweyen, de Bonn, o prof. Kasnacich, de Graz, etc.

O seu guia assina «Nell», abreviatura do seu nome terreno (Vicente Coronelli, Geral da Ordem dos Franciscanos de Nuremberg, em fins do século 17)). A sua especialidade consiste em gravar o nome e a data no interior de objectos fechados (capas de relógios, ou charuteiras), em plena luz, com os objectos debaixo da mesa das sessões. O objecto é tirado do seu lugar e a gravura aparece feita.

O Dr. Carl Vogel narrou um facto muito curioso, passado em sessão a que assistiu, em 27 de Abril de 1930.

Encontrava-se ali uma senhora russa, muito desconfiada, que tinha uma cigarreira de prata, na qual pediram que se gravasse o nome da entidade. A carteira desapareceu imediatamente. Passados 10 minutos, a dama sentiu nos joelhos o contacto dum objecto duro e anguloso. Como o dia era claro, viam-se perfeitamente as mãos de todos sôbre a mesa.

Quando a senhora baixou a sua para agarrar o objecto, soltou um grito de pavor. Tinha encontrado duas grandes mãos quentes, que lhe entregavam a carteira.

Entregando-a ao Dr. Vogel, êste descobriu o nome gravado atrás da fila de cigarros seguros por forte elástico. A senhora deu-se por convencida.

Estava ali também um jugoslavo muito instruído que, de vez em quando, ia a Graz, afim de consultar aquela entidade espiritual. Eis alguns factos que êste último contou ao Dr Vogel:

Uma vez, pediu-lhe fôsse gravado o nome no relógio, mas não conseguiu descobrir coisa alguma, apesar de «Nell» afirmar que tinha realizado a gravação. Pois bem; o jugoslavo mandou desmontar o maquinismo por um relojoeiro e a gravura apareceu nitidamente debaixo do volante, em lugar inacessível para qualquer mão de carne e osso.

«Nell» dá as comunicações por meio de pancadas, na mesa, em cadeiras ou nas paredes e o seu conteúdo é geralmente filosófico, aconselhando a prática do bem.

Um dia receberam as seguintes admoestações:

«Não fazeis idéia da importância da nossa comunicação convosco. Se avaliásseis a importância e a significação do único sinal que recebeis das nossas esferas, atender-nos-ieis com mais urgência e zêlo, e o vosso procedimento seria outro».

Como se disse, as manifestações ocorrem de dia ou à luz artificial. Só se apagam as luzes, para observar fenómenos luminosos que, nesta médium, são de extraordinária eficiência. As vezes, só ela e qualquer sensitivo os lobriga, no sítio em que depois se dá uma ou outra levitação.

As luzes apresentam vários aspectos: ora em forma de claridade imóvel, ora de nebulisidade efervescente. Há vultos que aparecem com grande brilho, há labaredas chamejantes semelhando relâmpagos em zigue-zague e feixes de luz à guisa de fôgo de artifício, lançando faíscas multicôres.

Em 10 de Março de 1924 surgiram na sala dois discos fulgurantes que se dirigiram para o quarto contíguo. Logo se extingiu a luz eléctrica e fundiu o fusível do quadro geral da iluminação.

O electricista Rooney, que assistia à sessão, explicou a fusão pela ionização do ar, originada pelo fenómeno, que é de natureza fluídica, e os fluidos, como se sabe, têm afinidade com a electricidade, sendo, como ela (contràriamente ao éter), de estrutura atómica.

Certa noite de verão, Maria Silbert passeava em companhia das famílias Ingruber e Walter no jardim público de Graz, quando apareceu imediatamente envolvida em forte claridade, que iluminou a relva e as moitas circundantes. Os arbustos da berma da estrada, mal agarrados pela mão da médium, estavam impregnados de luz azulada e chamejante, fazendo lembrar a sarça ardente, de Moisés.

Nas sessões, há objectos que desaparecem instantaneamente, reaparecendo em seguida, ou depois de um dia ou dois.

Em 28 de Setembro de 1931, por exemplo, Maria Silbert, em transe, colocou na palma da mão o relógio do conhecido ocultista Roethy, de Budapeste. Pois, desapareceu acto contínuo, à vista de todos. E quando a médium, controlada por «Nell», aproximava a mão ao ouvido dos assistentes, todos ouviam o tic-tac do relógio invisível. Só um dêles afirmava divisar uma espécie de sombra esférica na mão aberta.

Na mesa, estava um copo cheio de vinho. De súbito, o relógio entrava no copo e o vinho desaparecia..., como por encanto.

Para não alongar a narração, citamos só mais outro fenómeno.

Na sessão de 7 de Outubro de 1931, um engenheiro de Graz trazia um apito de chumbo, que logo desapareceu da mesa. Pois nesta sessão e nas sessões seguintes, ouvia-se, de quando em quando, um assobio.

Em 7 de Novembro, o assobio veio colocar-se na mão do dono, que o reconheceu por sinal secreto nêle gravado. Nêste momento, sobreveio a idéia:

— ¿E se êle se fundisse agora mesmo?...

Imediatamente, o apito desapareceu da mão fe-

Notas & Comentários

Nova editora espirita

Inaugurou-se há pouco nova editora em S. Paulo. A sua primeira obra intitula-se: «52 Lições de Catecismo Espirita» e é da autoria de Eliseu Rigonatti.

O mais interessante, porém, reside no facto dêstes confrades terem aberto concurso permanente de romances espiritas, agora muito em voga no Brasil. Eis como a Editora justifica o seu empreendimento:

«No intuito de descobrir valores novos no campo do Espiritismo e oferecer oportunidade a todos os que quiserem colocar a pena, a inteligência, a imaginação e o esfôrço ao serviço da Grande Cruzada de Espiritualização da Humanidade, a *Lialto Limitada* promove o concurso permanente do *Romance Espirita*. Escritores de ambos os sexos e também os que desejam estrear-se nas letras, são chamados à nobre tarefa de difundir as grandes verdades do Espiritismo, através do romance e da novela».

Não sabemos se o concurso é extensivo aos confrades portugueses; mas os leitores que nisso tenham interêsse podem dirigir-se àquela Editora, Rua Uruguaya, 65, S. Paulo, Brasil, solicitando informações.

Que êste novo luzeiro obtenha o êxito desejado são os votos que formulamos, a bem da Causa.

Saneamento oportuno

Telegramas do Rio de Janeiro informam que o Chefe da Polícia daquela cidade declarou aos jornalistas que em breve será revogada a portaria que estabeleceu restrições ao funcionamento dos Centros Espiritas na capital federal, voltando estas agremiações a ter liberdade de culto. No entanto, a Polícia reserva-se o direito de agir contra as casas onde seja desvirtuada a finalidade espirita.

Depois da tempestade, a bonança. É sempre assim. As medidas radicais não perduram. Hoje ou àmanhã sofrem a acção do bom-senso, que vai abrindo as almas à luz da razão. Por isso, os bons nada receiam, ao contrário dos maus, que têm motivos justificados para temer.

O verdadeiro Espiritismo é de origem divina. Enfrenta os obstáculos com serenidade e calma, certo de que, mais tarde ou mais cêdo, a ciência há de vir em seu auxílio, como têm sucedido muitas vezes.

Afinal, o que importa é fazer justiça. O Espiritismo será expurgado de avantesmas e macumbas e poderá mais fàcilmente cumprir a sua missão. Ainda bem que as autoridades brasileiras entraram no campo da profilaxia, tão útil e necessária, nêste e noutros departamentos...

Dr. Lins de Vasconcelos

O nosso prezado consócio Dr. Lins de Vasconcelos acaba de ser nomeado Director da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, a que nos temos referido algumas vezes.

Trata-se de figura de grande relêvo nos meios espiritas de Além-Atlântico, antigo Presidente da Federação Espirita do Paraná e actual Director da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Pelos cargos que desempenhou e desempenha, e ainda pela sua vastíssima cultura, é segura garantia da acção que exercerá na brilhante Faculdade, cujas aulas abriram em 17 de Março último, precisamente no dia em que o novo Director tomou posse do seu cargo.

Ao confrade e ao consócio, apresentamos as nossas saüdações fraternais.

Aumentos de despesa...

Os assinantes desta revista viram levemente aumentados os preços da assinatura e nem um só reagiu contra a medida adoptada. Todos compreenderam os motivos imperiosos que nos levaram a semelhante extremo. Bem hajam! Podemos respirar um pouco melhor, no meio da crise que nos atingiu tão duramente.

O Centro E. Luz e Amor também sente os efeitos dêste estado de coisas, como se vê na secção de «Noticiário». Todos os sócios têm que actualizar as suas cotas até ao mínimo de 5$00, quantitativo adoptado em 1942 para os sócios que se inscrevessem daí para o futuro. Infelizmente, ainda há alguns cuja cotização não chega a cobrir as despesas da revista, que é distribuída gratuitamente aos associados...

Se o Centro é de todos nós, justo é que o não deixemos enfraquecer por falta de elementos vitais.

I. D. S.

---

chada do engenheiro. Um minuto depois, caíu-lhe aos pés liquifeito e quente.

No outro dia, comentando o fenómeno, alguém exclamou:

— ¿Mas, que seria feito da bolinha de madeira que estava dentro do apito?

No mesmo instante, a médium em transe estendeu o braço e na sua mão aberta apareceu, partida ao meio, a bola do apito...

Noticiário

Federação Espirita Portuguesa

No dia 31 de Junho último, realizou-se na Federação Espirita Portuguesa uma sessão solene de encerramento de trabalhos, a que presidiu o Dr. Estêvão da Silva, ladeado pelo capitão Alfredo dos Santos, Dr. Dias de Sousa, Ramos Pereira, coronel Faure da Rosa e Isidoro Duarte Santos, êste último representando o Centro Espiritualista Luz e Amor, federado naquela agremiação.

Além dos confrades citados, que expuseram vários temas de interêsse para a Causa, falaram também o tenente Caetano de Sousa e Vaz Raposo, todos esperançados em que o novo ano de trabalhos a inaugurar em Outubro próximo futuro dê inteira satisfação aos que dêle muito esperam.

Grupo de Irradiação Mental e Grupo Espirita de Jesus

Dirigidos pelo nosso confrade e amigo Fernando da Cruz Ferreira, com o concurso de preciosos elementos de trabalho, fundaram-se há tempos na Rua de Costa Cabral, 280, da cidade do Pôrto, o *Grupo de Irradiação Mental Jesus-Cristo* e o *Grupo Espirita de Jesus,* o primeiro dos quais funciona às segundas-feiras, das 21,30 em diante, e o segundo aos domingos, das 22 às 24.

Tanto num, como noutro, os trabalhos satisfazem inteiramente. No *Grupo Espirita de Jesus,* tem havido interessantes manifestações físicas e intelectuais, animando aquêles irmãos a prosseguir nas suas investigações.

A Fernando da Cruz Ferreira, nosso colaborador e Vice-presidente da Mesa da Assembléia Geral do Centro E. Luz e Amor, um abraço de parabens pelo esfôrço que está a realizar em prol da causa.

Biblioteca Francisco Barranquero

Esta prestimosa biblioteca, pertencente ao Círculo de Estudos «Progresso Espirita», de Buenos Aires, teve a gentileza de nos enviar o programa dum ciclo de Conferências, a realizar em 1945 naquela capital por individualidades de relêvo no movimento espirita argentino, ao mesmo tempo que nos escreve amistosa carta, acusando a recepção de *Estudos Psiquicos,* cuja remessa nos fôra solicitada. São palavras amigas subscritas por Miguel Nabhein e Natalio Ceccarini, os quais, depois de agradecer a nossa demonstração de simpatia, declaram que o facto os enche de satisfação espiritual e os anima a prosseguir na obra comum, que é despertar o homem, ensinando-lhe o caminho da libertação.

E terminam com estas palavras:

«Esta Biblioteca, por su parte, se congratulará en remitir todas las publicaciones que edite y espera seguir recibiendo siempre vuestra estimada revista. Además nos é mui grato felicitarlos por la obra que estais cumpliendo y hacer votos por que ella no se vea nunca interrumpida y si cada vez más ascendente e fecundíssima.»

Muito agradecidos pelas boas e amáveis palavras.

Cotizações do Centro

Havendo ainda alguns associados que pagam cotas de 3 e 4 escudos e sendo inteiramente impossível manter por mais tempo esta situação, em virtude dos enormes aumentos de despesa, sobretudo provimentos de papel e mão de obra tipográfica, que atingem a respeitável cifra de 95 por cento das despesas orçadas, em 1941, a Direcção resolveu solicitar a estes confrades que actualizem as suas cotizações, elevando-as para 5$00, que é a cota mínima desde 1942.

Estamos convencidos de que todos concordarão com a medida adoptada. Aquêles que discordarem não poderão continuar a receber gratuitamente a revista *Estudos Psíquicos,* só o podendo fazer por meio de assinatura.

Quem não comunicar a sua discordância até 30 de Setembro, será considerado como tendo anuído ao nosso apêlo e ser-lhe-á aumentada a cota para 5$00.

Solidariedade

Destinados à Caixa de Solidariedade do Centro Espiritualista Luz e Amor, recebemos o seguinte donativo, que agradecemos:

Bartolomeu Bana Martins ..... 49$00

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Agradecemos o seguinte donativo destinado à revista *Estudos Psíquicos:*

Bartolomeu Bana Martins ..... 30$00

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1945

Dia 7, às 16 horas — Sessão solene de inauguração dos novos trabalhos do Centro, em que será homenageado Allan Kardec, egrégio codificador do Espiritismo. Falarão vários oradores, entre êles Faure da Rosa, Ramos Pereira, Major Zuzarte, Isidoro Duarte Santos, etc. Roga-se a comparência do maior número de sócios e suas famílias.

Dia 14, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

Dia 21, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Cigarras e Formigas».

Dia 28, às 16 horas — Sessão experimental com as médiuns D. Maria Carvalhal e D. Filomena de Jesus Correia.

Dia 4 de Novembro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Luz sôbre o Caminho».

Dia 11 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria de Jesus Mendes de Figueiredo.

NOTA — As sessões esperimentais são exclusivas aos sócios e as conferências são públicas.

Divulgar e auxiliar ESTUDOS PSIQUICOS é dever de todo o espirita sincero que deseja o prestígio do seu Ideal.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

6.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1945 — N.º 12

Isidoro Duarte Santos, Proprietário | Maria Gonçalves Duarte Santos, Directora e Editora | Redacção e Administração, Rua do Salitre, 149, 1.º

Composto e impresso na Tipografia SILVAS Lda. — Rua de D. Pedro V, 120 — LISBOA

TRIUNFO

Com o presente número, chegámos ao fim do sexto ano de «Estudos Psíquicos», com ânimo para nos debruçar sôbre o sétimo, prestes a nascer e já cercado de interrogações e mistérios.

O esfôrço que fizemos para cumprir determinações há sete anos esboçadas está patente aos olhos de todos quantos têm seguido a acção porfiada aqui desenvolvida, em propaganda contínua dos ideais que abraçámos.

A sua caminhada tem sido árdua, por motivos notórios e patentes. Surgiu com a guerra mundial e quando os espiritas portugueses se encontravam divididos por cizânias intestinas, incompatíveis com qualquer revigoramento de energias latentes que levasse à unificação de idéias e propósitos. O ambiente chegava a ser hostil, visto que a desconfiança invadia os corações e as vozes que se erguiam era natural que clamassem no deserto. Acrescia o facto da predominância católica demonstrada em ataques a vários credos e ideologias.

Enfim, lançar um órgão desta envergadura em terreno arenoso e resvaladiço implicava grande aventura, cujos efeitos poderiam ser desastrosos para nós e para a Doutrina. A lógica desta afirmação baseia-se no exemplo frisante de muitas publicações terem nascido e morrido, durante os seis anos que acabam de transcorrer. Algumas delas apresentaram-se fortes e confiantes, dispostas a revolucionar o próprio jornalismo. Mas o tempo rolou e tais arautos, ou desapareceram como pirilampos, ou se escoaram pelo buraco do «ponto». É que, para lutar com êxito, é necessário dispor de certos atributos que o comodismo desconhece e aceitar o sacrifício com abnegação e sorriso nos lábios. Depois, não esquecer também que a justiça da causa nem sempre se impõe a pessoas inteligentes e equilibradas.

«Estudos Psíquicos» triunfou, porque fôgo sagrado animou e anima as suas páginas vivificantes e dinâmicas, onde a vulgarização espírita andou e anda ao lado da análise rigorosa dos factos e das coisas; triunfou, porque tem mantido espírito de tolerância e respeito por tôdas as religiões e correntes espiritualistas, detestando a baixa polémica e prestando culto à única linguagem que órgãos responsáveis devem usar; triunfou, finalmente, porque encontrou amigos que se interessaram e interessam por esta obra e auxiliam quem lhes merece confiança; porque soube atrair colaboradores que lhe emprestam o produto do seu saber e o fulgor do seu talento.

Não há triunfos casuais. Os efeitos estão ligados à fonte que lhes deu origem. Mas, se o que se conseguiu satisfaz muita gente boa, não nos satisfaz a nós, que desejamos obra de maior vulto. Qual seja ou o que seja, ignoramo-lo nêste momento. Só o tempo o poderá dizer inteiramente.

O nosso feitio irrequieto — já o afirmámos muitas vezes — impede-nos de viver à sombra dos louros conquistados. Queremos progresso incessante, melhorando ou substituíndo.

Acompanhem-nos, como têm feito, interessem-se por esta revista séria e honesta que só vê o bem da Causa e daremos provas de que não estratificamos num triunfo alcançado, mas nos preparamos para novos triunfos. — I. D. S.

Out/45

AS EXPERIÊNCIAS DO DR. LEONARDO COIMBRA

pelo Coronel Faure da Rosa

NO seu livro «A Luta pela Imortalidade» (266 páginas, em oitavo), o Dr. Leonardo Coimbra dedica cêrca de 40 páginas à telepatia, transmissão de pensamento e a casos vários da fenomenologia espirita, todos êles de sua observação directa.

Não abundando entre nós estudiosos dos factos supranormais e como, dentre os poucos que existam, raros serão aquêles que tenham dado conta dos conhecimentos adquiridos na observação do *inabitual,* com certeza que não deixa de interessar procurar saber o que a tal respeito pensava êsse invulgar espírito, culto e vibrante, que, na vida terrena, se chamou Leonardo Coimbra.

«A primeira conquista da metapsicologia — escreve êle — é que os nossos conhecimentos não têm por única porta os sentidos normais. Vemos e ouvimos dentro de certos limites e normas. Essas normas são excedidas em certos indivíduos e condições, cujo determinismo está longe da nossa apreensão. É assim que se verificam casos de transmissão dum pensamento sem a sua expressão sensível (1). São, por vezes, de ordem experimental; as mais das vezes são espontâneos».

Como modêlo de espontaneidade apresenta o caso sucedido com um filho de quatro anos de idade: «uma noite estando deitado no meu braço e lendo eu um livro, êle pronunciou claramente a palavra «*génie*». Surpreendido, verifiquei que tinha acabado de ler mentalmente a palavra «*génie*».

Em seguida, narra dois casos de ordem experimental: «...Estando eu no verão em casa dumas senhoras da minha melhor amizade, tentei a transmissão de meu pensamento a uma dessas (1) que me parecia particularmente sensível. Sem dizer nada a ninguém, tinha-a já, várias vezes, obrigado a mudar de cadeira por uma ordem mental. Propus-lhe um dia fazermos experiências e consegui, com relutância da sua parte, que me fôsse buscar certo chapéu, uma caixa de fósforos, etc.»

Aponta, como a mais curiosa de tôdas, a última experiência duma noite.

Desejava o doutor — e mentalmente deu a ordem necessária — que essa senhora tomasse determinado abafo e com êle agasalhasse sua espôsa. A senhora recusou-se a cumprir a ordem, porque tal prática a deixava muito mal disposta e recolheu aos seus aposentos. No dia seguinte de manhã, quando a espôsa do doutor saiu do quarto, aquela senhora disse-lhe que mal tinha dormido, tôda a noite a pensar que ela — a espôsa do doutor — estava com frio por não lhe ter levado o tal abafo...

«Mas êste processo — diz Leonardo Coimbra — pode ir mais longe, e uma pessoa em Inglaterra pode ter conhecimento directo de comunicações da Índia, da Austrália, etc. É a «telepatia», que numerosíssimos casos autênticos atestam seguramente.

Dois casos de telepatia

Leonardo Coimbra relata dois fenómenos telepáticos que lhe foram revelados por pessoas idóneas.

O jornalista Silva Passos, estando em Coimbra na escola agrícola, passa uma noite de terrível insónia e pede a uma amigo que lhe faça companhia. Em certo momento, ouve uma voz — que reconheceu ser a do pai — dizer-lhe: «Adeus Chico». Soube, mais tarde, que a essa hora seu pai tinha falecido na Ilha da Madeira, tendo antes pronunciado, realmente, aquelas palavras.

O romancista Sousa Costa contou a Leonardo Coimbra que, um dia, sua mãi se levantara a gritar aflitivamente que um seu filho ausente em África, e de quem há pouco tinha recebido notícias, acabava de morrer. Informações ulteriores confirmaram a desgraça.

---

(1) O doutor declara que exclui os casos em que, como na leitura muscular, há, apenas, substituïção de sentidos, circunstância que se dá com os surdos-mudos.

(1) A Ex.ma Sr.a D. Maria da Glória Novais — Touraga, Amarante. Esta mesma senhora, mais tarde, caiu em transe mediúnico diante do Dr. L. Coimbra, espontâneamente, fazendo o que se costuma chamar a *dramatização espiritista,* **que ela ignorava inteiramente.** O autor do livro qualifica-o de «um belo caso de eliminação de fraude, quer consciente quer inconsciente.

Casos de Espiritismo

Nesta altura, Leonardo Coimbra trata dos casos que êle considera mais intrincados e solenes: os casos chamados de Espiritismo. Em tôdas as sessões a que assistiu os espíritos superiores eram sempre os santos mais conhecidos do calendário e afirma que não era *muito grande* a sua simpatia pelo Espiritismo: que o que viu é, na sua maior parte, *feio* e *tôlo*. Mas, lealmente, também afirma que não teria tido interêsse em continuar tais pesquisas, se nada de valioso tivesse colhido.

Escreve o doutor:

...Uma boa documentação existe felizmente, e nêste campo não faltam as experiências de valor científico, pelos métodos e probidade intelectual dos seus dirigentes. As condições para que os fenómenos espíritas peçam teorização, é que êles se não vão subordinar às anteriores rubricas de telepatia, psicometria, desdobramento de personalidade ou criptomnésia. A primeira causa a eliminar, depois das fraudes, é claro, é o conhecimento criptomnésico. É evidente que essa eliminação é muito difícil, mas é, por fim, possível.

Trata do método das *correspondências* cruzadas, adoptado pela Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, com o fim de alcançar factos, argumentos, que pusessem de parte a explicação telepática. Nessas correspondências os experimentadores aludiam a um tema dado de maneira obscura, por intermédio de diferentes médiuns e em frases também diferentes, afim de que nenhum dêles pudesse compreender aquilo que era transmitido. Entretanto, os experimentadores ajuntavam qualquer indicação distinta que pudesse mais tarde servir de elo entre os diversos fragmentos; de maneira tal que, quando tôdas as mensagens tivessem sido reünidas numa espécie de escritório central e uma vez aí comparadas, a conexão entre as diferentes partes tornava-se manifesta e o conjunto perfeitamente claro. Êste sistema complicado foi seguido durante muitos anos. Um dos médiuns, a Sr.ª Piper, residia na América do Norte e outro, a Sr.ª Verral, habitava na Inglaterra, e o terceiro era a mulher dum oficial do exército da Índia que ficou conhecida pelo nome de Sr.ª Holland. Fragmentos da mesma mensagem chegavam por êstes canais — e por outro ainda — os quais eram decifrados no escritório central. O fim era evidente: saber se uma única vontade agia nos diferentes médiuns; cada parte isolada da mensagem era tão obscura que não podia haver nem telepatia nem qualquer outro meio de comunicação entre os médiuns.

Leonardo Coimbra entende que estas experiências são muito interessantes e, mais, que não é fácil evitar que apareça a teoria da *sobrevivência manifestada* como necessária explicação, o que, até certo ponto, está de acôrdo com a afirmação de Lodge: «Se se conseguir pôr de parte a faculdade hipotética e inverificável da telepatia ou da clarividência, chegar-se-á à demonstração da sobrevivência do homem e à do poder de comunicar com os defuntos, a despeito da ausência dos seus órgãos corporais.»

Se, com efeito, não prejulgássemos contra a sobrevivência, ¿que concluïríamos nós da anunciação dum sêr invisível (1) que nos promete transportar a centenas (até dezenas de milhar) de quilómetros uma palavra-senha e cumpre conscienciosamente? — pregunta Leonardo Coimbra. Que a anunciação é verdadeira e êsse ser existe e nos foi presente, *convivendo*.

Como, porém, um pouco de cepticismo lhe é simpático, pois é a têmpera da vontade, acha bem tôdas as dúvidas, tanto mais que é de bom método explicar pelo consuetudinário, tornando, todavia, o risco de diminuirmos a nossa consciência do Universo.

Entende que os casos narrados por Oliver Lodge no seu livro «*Raymond or Life and Death*» (Raimundo, ou A Vida e a Morte), se explicam pela influência psicométrica e, sobretudo, pela telepatia. Estaríamos de acôrdo com Leonardo Coimbra se êle conviesse em que o *agente* telepático é o espírito desencarnado de Raimundo ou de Myers e o *percipiente* a médium que os espíritos utilizaram.

Não obstante, Leonardo Coimbra reconhece que «a psicometria e a telepatia conhecidas não se ajustam bem aos casos de que se trata e se lhe têm de supor novas capacidades, virtualidades adrede reveladas. Mas a dúvida é boa, só ela gera o heroismo e dá elastério, firmeza, pêso e volume à crença...

«...As presenças invisíveis de que os poetas nos falam e todos sentimos, ¿não serão, em movimento de alma, comunicações mediúnicas que, à cegueira vulgar, só chegam corporizando-se na grosseira tangibilidade dos sentidos?

«Há mais espectros nas «Sombras» de Teixeira de Pascoais que numa célebre fotogra-

(1) *Invisível* para nós; não para os videntes.

fia transcendental do dr. Hausmann, onde aparece uma imensa multidão de fisionomias do Além».

Fotografias de fantasmas

Entretanto, Leonardo Coimbra concorda que a fotografia transcendental é, também, um processo curioso de investigação espiritista. Refere-se às experiências de Croockes, Wallace, Richet e do jornalista inglês Stead, sem deixar de reconhecer — como todos os estudiosos — que, por vezes, a fraude é mais fácil.

Cita o caso duma família saüdosa duma criança falecida recentemente — à data da narração — que, indo até ao campo onde tiraram a fotografia do grupo, esta apareceu aumentada da irmazinha morta. E acrescenta:

«São muito notáveis estas fotografias, sobretudo quando se mostra que a sua viabilidade depende de acções mediúnicas. Ao seu significado espiritista, além das suspeitas de fraude, tem-se objectado que não é verosímil a indumentária da outra vida. Sampaio Bruno arreda mesmo o Espiritismo pelos únicos motivos desta inverosimilhança e pela errada idéia metafísica de que o espírito não tem corpo... Espírito sem corpo é o mesmo que actividade sem acção — o que quere dizer que o ponto metafísico do ser, que é o espírito, nunca integralmente se despe do corpo...».

A indumentária dos espiritos

A objecção da materialização da vestimenta para arredar a explicação espiritista, não tem razão de ser. Se se admite que o pensamento tem poder para conseguir a materialização dum espírito desencarnado, não vemos que óbice insuperável se possa opor à obtenção duma roupagem envoltória.

É racional e providencial — escreve Bozzano — que entre a existência encarnada e a de «espíritos puros» se encontre um ciclo de existências preparatórias servindo para conciliar a natureza excessivamente terrestre do espírito desencarnado com a natureza excessivamente transcendental da existência espiritual pròpriamente dita. E isto parece dotar admiravelmente o poder criador do pensamento, graças ao qual o espírito pensando que constitui uma forma humana, revela-se na forma humana; *pensando que está vestido, cobre-se de roupagens que, embora «etéricas», à semelhança do corpo, aparecem ao espírito tão substanciais como as terrestres.*

No seu livro «A Crise da Morte» — caso V — Bozzano cita a mensagem do Reverendo A. H. Stockwell, anglicano, falecido há mais de quarenta anos:

O nosso mundo é o do pensamento; tudo que é visível, tangível, utilizável, é uma criação do pensamento. O nosso corpo espiritual é uma criação substancial do pensamento; é dêsse mesmo corpo que, sem nenhum prejuízo para a nossa individualidade, exteriorizamos aquilo que nos é preciso para exercer a nossa actividade objectiva. Em volta de nós, as criações do nosso pensamento revestem uma forma em que se fundem e se harmonizam com as criações do pensamento dos outros. Algumas dessas criações são exteriorizações inconscientes do pensamento espiritual; outras, pelo contrário, provêm da fôrça criadora do pensamento dirigido pela vontade, para fins determinados. Nós somos construídos de pensamento, e tudo que desejamos, bem como tudo que façamos, realiza-se pelo dinamismo do pensamento. Naturalmente, aquêles que vivem num meio terrestre — tão diverso do nosso — têm dificuldade em compreender, e até em admitir, estas recordações; e, entretanto, asseguro-te que os processos funcionais concernentes ao que descrevi são muito simples, muito naturais e maravilhosamente eficazes... Êstes ensinamentos espirituais, que só agora começam a dar aos vivos, são uma das «coisas numerosas» acêrca das quais Jesus de Nazaré afirmou que «a sua geração e o seu tempo não estavam amadurecidos para as receber...».

No caso VIII, igualmente relatado por Bozzano, afirma o defunto comunicante:

Não tardamos em descobrir — e isto é muito curioso e interessante — que nós, aqui, estamos em condições de transformar certas coisas que vemos em redor de nós, unicamente com o desejo de que elas se transformem... Contudo, nós não podemos transformar o meio onde vivemos; e não o podemos fazer porque a paisagem que nos rodeia não é sòmente a nossa «decoração», mas é também a «decoração» de todos os espíritos... Depois de muitas experiências desta natureza, começa-se a compreender a verdade; isto é, que o meio onde vivemos não é constituído, na realidade, senão por «formas do pensamento», ou por «projecções da memória», e que tudo isto está predisposto afim de facilitar, aos espíritos que mal acabam de aqui chegar, o período de transição da existência terrestre para a existência espiritual pròpriamente dita.

No XIV caso, referido no citado livro de

Bozzano, o espírito comunicante confirma o que outros dizem àcêrca da indumentária:

As nossas vestes, também são criações do pensamento e são formadas com elementos tirados do meio onde existimos. Não compreendo ainda, exactamente, o processo que determina êste milagre; mas o que não é menos verdade é que essas manifestações *exteriores* do nosso pensamento reproduzem as disposições *interiores* do nosso espírito. Segue-se que, para os espíritos há muito tempo existentes nêste meio, o vestuário constitui o símbolo infalível que lhes revela o valor moral intrínseco do espírito que o enverga.

Leonardo Coimbra não se mostra admirado que os espíritos desencarnados apareçam vestidos, porque, depois de aludir à *alucinação auditiva* que teve Sampaio Bruno (como êste escritor lhe chamava), pela qual foi prevenido dum desagradável e improbabilíssimo encontro com João Chagas e que se verificou conforme as palavras da profecia, depois de aludir a êste caso, Leonardo Coimbra pregunta:

«¿Como *falariam* os espíritos sem órgãos corporais que fizessem vibrar o ar? ¿De pensamento a pensamento?... Assim deve ser; mas então, ¿que admira que apareçam vestidos nas alucinações visuais?... O que haveria de estranho seria a fotografia do pensamento a dizer-nos que a influência pode ir de nós para a chapa. Imagens auditivas, sulcando o espaço como flamejantes cometas do infinito. Tudo estremece de pensamento, vozes humanas e figuras humanas erram pela imensidade e o sentimento trágico de presença com que certas solidões nos pesam não é mais que um eflúvio de humanismo que nos enleia e comove.»

Para Leonardo Coimbra — como êle próprio declara — o ponto central das pesquisas está na boa procura de correspondências cruzadas de que já nos ocupámos. Nêsse sentido trabalhava em 1918 e, tanto nêste ponto como em todo o campo metapsicológico, os fenómenos eram rebeldes à direcção.

Por meio do médium faziam-lhe reparos como êste: «Não tenho obrigação de fazer como quere e não o farei; ¿porque teima sempre no mesmo? Faça o que lhe digo, de outro modo nada conseguirá, etc.».

Leonardo Coimbra não se acomodava com as as indicações do Além; em vez de se deixar dirigir pelos conselhos dos desencarnados, era êle quem pretendia a direcção suprema de tudo e de todos. Por isso o avisaram de que, por tal processo, nada conseguiria.

Os médiuns de Leonardo Coimbra

Os médiuns de Leonardo Coimbra eram todos de escrita automática: dois sem pensamento consciente do que iam escrevendo, um pensando anteriormente quási tudo o que depois escrevia. Todos eram seus amigos e conhecidos.

Um dos médiuns, Abílio Viegas, fôra seu aluno desde o 5.º ano do liceu ao fim do curso complementar de letras. Outro, Azinhais, também foi seu discípulo no 5.º ano. Um outro era amigo íntimo de Leonardo Coimbra e seu colega no professorado: o dr. Angelo Ribeiro, a quem Leonardo Coimbra apresenta como um temperamento dramatizante:

Anda estudando qualquer assunto e logo que se disponha a escrever, aparece um drama de aspecto espiritista, reflexo dêsse assunto. Foi assim que, andando a compor versos sôbre o pensamento de Heráclito, lhe apareceu êste pedindo que se eu lhe fizesse um prefácio para o livro «Verbo Antigo», que Ângelo Ribeiro anda compondo, me não esquecesse de falar no *Fôgo*. Ora, com efeito, Ângelo Ribeiro tinha-me pedido tal prefácio.

Há dias, numa tentativa de comunicação cruzada, dentro da mesma sala, pedi que escrevesse um nome para o outro médium, Azinhais, respondeu: saíu a palavra *Sempre*, nome dum livro de Teixeira de Pascoais, que eu lhe tinha visto chegar pelo correio na véspera da experiência. Tentei com Heráclito a escrita de alguns pensamentos em grego, consegui-o; mas Ângelo Ribeiro declarou-me imediatamente que o seu grego chegava até aí.

Agora começa a escrever sob nomes vários e coisas que o seu consciente não escreveria por inferiores, e é curioso o espectáculo de sofreguidão que em torno dêle se forma: é um que fala, logo outro; a seguir, o primeiro de novo se intromete até que o nosso Heráclito vem pedir que resista à pressão dos tantos espíritos que o pretendem — como um único telefone servindo uma grande cidade.

Azinhais tem uma acentuada tendência para dar criminosos, suïcidas inferiores, é nele que uma obstinação malévola se revela com intenção feroz: escreve em letra muito miuda, e, se pedimos melhor letra, raro é que se não torne ilegível por minguada. Desenha, apresentando o retrato dos hipotéticos comunicantes...

Abílio Viegas dá pessoas pacatas, iletradas ou de mediocre ilustração, mas muito sensatas e suficientes. É um esplêndido médium. Com êle consegui a única experiência notável que tenho... Quanto à probidade, êle é a mais pura em todos os meus médiuns.

Os dois estudantes são simpáticos e bondosos rapazes, um pouco admirados do que fazem, mas com-

preendendo, perfeitamente, o valor do que andamos fazendo.

Ângelo Ribeiro é um pensador sério, um cordealíssimo amigo e um ilustre professor.

Uma experiência notável

Na sessão de 2 de Maio de 1918 — que Leonardo Coimbra dirigiu, tendo por médium escrevente Abílio Viegas — a entidade comunicante disse chamar-se Augusto Vieira Sardinha, que nascera em Viseu em 1895 e falecera em 1918 na «terra de todos» durante um reconhecimento na quinzena primeira de Janeiro, na frente da primeira Guerra Mundial; que era 2.º cabo e que não fôra promovido a 1.º cabo por não saber ler; que estava subordinado ao sargento chamado Pandeiro, nome que a Leonardo Coimbra parecera ter sido dado por brincadeira.

O espírito comunicante declarou que era o guia que lhe fazia preguntas a quem êle não via, entidade que não falava mas que ouvia o que o espírito dizia.

Leonardo Coimbra queria provas de identidade do espírito comunicante; que escrevesse para êle para o Liceu Gil Vicente, em Lisboa. O espírito prometeu transmitir ao guia o desejo do experimentador.

No dia seguinte, Leonardo Coimbra contou do caso o esquema anónimo aos colegas do Liceu, drs. Gastão Correia Mendes, que sorriu; Câmara Reis, que se perturbou; Sousa Coutinho, que nem se riu nem se perturbou e achou o caso curioso, sobretudo depois de saber que o físico Oliver Lodge tomava o assunto muito a sério; Damião Peres, a quem Leonardo Coimbra viu uma sombra de agradecido mistério pousar na fronte; Luiz Cardim, a quem o conhecimento profundo da alma inglêsa deu uma grande simpatia por tudo o que vem do mistério das almas, e o capitão-tenente e professor da Escola Naval, Santos...

Decorreram dias; como nada aparecia, Leonardo Coimbra considerava malogradas as sedutoras promessas. Nessa ocasião, o professor Adrião Castanheira lembrou-lhe o Brasil, idéia que deixou um resto de esperança. Quando já mal pensava no caso, chegou-lhe às mãos a seguinte carta:

Acampamento, 8 Maio, 1918.

Ex.mo Sr.

V. Ex.ª por certo vai-se rir de mim e do que vou contar. Os meus amigos dizem que sou sonâmbulo e que digo muitas coisas, sem saber o que digo.

Há dias, eu, estando a descançar, comecei a gritar dizendo muitas falas e chamando gente para ouvir. Depois contaram que eu havia pedido para escrever o que se segue: escreve para Leonardo Coimbra, liceu de Gil Vicente — Lisboa, por mandado de Augusto Vieira Sardinha, 2.º cabo e que morreu aqui em 15 (ou 25?) do I.

Do que disse não me lembro, mas os meus amigos pediram para escrever.

Não sei se é pessoa de família ou conhecimento, ou que o destinatário não exista.

Se existir pedia para escrever para Urbano Júnior, infantaria 4 — 10.ª — 448 — Hospital Militar — C. E. P. — França.

Perante esta carta, a cuja recepção, na secretaria do liceu, assistiu o secretário, os professores Passos e Sousa Coutinho, desta vez um pouco estupefacto, e empregados da secretaria, Leonardo Coimbra confessa que teve arrepios, que sentiu sôbre a cara o bafo calafriante do mistério.

A primeira hipótese que acudiu ao secretário do liceu foi que Leonardo Coimbra era vítima duma brincadeira dos colegas. A fraude podia ser feita para engano de L. Coimbra ou por êle próprio para engano do público. Tôdas as pessoas que interferiram no assunto são honestas. A comunicação é extensa e não se decorava só pelo seu decorrer... Ninguém tirara apontamentos, nem o próprio médium.

Fraude da parte de L. Coimbra nem sequer é de considerar.

O nome de Augusto Vieira Sardinha não apareceu em nenhuma lista oficial, nem no C. E. P. deram informações a respeito de tal nome. Mas, reflectindo, se tivesse havido o propósito de embuste, de invencionice, fácil teria sido dar o nome dum dos seus soldados mortos na guerra para tornar o caso aceitável.

Não pode ser atribuído a criptomenésia do médium porque se tratava de *fenómenos contemporâneos* e *conjugados* e a criptomenésia é a recordação de factos passados que se conservam latentes no subconsciente.

Não pode ser psicometria porque se não deu a utilização de qualquer objecto de que o defunto fôsse possuïdor.

Resta a informação telepática como observa L. Coimbra; mas *por telepatia* devemos entender tôda a classe de fenómenos que causam sensação a distância e nada nos adianta para a explicação do caso. Demais, os fenómenos telepáticos dão-se mais freqüentemente entre desencarnados e encarnados, do que entre os viventes na terra: os

desencarnados são os *agentes* e os médiuns os *percipientes*.

Analisemos as comunicações, a que o médium Viegas recebeu e a que foi endereçada a L. Coimbra, do Acampamento do C. E. P. em França, assinada por Urbano Júnior: na primeira, a entidade comunicante diz que Augusto Vieira Sardinha faleceu em 1918 na «*terra de todos*» *em Janeiro na quinzena primeira, no reconhecimento de 1 de Janeiro, na frente*, que fôra depois 2.º cabo e não chegara a 1.º cabo por não saber ler; na segunda, assinada por Urbano Júnior, o 2.º cabo Augusto Vieira Sardinha é dado como falecido em 15 ou 25 do I (Janeiro). As próprias divergências — nota L. Coimbra — mostram que é inconsistente a hipótese da fraude. E termina:

«Não quero concluir em absoluto para que outras hipóteses mais belas possam caber, para que o obstáculo da Morte não perca muito do seu prestígio; é sempre bom que a certeza nos não adormeça e, em pleno mistério, uma grande emoção nos erga dramáticos, assaltantes, pugnazes conquistadores da imortalidade».

* * *

Em 1929 — cêrca de 11 anos depois da publicação do seu livro «A luta pela Imortalidade» — Leonardo Coimbra escreveu no n.º 6 da *Revista de Espiritismo*, um artigo sob o título «Os Fenómenos Espiritóides, a Sobrevivência e a Imortalidade» (pág. 125), em que apenas tocou, e ao de leve, o problema da sobrevivência, não tendo, infelizmente, continuado a sua dissertação. Nessas duas páginas do citado artigo nada encontramos que vinque uma evolução néo-espiritualista.

Rectificação: No meu artigo «A Morte, Indústria dos Vivos» — pág. 327, 2.ª coluna, 3.ª linha — Saiu: «Mas o viúvo respeitava...». Ora, o que eu escrevi foi: «Mas o viúvo *que não* respeitava...» Da outra maneira o que o viúvo «dizia de si para si» estaria em contradição com o *respeito pelo exibicionismo*... A respeitável gralha!

No próximo número, a sair em Janeiro de 1946, iniciaremos a publicação dum interessantíssimo trabalho do nosso confrade Professor Doutor Adolfo Baptista Ramires, intitulado: «Filosofia da Natureza — Patologia e Higiene da Alma».

SINTESE CÓSMICA

Não vos moveis no infinito. A vida é uma viagem e nada mais possuis, senão as vossas obras. A tôda a hora se morre, a tôda a hora se renasce, mas cada um é sempre filho de si mesmo. A evolução, obedecendo ao ritmo do tempo, *não pode deter-se*. Vedes segundo uma falsa perspectiva psíquica. É necessário conceber, não as coisas, mas a trajectória do seu transformismo; não os fenómenos, mas os períodos fenoménicos. Deveis imobilizar-vos na fluïdicidade do movimento, realizar-vos nêste mundo de coisas fugidias, quais sêres indestrutíveis, num tempo que só pode comportar continuações lançadas para o eterno futuro que nos escancara as portas da evolução.

Daqui a milénios e milénios, já não sereis as crianças de hoje e adquirireis formas de consciência que não podereis, sequer, imaginar. Mostrei-vos o destino e o tormento dos grandes que nos precedem no caminho. Êles vos dizem o que será o homem de amanhã. *Não podeis parar*. Vimos o funcionamento orgânico da grande máquina do universo, nos seus aspectos, nas fases da sua transformação. É um movimento imenso e tendes que funcionar como partes dêsses imenso organismo.

Uma grande atracção o rege inteiramente: Amor. Êste, sempre presente, nêle canta, na harmonia das linhas, na sinfonia das fôrças, na correspondência dos conceitos. Chama-se atracção e coesão, no nível matéria; impulso e transmissão, no nível energia; ímpeto de vida e de ascensão, no nível espírito. É a harmonia na ordem cinética, na qual representa a nossa respiração e a divina respiração do universo.

Ousámos desvendar o mistério e mirar sem véus a Lei, que é o pensamento de Deus. Em todos os campos vimos os momentos daquêle conceito que rege tudo. Não temam os bons conhecer a verdade.

O quadro está concluído. A visão é completa.

Dei-vos da Divindade um conceito muito menos antropomórfico, muito mais transparente da sua essência íntima, muito purificado das reduções operadas pela representação humana, um conceito mais luminoso, adaptado à vossa mais amadurecida alma moderna. O mistério pode assim emergir, em termos de ciência e de razão, dos véus do símbolo. Avançámos do mineral ao génio, para contemplar o triunfo do homem; chorámos e anelámos com êle na penosa conquista do bem e do mal, no caminho da sua ascensão. Escutámos uma sinfonia grandiosa, em que tudo canta, desde a matéria ao espírito, o hino da vida. Orámos em sintonia com tôdas as criaturas humanas.

O nosso estudo foi a adoração da Divindade.

(De «A Grande Síntese», de Pietro Ubaldi)

A Importância da Fé e do Ideal

por Armando de Faria

UMA fé inabalável e um ideal elevado, são os maiores atributos para se triunfar na vida. Aquêles que contribuiram para o engrandecimento da sua Pátria e da Humanidade, foram homens de fé e de ideal. Com certeza, êsses «leaders» do mundo inteiro não poderiam vencer os grandes obstáculos que se lhes depararam na senda da vida, se não fôssem sempre animados por uma visão. E a fé é uma maravilhosa visão que tende a materializar-se, se houver persistência na acção.

Podemos dizer, exprimindo-nos melhor, que é uma intuição guiadora, capaz de nos levar à realização completa do nosso Ideal. Os Lincoln, os Pasteur, os Edison e todos aquêles que contribuiram para o progresso da civilização, escudaram-se na dura rocha da fé.

Em geral, o ideal das turbas não se eleva além da mediocridade. Vemos médicos que não vêem nada a não ser as doenças e os remédios; advogados que só pensam em leis; numa palavra — indivíduos que triunfam como profissionais, mas baqueiam como homens.

É necessário albergarmos no nosso espírito altos ideais e termos uma fé poderosa para os realizarmos. Pais, professores e todos aquêles que têm a seu cargo a educação de crianças, deveriam insuflar aos seus educandos um ardente amor a nobres ideais. Fazer-lhes ver que a vida é uma escola de preparação; que viemos ao mundo para sermos elementos activos nesta máquina tão harmoniosa do Universo de Deus.

Todos nós viemos à Terra para cumprirmos uma bela e esplendorosa missão — alentando os outros, amando a Humanidade.

* * *

É deveras lamentável que não incutam à criança um amplo amor a tôdas as pátrias. Devíamos ensinar-lhe que todos somos irmãos, visto pertencermos à mesma família de Deus. A individualidade é que é a realidade na acepção de essência divina; a personalidade é o seu instrumento. Por isso, urge ver em todo o ser humano a imagem do Criador e não o indivíduo deformado pelos vícios e pelas paixões.

Também não importa a côr, a raça ou a língua. Importa, sim, o coração de cada um.

Há jovens de capacidade que não sobressaem pelo facto de não receberem estímulo da parte dos pais e professores. Estes, em lugar de lhes levantarem o moral, de fazerem com que êles não percam a visão do Ideal, de lhes inocularem fé e confiança no futuro, muitas das vezes só os criticam, só têm dichotes infamantes e censuras crueis para os flagelar. E nem ao de leve avaliam o veneno que lhes destilam no carácter.

¡Quantos mancebos poderiam ter brilhado, se não fôsse a crueldade de pais e de professores ignorantes da ciência da educação! Alguns dêsses jovens eram sensitivos ou tímidos e, por isso, desenvolveu-se-lhes um complexo de inferioridade que lhes manietou a iniciativa, a originalidade e a audácia, factores essenciais para o êxito.

Causa grande mágoa ver tantas capacidades destruídas, só por não terem quem as despertasse; almas que poderiam elevar-se muito acima da mediocridade e ficarem amputadas.

Ouçamos o que o Padre Pécaut disse de Madame de Maintenon: «Faltou a esta mulher o dom por excelência: a alma. Tirando isso, tem tudo: razão firme, sentido prático, moderação, tudo o que se queira; mas é sêca do coração, tôda prudência, diplomacia e cautela». Por isso (concluía o Padre Pécaut) Madame de Maintenon foi uma directora de colégio e nunca uma educadora. Faltava-lhe o entusiasmo, um grande amor, o calor anímico, um grande amor, o calor anímico, faltava-lhe «o que faz os santos e também os espíritos superiores»: — o dom da alegria.

Todo o verdadeiro educador é um optimista. Da sua bôca sai sòmente aquilo que contribui para a felicidade e o êxito. E os seus lábios estão constantemente iluminados pelo sorriso. Na realidade, só assim é que está à altura de sua bela missão — elevando os ideais e incutindo uma poderosa fé aos seus educandos.

Vila Real, 30-8-945.

EVOLUCIONANDO...

por Bartolomeu Bana Martins

II

É uma coisa que me aflige observar a situação das pobres criadas de servir, infelizes, espoliadas, sujeitas a um verdadeiro regime de escravatura que teima em não desaparecer entre nós. Não têm horário de trabalho, não têm horas para as refeições, não têm horas de pegar nem largar o serviço, a maior parte delas nem sequer têm descanso semanal, nem liberdade para nada. O seu serviço tem de ser permanente; se ao senhor ou à senhora apetecer um copo de água ou qualquer outra futilidade, lá interrompe a mísera a amarga refeição meia dúzia de vezes, vindo acabar à pressa de engulir o bocado, para voltar para o trabalho sem perda de tempo. À noite, cansada e cheia de sono, o corpo pede-lhe cama, mas tem que se manter a pé firme, porque às onze ou meia noite tem que servir o chá aos senhores, que não sabem como hão de passar o tempo. Mal rompe o dia, lá está ela já levantada a lavar a roupa, a limpar o chão, esforçando-se por trazer tudo num brinco, porque os patrões são exigentes e, se não tiver cuidado, êles não farão cerimónia em a despedir e meter outra.

Andam por aí tantas à procura de trabalho... E se ela se desemprega, ¿para onde irá depois? É certo que ali só tem licença de sair, de quinze em quinze dias, umas escassas horas de tarde; que o ordenado é simplesmente ridículo, pois nem para uns sapatos chega; que não pode falar com as suas amigas, conhecidos ou namorado, porque todos os minutos são poucos para fazer o serviço e a senhora, muito esquisita, não quere lá visitas, nem a deixa sair para falar. É certo que muitas entram honestas e virgens para algumas casas, donde saem conspurcadas por indivíduos da casa, os quais, depois de saciarem os seus instintos e receosos de responsabilidades e de maçadas, não descansam enquanto não conseguem a sua expulsão, empurrando mais umas vítimas para o vício e para a prostituição. Tudo isto, infelizmente, é certo, mas ali vai comendo qualquer coisa para enganar o corpo e lá, a um canto, num quarto escuro e sem ar, está o triste colchão, onde, estafada, à noite, estende os ossos moídos de tanto trabalhar... Embora não esteja bem, no entanto, ali não lhe chove em cima.

¡Pobres sacrificadas as criadas de servir! Ainda há senhoras que dizem mal delas...

Aqui ao meu lado uma miüdinha de doze anos, orfã de mãe, de vez em quando é zurzida sem dó nem piedade pela patrôa, que estafa a criança a trabalhar. Mesmo ao domingo a obriga a lavar a roupa e a fazer todo o serviço.

¿Porque não se faz como os adventistas que guardam escrupulosamente um dia por semana? Para êles é o sábado; para nós, seria o domingo. A véspera é o *dia da preparação;* neste dia — sexta-feira para os adventistas — preparam tudo para que no dia de descanso não tenham nada que fazer, nem mesmo a comida, que fica pronta desde a véspera. Há muita comida que se conserva feita um dia ou dois sem se estragar e, mesmo que não houvesse esta facilidade, no dia de descanso podia-se perfeitamente comer pão e fruta, por exemplo, ou outros alimentos crus. O que não há necessidade nenhuma é de ao domingo, ou noutro dia de descanso, se estar a fazer comidas, limpezas e outros serviços. O dia de descanso é para todos descansarem e para pensarmos nas coisas de Deus, para nos pôrmos ao seu serviço e para ajudarmos o próximo e não para o estarmos a sobrecarregar.

Quando estive na Madeira, a partir de certa altura, apesar de ser vegetariano e de não poder comer em qualquer parte, compreendi tudo isto, e ao domingo não consentia que me fizessem comida ou qualquer outro serviço. Tomava banho todos os dias menos aos domingos, para que nêsse dia não tivessem o trabalho de me limparem a casa de banho. E se não fôsse por melindrar a dona da casa nos seus brios, também não permitiria que no domingo me fizessem a cama. Nêsse dia passeava, ia para o campo admirar a obra de Deus, freqüentava uma igreja evangélica ou a igreja adventista, nas quais deixei vários amigos, visitava os pre-

sos, etc. Um corpo que trabalha seis dias seguidos tem o direito de descansar no sétimo, não porque Deus houvesse repousado nêsse dia, pois que segundo afirmou o senhor Jesus Cristo, Deus obra constantemente, não tem necessidade de descansar, e mal de nós se Deus parasse, mas apenas porque o nosso corpo material é uma máquina que necessita de intervalos de repouso para se reparar e afinar e bem cumprir a sua misão. Não violemos, pois, a Lei de Deus e amemos o nosso próximo, dando-lhe o descanso de que êle necessita e a que tem direito.

b) *Não matarás* — Eis outro mandamento que foi bem explicado pelo Mestre. Jesus disse-nos que êste mandamento é muito mais vasto do que à primeira vista parece. Para não se pecar aqui, não basta não matar, mas, principalmente, não desejar qualquer espécie de mal ao próximo, pois aquêle que não matar, mas guardar rancor no seu coração, será réu do juízo eterno, porque os nossos sentimentos e pensamentos, como fôrças poderosas que são, têm influência extraordinária no nosso destino. E eu quero fazer notar ainda que o mandamento diz, apenas, na sua simplicidade, que tudo abrange: «*não matarás*» — e não isto: não matarás pessoas. Portanto, para meu uso, considero-o também extensivo aos animais e a todos os seres vivos, e não os mato a não ser quando não pode deixar de ser e em legítima defesa. Quem mata animais, também se pode fàcilmente habituar a matar pessoas e mais vale ignorarmos essa arte de destruir.

Esta foi uma das razões porque, a conselho do meu amigo Frederico Pereira, me transformei em vegetariano convicto. Outra razão é o meu desejo sincero de progredir espiritualmente, pois quem mata nunca pode atingir grande grau de santidade, como dizem os rosacruzes.

Uma terceira razão foi a de desejar para o meu corpo físico mais saúde e vigor — o que consegui — pois sei que a quási totalidade das doenças são produzidas pela ingestão de carne e de outros alimentos cadavéricos de origem animal, os quais ainda por cima arrastam a humanidade a todos os vícios e devassidões. Os vegetais, além de serem alimentos muito mais ricos em calorias, e de fornecerem energia e saúde ao corpo físico, facilitam o aperfeiçoamento do perispírito e, por conseguinte, o desenvolvimento das qualidades psíquicas.

c) «*Não cometerás adultério*» — O bom do portuguesinho valente considera-se desclassificado, se passar ao pé de qualquer beldade do sexo fraco (?) e não arrastar a asa, mirando-a por diante e por detrás, de alto a baixo, apreciando as redondezas com olhos marotos, proferindo atrevidos galanteios, que muitas vezes sobressaem pela grossaria e incorrecção. O portuguesinho, logo que atinge a puberdade, não se julga completamente homem se, ao passar por qualquer fêmea com saias não proferir uma graça provocadora. E o pior é que, na maior parte dos casos, esta doença não se cura com a idade, pois até os casados, os velhos e outros com graves responsabilidades morais, não desdenham de manter uma ou várias ligações ilícitas. ¡Pobres iludidos, para os quais só existe a matéria e os prazeres físicos!... E, ainda por cima, a metade femenina não só acha natural, afirmando que aos homens tudo fica bem, ¡como se pudesse ficar bem a alguém cometer erros tão grosseiros, que só nos aproximam dos irracionais, como até alguns dos seus elementos já vão seguindo os exemplos libertinos dos homens, não tendo pejo de se entregarem nos braços da devassidão e da luxúria!...

A Lei diz: — «não fornicarás» — ou — «não cometerás adultério», o que alguns também ensinam: «guardarás a castidade».

A castidade espiritual, a castidade do coração pode ser sempre guardada, mesmo por mães ou pais de muitos filhos. Jesus e S. Paulo ensinaram como devia ser interpretado êste mandamento tão importante e que tanta influência tem no nosso aperfeiçoamento moral e no desenvolvimento da nossa espiritualização.

Jesus disse: «não cometerás adultério; mas se olhares para uma mulher (ou para um homem) para a cobiçares, já em teu coração tens cometido adultério com ela (ou com êle)».

Também nos ensinou o Mestre como devíamos evitar o mal:

— Se a tua mão te escandaliza, corta-a; se o teu ôlho te é motivo de escândalo, arranca-o.

Claro que não vamos tomar estas palavras à letra (a letra mata e o espírito vivifica) e arrancar os olhos, reduzindo-nos à cegueira física, mas apenas devemos evitar as tentações, fugindo àquelas provas e ocasiões em que não nos sintamos bastante fortes para as enfrentarmos, resistirmos e sairmos vencedores. Nem tão pouco nos vamos

mutilar, mas apenas proceder com prudência, evitando e fugindo de tudo o que nos possa fazer resvalar.

S. Paulo disse, referindo-se a êste mandamento, que os que pudessem conservar-se solteiros e castos só tinham a ganhar com isso, mas avisou claramente que os que não tivessem inclinação para o celibato honesto, que se casassem, porque mais valia casarem-se do que abrasarem-se. E disse também, referindo-se a marido e mulher:

— Não vos defraudeis um ao outro (nas intimidades sexuais), a não ser como purificação quando vos quizerdes entregar à prece, porque a mulher pertence ao marido e o marido pertence à mulher, e cada um não pode dispôr do seu próprio corpo. «Não são livres e têm que dar contas um ao outro».

Esclareceu ainda que as palavras dêle não deviam ser interpretadas como estímulo para se entregarem a excessos sexuais que, mesmo entre casados, são sempre reprováveis e deprimentes, devendo ser evitados o mais possível, mas apenas como permissão, como mal que se lhes tolera, para evitar outro mal maior: o deboche e a luxúria.

A continência sexual aumenta o poder espiritual e a saúde física.

Os restantes mandamentos têm, igualmente, o mesmo fim: — amar a Deus sôbre tôdas as coisas e em tudo, porque tudo é criação de Deus, e amarmos o próximo como a nós mesmos. Os primeiros mandamentos são de reverência e grande respeito (temor a Deus) para com o Criador: *não praticar o politeísmo,* isto é, não adorar mais que um Deus, por que embora haja muitos deuses (secundários), todos são connosco servos do mesmo Senhor; *não praticar a idolatria,* adorando imagens, porque Deus é espírito infinito e não é semelhante a nada que existe no céu ou na terra ou debaixo das águas, e em espírito e verdade deve ser adorado e servido e não amesquinhado por ridículas limitações; não invocar em vão o Seu santo nome, que deve ser sempre proferido com a máxima veneração, etc.

Os outros mandamentos dizem-nos como devemos amar o próximo: assim, quem, além de guardar e fazer guardar o dia de descanso, não matar, não roubar, não cometer adultério, honrar pai e mãe, não mentir, não jurar falsos testemunhos e não cobiçar as coisas alheias, sejam animais, propriedades, enfim, riqueza, ou mulher ou marido; quem, além de não praticar estes erros, conservar o seu coração puro e sem mácula, com certeza que ama o próximo e, por conseguinte, ama também a Deus, porque para amarmos a Deus basta que amemos as suas criações e que andemos segundo a sua lei.

O senhor Jesus nos disse:

— Fazei aos outros aquilo que quereis que vos façam; amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

¿Mas será fácil cumprir a Lei? Não é. É até muito difícil, mas cumpramo-la até onde as nossas fôrças o permitirem e aspiremos sinceramente a cumprir o resto, esforcemo-nos por ir mais além e um dia conseguiremos cumpri-la tôda sem desfalecimentos.

É assim que eu penso e é assim que eu tento fazer. Tenho cometido muitos erros e ainda há muitos que eu cometo; mas, graças a Deus, verifico que hoje estou um pouco menos imperfeito do que ontem. O meu esfôrço não tem sido em vão.

Desejo sinceramente que todos os nossos confrades possam obter pleno êxito nas suas tentativas de aperfeiçoamento, quanto mais não seja para que venham a colhêr os frutos das suas boas obras, pois, como muito bem dizem as Sagradas Escrituras, cada um receberá o seu galardão conforme as suas obras e Deus não se deixa escarnecer nem ludibriar.

FIM

Lisboa, 20-8-1945.

Em Janeiro de 1946, «Estudos Psíquicos» publicará um sensacional artigo de Thomas Leigh-Mallory, filho do Marechal do Ar Sir Trafford Leigh-Mallory, que em Novembro último pereceu com a espôsa no desastre do avião que o conduzia a novo comando no Oriente.

Nêsse artigo, o autor apresenta muitas provas da sobrevivência do seu progenitor, recebidas no princípio de Outubro, através da grande médium Estelle Roberts, em sessão especial dedicada ao «Sunday Pictorial» de Londres.

O Marechal era espirita e tinha faculdades curadoras.

«RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA»

Temos recebido muitos pedidos desta obra, com que *Estudos Psíquicos Editora* inciou o seu trabalho de divulgação neo-espiritualista. Cartas animadoras chegam às nossas mãos, incitando-nos a prosseguir nesta difícil, mas bendita cruzada. Enfim, coragem não nos falta. Se o ambiente fôr propício, publicaremos outras obras que ainda sejam desconhecidas do público português.

Transcrevemos, a seguir, duas críticas: a primeira, do *Diário de Notícias* e a segunda do *Além*, do Pôrto. Ambas demonstram o valor da obra e do autor. Segue a do *Diário de Notícias:*

Traduzido pelo sr. Isidoro Duarte Santos, acaba de aparecer um RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA, do Doutor Gustave Geley, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional. O Doutor Geley expõe a doutrina espirita, despindo-a de todo o carácter de religiosidade e prevenindo os leitores contra a idéia de que os espíritos dos mortos, evocados em sessões de mediünidade, sejam em geral superiores ou superiorizados, pelo simples facto de se terem desencarnado. Também «os fenómenos físicos do Espiritismo não apresentam carácter elevado e por isso são aproveitados apenas como provas irrefutáveis da existência real dos espíritos e como demonstrações práticas que apoiam as suas declarações ou demonstrações teóricas».

«A doutrina espirita impõe a cada ser o cuidar do seu desenvolvimento intelectual e moral, tendendo através de reencarnações sucessivas para o seu maior aperfeiçoamento». «O mal diminui cada vez mais, devido aos progressos da evolução». «Os castigos e recompensas vêm de nós mesmos e são a conseqüência natural e obrigatória das nossas faltas ou dos nossos esforços».

O livro termina por uns preceitos práticos sôbre a mediunidade e um estudo sôbre a reencarnação, trabalhos do mesmo autor. Tôda a obra, a que foi aditado um bem cuidado VOCABULARIO METAPSÍQUICO, organizado pelo sr. dr. A. Lôbo Vilela, apesar de escrita já há quarenta anos, é do maior interêsse para quem se dedique aos estudos psíquicos, pela autoridade intelectual do Doutor Geley e pela extrema clareza com que é feita a exposição dos problemas tratados.

Vejamos o que diz o *Além:*

Estudos Psíquicos Editora, num esfôrço digno de grande aprêço e simpatia que todos os bons espiritas devem acarinhar e animar, vem de realizar uma louvável iniciativa, editando uma obra cuja escolha não poderia ter sido melhor nem mais feliz, pois, sendo a primeira que publica numa tentativa para maiores vôos que, oxalá se efectivem, parece ter obedecido, até, a um principio fundamental de boa regra e ordem: começar por um livro que sintetiza os princípios doutrinários do Espiritismo e portanto, muito útil, oportuno e indispensável para melhor e mais completo esclarecimento da Causa, livro que é um maravilhoso compêndio da Doutrina, fruto de laborioso estudo e análise objectiva de um eminente homem de ciência que a França deu ao mundo, e que se tornou notável, não só pelos seus profundos conhecimentos de investigador e cientista, como pelo desassombro das suas opiniões e criterioso julgamento no que respeita aos transcendentes problemas da metapsíquica e do Espiritismo integrados já no ensino oficial de muitos países.

O livro, cujo autor é, pois, o saüdoso e venerando Doutor Gustave Geley, teve como tradutor o nosso valoroso colega de *Estudos Psíquicos*, Sr. Isidoro Duarte Santos e aparece com o título de RESUMO DA DOUTRINA ESPIRITA seguida de introdução ao estudo prático da mediunidade e reencarnação.

A nossa apreciação ou crítica a esta obra, além de desnecessária, seria inoportuna e um tanto ou quanto ousada. O autor goza de renome universal. O tradutor — espirita da velha guarda — bem conhecido entre nós pela sua competência e grandes conhecimentos do assunto, jornalista e intrépido defensor desta nossa doutrina de Amor e Caridade, resplandecente de Luz e Verdade, onde o orgulho e a vaidade são defeitos a expurgar dos velhos preconceitos do homem, êsse, como amigo e confrade, magoar-se-ia com referências encomiásticas ao seu trabalho.

Além disso, as obras de Geley correram todo o mundo; são monumentos vivos a perpetuar o seu nome, a sua fama, o seu talento de investigador e cientista. Nós próprios desde há muito lhe prestamos o devido culto e homenagem, traduzindo e publicando em grande parte, nesta Revista e em artigos sucessivos, tudo o que *Geley* escreveu sôbre neo-espiritualismo e problemas afins e, isso, na firme e decidida intenção de acrescentarmos às nossas edições, logo que as circunstâncias e nossos recursos financeiros o permitissem, mais um livro de grande valor para os nossos amigos e para muitos estudiosos a quem não cega a poeira de filosofias e doutrinas de antanho. A edição, pois, de uma obra de *Geley* era, e está ainda projectada e não achamos demasiado o apareci-

A Missão de Jesus

por Fernando da Cruz Ferreira

III

Santo Agostinho diz-nos que João confiou ao mundo tudo quanto misteriosamente leu no Seio de Jesus e que o **contemplador das coisas invisíveis** e eternas foi igualmente o seu oráculo.

Todos os escritores sagrados escreveram no mesmo sentido, exaltando êste iluminado que soube dizer o que nunca ninguém disse e que todos os séculos escutaram, escutam e compreendem.

Não nos admiremos; desde o primeiro encontro a **Águia Divina** levara-o sôbre as suas asas. Tinham-no ensinado a voar para alturas por assim dizer inacessíveis aos seus companheiros.

Foi desde logo o amigo, virgem de coração e de alma, compreendendo e entoando o cântico de inefável ternura que só os puros de coração podem cantar.

O sol baixava nos seus esplendores de glória, tecendo de oiro os sêres e as coisas naquela terra de luz.

Cortando o céu ardente com seus gorgeios doces e harmoniosos, os passarinhos quebravam o silêncio daquelas paragens benditas, enchendo-as de encanto e de poesia, enquanto o sol ao longe se escondia envolvido num deslumbramento de tonalidades luminosas.

Suavemente, desceu o silêncio e a calma; as estrêlas iluminaram a noite com seus fulgores misteriosos.

Sem dúvida, nem João, nem André pensaram no sol, ou nas estrêlas, nem sequer ouviram nenhum dos ruídos que lá fora pouco a pouco iam morrendo...

Tinham vindo, tinham visto...

A todos aquêles que **com sinceridade de coração** interrogam o Senhor sôbre seus destinos, Jesus responde, como há dois mil anos, com as mesmas palavras:

— **Vinde e Vêde.**

Tudo é claro, tudo é acessível a todos os de **Boa Vontade,** nos ensinamentos do Evangelho.

Ali está bem patente o caminho da felicidade que jamais perece. O Evangelho é a palavra de Vida que encerra a suprema e eterna Verdade.

É porém mister que se receba uma certa luz do céu, para que, através da letra que mata, se descubra o espírito que vivifica.

Sem o auxílio dessa luz, as maravilhas dêsse livro passam despercebidas, mesmo às inteligências mais cultas. Eis, porque muitos desdenham da sua leitura e do seu estudo, nada descobrindo de atractivo e digno de nota, enquanto outros se sentem arrebatados tôdas as vezes que têm oportunidade de meditar sôbre as belezas inefáveis que o Evangelho contém.

Pelo mesmo motivo, uns lêem e permanecem na mesma, enquanto outros se transformam em novas criaturas, após haverem percorrido as suas páginas.

Não há problema que afecte o indivíduo ou a Sociedade, que nessa Obra Divina não se ache esclarecido e perfeitamente elucidado, embora sob aparência velada, por vezes.

O receber a Luz do Céu, mercê da qual as letras evangélicas brilham mais do que tôdas as constelações do firmamento, não constitui privilégio de nenhuma raça, povo, casta ou igreja: ela desce sôbre todos os que se põem em condições de a receber, abrindo mão de tôda a idéia preconcebida. Basta fazerem-se pequeninos e humildes como as crianças.

A estes, a Águia Divina tomará sob as Suas asas benditas e os fará atingir culminâncias inacessíveis para a maioria...

Na sua grande alegria por terem encontrado Jesus, João e André vão chamar os

---

mento de todos os livros que em Portugal possam editar-se dêste mesmo autor.

Eis, pois, a melhor referência que podemos fazer ao empreendimento de *Estudos Psíquicos Editora* no que respeita ao primeiro trabalho que lançou no nosso mercado livreiro.

Limitamo-nos a notificar o facto, recomendando o livro a todos os confrades e simpatizantes do Espiritismo, desejando sinceramente ao editor e impulsionador o justo e merecido êxito a que tem jus.

AS DUAS FÔRÇAS

Irmãos!

A curiosidade natural, peculiar dos vossos espíritos, pulula em tôrno do grave problema que ora se impôs na face da Terra.

¿Qual a sua solução definitiva?

¿Qual a resultante dêste enfeixe de atitudes que vão esmaltando o cenário político-social do mundo? ¿Qual o produto dêste aglomerado de opiniões que se chocam e de factos que se vão sucedendo, produto que será o eixo em volta do qual os homens de àmanhã deverão edificar?

É cêdo, irmãos, para um discortínio decisivo.

As interrogações apresentam-se hipóteses e as hipóteses, por não terem estabilidade, não oferecem base a afirmativas.

No entanto, vós, que com tanto interêsse acompanhais o desenrolar dos factos; vós, que tanto vos preocupais com a solução dêste grande problema de feição mundial, fazei quanto vos caiba fazer, dentro do possível da hora presente.

Assim, não deixeis que demasiado se demore o vosso olhar, sôbre o que se vai processando no vosso mundo exterior; mas olhai um pouco para dentro de vós mesmos; procurai conhecer o vosso *eu* e suas possibilidades. Dêle sois senhores quási absolutos; nêle, como que podeis operar milagres; por isso que a sua transição evolutiva obedece aos imperativos da vossa vontade. Do vosso mundo interior podeis extrair tesouros de paz, de esperança e de fé e ofertá-los aos vossos irmãos sofredores na delicada contextura das vossas preces.

Irmãos! Errando e acertando, o homem se coloca entre duas fôrças que, por contrárias, se repelem.

Estas fôrças, incapazes de se harmonizarem, aceleram ou retardam a sua marcha, na estrada infinita do progresso. Uma, a fôrça do mal, é a triste fusão do orgulho, da vaidade, do egoísmo, da inveja, da concupiscência e de quanto, fora da lei divina, tem por desfêcho a negra apoteose da dor. A fôrça do bem é o amor puríssimo, fonte de tôdas as virtudes, que une as criaturas e as espiritualiza, aproximando-as de Jesus.

A fôrça do mal subjuga, acorrenta, limita, porque é limitada; forja as lágrimas do desespêro e da amargura, cria a necessidade da dor. A fôrça do bem liberta o espírito, redimindo-o; é luz pela qual as almas se iluminam e alcandoram.

Mas quando o homem chega a um determinado grau de compreensão; quando já sabe discernir e pode aquilatar das vantagens e desvantagens das suas atitudes, coloca entre estas duas fôrças que muitas vezes lhe parecem igualmente tentadoras, a fôrça da sua vontade raciocinada.

Esta o impelirá para o caminho do bem e no bem êle encontrará a solução do problema da paz para êsse mundo em miniatura, que é o seu mundo íntimo, o seu mundo idividual.

Vêde, irmãos, como fàcilmente podeis trabalhar para a realização da vossa felicidade.

Entre a fôrça do mal e a do bem colocai o potencial da vossa vontade inspirada no desejo de vencer e vencereis, sentindo-vos como elementos úteis ao progresso, dentro do maravilhoso concêrto universal.

ICLÉA

(Do *Mundo Espírita*, do Rio de Janeiro).

---

irmãos. Viram-no, compreenderam-no e um grito lhes saíu do coração:

— Encontrámos o Messias!...

Trouxeram Cefas, a quem o Senhor, ao avistá-lo, designa como fundamento da sua igreja. Filipe vem, por sua vez. Ter encontrado o Senhor, é amá-lo, é querer desde logo levar esta Boa Nova a seus irmãos, para os salvar. Arrastado pelo que ouve e vê, Filipe quere atrair Natanael, que investigava e perscrutava as Escrituras, debaixo da figueira ou à sombra dos vinhedos, como os Rabis nos mostram o sábio estudioso. Filipe o sabe.

— Encontrámos Aquêle de quem falaram Moisés e os profetas — explicou êle —, **Jesus, filho de José de Nazaré.**

— Poderá de Nazaré vir coisa boa? Vem e vê, diz Filipe; e Natanael condescendeu **em vir e vêr.**

Deus revela-se aos que o procuram, condescende com as investigações, com os estudos, com as interrogações, com as exigências legítimas.

A quem se aproxima, duvidando sinceramente, o Senhor com uma palavra dá-lhe tôdas as certezas, provando-lhe que lê no seu coração.

Rasgou-lhe diante dos olhos um horizonte dilatado até ao Reino Invisível, onde os Anjos descem e sobem acima do Filho do Homem:

— Mestre, vós sois, de verdade, o Filho de Deus.

Cheios de pasmo e de Fé, os apóstolos esperaram a hora da acção e dos milagres.

(Continua)

A VOLTA DO ESPÍRITO DE OLIVER LODGE

(De «Psychic News», de 8-9-945)

SIR Oliver Lodge voltou; e a Sociedade de Investigações Psíquicas, famosa pela sua severa atitude em face da sobrevivência, publicou-lhe a comunicação.

Não, êle ainda não revelou a mensagem secreta, cuja cópia se encontra em segurança naquela Sociedade. Por isso, os cépticos devem esperar.

Em vez disso, deu o que a S. I. P. apelida de «discurso».

— Assim mesmo, tive de aguardar quatro anos — disse êle — de modo que, para minha própria satisfação, eu tivesse a certeza de vos dar deduções correctas, de vos dar factos baseados nas observações que tenho feito desde que desencarnei.

Sir Oliver manifestou-se inesperadamente numa dramática sessão, dando provas de identidade, a começar pela sua voz, que se ouviu com nitidez e em tom forte, como se fôsse articulada a pouca distância da médium.

O discurso sintetiza as suas impressões do Além, desde 1940, data em que desencarnou.

A médium que veïculou a mensagem é Gladys Osborne Leonard, a mesma que forneceu ao grande cientista algumas das maiores provas de sobrevivência, tais como as que êle recebera de seu filho Raymond e que se encontram expostas no seu famoso livro «Raymond, or Life and Death» (Raimundo, ou a Vida e a Morte). A sr.ª Leonard ficou conhecida como a «médium de *Sir* Oliver Lodge».

Quem recebeu a mensagem foi o Reverendo C. Drayton Thomas, sacerdote metodista que tem dedicado muitos anos à difusão do Espiritismo, com permissão da sua Igreja, e escreveu muitos livros testemunhando a realidade da sobrevivência, alguns dêles baseados em provas obtidas através da mediünidade de Osborne Leonard.

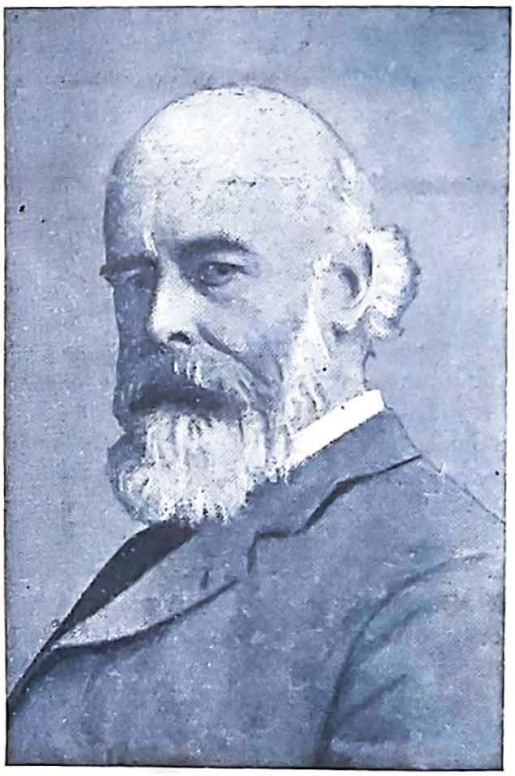
O *Journal of the Society for Psichical Researches* publicou um número especial em que Drayton Thomas relata a memorável sessão e faz os seus comentários, afim de mostrar quão típicas se revelam as declarações de Lodge a respeito do mundo dos espíritos.

Feda, a guia da médium, transmitiu os comentários de *Sir Oliver*, os quais, às vezes, eram dados na terceira pessoa, quando o cientista conseguia controlar o médium directamente.

Drayton Thomas fêz uma análise compreensiva e penetrante da sessão, cuja autenticidade demonstrou exuberantemente; e realçando a prova recebida, disse ser-lhe impossível exteriorizar a parte que mais o empolgou.

Apreciemos as suas palavras:

«Enquanto ouvia o discurso, sentia a impressão palpitante da presença de *Sir* Oliver. Era como se os anos voltassem atrás e eu ouvisse novamente a sua emissão radiofónica, como fêz um dia, pouco antes da sua morte. Apreciei claramente a sua maneira ponderada de falar e a sua vocalização distinta. Lá estavam as pequenas pausas e as elegantes repetições, enfim, um verdadeiro sentido de presença.»



«SIR» OLIVER LODGE
O maior físico moderno

Mensagens para a família

Feda começou a sua memorável sessão de 20 de Abril de 1944, referindo-se à presença de Lodge. Depois, acrescentou:

— Êle diz: «Eu desejava vir há mais tempo, mas senti que não era digno disso, enquanto não tivesse progredido em determinados estudos e chegasse a certas conclusões. Embora nelas nada haja de notável,

julgo que vos poderá interessar o facto de serem veïculadas por mim próprio».

Depois, vieram mensagens para a sua família, incluindo a seguinte, que citamos, devido ao comentário de seu filho Brodie Lodge:

«Digam a Brodie... Eu gostava de transmitir a sua mulher que ela tinha acertado ao pensar que eu estava de pé, por detrás dela. Pensou que me sentia ali e que eu a impressionava duma forma geral... Está desconfiada comigo e eu gostaria de lhe dizer que ela não esperava que eu ali estivesse. Foi há pouco e durante o dia. Ela tinha estado ou estava no jardim. Tenho a impressão de ter ali sentido plantas e parece-me que ela tinha grande interêsse por elas».

Eis o que Brodie Lodge escreve a respeito desta comunicação:

«A sr.ª Leonard sabe tanto acêrca da minha família, que a melhor de tôdas as provas é o caso de minha mulher ter fixado muito bem o episódio do jardim e as sensações que teve nessa altura. Ela andava a arrancar as ervas daninhas, absolutamente certa do poder e da personalidade de meu pai. Foi isto num dia da semana passada».

Rejuvenescimento espirita

Feda continua:

«Êle deseja que saibam uma coisa: agora regrediu um considerável número de anos sem a mínima dificuldade. Largou 30 a 35 anos: «Os processos de rejuvenescimento — declara *Sir* Oliver — foram muito fáceis, pelo menos para mim. No meu caso, parecem mais automáticos do que voluntários. Mas êste corpo, êste corpo em que nos encontramos depois da morte — oh! — é realmente um corpo... Parece-me ser «um corpo mais material, do que supunha».

«A figura — diz êle — a «maquillage» dêste corpo, deixai-me chamar-lhe assim, parece ser feita dum jacto; como vêem, nós engendrámo-lo durante a vida terrena; e sinto que há uma diferença considerável no acabamento de cada corpo.

«Vejo grandes diferenças de graus e qualidades nos indivíduos dêste plano.

«Vou chamar-lhe corpo espiritual e não corpo etérico ou corpo astral. Eu diria que a natureza do corpo espiritual é orientada voluntàriamente durante a vida terrena e automàticamente depois da morte. O processo parece ultrapassar agora o nosso contrôlo. É um grande problema, Thomas, um grandíssimo problema.

«O processo é mais automático após a morte, do que durante o que chamamos vida terrena. O nosso poder de dirigir, talhar, governar êste corpo espiritual é maior durante as nossas vidas materiais do que depois. Eis porque nos convém ter algum conhecimento dêsses assuntos, conhecimento baseado na experiência, ainda que de forma simples e elementar. Nas nossas vidas planetárias, criamos em certa direcção a qualidade, o poder do nosso corpo espiritual. Passamos para aqui com o corpo que fizemos e acreditai que é mais difícil talhar e alterar depois, que durante aquelas vidas. Nêste momento, sinto que o que vos digo e o que devo dizer-vos noutras ocasiões provocará controvérsias, mas quero transmitir-vos as minhas impressões, as minhas deduções, o resultado das minhas observações, tal como as obtive.

Razão da demora

«E esta oportunidade, que aguardei tanto tempo, ainda a dilatei, afim de estar bem seguro de vos dar deduções convictas, de vos dar factos baseados nas observações que fiz desde a minha transição.

«Durante a vida terrena, evitei manifestar-me àcêrca do malfadado assunto chamado reencarnação. Evitei manifestar-me. Eu não sabia! Eu não sabia! Como podia saber? Não tinha qualquer recordação de vidas passadas. Se bem me recordo, nada disse de definitivo sôbre elas, ou se tive ou não tive alguma. Mas minha mulher realizou certas experiências e obteve certas comunicações há muitos anos e que, julgo eu, a interessavam; mas eu abandonei-as. Havia outros problemas de carácter vital que necessitavam da minha atenção. E ficaram pendentes até que os pudesse resolver.

«Bem, agora sei que é um facto. É verdade, portanto, devo afirmá-lo como verdade, porque, segundo a minha experiência pessoal, — é verdade; e tenho tido sôbre isto algumas conversas com o meu amigo Myer (1). Preguntei-lhe porque me não elucidou mais, especialmente durante as minhas sessões com *Feda*.

«A médium tinha aversão à idéia, — respondeu êle. Suponho que isso constituiu um certo obstáculo e, possìvelmente, também estava a exercer uma espécie de sensação consciente, ansiosa por que eu a certificasse de que estava certo o que ela sentia e era fundado num facto. Ela própria estava indecisa sôbre a questão, pensando que havia um pouco de imaginação, que denomina de *conversa fiada*. Em meu entender, isto é que originou a dificuldade.

O novo corpo

«Êste corpo, êste corpo espiritual, é incapaz de se adaptar em completa harmonia, em completa unidade com êste ambiente, até que esteja por assim dizer aperfeiçoado (deixai-nos falar assim) num certo grau, até que tenha realizado certas experiências e beneficiado delas. E olhai que estas experiências têm de ser em todos os sentidos.

«Têm de ser variadas e suponho que há pouca gente que, numa só encarnação, conseguisse experiências e provas suficientemente variadas que lhe permitissem estar permanentemente dêste lado. Êles têm

(1) Refere-se a Frederico W. Myers, o grande sábio e espirita inglês, há muito desencarnado.

de voltar até que o corpo espiritual esteja formado. Por outras palavras, êste corpo tem de ser feito, tem de ser criado. O espírito está lá, mas o corpo espiritual tem de ser feito, como se fôsse o vestuário do espírito. E êste vestuário leva muito tempo a fazer, muito tempo...

«Podem dizer o que quiserem, mas é um trabalho extremamente difícil ajustar-se alguém perfeitamente a estas condições; só empregando integralmente as faculdades é que se poderá avaliar as oportunidades que se deparam aqui. A média dos indivíduos só poderá avaliar dez por cento dessas oportunidades.

A identidade fica sempre

«E mesmo que êle viva tal vida — isto é, 10 % da vida, — chamemos-lhe assim, estagnará por certo. Vós não podeis estagnar nêste lugar. Podereis estagnar mais fàcilmente na Terra, mas aqui perderieis a identidade, e isso não pode ser permitido. Perderieis o progresso adquirido, os vossos 10 %, se permanecesseis muito tempo na forma de estagnação em que indubitàvelmente caírieis, sem meios para desenvolver as vossas faculdades espirituais.

«Compreendes, Thomas? Vós não tendes aqui os instrumentos necessários. Não tendes aqui a aparelhagem. Tendes de voltar à Terra para a dirigir de novo. Podeis obter daqui algum auxílio, sem esquecer que tendes de ser vós os obreiros da vossa obra...

«Mas quando chega a ocasião, quando se vê que uma pessoa deve voltar, o auxílio não se regateia. Por outras palavras, a sua educação é entregue a quem tem a indispensável competência e é ensinada como uma criança seria ensinada.

«O campo de experiências, ou seja a escola, como Myers sempre lhe chamou nas suas comunicações comigo, a escola, o campo das experiências, é a Terra, onde o homem pode exercitar a soma de conhecimentos que possui, porque está informado de que outros fazem coisas que êle não pode fazer. Êle está informado disto. Olha para cima e vê os que têm asas crescidas, os que podem voar muito alto, os que podem ter aventuras e experiências notàvelmente interessantes, de que êle está excluído. E sente-se pesado.

«Êle sabe que há qualquer coisa errada, e geralmente concorda com a sugestão de que deve regressar voluntàriamente. E se êle quiser, tem a vantagem de ser ensinado e preparado, até certo grau, para a sua próxima experiência.

«É iniciado, instruído nas coisas de que carece. Por fim, dizem-lhe quem são e que olharão por êle quando voltar à Terra, e que, se puder sincronizar as suas vibrações, encontrar-se-á em contacto com êsses guias.

Os cientistas zombam

«Provàvelmente, ser-lhes-á apresentado, terá a felicidade ou infelicidade («êle está a falar com ironia», — comentou *Feda*) de começar a interessar-se pelas investigações psíquicas. É mais provável que lhe sejam apresentados como guias. Recordo-me de ouvir falar muito a respeito de guias nas minhas mais antigas sessões. De facto, estou um pouco incomodado com os guias. Mas agora compreendo; tenho-os encontrado e reconhecido como velhos amigos, e aprecio a lealdade e paciência que têm comigo.

«Segundo a minha forma de ver, nos factos concer-

GLADYS OSBORN LEONARD
A raínha das médiuns inglêsas

nentes à encarnação e aos processos ordinários da evolução física como a ciência os tem compreendido, nada há que contradiga o precedente. Os processos físicos da evolução humana não implicam com isto, pois todos nós atingimos um certo lugar antes de começar a reencarnar. Tempo virá em que a ciência ultrapassará o que temos chamado metafísico.

«Tem de ser assim. Deve haver uma verdadeira ciência do espírito, do pensamento e do físico. Não podemos separá-las; nenhuma das três pode actuar sem as outras. Isto tem sido o nosso êrro, Thomas. Temos monopolizado uma delas, isto é, concentramo-nos numa e separamo-nos das outras duas.

«Em geral, admitimos duas: a física e a mental; e excluímos a terceira, a espiritual, por causa do que

chamamos investigação e verdade científica. Não pode ser assim. Não fica completo. Mesmo os que acham que assim devem proceder, vêem que há certas condições, certos factos que os iludem, certas questões, certos problemas que não podem resolver.

«Enquanto se limitarem a estes dois, os processos da vida não podem ser resolvidos integralmente. Podemos desenvolver certos problemas automáticos transitórios, mas não temos a memória eterna, o imortal processo da vida que vem de Deus.

«Devemos estudar as leis, as leis espirituais, as leis divinas e cooperar com elas. Então haverá maior esperança para nós; haverá maior perfeição em qualquer coisa que fizermos ou tentarmos fazer, no que respeita às outras duas.

«Estou satisfeito — se me permitem falar de mim próprio —, tenho tôda a razão para estar extremamente grato, porque me foi consentido passar do material ao espiritual, através do mental. Os que me injuriavam, chamavam-se lunático, mas eu tinha a firme convicção de que existia um Sêr inteligente e benéfico, sem o qual nada poderíamos fazer e que, se havia coisas em que não o desejávamos, essas coisas não podiam ser boas.

Deus estava na minha vida

«Eu queria abandoná-las. Mas, se havia coisas em que me parecia que Êle podia cooperar ou desejaria cooperar, sentia-me impaciente por fazê-las. Deus estava na minha vida, nos meus planos e nas minhas idéias, e tenho tôda a razão em estar contente por assim ter feito.

«Isso deu-me grandes vantagens nas minhas condições pessoais e na minha capacidade de cumprir o que me sentia inclinado a fazer, ou seja, maior interêsse pelo mundo donde viera recentemente, maior possibilidade de gozar a companhia de outros que estiveram aí mais tempo do que eu, maior deleite da vida. As minhas faculdades pareciam extremamente agudas e claras.

«Comparo a minha condição com as condições de certa gente, gente que viveu muito tempo na terra, gente que atingiu certa importância na sua profissão ou no seu trabalho, e assim que aqui chega tem de arrastar-se, enquanto outros podem passear, correr e saltar.

«Venci com alegria de viver; e vejos outros — pobres criaturas! — voltar do que chamavam triunfos materiais e sentir grandes prejuízos. É a única gente que deseja voltar à terra.

Os dois corpos do homem

«Não gosto de insistir na questão da minha alegria, da sensação de contentamento que me permitiu orientar-me nas minhas inclinações naturais, para o conhecimento espiritual, para o pensamento espiritual, circunstância esta que foi auxiliada por Myers e outros, enquanto estive na Terra. Sinto por isso a mais profunda satisfação.

«Agora, voltando ao corpo espiritual: O corpo terrestre conhecemos nós. É um envólucro feito de certos constituintes. Nós sabemos muito. Sabemos que é composto de certos processos químicos e dependente até determinado grau de substância chamada *éter* e que êste corpo, êste corpo físico, tem existência temporária na natureza das coisas, tal como as compreendemos presentemente.

«A vontade do homem só pode ajudá-lo a viver. O entendimento só pode ajudá-lo a viver mais ou menos um certo número de anos, do que outro homem, mais ou menos que o seu vizinho, conforme os seus hábitos, etc.

«Mas êste outro corpo, êste corpo espiritual, está no poder criador do homem, tanto assim que será imortal depois da morte do corpo físico, desde que o homem o tenha feito suficientemente harmónico com as suas condições e circunstâncias espirituais, isto é, aquelas em que entrará após a desencarnação.

«Se êle puder fazer isto, não será obrigado a entrar mais tarde noutro corpo físico e continuar os mesmos processos. Não é necessário. Mas muita gente julga-o necessário. Alguns, num grande abatimento, são compelidos a voltar — não gosto de dizer a palavra compelidos — mas voltam automàticamente. Quando digo compelidos, quero significar que não há escôlha no caso. Têm de voltar. São atirados para trás. O espírito que está dentro dêles sabe que deve voltar. Sente-se atraído para a terra, para continuar o seu progresso ou tentá-lo.

A divina centelha

«Há sempre o que, por falta de melhor têrmo, nós chamamos centelha divina que nos anima automàticamente. Podemos cometer crimes, podemos afundar-nos num lamaçal de ignorância, podemos julgar que não há esperança para nós, que fomos além da esperança. Mas a chama divina está viva em nós, não podemos apagá-la. Podemos reprimi-la e escondê-la, enfraquecê-la tanto, que apenas a pressintamos, mas está ali, viva, e o que está vivo reanima-se, como sabeis.

«Tem consigo a extrema energia — deixai-me chamar-lhe assim, à falta de melhor têrmo. É energia, energia divina. Pequena como é, escondida como está, expande-se em energia divina, pela necessidade de se exprimir.

A Rocha da Vida

«*Feda* lembrar-se-á de que eu costumava dizer (e seu pai tem-me falado algumas vezes nisto) que os

seres humanos eram bocados arrancados da Rocha da Vida e que algum Deus bem podia querer que fôssem separados, e alguns foram-no livremente, mas tornaram-se «egos» (1) humanos individuais, e a centelha divina animou tôdas as partes tiradas da Rocha da Vida.

«Não se pode tirar uma porção, uma pequena porção da Rocha da Vida, que não tenha sido animada: a vida lá está, em qualquer fragmento infinitesimal que se separar.

«A acumulação do indesejável é oposta ao aperfeiçoamento do material que já está no seu processo de evolução. Pois bem, é esta centelha que sempre chama os homens para Deus, para a Rocha, para onde nasceu. Está sempre a indicar ao homem que faça isto ou aquilo ou em que deve aplicar os seus esforços, de harmonia com a fonte divina de que provém. Provàvelmente, é o bom anjo que lhe toca no ombro.

«Logo, sendo assim, um homem atingirá eventualmente quási o estado em que pode continuar a viver, a progredir, a evolucionar no nosso plano, no plano em que agora vivo. Mas isso deve levar-lhe um tempo considerável e penso que podíamos, falando em linguagem moderna, apressar a evolução do homem, se lhe fizéssemos saber por que deve evolucionar.

«Agora, êsses dois corpos são seus. Está de posse dêles; são servos da sua vontade, são o barro do oleiro.

«Saberá que é mais digno em tentar possuir não só a «êle próprio», como chama a êsse limitado corpo físico, mas também os seus dois «próprios», como lhe chamamos, e aperfeiçoá-los, porque tem um segundo corpo, o seu corpo espiritual, pronto a acompanhá-lo, quando chegar o momento da morte, que é inevitável.

«¡É inevitável! Ninguém lhe escapa. Êle sabe-o. Mas julgo que nas condições presentes, nas condições de ignorância dêste assunto, êle procura esquecer o mais possível. Não abarca a idéia e examina-a para compreender as suas possibilidades. Indica ou parece indicar-lhe a extinção ou algo de tão vago, de tão incompreensível, que o desanima. Logo, se puder afugentar o mêdo e mostrar-lhe que há outro corpo, o corpo espiritual, que êle pode agora modelar e fortificar, e que se deleitará vivendo inteiramente nêle, desde que o seu corpo físico môrra, julgo então, Thomas, que êle começará a olhar por isso, ou que um número consideravelmente maior de pessoas olhará por isso.

«Quero acentuar êste ponto, pois está dentro do poder humano aperfeiçoar e formar o seu sorpo espiritual e familiarizar-se cada vez mais com êle. E julgo que consegue — não tenho a certeza, mas julgo, pelo que tenho visto —, ao tornar-se familiar com êsse corpo, poder fruir com êle certas digressões enquanto está ainda no corpo físico, as quais lhe darão uma idéia das vantagens e aventuras que terá depois da morte.

«Êste é o meu pensamento. Não tenho a certeza (é uma dedução que delineei) de que quanto mais pessoas praticarem estas coisas, estudarem e seguirem, consciente e voluntàriamente, o estudo do corpo espiritual, e, portanto, forem capazes de nêle exercerem uma certa actividade, mais êste se desenvolverá.

«Quando um indivíduo sai do seu corpo físico e visita de passagem o nosso lugar, quando vê e encontra gente que conhece, é-lhe mais difícil recordar o que fêz, porque essa gente com quem comunica, com quem espiritualmente fraterniza, parece-lhe fazer parte da sua vida cotidiana.

«Separámos violentamente a vida em duas partes. Desenhámos uma linha e devemos apagá-la gradualmente. Falámos da vida espiritual e da vida terrena ou física. As duas são uma e devemos unificá-las outra vez.

«Não há linha, não há qualquer linha. O homem desenhou-a e deve ser apagada; levará algum tempo a desfazê-la completamente, mas tem de se trabalhar em volta disto, tem de se apagar a linha feita pelo homem, o limite feito pelo homem. Temos de fazer isto, ao mesmo tempo que devemos apagar os limites nacionais e rácicos.

Há um só mundo

«Tudo isto tem de ser feito, sobretudo o limite que desnecessàriamente erguemos entre o que chamamos os nossos dois mundos, que são um só. Há um só mundo e devemos destruir as barreiras, essas barreiras de ilusão que nos levaram a supor que eram dois, visto que, pelas nossas limitações e ignorância, éramos incapazes de olhar por cima ou através da barreira. Ela deve de cair. Devemos apagá-la.

«Temos de fazer com que o homem compreenda que o corpo espiritual está, até certo ponto, dentro do seu poder, do seu poder voluntário, que pode fazer com êle o que lhe aprouver, que está muito mais ao seu alcance do que o corpo físico. Se acaso pensou nêle, julgou-o ilusório, como alguma coisa que está para além dêle. Pois, é exactamente o contrário. Define e constrói êste corpo a todo o momento. Trata com êle em cada acção e em cada pensamento, muito mais que com o corpo físico, que, sendo temporário e sujeito a certas tendências inatas do pensamento, pode iludi-lo. Êsse corpo físico não é tanto seu, como o corpo espiritual. O corpo físico pertence ao mundo físico. Herda poderes instintivos que pertencem mais a êste mundo do que ao corpo espiritual.

«Podeis dizer que o corpo físico tem entendimento, isto é, participa duma grande consciência física que é

(1) *Ego*, o «eu», a personalidade.

o instinto. Separai-os, se quiserdes, e dizei que o pensamento, o outro pensamento, a consciência mais elevada que está sempre connosco, que levamos depois da morte, é a intuição; um é a intuição; o outro, o instinto.

«Ambos são formas de conhecimento íntimo, mas uma de que falo agora, uma de que participa o corpo físico, vem com êle e dura enquanto êle durar.

«Eis porque nos custará a convencê-lo, ao homem, porque êle pensou exactamente o contrário.

«Êste ensino é errado. A essa consciência física, a êsse instinto físico, é que se chama geralmente pecado. Nós falamos, muitos falaram (filósofos, prègadores, pensadores) àcêrca de espíritos do bem e do mal. Pois bem; ainda não encontrei santos nem diabos.

Desejo de progresso

«Não encontrei qualquer encarnação do mal; mas o instinto físico, a grande consciência física que tem existido desde as eras mais recuadas da história do homem, é um reservatório de maldade universal de que o espírito humano se separa, em virtude da sua pureza. Mas a vontade humana, colocada entre dois caminhos, pode ser afectada pelos pensamentos maus, pela massa consciente do físico.

«Tem de haver desejo inteligente de progresso. Tem de haver ânsia inteligente de esfôrço pessoal para o atingir. Logo que a fôrça de vontade reage ao desejo, a centelha auxilia e pode ser transformada em labareda. A vontade é que opera o milagre.

«Não tenho a certeza se aquilo a que chamamos vontade, que é possuído pelo homem, não é um rebento, um raio da centelha divina. De qualquer forma, está ali. Não é qualquer coisa que permite ao homem atingir ou desenvolver o que lá está; mas pode desenvolvê-lo posteriormente. Tem a base ao seu alcance.

«Sou de opinião que nada está para além do homem. O modêlo que Deus fêz para o homem, não ultrapassa as vossas fôrças. Esclarece isto, Thomas.

«A verdade é que posso evolucionar como qualquer outro. Por outras palavras, posso voltar a Deus, isto é, ser como Deus. Posso alcançar isto, quando me dispuser a tanto. Posso alcançar isto, desde que eu queira. Um homem é susceptível de fazer o que outro homem fizer.

«Quero que os homens abandonem essa atitude de limitação. Quero mostrar-lhes que é fácil de conseguir e transmitir-lhes o fôgo sagrado que tal consegue. Tem de haver inteligência da alma e inteligência do espírito; tem de haver essa faculdade anímica. Não se é completo, sem ela».

Drayton Thomas comenta: «No caso presente, não esperava ouvir *Sir* Oliver. A notícia de que êle estava presente agradou-me e fiquei satisfeito por ouvir o que êle disse àcêrca das suas experiências.

«Durante êste discurso de Lodge, tive a impressão de que *Feda* estava a transmitir palavra por palavra, frase por frase».

A PRECE DE VOLTAIRE

No primeiro volume de sua Política e Legislação, *artigo intitulado* A Tolerância Universal, *diz Voltaire:*

«Já não me dirijo aos homens; mas sòmente a ti, ó Deus de todos os sêres, de todos os mundos e de todos os tempos!

Se às fracas criaturas, perdidas na imensidade e imperceptíveis ao resto do Universo, é permitida a audácia de pedir alguma coisa a ti que nos deste tudo, a ti cujos decretos são imutáveis e eternos, tem piedade dos erros inerentes à nossa própria natureza e afasta os danos que êles nos podem causar.

Não nos deste um coração para nos odiarmos, nem mãos para nos degolarmos; faze que nos ajudemos mutuamente a suportar o fardo desta vida penosa e passageira; que as diferenças insignificantes dos vestidos com que cobrimos nossos débeis corpos, de nossa linguagem imperfeita, de nossos usos ridículos, das leis tão incompletas que nos regem, de nossas opiniões insensatas, de tôdas as nossas condições sociais, tão desproporcionadas aos nossos olhos e tão niveladas aos teus; que tôdas essas pequenas variantes por que se distinguem uns dos outros os átomos chamados homens, não sejam para êles um motivo de ódio e perseguições; que os que em pleno dia acendem velas em honra tua, não repilam os que preferem celebrar-te à luz do teu Sol; que aquêles que cobrem seus vestidos com uma tela branca para dizer-nos que devemos amar-te, não detestem aos que dizem o mesmo, cobertos com um manto negro; que tenham o mesmo valor a adoração expressa por palavras de uma língua antiga e a que é feita nas de uma língua moderna: que os que se vestem de vermelho ou de violeta, que dominam uma pequena parcela de lama dêste mundo e possuem em quantidade os fragmentos arredondados de certo metal, desfrutem sem orgulho do que êles chamam grandeza e riqueza, e que os outros os não invejem.

(Do *Mensageiro do Órfão*, de S. Paulo)

Out/45

Sonhos do Passado, Realidades do Presente e Surprêsas do Futuro

pelo Dr. A. D. Pratas

HÁ bastantes anos que a teoria atómica começou a ser abalada nos seus fundamentos; e a tal ponto que, à custa de muitas lucubrações de espírito e de múltiplas experiências, se chegou à conclusão de que o átomo não representa a última parte mínima da matéria, pois que, no seu íntimo, se desenvolvia uma extraordinária actividade de movimentos iónicos, em tôrno dum núcleo central, com as características dos movimentos planetários. Assim se criou a teoria electrónica, segundo a qual cada átomo representaria, por assim dizer, um sistema solar em miniatura.

É a essa actividade intratómica que se ligam, segundo a mesma teoria, certas manifestações de energia, tais como a radioactividade da matéria.

Nunca satisfeito com os progressos científicos que, dia a dia, se vão conseguindo, não sossega o espírito humano nas suas lucubrações, investigações, observações e experiências, pois que não se conforma com a espectativa de ter de confessar que, sabendo tanto, ainda não sabe nada. Isto desenvolve a sua curiosidade, o que constitui o mais eficaz estímulo para o desenvolvimento das ciências. E por tal forma êste se tem conseguido, que dêle têm beneficiado as indústrias e a agricultura, a economia, enfim, de tôdas as nações. Entretanto, se, por um lado, se tem conseguido, com êste caminhar da ciência, aliviar os homens das asperezas cotidianas a que estava sujeito para viver, não é menos certo que êsses mesmos benefícios da ciência, utilizados em proveito próprio por aquêles que dessas descobertas fàcilmente podiam tirar proveito, não têm deixado de contribuir com a sua cota-parte para criar e manter a crise em que a humanidade se debate. A ciência, porém, não pode ser responsabilizada por isso, nem tampouco os sábios — que, em via de regra, são os que dos seus trabalhos menos aproveitam —, mas, sim, os especuladores que, cuidando, egoìsticamente, apenas do seu bem próprio, calcam aos pés o bem-estar dos seus semelhantes. Mas não nos desviemos da rota que vínhamos traçando.

É pela curiosidade que, nessa progressiva marcha para a frente, mil problemas começaram a preocupar os sábios; entre êsses problemas abundam os que se relacionam com a utilização das energias intra e interatómicas.

Foi nessa nova fase da curiosidade humana, na ânsia de facilitar e simplificar cada vez mais a nossa vida, que tantas e tão valiosas conquistas científicas se têm conseguido no intuito de desescravizar o homem e de contribuir para a sua felicidade material e física.

A bomba atómica

No presente momento um novo estímulo desafiou a imaginação dos homens que à Ciência, de alma e coração, se dedicam, e que, sem tergiversarem perante os perigos a que se expõem e que têm de enfrentar, despendem tôda a sua inteligência e saber no sentido de vencerem dúvidas, incertezas e mil dificuldades, para atingirem a meta desejada. No presente momento, tal estímulo foi provocado por êsse calamitoso conflito armado que pôs todo o mundo em chamas, arrebatando milhões de vidas aos seus lares e destruíndo para sempre preciosidades e valores que jamais poderão ser reconquistados. Foi assim que o homem, após profiadas lucubrações, teimosas e pertinazes tentativas e experiências, conseguiu êsse novo, mortífero e destruidor engenho de guerra, — a bomba atómica —, dotado dum poder nunca visto e que em absoluto excedeu tôdas as expectativas e previsões.

Já antes desta descoberta, devido aos transtornos e perigos a que a humanidade estava exposta pela falta de quinina, — falta proveniente da carência de comunicações que a guerra gerara e que impedia a sua distribuïção, nas quantidades normais, por todo o globo —, já antes desta descoberta — dizíamos —, se pensara na obtenção artificial dêsse precioso alcalóide. E o certo é que, após múltiplas tentativas, visando sempre o estudo dos átomos componentes dessa substância, se conseguiu, vencidas mil surprêsas e dificuldades, obter êsse produto por um processo trabalhoso de moderna alquimia; e, embora não se possa ainda ofertar à indústria e ao comércio o alcalóide assim produzido, por não permitir o seu fabrico, enquanto não fôr aperfeiçoado, torná-lo acessível ao comércio, por ser ainda muito dispendioso, a verdade é que se conseguiu o essencial ou, seja, a possibilidade de se obter a quinina por meios artificiais.

Com esta descoberta propuseram-se as Ciências físico-químicas, hàbilmente manejadas e dominadas pela inteligência humana, acaudilhar uma outra ciência que em muito delas depende, — a medicina —, contribuíndo assim, ou desejando contribuir, para o bem comum, qual o de facultar ao homem aquilo de que necessitava, — e que as circunstâncias lhe negavam —, para se defender do terrível flagelo que a ameaçava e ameaça — a malária —.

Como acima dissémos, foi a guerra o estímulo que levou o homem à descoberta mais estrondosa dos últimos tempos, — a bomba atómica —.

A ânsia de pôr têrmo, o mais breve possível, a êsse apocalíptico cataclismo que parecia dispor-se a destruir a civilização, conduzindo a humanidade aos calamitosos tempos da barbárie, levou o homem, que tantos engenhos de morte e destruïção tinha já fabricado e pôsto à disposição dessa luta de maldição, a procurar alguma coisa de mais violento que liquidasse, mas de vez, aquilo que ainda restava aos inimigos seus contendores para se opôrem à liquidação final de contas. Todos êles, de parte a parte, teriam pensado no mesmo; coube porém à América engrinaldar-se com a corôa de louros dessa descoberta que teve, de facto, o condão de liquidar êsse terrível conflito que durante tantos anos vinha flagelando o mundo.

Para conseguirem êsse desideratum pensaram os homens de Ciência americanos, — e, se bem o pensaram melhor o fizeram —, em utilizar a energia atómica, como meio eficiente, pelo seu poder explosivo e destruïdor, para obrigar os seus inimigos à incondicional rendição. Depois de mil estudos e investigações, conseguiram descobrr no urânio, por processos técnicos estranhos ao carácter e finalidade dêste modesto trabalho, o elemento que lhes facultaria atingir os seus fins.

Constituído por duas espécies de átomos, chamados «isotopes», das quais uma, — a útil —, é constituída por um número de átomos 200.000 vezes inferior à dos átomos da segunda espécie, — a espécie inútil —, ofereceu o urânio aos sábios que estudavam êsse metal uma primeira dificuldade: a de separar os isotopes úteis dos inúteis, visto que a ciência ainda não conhecia os processos ou meios de conseguir tal desintegração. Essa dificuldade, porém, foi vencida, assim se tendo dado o primeiro passo no sentido almejado; e com tão completo resultado os sábios conseguiram saír vitoriosos dessa luta contra os segrêdos da natureza, que não tardou, nas suas primeiras experiências com a bomba atómica que fabricaram, em verificarem quão estupendo era o seu efeito explosivo. E assim, em nova experiência mais prática, sob o principal ponto de vista visado por êsses estudos, foi o território nipónico da Hiroshima o primeiro a sentir-lhe os terríveis e «diabólicos» efeitos.

Até aqui, embora com a intenção de liquidar uma guerra que parecia eternizar-se e que já trazia tôda a humanidade apreensiva e fatigada, exausta e receosa pelo futuro, até aqui, — diziamos —, descobre-se apenas nas suas intenções, a utilização da Ciência para satânicos fins de destruïção e de morte, se bem que visando uma outra finalidade benéfica:—a paz—, o que vem evidenciar que, da mesma maneira como do bem pode, por abuso ou ignorância dos beneficiados, provir o mal, assim também do mal poderá provir o seu antagónico, — o BEM —.

Poderá acabar o mundo?

Há 90 anos, em 1885, — refere o *Século Ilustrado*, de 18 de Agôsto de 1945, a-propósito da bomba atómica —, foi por Eugé-

nio Huzar publicado um pequeno livro (1), que, pelo arrôjo das suas afirmações e previsões, deu origem, a-par de vários elogios, a múltiplas discussões, sátiras e críticas facêtas.

Por intuição ou por dom profético, como acontecera com Júlio Verne, cuja imaginação lhe fizera criar, para colorir e desenvolver as suas fantásticas aventuras, os mais inverosímeis aparelhos, como se tudo isso fôsse uma realidade que, mais tarde, — e em parte —, talvez sob a sua inspiração, veio a tornar-se palpável, começando então os grandes transatlânticos e submarinos a sulcar as águas dos mares e os aviões, de momento para momento cada vez mais aperfeiçoados, a ferir — quais aves-monstros — a nossa atmosfera; como acontecera com Júlio Verne, — dizíamos —, assim também Huzar veio a ter a concepção do valor, em potencial, do que seria a energia atómica que presentemente, — apesar das sátiras e críticas que o seu livro provocara —, se veio a verificar pela forma mais inequívoca, insofismável e retumbante.

Corrobora êste facto, como tantos outros, a justeza do tão conhecido aforismo francês: *Rira bien qui rira le dernier.*

De facto, ¿quem terá o direito de escarnecer do ousado que, no momento actual, conceda a possibilidade de se conseguir viajar até à lua, de se estabelecer um intercâmbio planetário, de, enfim, nêste ininterrupto caminhar da Ciência, pretender que estejamos a aproximar-nos, a pouco e pouco, dum novo fim do mundo?

Sob o título — *Um «profeta» australiano espera um cataclismo e vai construir uma Arca de Noé* —, insere *O Século* de 18 de Agôsto corrente uma pequena notícia de Brisbane (Austrália) que é aberta com êstes períodos desanimadores, e terroristas: «Clifford Stanley, antigo «sheriff» do Supremo Tribunal de Queensland, afirma que as cidades costeiras dêste Estado serão submersas por uma gigantesca inundação que se seguirá a um tremor de terra; por isso, procura conseguir trabalhadores e material para construir uma Nova Arca de Noé».

¿Até que ponto poderá ser verdadeira esta «profecia»?

Segundo reza a Bíblia, haverá de sofrer a terra um novo cataclismo; êste porém, não será, como o dilúvio, produzido pela água, mas sim pelo fogo.

Essa profecia de Clifford, caso venha a verficar-se, não haverá de generalizar-se, mas localizar-se, às cidades costeiras de Queensland, — a não ser que não demos crédito ao que na Bíblia se afirma.

Aproximando-se mais do que na Bíblia se profetiza e concordando mesmo com ela, revelam-no êstes períodos do referido livro de Huzar:

«O orgulho da ciência, êsse velho pecado do mundo que foi causa da queda do homem no passado, será também causa da sua queda no futuro.

.....

«Saibamo-lo bem. estamos entre duas quedas. Apenas nos levantámos da que deu Adão, isto é: a humanidade que nos precedeu, e já caminhamos para outra ruína».

¿Será caso que, nêste progredir da Ciência, Huzar estivesse prevendo que êsse cataclismo haveria de ter como agente o poder da desintegração atómica, cuja descoberta e utilização a guerra estimulou? ¿Ou haverá algum poder mais estupendo, como seja a desintegração iónica ou electrónica que, por êste rolar das coisas, não pômos em dúvida que possa vir a descobrir-se também?

Seja como fôr, o que parece é que, de facto, como se lê na Bíblia, não virá a ser a água, mas sim o fogo, o agente dêsse novo cataclismo.

O que diz a Bíblia

Em correspondência de Londres, de 7 de Agôsto de 1945, citam-se, a-propósito da bomba atómica, as seguintes palavras de Winston Churcill: «Constitui uma das maiores vitórias do género humano, até agora registadas». E, comentando os efeitos dessa descoberta, adverte um dos articulistas do *Daily Express* que, «se fôr empregada de certa maneira, pode destruir a civilização tão completamente, como as ondas cobriram a Atlântica», opinião que absolutamente se conjuga com esta outra de Geoffrey Parr, de Oxford: «Se esta turbulenta revolução, no mundo dos átomos, pode ser encerrada e concentrada, está realizado o fim principal. *Mas o pró-*

(1) «O Fim do Mundo Pela Ciência» —,

prio Universo intervém, então, ameaçando um desastre».

Parece, pois, estarem a prever-se as conseqüências que poderão advir do mau uso que venha a fazer-se de tão extraordinário invento.

De facto, o orgulho do homem é, e foi sempre, tão profundo, que por êle em mais duma vez se tem perdido. Começando pelos quadros simbólicos que a Bíblia nos refere, tais como a queda dos anjos, a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, a desunificação lingüística dos construtores da Tôrre de Babel, que ao Dilúvio Universal e às guerras que tantas vezes têm inflamado os povos e, superando-as vergonhosamente a tôdas, a que ùltimamente alastrou, queimou, despedaçou e enlutou todo o globo, sempre o orgulho se tem revelado como mau conselheiro e causador de tôdas as desgraças que nos têm infligido e que poderão arrastar-nos para mais longe ainda. ¿Que dúvida, pois, poderemos nutrir àcêrca da possibilidade de ser o homem, pelo seu orgulho e pela mão da Ciência, portanto, o causador da própria ruína?

Mas não nos apavoremos antes do tempo. Por enquanto, apenas se têm revelado sintomas, — como seja a guerra, a fome, a peste e terramotos em diversos lugares (Mateus, XXIV, 7) —, não do fim, mas do princípio das dores. Avisado, porém, está o homem (Mateus, XXIV, 6) para não se turbar, *porque importa que assim aconteça.* Sejamos, pois, confiantes e puros de coração, porque, como diz ainda Mateus (XXIV, 13): «*o que perseverar até ao fim, êsse será salvo*». E, prosseguindo no seu sermão profético, disse ainda Jesus, anunciando o têrmo dessas dôres (Mateus, XXIV, 14): «*E será prègado êste evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes; e então chegará o fim*». «*Mas* (Mat., XXIV, 36) *daquêle dia, nem daquela hora, ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, senão só o Pai*», pelo que, exortando-nos à vigilância, nos aconselha a que velemos, porque, diz ainda Jesus (Mateus, XXIV, 43 e 44): «*se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós também apercebidos*», palavras que nos estimulam a não nos desviarmos do caminho recto, estando assim preparados, em consciência, para nos submetermos sem receio à justiceira sentença de Deus.

A reabilitação da alquimia

Temos até aqui apresentado a nova descoberta pela face que, há já noventa anos, fôra sugerida por Eugénio Huzar, — *a do fim do mundo —;* não queiramos, porém, deixar de reconhecer os benefícios que, em futuro próximo, ela possa prestar à humanidade e, bem assim, reconhecer quão espontâneo e insensato é o velho sistema de se ridicularizarem aquêles que, por mais bem avisados ou perspicazes, se afoitam a fazer afirmações ou previsões de coisas que os «espíritos fortes ou de eleição» classificam de impossíveis. Riem-se, chasquinam e mofam estes, sem se aperceberem de que mais cêdo ou mais tarde, pelo desenrolar dos acontecimentos que faz surgir a verdade ao lume de água, terão de reconhecer-se comprometidos, oferecendo-se ao mundo com cara de... de quem, portador de limitadas vistas, ponderou mal àcêrca do progresso da Ciência e da Humanidade.

É êsse o caso da actual descoberta.

Há pouco tempo ainda... — poderemos talvez dizer, sem receio de errar: há poucos meses ainda —, seria recebido com alvares e ridicularizantes sorrisos de troça todo o «desequilibrado» ou «palerma» que, acreditando nas possibilidades de realização do sonho dos alquimistas, concebesse a viabilidade da descoberta da *pedra filosofal.* Afinal, na presente data, assiste-se ao espectáculo, de que talvez sejamos testemunhas, de vermos êsses sorrisos trocistas transformarem-se em esgares de mal contido desapontamento.

A alquimia vê-se, de facto, a caminho do seu entronizamento. Tanto a descoberta da quinina artificial, pelo estudo do arranjo dos seus átomos e aglutinação doutros similares nessa mesma estrutura, como, sobretudo, a actual descoberta da desintegração atómica, são o primeiro passo, em nossos dias, para justificar e evidenciar que não era balôfa a aspiração dos velhos alquimistas.

E não seremos só nós a pronunciarmo-nos assim, pois que, como escreve Goeffrey Parr, de Oxford: «Com a invenção da bomba atómica, os homens puseram ao seu serviço, para fins destruïdores, a energia que mantém o Sol ignescente. *Assim, os sábios da actualidade realizaram o antigo sonho dos alquimistas,* — **a transmutação dos elementos».**

Considerações finais

Entremos, porém, na nossa crítica, encarando o assunto pela sua face mais optimista.

É fora de dúvida que, — à semelhança do que se tem passado até aqui —, não deixarão os sábios, militantes nas diversas ciências, de estudar esta nova descoberta no sentido de utilizá-la, para fins humanitários, em todos os ramos de actividade em que se torne possível e viável o seu manejamento. Tudo depende de se disciplinar essa fôrça maravilhosa, — o que levará o seu tempo ainda —, para que, submetida à vontade e inteligência humanas, possa essa energia vir a ser utilizada para fins pacíficos que interessem à vida económica e social dos povos ou, seja, o bem-estar da humanidade. De prever é, pois, que dela venham a beneficiar as indústrias em todos os seus aspectos, facilitando-se a mão-de-obra e resolvendo-se o magno problema dos transportes rápidos e económicos. Por certo, não ficarão de braços cruzados as ciências médicas que, segundo uma nótula que recentemente lemos em qualquer jornal, nos parece terem começado já a movimentar-se.

Perante os benefícios que se antevêem, não duvidamos em perfilhar a opinião do professor Einstein, quando diz que *ninguém deve nutrir qualquer receio ou apreensão a respeito da energia atómica, que nada tem de sobrenatural. A ciência, ao desenvolver a acção da energia dos núcleos, não criou uma fôrça sobrenatural, apenas se limitou a imitar a reacção dos raios solares»*, declarando ainda o mesmo Einstein que, para fins pacíficos, *o que ainda exigiria alguns anos*, poderão muito presumivelmente encontrar-se outras substâncias que, além do urânio, se prestem, pela disciplina do poder atómico, a ser eficientemente utilizadas para os fins benéficos e humanitários que se tem em vista colhêr da tão famosa descoberta.

Mas não é só nêste campo prático da vida material que deveremos limitar o alto valor da recente descoberta; para nós interessa-nos ela ainda, quando a analisamos sob o ponto de vista filosófico.

Escrevemos nós, — não nos recorda onde, nem quando, embora estejamos em crêr que fôsse em *Estudos Psíquicos*, ou na sua antecessora *Revista de Espiritismo* —, escrevemos nós,—*começámos por dizer*—, que era falha de fundamento a classificação que se fazia da matéria, em viva (animais e plantas) e inerte (minerais). Para nós, dizíamos, apenas existe matéria viva. Essa vida está bem definida na energia atómica e nas transformações por que, com o tempo, a matéria vai passando, — e muito visivelmente nas dos cadáveres vegetais e animais durante o trabalho molecular e atómico da putrefacção, e, bem assim, nas reacções artificialmente provocadas para a utilização, no comércio e na indústria, dos novos produtos assim obtidos.

Pretendíamos nós então justificar a afirmativa de que «a morte não existe»; que em tudo apenas se manifesta vida, tanto no campo espiritual como no campo material; que, enfim, tudo é mortal e, como assim, por maioria de razões, imortal haverá de ser o Espírito.

Longe de nós, nessa ocasião, a idéia de que, em tão breves dias, o futuro abonaria essa opinião com a recente descoberta da desintegração atómica e do poder vital que dessa energia se desenvolve.

Analisando, pois, êste largo passo dado ùltimamente pelas Ciências Físico-químicas, no sentido do progresso, haveremos de convir que, se êle proporciona à humanidade as mais latas esperanças, não deixa também de interessar à Filosofia e à Ciência espirita que ao bem comum se dedicam, trabalhando desinteressadamente e sem fadigas pelo encorajamento e robustecimento do Espírito, na louvável aspiração de conseguir o seu fim primordial, que em duas palavras se resume: — *a felicidade humana* —.

28 de Agôsto de 1945.

AOS LEITORES

Como dissemos no mês passado, o próximo número de «Estudos Psíquicos» saïrá em 1 de Janeiro de 1946, para fazer coïncidir os números com os meses do ano civil, o que facilitará a cobrança e a tomada de assinaturas.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

PODER MENTAL, de *A. Lôbo Vilela*. Edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — 2.ª edição. 1945 — 113 pág.

Num esfôrço altamente louvável, a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas acaba de publicar «Poder Mental», do nosso colaborador A. Lôbo Vilela. Trata-se de 2.ª edição refundida e ampliada, pois a primeira saiu em caderno de divulgação neo-espiritualista da Federação Espirita Portuguesa e que se encontrava esgotada há muitos anos.

Neste livro, o autor dá-nos uma visão geral da problemática do pensamento, à luz da filosofia espirita, deveras utilíssima para todos os que desejam entrar no vasto campo da neo-psicologia experimental. Pena é que restringisse a análise de certos pontos; doutra forma esclareceria determinadas idéias suas e a obra não pecaria, num ou noutro ponto («radiações», por exemplo) por demasiado sucinta.

Lôbo Vilela que, apesar de novo, é espirita da velha guarda, pode e deve abalançar-se a trabalhos de maior vulto, pois não lhe escasseia «espírito crítico», nem conhecimento.

Os capítulos «Acção do Pensamento» e «Valor da Prece» são dignos de relêvo, pela precisão dos conceitos e das idéias expostas, através de linguagem simples, mas de extrema elegância, que assume, por vezes, foros de antologia.

Todavia, queremos frisar uma particularidade. Temos a impressão de que o autor, ao tratar da *acção do pensamento, por sugestão, no tocante à regressão da memória,* levou a sua hipótese a um problema em que ela não tem inteiro cabimento.

Cita, por exemplo, a obra «Les Vies Sucessives» de Albert de Rochas, em abôno das experiências feitas naquêle sentido. Muito embora saibamos que a «regressão da memória» se liga à sugestão, como se esta desse o fio condutor à exteriorização consciente de recordações subconscientes no passivo, discordamos da explicação cabal do fenómeno pela acção sugestiva. Os casos indicados e estudados por Rochas diferem inteiramente dos que Lôbo Vilela transcreve ou cita de Bernheim e P. Janet. O próprio Rochas liga-os a recordações de vidas passadas, considera-os como prova científica da teoria palingenésica.

O «caso de M.me J...», estudado por Bouvier em 1905 (*vide* Rochas in op. cit.), é concludente e sugestivo. De facto, nestas experiências, o sujeito não sugere um «tipo ao sonâmbulo; leva-o a uma espécie de leitura do subconsciente.

Enfim, «Poder Mental» é digno de atenta leitura, sobretudo por parte dos que se interessam pelo estudo do animismo, vasto campo que lhes oferece as mais curiosas e belas perspectivas.

Fazemos votos pelo bom êxito da iniciativa dos nossos amigos portuenses, que procuram difundir a idéia espirita, através de acertada e útil propaganda.

O «Poder Mental» encontra-se à venda nesta redacção, ao preço de 10$00. Pelo correio, acresce o porte, registo e cobrança.

«¿QUE FIZESTE DO BAPTISMO DO ESPÍRITO SANTO?» por *Oswaldo Polidoro*. Publicação do Centro Espirita «Verdade». Itaim. S. Paulo. 1942. 2.ª edição. 64 pags.

É um opúsculo de interpretação bíblica, na qual julgamos o autor dominado, em súmula, por duas idéias capitais:

a) — da Igreja Espírita;

b) — da interpretação do «Espírito Santo».

Parece-nos um pouco exagerada a afirmação de que Moisés e os profetas falaram da Igreja Espirita, e não vemos provas nas citações feitas (Números XI, 29; Salmos, LXVII, 19; Isaías, XLIV, 3; Joel, II, 28; etc.), pois deverão antes filiar-se na previsão da vinda do Cristo; a não ser que transponhamos esta da causa para o efeito.

O Cristo deu-nos uma «Doutrina» que a poeira dos séculos adulterou e mal-interpretou. O Espiritismo *não* veio lançar outra Luz para além daquela que da Cruz se desprende, mas sim repô-la no seu verdadeiro brilho, limpando o candelabro das manchas do passado.

Não é uma *nova* Igreja... saída da Lição do Mestre, mas essa mesma Lição desprendida dos véus pesados da «letra» que a cegueira humana lhe lançou. Não é, pois, uma Igreja na acepção vulgar do têrmo: — a sua fôrça não reside no pêso do dogma, mas na Fé fortalecida pela Razão; não há ritual, nem normas de oração. Fazê-lo (v. pags. 58-61 da obra de Polidoro) é criar os germes duma ossificação no futuro. Transformar as sessões experimentais em «culto» e (por dedução) os «médiuns» em «sacerdotes»,

é preparar a queda. Não queiramos cair no mesmo êrro em que o passado se lançou.

Para mim, o Cristo não fundou uma «religião». Explico-me: — o Cristo legou ao homem uma Lição, um Guia para se poder erguer do atoleiro da carne, a mais perfeita Lei a conduzir a Deus. Os Grandes Espíritos que têm passado pela Terra, Êsses a quem os homens chamam «fundadores» — não criaram «religiões», «Igrejas» (Cristo, Moisés, Budha, Confúcio, Lao-Tsen. Kardec, Blavatsky). Os homens foram os autores, os únicos autores dêsses edifícios pesados. Condená-los? De forma alguma.

As «religiões» são necessárias. As condições espirituais do homem são múltiplas e cada uma daquelas é meio de expansão destas. Não procuremos fazer da obra de Kardec e da dos que se lhe seguiram os caboucos duma «nova» religião. A missão do Espiritismo é mais bela: — *explicar* aos que militam nas «religiões» a Verdade para além da «letra», o verdadeiro Caminho que, *mais ràpidamente*, conduz à Perfeição. Maior liberdade, inteira liberdade e daqui uma bem maior responsabilidade — eis o Espiritismo. Orar por normas? Não queiramos imitar os que as pediram ao Cristo. Oremos, sim, não a horas determinadas (p. 63 da obra de Polidoro), mas quando a consciência nos «der rebate», quando a angústia ou a dor nos avassale, quando uma graça desça sôbre nós. Oremos, glorificando o Eterno, e se algo rogarmos, que êsse algo seja a Luz Espiritual que d'Êle dimana, dentro da medida do que nós pudermos suportar.

Se me preguntarem que «religião» professo, direi: — a «Doutrina do Cristo» segundo a revelação espiritista.

Que a «nossa» religião — entendendo por êste têrmo a objectivação do Caminho, do traço de união entre Deus e os homens, — seja a moral do Cristo, o seu exemplo de Amor e Trabalho.

Afastemos qualquer ponto que nos faça retroceder, porque retroceder é morrer.

Quanto ao segundo ponto — «Espírito Santo», como sinónimo de mediünidade — não se nos afigura correspondente à interpretação *em espírito*, da *letra* bíblica. Parece-nos bem mais conforme a hipótese expendida por Allan Kardec.

Para notarmos bem a diferença, deveremos, primeiramente, estabelecer o que entendemos por mediünidade. É uma «faculdade» e não uma «virtude», é um «poder especial», psicológico, e a virtude é a idéia abstracta que paira sôbre os actos humanos praticados dentro do que a consciência denomina o Bem. A mediünidade é um problema de Psicologia; a virtude, um problema de Ética. Médiuns foram os profetas de Israel, as pitonisas e os videntes gregos.

No Velho Testamento (Números, XI, 25/27; Juízes, III, 9; Reis, X-6, XVI-14/15, XIX-20/23; por ex.°), liga-se o aparecimento da faculdade mediünica (profecia, geralmente) a uma descida do «Espírito do Senhor», como efeito à sua causa. Ora, sendo o «médium» um sensitivo especial, um «passivo», os fenómenos de que êle é meio são explicados sempre por uma acção externa — do sujeito — acção magnética dum sêr (do mundo físico ou dos mundos espirituais). Julgamos, pois, que é ao «sujeito» dos fenómenos que se chama «Espírito do Senhor» ou «Espírito Santo» (como nos Evangelhos), e não à faculdade do passivo.

Filiamos a interpretação de Polidoro na leitura de Actos, II, 4 — que, só por si, poderá conduzir àquela. Porém, em Mateus III, 11, Marcos I, 8, X, 20, XII, 18 e Lucas I, 35 e III, 16, já a idéa sôbre o «Espírito Santo» nos parece mais clara. Por tal, preferimos a interpretação de Kardec, não só por ser a que melhor se adapta à Bíblia, como ainda à natureza do fenómeno mediünico.

A identificação conduz a afirmações, como as que o autor profere, colocando o Cristo «abaixo do Espírito Santo», interpretando mal (a nosso ver) o v. 32 do cap. 12 do Evangelho de Mateus, pois que êle não deve ser mais que um esclarecimento ao v. 31. A blasfémia contra o Cristo — como homem — é menos grave do que contra o Cristo — como «Filho de Deus», como «Espírito Santo» (digamos mesmo).

Tomando, com Kardec, «Espírito Santo» em sentido de conjunto dos Seres Espirituais superiores, identificâmo-lo a um aspecto do Logos teosófico. «Espírito Santo» é o Pensamento de Deus, recolhido na Alma do Cristo e dOs que, seguindo-O, se redimiram.

Com o que dissemos, não pretendemos, todavia, que nos assaquem o comodismo que o autor imputa àquêles que julgam estéril tôda a especulação para além de Kardec. Não! Pugnámos antes pela atitude contrária, mas *apenas* na problemática que Kardec não tiver resolvido *cabalmente* (o que julgamos ser agora o caso, pelo que dissemos atrás).

PRAZER E DOR

O grande pensador Antero de Quental traduziu do poeta alemão Ruckert a seguinte graciosa poesia:

O coração tem dois quartos:
Moram ali, sem se ver,
Num a Dor, noutro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto
Acorda cheio de ardor,
No seu adormece a Dor...

¡Cuidado, Prazer, cautela!
Canta e ri mais devagar...
Não vá a Dor acordar...

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

«O Mistério de Edwin Drood»

Provar a sobrevivência da alma humana é objectivo directo e imediato do Espiritismo. Para tanto, é lícito procurar todos os factos que possam esclarecer o grande e universal problema.

A Alvorada, de S. João da Boavista, Brasil, relatou há tempos um caso notabilíssimo de identificação espirita, contando como foi completado o romance «The Mystery of Edwin Drood», que o escritor inglês Charles Dickens deixara em meio. Embora o assunto nos seja familiar, achamo-lo digno de o arquivar nestas colunas, para edificação de muitos que ainda necessitem de provas para alicerçar a sua crença, ou, antes, a sua convicção. Eis o relato de *A Alvorada:*

Charles Dickens, famoso escritor inglês (1812--1870) deixara incompleto «The Mystery of Edwin Drood».

Ora, em Outubro de 1872, um rapaz chamado T. P. James, residente em Brattleboro, Estado de Vermont, na América do Norte, assistiu a algumas sessões espiritas a convite de pessoas amigas e revelou faculdades mediúnicas, tendo recebido, tiptològicamente (através da mesa-de-pé-de-galo), extensa mensagem de Charles Dickens, o qual desejava que se realizasse uma sessão especial.

Atendido o seu desejo, o espírito do eminente escritor deu longa comunicação, exprimindo a vontade de concluir o livro que deixara inacabado e explicando as dificuldades que tivera para encontrar o médium de que necessitava para objectivação da tarefa, tendo-se, depois, fixado em T. P. James. E começou a sensacional incumbência, executada por um rapaz que freqüentara a escola até os 13 anos de idade, entrando aos 14 para uma oficina de mecânica, como aprendiz da rude profissão, na qual continuou a trabalhar, dispondo apenas dalgumas horas para ir escrevendo a continuação do romance.

Correu a notícia do feito e o *Springfield Daily Union* enviou um colaborador ao local, afim de se inteirar do facto, que se considerava grosseira mistificação. Foi, porém, o próprio jornalista que, após estudo meticuloso dos manuscritos, forneceu os elementos assecuratórios da veracidade do caso.

T. P. James, jamais lera a parte inconclusa do romance, constante de 217 páginas; todavia, recomeçou a narrativa precisamente no ponto em que fôra interrompida com o trespasse do autor e conservou os mesmos processos literários de Charles Dickens, inclusive a introdução de novas personagens quási no fim dos enredos.

Apesar de escrito na América do Norte, o narrador desenvolvia a acção em Londres, com perfeito conhecimento da topografia da capital inglêsa e de tôdas as particularidades da linguagem local.

Mais ainda: certas minúcias ortográficas e sintáticas eram flagrantes. A palavra *carvão*, por exemplo, que os americanos grafam «coal», aparecia escrita «coals», na forma tipicamente inglesa, vendo-se também a mudança súbita do pretérito para o presente, que Dickens usava nas narrativas animadas, especialmente nos seus últimos trabalhos.

Finalmente, o jornalista, que chegara a Brattleboro «convencido de que esta obra póstuma seria uma bôlha de sabão fácil de rebentar», incluiu no seu artigo-relatório estas expressões, depois de afirmativas e considerações abonatórias da autenticidade do livro:

«Atesto, sob minha honra, que, tendo tido plena liberdade de examinar tôdas as coisas, não pude encontrar o mínimo traço de fraude.»

«E assim corre mundo o romance completo de Charles Dickens, sem diferença alguma entre a parte escrita em vida do autor e a outra, escrita mediünicamente. As 400 páginas desta, integram, sem qualquer obstáculo, as 217 da outra. Muito se discutiu, mas ninguém pôde destruir a realidade do caso e a perfeita identidade do estilo literário da obra acabada pelo processo mediúnico.»

Êste caso é um pouco semelhante ao do livro «Fôrça e Matéria», de Büchner, ao qual oportunamente faremos referência.

Federação Espirita Brasîleira

A Direcção da Federação Espirita Brasileira teve a gentileza de nos enviar um exemplar do Relatório que o seu presidente, A. Wantuil de Freitas, apresentou à Assembleia Deliberativa daquela agremiação, na sua reünião ordinária de 1945, àcêrca dos trabalhos da instituïção e a gestão do seu patrimônio moral e material, durante o ano social que vai de 1 de Julho de 1944 a 30 de Junho de 1945.

Porque se trata de entidade a quem o Espiritismo deve relevantíssimos serviços e cuja acção firme e ponderada tem exercido a maior influência na sociedade brasileira, vamos apresentar rápida síntese dos seus trabalhos no ano que passou.

Em primeiro lugar, trata do *caso Humberto de Campos*, dizendo que após sentença da Câmara de Apelação, a família daquêle falecido escritor apelou para tribunal superior, encontrando-se a questão paralisada. Depois, informa que vão adquirir outra máquina impressora para reedição de obras esgotadas, pois que a máquina actual, nem trabalhando 10 horas por dia, consegue remover as deficiências.

A Direcção criou também o Quadro das Sociedades coligadas à Federação, com o fim de reüni-las em torno de Kardec, já que a codificação kardeciana tem de penetrar em todos os Grupos Espiritas. Estas Sociedades e Grupos não ficarão sujeitos ao Regulamento de Adesão.

No capítulo «Assistência aos Necessitados», informa que os doentes, em casos de urgência, têm sido socorridos mediünicamente em grupos familiares, os quais não podem ser encerrados, nos termos do art.º 99 do Código Penal. As distribuïções de utilidades e recursos materiais foram feitas pelo Natal, em 3 de Outubro e durante o ano, quer ao domicílio ou através de encomendas postais. O Ambulatório Dr. João Passos atendeu 7.125 doentes por alopatia e 4.868 por homeopatia, além de 966 pessoas no Gabinete Dentário e de 8.121 receitas na sua Farmácia, tudo absolutamente gratuito. Os medicamentos homeopáticos são fornecidos gratuitamente à Federação pela firma Lago & C.ª, do Rio de Janeiro.

O aumento do número de associados obrigou a elevar a tiragem do *Reformador*, «medida essa que acarretou o aumento do *déficit*, sempre verificado, que foi inteiramente debitado à Livraria».

Quanto à Livraria, diz o Relatório, que os livros do médium Francisco Cândido Xavier continuam à frente das edições, ao lado das obras de Kardec e que a actual edição do «Livro dos Espíritos» é a mais perfeita do mundo, por apresentar preguntas e respostas em tipos diferentes.

«O Caso Humberto de Campos» foi disputadíssimo nos meios jurídicos e transformou completamente a opinião de muitos intelectuais a respeito do Espiritismo. Dêste livro, a Livraria distribuiu gratuitamente 1.500 exemplares.

Publicou também a primeira obra mediünica em Esperanto, sob o título «Vocoj de Poetoj el la Spirita Mondo», e vai publicar na mesma língua «O Livro dos Espíritos», «O Livro dos Médiuns» e «O Evangelho Segundo o Espiritismo», cujas edições foram garantidas financeiramente por três beneméritos.

O Relatório sugere a necessidade de ampliar as instalações e adquirir novas máquinas automáticas, além da compra dum prédio para a Livraria, visto que o existente não tem capacidade para as exigências do movimento. Para êste efeito, a Direcção preconisa a abertura de forte campanha entre os amigos e adeptos da Doutrina, lembrando que o prémio de 10 mil cruzeiros para a melhor tradução de «O Livro dos Espíritos» em Esperanto foi pago por um confrade que fêz questão de pagar também 2 mil ao concorrente colocado em segundo lugar.

A secção de Esperanto, dirigida pelo nosso particular amigo Prof. Ismael Gomes Braga, concluiu a primeira fase do plano, que consistia em obras didáticas, e iniciou a segunda, tendente a vulgarizar os conhecimentos do Espiritismo entre os esperantistas mundiais. Como estas obras terão pouca venda, um confrade ofereceu à livraria 10 mil cruzeiros e outros três custearão cada um a edição dum livro. A «Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita», de Allan Kardec, já está traduzida pelo Prof. Dr. Porto Carreiro Neto, que obteve o 1.º prémio da tradução de «O Livro dos Espíritos».

Como se vê, a Federação Espírita Brasileira caminha de triunfo em triunfo e por isso a saüdamos, apresentando ao seu digno Presidente os cumprimentos de *Estudos Psíquicos*, extensivos aos seus leais colaboradores.

Emílio Castelar, espírita

Já em tempos, noutra revista, aludimos à profissão de fé espírita que o grande tribuno Emílio Castelar, Presidente da República Espanhola de 1873, tornou conhecida, numa conferência que ao tempo realizou no Centro da União Mercantil de Madrid.

Por seu curiosa e digna de reflexão, visto tratar-se dum eminente pensador que exerceu grande influência em Espanha, no terceiro quartel do século dezanove, trasladamos para aqui as suas palavras:

«Temos sido luz, calor, gás, durante a viagem aerolítica, meteórica e etérica do nosso planeta, quando era massa de fluidos, desprendida, como um cabelo, da leonina cabeleira do sol; sentimos a condensação da nossa carne no cálido fermento da formação da terra; encontrámos as profundas raízes do nosso corpo nos fósseis que, enterrados, se descobrem como alfabetos de pedra, os quais, com epígrafes indeléveis, assinalam a ascensão triunfal das espécies; crescemos com o zoófito e com a esponja nos banhámos na profundidade dos mares; arrastados sôbre a terra, como o frio réptil, depois de sofrer as transformações do insecto, cheios de sangue, compostos de nervos, engalanados de penas multicôres, entrámos na imensidade do éter, cantando com o sublime côro das aves; como as feras, lutámos no deserto e na selva, combatemos com o leão e o tigre e galopámos com o cavalo e o antílope; mas, ao chegar ao nosso organismo actual, sen-

timos despertar em todo o nosso sêr alguma coisa que não vivia com o tempo, nem se desenvolvia com o espaço; algo mais luminoso do que a luz, mais rápido que a electricidade e mais vivente que o calor e o magnetismo: o Espírito. Sim, o Espírito: o Espírito Humano, e nêle um sol permanente que se chama pensamento. Quando acreditámos que êste sol, esta fôrça nos pertencia, os tiranos e os conquistadores fizeram-nos correr de novo outro caminho mais doloroso, outra paixão ainda mais larga que a sofrida durante as nossas peregrinações na matéria. Fomos párias, escravos, servos; coisa para o prazer de outro, instrumento de trabalho para o benefício de outro; tudo, excepto sêres livres, até que os profetas, os mártires, os heróis, os redentores, rompendo as nossas cadeias, nos revelaram a nós mesmos e de novo nos criaram ao darem-nos, como um segundo espírito, a compreensão do nosso direito. E chegámos a ser homens livres, vitória que não pode bastar-nos, porque depois de cumprir o nosso destino nêste mundo, depois de realizar o nosso ideal no tempo e trabalhar pelo bem da humanidade e do planeta que a abriga, devemos aspirar a novos mundos, a outros horizontes e outros céus, continuando a ascensão na escala do progresso, inundada hoje de sangue, amanhã de luz, até nos encontrarmos cara a cara com o nosso Criador, o nosso Deus!»

Repto é êste de grande eloqüência, digna de antologia! Nesta rajada de fé, Emilio Castelar descreve a viagem do Espírito, através de suas fases e mistérios, desde o barro primevo à centelha que se propaga em ondas concêntricas, infinitamente mais fortes e subtis, que as electromagnéticas.

6.º Congresso Espirita Argentino

Do Presidente da Confederação Espirita Argentina, sr. Hugo S. Nale, que foi eleito para o período de 1945-1947, recebemos atenciosa carta, enviando-nos saüdações e informando-nos de que nos dias 13, 14 e 15 de Julho se realizou em Buenos Aires o 6.º Congresso Interno Espiritista Argentino organizado por aquela Confederação, no qual se tomaram as seguintes resoluções:

— Realizar actos públicos nas principais cidades do país, com o fim de divulgar os verdadeiros valores doutrinários do Espiritismo.
— Criar um Corpo de Experimentação Metapsíquica para estudar as faculdades supranormais, cujos resultados dará a conhecer oportunamente.
— Organizar na sua sede um curso de ensino gradual do Espiritismo.
— Fazer sentir à opinião pública os pontos de contacto existentes entre Cristianismo e Espiritismo.
— Felicitar os governos de Guatemala e São Salvador pela criação da Confederação de Repúblicas Centro-Americanas.
— Solicitar às autoridades do país justiça social em favor dos necessitados, das crianças e das mulheres que trabalham; reclamar as liberdades públicas, a liberdade dos presos políticos, a criação do seguro social, a supressão dos conventículos e a derrogação do estado de sítio.
— Agradecer à imprensa as referências feitas à realização do Congresso.

Quanto a nós, cumpre-nos felicitar o esfôrço da Confederação Espiritista Argentina pela realização de mais um congresso nacional, cujos benéficos efeitos se farão sentir na coesão e fortalecimento do movimento espirita daquela florescente república sul-americana.

Amigos de «Estudos Psíquicos»

Com o presente número, termina o 6.º ano desta revista, sendo os dois últimos de feição mensal, como todos sabem, requerendo, por isso, maior soma de trabalho e sacrifício.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a todos os nossos amigos o interêsse que lhes tem merecido «Estudos Psíquicos», quer auxiliando-a materialmente, quer angariando assinantes. Entretanto, dêsses donativos devemos salientar um destinado exclusivamente à publicidade dêste órgão, que começámos a fazer em Setembro último e que deu origem ao esgotamento daquêle número em venda avulso.

Temos, pois, esperança de poder encarar o futuro com serenidade, se os que nos têm ajudado puderem continuar a fazê-lo, como até aqui.

A tarefa é grande e árdua, mas as nossas fôrças redobram, quando nos sentimos acalentados.

Hoje, temos o prazer de registar os seguintes donativos, que agradecemos:

O. M., com destino à publicidade de «Estudos Psíquicos»	1.000$00
João da Silva Gomes, de Malange	100$00
Lionel Gomes Pinto, de Malange	100$00
António Lopes Dias, de Malange	10$00
Total	1.210$00

Notas & Comentários

«O Lar»

Temos recebido a visita do jornal *O Lar*, órgão do «Lar de Jesus», de Nova Iguassú, e dirigido pelo prof. Leopoldo Machado.

As palavras que há tempos escrevemos àcêrca dêste órgão de propaganda mantêmo-las inteiramente. É, na verdade, um mensário digno de admiração pela forma sintética como é redigido e pelos meios que usa para difundir a doutrina espirita entre as crianças.

O seu director, que é mestre em questões de educação, que é jornalista e dramaturgo, orador e organizador eximio, acaba de mostrar uma nova faceta do seu engenho, apresentando-nos *O Lar* como jornal modêlo, onde todos encontram muitas coisas dignas de aprêço, que instruem, deleitando.

Ao jovem pioneiro e ao seu director, velho amigo que estimamos e admiramos, as nossas saüdações fraternas, com votos de longa vida.

Intercâmbio necessário

A *Revista Espirita do Brasil* inseriu no seu número de Julho a seguinte notícia, sob o título «Uma Iniciativa de *Estudos Psíquicos*»:

«Por deliberação de *Estudos Psíquicos*, a grande revista portuguesa de que nos temos ocupado nestas colunas, em vários tópicos e a-propósito de transcrições, vai ser reünido em livro todo o trabalho de Gustave Geley, publicado no mesmo órgão sôbre o Espiritismo. É um serviço de monta que a direcção de *Estudos Psíquicos* vai prestar à propaganda espirita.

«A emprêsa, principalmente agora, quando o material de impressão tanto encarece, exige muita despesa e tenacidade, não há dúvida. Mas é um empreendimento necessário e, portanto, merece o estímulo dos espiritas, notadamente os que falam a língua portuguesa. Apologistas, desde algum tempo, dum intercâmbio mais íntimo e activo entre os espiritas brasileiros e portugueses, assunto que tem sido, nêste órgão, uma tecla muito batida, as iniciativas dos nossos irmãos de Além-mar devem ter repercussão simpática no meio espirita brasileiro. Razões profundas e indissolúveis, como é notório, nos unem aos Irmãos de Portugal. E tais razões ainda se tornam mais fortes, quando consideramos os vínculos espirituais da doutrina. Os espiritas do Brasil e de Portugal — temos-nos de o dizer muitas vezes ainda — precisam de manter relações mais freqüentes, conhecendo-se melhor para melhor se estimarem, pois que Irmãos já somos desde o berço, pela origem, pela língua, pela formação. A doutrina ainda mais reforça e solidifica essa valiosa circunstância.

«A feliz idéia lançada por *Estudos Psíquicos* não deixará, cremos nós, de encontrar guarida no Brasil, onde a obra de Geley é muito citada e consultada pelos homens de estudo, pelos investigadores da ciência espirita. Aqui estamos, desde já, para aplaudir espontaneamente, pois nada nos foi solicitado nêste sentido, a oportunissima iniciativa de *Estudos Psíquicos*, a cujos directores, nossos confrades Isidoro Duarte Santos e sr.ª Maria Gonçalves Duarte Santos, apresentamos cumprimentos».

As palavras que aí ficam são altamente honrosas para nós, não só pela sinceridade que as caracteriza, como também por serem veïculadas pelo órgão da Liga Espirita do Brasil, agremiação cheia de prestígio, com inúmeros serviços prestados à Causa.

A idéia do intercâmbio espirita luso-brasileiro tem sido exposta com grande interêsse, desde o primeiro número de *Estudos Psíquicos*. Tôda a nossa colecção é um hino à confraternização com os irmãos de Além-Atlântico. Mas agora, ainda mais intensamente vibraremos essa nota simpática que nos fala ao coração.

Oxalá que o Brasil espirita saiba corresponder e sentir o esfôrço que estamos a realizar, traduzindo e publicando obras espiritas desconhecidas do público de língua portuguesa.

Premonição da morte

O *Diário de Notícias* de 10 de Outubro publicou a seguinte notícia, proveniente de Mogadouro (Castelo Branco) e subordinada ao título: «Uma criança que adivinhou a própria morte»:

«Uma criança, filha do sr. Elisiário José Neto e da senhora D. Bela Beatriz Varizo, que se encontrava em casa de seu tio, o padre Aníbal Varizo, teve, dias antes de falecer, a previsão da morte. Apesar de estar de saúde, pelo menos nenhuma doença se lhe declarara, mediu a sua altura, para seu avô materno, que é comerciante, comprar uma urna que lhe servisse. O pedido era estranho e aos parentes pareceu injustificado. Mas foi tão grande a sua insistência, que lhe fizeram a vontade. Compraram-lhe a urna em que ela foi a enterrar».

Ainda há pouco publicámos na «Crónica Estrangeira» uma nótula àcêrca do actor cinematográfico John Barrymore, o qual, sendo vivo, se comunicou em determinada sessão espirita, afirmando que morreria no dia 30 de Maio de 1942, como, de facto, sucedeu.

Há muitos exemplos dêste género na vasta bibliografia espirita.

I. D. S.

Noticiário

Abertura dos nossos trabalhos

No dia 7 de Outubro realizou-se no Centro a sessão de abertura de trabalhos, a qual constituiu uma homenagem a Allan Kardec, o grande pioneiro do Espiritismo. Presidiu à sessão o sr. Coronel Faure da Rosa, secretariado por D. Marcolina Alves, que representava o «Lar de Jesus», de Nova Iguassú, e pelo capitão Alfredo dos Santos, 1.º secretário da Federação Espirita Portuguesa. Ladeavam-nos o 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, Presidente da Direcção do Centro, Américo Oliveira Monteiro, Cap. Estêvão Rodrigues e Ramos Pereira.

Abrindo a sessão, à qual assistiu grande número de pessoas, o Coronel Faure da Rosa focou os «Ensinamentos de Kardec» numa planimetria geral que abrange o triplice aspecto da obra do grande codificador da Doutrina. Com a sua palavra fluente, vincada pelo estilo pessoal que o torna inconfundível, soube o Coronel Faure da Rosa dar em síntese a «grande síntese» feita por Kardec.

Em seguida, D. Marcolina Alves, trazendo ao Centro os protestos da amizade fraterna do «Lar de Jesus», cuja obra é por nós tão admirada, afirmou a sua satisfação por se encontrar no meio duma «irmandade» espirita, o consôlo que à sua alma lhe trazia a comunhão com os seus «irmãos» de Ideal. Em frases coloridas, traçou, depois, uma biografia de Allan Kardec, fazendo ressaltar a personalidade do cientista, do filósofo e do educador que dedicou grande parte da sua vida a impor o Espiritismo como doutrina que procura encaminhar o homem em todos os passos da sua vida terrena e espiritual.

Ramos Pereira esboçou, a traços largos, as vantagens e os inconvenientes do ensino esotérico, através dos séculos, afirmando o Cristo como o primeiro que, deliberadamente, ergueu os véus dos mistérios. Procurou mostrar o papel desempenhado por Kardec, não só quanto à «luz oculta», como na criação das fôrças que se opõem à fantasmagoria do materialismo. Terminou êste nosso colaborador, dizendo que nos Centros se vai tornando necessária a criação dum «culto espirita», o estudo do 3.º aspecto do Kardecismo: — o religioso.

As palavras do cap. Alfredo dos Santos foram a exaltação do trabalho e da união dos espiritas para que êsse trabalho se torne mais profícuo, não só para a Causa comum, como para a Humanidade inteira.

Fechou esta primeira parte da sessão o 1.º tenente Isidoro Santos, analisando Kardec como «homem de acção» e fazendo votos para que o novo «ano espirita» do Centro decorra auspiciosamente, trazendo novos elementos à expansão da doutrina.

A menina Suzette Alves deu início à segunda parte, recitando, graciosamente, o soneto «Fé». O sotaque brasileiro depõe na sua dicção correcta uma nota de suave tonalidade que encanta.

O cap. Estêvão Rodrigues, poeta das coloridas imagens e das formas delicadas, recitou a «Lenda de Frei Macário», o santo que curava e que perdeu os seus poderes no dia em que os seus olhos baixaram das belezas celestes para as da Terra.

Terminou Ramos Pereira, lendo a poesia «Hossanah», onde descreve a angústia quando não podia «crer», para exaltar a sua gratidão a Kardec, aquêle que o reconduziu a Deus.

O coronal Faure da Rosa encerrou a sessão, fazendo uma pequena análise de algumas afirmações proferidas durante ela e agradecendo a presença de tão numerosa assistência.

Auxílio aos necessitados

Como nos anos anteriores, a Direcção do Centro resolveu abrir uma subscrição, afim de angariar donativos a distribuir pelo Natal aos nossos irmãos mais necessitados. Nêsse sentido, apelamos para as almas bem formadas. Eis os donativos recebidos até agora:

Centro Espiritualista Luz e Amor	100$00
Revista *Estudos Psíquicos*	50$00
Isidoro Duarte Santos	20$00
Guilherme Miguel Afonso	20$00
João José Alves	20$00
João José Pilar	20$00
Maria Gonçalves Duarte Santos	20$00
Cecília Mesquita Guerra, de Benavente	10$00
Ilda Pereira Luz	1$00
Maria Teresa Gago	1$00
Emília Costa	2$50
Cesaldina Gonçalves	10$00
António Pinto Balhé	2$50
Laura Pinto Nogueira	2$50
Emília Silva	2$50
Maria Mendes	2$50
José Augusto Gonçalves	10$00
Emília Pimenta	2$50
Carmen Maciel	2$50
Manuel António Jacob	5$00
Natália Ferreira	2$50
A. B. C.	20$00
Eulália S. Parada, de Almada	2$50
Bartolomeu Bana Martins	50$00
Gertrudes Furtado Martins	50$00
Henrique da Silva Horta	30$00
Major Eurico de Castro Zuzarte	20$00
Total	479$50

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Novembro e Dezembro

Dia 11 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 18 de Novembro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «A Condição de Mulher».

Dia 25 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria Carvalhal.

Dia 2 de Dezembro, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «O Mundo de hoje e o Mundo de àmanhã».

Dia 9 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 16 de Dezembro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Progresso e Crueldades».

Dia 23 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental, com a médium D. Maria Carvalhal.

Dia 30 de Dezembro, às 16 horas — Conferência por Bartolomeu Bana Martins, intitulada «Arte de Bem Viver».